




ATLAS






DIA



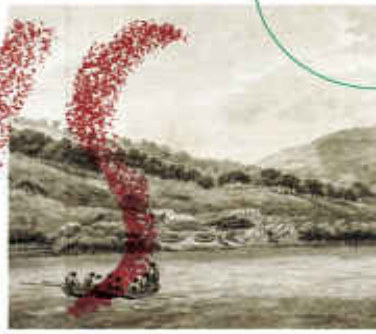




NUVENS







DAVID MITCHELL














30
ANOS

DAVID MITCHELL

Atlas de nuvens

Tradução
Paulo Henriques Britto

COMPANHIA DAS LETRAS

Para Hana e seus avós

Diário de viagem ao Pacífico de Adam Ewing

Quinta-feira, 7 de novembro

Para além da aldeia indígena, numa praia erma, deparei por acaso com uma trilha de pegadas recentes. Passando por entre algas putrefacientes, coqueiros e bambus, as pegadas levaram-me até aquele que as produzira, um homem branco, calças e jaqueta arregaçadas, barba bem aparada e na cabeça um castor grande demais para ele, escavando e joeirando a areia mesclada de cinzas com uma colher de chá, de modo tão concentrado que só deu pela minha presença depois que o saudei duma distância de dez jardas. Assim foi que vim a travar conhecimento com o dr. Henry Goose, cirurgião que atende à nobreza londrina. Sua nacionalidade não me surpreendeu. Se há neste mundo um pico tão desolado, ou um ilhéu tão distante, que lá se pode ir sem encontrar nenhum inglês, tal pico ou ilhéu não consta em nenhum mapa de quantos tenho visto.

Teria o médico perdido algo em plaga tão desolada? Poderia eu lhe ser de alguma serventia? O dr. Goose fez que não com a cabeça, desamarrou seu lenço e exibiu o que havia dentro dele com indisfarçável orgulho. “Os dentes, meu senhor, são os graais esmaltados desta minha demanda. Em dias idos, esta praia edênica foi salão de banquetes de canibais, sim, onde os fortes empanturravam-se com a carne dos fracos. Os dentes, eles cuspiam-nos, tal como eu e o senhor cuspimos caroços de cerejas. Mas esses molares

vis serão transmutados em ouro, e sabe como? Um artesão de Piccadilly que fabrica dentaduras para a nobreza compra dentes humanos a preço muito alto. O senhor saberia quanto custa oito onças do produto?”

Confessei que não sabia.

“Pois de mim não há de ficar sabendo, meu senhor, já que se trata dum segredo profissional!” Deu um leve piparote no nariz. “Sr. Ewing, por acaso conhece a marquesa Grace de Mayfair? Não? Tanto melhor para si, pois que é um cadáver de anáguas. Cinco anos se passaram desde que essa megera conspurcou meu bom nome, sim, com ilações cujo efeito foi excluir-me da sociedade.” O dr. Goose contemplava o mar. “Minhas peregrinações começaram nesse momento negro.”

Manifestei minha solidariedade com a situação dele.

“Obrigado, meu senhor, obrigado, mas estas pérolas”, disse sacudindo o lenço, “são meus anjos redentores. Permita-me que lhe explique minhas palavras. A marquesa usa uma dentadura feita pelo protético que mencionei. No próximo Natal, no momento exato em que essa jumenta estiver presidindo a seu Baile dos Embaixadores, eu, Henry Goose, vou levantar-me e declarar a todos os presentes, alto e bom som, que nossa anfitriã mastiga sua comida com dentes de canibais! Sir Hubert, naturalmente, há de me desafiar: ‘Apresente suas provas’, rosnará o boçal, ‘ou então escolha a hora e o local!’. E eu responderei: ‘Provas, Sir Hubert? Ora, *eu próprio* catei esses dentes na escarradeira do Pacífico Sul! Eis aqui, meu senhor, *aqui*, alguns deles!’ e lançarei estes dentes que o senhor está vendo dentro da sopeira de casco de tartaruga da marquesa, e pronto — *essa* será minha hora e meu local! A gélida marquesa será escaldada pelos maledicentes nos pasquins da cidade, e na próxima temporada londrina ela terá de se dar por satisfeita se for convidada para o Baile do Asilo de Indigentes!”

Mais que depressa, despedi-me de Henry Goose. Creio tratar-se dum orate.

Sexta-feira, 8 de novembro

No tosco estaleiro diretamente abaixo da minha janela, estão a reparar o pau da bujarrona, sob o comando do sr. Sykes. O sr. Walker, o único taberneiro de Ocean Bay, é também o principal madeireiro, e costuma se gabar de seus tempos como construtor naval em Liverpool. (Bem versado que já estou em questões de etiqueta destas regiões antípodas, abstenho-me de contestar verdades duvidosas como essa.) Disse-me o sr. Sykes que precisará duma semana para deixar o *Prophetess* como se "saído de Bristol". Passar sete dias enfiado no *Musket* parece uma verdadeira condenação, e no entanto, quando me lembro da feroz tempestade e dos marinheiros tragados pelo mar, meus sofrimentos atuais parecem-me menos intensos.

Encontrei-me com o dr. Goose na escada hoje de manhã, e juntos fizemos o desjejum. Ele está hospedado no *Musket* desde meados de outubro, tendo chegado aqui a bordo dum navio mercante brasileiro, o *Namorados*, vindo de Fiji, onde praticava seu ofício numa missão. Agora o doutor aguarda a chegada, há muito tempo adiada, dum navio australiano, o *Nellie*, que se dedica à caça de focas, o qual o levará a Sydney. Lá na colônia ele tentará encontrar trabalho num navio de passageiros que o leve à sua cidade natal, Londres.

O juízo que formei do dr. Goose foi injusto e prematuro. Há que ser cético como Diomedes para prosperar na minha profissão, porém o ceticismo por vezes nos torna cegos para virtudes mais sutis. O doutor tem lá suas excentricidades, e sobre elas discorre de bom grado por uma dose de pisco português (nisso jamais se excedendo), porém afirmo que ele é o único outro cavalheiro que há nesta latitude a leste de Sydney e a oeste de Valparaíso. Talvez eu chegue mesmo a redigir-lhe uma carta de apresentação dirigida aos Partridge de Sydney, pois o dr. Goose e o querido Fred são farinha do mesmo saco.

Tendo o mau tempo me levado a cancelar minha caminhada matinal, ficamos a prosear ao pé da lareira, onde ardia um fogo de turfa, e as horas passaram-se como se fossem minutos. Falei por um bom tempo de Tilda e Jackson e também de meus temores referentes à "febre do ouro" em San Francisco. Em seguida, nossa conversação trasladou-se da minha cidade natal para minha atuação mais recente como tabelião em Nova Gales do Sul, e de lá para a Gibbons, Malthus & Godwin, via médicos e locomotivas. A conversação atenta é um emoliente que muita falta me faz a bordo do *Prophetess*, e o doutor é um verdadeiro polímata. Ademais, ele possui um belo exército de peças de xadrez de marfim feitas à mão, o qual não há de conhecer a paz enquanto não partir o *Prophetess* ou não chegar o *Nellie*.

Sábado, 9 de novembro

Sol nascente brilhando como um dólar de prata. Nossa escuna ainda faz triste figura na baía. Uma canoa de guerra de índios está sendo virada de carena na praia. Eu e Henry saímos em direção à "praia dos Banquetes" num clima festivo, saudando alegremente a criada que trabalha para o sr. Walker. A moça emburrada estava estendendo roupa num arbusto para secar e fez que não nos viu. Ela tem um pouco de sangue negro, e imagino que sua mãe não esteja a grande distância da selva.

Passando junto à aldeia dos índios, ouvimos um zumbido que despertou nossa curiosidade, e resolvemos descobrir de onde ele vinha. A povoação é circunvalada por uma cerca de estacas, tão apodrecida que há mais de dez lugares por onde se pode penetrá-la. Uma cadela sem pelos levantou a cabeça, mas era desdentada e estava moribunda, então não latiu. Um círculo externo de cabanas de *ponga* (feitas de galhos, paredes de argila e telhados de ripas entrelaçadas) ajoelhava-se humildemente diante de prédios "grandiosos", estruturas de madeira com dintéis de madeira trabalhada e pórticos rudimentares. No centro desta aldeia um homem estava a ser

publicamente açoitado. Eu e Henry éramos os dous únicos brancos presentes, mas havia três castas de índios e espectadores demarcadas. O chefe ocupava seu trono, com um manto de plumas, enquanto os fidalgos tatuados e suas mulheres e seus filhos formavam seu séquito, num total de cerca de trinta pessoas. Os escravos, mais escuros e sujos do que seus senhores de pele acastanhada, perfazendo menos de metade dos outros em número, estavam acocorados na lama. Que torpor inato e bovino! Com cicatrizes e pústulas de *haki-haki*, esses miseráveis assistiam ao castigo, e sua única reação era aquele estranho zumbido, como de abelhas. Se era empatia ou condenação o significado daquele ruído, não sabíamos. O algoz era um Golias cujo físico haveria de intimidar qualquer pugilista. Enormes lagartos tatuados cobriam toda a musculatura do selvagem: a pele de animal que ele trajava valia um bom preço, porém eu é que não haveria de me incumbir de arrancá-la dele, nem por todas as pérolas do Havaí! O mísero prisioneiro, encanecido pela passagem de muitos anos duros, estava amarrado nu a uma estrutura de madeira. Seu corpo estremecia a cada golpe fulminante, suas costas formavam um pergaminho de runas traçadas em sangue, porém seu rosto insensível exprimia a serenidade dum mártir já entregue às mãos do Senhor.

Confesso que a cada vergastada eu estremecia. Então aconteceu uma cousa estranha. O selvagem supliciado levantou a cabeça até então caída, seu olho buscou o *meu* e dirigiu-me um olhar insólito e amistoso de entendimento mútuo! Como se um ator encontrasse um amigo que não via há muito no camarote de honra do teatro e, sem que a plateia se desse conta do fato, comunicasse seu reconhecimento a ele. Um negro tatuado aproximou-se de nós e exibiu-nos seu punhal de nefrita para indicar que não éramos bem-vindos ali. Perguntei qual era o crime de que o prisioneiro fora acusado. Henry enlaçou-me com o braço. “Venha, Adam, um homem prudente não se interpõe entre a fera e a presa.”

Domingo, 10 de novembro

O sr. Boerhaave estava instalado em meio a sua cabala de patifes de confiança, como se fosse Lorde Sucuri e suas cobras venenosas. Suas "celebrações" dominicais no andar térreo haviam começado antes mesmo de eu me levantar. Fui procurar água para barbear-me e constatei que a taberna estava cheia de marujos a aguardar sua vez com aquelas pobres moças indígenas que Walker aprisionou num bordel improvisado. (Rafael não estava entre os participantes da orgia.)

Não costumo fazer meu desjejum domingueiro num prostíbulo. A repulsa sentida por Henry era semelhante à minha, e assim abrimos mão dessa refeição (a empregada certamente estava ocupada com um serviço de outra natureza) e saímos em direção à capela ainda em jejum.

Não havíamos caminhado duzentas jardas quando, para minha mortificação, lembrei-me de que este diário estava largado sobre a mesa de meu quarto no *Musket*, visível para qualquer marinheiro bêbado que lá entrasse. Preocupado com sua segurança (e a minha, caso o sr. Boerhaave pusesse as mãos nele), dei meia-volta com o intuito de escondê-lo com mais cuidado. Fui recebido com sorrisos debochados, e imaginei que fosse eu próprio o assunto em pauta, porém dei-me conta do verdadeiro motivo quando abri minha porta: a saber, deparei com as nádegas ursinas do sr. Boerhaave, montado em sua concubina pagã, na *minha* cama, em flagrante delito! E o demônio do holandês acaso desculpou-se? Longe disso! Não, julgou-se *ele próprio* a parte prejudicada, gritando: "Fora daqui, sr. Pica de Pena! Senão, juro pelos c***ões de Cristo que vou partir em duas tua pena ianque mentirosa!".

Apoderei-me de meu diário e desci correndo a escada, sendo recebido lá embaixo por uma *risocracia* de facécias e troças da parte dos selvagens brancos lá reunidos. Fui queixar-me a Walker, pois estava pagando por um quarto particular e queria que ele permanecesse só meu mesmo durante minha ausência, porém o tratante limitou-se a oferecer-me um desconto de

um terço se eu quisesse “galopar por um quarto de hora montado na potranca mais mimosa de minha estrebaria!”. Enojado, retorqui que eu era casado e pai de filhos!, e que preferia morrer a conspurcar minha dignidade e minha decência com qualquer uma de suas putas bexiguentas! Walker jurou que haveria de “enfeitar meus olhos” na próxima vez que eu chamasse suas queridas filhas de “putas”. Uma cobra desdentada mangou de mim dizendo que, se possuir mulher e filho era uma virtude, “Então, sr. Ewing, sou dez vezes mais virtuoso que o senhor!”, e uma mão que não vi esvaziou sobre a minha pessoa uma caneca de *sheog*. Retirei-me antes que o líquido fosse substituído por um projétil mais sólido.

O sino da capela estava a convocar a população temente a Deus de Ocean Bay, e apressei-me naquela direção, onde Henry me esperava, tentando esquecer a indecência que acabava de testemunhar em meu quarto. A capela rangia como um navio velho, e sua congregação não era muito mais numerosa do que os dedos de um par de mãos, porém viajante algum jamais saciou sua sede num oásis com mais sentimentos de gratidão do que eu e Henry no culto desta manhã. O fundador luterano repousa no campo-santo de sua capela há mais de dez invernos, e nenhum sucessor devidamente ordenado ainda se aventurou a assumir a posse desse altar. Assim, ele é ocupado por um “saco de gatos” de seitas cristãs. Passagens da Bíblia foram lidas por aquela metade da congregação que sabia ler, e juntos cantamos alguns hinos escolhidos pelos fiéis. O “pastor” desse rebanho demótico, um certo sr. D’Arnoq, oficiava sob um crucifixo modesto, e convidou a mim e Henry a participar do mesmo modo. Relembrando minha própria salvação na tempestade da semana passada, escolhi Lucas, capítulo oito: *Aproximando-se dele, despertaram-no, dizendo: “Mestre, Mestre, perecemos!”. Ele, porém, levantando-se, conjurou severamente o vento e o tumulto das ondas: apaziguaram-se e houve bonança*.

Henry recitou o Salmo oitavo, com voz tão sonora quanto a dum ator escolado: *Para que domine as obras de tuas mãos, sob seus pés tudo colocaste: ovelhas e bois, todos, e as feras do campo também; a ave do céu e os peixes do mar quando percorre ele as sendas dos mares*.

Nenhum organista tocou o *Magnificat*, senão o vento na chaminé, nenhum coro cantou o *Nunc Dimittis*, senão as gaivotas a lamentar-se, e no entanto penso que o Criador ficou contente. Éramos mais semelhantes aos cristãos primitivos de Roma do que qualquer igreja mais moderna, incrustada de símbolos arcanos e pedras preciosas. Em seguida, rezou-se a prece comunitária. Os fiéis oravam *ad libitum*, pedindo a erradicação da praga da batata, piedade para a alma duma criancinha morta, a bênção para um novo barco de pesca etc. Henry deu graças pela hospitalidade que recebemos, como visitantes, dos cristãos da ilha de Chatham. Ecoei tais sentimentos e rezei por Tilda, Jackson e meu sogro durante aquela minha ausência prolongada.

Findo o culto, eu e o doutor fomos abordados do modo mais cordial por um dos "mastros principais" daquela congregação, um certo sr. Evans, o qual apresentou a mim e a Henry sua esposa (ambos contornavam o obstáculo da surdez respondendo apenas aquelas perguntas que *julgavam* ter sido formuladas, e aceitando apenas aquelas respostas que *julgavam* ter sido dadas — uma espécie de estratagema adotado por muitos advogados americanos) e seus filhos gêmeos, Keegan e Dyfedd. O sr. Evans nos fez saber que todas as semanas tinha o hábito de convidar o sr. D'Arnoq, nosso pregador, para jantar na casa deles, perto dali, pois o reverendo mora em Port Hutt, um promontório a algumas milhas de distância. Gostaríamos nós de participar daquela refeição dominical? Já havendo informado Henry a respeito da Gomorra instaurada no *Musket* e ouvindo os gritos de "Motim!" que partiam de nosso estômago, aceitamos a bondade dos Evans com gratidão.

A sede da fazenda de nossos anfitriões, situada a meia milha de Ocean Bay, aonde se chegava subindo um vale sinuoso e varrido por ventos fortes, revelou-se um prédio frugal, porém protegido contra aquelas tempestades infernais que partem a espinha de tantas naus infelizes que vão de encontro aos recifes. A sala era habitada por uma monstruosa cabeça de porco (que sofria de queixo caído e estrabismo), morto pelos gêmeos no dia em que eles completaram dezesseis anos, e um relógio de pêndulo sonâmbulo (que

assinalava uma hora mui diferente da marcada pelo meu relógio de bolso. Aliás, um dos produtos da maior importância entre os que são importados na Nova Zelândia é a hora certa). Um peão indígena olhava através da vidraça para as visitas de seu patrão. Eu jamais vira um pobre-diabo mais maltrapilho em toda a minha vida, porém o sr. Evans jurou que aquele mestiço, "Barnabas", era "o mais rápido cão pastor bípede que já existira". Keegan e Dyfedd são dous rapazes peludos e honestos, que entendem principalmente de carneiros (a família é proprietária de duzentas cabeças), pois nenhum dos dous jamais foi à "Cidade" (o nome que dão os ilhéus à Nova Zelândia), nem jamais receberam outra instrução que não as aulas sobre as Escrituras dadas por seu pai, graças às quais eles leem e escrevem com razoável desenvoltura.

A sra. Evans deu graças, e saboreei minha refeição mais agradável (livre do excesso de sal, moscas e imprecações) desde o jantar de despedida com o cônsul Bax e os Partridge no Beaumont. O sr. D'Arnoq brindou-nos com histórias dos navios em que ele trabalhou nos dez anos que vem passando na ilha Chatham, enquanto Henry nos divertia com casos de pacientes, uns ilustres, outros humildes, de quem cuidou em Londres e na Polinésia. De minha parte, relatei as muitas dificuldades enfrentadas por este tabelião americano até conseguir localizar o beneficiário australiano dum testamento lavrado na Califórnia. Nosso cozido de carneiro com maçã assada foi regado com a cerveja fraca produzida pelo sr. Evans para ser vendida aos baleeiros. Keegan e Dyfedd foram cuidar do gado e a sra. Evans retirou-se para a cozinha. Henry perguntou se havia missionários ativos no momento nas ilhas Chatham, comentário esse que levou os srs. Evans e D'Arnoq a se entreolhar, e em seguida aquele nos informou: "Não, os maoris não veem com bons olhos os *pakeha* que estragam os morioris deles com excesso de civilização".

Perguntei então se haveria um "excesso de civilização" que fosse nocivo. Respondeu-me o sr. D'Arnoq: "Se não há Deus a oeste do cabo Horn, então não tem significado a proposição da sua constituição, *Todos os homens foram criados iguais*, sr. Ewing". Os termos "maori" e "pakeha" eu já

conhecia, do tempo que o *Prophetess* havia passado na baía de Islands, porém pedi que me dissessem quem ou o que seriam os tais “morioris”. Minha pergunta abriu uma boceta de Pandora de historiografia, com todos os pormenores a respeito do declínio e queda dos aborígines de Chatham. Acendemos nossos cachimbos. A narrativa do sr. D’Arnoq ainda não fora interrompida três horas depois, quando ele se viu obrigado a partir para Port Hutt antes que o cair da noute obscurecesse a vereda esburacada. Aquela sua história falada, no meu entender, está à altura da pena dum Defoe ou Melville, e hei de registrá-la nestas páginas, depois, se Morfeu quiser, duma boa dormida.

Segunda-feira, 11 de novembro

Madrugada suarenta e sem sol. A baía tem um aspecto viscoso, porém o tempo está bom o suficiente para que se possa continuar o trabalho de reparos do *Prophetess*, graças a Netuno. O novo mastro da mezena está sendo instalado no momento em que escrevo.

Minutos atrás, quando eu e Henry fazíamos o desjejum, o sr. Evans chegou numa azáfama, importunando meu amigo médico para que ele fosse cuidar duma vizinha reclusa, uma certa viúva Bryden, que havia sido derrubada por seu cavalo, caindo num pântano pedregoso. A sra. Evans, que estava com ela, temia que a viúva corresse risco de vida. Henry pegou sua maleta de médico e partiu sem demora. (Ofereci-me para acompanhá-lo, porém o sr. Evans pediu-me que ficasse, pois a paciente fizera com que lhe prometessem que apenas um médico a veria naquele estado incapacitado.) Walker, entreouvindo esse colóquio, disse-me que nenhum representante do sexo masculino havia posto o pé na casa da viúva nos últimos vinte anos, observando: “Aquela porca velha frígida deve estar mesmo batendo as botas, se vai deixar o dr. Charlatão pôr as mãos nela”.

As origens dos morioris de “Rēkohu” (o nome nativo dado às ilhas Chatham) permanecem misteriosas até hoje. Crê o sr. Evans que eles descendam dos judeus expulsos da Espanha, mencionando seu nariz adunco e seus lábios debochados. A teoria preferida do sr. D’Arnoq, segundo a qual os morioris foram outrora maoris cujas canoas naufragaram nessas ilhas tão remotas, baseia-se em semelhanças de idioma e mitologia, e portanto possui mais quilates de lógica. O que parece claro é que, após séculos ou milênios de isolamento, os morioris levavam uma vida tão primitiva quanto a de seus infelizes primos da Terra de Van Diemen. As artes de construção de barcos (que não fossem rudes jangadas urdidas com gravetos, usadas para atravessar os canais entre as ilhas) caíram em desuso. Que o globo terráqueo continha outras terras, pisadas por pés outros, era algo que os morioris sequer sonhavam. De fato, em sua língua não há palavra que signifique “raça”, e “moriori” não quer dizer outra cousa que não “gente”. A pecuária não era praticada, pois só apareceram mamíferos por lá quando os baleeiros que por ali passavam deixaram porcos nas ilhas, a fim de que procriassem. Em seu estado virginal, os morioris limitavam-se a recolher mariscos *paua*, mergulhar para pegar lagostins, tirar ovos de ninhos, matar focas com lanças, catar algas e cavoucar em busca de larvas e raízes.

Até então, os morioris não passavam duma variante local desses pagãos que trajam saiotes de linho e mantos de plumas, encontradiços nos “pontos cegos” do oceano, cada vez menos numerosos, onde o homem branco ainda não levou seus ensinamentos. A singularidade da velha Rēkohu, porém, residia em sua fé pacífica, única no mundo. Desde tempos imemoriais, a casta sacerdotal dos morioris determinava que todo aquele que vertia o sangue dum homem matava seu próprio *mana* — sua honra, seu valor, seu prestígio e sua alma. Nenhum moriori dava abrigo nem alimento a tal *persona non grata*, dirigia-lhe a palavra ou sequer olhava para ela. Se o assassino reduzido ao ostracismo conseguia sobreviver a seu primeiro inverno, o desespero da solidão costumava levá-lo a uma fenda na rocha do cabo Young, onde ele cometia suicídio.

Pensem nisso, insistia o sr. D'Arnoq. Dous mil selvagens (o cálculo é do sr. Evans) incluem *Não matarás* em palavras e *atos* numa "Carta Magna" oral e assim criam uma harmonia desconhecida em qualquer outra parte do mundo durante os sessenta séculos transcorridos desde que Adão provou do fruto da Árvore da Ciência do Bem e do Mal. A guerra era para os morioris um conceito tão desconhecido quanto o telescópio o é para os pigmeus. A *paz*, não um hiato entre guerras, e sim milênios de paz imperecível, vige nessas ilhas distantes. Quem haverá de negar que a velha Rēkohu estava mais próxima da utopia de Tomás Morus do que os nossos estados de progresso, governados por régulos belicosos em Versalhes e Viena, Washington e Westminster? "Aqui", proclamava o sr. D'Arnoq, "e só aqui, é que esses ariscos fantasmas, os bons selvagens, podiam ser encontrados em carne e osso!" (Henry, quando caminhávamos de volta para o *Musket* mais tarde, confessou: "Jamais consegui ver com olhos tão lisonjeiros uma raça de selvagens que de tão atrasados não sabem sequer atirar uma lança em linha reta".)

A paz e o vidro revelam-se frágeis quando golpeados repetidamente. O primeiro golpe sofrido pelos morioris foi a bandeira britânica fincada na terra da baía Skirmish em nome do rei Jorge pelo tenente Broughton, que veio na nau *Chatham* há apenas cinquenta anos. Três anos depois, a descoberta de Broughton estava devidamente registrada nas cartas marítimas de Sydney e Londres, e um punhado de colonos livres (entre eles o pai do sr. Evans), marinheiros náufragos e "condenados que não haviam entrado em acordo com o Departamento Colonial de Nova Gales do Sul com relação aos termos de seu encarceramento" estavam cultivando abóbora, cebola, milho e cenoura. Esses produtos eram vendidos aos caçadores de focas, o que constituiu o segundo golpe sofrido pela independência dos morioris, cujos prospectos de prosperidade frustraram-se quando se tingiram de vermelho, do sangue das focas, as águas do mar. (O sr. D'Arnoq ilustrou os lucros por meio desta aritmética: uma única pele de foca valia quinze xelins em Cantão, e aqueles caçadores pioneiros chegavam a reunir mais de duas mil peles *por navio*!) Em poucos anos, só

havia focas nas rochas mais distantes, e os caçadores também passaram a plantar batatas, criar carneiros e porcos em tal escala que as ilhas Chatham agora são conhecidas como “O Jardim do Pacífico”. Esses fazendeiros *parvenus* preparam a terra por meio de queimadas que ficam a arder em forma de brasa por baixo da turfa por muitas estações, causando calamidades quando o fogo aflora à superfície nos tempos de seca.

O terceiro golpe sofrido pelos morioris foi causado pelos numerosos baleeiros que passaram a vir a Ocean Bay, Waitangi, Owenga e Te Whakaru para fazer carenagem e outros reparos, bem como para abastecer-se. Os gatos e ratos trazidos pelos baleeiros se multiplicaram como as pragas do Egito e comeram as aves que se aninhavam em tocas e cujos ovos eram uma importante fonte de alimento para os morioris. O quarto golpe, aquela variedade de doenças que dizima as raças mais escuras sempre que a civilização branca delas se aproxima, diminuiu a população de aborígines ainda mais.

Todas essas desgraças, os morioris talvez houvessem logrado suportá-las, não fossem os relatos que chegavam à Nova Zelândia pintando as ilhas Chatham como um verdadeiro Canaã de lagunas apinhadas de enguias, grutas recobertas de mariscos e habitantes que não conheciam a guerra nem as armas. Aos ouvidos dos Ngati Tama e dos Ngati Mutunga, dous clãs dos maoris Taranaki Te Ati Awa (a genealogia dos maoris, segundo o sr. D’Arnoq, não é menos intrincada do que as árvores genealógicas tão reverenciadas pela fidalguia europeia — aliás, qualquer menino dessa raça iletrada é capaz de evocar, de imediato, o nome e a “posição” do avô de seu avô), tais rumores prometiam uma compensação pelas terras ancestrais que eles haviam perdido durante as recentes Guerras dos Mosquetes. Espiões foram enviados a fim de testar a bravura dos morioris, violando os tabus e profanando os locais santificados. A tais provocações os morioris reagiram tal como Nosso Senhor quando importunados, “dando a outra face”, e os transgressores voltaram à Nova Zelândia confirmando a aparente pusilanimidade dos morioris. Os maoris conquistadores, ostentando suas tatuagens, conseguiram uma armada, a qual consistia num único navio,

através do capitão Harewood, do brigue *Rodney*, o qual, nos meses derradeiros do ano de 1835, dispôs-se a transportar novecentos maoris e sete canoas de guerra em duas viagens, em troca de batatas para semear, armas de fogo, porcos, uma grande quantidade de linho ripado e um canhão. (O sr. D'Arnoq encontrou Harewood há cinco anos, sem um tostão, numa taberna na baía de Islands. De início, o homem negou ser o Harewood do *Rodney*, depois jurou que fora sob coação que havia transportado os negros, sem, porém, explicar de que modo havia sido coagido.)

O *Rodney* partiu de Port Nicholas em novembro, mas seu cargo pagão de quinhentos homens, mulheres e crianças, amontoados no porão para uma viagem de seis dias, em meio a excrementos e vômitos, munidos duma quantidade mínima de água, chegou à enseada de Whangatete em tal estado de fraqueza que, *se quisessem fazê-lo*, até mesmo os morioris teriam sido capazes de matar aqueles seus irmãos belicosos. Em vez disso, os bons samaritanos preferiram dividir com eles a abundância já diminuída de Rēkohu a destruir seu mana derramando sangue, e cuidaram dos maoris doentes e moribundos até restituir-lhes a saúde. "Maoris já tinham vindo a Rēkohu em ocasiões anteriores", explicou o sr. D'Arnoq, "e haviam ido embora depois, de modo que os morioris julgavam que aqueles colonos também os deixariam em paz."

A generosidade dos morioris foi recompensada quando o capitão Harewood voltou da Nova Zelândia com mais quatrocentos maori. Dessa vez os estranhos afirmaram sua posse de Chatham através do *takahi*, um ritual maori que pode ser traduzido como "caminhar pela terra a fim de apossar-se dela". Dessarte, a velha Rēkohu foi dividida e os morioris foram informados de que doravante seriam vassalos dos maoris. No início de dezembro, quando cerca de uma dúzia de aborígines protestaram, foram incontinente mortos com machadinhas. Os maoris demonstraram ter aprendido muito bem com os ingleses "as sombrias artes da colonização".

A ilha Chatham contém, na sua parte leste, uma extensa laguna, Te Whanga, quase um mar interior, porém fecundada pelo oceano na maré alta através dos "lábios" da laguna em Te Awapatiki. Catorze anos atrás, os

homens morioris realizaram naquele local sagrado um parlamento. Três dias durou a assembleia, com o objetivo de resolver a seguinte questão: o derramamento de sangue maori também teria o efeito de destruir o mana de quem os matasse? Os mais jovens argumentaram que o credo da paz não se aplicava a canibais estrangeiros a respeito dos quais seus ancestrais nada sabiam. Os morioris teriam de matar, ou então seriam mortos. Os anciãos insistiram que era necessário conciliar-se com os forasteiros, pois enquanto os morioris preservassem seu mana com a terra, seus deuses e seus ancestrais livrariam sua raça de todo o mal. “Abraça teu inimigo”, insistiram os anciãos, “para impedir que ele te ataque.” (“Abraça teu inimigo”, troçou Henry, “para sentir a ponta de seu punhal fazendo cócegas em teus rins.”)

Os anciãos venceram, porém de pouco adiantou. “Quando não gozam de superioridade numérica”, disse-nos o sr. D’Arnoq, “os maoris obtêm vantagem atacando antes e com muita força, como o podem testemunhar muitos infelizes ingleses e franceses em seus túmulos.” Os Ngati Tama e os Ngati Mutunga também realizaram seus conselhos. Os homens morioris voltaram do parlamento e foram recebidos por emboscadas e uma noute de infâmia muito além de qualquer pesadelo, de massacre, de aldeias incendiadas, de rapina, de homens e mulheres empalados em fileiras nas praias, de crianças escondidas em buracos sendo farejadas e desmembradas por cães de caça. Alguns chefes, pensando no dia de amanhã, mataram apenas o suficiente para inculcar obediência aterrorizada nos sobreviventes. Outros não foram tão contidos. Na praia de Waitangi cinquenta morioris foram decapitados, fatiados, envoltos em folhas de linho e em seguida assados num gigantesco forno escavado na terra, com inhames e batatas-doces. Menos de metade dos morioris que tinham visto o último pôr do sol da velha Rēkohu estavam vivos para testemunhar o nascer do sol maori. (“Menos de cem morioris de sangue puro estão vivos agora”, lamentou o sr. D’Arnoq. “*No papel*, a Coroa britânica libertou-os da escravatura anos atrás, mas os maoris não ligam para papéis. De onde estamos até a Casa do

Governador, leva-se uma semana de barco, e Sua Majestade não mantém nenhuma guarnição em Chatham.”)

Perguntei por que os brancos não haviam impedido os maoris de cometer tal massacre.

O sr. Evans não estava mais dormindo, nem estava tão inconsciente quanto eu imaginava. “O senhor já viu guerreiros maoris excitados pelo sangue, sr. Ewing?”

Respondi que não.

“Mas o senhor já viu tubarões excitados pelo sangue, não?”

Respondi que sim.

“É bem parecido. Imagine um bezerro a sangrar e a se debater em água rasa infestada de tubarões. O que fazer: afastar-se da água ou tentar conter as mandíbulas dos tubarões? Era essa a nossa escolha. Claro, ajudamos os poucos que chegaram a nossas portas — nosso pastor Barnabas foi um deles —, mas quem saísse de casa naquela noute não voltaria jamais. Tenha em mente que nós brancos éramos cinquenta apenas, em toda Chatham, naquela época. Novecentos maoris ao todo. Os maoris obedecem a nós, os *pakehas*, sr. Ewing, porém nos desprezam. Nunca se esqueça disso.”

Moral da história? A paz, ainda que amada por Nosso Senhor, só é uma virtude cardeal se o próximo tem a mesma consciência que nós.

À noute

O nome do sr. D’Arnoq não é benquisto no *Musket*. “Um negro branco, um vira-latas de sangue mestiço”, disse-me Walker. “Ninguém sabe que *cousa* ele é.” Suggs, um pastor maneta que mora debaixo da bodega, jurou que nosso conhecido é um general bonapartista que se esconde aqui sob nome falso. Outro garantiu que ele é polaco.

Tampouco o nome “moriori” é benquisto. Um mulato maori bêbado me disse que toda a história dos aborígines era invencionice daquele “velho

luterano maluco", e que o sr. D'Arnoq prega seu evangelho moriori apenas para legitimar sua posse ilegal de terras dos maoris, os verdadeiros proprietários de Chatham, que vêm e vão desta ilha em suas canoas desde tempos imemoriais! James Coffee, um criador de porcos, afirmou que os maoris fizeram um favor aos brancos ao exterminar outra raça de bárbaros e abrir espaço para nós, acrescentando que os russos ensinam os cossacos a "amaciar o couro dos siberianos" de modo análogo.

Protestei, sustentando que nossa missão é *civilizar* as raças negras pela conversão, e não extirpá-las, pois foi a mão de Deus que as formou também. Todos os presentes na taberna bradaram contra meu "sentimentalismo pateta de ianque"! "O melhor deles merece morrer como um porco!", gritou um. "O único evangelho que esses pretos de m**** entendem é o do chicote!" E mais outro: "Nós britânicos abolimos a escravidão no nosso império — vocês americanos não podem dizer o mesmo!".

A posição de Henry era ambivalente, no mínimo. "Depois de anos trabalhando com missionários, sou tentado a concluir que seus esforços não têm outro efeito que não o de prolongar as agonias duma raça moribunda por mais dez ou vinte anos. O campônio misericordioso mata seu fiel cavalo que já está velho demais para trabalhar. Como filantropos, não seria nosso dever abreviar o sofrimento dos selvagens *apressando* sua extinção? Pense nos seus peles-vermelhas, Adam, pense nos tratados que vocês, americanos, promulgam e depois desrespeitam, vez após vez após vez. Sem dúvida, não seria mais humanitário, e mais honesto também, acertar uma cajadada na cabeça desses selvagens e pôr fim a essa história duma vez por todas?"

Há tantas verdades quanto há homens. De vez em quando chego a vislumbrar uma Verdade mais verdadeira, escondida por trás de simulacros imperfeitos de si própria, mas, à medida que me aproximo, ela se move, mergulhando mais fundo no pântano agreste da cizânia.

Terça-feira, 12 de novembro

Nosso nobre capitão Molyneux hoje concedeu ao *Musket* a honra de sua presença para arengar com o senhorio o preço de cinco barris de charque (a questão foi resolvida por uma animada partida de *trentuno*, vencida pelo capitão). Para minha grande surpresa, antes de voltar para ver como iam os trabalhos no estaleiro, o capitão Molyneux foi trocar algumas palavras confidenciais com Henry no quarto de meu companheiro. A conversa continua enquanto escrevo. Meu amigo já foi alertado a respeito do despotismo do capitão, mas mesmo assim isso não me agrada.

Mais tarde

Ficamos sabendo que o capitão Molyneux sofre dum mal que, se não for tratado, pode vir a prejudicar as diversas habilidades exigidas em sua profissão. Assim sendo, o capitão propôs a Henry que viaje conosco até Honolulu (sem pagar pela comida nem pelo camarote privado), assumindo as responsabilidades tanto de médico de bordo quando de médico pessoal do capitão até nossa chegada. Meu amigo explicou-lhe que sua intenção era voltar a Londres, porém o capitão Molyneux foi muito insistente. Henry prometeu pensar no assunto e tomar uma decisão até a manhã de sexta-feira, o dia para o qual está marcada a partida do *Prophetess*.

Henry não me disse qual o mal do capitão, nem lho perguntei eu, mas não é preciso ser nenhum esculápio para adivinhar que o homem é escravo da gota. A discrição de meu amigo muito depõe em seu favor. Quaisquer que sejam as excentricidades exibidas por Henry Goose como colecionador de curiosidades, tenho por mim que o dr. Goose é um médico exemplar, e tenho esperança, esperança essa não desprovida de interesse próprio, de que responda na afirmativa à proposta do capitão.

Quarta-feira, 13 de novembro

Recorro a meu diário como um católico ao confessor. Meus machucados reiteram que essas extraordinárias últimas cinco horas não foram um delírio de enfermo provocado por minha doença, e sim acontecimentos reais. Descreverei os sucessos deste dia, atendo-me aos fatos do modo mais acurado possível.

Hoje de manhã, Henry visitou a cabana da viúva Bryden mais uma vez para lhe ajustar a tala e lhe aplicar um cataplasma. Em vez de sucumbir ao ócio, resolvi subir um morro elevado ao norte de Ocean Bay, conhecido como Pedra Cônica, que por sua altitude promete a melhor vista do "sertão" da ilha Chatham. (Henry, mais velho e mais sábio, é sensato demais para perambular por ilhas não exploradas habitadas por canibais.) O riacho preguiçoso que abastece Ocean Bay serviu-me de guia, e assim atravessei pastos pantanosos e encostas pontuadas por tocos de árvores, chegando a uma mata virgem tão apodrecida, cerrada e emaranhada que fui obrigado a subir usando pés e mãos, feito um orangotango! Uma saraivada de gelo começou de supetão, com uma percussão frenética que ressoou por toda a mata, e cessou de repente. Vi um tordo preto, de plumagem tão negra quanto a noute, e tão pouco arisco que sua atitude chega a parecer desdenhosa. Um melífago tuí invisível começou a cantar, mas minha fantasia inflamada dotou-o do atributo humano da fala — "Ai de ti, ai!" era seu grito, a atravessar um labirinto de brotos, gravetos e espinhos. "Ai de ti, ai!" Depois duma escalada árdua, conquistei o pico muito rasgado e arranhado sabe-se lá a que horas, pois me esqueci de dar corda no relógio ontem à noute. As névoas opacas que infestam essas ilhas (o nome aborígine "Rēkohu", diz-nos o sr. D'Arnoq, quer dizer "Sol das Névoas") haviam descido enquanto eu subia, de modo que o ansiado panorama do alto reduziu-se a umas tantas copas de árvores a sumir no meio do chuvisco. Uma mísera recompensa para tamanho esforço.

O “cume” da Pedra Cônica era uma cratera, de algumas dezenas de jardas de diâmetro, circundando uma depressão com muralhas de pedra cujo piso era encoberto pelas folhagens fúnebres de no mínimo uma grosa de pés de *kopi*. Não ousaria explorar suas profundezas sem estar munido de cordas e picareta. Estava eu a contornar o perímetro da cratera, procurando um caminho mais livre de volta a Ocean Bay, quando um surpreendente *uu-vup!* derrubou-me no chão — a mente odeia o vácuo, e costuma povoá-lo de fantasmas; assim foi que de início vi um porco selvagem com presas compridas, depois um guerreiro maori, lança em riste, tendo estampado no rosto o ódio ancestral de sua raça.

Era só um albatroz, com asas infladas no vento feito um veleiro. Fiquei a vê-lo desaparecer na neblina diáfana. Embora estivesse a bem uma jarda da borda da cratera, para meu horror, a turfa em que pisava desintegrou-se sob meus pés como massa de pastel — eu não estava pisando terra sólida, e sim uma saliência dentro da cratera! Afundei até a cintura, agarrando-me a umas folhas de capim em desespero, mas elas rasgaram-se e despenquei, um boneco jogado dentro de um poço! Lembro-me de girar no espaço, gritando, com gravetos a arranhar-me os olhos, rodopiando, minha jaqueta prendendo-se e soltando-se; terra solta; a expectativa da dor; uma prece angustiada e informe, pedindo ajuda; um arbusto que retardou, mas não impediu, minha queda, uma tentativa fútil de recuperar o equilíbrio — um deslizamento — e por fim terra firme subindo a meu encontro. O impacto me desacordou.

Em meio a edredons nebulosos e travesseiros estivais, eu jazia num quarto em San Francisco, semelhante ao meu. Uma criada nanica disse: “És um menino *muito* bobo, Adam”. Tilda e Jackson entraram, mas quando exprimi meu júbilo o que me saiu da boca não foi inglês, e sim os latidos guturais dalguma raça indígena! Minha mulher e meu filho sentiram vergonha de mim e tomaram uma carruagem. Fui atrás, querendo corrigir aquele mal-entendido, porém a carruagem foi diminuindo ao longe até que acordei na mata penumbrosa, em meio a um silêncio ensurdecedor e eterno.

As contusões e cortes, meus músculos e extremidades, gemiam como um tribunal cheio de litigantes descontentes.

Um colchão de musgo e terra solta, depositado naquela cavidade escura desde o segundo dia da Criação, preservara-me a vida. Anjos preservaram-me os membros, pois se um único braço ou perna tivesse se quebrado eu estaria caído lá até agora, incapaz de fugir, esperando a morte por exposição ao tempo ou nas garras de feras. Ao pôr-me de pé e constatar a altura da qual havia caído (a de um mastro de proa) sem sofrer maiores danos, agradeci ao Senhor minha salvação, pois deveras *clamaste na opressão, e te libertei; eu te respondi, escondido no trovão.*

Minha vista ajustou-se à escuridão e revelou-me uma cena ao mesmo tempo indelével, assustadora e sublime. Primeiro um, depois dez, por fim centenas de rostos emergiram daquela penumbra perpétua, entalhados por idólatras na casca das árvores, como se um mago maléfico houvesse imobilizado um bando de espíritos silvanos. Nenhum adjetivo poderia delinear aquela tribo de basiliscos! Só mesmo seres inanimados podem ter tanta vida. Corri os polegares por aqueles rostos medonhos. Estou certo de ter sido o primeiro branco a penetrar aquele mausoléu desde os tempos pré-históricos em que ele foi criado. O dendróglifo mais recente, segundo imagino, terá dez anos, porém os mais antigos, que foram se dilatando à medida que as árvores amadureceram, terão sido entalhados por pagãos cujos fantasmas já morreram há muito tempo. Essa antiguidade certamente indica a presença dos moriori do sr. D'Arnoq.

O tempo passava naquele lugar enfeitiçado, e eu tentava escapar dali, animado pela consciência de que os autores daquelas "esculturas arbóreas" certamente entrariam e sairiam daquela depressão com regularidade. Uma parede parecia menos íngreme que as outras, coberta por trepadeiras fibrosas que ofereciam uma espécie de cordame. Já me preparava para dar início à escalada quando um zumbido estranho me chamou a atenção. "Quem vai lá?", gritei (uma temeridade, para um branco a violar um santuário pagão). O silêncio engoliu minhas palavras, e seu eco zombou de mim. A doença deu sinal de vida em meu baço. O zumbido provinha de

uma nuvem de moscas a orbitar em torno de uma protuberância empalada num galho quebrado. Remexi-a com um toco de pinheiro e quase vomitei, pois era um dejeto fedorento. Virei-me para afastar-me daquilo, porém o dever me obrigou a dissipar a negra suspeita de que havia um coração humano pendurado naquela árvore. Recobrindo nariz e boca com o lenço, toquei com meu galho um ventrículo cortado. O órgão pulsou como se vivo!, e uma fisgada de minha doença percorreu-me espinha acima! Como se num sonho (mas sonho não era), uma salamandra translúcida emergisse de seu lar naquela carniça e subisse correndo meu galho até chegar-me à mão! Joguei longe o galho, e não vi onde desapareceu a salamandra. Meu sangue enriquecido pelo susto, apressei-me a efetuar minha fuga. Cousa mais fácil de relatar do que fazer, pois se eu tivesse escorregado e caído outra vez daquelas paredes vertiginosas, a sorte podia falhar-me e minha queda não seria atenuada como antes; porém havia pequenas mossas escavadas na rocha para colocar os pés, e com a graça de Deus consegui chegar à borda da cratera sem nenhum percalço.

Vendo-me outra vez naquela nuvem sinistra, eu ansiava pela presença de homens com a pele da cor da minha, ainda que fossem os rudes marinheiros do *Musket*, e comecei a descer no que esperava que fosse a direção do sul. Minha decisão inicial de relatar tudo o que eu vira (sem dúvida, o sr. Walker, o cônsul *de facto* ainda que não *de jure*, não deveria ser informado do roubo de um coração humano?) fraquejou à medida que eu me aproximava de Ocean Bay. Ainda não sei com certeza o que devo relatar, nem a quem. O coração muito provavelmente pertencera a um porco, ou um carneiro. A possibilidade de que Walker e outros de sua laia derrubassem as árvores e vendessem os dendróglifos a colecionadores ofende minha consciência. Quiçá eu seja um sentimental, mas não quero me tornar cúmplice da violação final dos moriori.*

À noute

O Cruzeiro do Sul já brilhava no céu quando Henry voltou ao *Musket*, tendo sido detido por mais ilhéus interessados em consultar o “curandeiro da viúva Bryden” a respeito de achaques como catarro, bouba e hidropisia. “Se batata fosse dinheiro”, lamentou-se meu amigo, “eu seria mais rico do que Nabucodonosor!” Preocupou-se com minha lamentável aventura (ainda que muito atenuada ao ser relatada) na Pedra Cônica, e insistiu em examinar meus machucados. Eu já havia pedido à criada índia que me preparasse um banho, do qual emergira bem restabelecido. Henry contribuiu com um pote de bálsamo para minhas inflamações e recusou-se a aceitar um centavo que fosse como pagamento. Temendo que aquela fosse minha última oportunidade de consultar um médico de escol (Henry tenciona recusar a proposta do capitão Molyneux), manifestei meus temores com relação à minha doença. Ele escutou-me, sério, e perguntou-me a respeito da frequência e duração de meus ataques. Lamentou não dispor do tempo nem dos petrechos necessários para um diagnóstico completo, porém recomendou-me procurar urgentemente, tão logo eu retornasse a San Francisco, um especialista em parasitas tropicais. (Não pude obrigar-me a confessar que lá não há nenhum.)

Não consigo dormir.

Quinta-feira, 14 de novembro

Partimos hoje de manhã. Mais uma vez me vejo a bordo do *Prophetess*, mas não há como fingir que me sinto feliz por estar de volta nele. Meu caixão contém agora três grandes rolos de espia que é preciso escalar para chegar a meu beliche, pois não se vê um polegar da superfície do chão. O sr. D’Arnoq vendeu meia dúzia de barris de provisões ao intendente e uma peça de tecido para vela (o que muito contrariou o sr. Walker). Veio a bordo para supervisionar a entrega das mercadorias e receber o pagamento em pessoa, e também para me desejar boa viagem. No meu caixão estamos

comprimidos como dous homens dentro de um buraco, e por isso subimos ao tombadilho, pois a noute está agradável. Tendo conversado sobre assuntos diversos, trocamos um aperto de mãos e ele desceu para a chalupa que o aguardava, habilmente tripulado por dous criados, jovens mestiços.

O sr. Roderick não vê com bons olhos meu pedido de que o estorvo da espia seja levado para outro lugar, pois foi obrigado a abrir mão de seu camarote particular (pelo motivo que será apresentado adiante) e instalar-se no castelo de proa junto com a tripulação, que inchou com o "furto" de cinco castelhanos que trabalhavam no navio espanhol ancorado na baía. O comandante desse navio ficou feito a própria encarnação da Fúria, mas não podendo declarar guerra ao *Prophetess* — uma batalha na qual seria certamente derrotado, pois das duas embarcações a sua é a que mais vaza — só lhe resta agradecer aos céus por não ter o capitão Molyneux exigido maior número de desertores. As palavras "rumo à Califórnia" já contêm em si o brilho do ouro e para lá atraem todos os homens, como mariposas em torno duma lanterna. Esses cinco vêm substituir os dous que desertaram na baía de Islands e os homens perdidos na tempestade, mas mesmo assim faltam ainda alguns para que a tripulação esteja completa. Diz-me Finbar que os homens estão a reclamar da mudança de alojamento do sr. Roderick, pois com a presença dele já não se sentem à vontade para trocar causos em torno duma garrafa.

Reservou-me o Destino uma bela compensação. Tendo pagado a conta extorsiva de Walker (mas não acrescentei um centavo de gorjeta para aquele canalha), estava eu a preparar meu baú de jaqueira quando Henry entrou saudando-me assim: "Bom dia, companheiro de viagem!". Deus ouviu as minhas preces! Henry aceitou o cargo de médico de bordo, e não ficarei mais sem amigos nesta fazenda flutuante. Os marinheiros comuns são mulas tão rabugentas que, em vez de manifestarem gratidão por ter um médico disposto a entalar pernas e braços quebrados e tratar de infecções, põem-se a rezingar: "Mas por que cargas-d'água temos de levar um médico de bordo que não sabe sequer trepar no gurupés? Então isto aqui é um Navio Real?".

Devo confessar certo aborrecimento de ver que o capitão Molyneux reservou para um passageiro pagante e um cavalheiro como eu apenas esse beliche lamentável, quando havia um camarote bem mais cômodo à disposição. Porém bem mais importante que isso é a promessa que me fez Henry de utilizar seu talento considerável para diagnosticar minha doença tão logo nos fizermos ao mar. Meu alívio é indizível.

Sexta-feira, 15 de novembro

Partimos ao nascer do sol, embora a sexta-feira seja vista como dia azarento pelos marinheiros. (Resmunga o capitão Molyneux: “Superstições, dias de santos e outras sandices ficam muito bem em comadres papistas, mas *eu* estou aqui para ganhar dinheiro!”.) Eu e Henry não ousamos subir ao convés, pois todos os marujos estavam às voltas com o cordame e há um vento sul forte, com mar agitado; o navio esteve em apuros ontem e não o está menos hoje. Passamos metade do dia arrumando a botica de Henry. Além dos petrechos de um médico moderno, meu amigo possui vários tomos doutos, em inglês, latim e alemão. Numa caixa há um continuum de pós em frascos arrolhados, com rótulo em grego. Com componentes tais ele prepara várias pílulas e unguentos. Olhamos pela escotilha por volta do meio-dia, e as ilhas Chatham eram manchas de tinta no horizonte plúmbeo, porém o intenso balanço do navio é um perigo para aqueles que passaram uma semana em terra firme.

À tarde

Torgny, o sueco, bateu à porta de meu caixão. Surpreso e perplexo ao ver seus modos furtivos, roguei-lhe que entrasse. Ele tomou assento numa “pirâmide” de espia e sussurrou-me que vinha trazer uma proposta duma

cabala de companheiros de bordo. “Diga-nos onde ficam os melhores veios, aqueles secretos que vocês que são de lá guardam só pra si. Eu e os meus comparsas fazemos o trabalho pesado. O senhor não carece de fazer nada que nós lhe damos um décimo do que conseguirmos.”

Levei um instante para me dar conta de que Torgny estava se referindo aos veios auríferos da Califórnia. Então estão a preparar-se para uma deserção em massa tão logo o *Prophetess* chegue a seu destino, e eu, força é reconhecer, tendo a tomar o partido dos marinheiros! Dizendo isso, jurei a Torgny que nada sei a respeito das jazidas de ouro, pois estou viajando há um ano, mas que faria para eles, gratuitamente, um mapa ilustrando os supostos Eldorados, e de bom grado. Arranquei uma página deste diário e comecei a esboçar um esquema de Sausalito, Benecia, Stanislaus, Sacramento etc., quando uma voz malévola se fez ouvir: “Um verdadeiro oráculo, hein, sr. Pica de Pena?”.

Não tínhamos ouvido Boerhaave descer a escada do tombadilho e entreabrir minha porta! Torgny gritou de desalento, e na mesma hora confessou sua culpa. “Dize-me lá”, prosseguiu o imediato, “que assuntos tens a tratar com nosso passageiro, hein, Pústula de Estocolmo?” Torgny ficou mudo, porém eu não me deixei intimidar, e disse ao valentão que estava falando sobre as belezas da minha cidade, para que Torgny melhor aproveitasse sua licença de ir à terra.

Boerhaave elevou as sobrancelhas. “Então é o senhor agora quem concede licenças? Isso pra mim é novidade. Dê-me o papel, sr. Ewing, por obséquio.” Não lhe fiz o obséquio. O que eu dera ao marinheiro não era para ser confiscado pelo holandês. “Ah, perdão, sr. Ewing. Torgny, pega o teu *presente*.” Não tive alternativa que não entregá-lo ao sueco prostrado. Então o sr. Boerhaave ordenou: “Torgny, dá-me esse presente agora mesmo, senão juro pelos portais do inferno que hás de lamentar o dia que saíste da [minha pena recusa-se a registrar a pachouchada] da tua mãe”. Mortificado, o sueco obedeceu.

“Muito educativo”, comentou Boerhaave, contemplando minha cartografia. “O capitão ficará deliciado ao ver como o senhor se dedica à

tarefa de instruir essa nossa maruja ignorante, sr. Ewing. Torgny, ficarás de quatro no calcês por vinte e quatro horas. Quarenta e oito, se fores visto tomando alimento ou bebida. Se tiveres sede, bebe teu próprio m***.”

Torgny foi-se correndo, mas o imediato ainda não havia terminado de falar comigo. “Nessas águas há muitos tubarões, sr. Pica de Pena. Eles vão atrás dos navios para abocanhar os petiscos que às vezes caem do convés. Uma vez vi um deles comendo um passageiro. Esse passageiro, como o senhor, não cuidava da sua segurança, e caiu no mar. Ouvimos os gritos dele. Os tubarões-brancos *brincam* com a comida, devorando-a aos poucos, uma perna aqui, uma dentadinha ali, e o pobre f***** continuou vivo mais tempo do que se pode imaginar. Pense nisso.” Fechou a porta de meu caixão. Boerhaave, como todo valentão e tirano, orgulha-se justamente do que há nele de detestável e o torna odioso.

Sábado, 16 de novembro

Quis o Destino que eu sofresse o maior constrangimento de minha viagem até agora! Uma sombra da velha Rēkohu lançou-me — a mim, que não desejo nada além de tranquilidade e discrição — num pelourinho de suspeitas e mexericos! E no entanto só posso ser acusado de manifestar uma confiança cristã e um azar implacável! Passou-se exatamente um mês desde que partimos de Nova Gales do Sul e escrevi esta frase otimista: “Prevejo uma viagem rotineira e tediosa”. Como essa anotação me moteja agora! Jamais hei de esquecer as últimas dezoito horas, mas como não consigo dormir nem pensar (e Henry agora dorme), meu único recurso contra a insônia é maldizer minha sorte nestas páginas amigas.

Ontem à noute recolhi-me a meu caixão morto de cansaço. Tendo rezado, apaguei minha lanterna e, acalentado pelas múltiplas vozes do navio, já mergulhava eu nos rasos do sono quando uma voz rouquenha, *dentro de meu caixão!*, me despertou, pondo-me assustado e de olhos bem abertos!

“Sr. Ewing”, implorava a voz sussurrante, com insistência, “não tem medo — sr. Ewing — eu não machuca, não grita, por favor.”

Num gesto automático, levantei-me de um salto e bati com a cabeça na antepara. À luz fraca cor de âmbar que entrava pelas frestas da minha porta malfeita e à das estrelas que vinha pela vigia, pude ver uma extensão de espia desenrolar-se como se serpente fosse e um vulto negro destacar-se dela tal como farão os mortos ante a Última Trombeta! Uma mão potente pareceu voar pela escuridão e fechar meus lábios antes que eu pudesse soltar um grito! Meu agressor sussurrou: “Sr. Ewing, eu não machuca, o senhor não perigo, eu amigo do sr. D’Arnoq — ele cristão, o senhor sabe —, por favor, não grita!”.

A razão, por fim, levantou-se contra meu medo. Um homem, não um espírito, estava escondido no meu quarto. Se fosse sua intenção cortar minha garganta para roubar meu chapéu, meus sapatos e minha pasta de documentos, eu já haveria de estar morto. Se meu carcereiro era um clandestino, então era ele, e não eu, cuja vida corria perigo. Com base em seu falar entrecortado, sua vaga silhueta e seu cheiro, intuí que fosse um índio, o único num navio com cinquenta brancos a bordo. Muito bem. Fiz que sim, movendo a cabeça devagar, para indicar que não ia dar nenhum grito.

A mão cautelosa soltou meus lábios. “Eu Autua”, disse ele. “O senhor conhece eu, viu eu, sim — o senhor tem dó de eu.” Perguntei de que ele estava a falar. “Maori chicote eu — o senhor viu.” Minha memória sobrepujou o insólito de minha situação, e lembrei-me do moriori sendo açoitado pelo Rei dos Lagartos. Isso o animou. “O senhor homem bom — sr. D’Arnoq disse o senhor homem bom — e escondeu eu seu camarote ontem à noute — eu fujo — o senhor ajuda eu.” Nesse instante, um gemido escapou-me dos lábios!, e a mão do homem fechou-me a boca outra vez. “Se o senhor não ajuda — eles pega, eu morre.”

É verdade, pensei, *e além disso você vai me arrastar consigo, a menos que eu possa convencer o capitão Molyneux de minha inocência!* (Eu ardia de indignação com o ato de D’Arnoq, indignação que sinto até agora. *Ele*

que faça suas “boas ações” sem envolver terceiros inocentes!) Disse eu ao clandestino que ele já estava “pega-morre”. O *Prophetess* era um navio mercante, e não um salvo-conduto para escravos fujões.

“Eu marinheiro capaz!”, insistiu o negro. “Eu trabalho pa ganhar passagem!” Muito que bem, disse-lhe eu (duvidando de suas qualificações como marujo), e insisti para que se entregasse imediatamente à mercê do comandante. “Não! Eles não ouve eu! ‘Volta pa casa nadando, negro’, eles diz, e joga eu água! O senhor homem lei, não? O senhor vai e fala, eu escondido! Por favor. Capitão ouve sr. Ewing. Por favor.”

Em vão tentei convencê-lo de que, na corte do capitão Molyneux, não poderia haver intermediário pior do que o ianque Adam Ewing. A aventura do moriori era problema dele, e não queria eu fazer parte dela. Sua mão encontrou a minha e, para minha consternação, fechou meus dedos em torno do cabo de um punhal. Sua exigência era determinada e sinistra. “Então mata eu.” Com tranquilidade e decisão terríveis, encostou a ponta da lâmina em sua própria garganta. Retruquei que ele estava louco. “Estou louco não, o senhor não ajuda eu, o senhor mata eu, mesma cousa. É verdade, o senhor sabe.” (Implorei para que ele se contivesse e falasse mais baixo.) “Então mata eu. Diz eu ataca o senhor, então o senhor mata eu. Não sou comida peixe, sr. Ewing. Morrer aqui melhor.”

Maldizendo minha consciência uma vez, minha sorte duas vezes e o sr. D’Arnoq três, pedi-lhe que guardasse na bainha seu punhal e pelo amor de Deus se escondesse, para que nenhum marinheiro o visse e viesse bater à porta. Prometi procurar o capitão no desjejum, pois se eu perturbasse seu sono certamente condenaria aquela tentativa ao fracasso. Essa afirmação tranquilizou o clandestino, o qual me agradeceu. Voltou para dentro do rolo de espia, enquanto eu tentava realizar a tarefa praticamente impossível de desenvolver uma argumentação em favor de um aborígine clandestino, a bordo de uma escuna inglesa, sem que seu companheiro de camarote e descobridor fosse visto como cúmplice. A respiração do selvagem me convenceu de que ele dormia. Senti-me tentado a correr até a porta e gritar

por ajuda, mas diante dos olhos de Deus minha palavra era um compromisso, mesmo se dirigida a um índio.

A cacofonia de tábuas rangendo, mastros balouçando-se, cordas esticando-se, lona batendo-se ao vento, pés pisando o convés, cabras balindo, sino tocando a anunciar os quartos, gritos e risadas vindos do castelo de proa, de ordens dadas, canções de homens manejando o molinete, do reino eterno de Tétis — todos esses sons me acalmavam enquanto eu calculava a melhor maneira de convencer o capitão Molyneux de minha inocência em relação à trama do sr. D'Arnoq (agora, mais do que nunca, é preciso estar vigilante para que este diário não seja lido por olhos pouco amistosos) quando um grito em falsete, começando ao longe porém aproximando-se à velocidade de uma seta, foi silenciado pelo convés, a poucas polegadas da cama em que eu estava deitado.

Um impacto terrivelmente definitivo! Permaneci estatelado na cama, em choque, esquecendo-me de respirar. Ouviram-se gritos, ao longe e a pequena distância, passos se aproximando e uma gritaria geral de "Acordem o dr. Goose!".

"Um f***** caiu cordame, morreu." O índio cochichava enquanto eu me apressava para investigar o ocorrido. "O senhor não pode nada." Ordenei que ele permanecesse escondido e saí correndo. Imagino que o clandestino tenha percebido o quanto eu me sentia tentado a utilizar o acidente para revelar sua presença.

A tripulação estava disposta em torno de um homem deitado junto à base do mastro principal. À luz balouçante da lanterna reconheci um dos castelhanos. (Admito que minha primeira emoção foi alívio, ao ver que o morto não era Rafael.) Ouvi o islandês dizer que o morto havia ganhado as rações de áraque de seus compatriotas jogando cartas e bebera tudo antes de assumir seu turno. Henry chegou de camisão, com sua maleta de médico. Ajoelhou-se ao lado do corpo destroçado e tentou tomar-lhe o pulso, porém sacudiu a cabeça. "Este homem não precisa mais de médico." O sr. Roderick recolheu as botas e roupas do castelhano para leiloá-los, e Mankin foi buscar aniagem de terceira para o cadáver. (O sr. Boerhaave vai subtrair

o valor da aniagem dos lucros obtidos no leilão.) Os marujos recolheram-se a seus alojamentos ou seus postos em silêncio, todos sérios por terem sido lembrados da fragilidade da vida. Eu, Henry e o sr. Roderick ficamos a ver os castelhanos realizarem seus ritos mortuários católicos para seu compatriota antes de amarrar o saco e lançar o corpo no mar, em meio a lágrimas e exclamações dolorosas de *adiós*! “Latinos passionais”, observou Henry, desejando-me as boas-noutes pela segunda vez. Eu ansiava por compartilhar o segredo do índio com meu amigo, porém contive meu ímpeto, para não torná-lo também cúmplice.

Voltando daquela cena melancólica, vi uma lanterna luzindo na cozinha. Finbar dorme lá para “afastar os ladrões”, mas também ele havia sido despertado pela movimentação daquela noute. Ocorreu-me que o clandestino talvez estivesse sem comer há um dia e meio, uma ideia que me preocupou, pois a que depravação bestial o estômago vazio não poderia levar um selvagem? Aquela minha ação talvez testemunhasse contra mim no dia seguinte, mas assim mesmo disse ao cozinheiro que não conseguia dormir por estar com muita fome e (pagando dobrado “por causa que a hora é muito imprópia”) obtive um prato de chucrute, salsicha e pãezinhos duros como balas de canhão.

Retornando ao confinamento de meu camarote, recebi o agradecimento do selvagem, que devorou aquele humilde repasto como se fora um banquete presidencial. Não confessei meus verdadeiros motivos, a saber, que quanto mais cheio estivesse seu estômago, menor a probabilidade de que ele me devorasse; assim, perguntei-lhe por que, quando estava sendo açoitado, havia sorrido para mim. “Dor forte, sim — mas olhar amigo, mais forte.” Retruquei que ele nada sabia a meu respeito, tal como eu nada sabia sobre ele. O índio apontou para seus próprios olhos e depois para os meus, como se aquele gesto simples explicasse tudo.

O vento intensificou-se no decorrer do quarto de meia-noute às quatro, fazendo ranger a madeira e atiçando o mar e molhando os conveses. Em

pouco tempo começou a gotejar água dentro de meu caixão, escorrendo pelas paredes e salpicando meu lençol. “Você devia ter escolhido um lugar mais seco para se esconder”, sussurrei, para ver se o clandestino estava acordado. “Melhor protegido que seco, sr. Ewing”, murmurou ele, alerta tal como eu. Por que, indaguei, ele fora surrado de modo tão brutal na aldeia indígena? Fez-se um longo silêncio. “Já vi muito mundo, não sou escravo bom.” Para evitar o enjoo durante aquelas horas terríveis, fiz com que o clandestino me contasse sua história. (Não posso negar que, além disso, estava curioso.) Ele fez seu relato de modo entrecortado em sua língua precária, portanto tentarei apresentar aqui apenas um resumo.

Os navios dos brancos trouxeram vicissitudes à velha Rēkohu, tal como me relatara o sr. D’Arnoq, mas também maravilhas. Na infância, meu clandestino, Autua, ansiava por aprender mais cousas a respeito daquela gente pálida que viera de lugares cuja existência, no tempo de seu avô, fazia parte da esfera dos mitos. Segundo Autua, seu pai fora um dos nativos que a expedição do capitão Broughton encontrou na baía Skirmish, e assim passou os anos de meninice ouvindo aquela história sendo contada e recontada: o Grande Albatroz aproximando-se em meio à névoa matinal; os seus servidores, de plumas de cores vivas e articulações estranhas, que chegaram de canoa, de costas; a algaravia dos servidores do Albatroz (seria uma linguagem de pássaros?); a fumaça que expeliam ao expirar; a terrível violação do tabu que proibia estranhos de pegar nas canoas (o que equivale a amaldiçoar a embarcação, tornando-a tão imprópria para a navegação como se ela tivesse sido atacada com um machado); a briga que ocorreu então; os “paus-que-berram”, cuja ira mágica era capaz de matar um homem do outro lado da praia; e a saia de cores vivas, azul-marinho, branco-nuvem e vermelho-sangue, que os servidores do Grande Albatroz levantaram no alto de um pau grande antes de voltar em seu bote. (Essa bandeira foi removida e presenteada a um dos chefes, que a usou como peça de vestuário até morrer de escrófula.)

Autua tinha um tio, Koche, que foi trabalhar num navio de Boston dedicado à caça de focas, por volta de 1825. (O clandestino não sabe exatamente sua própria idade.) Os moriori eram bem-vindos como tripulantes nesses navios, pois a afirmação da virilidade em Rēkohu, em vez de se dar por meio de feitos marciais, fazia-se através da caça de focas e da pesca. (Para fazer jus à sua noiva, como outro exemplo, o jovem precisava mergulhar até o fundo do mar e voltar à tona com um lagostim em cada mão e um terceiro na boca.) Há que observar que os polinésios recém-descobertos são presas fáceis de comandantes de navios sem escrúpulos. Koche, o tio de Autua, voltou depois de cinco anos, com roupas de *pakeha* e brincos nas orelhas, uma modesta bolsa contendo dólares e *réals*, tendo adquirido hábitos estranhos (como o de "exalar fumaça"), pronunciando imprecações espantosas e falando de cidades e maravilhas tão inauditas que não podiam ser expressas na língua dos moriori.

Autua jurou que embarcaria no próximo navio que partisse de Ocean Bay para ver esses lugares exóticos com seus próprios olhos. Seu tio convenceu o piloto de um baleeiro francês a levar Autua, então com dez anos (?), na condição de aprendiz. Em sua subsequente carreira de marinheiro, ele teve ocasião de ver geleiras na Antártida, baleias sendo transformadas em ilhas de sangue e depois em barris de espermacete; nas ilhas Encantadas, em meio a uma calmaria, cobertas de cinza, ele caçou tartarugas gigantes; em Sydney, viu grandes prédios, parques, carruagens puxadas por cavalos, damas de touca, os milagres da civilização; transportou ópio de Calcutá a Cantão; sobreviveu a uma crise de disenteria na Batávia; perdeu metade da orelha numa escaramuça com mexicanos diante do altar em Santa Cruz; sobreviveu a um naufrágio no cabo Horn e viu o Rio de Janeiro, embora não tivesse saído do navio; e por toda parte observou aquela brutalidade impensada com que as raças mais claras tratam as mais escuras.

Autua voltou no verão de 1835, um jovem viajado de cerca de vinte anos de idade. Pretendia encontrar uma noiva em sua ilha, construir uma casa e cultivar uma roça, mas, conforme relatou o sr. D'Arnoq, no solstício de inverno daquele ano todos os moriori que permaneciam vivos tornaram-se

escravos dos maoris. Os anos que ele passou em meio a tripulações de todas as nações não fez com que Autua caísse nas boas graças dos invasores. (Comentei que ele não poderia ter voltado para sua terra em hora pior. “Não, sr. Ewing, Rēkohu me *chamou*, pa eu ver ela morrer pa eu *saber*”, deu um tapinha na cabeça, “a verdade.”)

O senhor de Autua era o maori com a tatuagem de lagarto, Kupaka, o qual dizia a seus escravos horrorizados e derrotados que viera para purgá-los de seus ídolos falsos (“Acaso seus deuses os salvaram?”, provocava-os Kupaka); seu idioma poluído (“Meu chicote há de ensinar-lhes o maori puro!”); seu sangue conspurcado (“Com tantos casamentos entre parentes, seu mana original se diluiu!”). Doravante todas as uniões entre morioris estavam proibidas, e todos os filhos de homens maoris com mulheres morioris seriam considerados maoris. Os primeiros transgressores foram executados de formas horrendas, e os sobreviventes passaram a viver naquele estado de letargia que é gerado por uma submissão implacável. Autua limpou terra, plantou trigo e criou porcos para Kupuka, até conquistar sua confiança e conseguir fugir. (“Lugar secreto em Rēkohu, sr. Ewing, ravina, buraco, caverna funda na floresta Motoporoporo, tão fechada que cachorro não cheira.” Creio que eu caí num desses lugares secretos.)

Um ano depois ele foi capturado novamente, mas àquela altura os escravos morioris já haviam se tornado tão pouco numerosos que não se podia mais massacrá-los de modo indiscriminado. Os maoris mais humildes eram obrigados a trabalhar lado a lado com os servos, o que lhes despertava profunda repulsa. (“Então partimos da terra dos nossos ancestrais em Aotearoa para viver nessa rocha miserável?”, eles queixavam-se.) Autua conseguiu fugir mais uma vez, e durante seu segundo período de liberdade quem lhe concedeu asilo em segredo durante alguns meses foi o sr. D’Arnoq, o qual correu sérios riscos por seu gesto. Nesse período Autua foi batizado e voltou-se ao Senhor.

Os homens de Kupaka encontraram o fugitivo após um ano e meio, mas dessa vez o chefe maori, de modo imprevisível, manifestou respeito pelo

espírito indomável de Autua. Após lhe impor um açoitamento como punição, Kupaka o nomeou seu pescador pessoal. Com esse novo trabalho, o moriori deixou mais um ano passar até que, uma bela tarde, encontrou um raro peixe *moeeka* a debater-se em sua rede. Disse ele à esposa de Kupaka que aquele rei dos peixes só poderia ser comido por um rei de homens, e ensinou-a a prepará-lo para seu marido. (“Veneno muito muito forte peixe *moeeka*, sr. Ewing, um mordida só, dorme, não acorda mais.”) No festim daquela noute, Autua saiu pé ante pé do acampamento, roubou a canoa de seu senhor e foi remando por aquele mar cheio de correntezas, agitado, numa noute sem lua, até chegar à ilha Pitt, uma ilha deserta duas léguas a sul de Chatham (conhecida como “Rangiauria” em moriori e reverenciada como berço da humanidade).

A sorte favoreceu o clandestino, pois ele chegou são e salvo ao amanhecer, impulsionado por uma pequena rajada de vento, não havendo nenhuma canoa em seu encalço. Nesse Éden polinésio, Autua sobreviveu à base de aipo silvestre, agrião, ovos, frutas e de vez em quando um leitão selvagem (só corria o risco de acender uma fogueira protegido pela noute ou pela neblina), sabendo também que ao menos Kupaka havia recebido um castigo condigno. Não era insuportável a sua solidão? “Noute, ancestrais visitava. Dia, contava história de Maui pa pássaros, e pássaros contava história de mar pa eu.”

O fugitivo viveu assim por várias estações, até que, neste último setembro, uma tempestade hibernal causou o naufrágio do *Eliza*, um navio que partira de Nantucket, no recife da ilha Pitt. Todos os tripulantes morreram afogados, mas o nosso sr. Walker, sempre interessado em ganhar algum dinheiro fácil, atravessou os estreitos em busca de salvados. Quando encontrou sinais de habitação e viu a antiga canoa de Kupaka (cada uma delas é enfeitada com entalhes identificadores), ele compreendeu que havia encontrado um tesouro de interesse para seus vizinhos maoris. Dous dias depois, uma grande equipe de busca foi em barcos a remo até a ilha Pitt. Sentado na praia, Autua ficou a vê-los chegar, surpreendendo-se apenas

quando divisou seu velho inimigo, Kupaka, grisalho porém vivinho da silva, gritando cantos bélicos.

Meu companheiro de camarote não convidado concluiu sua narrativa. “Cachorro daquele filho da p*** roubou *moeeka* cozinha e morreu cachorro, não maori. É, Kupaka chicote eu, mas é velho e longe de casa e mana dele oco e fraco. Maori forte com guerra e briga, mas com paz morre. Muitos volta pa Zelândia. Kupaka não pode, terra dele não tem mais. Aí, semana passada, sr. Ewing, eu vi o senhor e sabia o senhor salva eu, eu sabia.”

O marujo que tirou o quarto d’alva fez o sino soar quatro vezes, e pela minha vigia percebi que o amanhecer era chuvoso. Eu havia dormido um pouco, porém não foram atendidas as minhas preces para que o moriori se dissipasse ao nascer do dia. Pedi-lhe que *fingisse que acabara de revelar sua presença* e não fizesse nenhuma menção de nossa conversa noturna. Ele fez sinal de que me entendia, porém eu temia o pior: a esperteza de um índio não está à altura de um Boerhaave.

Seguindo pelo portaló (o *Prophetess* se sacudia como um potro chucro), fui até o refeitório dos oficiais, bati à porta e entrei. Os srs. Roderick e Boerhaave estavam ouvindo o capitão Molyneux. Pigarreei e desejei bons-dias a todos, quando então nosso simpático comandante rosnou: “Se quer mesmo que eu tenha um bom dia, faça-me o obséquio de ir à m**** imediatamente”.

Tranquilo, perguntei *quando* o capitão teria tempo para receber informações referentes a um clandestino indígena que acabara de surgir de dentro do rolo de espia que tomava boa parte do espaço do “meu camarote, se é que merece tal nome”. No silêncio que se seguiu, a tez esbranquiçada de batráquio do capitão Molyneux ganhou o tom de carne malpassada. Antes que ele lançasse seu petardo, acrescentei que o clandestino afirmava ser um marujo capaz e pedia para trabalhar a fim de pagar sua passagem.

O sr. Boerhaave levantou sua previsível acusação antes mesmo que o capitão pudesse falar: “Num navio mercante holandês, aquele que dá abrigo a um clandestino tem o mesmo destino que ele!”. Lembrei o holandês de que nosso navio era de bandeira inglesa, e perguntei-lhe por que, se era *eu* que havia ocultado o clandestino debaixo dos rolos de espia, tinha pedido e pedido tantas vezes vez na noute de quinta-feira que retirassem aqueles rolos de meu camarote, o que causaria fatalmente a descoberta da minha suposta conspiração? Tendo atingido o alvo e dessarte açulado meus brios, expliquei ao capitão que o clandestino, homem batizado, havia recorrido a tais medidas extremas para que seu senhor maori, que havia jurado devorar o fígado dele ainda quente (coloquei um pouco de “pimenta” na minha versão dos eventos), não dirigisse sua fúria sinistra àquele que o havia salvado.

Explodiu o sr. Boerhaave: “Então esse negro de m**** ainda quer que sejamos gratos a *ele*?”. Não, respondi, o moriori quer uma oportunidade de provar seu valor ao *Prophetess*. O sr. Boerhaave cuspiu: “Clandestino é clandestino mesmo se c***r pepitas de prata. Como se chama ele?”. Respondi que não sabia, pois não havia conversado com o homem, indo na mesma hora ter com o comandante.

Por fim o capitão Molyneux falou. “Um marinheiro *capacitado*, é isso que o senhor disse?” Sua ira se atenuara diante da perspectiva de ganhar um valioso par de mãos que não seria necessário remunerar. “Um índio? Onde foi que ele aprendeu seu ofício?” Repeti que dous minutos não era tempo suficiente para conhecer sua história, porém meu instinto levava-me a considerar o índio um homem honesto.

O capitão enxugou a barba. “Sr. Roderick, acompanhe nosso passageiro e o instinto dele e leve esse selvagem de estimação dele até o mastro de mezena.” Jogou uma chave para seu imediato. “Sr. Boerhaave, minha espingarda, por favor.”

Eu e o piloto obedecemos. “Isso é arriscado”, alertou-me o sr. Roderick. “O único livro de estatutos a bordo do *Prophetess* é a Veneta do Velho.” Respondi que há outro livro de estatutos denominado “consciência”, o qual

é *lex loci* onde quer que se esteja sob o olhar de Deus. Autua estava aguardando seu julgamento com as calças de algodão que eu havia adquirido em Port Jackson (ele viera a bordo do navio no bote do sr. D'Arnoq trajando apenas sua tanga de selvagem e um colar de dentes de tubarão). Suas costas estavam visíveis. As marcas do chicote, esperava eu, dariam testemunho da sua resistência e despertariam compaixão no peito dos observadores.

Os ratos que se escondem nas paredes haviam espalhado a notícia do ocorrido, e a maioria dos marujos estava reunida no convés. (Meu aliado, Henry, ainda não se levantara, e não sabia de meus apuros.) O capitão Molyneux olhou o moriori de alto a baixo como quem examina uma mula e dirigiu-se a ele assim: "O sr. Ewing, que não sabe *nada* a respeito do modo como você entrou no meu navio, diz que se considera marinheiro".

Respondeu Autua, com coragem e dignidade: "Sim, senhor capitão, dous anos baleeiro *Mississippi* de Le Havre com capitão Maspero, e quatro anos *Cornucopia* de Filadélfia com capitão Caron, três anos…".

O capitão Molyneux interrompeu-o e apontou para as calças que Autua usava. "Você roubou essa roupa?" Autua percebeu que também eu estava sendo julgado. "Este cavalheiro cristão deu, senhor." A tripulação voltou os olhos na direção do dedo do clandestino, apontado para mim, e o sr. Boerhaave percebeu uma falha na minha armadura. "É mesmo? *Quando* que ele lhe deu esse presente?" (Lembrei-me dum aforismo de meu sogro: "Para enganar um juiz, finja estar fascinado, mas, para enganar todo o tribunal, finja estar entediado", e fiz que estava tirando um cisco do olho.) Autua respondeu, tal como fora instruído: "Há dez minutos, senhor, eu, sem roupa, cavalheiro falou: nu não pode, veste".

"Se você é marinheiro mesmo", nosso comandante apontou para cima com o polegar, "quero ver você arriar essa vela do mastro principal." Ao ouvir essa ordem, o clandestino ficou hesitante e confuso, e me dei conta da loucura que eu fizera ao depender da palavra daquele índio, porém Autua havia apenas percebido uma armadilha. "Senhor, esse não mastro principal,

mezena, não?” Impassível, o comandante fez que sim. “Então tenha a bondade de arriar a vela da *mezena*.”

Autua subiu o mastro mais que depressa, e comecei a ter esperanças de que nem tudo estava perdido. O sol recém-nascido deitava sua luz rente à superfície do mar, obrigando-nos a apertar os olhos. “Faça pontaria com minha arma”, o capitão instruiu o sr. Boerhaave, depois que o clandestino passou da carangueja da mezena, “e atire quando eu mandar!”

Neste momento protestei com muita veemência, dizendo que o índio recebera o Santo Sacramento, mas o comandante me mandou calar a boca ou então voltar para as ilhas Chatham a nado. Nenhum comandante americano seria capaz de matar um homem de modo tão odioso, nem mesmo sendo um negro! Autua chegou à verga do mastro principal com uma destreza simiesca, embora o mar estivesse agitado. Vendo a vela a desdobrar-se, um dos marinheiros mais calejados, um islandês sério, obediente e trabalhador, manifestou sua admiração para que todos ouvissem. “Esse escuro é marinheiro que nem eu, os dedo do pé dele parece que é anzol!” Foi tamanha minha gratidão que eu seria capaz de beijar suas botas. Em pouco tempo Autua arriou a vela — uma operação difícil até mesmo para uma equipe de quatro homens. O capitão Molyneux deu um rosnado de aprovação e mandou que o sr. Boerhaave guardasse a arma. “Mas nem por um c****** eu pago um tostão a um clandestino. Ele vai ter que trabalhar para pagar a passagem até o Havaí. Se o fizer direito, pode assinar o contrato lá, da maneira costumeira. Sr. Roderick, ele vai se instalar no beliche do espanhol que morreu.”

Gastei toda uma pena narrando os acontecimentos desse dia. Está escuro demais agora para enxergar qualquer cousa.

Quarta-feira, 20 de novembro

Vento leste forte, muito salgado e opressivo. Henry examinou-me e me deu uma notícia terrível, ainda que não a mais terrível de todas. Meu mal é um parasita, *Gusano coco cervello*. Trata-se dum verme endêmico por toda a Melanésia e a Polinésia, o qual, porém, só foi descoberto pela ciência há dez anos. Ele procria nos canais fétidos da Batávia, certamente o porto onde contraí a infecção. Uma vez ingerido, viaja através da corrente sanguínea do hospedeiro até chegar ao *cerebellum anterior*. (Daí minhas enxaquecas e vertigens.) Instalado no cérebro, entra em fase de gestação. "Você é um homem realista, Adam", disse-me Henry, "por isso não lhe vou dourar a pílula. Depois que as larvas se formam, o cérebro da vítima se transforma numa couve-flor cheia de vermes. Gases putrefacientes fazem com que os tímpanos e globos oculares fiquem saltados até serem ejetados, liberando uma nuvem de esporos de *Gusano coco*."

Eis minha sentença de morte, porém há também uma suspensão da execução e um recurso. Uma mistura de álcali de urússio com manganês-do-orinoco terá o efeito de calcificar meu parasita, e a mirra lafridítica então o desintegrará. A "botica" de Henry contém essas substâncias, porém é de importância fundamental que a dosagem seja precisa. Menos de meia dracma não tem efeito sobre o *Gusano coco*, porém uma quantidade maior mata o paciente ao mesmo tempo que o cura. Meu médico alerta-me para o fato de que, à medida que for morrendo o parasita, suas bolsas de veneno hão de se partir e espalhar seu conteúdo, de modo que me sentirei pior antes de me recuperar por completo.

Henry pede-me que não faça nenhum comentário a respeito de minha doença, pois hienas como Boerhaave alimentam-se de criaturas vulneráveis, e os marinheiros ignorantes por vezes manifestam hostilidade para com moléstias que desconhecem. ("Uma vez contaram-me que um marinheiro manifestou sintomas de lepra uma semana após partir de Macau, numa longa viagem de volta a Lisboa", relembrou Henry, "e toda a tripulação empurrou o infeliz para o mar, sem lhe dar ouvidos.") Durante minha convalescença, Henry dirá aos mexeriqueiros que o sr. Ewing está com um pouco de febre em consequência do clima, e ele próprio há de cuidar de

mim. Henry indignou-se quando mencionei seus honorários. “Honorários? Você não é nenhum visconde numa vilegiatura, dormindo num travesseiro estofado com cédulas! Foi a Providência que o trouxe até minhas mãos, pois duvido que haja cinco homens em todo este oceano Pacífico capazes de curá-lo! Nem honorário, nem meio honorário! Só lhe peço, meu caro Adam, que seja um paciente obediente! Por favor, tome os pós que lhe vou dar e recolha-se a seu camarote. Vou ter consigo quando todos os outros me deixarem em paz.”

Meu médico é um diamante bruto de grande quilate. Enquanto escrevo estas palavras, tenho os olhos rasos de gratidão.

Sábado, 30 de novembro

Os pós de Henry são mesmo milagrosos. Eu inalo aqueles grãos preciosos usando uma colher de marfim, e no mesmo instante uma alegria incandescente arde em meu ser. Meus sentidos ficam alertas, e no entanto meus membros tornam-se letárgicos. Meu parasita ainda se debate à noute, como o dedo de um recém-nascido, provocando espasmos de dor, e assolam-me sonhos obscenos e monstruosos. “Sinal inconfundível”, consola-me Henry, “de que seu verme reage ao nosso vermicida e busca abrigo nos canais cerebrais donde provêm as visões. É em vão que *Gusano coco* tenta esconder-se, meu caro Adam. Nós havemos de arrancá-lo de lá!”

Segunda-feira, 2 de dezembro

De dia, meu caixão é quente como um forno e meu suor umedece estas páginas. O sol tropical engorda e enche todo o céu ao meio-dia. Os homens trabalham seminus, com chapéu de palha, o torso escurecido pelo sol. No tabuado escorre um piche escaldante que gruda na sola dos sapatos. Rajadas

de chuva surgem do nada e desaparecem com a mesma rapidez com que vieram, e um minuto depois o convés está seco. Caravelas-portuguesas pulsam naquele mar de azougue, peixes-voadores fascinam quem os contempla e sombras ocra de cações-martelos circundam o *Prophetess*. Antes, pisei numa lula que havia saltado para cima da amurada! (Os olhos e o bico dela me lembraram de meu sogro.) A água que recolhemos na ilha Chatham agora está repugnante, e, não estando misturada com um pouco de conhaque, meu estômago não a aceita. Quando não estou jogando xadrez no camarote de Henry ou no refeitório, repouso em meu caixão até que Homero me faz adormecer, sonhando com velas de naus atenienses grávidas de vento.

Ontem Autua bateu à porta de meu caixão para agradecer-me por salvar sua vida. Disse-me que está em dívida comigo (o que é verdade) e permanecerá assim até o dia em que *ele* salvar minha vida (que esse dia jamais venha a ser!). Perguntei-lhe como estava se saindo em sua nova função. “Melhor que escravo de Kupaka, sr. Ewing.” Por fim, percebendo meu temor de que alguém fosse testemunha de nosso encontro e fizesse um relato ao capitão Molyneux, o moriori voltou ao castelo de proa, e desde então não me procurou mais. Alerta-me Henry: “Uma cousa é dar uma mãozinha a um negro, outra bem diversa é assumi-lo pelo resto da vida! A amizade entre pessoas de raças diferentes, Ewing, jamais pode ir além do afeto entre um cão de caça leal e seu dono”.

Todas as noutes eu e meu médico caminhamos um pouco no tombadilho antes de nos deitar. Só de respirar um ar mais fresco tem-se prazer. A vista perde-se numa extensão de fosforescências marítimas e no Mississippi de estrelas que se derrama nos céus. Ontem à noute, os homens estavam reunidos na coberta de proa trançando gaxetas com capim para fazer cordas à luz das lanternas, e a proibição de “extranumerários” no convés parecia não estar em vigor. (Desde o “Incidente de Antua”, o desprezo para com o “sr. Pica de Pena” está em recesso, tal como o epíteto.) Bentnail cantou dez estrofes sobre bordéis do mundo, tão indecentes que seriam capazes de pôr para correr o mais lúbrico dos sátiros. Henry contribuiu com uma estrofe

adicional (sobre uma tal de Maria M****a que era de Verona) que engrossou ainda mais o caldo. Em seguida, Rafael foi coagido a dar seu quinhão. Ele sentou-se no “mata-marujo” e cantou os versos que se seguem numa voz não trabalhada, porém honesta e sincera:

Ah, Shenandoah, que saudade,
Não me esqueço de ti.
Ah, Shenandoah, digo a verdade,
Vamos singrar de alto a baixo o Missouri.
Ah, Shenandoah, amo tua filha,
Amo tuas águas, tuas ilhas.
Segue o navio por águas agitadas,
Tenso é o cordame, as velas ’stão infladas,
O Missouri é um osso duro de roer.
Vamos fazer a gávea estremecer.
Ah, Shenandoah, rio da minha sorte,
Hei de te amar ’té o dia da minha morte.

O silêncio, partindo de marujos grosseiros, é um aplauso mais veemente do que qualquer panegírico erudito. Como é que Rafael, rapaz nascido na Austrália, sabe de cor uma canção americana? “Eu nem sabia que era uma música de ianque”, respondeu ele, constrangido. “Foi minha mãe que me ensinou antes d’ela morrer. É a única cousa sua que eu inda tenho. Ficou na minha cabeça.” E retomou o trabalho, com uma secura constrangida em seus gestos. Eu e Henry sentimos mais uma vez a hostilidade que emana dos trabalhadores, dirigida aos que se limitam a ser observadores ociosos, e assim deixamos os homens entregues a seus afazeres.

Lendo a anotação de 15 de outubro, dia em que conheci Rafael,

---

* Meu pai nunca me falou dos dendróglifos, e deles só fiquei sabendo tal como relatei na Introdução. Agora que os moriori da ilha Chatham são uma raça que já traspassaram a beira do abismo da extinção, não há mais motivo para preocupar-se com o risco de traí-los. — J. E.

Cartas de Zedelghem

CHÂTEAU ZEDELGHEM
NEERBEKE
WEST VLAANDEREN
29-VI-1931

Sixsmith,

Sonhei que estava numa loja de porcelana de tal modo apinhada, do chão até o longínquo teto, de prateleiras com antiguidades de porcelana etc. que bastaria eu mexer um músculo para que várias peças caíssem e se espatifassem. Justamente o que aconteceu, só que em vez de um ruído de coisas se quebrando ouviu-se um nobre acorde, entre o violoncelo e a celesta, ré maior (?), sustentado por quatro tempos. Meu pulso derrubou de seu pedestal um vaso da dinastia Ming — mi bemol, toda a seção de cordas, glorioso, transcendente, anjos chorando. Agora de propósito, despedacei um bibelô em forma de boi na nota seguinte, depois uma moça ordenhando uma vaca, depois uma criança — uma orgia de estilhaços encheu o ar, harmonias divinas encheram-me a cabeça. Ah, que música! Visão fugitiva de meu pai somando os valores dos objetos destruídos, a pena da caneta brilhando, mas eu *tinha* que dar continuidade àquela música. Sabia que me tornaria o maior compositor do século se conseguisse me apossar dela. Um monstruoso *Cavaleiro risonho* lançado contra a parede desencadeou uma tremenda bateria de percussão.

Acordei na minha suíte no Western Imperial, os cobradores de Tam Brewer quase derrubando minha porta de tanto nela bater e muito alvoroço vindo do corredor. Não haviam sequer esperado até que eu me barbeasse — a vulgaridade estonteante desses rufiões. Não tive opção senão escapulir depressa pela janela do banheiro antes que o estardalhaço levasse a gerência a descobrir que o jovem cavalheiro do quarto 237 não dispunha de meios com que pagar sua conta já elevada. A fuga, lamento informar, não foi perfeita. Cano de águas pluviais arrancado da parede com o estrépito de um violino violentado, e lá se foi para o chão seu velho companheiro. Nádega esquerda muito contundida. Um pequeno milagre eu não ter partido a espinha nem me empalado na grade. Aprenda com meu exemplo, Sixsmith. Quando estiver inadimplente, leve pouca bagagem, uma valise que sobreviva ao impacto de ser lançada numa calçada londrina de uma janela do segundo ou terceiro andar. Não escolha hotéis com mais de três andares. Escondi-me numa sala de chá num recanto cheio de fuligem da Victoria Station, tentando transcrever a música da loja de porcelanas sonhada — consegui apenas dois míseros compassos. De bom grado me entregaria aos braços de Tam Brewer se conseguisse recuperar aquela música. Desânimo total. Tipos proletários me cercavam, dentes estragados, vozes de papagaios e otimismo infundado. Terrível pensar como uma péssima noite de bacará pode alterar a condição social de um cidadão de modo tão irreversível. Aqueles lojistas, motoristas de táxi e artesãos tinham mais moedas de meia coroa e de três pence guardadas em seus colchões sujos em Stepney do que eu, filho de um figurão da Igreja. Vislumbre de um beco: escrivães humildes correndo de um lado para o outro como fusas num *allegro* de Beethoven. Medo deles? Não, medo de *ser* um deles. De que valem a instrução, a educação e o talento se não se tem um penico em que mijar?

Ainda não consigo acreditar. Eu, ex-aluno do Caius College de Cambridge, à beira da indigência. Os hotéis decentes já não me deixam poluir seus saguões. Os indecentes exigem pagamento em dinheiro à vista. Sou barrado em qualquer mesa de jogo de boa reputação a leste dos Pirineus. Enfim, resumi minhas alternativas:

(i) Usar os tostões que me restam para alugar um quarto sujo em alguma pensão, implorar para conseguir alguns guinéus com o tio Cecil Ltda., ensinar escalas a mocinhas perliquitetes e técnica avançada a solteironas ressentidas. Ora. Se eu conseguisse simular reverência a idiotas, continuaria a puxar o saco do professor Mackerra junto com meus ex-colegas de graduação. Não, antes que você me diga tal coisa, *não posso* voltar correndo para os braços paternos com mais um *cri de cœur*. Isso seria confirmar todas as coisas venenosas que ele já disse a meu respeito. Antes saltar do alto da ponte de Waterloo e deixar que o velho Tâmisa me humilhe. Sério.

(ii) Correr atrás de ex-colegas do Caius, bajulá-los e me convidar para ficar na casa deles no verão. Problemático, pelos motivos expostos em (i). Por quanto tempo eu conseguiria esconder a situação deplorável de minha carteira? Por quanto tempo conseguiria me esquivar da piedade deles, das garras deles?

(iii) Procurar o bookmaker do Jockey Club — mas e se eu perder?

Você há de observar que estou colhendo o que plantei, Sixsmith, mas guarde no bolso esse argumento pequeno-burguês e fique do meu lado mais um pouco. Numa plataforma repleta de gente, um guarda anunciou que o trem rumo a Dover, de onde parte o navio para Oostende, atrasou trinta minutos. Esse guarda foi meu crupiê, convidando-me a dobrar a aposta ou então cair fora. Se a gente fecha a boca, fica quieto e *escuta* — eis que o mundo põe em ordem as ideias da gente, principalmente numa imunda estação ferroviária londrina. Tomei de um só gole meu chá vagabundo e fui andando até a bilheteria. Uma passagem de ida e volta para Oostende era cara demais — para você ver como estava periclitante minha situação —, e assim o jeito foi comprar só a ida. Entrei no vagão no momento exato em que o apito da locomotiva soou como uma revoada de flautins das Fúrias. E vamos nós.

Eis então meu plano, inspirado por uma matéria do *Times* e um longo devaneio etílico na minha suíte no Savoy. Nos cafundós da Bélgica, ao sul de Bruges, vive um compositor inglês recluso chamado Vyvyan Ayrs. Você

não terá ouvido falar nele porque é um ignorante em matéria de música, mas Ayrs é um dos grandes. O único britânico de sua geração a rejeitar a pompa, a circunstância, a rusticidade e o charme. Não produz nenhuma obra desde o início dos anos vinte por motivo de doença — está catacego e mal consegue segurar uma caneta —, no entanto, a resenha publicada pelo *Times* do seu *Magnificat Profano* (executado na semana passada na St. Martin's) menciona uma gaveta cheia de obras inacabadas. Em meu devaneio, viajo à Bélgica, convenço Vyvyan Ayrs de que ele precisa me contratar como amanuense, aceito sua oferta de me dar aulas de música, disparo no firmamento musical, ganho fama e fortuna proporcionais a meus talentos, e obrigo meu pai a reconhecer que o filho por ele deserdado é o grande Robert Frobisher, o maior compositor britânico de seu tempo.

E por que não? Era o melhor plano que eu tinha. Você geme e sacode a cabeça, Sixsmith, bem o sei, porém sorri também, e é por isso que amo você. Uma viagem tranquila até a Mancha… subúrbios cancerosos, fazendas tediosas, a sujeira de Sussex. Dover, um lugar pavoroso administrado por bolcheviques, as famosas falésias de giz tão românticas quanto meu traseiro, e mais ou menos da mesma cor. Troquei meus últimos xelins por francos no porto e entrei na minha cabine do *Kentish Queen*, uma banheira enferrujada que parece ter idade suficiente para ter sido utilizada na guerra da Crimeia. Camareiro jovem com cara de batata, com uniforme cor de vinho e barba nada convincente que me levaram a concluir que ele não valia uma gorjeta. Dirigiu um olhar debochado à minha valise e à minha pasta de manuscritos — "O senhor viaja com pouca bagagem, o que é sensato" — e foi-se embora, eu que me virasse sozinho. Por mim, melhor assim.

O jantar foi frango de madeira, batata farinhenta e um clarete bastardo. Meu comensal foi um certo sr. Victor Bryant, o rei dos talheres de Sheffield. Zero em matéria de música. Passou a maior a parte da refeição discorrendo sobre colheres, tomou minha atitude polida por interesse e ali mesmo me ofereceu emprego no seu departamento de vendas! Dá para acreditar? Agradeci (mantendo o rosto impassível) e confessei que preferia engolir

talheres a vendê-los. Três tremendos apitos da buzina de nevoeiro, as máquinas mudaram de timbre, senti que o navio partia, fui ao tombadilho ver Álbion se afastar na garoa do crepúsculo. Não há como voltar atrás agora; dei-me conta das consequências do que eu havia feito. Ralph Vaughan Williams regeu a *Sinfonia Marítima* executada pela Orquestra da Mente, *Zarpa, toma por rumo apenas as águas mais fundas, Afoita, Ó Alma, a explorar, eu contigo, e tudo comigo*. (Não gosto muito dessa obra, mas ela foi programada com perfeição.) O vento do Mar do Norte me fazia estremecer, a maresia lambia meu corpo dos pés à cabeça. A água negra e brilhosa me convidava. Ignorei-a. Deitei-me cedo, folheei o *Contrapuntals* de Noyes, ouvi os metais distantes da sala de máquinas e esbocei uma passagem repetitiva para trombone com base nos ritmos do navio, mas saiu uma bela porcaria, e então imagine quem veio bater à minha porta? O camareiro com cara de batata, cujo turno havia se encerrado. Dei a ele bem mais do que uma gorjeta. Nenhum Adônis, magricela, porém criativo para sua classe. Expulsei-o depois e mergulhei no sono dos mortos. Uma parte de mim não queria que aquela viagem terminasse jamais.

Mas ela terminou. O *Kentish Queen* encaixou-se na irmã gêmea de Dover, com dentes quebrados, Oostende, a Dama de Dúbia Virtude. De manhã cedo, bem cedo, os roncos da Europa eram tubas baixas nas profundezas. Vi meus primeiros aborígines belgas, levantando engradados, discutindo e *pensando* em flamengo, holandês, seja lá o que for. Fiz minha valise num piscar de olhos, temendo que o navio me levasse de volta para a Inglaterra estando eu ainda a bordo; ou, melhor dizendo, temendo que eu deixasse que isso acontecesse. Peguei algo de comer numa fruteira da cozinha da primeira classe e desci correndo a prancha de desembarque antes que alguém trajando um uniforme com passamanes viesse a meu encalço. Pisei o macadame do continente e perguntei a um funcionário da alfândega onde ficava a estação ferroviária. Ele apontou para um bonde que gemia, no qual se amontoavam trabalhadores desnutridos, raquitismo e penúria. Preferi me valer do bipedismo, apesar da garoa. Fui seguindo a linha do bonde, passando por ruas que eram como caixões. Oostende é toda em tons

de cinza-tapioca e marrom-sujeira. Admito que estava pensando: a Bélgica é um péssimo lugar para se fugir. Comprei uma passagem para Bruges e galguei a escada do próximo trem — não há plataformas, dá para acreditar? —, um trem decrépito, vazio. Troquei de cabine porque a minha fedia, mas todas tinham o mesmo bodum. Fumei uns cigarros filados de Victor Bryant para purificar o ar. O apito do agente da estação soou na hora certa, a locomotiva fez força, como um inspetor de Cambridge sentado no penico, antes de começar a funcionar. Em seguida, partiu fumegando por uma paisagem nevoenta de diques malcuidados e arvoredos estragados a uma velocidade sofrível.

Se meu plano frutificar, Sixsmith, em breve você poderá vir para Bruges. Quando vier, chegue àquela hora *gnossiennesque* das seis. Perca-se nas ruas raquíticas da cidade, nos seus canais sem saída, portões de ferro trabalhado, pátios desabitados — posso continuar? Ah, obrigado — carapaças góticas debochadas, telhados Ararat, pináculos de tijolo forrados de arbustos, redemoinhos de paralelepípedos que fisgam o olhar da gente, príncipes e princesas mecânicos que dão as horas, pombas cobertas de fuligem e três ou quatro oitavas de sinos, alguns melancólicos, outros animados.

O aroma de pão atraiu-me a uma padaria onde uma mulher deformada, sem nariz, vendeu-me uma dúzia de croissants. Eu só queria um, mas pensei que ela já tinha problemas demais. A carroça de um belchior se arrastava pela névoa, e o cocheiro desdentado dirigiu-me um comentário simpático, mas a única resposta que pude lhe dar foi "*Excusez-moi, je ne parle pas le flamand*", que o fez rir como o Rei dos Duendes. Dei-lhe um croissant. Sua mão imunda era uma pata coberta por uma crosta. Num bairro pobre (os becos fediam a águas servidas), crianças ajudavam as mães junto aos poços, enchendo jarras desbeiçadas de água pardacenta. Por fim, toda aquela animação foi demais para mim, sentei-me na escada de um moinho de vento moribundo para descansar um pouco, agasalhei-me para me proteger da umidade, adormeci.

Quando dei por mim, uma bruxa estava a me cutucar com seu cabo de vassoura, guinchando algo assim como "*Zie gie doad misschien*?", mas não

cite esta minha transcrição. Céu azul, sol quente, nem um fiapo de neblina à vista. Ressuscitado, piscando, ofereci-lhe um croissant. Ela aceitou, desconfiada, guardou-o no avental para depois e retomou sua varrição, rosnando uma cantiga antiquíssima. Creio que foi uma sorte eu não ter sido roubado. Dividi outro croissant com cinco mil pombos, despertando a inveja de um mendigo, e por isso fui obrigado a lhe dar um também. Voltei a pé pelo caminho que imagino ter seguido na véspera. Numa janela estranha, pentagonal, uma donzela alva estava fazendo um arranjo de violetas-africanas num vaso de cristal. As moças são fascinantes sob diversos aspectos. Experimente uma delas um dia desses. Dei uns tapinhas na vidraça e perguntei-lhe em francês se ela poderia salvar minha vida apaixonando-se por mim. Fez que não com a cabeça, mas sorriu, achando graça. Perguntei onde encontrar uma delegacia. Ela apontou para uma encruzilhada. É fácil para um músico reconhecer outro em qualquer contexto, mesmo entre policiais. É o de olhar mais enlouquecido, de cabelo mais despenteado, ou bem magro e famélico ou bem rechonchudo e jovial. Aquele inspetor, que falava francês, tocava corne-inglês, era membro da sociedade operística da localidade, já ouvira falar de Vyvyan Ayrs e me fez o favor de desenhar um mapa do caminho a Neerbeke. Dei-lhe dois croissants em paga por essa informação. Ele perguntou se eu tinha embarcado num navio com meu carro inglês — o filho dele era fanático por Austins. Respondi que não tinha carro. Isso o deixou preocupado. Como eu poderia ir a Neerbeke? Não havia ônibus, nem trem, e quarenta quilômetros era uma caminhada e tanto. Perguntei se podia levar emprestada a bicicleta de um policial por um período indefinido. Ele respondeu que isso seria muito irregular. Garanti-lhe que eu próprio era muito irregular, e esbocei a natureza de minha missão junto a Ayrs, o filho adotivo mais famoso da Bélgica (são tão poucos que talvez isso seja mesmo verdade), a serviço da música europeia. Reiterei meu pedido. Uma verdade implausível às vezes é mais útil do que uma ficção plausível, e esta foi uma dessas vezes. O honesto sargento levou-me a um recinto onde objetos perdidos ficam aguardando a hora de serem reclamados por seus legítimos proprietários

durante alguns meses (antes de ser levados para o mercado negro) — mas antes, ele queria que eu desse minha opinião a respeito de sua voz de barítono. Cantou-me um trecho de “Recitar!… Vesti la giubba!” de *I Pagliacci*. (Uma voz até bastante agradável nos registros mais baixos, porém a respiração precisava ser trabalhada, e o vibrato tremia como uma placa de zinco de fazer trovão no teatro.) Fiz-lhe algumas recomendações musicais; recebi de empréstimo uma Enfield vitoriana e mais uma corda para amarrar minha valise e minha pasta ao selim e ao para-lama traseiro. Ele me desejou *bon voyage* e tempo bom.

Adrian jamais teria caminhado por aquela estrada que percorri de bicicleta saindo de Bruges (em pleno território chucrute), mas assim mesmo senti uma afinidade com meu irmão por estar respirando o mesmo ar da mesma terra. A planície é tão plana quanto os pântanos da região dos Fens, mas está em mau estado. Ao longo do caminho, alimentei-me com os últimos croissants, e parei em cabanas miseráveis para pedir água. Ninguém falou muito, mas ninguém disse “não”. Por estar eu indo contra o vento e por ter a bicicleta uma corrente que a toda hora saía do lugar, a tarde já morria antes que eu chegasse à aldeia de Ayrs, Neerbeke. Um ferreiro taciturno mostrou-me como chegar ao Château Zedelghem fazendo acréscimos a meu mapa com um toco de lápis. Uma aleia com campânulas e linárias no meio da pista me levou a uma guarita abandonada, e cheguei a uma avenida outrora majestosa ladeada por choupos-negros. Zedelghem é mais grandioso do que a nossa reitoria, com ameias em ruínas a enfeitar a ala oeste, mas não chega aos pés de Audley End, nem da mansão de Capon-Tench. Vi uma moça subindo a cavalo um outeiro coroado por uma faia naufragada. Passei por um jardineiro que jogava fuligem em cima das lesmas que infestavam uma horta. Numa espécie de átrio, um criado musculoso estava descarburizando um Cowley modelo Nariz-Chato. Ao me ver, levantou-se e ficou à minha espera. Num canto elevado desta frisa, havia um homem numa cadeira de rodas debaixo de uma glicínia espumante, ouvindo rádio. Vyvyan Ayrs, imaginei. A parte mais fácil do meu devaneio estava concluída.

Encostei a bicicleta na parede, disse ao criado que tinha negócios a discutir com seu patrão. Ele foi até educado e levou-me ao terraço onde estava Ayrs, anunciando minha chegada em alemão. Ayrs parecia um homem reduzido à casca, como se a doença lhe tivesse sugado todo o suco; porém ajoelhei-me no cascalho como Sir Percival diante do rei Artur. Nossa abertura foi mais ou menos assim:

"Boa tarde, sr. Ayrs."

"Quem é você, hein?"

"É uma grande honra…"

"Eu perguntei 'Quem é você, *hein*?'"

"Robert Frobisher, de Saffron Walden. Sou — fui — aluno de Sir Trevor Mackerras no Caius College, e vim lá de Londres para…"

"Veio lá de Londres de bicicleta?"

"Não. Peguei a bicicleta emprestada com um policial em Bruges."

"É mesmo?" Pausa para pensar. "Deve ter levado horas."

"Movido pelo amor, meu senhor, como os peregrinos que sobem morros de joelhos."

"Mas que baboseira é essa?"

"Eu queria provar que sou um candidato sério."

"Candidato sério a quê?"

"Ao cargo de seu amanuense."

"Você é maluco?"

Uma pergunta sempre mais complicada do que parece. "Acho que não."

"Olhe aqui, eu não pus nenhum anúncio pedindo um amanuense!"

"Eu sei, mas o senhor precisa de um, mesmo que ainda não saiba disso. A matéria que saiu no *Times* dizia que não está conseguindo compor por causa da sua doença. Não posso permitir que sua música se perca. É preciosa demais para que isso aconteça. Por isso vim oferecer meus serviços."

Bem, ele não me despachou sumariamente. "Como é mesmo seu nome?" Respondi sua pergunta. "Um dos pupilos brilhantes do Mackerras, é?"

"Para ser franco, meu senhor, ele me tinha ojeriza."

Como você bem sabe, tendo aprendido da pior maneira, quando eu realmente me esforço até consigo me tornar fascinante.

“É mesmo? E por quê?”

“Eu disse que seu sexto concerto para flauta”, pigarreei, “era ‘um escravo do que há de mais espalhafatoso no Saint-Saëns pré-púbere’, na revista da faculdade. Ele levou a coisa para o lado pessoal.”

“Você escreveu *isso* sobre o Mackerras?” Arquejou Ayrs, como se suas costelas estivessem sendo serradas. “É *claro* que ele levou para o lado pessoal.”

Não há muito mais a dizer. O criado conduziu-me até uma sala de visitas com paredes verde-casca-de-ovo, um Farquharson desinteressante — carneiros e medas de trigo — e uma paisagem holandesa não muito boa. Ayrs convocou sua mulher, a sra. Van Outryve de Crommelynck. Ela manteve o nome de solteira e, com um nome desses, quem há de criticá-la? A anfitriã foi de uma cortesia fria e fez perguntas a meu respeito. Respondi sem mentir, embora sem mencionar minha expulsão do Caius, disfarçada como uma doença obscura. Sobre minha atual situação de penúria eu não disse absolutamente nada — quanto mais desesperado o caso, mais relutante o doador. Meu charme foi suficiente. Ficou decidido que eu podia pelo menos passar aquela noite em Zedelghem. Ayrs me pediria uma demonstração de meus dotes musicais na manhã seguinte, o que lhe permitiria tomar sua decisão quanto à minha proposta.

Porém ele não apareceu na hora do jantar. Minha chegada coincidiu com o início da enxaqueca que o ataca a cada quinzena, a qual o mantém confinado a seus aposentos por um ou dois dias. Minha audição foi adiada até ele melhorar, de modo que meu destino ainda está para ser decidido. O lado bom da coisa é que o Piesporter e a lagosta *à l’américaine* estavam no nível do Imperial. Estimulei minha anfitriã a falar — creio que ficou lisonjeada ao constatar o quanto eu sei sobre seu ilustre marido e percebeu meu amor genuíno pela música dele. Ah, jantamos acompanhados também pela filha de Ayrs, a jovem amazona que eu vira de relance antes. Mlle. Ayrs é uma criatura equina de dezessete anos, com o nariz *rétroussé* da

mãe. Não consegui arrancar uma única palavra polida dela durante todo o jantar. Será que a moça me vê como um penetra trapaceiro inglês sem ter onde cair morto, que veio aqui para proporcionar a seu pai doente um último momento de glória do qual ela não participará e no qual não será bem-vinda?

As pessoas são complicadas.

Já passa de meia-noite. O *château* dorme, e eu preciso fazer o mesmo.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
3-VII-1931

Um telegrama, Sixsmith? Sua *besta*.

Não faça isso nunca mais, eu lhe peço encarecidamente — telegrama chama a atenção! Sim, eu continuo no estrangeiro, sim, protegido dos capangas de Brewer. Rasgue o pedido de informação de meus pais a respeito de meu paradeiro e jogue os pedaços no rio Cam. O velho só está "preocupado" porque meus credores o estão sacudindo para ver se caem algumas cédulas da nossa árvore genealógica. Mas as dívidas de um filho deserdado não são da conta de ninguém, só do filho — pode crer, eu me informei sobre os aspectos legais da questão. A velha não está "desesperada". A única coisa capaz de desesperá-la seria a falta de vinho na mesa.

Minha audição teve lugar na sala de música de Ayrs, depois do almoço, anteontem. Não foi um sucesso arrasador, para dizer o mínimo — não sei quanto tempo vou poder ficar aqui, ou melhor, se vão me deixar ficar aqui. Admito que senti certo frisson ao sentar-me no banco do piano de Vyvyan Ayrs. O tapete oriental, o divã surrado, os armários bretões cheios de estantes de música, o piano de cauda Bösendorfer, o carrilhão, tudo isso testemunhou a concepção e o nascimento das *Variações Boneca Matrioshka* e do ciclo de canções *Arquipélago da Sociedade*. Dedilhei o exato

violoncelo que foi o primeiro a vibrar ao som do *Untergehen Violinkonzert*. Quando ouvi Hendrick empurrando a cadeira de rodas de seu patrão em direção à sala de música, parei de bisbilhotar e virei-me para a porta. Ayrs ignorou meu comentário "Espero que o senhor esteja recuperado" e mandou que seu criado o deixasse de frente para a janela que dá para o jardim. "Então?", ele me perguntou, quando já estávamos a sós há meio minuto. "Vamos lá, me impressione." Indaguei o que ele queria ouvir. "Tenho que escolher o programa também? Bem, você sabe tocar o *Bife*?"

Assim, sentei ao Bösendorfer e toquei para aquele esquisitão sifilítico uma versão do *Bife* à maneira de um Prokófiev irônico. Ayrs não fez nenhum comentário. Continuei, de modo mais sutil, com o noturno em fá maior de Chopin. Ele interrompeu-me com um gemido: "Está tentando desprender minha anágua dos meus calcanhares, Frobisher?". Toquei, da lavra do próprio V. A., as *Digressões sobre um tema de Lodovico Roncalli*, mas antes mesmo de terminar o segundo compasso ele soltou um palavrão de grosso calibre, bateu no assoalho com a bengala e disse: "A autogratificação causa cegueira, não lhe ensinaram isso lá no Caius?". Ignorei o comentário e terminei a peça sem errar nenhuma nota. Como final apoteótico, apostei na sonata 212 em lá maior de Scarlatti, uma *bête noire* de arpejos e acrobacias. Uma ou duas vezes me enrolei, mas aquilo não era uma audição para dar um recital como solista. Quando terminei, V. A. continuava balançando a cabeça ao ritmo da sonata concluída; ou então estava regendo os choupos trêmulos que balançavam lá fora. "Execrável, Frobisher, saia da minha casa agora mesmo!" teria me causado infelicidade, mas não surpresa. Na verdade, o que ele disse foi: "*Talvez* você tenha talento para a música. O dia está bonito. Vá dar um passeio no lago para ver os patos. Preciso, ah, de um pouco de *tempo* para decidir se posso ou não dar alguma utilidade aos seus… dotes".

Fui embora sem dizer nada. O bode velho me quer, pelo visto, mas só se eu fizer demonstrações patéticas de gratidão. Se minha carteira me permitisse ir embora, chamaria um táxi de Bruges e desistiria da ideia. Quando eu já estava no corredor, Ayrs me chamou. "Alguns conselhos,

Frobisher, de graça. Scarlatti era cravista, e não pianista. Não o encharque com tantas cores e não use o pedal para sustentar notas que você não consegue sustentar com os dedos.” Respondi que eu precisava, ah, de um pouco de *tempo* para decidir se podia ou não dar alguma utilidade aos… dotes de Ayrs.

Atravessei o pátio, onde um jardineiro de rosto cor de beterraba estava arrancando o capim que sufocava um chafariz. Disse-lhe que eu queria falar com sua patroa e pronto — o homem não é a cabeça mais brilhante do lugar — ele apontou em direção à estrada de Neerbeke, fazendo um gesto de mãos no volante. Que maravilha. E agora? Ir ver os patos, por que não? Talvez estrangular dois deles e deixá-los pendurados no guarda-roupa de V. A. Vendo tudo preto na minha frente. Então imitei um pato e perguntei ao jardineiro: “Onde?”. Ele apontou para a faia e fez um gesto que significava: ande naquela direção, é logo do outro lado. Parti, pulei por cima de uma vala abandonada, mas antes de chegar ao ponto mais alto do caminho ouvi um galope, e a srta. Eva van Outryve de Crommelynck — de agora em diante vou deixar por Crommelynck puro e simples, senão minha tinta vai acabar — vinha se aproximando, montada em seu pônei preto.

Acenei para ela. A moça me contornou a meio galope como se fosse a rainha Boadiceia, fazendo questão de ignorar-me. “Como está úmido o ar hoje”, foi meu comentário sarcástico. “Acho que vai chover mais tarde, não acha?” Ela não disse nada. “A elegância da sua roupa não condiz com a dos seus modos”, comentei. Nada. Ouviram-se tiros do outro lado dos campos, e Eva tranquilizou sua montaria. A qual é uma beleza — contra o pônei não tenho nada. Perguntei a Eva qual era o nome dele. Ela jogou para trás alguns cachos em forma de saca-rolhas que lhe caíam sobre as faces. “*J’ai appelé le poney Nefertiti, d’après cette reine d’Egypte qui m’est si chère*”, e foi-se embora. “A criatura fala!”, exclamei, e fiquei a vê-la afastando-se, até reduzir-se a uma miniatura num pastoral de Van Dyck. Disparei tiros de morteiro em direção a ela, descrevendo parábolas elegantes. Voltei minha artilharia para o Château Zedelghen e reduzi a ala do castelo onde mora

Ayrs a um monte de escombros fumegantes. Lembrei em que país estamos e parei.

Além da faia partida, o prado dá lugar a um lago ornamental, onde sapos coaxam. O lugar já viu dias melhores. Uma pontezinha precária dá acesso a uma ilha, e abundam antúrios em flor. De vez em quando peixes de aquário saltitam e brilham como moedas novas jogadas dentro d'água. Patos-mandarins bigodudos grasnam pedindo pão, mendigos muito bem vestidos — como eu, aliás. Andorinhas fizeram ninho numa casa de barcos construída com tábuas alcatroadas. À sombra de uma fileira de pereiras — outrora um pomar? — deitei-me e entreguei-me ao ócio, uma arte que aperfeiçoei durante minha longa convalescença. Um ocioso e um vagabundo são duas coisas tão diferentes quanto um *gourmant* e um glutão. Fiquei vendo o êxtase aéreo de duas libélulas a copular. Cheguei a ouvir suas asas, um som vibrante, como um papel batendo nos raios de uma bicicleta. Fiquei a contemplar uma cobra-de-vidro que explorava uma Amazônia em miniatura em torno das raízes onde eu estava deitado. Silencioso? Não completamente, não. Fui despertado muito mais tarde, pelas primeiras gotas de chuva. Cúmulos-nimbos estavam atingindo a massa crítica. Voltei correndo para Zedelghem, correndo como nunca mais hei de correr, só para ouvir aquele pulsar nos canais de meus ouvidos e sentir as primeiras gotas gordas baterem-me no rosto como martelos de xilofones.

Mal tive tempo de vestir minha única camisa limpa antes que soasse o gongo do jantar. A sra. Crommelynck pediu desculpas, o apetite de seu marido ainda estava fraco e a *demoiselle* preferia comer sozinha. Para mim, perfeito. Guisado de enguia, molho de cerefólio, chuva fina no terraço. Ao contrário da prática adotada na Frobisheria e na maioria dos lares ingleses que conheço, no *château* as refeições não transcorrem em silêncio, e Mme. C. me contou um pouco a respeito da sua família. Há Crommelyncks vivendo em Zedelghem desde os dias longínquos em que Bruges era o porto marítimo mais movimentado da Europa (segundo ela, difícil de acreditar), de modo que Eva representava o glorioso produto de seis séculos de história

familiar. Meus sentimentos em relação à mulher ficaram mais positivos, reconheço. Ela fala como um homem e fuma cigarros com cheiro de mirra, usando uma cigarreira feita com chifre de rinoceronte. Porém ela haveria de perceber na hora se algum objeto valioso desaparecesse. Eles já tiveram criados de mão leve no passado, Mme. C. mencionou como se por acaso, e até mesmo um ou dois hóspedes mais pobres, se eu conseguia acreditar que há pessoas capazes de se comportar de modo tão ignóbil. Garanti-lhe que meus pais tinham tido o mesmo problema, e joguei verde a respeito da minha audição. “Ele comentou que o seu Scarlatti era ‘apresentável’. O Vyvyan não gosta de elogios, nem de dar nem de receber. Diz ele: ‘Se as pessoas elogiam você, é porque você não está trilhando seu próprio caminho’.” Perguntei sem maiores rodeios se ela achava que ele haveria de me aceitar. “Espero que sim, Robert.” (Em outras palavras: é esperar para ver.) “Você precisa entender, ele já está resignado com a possibilidade de nunca mais compor. Essa resignação foi muito dolorosa para ele. Ressuscitar a esperança de que talvez volte a fazê-lo — bom, é um risco que não se deve correr de modo leviano.” Assunto encerrado. Mencionei meu encontro com Eva à tarde, e Mme. C. declarou: “Minha filha não foi muito educada”.

“Foi reservada”, minha resposta perfeita.

Minha anfitriã completou meu copo. “A Eva tem um gênio desagradável. Meu marido não teve praticamente nenhum interesse em lhe dar uma educação de moça fina. Nunca quis ter filhos. Dizem que pai e filha sempre se adoram, não é? Aqui em casa não é bem assim, não. Segundo os professores, ela é estudiosa, porém fechada, e nunca tentou aperfeiçoar-se em música. Muitas vezes tenho a impressão de que não a conheço nem um pouco.” Enchi o copo de Mme. C. e ela pareceu animar-se. “Já estou eu me lamentando. Suas irmãs são rosas inglesas de modos absolutamente impecáveis, não são, monsieur?” Pouco provável que o interesse dela nas *memsahibs* da Frobisheria seja sincero, mas minha anfitriã gosta de me ouvir falar, e assim esbocei caricaturas espirituosas da família que me

rejeitou, o que a divertiu. Parecemos tão alegres que quase cheguei a sentir saudades de minha casa.

Hoje de manhã, segunda-feira, Eva se dignou a tomar o café da manhã conosco — presunto de Bradenham, ovos, pão, o diabo —, mas ficou de rabugices com a mãe e extinguiu cada uma das minhas intervenções com um "*oui*" neutro ou um "*non*" seco. Ayrs estava se sentindo melhor e por isso comeu conosco. Depois Hendrick levou Eva de carro para Bruges, onde ela passaria mais uma semana na escola — na cidade a moça mora com uma família cujas filhas são suas colegas, os Van Eel ou coisa que o valha. Todo o *château* respirou aliviado depois que o Cowley percorreu a avenida ladeada por choupos (conhecida como alameda do Monge). Eva realmente envenena o ar daqui. Às nove, eu e Ayrs fomos para a sala de música. "Estou com uma melodiazinha para viola na cabeça, Frobisher. Vamos ver se você consegue transcrevê-la." Adorei a ideia, pois já estava preparado para começar pelo mais fácil — passando a limpo rascunhos, coisas assim. Se eu provasse meu valor na função de pena viva de V. A. logo no meu primeiro dia, minha permanência estaria praticamente garantida. Sentei-me à mesa do compositor, com um lápis 2B bem apontado e papel em branco, esperando que ele dissesse as notas, uma por uma. De repente o homem gritou: "'Tá, tá! Tá-tá-tá tarataratara, tá!' Pegou? 'Tá! Tara-tá!' Agora mais baixo — 'Tá-tá-tá-tttt-tá! tátátá!!!' Pegou?". Claramente, o velho cretino estava achando graça naquilo — seria tão impossível anotar aquela gritaria como fazer uma partitura de doze burros zurrando —, mas depois que se passou mais meio minuto me dei conta de que ele não estava brincando. Tentei interromper, mas o homem estava tão mergulhado na sua música que não percebeu. Mergulhei na mais profunda melancolia enquanto Ayrs continuava a cantarolar, mais e mais e mais… Meu plano não daria em nada. Mas que ideia maluca fui ter lá na Victoria Station! Desanimado, deixei que Ayrs chegasse até o final na vaga esperança de que, quando ele tivesse o trecho completo em sua cabeça, seria mais fácil repetir tudo depois.

“Pronto, terminei!”, ele proclamou. “Pegou? Cantarole para mim, Frobisher, para ver como ficou.”

Perguntei qual era o tom. “Si bemol, *é claro*!” Compasso? Ayrs apertou o nariz. “Você está me dizendo que perdeu minha melodia?” Com um esforço, disse a mim mesmo que ele não estava sendo nada razoável. Pedi-lhe que repetisse a melodia, *muito* mais devagar, dando o nome das notas, uma por uma. Houve uma pausa tensa que pareceu durar mais ou menos três horas, durante a qual Ayrs parecia estar pensando se devia ou não ter um chilique. No final, limitou-se a soltar um suspiro de mártir. “Quatro por oito, mudando para oito por oito depois do décimo segundo compasso, se você consegue contar até doze.” Pausa. Lembrei-me das minhas dificuldades financeiras e mordi o lábio. “Vamos voltar ao início, então.” Pausa condescendente. “Está pronto agora? *Devagarinho*… Tá! Que nota é essa?” Atravessei uma terrível meia hora tentando adivinhar cada nota, uma por uma. Ayrs confirmava ou rejeitava minha adivinhação com um movimento cansado de cabeça, na vertical ou na horizontal. Mme. C. trouxe um vaso de flores e eu fiz cara de S.O.S., mas o próprio V. A. afirmou que por hoje estava bom. Enquanto eu fugia, ouvi Ayrs dizer (para que eu ouvisse?): “É um caso perdido, Jocasta, o rapaz não consegue anotar uma melodia simples. Melhor eu virar vanguardista, escrever as notas em papeizinhos e tentar acertar dardos neles”.

No corredor, a sra. Willems — a governanta — queixa-se do tempo úmido e chuvoso, da roupa lavada que não seca, para alguma criada inferior invisível. A situação dela é melhor que a minha. Já manipulei gente movido pela ambição, pela luxúria ou pela necessidade de um empréstimo, mas nunca para ter um lugar para dormir. Esse *château* podre cheira a cogumelos e mofo. Eu não tinha nada que ter vindo para cá.

Saudações,

R. F.

P.S. “Constrangimento financeiro”, a expressão é perfeita. Não admira que todos os pobres sejam socialistas. Olhe, vou ter que lhe pedir um

empréstimo. O regime aqui em Zedelghem é o mais relaxado que já vi (felizmente! O guarda-roupa do mordomo do meu pai está mais bem abastecido do que o meu no momento), mas há que manter alguns padrões mínimos. Não posso nem dar gorjetas para os criados. Se eu ainda tivesse algum amigo rico, pediria a ele, mas a verdade é que não tenho mais nenhum. Não sei como mandaria o dinheiro, via telégrafo, ou num envelope, ou sei lá o que, mas você é um cientista, dê um jeito qualquer. Se Ayrs me pedir para ir embora, estou frito. Toda Cambridge ficaria sabendo que Robert Frobisher foi obrigado a pedir dinheiro aos seus ex-anfitriões quando eles o expulsaram por não ter conseguido dar conta do recado. Eu morreria de vergonha, Sixsmith, falando sério. Pelo amor de Deus, mande o que você puder imediatamente.

— w —

CHÂTEAU ZEDELGHEM
14-VII-1931

Sixmith,

Louvado e abençoado seja são Rufus, padroeiro dos compositores necessitados, louvado seja nos céus, amém. Seu vale-postal chegou são e salvo hoje de manhã — para meus anfitriões, você é um tio que me adora, que havia se esquecido do meu aniversário. A sra. Crommelynck confirmou que um banco de Bruges pode fazer o pagamento. Vou compor um moteto em sua homenagem, e pagar o que lhe devo assim que puder. Talvez mais cedo do que você imagina. As trevas de meus prospectos para o futuro começam a se dissipar. Depois da minha primeira e humilhante tentativa de colaborar com Ayrs, voltei para meu quarto na mais abjeta depressão. Passei a tarde escrevendo aquele lamento lacrimogêneo que lhe enviei — aliás, pode queimar aquela carta, se você ainda não fez isso — e sentindo-me ansioso a respeito do futuro. Enfrentei a chuva com galochas de cano alto e uma capa, andei até a agência de correios na aldeia, perguntando a mim mesmo, com toda a franqueza, onde eu haveria de estar daqui a um

mês. A sra. Willems bateu o gongo do jantar pouco depois que cheguei, mas ao entrar na sala de jantar vi que Ayrs estava à minha espera, sozinho. “É você, Frobisher?”, perguntou ele, com aquela brusquidão característica dos homens mais velhos quando estão tentando ser delicados. “Ah, Frobisher, ainda bem que vamos poder ter uma conversinha só nós dois. Olhe, hoje de manhã eu me comportei muito mal com você. Por efeito da doença, às vezes sou mais… direto do que devia ser. Peço desculpas. Dê mais uma oportunidade a este velho ranzinza amanhã, o que você acha?”

Teria sua esposa lhe dito em que estado ela me encontrou? Teria Lucille mencionado que eu começara a fazer minha mala? Esperei um pouco, até ter certeza de que minha voz não haveria de trair uma nota de alívio, e respondi, nobremente, que não havia problema nenhum em ele dizer o que pensava.

“Tenho reagido de modo muito negativo a respeito da sua proposta, Frobisher. Não vai ser fácil arrancar música desta cachola, mas nossa parceria é uma boa possibilidade. Seus conhecimentos de música e a sua personalidade me parecem mais do que adequados. Minha mulher me disse que você até mesmo tenta compor. Pelo visto, a música é oxigênio para nós dois. Com força de vontade, vamos dando cabeçadas até encontrar o método certo.” Nesse momento Mme. Crommelynck bateu à porta, deu uma olhada na sala, numa fração de segundo percebeu o clima instaurado no recinto, coisa de que algumas mulheres são capazes, e perguntou se era o caso de tomarmos um drinque comemorativo. Ayrs virou-se para mim. “Isso depende do jovem Frobisher. O que acha? Aceita ficar umas semanas, talvez até alguns meses, se tudo correr bem? Talvez até mais, quem sabe? Mas você vai ter que aceitar um pequeno salário.”

Deixei que meu alívio se manifestasse como felicidade, disse-lhe que seria uma honra para mim, e não rejeitei de saída a proposta de um salário.

“Então, Jocasta, diga à sra. Willems para trazer um Pinot Rouge 1908!” Fizemos brindes a Baco e às musas, e bebemos um vinho forte como sangue de unicórnio. A adega de Ayrs, cerca de seiscentas garrafas, é uma das melhores da Bélgica, e merece uma pequena digressão. Ela sobreviveu

à guerra sem sofrer nenhuma pilhagem da parte dos oficiais alemães que usaram Zedelghem como posto de comando, graças a uma parede falsa que o pai de Hendrick construiu para tapar a entrada antes que a família fugisse para Gotemburgo. A biblioteca e vários outros tesouros volumosos também passaram a guerra lá embaixo (o lugar fora outrora o ossário de um mosteiro), guardados em engradados. Os prussianos saquearam o prédio antes do armistício, mas não tocaram no porão.

Começa a tomar forma uma rotina de trabalho. Eu e Ayrs nos encontramos na sala de música às nove da manhã, sempre que seus diversos achaques e dores permitem. Sento-me ao piano, Ayrs instala-se no divã, fumando seus execráveis cigarros turcos, e adotamos um dos nossos três modi operandi. “Revisão” — ele me pede para examinar o trabalho da manhã anterior. Eu cantarolo, canto ou toco, dependendo do instrumento, e Ayrs modifica a partitura. “Reconstituição” significa que eu folheio velhas partituras, cadernos e composições, onde há algumas coisas que foram escritas antes mesmo do meu nascimento, para localizar uma passagem ou cadência. Um fantástico trabalho de detetive. “Composição” é a atividade mais exigente. Sento-me ao piano e tento acompanhar um fluxo de “Semicolcheia, si-sol; semibreve, lá bemol — sustentar por quatro tempos, não, seis — não, semínimas! Fá sustenido — não não não não fá sustenido — e… si! Ta-tará-tará-tááá!” (*Il maestro* agora ao menos dá o nome das notas.) Ou, quando ele se sente mais poético, pode ser assim: “Agora, Frobisher, o clarinete é a concubina, as violas são os teixos no cemitério, o cravo é a lua, então… deixe o vento leste soprar aquele acorde de lá menor, a partir do compasso dezesseis”.

Como um bom mordomo (e, pode crer, eu sou mais do que bom), noventa por cento do meu trabalho consiste em prever. Às vezes Ayrs pede um juízo de valor estético, algo como “Você acha que esse acorde funciona, Frobisher?” ou então “Essa passagem está batendo com o resto?”. Se respondo que não, Ayrs pede-me que sugira outra coisa para substituir o trecho original, e uma ou duas vezes chegou mesmo a adotar minha

sugestão. Uma coisa muito séria. No futuro, as pessoas vão estudar essa música.

À uma da tarde, Ayrs já está exausto. Hendrick vem para carregá-lo até a sala de jantar, onde a sra. Crommelynck nos aguarda para o almoço, juntamente com a terrível E., se ela voltou para casa para passar o fim de semana ou um meio-feriado. Ayrs tira uma sesta na hora mais quente da tarde. Eu continuo explorando a biblioteca à procura de tesouros, componho na sala de música, leio manuscritos no jardim (açucenas brancas, coroas-imperiais, tritomas, malvas-rosas, todas a florir com cores vivas), percorro as vielas de Neerbeke de bicicleta ou perambulo pelos campos. Fiz amizade com os cachorros da aldeia. Eles correm atrás de mim como os ratos ou os pirralhos na história do flautista de Hamelin. As pessoas da terra respondem quando eu as saúdo com "*Goede morgen*" ou "*Goede middag*" — agora sou conhecido como o hóspede do "*kasteel*".

Depois do jantar, nós três ficamos a escutar o rádio quando há alguma transmissão considerada relevante, ou então ouvimos gravações na vitrola (um modelo da Victor instalado numa caixa de carvalho), normalmente as obras mais importantes do próprio Ayrs, regidas por Sir Thomas Beecham. Quando temos visitas, conversamos ou tocamos um pouco de música de câmara. Em algumas noites, Ayrs pede-me que leia para ele poesia, especialmente da sua maior paixão, Keats. Cochicha os versos enquanto eu os recito, como se sua voz se apoiasse na minha. No café da manhã, ele me manda ler matérias do *Times*. Velho, cego e doente como está, Ayrs haveria de se sair muito bem numa sociedade de debates na faculdade, ainda que, como percebi, raramente proponha alternativas aos sistemas que cobre de ridículo. "Liberalidade? É porque os ricos têm medo!"; "Socialismo? O irmão mais moço de um despotismo decrépito, que ele quer suceder"; "Conservadores? Mentirosos adventícios, que acreditam numa doutrina do livre-arbítrio que é uma tremenda tapeação". Que espécie de Estado, afinal, ele quer? "Nenhum! Quanto mais organizado o Estado, menos humano ele é."

Embora irascível, Ayrs é um dos poucos europeus que eu gostaria que influenciassem minha própria criatividade. Do ponto de vista musicológico, ele é um Jano de duas faces. Uma delas olha para trás, para o leito de morte do romantismo, e a outra olha para o futuro. Este é o Ayrs que me interessa. Quando vejo o modo como ele usa o contraponto e mistura suas cores, minha linguagem se refina de modo empolgante. O pouco tempo que já passei aqui em Zedelghem me ensinou mais do que três anos diante do trono de Mackerras, o Asno, com seu alegre bando de onanistas.

Os amigos de Ayrs e da sra. Crommelynck os visitam regularmente. Numa semana típica, eles recebem duas ou três vezes. São solistas voltando de Bruxelas, Berlim, Amsterdam ou cidades ainda mais distantes; conhecidos de juventude de Ayrs, dos tempos da Flórida ou de Paris; e o simpático Morty Dhont com sua mulher. Dhont é dono de oficinas de joalheiros tanto em Bruges como em Antuérpia, fala um número não muito claro porém elevado de idiomas, inventa trocadilhos complexos que envolvem muitas línguas e exigem longas explicações, patrocina festivais e participa de disputas metafísicas lúdicas com Ayrs. A sra. Dhont é como a sra. Crommelynck, só que multiplicada por dez — na verdade, uma criatura horrenda, que é diretora da Sociedade Equestre da Bélgica, dirige ela própria o Bugatti do casal e está sempre mimando um pequinês frufru chamado Wei-wei. Ela certamente reaparecerá em cartas futuras.

Os parentes são poucos: Ayrs é filho único, e a família Crommelynck, outrora influente, manifestou o terrível talento de tomar o partido errado em momentos decisivos ao longo de toda a guerra. Os que não morreram no campo de batalha já haviam quase todos sido extintos pelo empobrecimento e pela doença quando Ayrs e sua mulher voltaram da Escandinávia. Outros morreram depois de fugir para além-mar. A antiga governanta da sra. Crommelynck e duas tias já frágeis aparecem de vez em quando, mas ficam quietinhas num canto, como velhos cabides de chapéus.

Na semana passada, o maestro Tadeusz Augustowski, que muito faz pela música de Ayrs na sua terra, Cracóvia, apareceu sem aviso prévio no Segundo Dia da Enxaqueca. A sra. Crommelynck não estava em casa, e a

sra. Willems veio me procurar toda afobada, implorando para que eu fizesse sala ao ilustre visitante. Eu não podia deixá-la na mão. O francês de Augustowski é tão bom quanto o meu, e passamos a tarde pescando e discutindo sobre os dodecafônicos. Ele acha que são todos uns impostores, e eu discordo. Contou-me histórias sobre orquestras no tempo da guerra, e uma piada indescritivelmente obscena que envolve gestos com a mão, de modo que terá que esperar até nos vermos em pessoa. Peguei uma truta de trinta centímetros e Augustowski pescou um robalinho monstruoso. Ayrs já havia se levantado quando voltamos ao cair da noite, e o polonês lhe disse que foi uma sorte ele me ter contratado. Ayrs rosnou algo como "É". Sinto-me muitíssimo lisonjeado, Ayrs. A sra. Willems não chegou a ficar *enchantée* com nossos troféus de pesca, mas limpou-os e cozinhou-os em sal e manteiga; a carne derretia quando espetada no garfo. Augustowski me deu seu cartão quando partiu no dia seguinte. Mantém uma suíte sempre reservada no Langham Court para quando vai a Londres, e convidou-me para ficar com ele no festival do ano que vem. Cocoricó!

O Château Zedelghem não é a labiríntica Casa de Usher que parece ser à primeira vista. É bem verdade que a ala oeste do prédio, que foi fechada, sendo todos os móveis cobertos para proteger da poeira, para pagar a modernização e manutenção da ala leste, está num estado deplorável, e creio que em breve terá que ser demolida. Explorei suas dependências numa tarde de chuva. A umidade é desastrosa; o gesso desprendido paira pendurado em teias de aranha; os cocôs de rato e de morcego estalam contra as pedras gastas do assoalho quando se pisa neles; os brasões de gesso acima das lareiras foram lixados pelo tempo. Lá fora é a mesma coisa — as paredes de tijolo precisam de argamassa, faltam telhas no telhado, há no chão pilhas de entulho onde desabaram pedaços da murada de ameias, o arenito medieval todo sulcado pela chuva. Os Crommelynck deram-se bem com seus investimentos no Congo, mas nenhum dos irmãos varões sobreviveu à guerra, e os "hóspedes" teutônicos de Zedelghem arrancaram seletivamente tudo o que valia a pena saquear.

Porém a ala leste é um labirintozinho até confortável, se bem que as vigas de madeira do telhado rangem como um navio quando venta. Há um sistema de aquecimento central de humor imprevisível, e uma rede elétrica rudimentar que faz os interruptores darem choque. O pai da sra. Crommelynck teve a sensatez de ensinar à filha alguma coisa a respeito do mercado imobiliário, e agora ela aluga sua terra a fazendeiros vizinhos, de modo que o lugar praticamente se paga, pelo que entendi. O que não é pouca coisa na época em que vivemos.

Eva continua toda perliquitetes, tão detestável quanto minhas irmãs, mas com uma inteligência proporcional à sua antipatia. Fora a paixão por Nefertiti, os hobbies dela são fazer beicinho e assumir ares de mártir. Ela gosta de levar às lágrimas as criadas vulneráveis, para então cair em cima delas, anunciando: “Pronto, *mais uma crise* de choro, mamãe. Será que a senhora não consegue treinar essas pessoas direito?”. Já percebeu que não sou um alvo fácil e partiu para uma guerra de atrito: “Papai, quanto tempo o sr. Frobisher vai ficar na nossa casa?”; “Papai, o senhor paga ao sr. Frobisher tanto quanto paga ao Hendrick?”; “Ah, eu estava só perguntando, mamãe, eu não sabia que a situação do sr. Frobisher era um assunto delicado”. Ela me incomoda, odeio admitir o fato, mas é isso mesmo. Tivemos outro encontro — “confronto” é a palavra mais adequada — no sábado passado. Eu tinha pegado a bíblia de Ayrs, *Assim falou Zaratustra*, e ido à ponte de pedra que dá acesso à ilha dos salgueiros no lago. Uma tarde de calor abrasador; até mesmo na sombra suava feito um porco. Depois de dez páginas, tive a impressão de que Nietzsche é que estava me lendo, e não o contrário, e assim fiquei a contemplar as baratas-d’água e salamandras enquanto minha orquestra mental executava a *Air and dance* de Fred Delius. Uma peça um tanto xaroposa, mas aquela flauta sonolenta até que funciona.

De repente, vi-me numa trincheira tão profunda que de lá o céu era apenas uma listra distante, iluminada por lampejos mais fortes que a luz do dia. Selvagens patrulhavam a trincheira montados em gigantescas ratazanas pardas, de dentes assustadores, que farejavam pessoas da classe

trabalhadora e as desmembravam. Comecei a caminhar, tentando parecer rico e me controlando para não sair correndo em pânico, quando encontrei Eva. Exclamei: “Que diabo você está fazendo aqui?”.

Ela respondeu, furiosa: “*Ce lac appartient à ma famille depuis cinq siècles! Vous êtes ici depuis combien de temps exactement? Bien trois semaines*! *Alors vous voyez, je vais où bon me semble!*”. A raiva de Eva era quase física, um pontapé na cara do seu humilde correspondente. Cheia de razão, pois que eu a havia acusado de invadir a propriedade de sua mãe. Agora totalmente acordado, pus-me de pé, pedindo mil desculpas, explicando que estava dormindo quando falei com ela. Esqueci-me completamente do lago. Caí dentro d’água como um idiota, que m.! Encharcado! Felizmente a água só batia na altura do umbigo, e Deus não deixou que o precioso Nietzsche de Ayrs me acompanhasse. Quando Eva conseguiu parar de rir, comentei que havia gostado de vê-la com outra expressão no rosto que não de contrariedade. Meu cabelo estava cheio de nadabau, ela me disse em inglês. Condescendente, elogiei seu domínio de idiomas estrangeiros. Ela devolveu: “Não é difícil impressionar um inglês”. E afastou-se. Só consegui pensar numa resposta ferina bem mais tarde, de modo que aquela batalha foi vencida por ela.

Agora, preste atenção, que vou falar sobre livros e dinheiro. Fuçando numa alcova de livros no meu quarto, encontrei um curioso volume desmembrado, e quero que você localize um exemplar completo para mim. Ele começa na página noventa e nove, não tem capas, a costura da lombada está desfeita. Pelo que deu para entender, trata-se da versão retocada de um diário de viagem de Sydney à Califórnia, escrito por um tabelião de San Francisco chamado Adam Ewing. Ele menciona a corrida do ouro, por isso concluí que estamos em 1849 ou 1850. O diário parece ter sido publicado postumamente, pelo filho (?) de Ewing. O texto me trouxe à mente o pateta do capitão Delano, protagonista do *Benito Cereno* de Melville, que não enxerga nada da conspiração à sua volta — ele não percebe que o dr. Henry Goose (sic), no qual deposita tanta confiança, é um vampiro, que alimenta

sua hipocondria com o objetivo de envenená-lo aos poucos e arrancar-lhe dinheiro.

A autenticidade do diário é um tanto suspeita — ele parece estruturado demais para ser um diário de verdade, e a linguagem não soa convincente —, mas quem se daria o trabalho de forjar um diário assim, e por quê?

Para minha profunda irritação, o texto termina no meio de uma frase, cerca de quarenta páginas depois, no lugar onde a encadernação soltou-se. Procurei o resto do diabo do livro por toda a biblioteca, e nada. Não é do nosso interesse chamar a atenção de Ayrs ou da sra. Crommelynck para os tesouros que podem ser encontrados nessa biblioteca sem catálogo, de modo que estou numa sinuca. Você perguntaria a Otto Jansch, da Caithness Street, se ele sabe alguma coisa a respeito desse Adam Ewing? Um livro lido pela metade é como um caso de amor não consumado.

Segue anexa uma lista das edições mais antigas que encontrei aqui na biblioteca de Zedelghem. Como você vê, há coisas *muito* antigas, início do século XVII, por isso assim que você puder me repasse os melhores preços calculados pelo Jansch, e mantenha aquele pão-duro em suspense dando-lhe a entender que há livreiros parisienses interessados.

Saudações,

R. F.

— w —

CHÂTEAU ZEDELGHEM
28-VII-1931

Sixsmith,

Motivo para uma pequena comemoração. Anteontem, eu e Ayrs concluímos nossa primeira colaboração, um pequeno poema sinfônico, “Der Todtenvogel”. Quando desencavei a peça, era um arranjo bem convencional de um velho hino teutônico, que ficou um tanto seco por não estar Ayrs enxergando bem. Já a nossa nova versão são outros quinhentos. Ela toma emprestadas algumas ressonâncias do *Anel* de Wagner, depois desintegra o tema num pesadelo stravinskiano policiado por espectros sibelianos. Horrível, delicioso, queria muito que você ouvisse. Termina num

solo de flauta, mas não se trata de uma dessas flautices borboleteantes, e sim dos estertores do pássaro da morte do título, amaldiçoando tanto o primogênito quanto o caçula.

Augustowski passou por aqui de novo ontem, voltando de Paris. Ele leu a partitura e encheu-a de elogios como um foguista abastecendo de carvão uma fornalha. E não fez mais do que sua obrigação! É o poema sinfônico mais bem realizado que *eu* conheço de todos os que foram compostos desde a guerra; e vou lhe dizer uma coisa, Sixsmith, não poucas das melhores ideias são minhas. Imagino que um amanuense tenha que resignar-se a abrir mão da sua parte da autoria, mas fechar o bico nunca é fácil. E o melhor está por vir — Augustowski quer estrear a peça, ele mesmo regendo, daqui a três semanas, no festival de Cracóvia!

Acordei com as galinhas ontem, dediquei o dia inteiro a passar a limpo a peça. Então me dei conta de que não era tão curta assim. Minha mão quase desatarraxou do pulso, as notas ficaram impressas nas minhas pálpebras, mas na hora do jantar eu já havia terminado. Nós quatro tomamos cinco garrafas de vinho em comemoração. A sobremesa consistiu em moscatel de primeira qualidade.

Agora virei o filho querido de Zedelghem. Há muito, muito tempo que não sou o filho querido de ninguém, e estou gostando da sensação. Jocasta sugeriu que eu saísse do quarto de hóspedes e me mudasse para um dos quartos maiores, desusados, no segundo andar, mobiliado com quaisquer peças que me interessassem encontradas aqui em Zedelghem. Ayrs aprovou a sugestão, e assim respondi que eu topava. Para minha grande satisfação, Mlle. Perliquitetes perdeu o *sang-froid* e choramingou: “Ah, por que a senhora não aproveita e põe logo o nome dele no testamento, mamãe? Que tal deixar para ele metade da propriedade?”. E levantou-se da mesa sem pedir licença. Ayrs rosnou “A primeira ideia boa que essa menina tem em dezessete anos!” bem alto, para que ela pudesse ouvir. “Pelo menos o Frobisher trabalha para ganhar o dinheiro dele!”

Meus anfitriões recusaram-se a aceitar meu pedido de desculpas, dizendo que Eva é que devia pedir desculpas a mim, que ela tem que deixar para trás

sua visão pré-copernicana de um universo que gira ao seu redor. Música para meus ouvidos. Ainda sobre Eva: ela e vinte colegas vão em breve para a Suíça, para estudar numa escola-irmã por uns dois meses. Mais música! Vai ser como a sensação de que caiu um dente apodrecido. Meu novo quarto é tão grande que dá para jogar tênis em duplas dentro dele; há uma cama de dossel cujas cortinas fui obrigado a sacudir para que delas saíssem as traças do ano passado; o papel de parede secular está descascando, lembra escamas de dragão, mas tem lá seu charme; bola decorativa de vidro azul; guarda-roupa com marchetaria de castanheira; seis cadeiras de braço e uma escrivaninha de sicômoro, na qual escrevo esta carta. Paninhos de renda, luz abundante. Para o sul, veem-se amostras grisalhas de topiaria. Para o oeste, vacas pastando no campo e a torre da igreja elevando-se por trás das árvores do bosque. Os sinos dessa igreja são meu relógio. (Na verdade, em Zedelghem há uma abundância de relógios antigos de carrilhão, que batem uns antes da hora, outros depois, como uma Bruges em miniatura.) De modo geral, é um tanto mais grandioso que nossos aposentos em Whyman's Lane, e um tanto menos que o Savoy ou o Imperial, mas é espaçoso e é uma coisa certa. A menos que eu faça algo de desastrado ou indiscreto.

O que me leva ao assunto de Mme. Jocasta Crommelynck. Quero ser mico de circo, Sixsmith, se essa mulher não começou, *sutilmente*, a flertar comigo. A ambiguidade de suas palavras, seus olhares e seu roçar de dedos é demais para ser obra do acaso. Diga-me o que você acha. Ontem à tarde, estava eu estudando umas peças raras da juvenília de Balakirev no meu quarto quando a sra. Crommelynck bateu à porta. Estava com seu traje de montaria e o cabelo preso, revelando um pescoço bastante tentador. "Meu marido quer lhe dar um presente", disse ela, entrando quando eu recuei. "Tome. Para comemorar a conclusão do 'Todtenvogel'. Sabe, Robert", a língua dela prolonga o T de "Robert", "o Vyvyan está muito alegre por ter voltado a trabalhar. Há anos que eu não o vejo tão lépido. É só uma lembrancinha. Vista." E entregou-me um colete magnífico, de seda, estilo otomano, um padrão fantástico, o tipo de coisa que nunca entra na moda

nem sai dela. “Comprei na nossa lua de mel no Cairo, quando ele tinha a idade que você tem agora. Ele nunca vai voltar a usar isso.”

Respondi que me sentia lisonjeado, porém não podia de modo algum aceitar uma roupa com tamanho valor sentimental. “É justamente por isso que nós queremos que você use. As nossas lembranças estão embebidas nesse tecido. Vista.” Obedeci, e ela o acariciou, com o pretexto (?) de retirar a lanugem. “Vá até o espelho!” Fui. A mulher estava alguns centímetros atrás de mim. “Bonito demais para ser entregue às traças, não acha?” Concordei. O sorriso dela tinha dois gumes. Se estivéssemos num daqueles romances arfantes de Emily, as mãos da sedutora teriam circundado o torso do inocente, mas Jocasta é esperta demais para fazer isso. “Você tem *exatamente* o mesmo físico que o Vyvyan tinha na sua idade. Estranho, não é?” É, concordei outra vez. As unhas dela retiraram um fio de meu cabelo que estava preso no colete.

Nem me esquivei nem lhe dei corda. Com essas coisas a gente não deve se precipitar. A sra. Crommelynck foi-se embora sem dizer mais nada.

No almoço, Hendrick veio com a notícia de que a casa do dr. Egret em Neerbeke fora atacada por um gatuno. Felizmente ninguém se feriu, mas a polícia deu um alerta, dizendo que devíamos estar atentos para a presença de ciganos e malfeitores. As casas devem ser trancadas à noite. Jocasta estremeceu e disse que era uma sorte eu estar em Zedelghem para protegê-la. Reconheci que me saíra muito bem como pugilista em Eton, mas observei que seria difícil para mim fazer frente a um bando de malfeitores. Quem sabe eu podia segurar a toalha de Hendrick enquanto *ele* dava uma surra neles? Ayrs não fez nenhum comentário, mas naquela noite mostrou que tinha uma Luger embrulhada em seu guardanapo. Jocasta ralhou com ele, por exibir uma pistola à mesa do jantar, porém o marido ignorou-a. “Quando voltamos de Gotemburgo, encontrei esta teteia debaixo de uma tábua do assoalho que estava solta, no quarto principal, juntamente com as balas”, explicou. “O capitão prussiano ou teve que ir embora às pressas ou acabou morrendo. Ele deve ter guardado essa arma lá para se proteger de

possíveis amotinados, ou de indesejáveis. Ela fica sempre à minha cabeceira pelo mesmo motivo.”

Perguntei se podia pegá-la, pois as únicas armas que já havia tocado eram espingardas de caça. “Mas claro”, respondeu Ayrs, entregando-me a pistola. Todos os pelos de meu corpo se eriçaram. Aquele monstro de ferro já matou pelo menos um, nisso eu seria capaz de apostar minha herança, se ainda tivesse tal coisa. “Como você vê”, Ayrs disse com um sorriso torto, “posso estar velho, cego e inválido, mas ainda consigo dar uma mordida ou duas. Um homem cego com uma arma e sem quase nada a perder. Imagine o *estrago* que eu seria capaz de fazer!” Não sei se foi pura imaginação minha o tom de ameaça em sua voz.

Uma excelente notícia de Jansch, mas não diga a ele que fiz esse comentário. Vou mandar pelo correio os três volumes em questão na próxima vez que for a Bruges — o chefe dos correios aqui de Neerbeke tem um ar de abelhudo e não confio nele. Tome as precauções de sempre. Mande o dinheiro para o Primeiro Banco da Bélgica, sede, Bruges — Dhondt estalou os dedos e mandou que o gerente abrisse uma conta para mim. Só há um Robert Frobisher na lista deles, isso eu garanto.

A melhor notícia de todas: voltei a compor por conta própria.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
16-VIII-1931

Sixsmith,

O verão deu uma virada sensual: eu e a mulher de Ayrs somos amantes. Não se assuste! Apenas no sentido carnal. Na semana passada, uma noite ela entrou no meu quarto, trancou a porta e, sem que trocássemos uma só palavra, despiu-se. Não quero contar vantagem, mas sua iniciativa não me tomou de surpresa. Na verdade, eu já havia deixado a porta entreaberta para

ela. Sabe, Sixsmith, você devia tentar fazer amor num silêncio total. Toda aquela conversa fiada se transforma em êxtase se você fechar a boca.

Quando a gente abre a fechadura do corpo de uma mulher, sua caixa de confidências também se abre. (Você devia experimentar — quer dizer, uma mulher.) Haverá alguma relação entre isso e a incompetência feminina nos jogos de cartas? Depois de consumado o Ato, o que me deixa mais feliz é ficar simplesmente deitado em silêncio, mas Jocasta ficou falando, compulsivamente, como se para enterrar nosso grande segredo negro sob outros, menores e cinzentos. Fiquei sabendo que Ayrs contraiu sífilis num bordel de Copenhague em 1915, durante uma longa temporada em que ficaram separados, e não dá prazer a sua esposa desde então; após o nascimento de Eva, o médico disse a Jocasta que ela não poderia nunca mais conceber outro filho. Ela é muito seletiva em relação a seus casos ocasionais, porém acha que tem todo o direito de tê-los. Insistiu que continua amando Ayrs. Respondi com um grunhido duvidoso. Essa história de que amor é fidelidade, retrucou ela, é um mito inventado pelos homens por conta de suas inseguranças.

Falou sobre Eva também. Preocupa-se porque, tendo se esforçado tanto para instilar na filha o senso do decoro, não conseguiu se tornar amiga dela, e agora, ao que parece, o cavalo livrou-se das rédeas. Cochilei entre uma e outra dessas tragédias triviais, mas doravante terei mais cuidado com os dinamarqueses, e com os bordéis dinamarqueses em particular.

J. quis repetir a dose, como se para colar-se a mim. Não fiz nenhuma objeção. Ela tem um corpo de amazona, com mais agilidade do que se costuma encontrar numa mulher madura, e mais técnica do que muitas montarias de dez xelins que conheço. Fica-se a suspeitar de que houve uma longa sucessão de jovens garanhões convidados a se abastecer na sua manjedoura. Aliás, pouco antes de eu adormecer pela última vez, comentou: “Debussy passou uma semana aqui em Zedelghem, antes da guerra. Ele dormia exatamente nesta cama, se não me engano”. Algo em seu tom deu a entender que ela estava com ele. Não é impossível. Claude, pelo que ouvi dizer, não respeitava nada que usasse saias, e afinal de contas era francês.

Quando Lucille bateu à minha porta de manhã trazendo água para fazer a barba, eu estava a sós. O desempenho de J. ao café da manhã foi tão natural quanto o meu, felizmente. Foi até mesmo um tantinho cáustica comigo quando deixei cair um pouco de geleia no jogo americano, levando V. A. a repreendê-la: “Não seja pau, Jocasta! Não são as *suas* belas mãozinhas que vão ter que lavar o pano”. O adultério é um dueto difícil de executar, Sixsmith — tal como no bridge, quem não se livra de um parceiro desajeitado acaba metido numa enrascada terrível.

Sentimento de culpa? Nenhum. Sensação de triunfo de corneador? Não exatamente. Ainda estou meio irritado com Ayrs. Uma noite dessas, os Dhondt vieram jantar e a sra. D. pediu um pouco de música de piano para ajudar a descer a comida, e assim toquei o “Anjo de Mons”, que compus naquelas férias que passei com você nas ilhas Scilly dois verões atrás, porém não assumi a autoria, dizendo que era obra de “um amigo”. Tenho trabalhado nessa peça. É melhor, mais fluida, mais sutil do que aqueles pastiches açucarados de Schubert que V. A. compunha quando ele estava na faixa dos vinte anos. J. e os Dhondt gostaram tanto que insistiram para que eu fizesse bis. Ainda estava no sexto compasso quando V. A. exerceu um poder de veto até então desconhecido. “Eu aconselharia seu amigo a estudar bem os antigos antes de se meter com os modernos.” Parece um conselho razoavelmente inócuo? Só que ele pronunciou “amigo” num semitom preciso que indicava perfeita consciência da verdadeira identidade de meu amigo. Quem sabe ele próprio não usou do mesmo estratagema, quando foi visitar Grieg em Oslo? “Sem dominar completamente o contraponto e a harmonia”, pontificou V. A., “esse sujeito nunca vai ser mais do que um camelô de bijuterias vagabundas. Pode dizer a seu amigo que fui eu quem afirmou isso.” Fiquei fervendo de raiva em silêncio. V. A. mandou J. pôr no gramofone uma gravação de uma composição dele, o “Quinteto de sopros siroco”. Ela obedeceu àquele valentão truculento. Para me consolar, fiquei relembrando como era o corpo de J. por baixo daquele vestido de verão de crepe da China, e a avidez com que ela se deita na minha cama. Muito bem,

vou tripudiar sobre os chifres do meu patrão. Bem feito. Um presunçoso velho e doente continua a ser um presunçoso.

Augustowski mandou um telegrama enigmático depois do concerto em Cracóvia. Traduzo do francês: PRIMEIRO TODTENVOGEL CONFUNDIU PT SEGUNDO CONCERTO PUGILATO PT TERCEIRO CONSAGRAÇÃO PT QUARTO ASSUNTO DO MOMENTO PT. Ficamos sem saber o que pensar até que chegaram recortes de jornais, logo depois do telegrama, com a tradução de Augustowski no verso de um programa do concerto. Pois bem, o nosso "Todtenvogel" virou uma *cause célèbre*! Pelo visto, a crítica interpretou a nossa desintegração dos temas wagnerianos como um ataque frontal à República da Alemanha. Um grupo de parlamentares nacionalistas obrigou as autoridades do festival a marcar um quinto concerto. O teatro, pensando na bilheteria, cedeu com prazer. O embaixador alemão registrou uma queixa oficial, e assim o sexto concerto teve ingressos vendidos em vinte e quatro horas. O efeito de tudo isso é aumentar a cotação de Ayrs em todas as bolsas musicais do mundo, menos na Alemanha, onde, ao que parece, ele está sendo denunciado como um demônio judeu. Jornais de vários países do continente escreveram pedindo entrevista. Tive o prazer de dizer não, de forma polida porém *pro forma*, a cada pedido. "Estou ocupado demais com minhas composições", resmunga Ayrs. "Se eles querem saber 'o que eu quero dizer', deviam era ouvir a porra da minha música." Mas ele está adorando a atenção. Até mesmo a sra. Willems admite que depois que cheguei o patrão revigorou-se.

No front Eva, as hostilidades prosseguem. Preocupa-me o modo como ela consegue farejar algo de podre entre meu pai e mim. Ela pergunta, publicamente, por que jamais recebo cartas da minha família, ou por que não me mandam de lá algumas das minhas roupas. Indagou se uma das minhas irmãs gostaria de ser sua correspondente. Para ganhar tempo, fui obrigado a prometer-lhe que faria a proposta a elas, e talvez eu precise de você para mais uma falsificação. Capriche bastante. Essa raposa diabólica é quase uma versão feminina de mim.

Neste mês de agosto faz um calor terrível na Bélgica. O prado amarelece, o jardineiro teme a possibilidade de incêndios, os fazendeiros se preocupam

com a colheita, mas o dia que você me mostrar um fazendeiro que não viva preocupado eu lhe mostro um maestro que não seja maluco. Vou fechar este envelope agora e caminhar até o correio da aldeia pelo meio do bosque atrás do lago. Nem pensar em deixar estas páginas largadas na minha mesa para ser encontradas por certa garota de dezessete anos, muito abelhuda.

Agora o mais importante. Sim, vou me encontrar com Otto Jansch em Bruges para levar os manuscritos iluminados em pessoa, mas você terá que agir como intermediário de toda a transação. Não quero que ele fique sabendo quem é a pessoa de cuja hospitalidade estou me valendo. Como todo comerciante, Jansch é um glutão ganancioso e guloso, só que mais que a média. Ele não pensaria duas vezes antes de me chantagear para obter um preço mais baixo — ou até mesmo conseguir o que quer de graça. Diga-lhe que exijo pagamento na hora em dinheiro vivo. Não quero saber de operações de crédito suspeitas. Depois mando um vale-postal para você, incluindo a quantia que lhe tomei emprestada. Assim você não vai ser incriminado se a coisa não der certo. Quanto a mim, já estou desacreditado, não tenho nenhuma reputação a perder, e posso perfeitamente levantar acusação contra ele. Pode dizer isso também ao Jansch.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
NOITE, 16-VIII-1931

Sixsmith,

Sua enfadonha carta do “advogado” de meu pai foi um ás de ouros. Bravo. Li-a em voz alta no café da manhã — só despertou um interesse passageiro. A marca postal de Saffron Walden também foi um toque de mestre. Você realmente se obrigou a sair do seu laboratório, numa tarde ensolarada em Essex, e foi em pessoa despachar a carta? Ayrs convidou nosso “sr. Cummings” para me visitar em Zedelghem, mas como você

escreve na carta que o tempo está muito apertado, a sra. Crommelynck disse que Hendrick me levaria de carro até a cidade para assinar os documentos lá. Ayrs reclamou de perder um dia de trabalho, mas ele só está feliz quando reclama de alguma coisa.

Eu e Hendrick partimos nesta manhã orvalhada pelas mesmas estradas que percorri de bicicleta vindo de Bruges meio verão atrás. Eu trajava um paletó elegante de Ayrs — boa parte de seu vestuário está migrando para meu guarda-roupa, pois as poucas peças que salvei das garras do Imperial estão começando a ficar gastas. A bicicleta Enfield foi amarrada ao para-choque traseiro para que eu cumprisse minha promessa de devolvê-la ao bom policial. Quanto ao nosso butim, embrulhei os livros em papel pautado, que, como todos em Zedelghem sabem, eu sempre levo comigo, e pus o pacote discretamente dentro de uma sacola encardida da qual me apropriei. Hendrick baixou o teto do Cowley, de modo que o vento não permitia muita conversa. Sujeito taciturno, como tem que ser um homem da sua condição social. Estranho, mas devo admitir que desde que comecei a prestar serviços à sra. Crommelynck sinto-me mais tenso perto do criado do marido que do próprio marido. (Jocasta continua a frequentar meu quarto, a cada três ou quatro noites, se bem que nunca quando Eva está em casa, o que é muito sensato. Seja como for, não se deve comer todos os bombons da caixa ao mesmo tempo.) Meu mal-estar decorre da probabilidade de que Hendrick esteja sabendo. É claro que todos nos vangloriamos de nossa esperteza, mas não há segredos para aqueles que trocam os lençóis. Não estou muito preocupado. Não faço exigências descabidas aos criados, e Hendrick não é bobo e sabe que deve apostar suas fichas na patroa rabugenta que ainda tem muitos anos de vida pela frente, e não num velho inválido como Ayrs. É difícil adivinhar seus gostos. Ele daria um excelente crupiê.

Hendrick me deixou em frente ao prédio da prefeitura, desamarrou a Enfield e deixou-me, saindo para resolver uma série de coisas e visitar, disse ele, uma tia-avó doente. De bicicleta atravessei multidões de turistas, escolares e cidadãos, e só me perdi umas poucas vezes. Na delegacia, o

inspetor-músico recebeu-me com fanfarras, e mandou comprar café e pastéis. Ficou satisfeitíssimo ao saber que meu trabalho com Ayrs está dando tão certo. Quando saí de lá, já eram dez, hora do meu encontro. Não me apressei. É bom deixar esses comerciantes esperar um pouco.

Jansch estava escorando a parede do bar do Le Royal, e saudou-me assim: “Aha, só vendo para crer, o Homem Invisível de volta, atendendo aos pedidos do público!”. Juro, Sixsmith, que esse unha de fome verruguento está cada vez mais repulsivo sempre que o vejo. Terá ele um retrato mágico de si próprio guardado no sótão, que vai ficando mais bonito a cada ano? Não consegui entender por que tanta satisfação ao me ver. Olhei à minha volta para ver se no saguão do hotel havia algum credor informado de meu paradeiro — se alguém me olhasse esquisito, eu sairia em disparada. Jansch leu meus pensamentos. “Tão desconfiado, não é, Robert? *Eu* é que não vou criar problemas para uma galinha fujona que põe ovos tão iluminados, ora. Vamos lá”, apontando para o balcão do bar, “qual é o seu veneno?”

Retruquei que a companhia dele, mesmo num ambiente tão grande quanto aquele, já era veneno suficiente, e portanto eu preferia começar logo a falar sobre negócios. Ele riu de leve, deu-me um tapinha no ombro e levou-me até o quarto que havia reservado para nossa transação. Ninguém nos seguiu, mas isso não garantia nada. Comecei a pensar que teria sido melhor se você tivesse combinado um encontro num lugar mais público, para que os capangas de Tam Brewer não pudessem enfiar um saco na minha cabeça, jogar-me dentro de um baú e levar-me de volta para Londres. Tirei os livros da sacola e Jansch pegou o pincenê no bolso do paletó. Ficou a examiná-los numa escrivaninha junto à janela. Tentou obter um preço mais baixo, dizendo que o estado dos volumes estava mais para “razoável” do que para “bom”. Tranquilamente, voltei a embrulhar os livros, coloquei-os na sacola e obriguei aquele judeu sovina a sair correndo atrás de mim pelo corredor, até que ele admitisse que os volumes de fato estavam em bom estado. Deixei-o convencer-me a voltar à sala, onde contamos as cédulas, devagar, até completar a quantia combinada. Finda a transação, ele

suspirou, disse que eu o havia depenado, sorriu aquele sorriso e pôs a pata peluda no meu joelho. Eu disse que estava ali para vender livros. Ele perguntou por que motivo não se podia misturar trabalho com um pouco de prazer. Certamente um rapagão no estrangeiro bem que precisava de um dinheirinho extra no bolso, não era? Deixei Jansch dormindo uma hora depois, com a carteira eviscerada. Fui direto ao banco do outro lado da praça e fui atendido pela secretária do gerente. As maravilhas da adimplência. Como meu pai gosta de dizer: “O suor da testa é a melhor recompensa!” (não que ele sue muito naquela sinecura eclesiástica). Em seguida, fui à loja de música da cidade, a Flagstad’s, onde comprei um tijolo de papel pautado para substituir o volume que havia antes na minha sacola, para o caso de alguém estar olhando. Ao sair, vi umas polainas pardas na vitrine de um sapateiro. Entrei, comprei. Vi uma cigarreira de chagrém numa tabacaria. Comprei.

Tinha duas horas para matar. Tomei uma cerveja gelada num café, e mais uma, e mais uma, e fumei um maço inteiro de uns cigarros franceses deliciosos. O dinheiro de Jansch não é nenhum tesouro enterrado, mas Deus sabe que a sensação que tenho é de como se fosse. Depois encontrei uma igreja numa ruela (evitei os lugares mais turísticos para não correr o perigo de esbarrar em livreiros rancorosos), cheia de velas, sombras, mártires sofredores, incenso. Não entrava numa desde a manhã em que meu pai me pôs no olho da rua. A porta a toda hora abria e fechava. Entravam velhas corocas, acendiam velas, iam embora. O cadeado na caixa das esmolas era da melhor qualidade. As pessoas ajoelhadas rezavam, algumas mexendo os lábios. Eu as invejo, sério. Também invejo Deus, que conhece todos os segredos delas. A fé, o clube menos exclusivo do mundo, tem o porteiro mais esperto. Toda vez que entro nas portas escancaradas da fé, logo me vejo voltando para a rua. Esforcei-me ao máximo para ter pensamentos beatíficos, mas a toda hora minha cabeça voltava a dedilhar o corpo de Jocasta. Até mesmo os santos e mártires nos vitrais eram ligeiramente excitantes. Creio que tais pensamentos não me levam para mais perto do Céu. O que acabou me enxotando da igreja foi um moteto de Bach — o

coro até que não era abominável, mas a única esperança de salvação do organista seria um tiro nos miolos. Disse isso a ele, também — o tato e a moderação são desejáveis na conversa fiada, mas quando o assunto é música é preciso falar sem papas na língua.

Num parque muito arrumadinho chamado Jardins de Minnewater, casais de namorados perambulavam de braços dados por entre salgueiros, roseiras e tias segurando vela. Um violinista cego e esquelético tocava em troca de moedas. Pois tocava *muito* bem. Pedi "Bonsoir, Paris!", e sua interpretação teve tamanho elã que lhe pus na mão uma nota de cinco francos novinha em folha. Ele tirou os óculos escuros, verificou a filigrana, invocou seu santo de estimação, juntou suas moedas e saiu correndo por entre os canteiros, rindo feito um possesso. Quem disse que "dinheiro não compra felicidade" certamente tinha dinheiro até não poder mais.

Sentei-me num banco de ferro. Relógios davam uma hora perto dali, ao longe, espalhados. Saíam funcionários rastejando dos escritórios de advogados e comerciantes para comer sanduíches no parque e sentir a brisa verde. Eu me perguntava se deveria deixar Hendrick esperando, quando adivinhe quem chegou no parque, saracoteando, sem nenhuma tia a segurar a vela, ao lado de um dândi magricela com o dobro da sua idade com uma vulgar aliança de casado no dedo para todos verem? Acertou em cheio. Eva. Escondi-me por trás de um jornal que um funcionário havia largado no banco. Eva não estava em contato físico com seu acompanhante, porém passaram bem à minha frente com um ar de intimidade tranquila que ela nunca, jamais, em tempo algum, exibe em Zedelghem. Na mesma hora, tirei a conclusão óbvia.

Eva estava apostando suas fichas numa carta duvidosa. Ele falava bem alto, ostensivamente, para ser ouvido e impressionar as pessoas. "O tempo nos pertence, Eva, quando nós e nossos pares temos os mesmos pressupostos, a ponto de nem pensarmos no assunto. Do mesmo modo, quando os tempos mudam e uma pessoa não muda, ela está perdida. Permita-me acrescentar: os impérios caem pelo mesmo motivo." Aquele filósofo de botequim me deixou pasmo. Uma moça bonita como E. podia

arrumar coisa melhor, não? Também o comportamento dela me surpreendia. Em plena luz do dia, na cidade dela! Será que *quer* cavar a própria cova? Será E. uma dessas sufragistas feministas à la Rossetti? Segui o casal a uma distância discreta até uma casa numa rua chique. O homem rapidamente olhou para os lados antes de pôr a chave na fechadura. Mais que depressa, entrei num beco. Imagine Frobisher esfregando as mãos de júbilo!

Eva voltou, como sempre, no final da tarde de sexta. No vestíbulo entre o quarto dela e a porta da estrebaria há uma espécie de trono de carvalho. Instalei-me nele. Infelizmente me perdi na contemplação do cromatismo dos velhos vitrais, e não reparei em E., com o rebenque na mão, sem sequer se dar conta de que estava caindo numa emboscada. "*S'agit-il d'un guet-apens? Si vous voulez discuter avec moi d'un problème personnel, vous pourriez me prévenir*?"

Tendo sido tomado de surpresa, acabei exprimindo em voz alta meus pensamentos. Eva captou a palavra. "'Sorrateira', é disso que o senhor está me chamando? '*Une moucharde*'? *Ce n'est pas un mot aimable, Mister Frobisher. Si vous dites que je suis une moucharde, vous allez nuire à ma réputation. Et si vous nuisez à ma réputation, eh bien, il faudra que je ruine la vôtre!*"

Tardiamente, abri fogo. Sim, sua reputação era precisamente o assunto sobre o qual eu queria alertá-la. Mesmo que fosse apenas um estrangeiro de passagem em Bruges a vê-la no parque de Minnewater no horário escolar com um cafajeste qualquer, mais dia, menos dia todos os mexeriqueiros da cidade iam arrastar na lama o nome Crommelynck-Ayrs!

De início esperei um tapa na cara, mas logo ela ficou vermelha e baixou o rosto. Humilde, perguntou: "*Avez-vous dit à ma mère ce que vous avez vu?*". Respondi que não, não tinha dito nada a ninguém, ainda. E. fez pontaria: "Burrice sua, M. Frobisher, porque mamãe lhe diria que meu misterioso 'acompanhante' era M. Van de Velde, o cavalheiro com cuja família eu me hospedo durante a semana. O pai dele é dono da maior fábrica de munições da Bélgica, e ele é um homem de família respeitável. Quarta-feira foi meio-feriado, e por isso M. Van de Velde teve a bondade de

me acompanhar do seu escritório até a casa. As filhas dele tinham que ir a um ensaio do coral. A escola não gosta que as alunas andem pela rua sozinhas, mesmo durante o dia. O senhor sabe, é que há pessoas sorrateiras nos parques, pessoas de mente suja, esperando uma oportunidade de denegrir a reputação de uma moça, ou quem sabe de chantageá-la".

Blefe ou tiro pela culatra? Resolvi me proteger. "*Chantagem?* Eu tenho três irmãs, e estava preocupado com sua reputação! Só isso."

Ela saboreou sua vantagem. "*Ah oui*? *Comme c'est delicat de votre part!* Me diga uma coisa, sr. Frobisher, o que, exatamente, o senhor achava que M. Van de Velde ia fazer comigo? O senhor estava realmente *morrendo* de ciúme?"

O tom terrivelmente direto — para uma moça — abalou minhas fundações. "Estou aliviado por ter esclarecido o mal-entendido", escolhi meu sorriso mais insincero, "e peço-lhe minhas sinceras desculpas."

"Aceito suas sinceras desculpas com o mesmo espírito que o senhor as oferece." E. saiu em direção à estrebaria, agitando o rebenque no ar como se fosse a cauda de uma leoa. Recolhi-me à sala de música para esquecer meu desempenho desastroso com uma peça diabólica de Liszt. Normalmente saio-me muito bem na "Prédication aux oiseaux", mas não nessa sexta-feira. Se ela ficar sabendo das visitas noturnas de sua mãe — bom, melhor nem pensar. Por que será que jamais encontrei um garoto de quem eu não fosse capaz de fazer gato-sapato (além de outras coisas também), e no entanto quando me meto com as mulheres de Zedelghem elas sempre levam a melhor?

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
29-VIII-1931

Sixsmith,

Sentado à minha escrivaninha de *robe de chambre*. O sino da igreja dá as cinco horas. Mais uma madrugada sedenta. Minha vela está reduzida a um toco. Uma noite cansativa virada do avesso. J. veio para a minha cama à meia-noite, e em plena sessão de ginástica começaram a esmurrar a porta do meu quarto. Um horror farsesco! Graças a Deus J. a havia trancado depois que entrou. A maçaneta estremecia, batidas insistentes começaram a soar. O medo é capaz de limpar a mente tanto quanto de turvá-la, e assim, lembrando-me da passagem do *Don Juan* de Byron, escondi-a num ninho de cobertores e lençóis na minha cama afundada, e deixei a cortina semiaberta para mostrar que eu não tinha nada a esconder. Atravessei o quarto trôpego, sem acreditar que aquilo estava acontecendo comigo, esbarrando nas coisas de propósito para ganhar tempo, e, chegando à porta, exclamei: “Mas que diabo é isso? A casa está pegando fogo?”.

“Abra logo, Robert!” Ayrs! Você pode imaginar, preparei-me para esquivar-me de balas. Desesperado, perguntei que horas eram, só para ganhar mais alguns momentos.

“Que horas? Sei lá! Estou com uma melodia, rapaz, para violino, uma dádiva, não consigo dormir por causa dela, por isso preciso de você para anotá-la agora!”

Seria possível confiar nele? “Não dá para esperar até a manhã?”

“Não, não dá para esperar, não, Frobisher! Até lá eu posso esquecer!”

Não deveríamos ir para a sala de música?

“Vai acordar a casa toda, e não precisa, todas as notas estão no lugar, na minha cabeça!”

O jeito foi pedir-lhe que esperasse enquanto eu acendia uma vela. Destranquei a porta e lá estava Ayrs, uma bengala em cada mão, mumificado na sua camisola enluarada. Hendrick vinha atrás dele, silencioso e atento como um totem indígena. “Abra alas, abra alas!” Ayrs foi me empurrando para entrar. “Arranje uma caneta, pegue papel pautado em branco, acenda a luminária, depressa. Por que cargas-d’água você tranca a porta se dorme com as janelas abertas? Os prussianos foram embora, e os fantasmas atravessam as portas de qualquer jeito.” Balbuciei alguma

desculpa besta, que eu não conseguia dormir com a porta destrancada, mas ele não estava prestando atenção. “Você tem papel pautado aqui ou tenho que mandar o Hendrick buscar?”

A sensação de alívio por V. A. não haver me apanhado em flagrante bimbando com sua mulher fez com que suas exigências parecessem menos absurdas do que eram, e por isso eu disse sim, tenho papel, tenho canetas, vamos começar. Ayrs enxergava mal demais para ver alguma coisa suspeita nos contrafortes da minha cama, mas Hendrick talvez fosse um perigo. Nunca se deve confiar na discrição da criadagem. Depois que Hendrick ajudou seu patrão a sentar-se numa cadeira e colocou um agasalho em seus ombros, eu lhe disse que o chamaria quando terminássemos. Ayrs não me contradisse — já estava cantarolando. Haveria um brilho de conspirador nos olhos de H.? Estava escuro demais no quarto para se ter certeza. O criado fez uma mesura quase imperceptível e foi embora deslizando, como se ele se movesse sobre rodas bem lubrificadas, fechando a porta silenciosamente ao sair.

Fui até o lavabo e joguei um pouco de água no rosto, depois fui me sentar em frente a Ayrs, temendo que J. esquecesse que as tábuas corridas rangiam e tentasse escapulir na ponta dos pés.

“Estou pronto.”

Ayrs cantarolou sua sonata, compasso por compasso, depois foi dando o nome das notas. A estranheza daquela miniatura em pouco tempo me absorveu, apesar das circunstâncias. É uma gangorra melódica, cíclica, cristalina. Ele terminou depois do compasso 96, e me pediu que no alto do papel fizesse a anotação “triste”. Então perguntou: “O que você achou?”.

“Não sei direito”, respondi. “Não parece seu estilo. Não parece com ninguém. Mas é hipnótico.”

Ayrs agora estava recurvo, à la um óleo pré-rafaelita chamado *Eis que a musa saciada descarta seu fantoche*. O canto dos pássaros borbulhava no jardim ao pré-amanhecer. Pensei sobre as curvas de J. na cama, a poucos metros de mim, senti até mesmo um perigoso latejo de impaciência dirigido a ela. V. A. estava inseguro, pela primeira vez. “Sonhei com um… café

infernal, fortemente iluminado, mas subterrâneo, sem saída. Eu estava morto havia muito, muito tempo. Todas as garçonetes tinham a mesma cara. A comida era sabão, a única bebida eram xícaras cheias de espuma. A música no café", ele apontou um dedo exausto para o manuscrito, "era esta."

Toquei a campainha para chamar H. Queria que Ayrs saísse do meu quarto antes que a luz do dia revelasse a esposa dele na minha cama. Um minuto depois H. bateu à porta. Ayrs levantou-se com dificuldade e saiu mancando — detesta ser visto quando está sendo ajudado a andar. "Bom trabalho, Frobisher." Sua voz chegou até mim vindo já do corredor. Fechei a porta e soltei um enorme suspiro de alívio. Voltei para a cama, onde meu jacaré envolto em lençóis de pântano cravou os dentinhos em sua jovem presa.

Estávamos em meio a um voluptuoso beijo de despedida quando, que diabo, a porta rangeu e abriu-se novamente. "Mais uma coisa, Frobisher!" Mãe de todas as imprecações, eu não havia trancado a porta! Ayrs veio vindo, à deriva, em direção à cama, como o navio naufragado do *Hesperus* de Longfellow. J. voltou a esconder-se sob os lençóis enquanto eu emitia ruídos confusos, de surpresa. Graças a Deus, Hendrick ficou esperando lá fora — acaso ou tato? V. A. encontrou o pé da cama e sentou-se ali, a poucos centímetros do volume formado por J. Se ela espirrasse ou tossisse, até mesmo Ayrs, velho e cego, haveria de perceber. "Um problema delicado, por isso vou me abrir logo de uma vez. A Jocasta. Ela não é uma esposa muito fiel. Do ponto de vista matrimonial. Os amigos ficam me dando indiretas, os inimigos me falam de casos que ela tem. Será que alguma vez… com você… entende o que eu quero dizer?"

Minha voz ficou rígida, uma atuação magistral. "Não, acho que não entendo o que o senhor quer dizer."

"Não me venha com acanhamentos, rapaz!" Ayrs inclinou-se para o meu lado. "A minha mulher alguma vez tentou seduzir você? Eu tenho o direito de saber!"

Evitei um riso nervoso, por um triz. “Acho sua pergunta de extremo mau gosto.” O hálito de Jocasta umedecia minha coxa. Ela devia estar sendo torrada viva embaixo das cobertas. “*Eu* não chamaria de ‘amigo’ alguém que espalhasse esse tipo de sujeira. No caso da sra. Crommelynck, francamente, a ideia me parece tão impensável quanto desagradável. Se, *por acaso*, motivada por, sei lá, um colapso nervoso, ela se comportasse de modo tão impróprio, bem, para ser franco, eu provavelmente pediria um conselho a Dhondt, ou falaria com o dr. Egret.” Nada como um sofisma para servir de cortina de fumaça.

“Então você não vai me dar uma resposta monossilábica?”

“Vou lhe dar uma resposta monossilábica. Enfaticamente: ‘não’! E gostaria muito que esse assunto fosse encerrado.”

Ayrs deixou que um longo momento transcorresse. “Você é jovem, Frobisher, é rico, inteligente e pelo que todos me dizem não chega a ser completamente repugnante. Não sei por que continua aqui.”

Bom. Ele estava ficando sentimental. “O senhor é o meu Verlaine.”

“Sou, meu jovem Rimbaud? Então onde está sua *saison en enfer*?”

“Em esboços, no meu cérebro, nas minhas entranhas. No meu futuro.”

Não sei se o sentimento de Ayrs era humor, piedade, nostalgia ou escárnio. Ele saiu. Tranquei a porta e voltei para a cama pela terceira vez naquela noite. Essas farsas de alcova, quando ocorrem na vida real, são tristíssimas. Jocasta parecia zangada comigo.

“O que foi?”, sussurrei.

“Meu marido ama você”, disse a esposa, vestindo-se.

Zedelghem está despertando. O encanamento faz um barulho de tias velhas. Tenho pensado no meu avô, cujo brilho errático saltou a geração de meu pai. Uma vez ele me mostrou uma água-tinta de certo templo siamês. Não me lembro do nome do templo, mas desde o dia em que um discípulo do Buda pregou naquele lugar séculos atrás, todo rei bandido, tirano e monarca daquele reino o enfeita com torres de mármore, arboretos

odoríferos, cúpulas folheadas a ouro, manda pintar murais luxuosos nos tetos abobadados, crava esmeraldas nos olhos das estatuetas. Quando o templo por fim igualar-se à sua contraparte na Terra Pura, reza a lenda, nesse dia a humanidade terá cumprido sua missão e o próprio Tempo chegará ao fim.

Para homens como Ayrs, fico pensando, esse templo é a civilização. As massas, escravos, camponeses e soldados rasos existem nas fendas entre as lajes do piso, ignorando até mesmo sua própria ignorância. Mas não os grandes estadistas, cientistas, artistas e, acima de tudo, compositores da época, de qualquer época, que são os arquitetos, pedreiros e sacerdotes da civilização. Para Ayrs, nosso papel é tornar a civilização ainda mais resplandecente. O desejo mais profundo, quiçá único, do meu patrão é criar um minarete tal que os herdeiros do Progresso daqui a mil anos possam apontar para ele e dizer: “Olhem, lá está Vyvyan Ayrs!”.

Como é vulgar essa ânsia de imortalidade, como é vã e falsa. Os compositores não passam de homens a rabiscar pinturas nas cavernas. Nós compomos música porque o inverno é eterno, e porque, se não o fizéssemos, os lobos e as nevascas dariam cabo de nós mais rápido ainda.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
14-IX-1931

Sixsmith,

Sir Edward Elgar veio tomar chá hoje à tarde. *Nele* até você já ouviu falar, seu ignorante. Ora, normalmente, quando perguntam a Ayrs o que acha da música inglesa, ele retruca “Que música inglesa? Isso não existe! Acabou com Purcell!” e fica emburrado o resto do dia, como se a Reforma fosse culpa de quem perguntou. Essa hostilidade foi esquecida na mesma hora quando Sir Edward telefonou de seu hotel em Bruges hoje de manhã,

perguntando se Ayrs teria uma ou duas horas livres. Ayrs deu um espetáculo de rabugice, mas percebi pelo jeito como atazanou a sra. Willems a respeito dos preparativos para o chá que ele estava mais feliz do que prostituta em dia de pagamento no quartel. Nosso famoso convidado chegou às duas e ½ com uma pelerine verde-escura, apesar do tempo bom. O estado de saúde de Elgar não é muito melhor que o de V. A. Eu e J. o recebemos na escada de entrada de Zedelghem. “Então é *você* que atua como os olhos do Vyv, não é?”, ele me disse, quando trocamos um aperto de mãos. Comentei que já o vira regendo mais de dez vezes no festival, o que o agradou. Levei o compositor até o Salão Escarlate, onde Ayrs o aguardava. Eles se cumprimentaram muito efusivamente, mas como se um tivesse medo de se machucar ao esbarrar no outro. A dor ciática de Elgar o incomoda muito, e até mesmo nos dias bons V. A. tem uma aparência assustadora à primeira vista, e pior ainda à segunda. O chá foi servido e eles conversaram sobre trabalho, quase sempre ignorando a minha presença e a de J., mas foi fascinante a experiência de ser uma mosca pousada na parede. De vez em quando Sir E. olhava de relance para nós, para certificar-se de que não estava cansando demais seu anfitrião. “Absolutamente.” À guisa de resposta, nós sorríamos. Eles duelaram a respeito de temas como o uso de saxofones em orquestras, se Webern é uma fraude ou se é o Messias, o mecenato e a política da música. Sir E. anunciou que está trabalhando numa terceira sinfonia, depois de um longo período de hibernação — chegou mesmo a tocar para nós alguns esboços de um *molto maestoso* e um *allegretto* no piano de armário. Ayrs estava ansioso para demonstrar que também ele não está com um pé na cova, e me fez executar algumas passagens de música de piano recém-esboçadas — coisas bem bonitas. Após matar algumas garrafas de cerveja trapista, perguntei a Elgar a respeito das *Marchas pompa e circunstância*. “Ah, eu estava precisando de dinheiro, meu rapaz. Mas não conte a ninguém. O rei pode querer retirar o baronato que ele me deu.” Ayrs teve espasmos de tanto rir depois dessa! “Eu sempre digo, Ted, para fazer a multidão gritar ‘hosana’, primeiro você tem que chegar à cidade montado num burro. De preferência, de costas, e

ao mesmo tempo contar para as massas as histórias absurdas que elas querem ouvir.”

Sir E. já estava sabendo da recepção do “Totdtenvogel” em Cracóvia (pelo visto, toda Londres já sabe), e assim V. A. me mandou pegar uma partitura. De volta ao Salão Escarlate, nosso convidado instalou-se perto da janela com o nosso Pássaro da Morte e ficou a ler com a ajuda de um monóculo, enquanto eu e Ayrs fingíamos estar ocupados com outras coisas. “Nessa altura da vida em que nós estamos, Ayrs”, E. disse por fim, “não temos o direito de ter ideias tão ousadas. De onde você as tirou?”

V. A. inchou como um sapo satisfeito. “Acho que consegui vencer uma ou duas ações de retaguarda na minha guerra contra a decrepitude. O Robert, este menino, está se saindo um valioso ajudante de ordens.”

Ajudante de ordens? Eu é que sou o general, e ele não passa de um turco gordo e velho que vive sonhando com as glórias do passado! Dei o sorriso mais cativante de que sou capaz (como se o telhado que me protege dependesse disso. Ademais, Sir E. pode me vir a ser útil algum dia, de modo que não vale a pena dar a impressão de que sou um intrigante). Durante o chá, Elgar contrastou favoravelmente a minha situação em Zedelghem com o primeiro emprego dele, de diretor musical de um hospício em Worcestershire. “Uma ótima preparação para se tornar regente da Filarmônica de Londres, é ou não é?”, saiu-se V. A. Rimos, e perdoei até certo ponto aquele velho caturra e egoísta por ser quem é. Pus mais uma ou duas toras na lareira. Em meio à fumaça e à luz do fogo, os dois velhos cochilaram como se fossem dois reis da Antiguidade atravessando os milênios em suas tumbas. Fiz uma anotação musical dos roncos deles. Elgar será interpretado por uma tuba baixa, Ayrs por um fagote. Vou fazer a mesma coisa com Fred Delius e John Mackerras e publicar tudo junto numa obra intitulada *Museu suburbano de eduardianos empalhados*.

Três dias depois

Acabo de voltar de uma caminhada *molto lenta* com V. A. pela alameda do Monge, até a guarita do porteiro. Fui empurrando a cadeira de rodas. A paisagem está muito pitoresca esta tarde; folhas outonais voando em espirais urgentes, como se V. A. fosse o feiticeiro e eu, seu aprendiz. As sombras alongadas dos choupos traçavam listas no prado ceifado. Ayrs queria revelar-me suas ideias para uma última e grandiosa obra sinfônica, a ser intitulada *Eterno retorno* em homenagem ao seu adorado Nietzsche. Parte da música será extraída de uma ópera abortada baseada na *Ilha do dr. Moreau*, cuja montagem foi cancelada com a eclosão da Guerra, outra parte V. A. acredita que vai "vir" a ele, e a espinha dorsal da obra será aquela "música sonhada" que ele me ditou no meu quarto naquela noite terrível no mês passado, sobre a qual lhe escrevi. V. A. quer quatro movimentos, um coro feminino e uma orquestra grande com muitas madeiras ayrsianas. Ou seja, um verdadeiro leviatã das profundezas. Quer meus serviços por mais ½ ano. Respondi que ia pensar. Ele propôs aumentar meu salário, uma manobra ao mesmo tempo vulgar e esperta de sua parte. Repeti que precisava de um tempo. V. A. ficou muito aborrecido porque não respondi um "Sim!" entusiástico na hora — mas quero que o velho sacana reconheça que precisa mais de mim do que eu dele.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
28-IX-1931

Sixsmith,

J. está se tornando um incômodo. Assim que fazemos amor, ela se esparrama toda na cama feito uma boboca e fica me perguntando sobre as outras mulheres cujas cordas já tangi. Depois que arrancou alguns nomes de mim, ela passou a me dizer coisas do tipo: "Ah, imagino que foi a Frederica que lhe ensinou isso". (Ela brinca com aquele sinal de nascença que tenho

na omoplata, aquele que, segundo você, parece um cometa — não *suporto* quando essa mulher fica futricando minha pele.) J. inventa uns arrufos bobos para depois encenar reconciliações tediosas, e o mais preocupante é que começou a deixar esses nossos dramas ao luar se intrometerem nas nossas vidas diurnas. Ayrs não enxerga outra coisa que não seja o *Eterno retorno*, mas Eva volta daqui a dez dias, e aquela criatura de olhos de gavião vai detectar a presença de um segredo putrefaciente num piscar de olhos.

J. acha que nossa relação permite que ela me faça vincular meu futuro a Zedelghem de modo mais sólido — diz ela, ½ de brincadeira, ½ a sério, que não vai me deixar "abandonar" a ela e seu marido, no momento em que "eles" estão mais necessitados. O demônio, Sixsmith, está nos pronomes. O pior de tudo é que J. começou a usar aquela palavra começada por A em relação a mim, e quer ouvi-la de meus lábios também. Qual o problema dessa mulher? Tem quase o dobro da minha idade! O que é que ela quer? Eu lhe garanti que jamais amei outra pessoa que não a mim mesmo, e que não tenho nenhuma intenção de mudar agora, especialmente com a mulher de outro homem, e especialmente quando o homem em questão tem o poder de sujar meu nome em toda a comunidade musical europeia, bastando-lhe escrever meia dúzia de cartas. Aí, é claro, a fêmea se vale dos seus recursos costumeiros, chora no meu travesseiro, acusa-me de "usá-la". Concordo, é claro que eu a "usei", tal como ela me "usou". É essa a relação entre nós. Se não está mais satisfeita, eu não a estou prendendo. E assim ela sai batendo os pés e fica fazendo beicinho uns dois dias e duas noites, até que a ovelha velha volta a sentir fome de carneiro jovem, e então retorna, começa a dizer que sou o queridinho dela, agradece-me por ter "devolvido a música ao Vyvyan", e o ciclo idiota recomeça mais uma vez. Terá ela recorrido a Hendrick no passado? Creio que J. é capaz de qualquer coisa. Se um dos médicos austríacos de Renwick abrisse a cabeça dela, todo um enxame de neuroses ia brotar de lá. Se eu soubesse que J. era tão instável, não a teria deixado enfiar-se na minha cama naquela primeira noite. Ela tem um jeito desolado de fazer amor. Desolado, não: feroz.

Aceitei a proposta de V. A. e vou ficar aqui até o próximo verão, no mínimo. Nenhuma consideração cósmica entrou na minha decisão — apenas vantagens artísticas, pragmatismo financeiro e a possibilidade de que J. tenha algum chilique se eu for embora. As consequências disso não seriam do tipo “lavou, está novo”.

Mais tarde, no mesmo dia

O jardineiro fez uma fogueira com as folhas secas — acabei de voltar para dentro de casa. O calor no rosto e nas mãos, a fumaça triste, o fogo a crepitar e resfolegar. Lembrei-me da cabana do jardineiro em Gresham. Enfim, tirei desse fogo uma linda passagem — percussão para o crepitar do fogo, fagote contralto para a madeira e uma flauta nervosa para as chamas. Terminei de transcrever a peça neste instante. O ar dentro do *château* está úmido como roupa lavada que não quer secar. Correntezas de ar fazem as portas bater nos corredores. O outono está deixando para trás sua doçura e entrando na sua fase espinhosa, apodrecida. Não me lembro do verão nem mesmo dizendo adeus.

Saudações,

R. F.

— w —

Meias-vidas
O primeiro romance policial
da série Luisa Rey

1

Rufus Sixsmith, debruçado na varanda, calcula a velocidade de seu corpo quando ele atingir a calçada, dando fim a seus dilemas. O telefone toca no quarto escuro. Sixsmith não ousa atender. Ouve-se música de discoteca a todo volume vindo do apartamento ao lado, onde uma festa está no auge, e Sixsmith, aos sessenta e seis anos de idade, sente-se mais velho do que é. A poluição obscurece as estrelas, mas para o norte e para o sul, ao longo da orla marítima, Buenas Yerbas resplandece com seu bilhão de luzes. Para o oeste, a eternidade do Pacífico. Para o leste, a extensão nua, heroica, perniciosa, sacralizada, sedenta, enlouquecedora do continente americano.

Uma moça emerge da festa no apartamento ao lado e se debruça na varanda vizinha. Seu cabelo é bem cortado, seu vestido violeta é elegante, mas ela parece tomada por uma tristeza e uma solidão incuráveis. *Proponha um pacto de morte, por que não?* Sixsmith não está pensando a sério, e também não vai pular, se uma brasa de humor ainda arde nele. *Além disso, um acidente discreto é justamente o que Grimaldi, Napier e todos aqueles marginais bem vestidos querem que aconteça*. A sirene de uma ambulância transpassa o rumor incessante do tráfego. Arrastando os pés, Sixsmith volta para dentro do quarto, onde o telefone abruptamente se cala. Ele verte em seu copo mais uma dose generosa do vermute que retira de dentro do

frigobar de seu anfitrião ausente, mergulha a mão no balde de gelo e depois enxuga o rosto. *Saia, vá a algum lugar e telefone para Megan, ela é a única amiga que você tem agora*. Ele sabe que não vai fazer isso. *Você não pode envolvê-la nessa catástrofe letal*. O ritmo de discoteca parece pulsar em suas têmporas, mas o apartamento é emprestado e ele acha que não vale a pena reclamar. *Buenas Yerbas não é Cambridge. Além disso, você está se escondendo*. A brisa faz bater a porta da varanda, e Sixsmith, assustado, derrama metade do vermute fora do copo. *Não, seu velho pateta, não foi um tiro, não.*

Ele enxuga a bebida derramada com um pano de prato, liga a tevê com o volume bem baixo e corre pelos canais à procura de *M*A*S*H. Está passando em algum lugar. É só continuar procurando*.

2

Luisa Rey ouve um barulho vindo da varanda ao lado. “Alguém aí?” *Ninguém*. Seu estômago lhe dá um alerta, mandando-a largar o copo de água tônica. *Você precisava era ir ao banheiro, e não respirar ar fresco,* mas a ideia de atravessar toda a festa lhe parece insuportável, *e, além disso, não vai dar tempo* — pela parede externa do prédio ela lança cargas: uma vez, duas vezes, um vislumbre de frango gorduroso, e uma terceira vez. *Isso,* ela enxuga os olhos, *foi a terceira coisa mais suja que você já fez*. Ela faz um bochecho e cospe dentro de um vaso de flores atrás de uma tela. *Você está jogando fora sua vida*. Luisa enxuga os lábios com um lenço de papel e encontra uma bala de hortelã na bolsa. *Vá para casa e, uma vez na vida, invente quaisquer trezentas palavras e acabe logo com isso. Afinal, as pessoas só veem mesmo as fotos*.

Um homem velho demais para estar de calça de couro, torso nu e colete zebrado chega na varanda. “Luisa*aaa*!” Uma barba dourada cultivada e uma cruz ansada egípcia de ortoclase e jade pendurada no pescoço. “Oi!”

Luisa teme que seu cheiro o incomode, mas ele está doidão demais para reparar. “Richard”, ela diz.

“Veio ver as estrelas um pouco, não é? Maior barato. O Bix trouxe *duzentos* gramas de pó, bicho. O cara é *muito louco*. Vem cá, eu falei na entrevista? No momento o nome que estou experimentando é ‘Ganja’. O Maharaj Aja diz que ‘Richard’ não bate com meu Eu Iovédico.”

“Quem?”

“Meu guru, Luis*aaa*, meu guru! Ele está na última encarnação antes de…” Richard faz *pufff*! com os dedos. Rumo ao nirvana. “Você tem que ir numa sessão dele. A lista de espera, pô, normalmente demora *milênios*, mas os discípulos com cruz de jade conseguem audiência pessoal no mesmo dia. Pode crer, bicho, nada a ver isso de fazer faculdade e o cacete, quando o Maharaj Aja te ensina tudo sobre… o *Ser*.” Ele emoldura a lua com os dedos. “As *palavras* são… a maior care*ti*ce… O espaço… é tão… saca, né, *total*. A fim de um fuminho? Acapulco Gold. Quem me arranjou foi o Bix.” Ele se aproxima de Luisa de um jeito especial que as mulheres compreendem. “Seguinte, Lu, a gente podia curtir uns baratos aí, depois da festa. Só nós dois, lá no meu apê, saca? Olha que eu te dou uma entrevista *muito* exclusiva. De repente até faço uma música pra você e gravo no meu próximo disco.”

“Tô fora.”

O roqueiro de segunda divisão aperta os olhos. “Não é a melhor época do mês, é isso? Que tal semana que vem? Eu achava que as garotas da imprensa, não é, nunca deixavam de tomar a pílula.”

“Essa cantada você também comprou do Bix?”

Ele dá um risinho. “Vem cá, o Bix andou te falando alguma coisa?”

“Richard, pra não ficar nenhuma dúvida, eu preferia pular do alto dessa varanda a transar com você, em qualquer época do mês. Falando sério.”

“Putz!” A mão dele salta para trás como se tivesse sido picada. “Me*ti*da, hein?! Tá pensando que você é quem — a Joni Mitchell, é? Porra, tu é só a *colunista social* de uma revistinha que *ninguém lê*!”

3

As portas do elevador começam a se fechar no momento exato em que Luisa Rey se aproxima, porém a pessoa invisível que está lá dentro força-as a reabrir enfiando uma bengala entre elas. “Obrigada”, diz Luisa ao velho. “Ainda bem que a era do cavalheirismo não morreu completamente.”

Ele acena com a cabeça, um gesto solene.

Poxa, pensa Luisa, *esse aí parece que acaba de receber uma sentença de morte*.

Luisa aperta o T de térreo. O velho elevador começa sua descida. Uma agulha lenta vai marcando os andares. O motor geme, os cabos rangem, mas entre o décimo e o nono andar um *tata-tata-tata* explode e depois morre com um *ffzzz-zzz-zz-z*. Luisa e Sixsmith são jogados no chão. A luz pisca, depois estaciona num tom de sépia, zumbindo.

“O senhor está bem? Consegue se levantar?”

O velho, esparramado no chão, tenta recuperar-se. “Acho que não quebrei nenhum osso, não, mas prefiro ficar mesmo sentado, obrigado.” Seu sotaque britânico aristocrático faz Luisa pensar no tigre do *Livro da selva*. “A luz pode voltar de repente.”

“Meu Deus”, murmura Luisa. “Uma queda de energia. O fim perfeito para um dia perfeito.” Ela aperta o botão de emergência. Nada. Aperta o botão do interfone e grita: “Ei! Tem alguém aí?”. Ruído de estática. “Nós estamos presos aqui! Tem alguém ouvindo?”

Luisa e o velho se entreolham, de lado, atentos.

Nenhuma resposta. Apenas vagos ruídos submarinos.

Luisa examina o teto. “Deve haver uma saída de emergência…” Não há. Levanta o carpete — o piso é de aço. “Acho que essas coisas só tem no cinema.”

“A senhorita continua achando bom”, pergunta o velho, “não ter morrido a era do cavalheirismo?”

Luisa consegue sorrir, com esforço. “A gente pode ter que ficar aqui um bom tempo. No mês passado, faltou luz por sete horas.” *Bom, pelo menos não estou confinada com um psicopata, com um claustrofóbico nem com o Richard Ganga*.

4

Rufus Sixsmith está sentado num canto sessenta minutos depois, enxugando a testa com o lenço. “Assinei o *Illustrated Planet* em 1967 pra ler as reportagens que o seu pai mandava do Vietnã. Milhares de pessoas fizeram como eu. O Lester Rey era um dos únicos jornalistas, quatro ou cinco ao todo, que entendiam a guerra do ponto de vista asiático, por isso gostaria muito de saber como é que um policial se tornou um dos melhores correspondentes estrangeiros de sua geração.”

“Já que o senhor quer saber…” Cada vez que ela a reconta, a história fica mais redonda. “Meu pai entrou para a polícia de Buenas Yerbas poucas semanas antes de Pearl Harbor, e foi por isso que ele passou a guerra aqui, e não no Pacífico, como o irmão dele, Howie, que pisou numa mina japonesa jogando vôlei numa praia das ilhas Salomão. Em pouco tempo, ficou claro que o lugar do meu pai era o décimo distrito, e foi pra lá que ele foi mandado. Toda cidade tem uma delegacia assim — uma espécie de cercadinho onde colocam todos os policiais honestos, que não recebem propina e não fingem não ver essas coisas. Mas, sim, na noite do Dia da Vitória, Buenas Yerbas virou uma grande festa e, como você pode imaginar, a polícia não estava conseguindo dar conta da cidade toda. Meu pai foi avisado de que estavam ocorrendo saques no cais Silvaplana, uma espécie de terra de ninguém entre o décimo distrito, o porto de BY e o distrito de Spinoza. Nunca se descobriu quem foi que deu o alarme, nem por que — se foi informação genuína, deduragem, erro, um trote com efeito catastrófico —, mas o fato é que meu pai e o parceiro dele, um sujeito chamado Nat

Wakefield, foram até lá pra ver. Eles estacionam o carro entre dois contêineres, desligam o motor, saem a pé e veem uns vinte e pouco homens pegando engradados num armazém e colocando dentro de um caminhão blindado. A iluminação está fraca, mas os homens não parecem ser estivadores e não estão de uniforme militar. Wakefield diz a meu pai pra ir até o rádio e pedir reforços. No momento em que meu pai chega ao rádio, entra uma ligação dizendo que a ordem original para investigar o saque foi cancelada. Meu pai relata o que viu, porém a ordem é repetida, e assim meu pai volta correndo ao armazém a tempo de ver seu parceiro pedir a um dos homens fogo para o cigarro e levar seis tiros nas costas. Sabe-se lá como, meu pai mantém a calma, volta correndo pro carro e consegue enviar um código oito — um pedido de socorro — antes de seu carro levar uma saraivada de balas. Ele está cercado por todos os lados, menos o mar, e assim joga o carro dentro daquele coquetel de óleo diesel, lixo, esgoto e água. Ele nada por baixo do cais — naquele tempo o Silvapana era uma estrutura de aço flutuante, e não a península de concreto que é hoje — e consegue subir por uma escadinha, encharcado, tendo perdido um sapato e com o revólver estragado. Tudo o que ele pode fazer é observar os homens, que estão terminando o serviço quando chegam dois carros da delegacia de Spinoza. Antes que meu pai possa correr até lá pra avisar os outros policiais, uma guerra desigual tem início — os criminosos atacam as duas radiopatrulhas com *submetralhadoras* e destroem uma delas. O caminhão dá a partida, os criminosos saltam pra dentro dele e enquanto saem do estacionamento ainda jogam duas granadas da traseira do caminhão. Sabe-se lá se a ideia era realmente machucar alguém ou só impedir atos de heroísmo, mas o fato é que uma delas acertou meu pai, e ele virou uma almofada de alfinetes humana. Acordou dois dias depois no hospital sem o olho esquerdo. Os jornais caracterizaram o incidente como um ataque oportunista realizado por uma gangue de ladrões que teve sorte. O pessoal do décimo concluiu que um grupo organizado que estava roubando armas durante a guerra resolveu mudar de estoque agora que a guerra havia terminado e a fiscalização seria mais rigorosa. Houve pressões pra que se

realizasse uma investigação mais aprofundada sobre o incidente de Silvaplana — três policiais mortos não era pouca coisa em 1945 —, mas a prefeitura impediu que se fizesse alguma coisa. Tire suas próprias conclusões. Foi o que meu pai fez, e ele perdeu a fé nas instituições policiais. Quando saiu do hospital oito meses depois, já havia concluído um curso de jornalismo por correspondência."

"Meu Deus", exclama Sixsmith.

"O que aconteceu depois o senhor já deve saber. Ele cobriu a guerra da Coreia pro *Illustrated Planet*, depois se tornou correspondente na América Latina pro *West Coast Herald*. Foi ao Vietnã cobrir a batalha de Ap Bac e ficou em Saigon até ter a primeira crise, em março. Foi um milagre o casamento dos meus pais durar tanto tempo — sabe, o maior período que eu passei em companhia dele foi de abril a julho, este ano, no hospital." Luisa se cala. "Eu sinto muita falta dele, Rufus, uma coisa crônica. A toda hora esqueço que ele morreu. Fico achando que está a serviço em algum lugar, e que um dia desses vai voltar."

"Ele devia ter orgulho de ver que você seguiu os passos dele."

"Ah, Luisa Rey não é nenhum Lester Rey. Desperdicei anos bancando a rebelde e liberada, brincando de ser poeta e trabalhando numa livraria na rua Engels. Não convenci ninguém, minha poesia era 'tão vazia que nem chega a ser ruim' — palavras do Lawrence Ferlinghetti — e a livraria foi à falência. Assim, eu continuo sendo só colunista social." Luisa esfrega os olhos cansados, pensando na última fala de Richard Ganga. "Não faço nenhuma reportagem de guerra que ganhe prêmio. Fui pra *Spyglass* cheia de esperanças, mas até agora as fofocas maliciosas sobre festas badaladas são o mais perto que eu já cheguei da profissão do meu pai."

"Ah, mas são fofocas maliciosas bem escritas?"

"Ah, são fofocas maliciosas *muito* bem escritas."

"Então é muito cedo para lamentar que desperdiçou sua vida. Me desculpe por exibir minha experiência, mas você não faz *ideia* do que significa desperdiçar uma vida."

5

“O Hitchcock adora aparecer”, diz Luisa, a pressão em sua bexiga já se tornando incômoda, “mas detesta dar entrevista. Ele não respondeu as minhas perguntas porque nem ouviu direito o que eu perguntei. Segundo ele, seus melhores filmes são montanhas-russas que quase matam de medo quem anda nelas, mas no final todo mundo sai rindo e querendo andar de novo. Eu disse ao grande homem: a chave da ficção de terror é uma divisão, uma separação; desde que o Bates Motel esteja isolado do nosso mundo, a gente tem vontade de olhar lá dentro, como quem olha pra dentro de uma jaula de escorpiões. Mas se um filme mostra que o mundo *é* um Bates Motel, bom, aí… estamos em Buchloe, é distopia, depressão. A gente até molha os dedos dos pés num universo predatório, sem moral e sem Deus — mas só os dedos dos pés. A resposta do Hitchcock foi” — Luisa faz uma imitação bem boa — “‘Eu sou um diretor de Hollywood, minha jovem, e não o oráculo de Tebas’. Perguntei por que Buenas Yerbas nunca havia aparecido em seus filmes. Ele respondeu: ‘Essa cidade tem o pior de San Francisco e o pior de Los Angeles. Buenas Yerbas é um autêntico não lugar’. Ele soltava tiradas espirituosas desse tipo, se dirigindo não à pessoa que estava falando com ele, e sim à posteridade, pra que nas festas do futuro as pessoas comentassem: ‘Essa expressão é do Hitchcock, sabia?’.”

Sixsmith torce o lenço encharcado de suor. “Eu vi *Charada* com a minha sobrinha num cinema de arte ano passado. Ela me obriga a ver essas coisas, pra que eu não vire um ‘careta’. Eu até gostei, mas minha sobrinha disse que a Audrey Hepburn era uma ‘cabeça de vento’. Uma expressão deliciosa.”

“*Charada* é aquele filme em que tudo gira em torno de uns selos?”

“Um quebra-cabeça forçado, sim, mas todo filme de mistério precisa dessas coisas forçadas. O comentário de Hitchcock sobre Buenas Yerbas me lembra do que o John F. Kennedy disse sobre Nova York. Você sabe? ‘As

cidades normalmente são substantivos, mas Nova York é um verbo.’ O que seria Buenas Yerbas, eu me pergunto.”

“Uma sequência de adjetivos e conjunções?”

“Ou um palavrão?”

6

“A Megan, minha sobrinha querida.” Rufus Sixsmith mostra a Luisa a foto com uma moça bronzeada e uma versão de si próprio em melhor forma e mais saudável, tirada numa marina ensolarada. O fotógrafo disse alguma coisa engraçada logo antes de bater o instantâneo. Os dois estão sentados na popa de um pequeno iate chamado *Starfish*, com as pernas para fora da embarcação. “Esse aí é o meu velho barco, uma relíquia de um tempo mais dinâmico.”

Por educação, Luisa murmura algo no sentido de que ele não é um velho.

“Sou, sim. Se eu resolvesse fazer uma viagem mais longa agora, ia ter que contratar uma pequena tripulação. Ainda passo vários fins de semana nesse barco, sem ir muito longe da marina, pensando um pouco, trabalhando um pouco. A Megan também gosta do mar. Ela é uma física nata, tem uma cabeça pra matemática que eu nunca tive, o que deixa sua mãe um tanto contrariada. Meu irmão não se casou com a mãe da Megan por causa da inteligência dela, lamento dizer. Ela embarca nessas coisas de *feng shui*, *I Ching*, qualquer forma de iluminação transcendental instantânea que esteja na parada de sucessos no momento. Toda vez que a gente se encontra, minha irmã cita erradamente aquela fala do Horácio de *Hamlet*, você sabe, aquela de que tem mais coisas entre o céu e a terra. Já a Megan tem uma inteligência superior. Ela passou um ano do doutorado na minha antiga faculdade, em Cambridge. Uma mulher, lá no Caius College!” O suspiro de Sixsmith é bem-humorado. “Agora ela está terminando uma pesquisa em radioastronomia naquelas parabólicas gigantescas do Havaí.

Enquanto a mãe e o padrasto dela ficam torrando na praia em nome do lazer, eu e a Megan trocamos equações no bar.”

“O senhor tem filhos, dr. Sixsmith?”

“A vida inteira eu fui casado com a ciência.” Ele muda de assunto. “Uma pergunta hipotética. Que preço você estaria disposta a pagar, quer dizer, como jornalista, pra proteger uma fonte?”

Luisa nem pensa sobre a pergunta. “Se eu acreditasse na causa? Qualquer preço.”

“Por exemplo, a cadeia, por desacato?”

“Se a coisa chegasse a esse ponto, sim.”

“Chegaria a… pôr em risco sua própria segurança?”

“Bem…” Essa pergunta realmente a faz pensar. “Acho que… sim, eu teria que fazer isso.”

“*Teria* que fazer isso? Como assim?”

“Meu pai se aventurou em pântanos cheio de minas e enfrentou generais furiosos pra não comprometer sua integridade de jornalista. Se a filha do Lester Rey pulasse fora na hora do perigo, seria um insulto à memória dele.”

Conte tudo a ela. Sixsmith abre a boca para se abrir — falar sobre o encobrimento na Seabord, a chantagem, a corrupção —, mas de repente o elevador estremece, zumbe e volta a descer. Os dois passageiros apertam os olhos para se proteger da luz que volta, e Sixsmith constata que sua resolução evaporou. O ponteiro aponta o primeiro andar.

No saguão, o ar parece tão fresco quanto água de riacho de montanha. Todo o prédio reverbera, com os aparelhos elétricos que voltam a funcionar.

“Eu lhe telefono, Luisa”, diz Sixsmith, quando ela lhe entrega sua bengala, “em breve.” *Vou mesmo cumprir essa promessa?* “Sabe uma coisa? Tenho a impressão de que conheço você há *anos*, e não há noventa minutos.”

7

O mundo plano é curvo no olho do menino. Javier Moses folheia um álbum de selos sob uma luminária Anglepoise. Uma junta de huskies ladra num selo do Alasca, um ganso-do-havaí grasna, desengonçado, numa edição especial de cinquenta centavos, um vapor com rodas de pás singra as águas negras do Congo. Uma chave entra na fechadura, Luisa Rey entra tropeçando e tira os sapatos na quitinete. Ela fica uma fera ao encontrá-lo ali. “Javier!”

“Ah, oi.”

“Não me venha com ‘Ah, oi’, não. Você prometeu que *nunca* mais ia pular de uma varanda pra outra! E se alguém acha que é um ladrão e chama a polícia? E se você escorregar e cair?”

“Então me dá uma chave.”

Luisa estrangula um pescoço invisível. “Eu não vou ficar tranquila sabendo que um garoto de onze anos pode entrar na minha casa toda vez que…” — *sua mãe passa a noite fora de casa*, mas Luisa substitui esse pensamento por outra coisa — “… ele não tem o que ver na televisão.”

“Então por que é que você deixa a janela do banheiro destrancada?”

“Porque, se tem uma coisa pior do que você pular pra varanda, é você pular de novo por não conseguir entrar da primeira vez.”

“Eu faço onze anos em janeiro.”

“Não vou dar chave nenhuma.”

“Amigo dá chave pra amigo.”

“Não quando um tem vinte e seis anos e o outro ainda está no quinto ano.”

“Vem cá, por que é que você está chegando tão tarde? Conheceu uma pessoa *interessante*?”

Luisa faz uma cara feroz, mas não consegue ficar irritada com o menino por muito tempo. “Fiquei presa no elevador por causa da falta de luz. Mas isso não é da sua conta, rapazinho.” Ela acende a luz principal e leva um

susto ao ver um vergão feio, vermelho, no rosto de Javier. “Mas que… que foi isso?”

O bom humor do menino desaparece. Ele olha para a parede e depois volta aos selos.

“O Wolfman?”

Javier faz que não com a cabeça, dobra um pequenino pedaço de papel e o lambe dos dois lados. “O tal do Clark voltou. A mamãe está trabalhando no turno da noite lá no hotel a semana toda, e ele está esperando por ela. Ele fez umas perguntas sobre o Wolfman e eu falei que não era da conta dele.” Javier gruda a charneira no selo. “Não está doendo, não. Eu já passei remédio.” A mão de Luisa pega o telefone. “Não liga pra mamãe, não! Ela vai voltar correndo, vai ter a maior briga e o hotel acaba despedindo ela que nem da outra vez, e da *outra* vez.” Luisa pensa no que ele disse, repõe o fone no aparelho e vai em direção à porta. “Não vai lá, não! Ele é ruim da cabeça! Vai ficar bravo e quebrar as nossas coisas e te dar um soco e aí a gente acaba sendo expulso do prédio, sei lá! *Por favor*.”

“Meu Deus.” Luisa olha para o outro lado. Respira fundo. “Chocolate quente?”

“Quero sim, obrigado.” O menino está decidido a não chorar, mas seu queixo treme com o esforço. Ele enxuga os olhos nos punhos. “Luisa?”

“Certo, Javi, você pode dormir hoje aqui no sofá, tudo bem.”

8

O escritório de Dom Grelsch é um exemplo de caos organizado. Pela janela vê-se no outro lado da Terceira Avenida uma muralha de escritórios bem semelhantes ao dele. Um saco de pancadas com a efígie do *Incrível Hulk* pende de uma forca de metal no canto. O redator-chefe da revista *Spyglass* declara aberta a reunião matinal de segunda-feira apontando com um dedo curto e grosso para Roland Jakes, um homem grisalho que lembra

uma ameixa seca, com camisa havaiana, jeans boca de sino e sandálias moribundas. “Jakes.”

“Eu, hãã, quero dar continuidade à minha série *Terror no Esgoto*, pra aproveitar a febre de *Tubarão*. Dirk Melon, pode ser um escritor freelance, é encontrado na rua 50 numa inspeção de manutenção rotineira. Quer dizer, são os restos mortais dele. A identificação é feita através do prontuário odontológico dele e de um crachá de imprensa rasgado. Pedaços de carne foram arrancados do cadáver de um modo que faz pensar em *Serrasalmus scapularis* — obrigado —, a rainha de todas as piranhas. Elas foram importadas por fanáticos por peixes exóticos e jogadas na privada quando a conta da carne começou a ficar alta demais. Vou telefonar pro capitão Vermin lá da prefeitura pra ele negar que houve ataques aos funcionários da companhia de esgotos. Está tomando notas, Luisa? Só se deve acreditar numa coisa quando ela é oficialmente negada. E então, Grelsch, quando é que sai o meu aumento?”

“Você tem mais é que agradecer a Deus porque o cheque que recebeu este mês não era de borracha. Quero uma foto desse bicho amanhã às onze da manhã aqui na minha mesa. E não esquece que esta semana você foi escalado pro horóscopo. Alguma pergunta, Luisa?”

“Sim. Tem alguma política editorial nova que eu não estou sabendo que proíbe a publicação de qualquer artigo que contenha algum fato real?”

“Olha, o seminário de metafísica é lá na cobertura. É só pegar o elevador, subir até o último andar e sair andando até cair na calçada lá embaixo. Qualquer coisa é verdade se tem gente que acredita nela. Nancy, o que é que você tem pra mim?”

Nancy O’Hagan usa roupas conservadoras, tem tez de pinguça e cílios imensos que a toda hora descolam das pálpebras. “Meu informante confiável lá na Betty Ford Clinic tirou uma foto do bar do avião do presidente. Que tal ‘Voando bem alta no avião presidencial’? Todo mundo pensa que a velha parou de beber, mas a mamãe aqui acha que não.”

Grelsch fica a refletir por um momento. Telefones tocando e máquinas de escrever estalando compõem o fundo musical. “Está bem, se não aparecer

nenhuma notícia mais fresca. Ah, e não deixe de entrevistar o ventríloquo, aquele dos fantoches, que perdeu os braços, pra sessão *Ou tudo ou…* Nussbaum. Sua vez."

Jerry Nussbaum enxuga as gotas de picolé de chocolate caídas na sua barba, põe os óculos escuros espelhados por engano, troca-os pelos de leitura, estica-se para trás e lança sobre a mesa uma avalanche de papel. "A polícia está correndo atrás do próprio rabo nesse caso St. Christopher, então que tal uma matéria com o nome 'Será *você* a próxima vítima em St. Christopher?'. Resumos de todas as mortes até agora e recriações dos últimos minutos das vítimas. Aonde cada uma estava indo, com quem ia se encontrar, o que estava se passando na cabeça dela…"

"Quando a bala passou pela cabeça dela", diz Roland Jakes, rindo.

"É, Jakes, e tomara que o cara goste de cores havaianas berrantes. Depois vou falar com aquele motorneiro de bonde negro que levou porrada da polícia na semana passada. Ele está processando a polícia, com base na Lei dos Direitos Civis, dizendo que foi detido ilegalmente."

"Pode ser matéria de capa. Luisa?"

"Conheci um engenheiro nuclear." Ela ignora a indiferença fria à sua volta. "Um inspetor lá da Seabord Incorporated." Nancy O'Hagan está fazendo as unhas, o que leva Luisa a apresentar suas suspeitas como se fossem fatos. "Ele acha que o novo reator nuclear Hidra na ilha Swannekke não é tão seguro quanto estão dizendo oficialmente. Aliás, que não é nada seguro. A cerimônia de inauguração vai ser hoje à tarde, por isso eu quero ir até lá pra ver se descubro alguma coisa."

"Grande merda, uma cerimônia de lançamento", exclama Nussbaum. "Que barulho é esse, vocês estão ouvindo? Será que é um prêmio Pulitzer rolando em direção a esta sala?"

"Ah, não fode, Nussbaum."

Jerry Nussbaum suspira. "Com quem? Dependendo de quem for…"

Luisa está dividida entre retaliar, *É, para esse imbecil ficar sabendo o quanto ele irrita você*, e ignorá-lo, *É, e deixar o imbecil continuar dizendo o que lhe der na veneta e a coisa ficar por isso mesmo*.

Dom Grelsch quebra o impasse. “Segundo o pessoal do marketing”, ele rodopia um lápis entre os dedos, “cada termo científico que você usa representa dois mil leitores que largam a revista e ligam a tevê pra assistir a uma reprise de *I Love Lucy*.”

“Está bem”, diz Luisa. “Que tal ‘Bomba atômica da Seabord vai levar Buenas Yerbas pelos ares!’?”

“Maravilha, mas você vai ter que provar.”

“Que nem o Jakes vai provar a reportagem dele?”

“Peraí.” O lápis de Grelsch para de rodopiar. “Gente fictícia devorada por peixes fictícios não vão fazer você perder até o seu último dólar no tribunal, nem pressionar o seu banco pra cortar a sua conta. Agora, uma megaempresa como a Seaboard Power Inc. tem advogados capazes de fazer isso, e vou lhe dizer uma coisa: se você pisar nos calos da Seaboard, pode crer que eles vão fazer isso *mesmo*.”

9

O fusca laranja-ferrugem de Luisa segue por uma estrada plana em direção a uma ponte de um quilômetro de extensão que liga o cabo Yerbas à ilha Swannekke, cuja usina de força domina o estuário ermo. A guarita da ponte não está tranquila hoje. Uma manifestação com cerca de cem pessoas se estende pelo último trecho do acesso, gritando “Swannekke C? Nem pensar!”. Uma muralha de policiais afasta os manifestantes da fila de nove ou dez veículos. Luisa lê os cartazes enquanto espera. *VOCÊ ESTÁ ENTRANDO NA ILHA DO CÂNCER*, diz um deles; o outro: *É HORA! É HORA! SWANNEKKE C, FORA!*; *ONDE ESTÁ MARGO ROKER?*, afirma um bastante enigmático.

Um guarda bate com os nós dos dedos na janela; Luisa baixa o vidro e vê seu próprio rosto refletido nos óculos escuros do homem. “Luisa Rey, revista *Spyglass*.”

“Credencial, por favor.”

Ela pega o documento na bolsa. “Estão esperando confusão hoje?”

“Até que não.” Ele consulta uma prancheta e devolve a credencial a Luisa. “Só aqueles naturebas de sempre do acampamento de trailers. Os estudantes foram passar as férias onde as praias são melhores pro surfe.”

Atravessando a longa ponte, ela vê a usina Swannekke B despontando atrás das torres de resfriamento, mais velhas e mais cinzentas, da Swannekke A. Mais uma vez, pensa em Rufus Sixsmith. *Por que ele não me deu um telefone de contato quando eu pedi? Cientista não pode ter fobia de telefone. Como é que ninguém no escritório do zelador do prédio onde mora reconheceu o nome dele? Cientista não pode ter pseudônimo.*

Na guarita ao final da ponte, o guarda lhe indica a única estrada da ilha, que leva à Seabord Village. Lá ela encontraria o Centro Público no prédio de pesquisa e desenvolvimento.

A estrada acompanha o litoral. Lá longe, no mar, gaivotas sobrevoam os barcos de pesca. Sobre as dunas, o capim balança ao vento. Dez minutos depois Luisa chega a um aglomerado de cerca de duzentas casas luxuosas em torno de uma enseada protegida. Um hotel e um campo de golfe dividem a encosta parcialmente arborizada abaixo da usina. Luisa larga o fusca no estacionamento do prédio de pesquisa e contempla os edifícios abstratos semiocultos no alto do morro. Palmeiras dispostas numa formação regular farfalham no vento que vem do Pacífico.

“Oi, tudo bem?” Uma mulher sino-americana a aborda. “Você parece perdida. Veio para o lançamento?” O tailleur vermelho-escuro elegante que ela usa, sua maquilagem impecável e seu aplomb fazem Luisa sentir-se maltrapilha, com sua jaqueta de camurça azul. “Fay Li”, a mulher estende a mão para ela, “relações-públicas da Seabord.”

“Luisa Rey, revista *Spyglass*.”

O aperto de mão de Fay Li é poderoso. “*Spyglass*? Eu não imaginava…”

“… que a nossa linha editorial incluía política energética?”

Fay Li sorri. “Não me leve a mal, é que é uma revista agressiva.”

Luisa invoca a divindade costumeira de Dom Grelsch. “As pesquisas de mercado identificam um público cada vez mais interessado em matérias substanciais. Eu fui contratada pra dar um toque intelectual à revista.”

“Intelectual ou não, é um prazer tê-la aqui, Luisa. Vou levar você à recepção. A segurança exige que revistemos sua bolsa e tudo o mais, mas não é uma boa tratar os nossos visitantes como se fossem sabotadores. Foi pra isso que *eu* fui contratada.”

10

Joe Napier observa uma fileira de telas de televisão em circuito fechado que mostram um auditório, os corredores adjacentes e o terreno em volta do Centro Público. Ele se levanta, afofa sua almofada especial e senta-se nela. *Será só minha imaginação ou as velhas feridas andam doendo mais ultimamente?* Seu olhar passa de uma tela a outra. Numa vê-se um técnico passando o som; em outra, uma equipe de cinegrafistas de televisão discutindo questões de ângulos e luz; Fay Li atravessando o estacionamento com uma visitante; garçonetes servindo vinho em centenas de taças; uma fileira de cadeiras sob uma faixa em que se lê *SWANNEKKE B — UM MILAGRE AMERICANO*.

O verdadeiro milagre, rumina Joe Napier, *foi conseguir que onze entre doze cientistas ignorassem a existência de um inquérito que levou nove meses*. Uma tela mostra os cientistas em questão entrando no palco, conversando, sorridentes. *Como diz o Grimaldi, toda consciência tem um botão de desligar escondido em algum lugar*. Os pensamentos de Napier retomam algumas frases memoráveis das entrevistas que conseguiram provocar uma amnésia coletiva. “*Cá entre nós, dr. Franklin, os advogados do Pentágono estão doidos para experimentar essa Lei de Segurança Nacional novinha em folha. Quem criar problema vai entrar numa lista negra e nunca mais vai conseguir arranjar emprego neste país.*”

Um empregado acrescenta mais uma cadeira à fileira que já está no palco.

"*A escolha é simples, dr. Moses. Se o senhor quer que a tecnologia dos soviéticos saia em disparada na frente da nossa, é só passar o conteúdo deste relatório para a União de Cientistas Engajados, pegar um avião para Moscou e ir receber sua medalha, mas a CIA me mandou dizer ao senhor que não precisa comprar bilhete de volta*."

A plateia de dignitários, cientistas, pesquisadores e formadores de opinião ocupa seu lugar. Uma tela mostra William Wiley, vice-presidente da Seabord, galhofando com os VIPs que estão tendo a honra de se sentar no palco.

"*Professor Keene, a cúpula do Departamento de Defesa está um pouco curiosa. Por que é que o senhor está manifestando suas dúvidas só agora? Isso quer dizer que seu trabalho no protótipo foi… digamos… descuidado?*"

Um projetor de slides mostra a Swannekke B fotografada, com uma grande-angular, de um helicóptero.

Onze entre doze. Só Rufus Sixsmith escapou.

Napier fala em seu walkie-talkie. "Fay? A função começa daqui a dez minutos."

Ruído de estática. "Entendido, Joe. Estou levando uma visitante pro auditório."

"Dirija-se à Segurança quando terminar, por favor."

Ruído de estática. "Entendido. Câmbio e desligo."

Napier sopesa o interfone na mão. *E Joe Napier? Será que a consciência dele também tem botão de desligar?* Bebe um gole de seu café preto amargo. *Ih, me deixe em paz. Eu estou só seguindo ordens. Falta um ano e meio para sair a minha aposentadoria, e aí eu vou procurar um rio bem gostoso e vou pescar, pescar, até o caniço grudar na minha mão.*

A fotografia de Milly, sua falecida esposa, instalada em sua mesa, o observa.

11

“Nossa grande nação sofre de uma dependência debilitante.” Alberto Grimaldi, presidente da Seabord e homem do ano da revista *Newsweek*, é o rei da pausa dramática. “O nome dessa dependência é petróleo.” As luzes do pódio douram sua imagem. “Segundo os geólogos, no golfo Pérsico restam apenas duzentos e oitenta bilhões de litros desse resíduo dos oceanos do período jurássico. Será o suficiente para durar até o final do próximo século? Provavelmente não. A questão mais séria que os Estados Unidos precisam enfrentar, senhoras e senhores, é esta: ‘E se acabar?’.”

Alberto Grimaldi corre os olhos pela plateia. *Na palma da minha mão*. “Uns enterram a cabeça na areia. Outros se entregam a fantasias sobre turbinas movidas pelo vento, reservatórios e…”, meio sorriso irônico, “… flatulência de porcos.” Risinho de satisfação. “Nós da Seabord lidamos com realidades.” Eleva a voz. “Estou aqui hoje para dizer a vocês que a cura para o petróleo está *aqui* mesmo, *agora* mesmo, na ilha Swannekke!”

Ele sorri enquanto os aplausos vão diminuindo. “Hoje, a energia atômica doméstica, abundante e *segura* finalmente se tornou realidade! Amigos, é com *muito* orgulho, com *enorme* orgulho, que apresento a vocês uma das maiores inovações técnicas *da história*… o reator Hidra Zero!” Na tela aparece agora um diagrama de seção transversal, e a claque, conforme o combinado, aplaude loucamente, levando quase todo o resto da plateia a fazer o mesmo.

“Mas vou parar de falar, eu sou só o presidente.” Risos afetuosos. “Quem está aqui para inaugurar nossa galeria de imagens e acionar o interruptor que vai conectar a Swannekke B à grade nacional é um convidado muito especial, e é uma *grande* honra para nós, da família Seabord, recebê-lo agora. Conhecido no Congresso como o ‘guru da energia’ do presidente”, sorriso rasgado, “é com maior prazer que dou as boas-vindas a um homem

que dispensa apresentações. Com vocês, o secretário da Energia, Lloyd Hooks!”

Um homem imaculadamente bem vestido sobe ao palco, em meio a aplausos entusiásticos. Lloyd Hooks e Alberto Grimaldi trocam um aperto de mãos, um segurando o antebraço do outro, um gesto de amor fraterno e confiança. “Seus roteiristas estão cada vez melhores”, murmura Lloyd Hooks, enquanto os dois homens sorriem com todos os dentes para a plateia, “mas você continua sendo a ganância ambulante.”

Alberto Grimaldi dá um tapinha nas costas de Lloyd Hooks e responde no mesmo tom: “Você só entra para a diretoria dessa companhia sobre meu cadáver, seu mercenário escroto!”.

Lloyd Hooks dirige seu sorriso para a plateia. “Então você continua sabendo bolar soluções criativas, Alberto.”

Uma bateria de flashes dispara.

Uma moça de jaqueta azul sai de fininho pela porta dos fundos.

12

“O banheiro feminino, por favor?”

Um segurança falando num walkie-talkie indica um corredor.

Vendo que o homem lhe deu as costas, ela passa pela porta do banheiro, dobra uma esquina e penetra uma grade de corredores que se repetem, resfriados e silenciados pelos aparelhos de ar condicionado a zumbir. Passa por dois técnicos trajando macacão que, apressados, olham de relance para seus seios por debaixo da aba do boné, mas não a detêm. Nas portas há placas misteriosas. W212 ESCOAMENTOS PARCIAIS, Y009 SUBPASSES [AC], V770 SEM RISCO [ISENTO]. De vez em quando surge uma porta de segurança máxima, com um teclado numérico para a digitação de uma senha. Diante de uma escada Luisa encontra uma planta do andar, mas não vê nela o nome “Sixsmith”.

“A senhora está perdida?”

Luisa se esforça ao máximo para recuperar a tranquilidade. Um zelador negro, de cabelos grisalhos, olha para ela fixamente.

“Estou, sim, eu queria encontrar a sala do dr. Sixsmith.”

“Hum-hum. O inglês. Terceiro andar, C105.”

“Obrigada.”

“Ele não aparece aqui há uma ou duas semanas.”

“É mesmo? O senhor saberia me dizer por quê?”

“Hum-hum. Foi passar as férias em Las Vegas.”

“O dr. Sixsmith? Em Las Vegas?”

“Hum-hum. É o que me disseram.”

A porta da sala C105 está entreaberta. Uma tentativa recente de apagar o nome “Dr. Sixsmith” da placa não teve sucesso. Pela fenda, Luisa Rey vê um jovem sentado à mesa, debruçado sobre uma pilha de cadernos, procurando alguma coisa. O conteúdo da sala está guardado em diversas caixas. Luisa lembra uma frase de seu pai: *Às vezes, basta a pessoa agir como se fosse do lugar para ser vista como tal.*

“Ora”, diz Luisa, entrando com um passo tranquilo, “*você* não é o dr. Sixsmith.”

O homem larga o caderno com um ar de culpa, e Luisa sabe que ganhou alguns segundos. “Ah, meu Deus”, ele olha para ela, “você deve ser a Megan.”

Contradizê-lo para quê? “E você é quem?”

“Isaac Sachs. Engenheiro teórico.” Ele se põe de pé e aborta um aperto de mãos prematuro. “Eu trabalhei com seu tio no relatório dele.” Passos rápidos ecoam na escada. Isaac Sachs fecha a porta. Sua voz é contida e nervosa: “Onde é que o Rufus se escondeu, Megan? Estou muitíssimo preocupado. Você tem notícia dele?”

“Eu tinha esperança de que *você* me dissesse o que aconteceu.”

Fay Li entra com o segurança de expressão neutra. “Luisa. Ainda está procurando o banheiro?”

Faça-se de burra. “Não. Já fui ao banheiro — aliás, estava limpíssimo —, mas estou atrasada pro meu encontro com o dr. Sixsmith. Só que… parece que ele não está mais aqui.”

Isaac Sachs solta um “Hã?”. “Quer dizer que você não é a sobrinha do Sixsmith?”

“Você vai me desculpar, seja lá quem você for, mas *eu* nunca disse que era.” Luisa vira-se para Fay Li com uma semimentira pré-preparada. “Eu conheci o dr. Sixsmith em Nantucket na primavera passada. Descobrimos que éramos os dois de Buenas Yerbas, e aí ele me deu o cartão dele. Peguei o cartão três semanas atrás, telefonei pra ele e combinamos um encontro hoje, pra discutir uma matéria sobre ciência pra *Spyglass*.” Ela olha para o relógio. “Dez minutos atrás. Os discursos demoraram mais do que eu imaginava, por isso eu saí de fininho. Espero não ter causado nenhum problema.”

Fay Li parece acreditar. “Não podemos permitir que pessoas sem autorização fiquem vagando por um instituto de pesquisas estratégico como o nosso.”

Luisa se faz de arrependida. “É que eu achei que entrando e me submetendo a uma revista não ia ter mais nenhum problema de segurança, mas pelo visto foi ingenuidade minha. Agora, o dr. Sixsmith vai comprovar o que eu disse. É só perguntar a ele.”

Sachs e o segurança olham para Fay Li, que nem sequer pestaneja. “Não vai ser possível. Um dos nossos projetos no Canadá precisou da presença do dr. Sixsmith. Imagino que a secretária dele não tinha os seus dados quando ela examinou a agenda dele para hoje.”

Luisa olhou para as caixas. “Parece que ele vai ficar fora por um bom tempo.”

“É, por isso vamos despachar as coisas dele. A consultoria do dr. Sixsmith aqui em Swannekke já estava mesmo terminando. O dr. Sachs está fazendo um belo trabalho para resolver essas questões finais.”

“Ora, lá se vai minha primeira entrevista com um grande cientista”, diz Luisa.

Fay Li abre a porta para ela. “A gente pode tentar arranjar outro pra você.”

13

“Telefonista?” Rufus Sixsmith segura o fone num quarto de motel anônimo num subúrbio de Buenas Yerbas. “Não estou conseguindo dar um telefonema pro Havaí… sim. Estou tentando ligar pra…” Ele dá o número de Megan. “Sim, por favor. Está bem, vou ficar perto do telefone.”

Numa televisão onde não há o amarelo nem o verde, Lloyd Hooks dá um tapinha nas costas de Alberto Grimaldi na cerimônia de inauguração do novo reator Hidra da ilha Swannekke. Eles saúdam a plateia como se fossem esportistas vitoriosos, e do teto cai uma chuva de confete prateado. “Uma figura polêmica”, diz um repórter, “Alberto Grimaldi, presidente da Seaboard, anunciou hoje que terá início a construção da usina Swannekke C. Cinquenta milhões de dólares em verbas federais serão investidos no segundo reator Hidra Zero, o que resultará na criação de milhares de empregos. Os temores de que prisões em massa ocorreriam aqui na Califórnia, tal como se deu recentemente em Three Mile Island, acabaram se revelando infundados.”

Frustrado e exausto, Rufus Sixsmith fala com o aparelho de televisão. “E quando o acúmulo de hidrogênio fizer explodir o telhado da câmara de contenção? E quando os ventos espalharem a radiação por toda a Califórnia?” Desliga a televisão e aperta o cavalete do nariz. *Eu provei. Eu provei. Vocês não conseguiram me comprar, aí tentaram intimidar. Eu deixei isso acontecer, que Deus me perdoe, mas agora chega. Não vou mais dar as costas para minha consciência*.

O telefone toca. Sixsmith atende de imediato. “Megan?”

Uma voz masculina brusca. “Eles estão vindo.”

“Quem está falando?”

“Eles localizaram sua ligação e sabem que você está no Talbot Motel, Olympia Boulevard, número mil e quarenta e seis. Vá para o aeroporto *agora*, pegue o próximo voo para a Inglaterra e escancare tudo lá, se você faz questão disso. Mas vá embora daqui.”

“Por que é que eu vou acreditar…”

“Pense um pouco. Se eu estiver mentindo, você volta para a Inglaterra e fica são e salvo lá — com seu relatório. Se eu não estiver mentindo, você morre.”

“Eu exijo saber…”

“Você tem vinte minutos pra fugir, meu chapa. Vai *logo*!”

O sinal de discar soa por uma eternidade.

14

Jerry Nussbaum roda sua cadeira de escritório, monta nela ao contrário, pousa os braços dobrados no espaldar e apoia o queixo nos braços. “Imagine a cena, eu e seis elementos afro-americanos com cabelo rastafári, e o cano de um revólver fazendo cócegas nas minhas amígdalas. Eu não estava no Harlem altas horas da madrugada, não, eu estava na porra da Greenwich Village com a porra do sol de fora, depois de comer a porra de um bife desse tamanho com o Norman Mailer. E aí o mano me apalpou de alto a baixo com aquela mão de duas cores dele e confiscou a minha carteira. ‘Que é isso aí? Couro de *crocodilo*?’” Ele imita o sotaque de Richard Pryor. “‘Pô, maior falta de classe, meu branco!’ Classe, é? Os vagabundos levaram até meu último centavo — *literalmente*. Mas o papai aqui foi quem riu por último, ora se não foi. No táxi, voltando pra Times Square, eu escrevi meu editorial ‘As novas tribos’, que já virou um clássico — modéstia à parte — e foi distribuído pra mais *trinta* publicações em uma

semana! Os meus assaltantes me transformaram num homem famoso. E aí, Luey-Luey, que tal você me convidar para jantar, pra eu te ensinar como é que a gente transforma um golpe do destino em ouro?”

A máquina de escrever de Luisa tilinta ao final da linha. “Se os assaltantes levaram até o seu último centavo — literalmente — como é que você pôde ir de *táxi* de Greenwich Village até a Times Square? Você vendeu o corpo pra pagar a corrida?”

“Você”, Nussbaum muda de posição, “tem um talento incrível pra desviar o assunto.”

Roland Jakes pinga cera de vela numa fotografia. “Definição da semana. O que é um conservador?”

A piada já é velha no verão de 1975. “Um liberal que foi assaltado.”

Jakes, sem graça, retoma seu trabalho de adulterar a foto.

Luisa atravessa a redação e chega à porta de Dom Grelsch. O chefe está falando ao telefone com uma voz baixa e irritada. Luisa espera do lado de fora, mas ouve o que está sendo dito. “Não — não, não, sr. Frum, é uma situação de tudo ou nada, sim — peraí, agora quem está falando sou *eu* — o senhor consegue imaginar uma ‘situação’ mais definida do que leucemia? Sabe o que eu acho? Acho que minha mulher é só mais uma tarefa pro senhor cumprir antes de sair às três pra jogar golfe, não é? Então prova pra mim. O senhor tem esposa, sr. Frum? Tem mesmo? Bem. É capaz de imaginar a *sua* mulher deitada num leito de hospital com o cabelo caindo? O quê? O que foi que o senhor disse? ‘Levar a coisa pro lado emocional não ajuda nada’? É só isso que o senhor tem a me dizer, sr. Frum? É, isso mesmo, é o que eu vou fazer: arranjar um advogado!” Grelsch põe o fone no gancho com violência, soca seu saco de pancadas exclamando “Frum!” a cada golpe, desaba na cadeira, acende um cigarro e percebe a presença hesitante de Luisa à porta de sua sala. “A vida: uma tempestade de merda de categoria dez na escala Beaufort. Você ouviu a conversa?”

“Deu pra pegar o sentido geral. Posso voltar depois.”

“Não. Entra, senta aí. Você é jovem, saudável e forte, Luisa?”

“Sou.” Luisa senta-se em cima de umas caixas. “Por quê?”

“Porque o que eu vou lhe dizer a respeito desse seu artigo sobre uma suposta tentativa de encobrir a verdade em Seabord, falando sério, vai deixar você velha, doente e fraca.”

15

No Aeroporto Internacional de Buenas Yerbas, o dr. Rufus Sixsmith coloca uma pasta cor de baunilha no armário número N0909 do guarda-volumes, olha para a multidão à sua volta, enfia moedas na fenda, gira a chave e coloca-a dentro de um envelope acolchoado de papel pardo endereçado a Luisa Rey, *Spyglass, Terceira Avenida, Edifício Klugh, 12º andar, BY*. O pulso de Sixsmith acelera enquanto ele caminha em direção à caixa de correio. *E se me pegarem antes de eu chegar lá?* Seu pulso dispara. Homens de negócios, famílias com carrinhos cheios de malas, longas filas serpenteantes de turistas velhos, todos parecem determinados a retardar seus passos. A fenda da caixa de correio está mais próxima. Só faltam uns poucos metros, só alguns centímetros.

O envelope pardo é engolido e desaparece. *Boa sorte*.

Sixsmith entra na fila para comprar uma passagem. Avisos de voos atrasados o embalam como se fossem ladainhas. Nervoso, olha para todos os lados para ver se algum agente da Seaboard vai pegá-lo nesses últimos momentos. Por fim, uma funcionária faz sinal para que ele se aproxime.

“Preciso ir pra Londres. Aliás, pode ser qualquer lugar no Reino Unido. Qualquer assento, qualquer empresa. Pago em dinheiro vivo.”

“Sem chance, meu senhor.” O cansaço da funcionária é visível por trás da maquilagem. “O mais cedo que eu vou conseguir…” — ela consulta uma folha de telex — “… é Londres, Heathrow… amanhã, às quinze e quinze, pela Laker Skytrains, com escala no JFK.”

“É importantíssimo que eu vá antes disso.”

“Compreendo perfeitamente, senhor, mas está havendo uma greve de controladores de voo, e centenas de passageiros estão imobilizados.”

Sixsmith pensa com seus botões que nem mesmo a Seaboard seria capaz de promover uma greve de controladores de voo para impedir sua partida. “Então que seja amanhã. Só ida, classe executiva, por favor, não fumante. Tem algum lugar onde eu possa passar a noite no aeroporto?”

“Sim, terceiro piso. Hotel Bon Voyage. O senhor vai ver que é confortável. Seu passaporte, por favor, pra que eu possa emitir a sua passagem.”

16

Um pôr do sol de vitral ilumina o sofá Hemingway de belbutina no apartamento de Luisa. Ela está mergulhada na leitura de *O poder do sol: Duas décadas de energia nuclear em tempos de paz*, mastigando uma caneta. Javier está sentado à escrivaninha dela, resolvendo uma folha de exercícios de divisão longa. O disco *Tapestry*, de Carole King, está na vitrola, em volume baixo. Pelas janelas vêm os ruídos amortecidos dos carros que voltam para casa, atravessando subúrbios ajardinados, e de um clarinetista estudando perto dali. O telefone toca, mas Luisa o ignora. Javier observa a secretária eletrônica quando ela começa a funcionar. “Oi, Luisa Rey não pode atender no momento, mas se você deixar seu nome e seu telefone eu entro em contato depois.”

“Eu *odeio* essas maquininhas”, reclama a pessoa do outro lado da linha. “Lulu, é a sua mãe. Acabei de ficar sabendo pela Beatty Griffin que você se separou do Hal — *no mês passado*? Fiquei atônita! Você não disse nada no enterro do seu pai, nem no Alphonse. Fico preocupada com essa sua coisa de não se abrir. Eu e o Dougie estamos fazendo uma campanha pra levantar fundos pra Sociedade Americana do Câncer, e nós ficaríamos contentíssimos se você largasse esse seu ninho abafado por um fim de

semana e viesse ficar conosco, hein, Lulu? Os trigêmeos Henderson vão estar aqui, quer dizer, o Damien que é cardiologista, o Lance que é ginecologista e o Jesse que é… Doug? Doug! O Jesse Henderson, o que é mesmo que ele faz? Lobotomista? Ah, *muito* engraçado. Mas enfim, minha filha, a Beatty me contou que por algum milagre de alinhamento planetário os *três* irmãos estão solteiríssimos. Ao vivo e em cores, Lulu! Por isso, *me liga* assim que você ouvir meu recado. Tchau, minha queridinha.” Ela encerra com um beijo: “Mmmmtchu*ááá*!”.

“Parece aquela mãe bruxa de *A feiticeira*.” Javier deixa passar alguns instantes. “O que quer dizer ‘atônita’?”

Luisa não levanta a vista. “Quando você leva tamanho susto que nem consegue falar direito.”

“Mas ela falou direitinho, não é?”

Luisa está absorta na leitura.

“‘Lulu’?”

Luisa taca um chinelo no garoto.

17

No seu quarto no Bon Voyage, o dr. Rufus Sixsmith lê um maço de cartas que lhe foram enviadas há quase meio século por seu amigo Robert Frobisher. Sixsmith conhece-as de cor e salteado, mas a textura do papel, seu farfalhar, as palavras escritas, já desbotadas, têm o efeito de acalmar seus nervos. Essas cartas são o que ele salvaria de um prédio em chamas. Às sete da manhã em ponto ele toma um banho, veste uma camisa limpa e enfia as nove cartas já relidas na Bíblia que encontra no quarto do hotel — a qual ele recoloca na gaveta da mesa de cabeceira. Guarda as cartas ainda não relidas no bolso do paletó, para ler no restaurante. As cartas de Frobisher não poderiam ser de nenhuma utilidade para um chantagista, mas Sixsmith é prudente e organizado.

Seu jantar é um bife minúsculo e algumas fatias de berinjela frita, com uma salada mal lavada. A refeição amortece seu apetite, em vez de saciá-lo. Ele deixa metade no prato e bebe água mineral com gás enquanto lê as oito últimas cartas de Frobisher. Sixsmith vê-se a si próprio através das palavras de Robert, procurando em Bruges seu amigo instável, seu primeiro amor e, *se eu for honesto, primeiro e único*.

Ele paga a conta e volta para seu quarto no hotel. No elevador, pensa na responsabilidade que jogou sobre os ombros de Luisa Rey e se questiona se fez a coisa certa. As cortinas do quarto balançam quando ele abre a porta. Sixsmith pergunta: “Quem está aí?”.

Ninguém. Ninguém sabe onde você está. Sua imaginação vem pintando e bordando nas últimas semanas. Noites mal dormidas. “Olha”, Sixsmith diz a si próprio, “daqui a quarenta e oito horas você vai estar de volta em Cambridge, naquela sua ilha chuvosa, estreita e *protegida*. Você vai ter seu laboratório, seus aliados, seus contatos, e lá vai poder planejar o ataque à Seaboard.”

18

Bill Smoke vê Rufus Sixsmith sair do quarto no hotel, espera cinco minutos, depois dá um jeito de entrar. Senta-se na beira da banheira e flexiona os punhos, as mãos cobertas por luvas. *Não há droga, não há experiência religiosa que mexa com a pessoa como o ato de transformar um ser humano num defunto. Agora, para isso tem que ter cérebro. Sem disciplina e perícia, você acaba na cadeira elétrica*. O assassino acaricia uma moeda, um *krugerrand*, dentro do bolso. Ela o acompanha em todas as missões especiais. Smoke não gosta de sentir-se escravizado por uma superstição, mas não vai abandonar aquele amuleto só para provar que não é um escravo. *Uma tragédia para os entes queridos, uma coisa desinteressante para todo o resto do mundo e um problema resolvido para*

meus clientes. Sou só o instrumento da vontade dos meus clientes. Se não fosse eu, seria o próximo pistoleiro listado nas Páginas Amarelas. Ponham a culpa no dono da arma, no fabricante da arma, mas não na arma. Bill Smoke ouve o ruído na fechadura. *Respire*. Os comprimidos que ele tomou há algum tempo aguçam sua percepção, de um modo terrível, e quando Sixsmith entra no quarto cantarolando "Leaving on a jet-plane", o assassino seria capaz de jurar que sente o pulso de sua vítima, mais lento que o seu. Smoke vê Sixsmith pela fenda da porta. Ele deixa-se cair sentado na cama. O assassino visualiza os movimentos que terá de fazer: *dar três passos à frente, atirar de um ângulo lateral, bem na fronte, à queima-roupa*. Smoke avança de repente; Sixsmith murmura uma sílaba gutural e tenta levantar-se, mas a bala que partiu do revólver com silenciador já está atravessando o crânio do cientista e perfurando o colchão. O corpo de Rufus Sixsmith cai para trás, como se ele fosse tirar uma soneca após o jantar.

O sangue é sorvido pelo edredom sedento.

O cérebro de Bill Smokes lateja de satisfação. *Vejam o que eu fiz*.

19

Na manhã de quarta-feira, o ar está denso de poluição e calor, como as últimas cem manhãs e as próximas cinquenta. Luisa Rey toma café no ambiente fresco e vaporoso da Snow White Diner, na esquina da Segunda Avenida com a rua 16, dois minutos a pé da redação da Spyglass, e lê um artigo sobre um ex-engenheiro nuclear da Marinha, batista e natural de Atlanta, chamado James Carter, que pretende se lançar como candidato à presidência pelo Partido Democrata. O tráfego na rua 16 avança por centímetros frustrados e súbitos estouros de boiada. As calçadas fervem de gente apressada e skatistas que passam voando. "Não vai querer nada pro café da manhã, Luisa?", pergunta Bart, o cozinheiro, cuja especialidade são as frituras.

“Só as notícias”, respondeu sua freguesa assídua.

Roland Jakes entra tropeçando e vai até a mesa de Luisa. “Hã, tem alguém sentado aqui? Estou em jejum. A Shirl me largou. De novo.”

“Reunião daqui a quinze minutos.”

“Tempo de sobra.” Jakes senta-se e pede ovos fritos malpassados. “Página nove”, diz ele a Luisa. “Embaixo, à direita. Vale a pena você ler.”

Ela vira para a página nove e estende a mão em direção à xícara. A mão fica paralisada no ar.

Cientista se mata no Aeroporto Internacional de BY

O eminente cientista britânico dr. Rufus Sixsmith foi encontrado morto na manhã de terça-feira no seu quarto do Bon Voyage Hotel, no Aeroporto Internacional de Buenas Yerbas, tendo cometido suicídio. O dr. Sixsmith, ex-diretor da Comissão Atômica Global, estava trabalhando há dez meses como consultor para a Seaboard Corporation, na usina da empresa blue chip situada na ilha Swannekke, nos arredores de Buenas Yerbas. Sabe-se que o cientista lutava a vida inteira contra a depressão, e durante sua última semana de vida permaneceu incomunicável. A sra. Fay Li, porta-voz da Seaboard, afirmou: “A morte inesperada do dr. Sixsmith é uma tragédia para toda a comunidade científica internacional. Nós, da Seaboard Village na ilha Swannekke, sentimos que perdemos não apenas um colega muito respeitado como também um grande amigo. Nossos sentimentos estão com a família do dr. Sixsmith e seus inúmeros amigos. Sentiremos muita falta dele”. O corpo do cientista, descoberto por camareiras do hotel com um ferimento provocado por uma única bala na cabeça, está sendo enviado para seu país natal, a Inglaterra, onde será sepultado. O legista da polícia de BY confirmou que não há circunstâncias suspeitas relacionadas ao incidente.

“Então”, diz Jakes com um sorriso irônico, “sua reportagem-bomba do século vai por água abaixo?”

A pele de Luisa está arrepiada, e seus tímpanos doem.

“Ih.” Jakes acende um cigarro. “Você era amiga dele?”

“Ele não seria…” — Luisa tenta encontrar as palavras — “… ele jamais faria isso.”

Jakes adota um tom quase delicado. “É, mas tudo indica que ele fez, Luisa.”

“Ninguém se mata quando tem uma missão.”

“A menos que a missão leve a pessoa a pirar.”

“Ele foi assassinado, Jakes.”

Jakes contém o impulso de fazer uma cara de lá-vem-você-outra-vez. “Por quem?”

“Pela Seaboard Corporation. É claro.”

“Ah. A empregadora dele. É claro. O motivo?”

Luisa se obriga a falar com tranquilidade e ignorar a convicção fingida de Jakes. “Ele tinha escrito um relatório sobre um tipo de reator desenvolvido na Swannekke B, o Hidra. Os planos referentes ao Sítio C estão aguardando a aprovação do Departamento de Energia. Quando forem aprovados, a Seaboard vai poder licenciar esse projeto pro mercado doméstico e o internacional — só em contratos com o governo eles vão faturar dezenas de milhões de dólares por ano. O papel de Sixsmith era dar o *imprimatur* dele ao projeto, só que ele não leu o roteiro e identificou falhas gravíssimas no design do reator. A reação da Seaboard foi engavetar o relatório e negar a existência dele. Ainda não posso provar isso, mas vou conseguir.”

“E o que foi que fez seu dr. Sixsmith?”

“Ele estava se preparando para publicar o relatório.” Luisa dá um tapa no jornal. “E foi isso que ganhou por dizer a verdade.”

Jakes perfura uma cúpula instável de gema com um pedaço pontudo de torrada. “Você, hãã, sabe o que o Grelsch vai dizer?”

“‘Provas concretas’”, diz Luisa, como um médico diagnosticando uma doença. Consulta o relógio. “Olha, Jakes, diz ao Grelsch que… diz só que eu tive que ir a um lugar.”

20

O gerente do Bon Voyage Hotel não está num dia bom. “Não, você *não* pode ver o quarto dele! O especialista que lava os carpetes já removeu todos os vestígios do incidente. Aliás, *nós* é que tivemos que pagar a limpeza do próprio bolso! Mas, afinal, qual é a sua fixação em defuntos? Você é repórter? Caçadora de fantasmas? Romancista?”

“Eu…” — Luisa Reys começa a sacudir-se com soluços saídos do nada — “… eu sou a sobrinha dele, Megan Sixsmith.”

Uma matriarca pétrea aperta Luisa, que se debulha em lágrimas, contra seu seio montanhoso. Os passantes dirigem olhares venenosos ao gerente. Ele fica branco e abandona seu posto para tentar desfazer o desastre. “Por favor, entre aqui, pela entrada dos fundos, eu vou trazer um…”

“Copo d’água!”, ordena a matriarca, afastando a mão do homem com um tapa.

“Wendy! Água! Não, agora mesmo. Por favor, por aqui, por que você não…”

“Uma cadeira, pelo amor de Deus!” A matriarca ajuda Luisa a entrar no escritório escuro.

“Wendy! Uma cadeira! É pra já!”

A aliada de Luisa segura suas mãos com firmeza. “Põe pra fora, meu bem, põe tudo pra fora, Jesus está escutando, eu estou escutando. Eu sou a Janice, de Esphigmenou, Utah, e vou lhe contar minha história. Um dia, quando tinha sua idade, eu estava sozinha em casa, descendo a escada, vindo do quarto da minha filha pequena, e encontrei minha mãe parada no patamar. ‘Vá dar uma olhada na bebê, Janice’, ela falou. Eu disse à minha mãe que tinha acabado de sair do quarto dela, que estava dormindo muito bem. Minha mãe ficou ríspida comigo. ‘Não discuta comigo, mocinha, vá olhar a bebê *neste instante*!’ Parece loucura, mas foi só aí que eu me lembrei de que minha mãe tinha morrido no último Dia de Ação de Graças. Mas subi a escada correndo e encontrei minha filha se estrangulando na corda da persiana, que estava enrolada no pescoço dela. Se eu não chego lá, meio minuto depois ela morria. Você entende?”

Luisa pisca, afastando as lágrimas.

“Você entende, meu bem? Eles vão embora daqui, mas continuam existindo.”

O gerente, ressabiado, volta com uma caixa de sapato. “O quarto do seu tio está ocupado, infelizmente, mas a empregada encontrou essas cartas dentro da Bíblia. O nome dele está no envelope. É claro que eu ia mandar pra família, mas já que você está aqui…”

Respeitosamente, o homem entrega a Luisa um maço de nove envelopes amarelecidos pelo tempo, endereçados ao “Sr. Rufus Sixsmith, a/c Caius College, Cambridge, Inglaterra”. Um deles ostenta uma mancha bem recente causada por um sachê de chá. Todos estão bem amassados, tendo sido alisados às pressas.

“Obrigada…”, diz Luisa, vagamente, depois com mais firmeza: “O tio Rufus dava muito valor a essa correspondência, e agora é tudo o que me resta dele. Não vou mais ocupar o tempo de vocês. Desculpem eu não ter conseguido me controlar”.

O alívio do gerente é palpável.

“Você é uma pessoa muito especial, Megan”, diz Janice, de Esphigmenou, Utah, quando as duas se despedem no saguão do hotel.

“*Você* é que é uma pessoa muito especial, Janice”, retruca Luisa, e volta para o estacionamento, passando a dez metros do armário N0909.

21

Menos de um minuto depois que Luisa Rey chega à redação da *Spyglass*, a voz tonitruante de Dom Grelsch se sobrepõe ao ruído das conversas: “Srta. *Rey*!”.

Jerry Nussbaum e Roland Jakes levantam a vista do trabalho, olham para Luisa, entreolham-se e formam com a boca a interjeição “*Ui*!”. Luisa pega as cartas de Frobisher e as coloca numa gaveta, tranca-a e vai para a sala de Grelsch. “Dom, desculpa, mas não deu pra eu vir à reunião de hoje, eu…”

“Não me venha com desculpas de problemas femininos. Feche a porta.”

“Não tenho o hábito de dar desculpas.”

“Você tem o hábito de comparecer às reuniões? Você é paga pra isso.”

“Também sou paga pra pesquisar minhas matérias.”

“E aí você foi até a cena do crime. Encontrou uma prova concreta que a polícia não viu? Uma mensagem, escrita em sangue, nos ladrilhos? ‘O culpado foi Alberto Grimaldi’?”

“Uma prova concreta só é concreta se você se der ao trabalho de pesquisar. Quem me disse isso foi um editor chamado Dom Grelsch.”

Ele lhe dirige um olhar feroz.

“Eu tenho uma pista, Dom.”

“Você tem uma pista.”

Não posso nocautear você, não posso enganar você, só posso espicaçar sua curiosidade. “Telefonei pra delegacia encarregada do caso Sixsmith.”

“Não tem caso nenhum! Foi suicídio! A menos que seja a Marilyn Monroe, suicídio não vende revista. É um tema muito deprimente.”

“Me ouve. Por que é que o Sixsmith ia comprar uma passagem de avião se ele ia dar um tiro na cabeça naquele dia?”

Grelsch abre os braços para mostrar o tamanho do seu espanto por estar tendo aquela conversa. “Uma decisão repentina.”

“Então como é que ele tinha um bilhete de suicídio batido à máquina — e ele não estava com nenhuma máquina de escrever — prontinho, aguardando a decisão repentina?”

“Não sei e não quero saber! Eu tenho que fechar a revista quinta à noite, estou em conflito com a gráfica, os entregadores vão entrar em greve e o Ogilvy está segurando uma espada de sei-lá-quem sobre a minha cabeça. Arrume uma médium e pergunte ao próprio Sixsmith! Ele era um cientista. Os cientistas são instáveis.”

“Ficamos presos num elevador uma hora e meia. Um sujeito perfeitamente tranquilo. Nada de instável, em absoluto. Outra coisa. Ele se suicidou — dizem — com a arma mais silenciosa do mercado. Um

Roachford calibre .34 com silenciador. Só pode ser comprado por encomenda. Por que é que ele ia se dar esse trabalho todo?”

“Está bem. A polícia errou, o legista errou, todo mundo errou, menos Luisa Rey, a grande foca, cuja inteligência penetrante a levou à conclusão de que o famoso cientista foi assassinado só porque apontou pra alguns problemas num relatório, um relatório que, aliás, ninguém nem tem certeza de que existe. É ou não é?”

“Mais ou menos. O mais provável é que a polícia tenha sido estimulada a tirar conclusões que são convenientes pra Seaboard.”

“Claro, uma empresa de energia comprou a polícia. O bobo sou eu.”

“Contando com as subsidiárias, a Seaboard Corporation é a décima maior empresa do país. Se eles quisessem, compravam o Alasca. Me dê até segunda-feira.”

“Não! Você tem as resenhas da semana, e também a coluna sobre comida.”

“Se o Bob Woodward dissesse a você que desconfiava que o presidente Nixon tinha mandado invadir as salas de um rival político dele e ainda por cima tinha gravado ele mesmo dando essa ordem, você diria: ‘Deixa isso pra lá, Bob, meu bem, preciso de oitocentas palavras sobre molho de salada’?”

“Não me venha com essa de feminista indignada.”

“Então não venha com essa de jornalista com trinta anos de experiência! Já basta um Jery Nussbaum nessa redação.”

“Você está enfiando uma realidade tamanho dezoito numa hipótese tamanho onze. Muito jornalista se deu mal por causa disso. Aliás, muito profissional de qualquer área.”

“Segunda-feira! Eu vou conseguir um exemplar do relatório Sixsmith.”

“Uma promessa impossível de cumprir não vale.”

“Tirando a hipótese de me ajoelhar a seus pés e implorar, eu não tenho outra saída. Por favor. O Dom Grelsch não mata uma investigação jornalística séria só porque não chega ao resultado num dia. Meu pai me

disse que você era o repórter mais ousado de todo o país em meados dos anos sessenta.”

Grelsch roda em sua cadeira e fica contemplando a Terceira Avenida pela janela. “Conversa.”

“Conversa coisa nenhuma! Aquela bomba sobre o financiamento da campanha do Ross Zinn em 64. Você acabou com a carreira de um político racista de uma vez por todas. Papai diz que você era tinhoso, decidido e incansável. O caso Ross Zinn exigiu coragem, suor e tempo. A coragem e o suor pode deixar comigo, de você eu só quero um pouco de tempo.”

“Enfiar o seu pai na história foi um truque sujo.”

“Não se faz jornalismo sem truques sujos.”

Grelsch apaga o cigarro e acende outro. “Segunda-feira, quero o inquérito Sixsmith, e tem que ser um negócio inquestionável, Luisa, eu quero nomes, fontes, fatos. Quem foi que abafou esse relatório, e por que, e como a Swannekke B vai transformar o sul da Califórnia em Hiroshima. Mais uma coisa. Se você conseguir uma prova de que o Sixsmith foi assassinado, nós vamos procurar a polícia antes de publicar a matéria. Eu não quero que ponham dinamite debaixo do banco do meu carro.”

“‘Todas as notícias, sem temor nem favor.’”

“Rua.”

Nancy O’Hagan faz uma expressão de “nada mau” enquanto Luisa senta-se à sua mesa e pega na gaveta as cartas de Sixsmith.

Em sua sala, Grelsch ataca o saco de pancadas. “Tinhoso!” Pof! “Decidido!” Pof! “Incansável!” O redator-chefe vê seu reflexo na janela, debochando dele.

22

Uma romança sefardita, composta antes da expulsão dos judeus da Espanha, está sendo tocada na loja de discos Lost Chord, na esquina

noroeste da Spinoza Square com a Sexta Avenida. O homem ao telefone, bem vestido, pálido para essa cidade de gente bronzeada, repete o que lhe foi perguntado: “*Sexteto Atlas de Nuvens*… Robert Frobisher… Sim, já ouvi falar, mas nunca pus minhas mãozinhas grudentas numa cópia… Frobisher era um menino-prodígio, morreu bem no início da carreira… Deixa eu ver aqui, tenho uma lista enviada por um fornecedor de San Francisco que é especializado em raridades… Franck, Fitzroy, *Frobisher*… Achei, tem até uma notinha de rodapé… Só foram prensadas quinhentas cópias… na Holanda, antes da guerra, não é à toa que é tão raro… O vendedor tem uma cópia de um acetato, feita nos anos 50… por uma firma francesa que fechou. Pelo visto, o *Sexteto Atlas de Nuvens* é o beijo da morte pra toda gravadora… Vou tentar, ele tinha um exemplar um mês atrás, mas a qualidade do som é duvidosa, e já vou logo avisando, barato é que não vai ser… O preço que consta aqui é… cento e vinte dólares… mais a nossa comissão, dez por cento, dá… Tudo bem? Ótimo, vou anotar seu nome… Ray de quê? Ah, srta. R-E-Y, mil desculpas. Normalmente a gente pede um sinal, mas sua voz é de uma pessoa honesta. Leva uns dias. De nada”.

O balconista faz uma anotação para seu próprio uso, levanta o braço do toca-discos, leva-o para o início da faixa “Por qué llorax blanca niña”, encosta a agulha no vinil negro reluzente e fica a sonhar com jovens pastores judeus tangendo suas liras numa serra ibérica, à luz das estrelas.

23

Luisa Rey não vê o Chevrolet preto fosco que passa em baixa velocidade à frente do seu prédio quando ela está entrando nele. Não tem prestado muita atenção em nada desde que leu a longa primeira carta encontrada em posse de Rufus Sixsmith. Bill Smoke, dirigindo o Chevrolet, decora o endereço de Luisa: número cento e oito, Pacific Eden Apartments.

Luisa já releu as cartas de Sixsmith mais de dez vezes nas últimas trinta e seis horas. Elas a deixam profundamente mexida. Um colega de faculdade de Sixsmith, Robert Frobisher, escreveu-as no verão de 1931, durante uma estada prolongada num castelo na Bélgica. O que incomoda Luisa não é a visão pouco lisonjeadora que as cartas apresentam de Rufus Sixsmith, jovem e manipulável, e sim a nitidez estonteante das imagens dos lugares e pessoas que se revelam nelas. Imagens tão vívidas que ela é obrigada a chamá-las de lembranças. Filha de um jornalista pragmático, Luisa não poderia deixar de explicar essas "lembranças" como frutos de uma imaginação tornada ultrassensível com a morte recente do pai, mas há um detalhe numa das cartas que põe a pique esse tipo de explicação. Robert Frobisher menciona uma marca de nascença em forma de cometa entre a escápula e a clavícula.

Não acredito nessa besteira. Não dá para acreditar. Não acredito.

Estão reformando o hall do Pacific Eden Apartments. Há lençóis no chão, um eletricista mexe num ponto de luz, um martelo invisível fica martelando. Malcolm, o zelador, vê Luisa e exclama: "Ô Luisa! Um visitante inesperado subiu correndo pro seu apartamento há vinte minutos!". Porém sua voz se perde com o ruído de uma furadeira, ele está falando ao telefone com uma pessoa da prefeitura a respeito de permissões e normas de construção, e de qualquer modo Luisa já entrou no elevador.

24

"Surpresa", diz Hal Brodie, num tom seco, apanhado em flagrante no ato de pegar livros e discos das prateleiras de Luisa e jogá-los dentro de uma sacola. "Ora", diz ele, para disfarçar uma pontada de culpa, "você cortou o cabelo curtinho."

Luisa não está muito surpresa. "Não é isso que faz toda mulher abandonada?"

Hal dá um estalo no fundo da garganta.

Luisa está irritada consigo própria. “Quer dizer que hoje é o dia da colheita.”

“Já quase terminei.” Hal bate uma mão na outra para livrar-se de uma poeira imaginária. “A antologia de Wallace Stevens é sua ou minha?”

“Foi presente de Natal da Phoebe pra nós dois. Liga pra Phoebe. Ela que decida. Ou então você arranca as páginas ímpares e deixa as pares para mim. Isso parece invasão da polícia. Você podia ter me telefonado pra avisar que ia estar aqui.”

“Mas eu telefonei. Atendeu sua secretária eletrônica. Joga ela fora, se você não escuta nunca.”

“Não seja idiota, custou uma fábula. Mas então, o que foi que trouxe você à cidade, só seu amor pela poesia modernista?”

“Estou procurando um local de filmagem pra *Starsky e Hutch*.”

“Achei que o Starsky e o Hutch moravam em Nova York.”

“O Starsky é sequestrado. Tem um tiroteio na ponte de Buenas Yerbas, e já roteirizamos uma cena de perseguição em que o David e o Paul correm por cima dos tetos dos carros na hora do rush. Vai ser uma dor de cabeça conseguir autorização com os guardas de trânsito, mas temos que filmar no lugar de verdade, senão a gente perde completamente a integridade artística.”

“Peraí. O *Blood on the tracks* você não vai levar, não.”

“É meu.”

“*Era* seu.” Luisa não está brincando.

Com uma deferência irônica, Brodie tira o disco da sacola. “Olha, fiquei muito triste com essa história do seu pai.”

Luisa concorda com a cabeça, sente a dor subir e suas defesas enrijecem. “É.”

“Acho que… ele descansou, de certa forma.”

É verdade, mas só os que sentem a dor podem dizer isso. Luisa resiste à tentação de fazer um comentário ácido. Ela se lembra do pai provocando

Hal, “o garoto da tevê”. Os dois olham para as falhas que ficaram nas estantes. *Eu não vou começar a chorar*. “Quer dizer que você está bem?”

“Eu estou ótimo. E você?”

“Ótima.”

“O trabalho vai bem?”

“O trabalho está ótimo.” *Termine logo essa tortura para nós dois*. “Vou precisar da minha chave.”

Hal fecha o zíper de sua mala, procura dentro do bolso e larga a chave na palma da mão de Luisa. Com um floreio, para ressaltar o simbolismo do ato. Luisa sente o cheiro de uma loção pós-barba diferente, e imagina *Ela* passando-a no rosto dele hoje de manhã. *Ele também não tinha essa camisa dois meses atrás*. Já as botas haviam comprado juntos no dia do concerto de Segovia. Hal passa por cima de um par de tênis imundos de Javier, e Luisa vê no rosto dele a intenção de fazer um comentário engraçado a respeito de seu novo namorado. Em vez disso, Hal diz apenas: “Então até mais”.

Um aperto de mãos? Um abraço? “Até.”

A porta se fecha.

Luisa coloca a corrente na porta e revive na mente aquele encontro. Abre o chuveiro e tira a roupa. O espelho do banheiro é parcialmente obstruído por uma prateleira onde há xampus, condicionadores, uma caixa de absorventes, cremes para a pele e sabonetes de luxo. Luisa empurra esses objetos para o lado a fim de ver melhor o sinal de nascença que tem entre a escápula e a clavícula. Aquele encontro recente com Hal é deixado para trás. *Acontecem coincidências o tempo todo.* Mas a forma é mesmo de cometa. O espelho fica embaçado. *Os fatos são seu feijão com arroz. As marcas de nascença parecem qualquer coisa que a gente quiser ver nelas, não só cometas. Você ainda está perturbada pela morte do papai, só isso*. A jornalista entra no boxe, mas sua mente envereda pelos corredores do castelo de Zedelghem.

25

O acampamento dos manifestantes fica no continente, entre uma praia e uma laguna pantanosa separada do mar. Atrás da laguna, um laranjal se estende rumo ao interior, até a serra árida. As barracas improvisadas, as vans pintadas com tinta spray nas cores do arco-íris e os trailers residenciais parecem presentes indesejados que o Pacífico despejou na costa. Uma faixa proclama: PLANETA CONTRA SEABOARD. Do outro lado da ponte fica a Swannekke A, trêmula como uma miragem da utopia no sol a pino. Crianças brancas, de pele tão queimada que parece couro, brincam no raso; um apóstolo barbudo lava roupas numa tina; dois adolescentes se beijam, escondidos no capim que cresce nas dunas como cobras.

Luisa tranca seu fusca e caminha até o acampamento. Gaivotas pairam no calor desanimador. Ao longe, máquinas agrícolas roncam. Alguns habitantes se aproximam, mas não parecem amistosos. “Que foi?”, desafia-a um homem, com uma fisionomia pugnaz de ameríndio.

“Achei que esse parque era público.”

“Achou errado. É particular.”

“Sou jornalista. Queria entrevistar alguns de vocês.”

“Você trabalha pra onde?”

“Revista *Spyglass*.”

O clima melhora um pouco. “Você não devia estar fazendo uma matéria sobre as últimas aventuras do nariz da Barbra Streisand?”, diz o nativo, acrescentando com sarcasmo: “Com todo o respeito.”

“Bem, desculpa por eu não ser do *Herald Tribune*, mas por que vocês não me dão uma oportunidade? Vocês bem que precisam de uma matéria positiva, a menos que realmente achem que vão desmontar aquela bomba-relógio atômica ali na ilha sacudindo placa e cantando música de protesto. Com todo o respeito”.

Um sulista resmunga: “Moça, você não está com *nada*”.

“Acabou a entrevista”, diz o índio. “Fora daqui.”

“Não se preocupe, Milton”, diz uma senhora idosa, de cabelo branco e rosto avermelhado, parada à porta de seu trailer. “Deixe que eu falo com essa.” Um vira-lata aristocrático fica à espreita, ao lado da dona. Está claro que a palavra dela tem peso, pois a multidão se dissipa sem mais nenhum protesto.

Luisa se aproxima do trailer. “Geração paz e amor?”

“1975 não tem *nada* a ver com 1968. A Seaboard e a polícia têm informantes infiltrados na nossa rede. Agora no fim de semana, as autoridades queriam limpar o terreno por conta de uns visitantes VIPs, e houve derramamento de sangue. Isso deu à polícia um pretexto pra prender várias pessoas. Infelizmente, a paranoia é necessária. Pode entrar. Meu nome é Hester Van Zandt.”

“Eu estava mesmo querendo muito encontrar a senhora, doutora”, diz Luisa.

26

Uma hora depois, Luisa joga o centro da maçã que comeu para o cachorro fidalgo de Hester Van Zandt. O escritório dela, com as paredes cobertas de estantes de livros, é tão organizado quanto o de Grelsch é caótico. A anfitriã está encerrando sua fala. “O conflito entre as grandes empresas e os ativistas é a luta entre a narcolepsia e a memória. As corporações têm dinheiro, poder e influência. A nossa única arma é a indignação pública. Foi isso que bloqueou a represa de Yuccan, derrubou o Nixon e, em parte, pôs fim às monstruosidades cometidas no Vietnã. Mas indignação é difícil de produzir e manejar. Primeiro, é necessário que haja fiscalização; depois, consciência geral; é só quando se atinge uma massa crítica que a indignação pública floresce. Qualquer uma das etapas pode ser sabotada. Os Alberto Grimaldi do mundo podem combater a fiscalização enterrando a verdade em comissões, em relatórios chatos e mentirosos, ou

intimidando os fiscalizadores. Podem dar fim à consciência ensinando falsidades às crianças, controlando estações de tevê, subornando autores de renome ou simplesmente comprando a mídia. É na mídia — e não apenas no *Washington Post* — que as democracias encenam suas guerras civis."

"Foi por isso que você me salvou do Milton e dos compatriotas dele."

"Eu queria lhe apresentar a verdade tal como nós a vemos, pra que você tenha ao menos a oportunidade de decidir, estando bem informada, de que lado está. Se escrever uma sátira sobre a GreenFront como um bando de sonhadores realizando o Woodstock deles, vai confirmar todos os preconceitos do Partido Republicano e enterrar a verdade um pouco mais fundo. Se escrever sobre os níveis de radiação dos frutos do mar, os limites 'seguros' à poluição estabelecidos pelos próprios poluidores, as políticas governamentais determinadas pelo leilão das contribuições às campanhas eleitorais e a polícia privada da Seaboard, vai elevar a temperatura da consciência do público, ainda que só um pouco, aproximando-a do ponto de ebulição."

Luisa já está saindo quando pergunta: "Você conhecia o Rufus Sixsmith?".

"Conhecia, sim, que Deus o tenha."

"Eu colocaria vocês dois em lados opostos… ou não?"

Van Zandt aprova com a cabeça a tática de Luisa. "Conheci o Rufus no início dos anos sessenta, num grupo de pesquisa em Washington, ligado ao departamento de Energia. Eu tinha a maior admiração por ele! Vencedor do Nobel, veterano do projeto Manhattan. Em relação às mulheres, não era exatamente um galanteador."

Luisa teve a mesma impressão ao ler as cartas de Robert Frobisher. "Por acaso você sabe alguma coisa sobre um relatório que ele teria escrito condenando a Hidra Zero e exigindo que a Swannekke B fosse desligada da rede?"

"O dr. Sixsmith? Você tem certeza absoluta disso?"

"'Certeza absoluta'? Não, não tenho, não. Agora, se eu ponho minha mão no fogo? Ponho, sim."

Van Zandt parece tensa. “Meu Deus, se a GreenFront conseguisse obter uma cópia desse relatório…” Sua expressão fica séria. “Se o *dr. Rufus Sixsmith* escreveu um relatório atacando a Hidra Zero, e se ele ameaçou *mesmo* divulgar esse relatório, bem, aí eu não acredito mais que tenha sido suicídio.”

Luisa se dá conta de que as duas estão sussurrando. Ela faz a pergunta que imagina que Grelsch faria: “Você não acha meio paranoico acreditar que a Seaboard seria capaz de matar um vencedor do prêmio Nobel só pra evitar publicidade negativa?”.

Van Zandt retira de um quadro de avisos de cortiça a foto de uma mulher de setenta e tantos anos. “Um nome pra você. Margo Roker.”

“Vi o nome dela num cartaz outro dia.”

“A Margo é ativista da GreenFront desde que a Seaboard comprou a ilha Swannekke. Ela é a proprietária deste terreno, e deixa a gente atuar aqui pra ser uma pedra no sapato da Seaboard. Há seis semanas a casinha dela — fica a uns três quilômetros daqui, na costa — foi assaltada. A Margo não tem dinheiro, só alguns terrenos, e ela se recusa a vender essas propriedades, por mais que a Seaboard faça ofertas tentadoras. Pois bem. Os assaltantes deixaram a Margo desacordada, achando que ela estava morta, e não levaram nada da casa. Não chega a ser um caso de assassinato, porque ela continua em coma, de modo que a polícia afirma que foi um assalto mal planejado que acabou mal.”

“Mal pra Margo.”

“E muito bem pra Seaboard. As contas do hospital estão sufocando a família dela. Dias depois da agressão, a Open Vista, uma corretora imobiliária de Los Angeles, ofereceu à prima de Margo, por esses terrenos litorâneos, quatro vezes o valor de mercado deles. Pra criar uma reserva ecológica privada. Aí eu pedi à GreenFront uma pesquisa sobre a Open Vista. A corretora foi criada há apenas oito semanas, e adivinha qual é o primeiro nome que aparece na lista de empresas contribuintes?” Com a cabeça, Van Zandt indica a ilha Swannekke.

Luisa pensa em tudo o que ouviu. “Vou voltar a procurar você em breve, Hester.”

“Espero que sim.”

27

Alberto Grimaldi gosta daqueles briefings de segurança extracurriculares com Bill Smoke e Joe Napier em seu escritório na ilha Swannekke. Gosta do jeito direto dos dois homens, tão diferentes do séquito de cortesãos e solicitantes. Gosta de mandar sua secretária para a área de recepção onde presidentes de empresas, líderes sindicais e funcionários do governo são obrigados a esperar, idealmente por horas, e ouvi-la dizer: “Frank, Joe, o sr. Grimaldi vai poder recebê-los agora”. Smoke e Napier deixam que Grimaldi dê vazão a seu lado J. Edgar Hoover. Ele vê Napier como um buldogue leal cuja infância em Nova Jersey não foi suavizada por trinta e cinco anos de vida na Califórnia; Bill Smoke é seu aprendiz de feiticeiro, que atravessa paredes, códigos de ética e leis para cumprir as ordens de seu senhor.

A reunião de hoje é incrementada pela presença de Fay Li, convocada por Napier a propósito do último ponto da pauta: uma jornalista que visitou Swannekke neste fim de semana, Luisa Rey, a qual pode ou não ser um risco de segurança. “Então, Fay”, pergunta Grimaldi, equilibrando-se na borda de sua mesa, “o que é que a gente sabe sobre ela?”

Fay Li fala num tom de quem consulta uma lista mental. “Repórter da *Spyglass* — isso todos nós já sabemos, não é? Vinte e seis anos, ambiciosa, mais pra liberal do que pra radical. Filha do famosérrimo Lester Rey, correspondente estrangeiro, recém-falecido. A mãe casou de novo com um arquiteto depois de um divórcio desinteressante há sete anos, mora em Ewingsville, Buenas Yerbas. Filha única. Fez história e economia em Berkeley, uma das primeiras da turma. Começou a trabalhar no *Los Angeles*

Recorder, publicou matérias sobre política no *Tribune* e no *Herald*. Solteira, mora sozinha, paga as contas em dia.”

“Totalmente desinteressante”, comenta Napier.

“Então por que é mesmo que a gente está falando sobre ela?”, diz Smoke.

Fay Li vira-se para Grimaldi: “Nós pegamos essa moça perambulando pelo setor de pesquisa na terça-feira, durante o lançamento. Ela disse que tinha hora marcada pra conversar com o dr. Sixsmith”.

“Sobre o quê?”

“Uma matéria na *Spyglass*, mas acho que ela estava pescando alguma coisa.”

O presidente da empresa olha para Napier, que dá de ombros: “É difícil saber, sr. Grimaldi. Se estava pescando, é porque sabia que tipo de peixe ela queria”.

Grimaldi tem um fraco pela explicitação do óbvio. “O relatório.”

“Todo jornalista tem uma imaginação febril”, diz Li, “especialmente os mais jovens, que estão doidos pra conseguir o primeiro grande furo. Acho *possível* que ela pense que a morte do dr. Sixsmith tenha sido… Como dizer isso?”

Alberto Grimaldi faz cara de quem não está entendendo.

“Sr. Grimaldi”, intervém Smoke, “acho que a Fay, por uma questão de tato, não está conseguindo dizer o seguinte: a tal da Luisa Rey pode estar achando que a gente apagou o dr. Sixsmith.”

“‘Apagou’? Meu Deus. É mesmo? Joe? O que é que você acha?”

Napier espalma as mãos. “A Fay pode ter razão, sr. Grimaldi. A *Spyglass* é famosa por não se prender aos fatos concretos.”

“A gente tem alguma influência sobre a revista?”, pergunta Grimaldi.

Napier faz que não. “Vou cuidar disso.”

“Ela telefonou”, prossegue Li, “perguntando se podia entrevistar algumas pessoas que trabalham aqui pra uma matéria tipo ‘um dia na vida de um cientista’. Aí falei que ela podia vir ao banquete de hoje no hotel, e prometi que no fim de semana eu apresentava umas pessoas a ela. Aliás”, Li consultou o relógio, “nós duas vamos nos encontrar daqui a uma hora.”

“Eu autorizei, sr. Grimaldi”, diz Napier. “Melhor essa moça ficar xeretando na frente da gente, que aí dá pra ficar de olho nela.”

“É verdade, Joe. É verdade. Pra avaliar até que ponto ela representa uma ameaça. E ao mesmo tempo a gente dá um fim a essas suspeitas mórbidas a respeito do Rufus, coitado.” Sorrisos discretos de todos os presentes. “Bom, Fay, Joe, por hoje é só, obrigado pelo seu tempo. Bill, quero falar um pouco com você sobre o negócio de Toronto.”

O presidente e seu capanga ficam a sós.

“O nosso amigo”, diz Grimaldi, “Lloyd Hooks. Ele me preocupa.”

Bill Smoke pensa por um instante. “Alguma dica?”

“Ele está todo sorridente, como se estivesse com uma quadra de ases na mão. Olho nele.”

Bill Smoke inclina a cabeça.

“E é bom você já ter um acidente pronto pra Luisa Rey. Seu trabalho no aeroporto foi exemplar, mas o Sixsmith era estrangeiro e famoso, e a gente não quer que essa mulher fique desencavando boatos maldosos.” Ele indica com a cabeça a porta pela qual Napier e Li saíram. “Esses dois desconfiam de alguma coisa sobre o Sixsmith?”

“A Li não está pensando. O negócio dela é relações-públicas, e ponto final. E o Napier não está olhando. Tem gente que é cega, sr. Grimaldi, tem gente que não quer ver e tem gente que está prestes a se aposentar.”

28

Isaac Sachs está sentado, ombros encurvados, junto à janela do bar do Swannekke Hotel, vendo os iates na tarde azulada. Na sua mesa há um copo de cerveja intacto. Os pensamentos do cientista oscilam entre a morte de Rufus Sixsmith, o medo de que a cópia do Relatório Sixsmith que ele escondeu seja encontrada e a advertência que Napier lhe fez a respeito da confidencialidade. *A questão, dr. Sachs, é que suas ideias são propriedade*

da Seaboard Corporation. O senhor não vai roer a corda quando está lidando com um homem como o sr. Grimaldi, não é? Grosseiro, porém eficaz.

Sachs tenta lembrar como se sentia no tempo em que não andava com aquele nó no estômago. Tem saudade do seu antigo laboratório em Connecticut, onde o mundo era feito de matemática, energia e cascatas de colisão, e ele era um explorador desse mundo. Sachs não tem nada a ver com essas ordens de grandeza políticas, nas quais por ser leal à pessoa errada pode-se acabar com o cérebro espalhado pelo chão de um quarto de hotel. *Faça o favor de triturar essa porra desse relatório, Sachs, página por página*.

Então começa a pensar num acúmulo de hidrogênio, uma explosão, hospitais superlotados, as primeiras mortes causadas pela radiação. A investigação oficial. Os bodes expiatórios. Sachs bate um punho cerrado contra o outro. Até agora, só traiu a Seaboard em pensamentos, não em atos. *Será que eu ouso transpor este limite?* Ele esfrega os olhos cansados. O gerente do hotel encaminha um bando de floristas ao salão de banquetes. Uma mulher desce a escada, tranquila, procura uma pessoa que ainda não chegou e entra no bar animado. Sachs admira-lhe o conjunto de camurça bem apropriado, o corpo esbelto, o colar de pérolas discreto. O barman serve à mulher uma taça de vinho branco, e faz um comentário jocoso que ela responde com um aceno, mas não com um sorriso. A mulher vira-se para Sachs, que então reconhece a pessoa que ele julgou ser Megan Sixsmith cinco dias antes: o nó no estômago aperta ainda mais, e Sachs sai mais que depressa pela varanda, sem voltar o rosto para trás.

Luisa vai até a janela. Há uma cerveja intacta na mesa, mas nenhum sinal de seu dono, e assim ela se instala no assento ainda morno. É o melhor lugar do bar. Fica vendo os iates na tarde azulada.

29

O olhar de Alberto Grimaldi percorre o salão de banquete, iluminado com velas. Pelo ambiente pipocam frases ditas mas nem sempre ouvidas. O discurso de Alberto foi recebido com mais risos, e com risadas mais demoradas, do que o de Lloyd Hooks, o qual agora, sentado ao lado do vice-presidente de Grimaldi, William Wiley, conversa a sério com ele. *Mas do que será que esses dois tanto falam?* É mais um assunto para levantar com Bill Smoke. O chefe da Agência de Proteção ao Ambiente está contando a Grimaldi uma história interminável sobre Henry Kissinger no tempo da escola, enquanto Grimaldi, dirigindo-se a uma plateia imaginária, faz uma preleção sobre o poder.

"'Poder.' O que queremos dizer com isso? 'A capacidade de decidir a sorte de outra pessoa.' Vocês que são cientistas, magnatas da construção civil e formadores de opinião: eu podia pegar o meu jato no aeroporto La Guardia e, antes mesmo de pousar em BY, vocês não seriam mais ninguém. Mandachuvas da Wall Street, ocupantes de cargos eletivos, juízes — para derrubar vocês eu precisaria de mais tempo, mas no final das contas sua derrocada também seria total." Grimaldi olha para o chefe da APA para ver se o homem tem consciência que não lhe está dando atenção — não, ele não percebeu. *"E, no entanto, como é que alguns homens obtêm o domínio sobre os outros enquanto a maioria vive e morre numa condição subalterna, como gado? A resposta é uma santíssima trindade. Em primeiro lugar: o dom do carisma, conferido por Deus. Em segundo lugar: a disciplina necessária para cultivar esse dom até chegar à maturidade, porque ainda que o húmus da humanidade seja fértil de talentos, apenas uma semente em dez mil há de florescer — por falta de disciplina."* Grimaldi vê de relance Fay Li levar Luisa Rey, a repórter preocupante, a um círculo onde Spiro Agnew pontifica. Luisa é mais bonita em pessoa do que na foto. *Então foi assim que ela fisgou o Sixsmith.* Ele consegue trocar um olhar com Bill Smoke. *"Em terceiro lugar: a* vontade *de poder. Este é o enigma central na questão dos destinos diferentes dos homens. O que é que faz com que alguns obtenham poder enquanto a maioria de seus*

compatriotas o perdem, usam mal ou evitam? Será vício? Riqueza? Sobrevivência? Seleção natural? Sustento que todos esses fatores são pretextos e resultados, e não constituem a causa fundamental. A única resposta possível é: 'Não há um porquê. É a nossa natureza. 'Quem' e 'o quê' são coisas mais profundas do que 'por quê'."

O chefe da Agência de Proteção ao Ambiente sacode-se, rindo de sua própria tirada. Grimaldi ri entre dentes. "Demais, Tom, essa foi *demais*."

30

Luisa Rey banca a repórter boboca bem-comportada para que Fay Li se convença de que não representa nenhuma ameaça. Só assim é que ela vai ter liberdade para farejar outros dissidentes, pessoas como Sixsmith. Joe Napier, chefe da segurança, faz Luisa pensar em seu pai — discreto, sério, mesma faixa etária e mesma careca. Uma ou duas vezes, durante a lauta refeição de dez pratos, ela o pegou observando-a, com um olhar não lascivo, e sim pensativo. "E você, Fay, nunca se sente confinada lá na ilha Swannekke?"

"Swannekke? É um paraíso!", exclama a relações-públicas. "A apenas uma hora de Buenas Yerbas, Los Angeles logo ali, descendo a costa, minha família ao norte, em San Francisco — é ideal. Lojas e serviços subsidiados, médico de graça, ar limpo, criminalidade zero, a vista do mar. Até mesmo os homens", ela confidencia, *sotto vocce*, "já vêm com certificado de aprovação — na verdade, eu tenho acesso aos arquivos do pessoal —, aí você sabe que não vai sair com ninguém que seja completamente maluco. Por falar nisso — Isaac! Isaac! Você acaba de ser recrutado." Fay Li agarra Isaac Sachs pelo cotovelo. "Lembra que encontrou por acaso com a Luisa Rey no outro dia?"

"Isso é que é recrutamento bom — oi, Luisa, mais uma vez."

Luisa sente uma tensão no seu aperto de mão.

“A srta. Rey”, explica Fay Li, “está aqui para escrever um artigo sobre a antropologia da ilha Swannekke.”

“É mesmo? Nossa tribo é meio chata. Espero que você consiga o mínimo de palavras pra sua matéria.”

Fay Li abre seu sorriso máximo. “Aposto que o Isaac vai ter tempo de responder qualquer pergunta que você tiver, Luisa. Não é, Isaac?”

“Eu sou o mais chato dos chatos.”

“Não vai atrás dele, não, Luisa”, Fay Li a alerta. “Isso faz parte da estratégia do Isaac. Depois que você baixa as defesas, ele dá o bote.”

O suposto conquistador muda de posição e olha para os pés, com um sorriso amarelo.

31

“A falha trágica de Isaac Sachs”, analisa Isaac Sachs, relaxando na cadeira junto à janela em frente a Luisa Rey, duas horas depois, “é a seguinte: covarde demais pra ser um guerreiro, mas não o suficiente pra deitar de bruços e levantar as patinhas como um bom cachorrinho.” Suas palavras escorregam como Bambi caminhando sobre o gelo. Na mesa há uma garrafa de vinho quase vazia. O bar está às moscas. Sachs não se lembra de quando foi a última vez em que ele ficou tão bêbado e em que se sentiu tão tenso e relaxado ao mesmo tempo: relaxado porque uma jovem inteligente está gostando da sua companhia; tenso porque está se preparando para lancetar o furúnculo que carrega na consciência. O próprio Sachs surpreende-se ao constatar que se sente atraído por Luisa Rey, e lamenta profundamente tê-la encontrado naquelas circunstâncias. A mulher e a repórter se confundem uma com a outra a toda hora. “Vamos mudar de assunto”, diz Sachs. “Seu carro, seu” — fala com sotaque de nazista de Hollywood — “‘*Volkswagen*’. Qual é o nome dele?”

“Como é que você sabe que meu fusca tem nome?”

“Todo dono de fusca dá nome ao carro. Mas não vá me dizer, por favor, que é John, George, Paul ou Ringo.” *Meu Deus*, *Luisa Rey, você é linda.*

Ela diz: “Você vai rir”.

“Não vou, não.”

“Vai, sim.”

“Eu, Isaac Caspar Sachs, juro solenemente que não vou rir.”

“É melhor não rir mesmo, se o seu segundo nome é ‘Caspar’. Pois bem, é ‘Garcia’.”

Os dois se sacodem, sem nenhum som, até que de repente caem na gargalhada. *Talvez ela goste de mim também, talvez não esteja só fazendo o serviço dela*.

Luisa contém seu próprio riso de repente. “Quer dizer que suas juras são assim?”

Sachs faz um gesto de mea-culpa e enxuga as lágrimas. “Normalmente elas duram mais. Não sei por que é tão engraçado, quer dizer, Garcia” — bufa — “não é um nome tão engraçado assim. Eu tive uma namorada que chamava o carro dela de Rocinante, pelo amor de Deus.”

“Quem deu o nome foi um namorado que tinha sido beatnik em Berkeley. Uma homenagem ao Jerry Garcia, você sabe, o cara do Grateful Dead. Ele abandonou o carro no estacionamento do meu alojamento quando uma gaxeta do motor soltou e bateu no capô, mais ou menos na época em que me trocou por uma líder de torcida. Uma história sórdida, porém verdadeira.”

“E você não atacou o carro com um lança-chamas?”

“O Garcia não tem culpa se o ex-dono dele era um lança-esperma sem-vergonha.”

“Esse cara deve ser doido.” Sachs não pretendia dizer aquilo, mas não se envergonha de tê-lo dito.

Luisa Rey concorda com a cabeça, com dignidade. “Mas enfim, Garcia é perfeito pro carro. Ele nunca está regulado, a velocidade tem uns picos, está caindo aos pedaços, o porta-malas não tranca, o óleo vaza, mas ele continua firme e forte.”

Convide a moça, pensa Sachs. *Não seja idiota, vocês não são mais garotos.*

Os dois contemplam as ondas que se quebram ao luar.

Fale. "No outro dia", sua voz é um murmúrio, e ele está se sentindo enjoado, "você estava procurando alguma coisa na sala do Sixsmith." As sombras parecem aguçar seus ouvidos. "Não estava?"

Luisa também olha à sua volta, para certificar-se de que não há ninguém escutando, e fala em voz bem baixa. "Eu fiquei sabendo que o dr. Sixsmith preparou um relatório."

"O Rufus trabalhava com a equipe que projetou e construiu aquele negócio. Ou seja, eu."

"Então você sabe o que ele concluiu? A respeito do reator Hidra?"

"Todo mundo sabe! O Jessops, o Moses, o Keene… todos nós."

"Sobre uma falha crítica do projeto?"

Sachs estremece. "É." *Nada mudou, só que tudo mudou*.

"Se houver um acidente, vai ser uma coisa séria?"

"Se o dr. Sixsmith estiver com a razão, vai ser uma coisa muito, muito séria."

"Por que é que eles não fecham a Swannekke B pra fazer uma inspeção mais aprofundada?"

"Dinheiro, poder, os suspeitos de sempre."

"Você concorda com as conclusões do Sixsmith?"

Cuidado. "Concordo que há um risco teórico substancial."

"Você foi pressionado a não externar as suas dúvidas?"

"Todos os cientistas foram pressionados. Todos os cientistas concordaram. Menos o Sixsmith."

"*Quem* foi, Isaac? Alberto Grimaldi? Veio lá de cima?"

As sombras lunares dos pés de flor-de-coral perturbam o gramado banhado em prata. "Luisa, *o que* você faria *se* uma cópia do relatório fosse parar nas suas mãos?"

"Eu publicava o mais rápido possível."

"Você tem *consciência* de que…" *Não consigo dizer*.

“De que as pessoas dos mais altos escalões preferiam me ver morta a deixar que o Hidra caia em descrédito? É a única coisa de que eu tenho consciência no momento.”

“Não posso prometer nada.” *Meu Deus, que frase mais pusilânime*. “Eu me tornei cientista porque… é que nem garimpar ouro num rio caudaloso de água turva. A verdade é o ouro. Eu — eu não sei o que eu quero fazer…”

“Os jornalistas também trabalham em águas turvas.”

A lua está acima do mar.

“Faça”, diz Luisa por fim, “o que você não conseguir *não* fazer.”

32

À luz espalhafatosa do sol da manhã, Luisa Rey vê os golfistas atravessando o campo verdejante, e pergunta a si própria o que poderia ter acontecido na véspera se ela tivesse convidado Isaac a subir ao seu quarto. Eles combinaram de se encontrar no café da manhã.

Luisa se pergunta se não deveria ter telefonado para Javier. *Você não é a mãe dele, não é responsável por ele, é só vizinha dele*. Ela não está convencida, mas do mesmo modo como não conseguiu fingir não ver o menino que encontrou chorando ao lado da lixeira, tampouco conseguiu *não* ir até o apartamento do zelador, pedir que ele lhe emprestasse suas chaves e remexer no lixo até encontrar os preciosos álbuns de selos, agora Luisa não sabe como se desvencilhar daquela história. Ele não tem mais ninguém, e os meninos de onze anos não sabem ser sutis. *E você, tem mais alguém que não seja ele?*

“Você parece estar arcando com todo o peso do mundo nas suas costas”, diz Joe Napier.

“Joe. Senta aí.”

“Com prazer. Vim lhe trazer uma notícia ruim. O Isaac Sachs manda pedir desculpas, mas não vai poder vir.”

“Hã?”

“O Alberto Grimaldi pegou o avião e foi até Three Mile Island agora de manhã — está seduzindo um grupo de alemães. O Sidney Jessops ia junto pra dar apoio técnico, mas seu pai infartou, e o Isaac é que acabou indo com ele.”

“Ah. Ele já foi embora?”

“Infelizmente, já. Ele está…” — Napier consulta o relógio — “… sobrevoando as montanhas Rochosas do Colorado agora. Cuidando da ressaca, provavelmente.”

Não manifeste decepção. “Quando é que ele deve voltar?”

“Amanhã de manhã.”

“Ah.” *Que droga, que droga, que droga*.

“Eu tenho duas vezes a idade do Isaac e sou três vezes mais feio que ele, mas a Fay me pediu pra eu lhe mostrar as instalações. Ela marcou entrevistas com pessoas que acha que vão interessar você.”

“Joe, é muita bondade sua, me dedicar uma parte tão grande dos seus fins de semana”, diz Luisa. *Você sabia que Sachs estava quase pulando fora? Como ficou sabendo? Ou será que Sachs estava me sondando de propósito? Eu realmente estou perdida aqui.*

“Sou um velho solitário e não tenho o que fazer com meu tempo.”

33

“Quer dizer que o departamento de pesquisa e desenvolvimento é chamado de ossário porque é cheio de crânios?”, Luisa anota em seu caderno, rindo, enquanto Joe Napier abre a porta da sala de controle para ela, duas horas depois. “Como é que vocês chamam o prédio do reator?”

Um técnico, mascando chiclete, grita para ela: “Terra dos bravos”.

Joe faz uma expressão que significa *muito engraçado*. “Esse comentário aí é *totalmente* em off.”

“O Joe disse a você como é que a gente chama a ala de segurança?”, pergunta o controlador, sorrindo.

Luisa faz que não.

“Planeta dos macacos.” O homem vira-se para Napier. “Me apresenta sua convidada, Joe.”

“Carlo Böhn, Luisa Rey. A Luisa é repórter, o Carlo é técnico-chefe. Se você ficar aqui mais um pouco, vai ver que puseram nele muitos outros nomes.”

“Eu vou lhe mostrar o lugar, se o Joe abrir mão de você por cinco minutos.”

Napier fica olhando para Luisa enquanto Böhn caminha com ela por aquela sala cheia de painéis e mostradores, iluminada por luzes fluorescentes. Técnicos menos graduados examinam folhas impressas pelo computador, olham com expressão séria para painéis, fazem anotações em sua prancheta. Böhn flerta com Luisa e troca um olhar com Napier quando ela está de costas para ele, fazendo um gesto que indica seios fartos; Napier sacode a cabeça, severo. *A Milly adoraria ver você*, ele pensa. *Certamente ia convidá-la para jantar, obrigá-la a comer demais e dar mil recomendações sobre como você precisa se cuidar.* Ele se lembra de Luisa como uma menininha precoce de seis anos de idade. *Deve fazer uns vinte anos desde a última vez que vi você, na reunião do pessoal do décimo distrito. Aquela menina espevitada podia ter escolhido tantas profissões, e o caso da morte de Sixsmith podia ter atraído a atenção de tantos repórteres — por que justamente a filha de Lester Rey? Por que isso agora, logo antes de eu me aposentar? Quem foi que aprontou essa piada de mau gosto? A cidade?*

Napier tinha vontade de chorar.

34

Fay Li faz uma busca rápida e eficiente no quarto de Luisa Rey enquanto o sol se põe. Ela olha dentro da caixa d'água da privada; debaixo do cobertor, procurando cortes; os tapetes, buscando pontas soltas; dentro do frigobar; dentro do armário. O original poderia ter sido copiado numa xerox redutora, e nesse caso o volume seria um quarto do original. A recepcionista informante de Li lhe dissera que Sachs e Luisa ficaram conversando até a madrugada. Sachs foi removido naquela manhã, porém não é nenhum idiota, e poderia ter deixado o relatório guardado em algum lugar para ela. Ela desatarraxa o bocal do telefone e encontra o transmissor predileto de Napier, um que se disfarça de resistor. Examina os compartimentos da bolsa de Luisa, mas não acha nenhum material impresso além de um exemplar de *Zen e a arte de manutenção de motocicletas*. Folheia o bloco de repórter que encontra sobre a mesa, mas as anotações taquigráficas de Luisa não lhe dizem muita coisa.

Fay Li começa a achar que está perdendo tempo. *Perdendo tempo? A Mexxon Oil aumentou a oferta para cem mil dólares pelo relatório Sixsmith. E, se eles estão oferecendo a sério esses cem mil dólares, são bem capazes de pagar um milhão. Se o risco é de abortar todo o programa de energia atômica, um milhão é uma merreca. O jeito é continuar procurando.*

O telefone toca quatro vezes: é um aviso de que Luisa Rey está no saguão, esperando o elevador. Li certifica-se de que nada está fora do lugar e sai, descendo as escadas e chegando ao saguão. Dez minutos depois ela liga para Luisa da recepção. "Oi, Luisa, é a Fay. Você chegou há muito tempo?"

"Não, só o tempo de tomar uma chuveirada rápida."

"A tarde foi produtiva, foi?"

"Muito produtiva. Estou com material o bastante pra dois ou três artigos."

"Que ótimo. Escuta, se você não tiver nenhum outro programa, que tal jantar no clube de golfe? Lagosta melhor que a de Swannekke ainda não inventaram."

“Sério?”

“Se você duvida, é só provar.”

35

Escombros de crustáceos formam uma pilha elevada. Luisa e Fay Li molham os dedos em tigelas com água e limão, e a sobrancelha de Li dá ordem ao garçom de retirar os pratos. “Que bagunça que eu fiz.” Luisa larga na mesa o guardanapo. “Eu sou a aluna sem modos da turma, Fay. Você devia abrir uma escola pra moças na Suíça.”

“Não é assim que as pessoas costumam me ver na Seabord Village. Alguém já lhe contou qual é meu apelido? Não? É ‘sr. Li’.”

Luisa não entende bem qual é a reação esperada. “Um pouco de contexto ajuda.”

“Na minha primeira semana no emprego, eu estou na cantina, preparando um café. Chega um engenheiro e me diz que está com um problema mecânico e pergunta se eu posso ajudar. Os amigos dele estão rindo baixinho ao fundo. Eu digo: ‘Acho difícil’. O cara diz: ‘Claro que pode’. Ele quer uma ajuda pra trocar o óleo.”

“Quantos anos tinha esse engenheiro? Treze?”

“Quarenta, casado, dois filhos. A essa altura, os amigos dele já estão caindo na gargalhada. O que é que você faria? Se dá uma resposta agressiva e espirituosa, ele percebe que você se irritou. Dá um tapa nele e é rotulada de histérica. Além disso, os homens desse tipo gostam de levar tapa. Você não faz nada? Quer dizer que qualquer homem no seu trabalho pode sacanear você desse jeito que fica por isso mesmo?”

“Dar uma queixa oficial?”

“E provar que, quando a barra pesa, mulher sempre recorre às autoridades?”

“Então o que foi que você fez?”

“Transferi o sujeito pra nossa unidade no Kansas. Lá em deus-me-livre, em pleno inverno. Tive pena da mulher dele, mas quem mandou casar com o cara? A notícia se espalha, aí eu ganho o apelido de ‘sr. Li’. Uma mulher de verdade não ia fazer uma maldade tão grande com o pobre coitado, não; uma mulher de verdade tomaria aquilo como um elogio.” Fay Li alisa as rugas da toalha da mesa. “Você enfrenta esse tipo de coisa no seu trabalho?”

Luisa pensa em Nussbaum e Jakes. “O tempo todo.”

“Quem sabe nossas filhas vão viver num mundo de liberação — mas nós? Pode esquecer. Temos que nos virar, Luisa. Os homens é que não vão nos ajudar, não.”

A jornalista percebe certa mudança de planos.

Fay Li aproxima-se dela. “Espero que você me considere sua informante aqui na Swannekke Island.”

Luisa reage com cautela. “Os jornalistas precisam de informantes, sim, Fay, de modo que eu vou levar a sério o que você disse. Agora, é bom avisar que a *Spyglass* não tem recursos para oferecer o tipo de remuneração que você talvez…”

“Os homens inventaram o dinheiro. As mulheres inventaram a ajuda mútua.”

É preciso ser esperto, pensa Luisa, *para saber distinguir uma armadilha de uma oportunidade*. “Eu não vejo como… uma reporterzinha como eu pode ‘ajudar’ uma mulher que tem seu status, Fay.”

“Não se subestime. O jornalista simpático é um aliado valioso. Pense com calma nisso. Se algum dia você quiser discutir alguma questão mais importante do que quantas batatas fritas os engenheiros de Swannekke consomem por ano”, a voz dela é agora um sussurro bem menos audível que os ruídos dos talheres, o piano do bar e os risos ao fundo, “por exemplo, os dados sobre o reator Hidra segundo o estudo do dr. Sixsmith, só pra dar um exemplo, eu lhe garanto que você vai constatar que eu sou *muito* mais cooperativa do que você pensa.”

Fay Li estala os dedos e o carrinho das sobremesas se aproxima. “Agora um sorvete de limão ou melão, *pouquíssimas* calorias, para limpar o

paladar, perfeito antes do café. Você confia em mim?”

A transformação é tão completa que Luisa quase chega a duvidar de que ouviu o que acaba de ouvir. “Confio, sim.”

“Que bom que nós duas nos entendemos.”

Luisa pergunta a si própria: *Até que ponto um jornalista pode mentir?* Ela se lembra da resposta dada por seu pai, uma vez, no jardim do hospital. *Se eu alguma vez menti pesquisando uma matéria? Mil mentiras das mais cabeludas, todos os dias, antes do café da manhã, se me ajudasse a chegar um* centímetro *mais perto da verdade*.

36

O toque de um telefone vira do avesso os sonhos de Luisa, e ela aterrissa no quarto enluarado. Agarra a luminária, o despertador e por fim o fone. Por um momento não se lembra de seu próprio nome, nem em que cama está. “Luisa?”, pergunta uma voz que emerge daquele abismo negro.

“Sou eu, Luisa Rey.”

“Luisa, aqui é o Isaac, o Isaac Sachs, é uma ligação interurbana.”

“Isaac! Onde que você está? Que horas são? Por quê…”

“Calma, calma, desculpe acordar você, e desculpe por eu ter sido levado ontem na marra ao raiar do dia. Seguinte, estou em Boston. São sete e meia, horário local, daqui a pouco vai amanhecer aí na Califórnia. Você ainda está aí, Luisa? Será que perdi você?”

Ele está com medo. “Estou sim, Isaac, estou ouvindo.”

“Antes de ir embora de Swannekke, eu dei ao Garcia um presente pra ele dar a você, é só um *dolce per niente*.” Ele tenta falar num tom despreocupado. “Entendeu?”

Que diabo ele está dizendo?

“Você está ouvindo, Luisa? O Garcia tem um presente pra você.”

Um setor mais acordado do cérebro de Luisa entra em ação. *Isaac Sachs deixou o relatório Sixsmith no seu fusca. Você comentou que o capô não trancava. Ele calcula que esse quarto de hotel não seja seguro e que estejam ouvindo nossa conversa*. "Muita bondade sua, Isaac. Espero que não tenha custado muito caro."

"Valeu o que custou. Desculpe tirar você do sono."

"Não se preocupe. Dormir demais não faz bem, não. Boa viagem, e até breve. Que tal um jantar?"

"Ótima ideia. Bom, vou pegar o meu voo."

"Boa viagem." Luisa põe o fone no gancho.

Ir embora mais tarde, na maior tranquilidade? Ou cair fora de Swannekke neste instante?

37

A meio quilômetro dali, no outro lado da vila de cientistas, Joe Napier também está acordado. Sua janela emoldura o céu uma hora antes do nascer do sol. O painel de controle de um equipamento eletrônico de monitoramento ocupa metade do recinto. De um alto-falante vem o som de um telefone cuja ligação terminou. Napier rebobina a fita num gravador de rolo. "'Antes de ir embora de Swannekke, eu dei ao Garcia um presente pra ele dar a você, é só um *dolce per niente*… Entendeu?… Você está ouvindo, Luisa? O Garcia tem um presente pra você.'"

Garcia? Garcia?

Napier olha com cara feia para seu café frio e abre uma pasta com a etiqueta "LR No 2". Colegas, amigos, contatos… não há nenhum Garcia no índice. *Melhor alertar Bill Smoke, para ele não se aproximar de Luisa enquanto eu não tiver tido oportunidade de falar com ela*. Napier acende o isqueiro. *Bill Smoke é um homem difícil de encontrar, e mais difícil ainda*

de alertar. Ele enche os pulmões de fumaça pungente. O telefone toca: é Bill Smoke. “Afinal, quem é esse puto do Garcia?”

“Não sei, não aparece nada nos arquivos. Olha, eu não quero que você…”

“Napier, você tem obrigação de saber, porra.”

Quer dizer que agora você fala comigo assim? “Peraí! Dobra essa…”

“Peraí o cacete.” Bill Smoke desliga.

Mal, mal, muito mal. Joe pega o paletó, apaga o cigarro, sai de seu alojamento e caminha com passos largos até o hotel de Luisa. Uma caminhada de cinco minutos. Lembra o tom de ameaça na voz de Bill Smoke e começa a correr.

38

Um enxame de déjà-vu persegue Luisa enquanto ela enfia suas coisas na sacola de viagem. *Robert Frobisher fugindo de outro hotel sem pagar a conta*. Ela desce a escada e chega ao saguão vazio. O carpete é silencioso como neve. Um rádio sussurra coisas inaudíveis no escritório da recepção. Luisa caminha pé ante pé até a porta principal, com esperança de sair sem que ninguém lhe peça explicações. As portas são trancadas para impedir as pessoas de entrar, não de sair, e instantes depois Luisa está atravessando o gramado em direção ao estacionamento. Uma brisa marinha pré-amanhecer faz promessas vagas. O céu noturno, na direção oposta ao mar, está assumindo um tom de rosa-escuro. Não há ninguém por perto, mas quando se aproxima de seu carro Luisa é obrigada a conter-se para não sair correndo. *Fique calma, não se apresse, e aí você vai poder dizer que está dando uma volta de carro pelo cabo para ver o sol nascer*.

À primeira vista o porta-mala do carro está vazio, mas o tapete cobre um volume. Luisa levanta a ponta e encontra um embrulho feito com um saco de lixo. Dentro há um fichário branco. Ela lê a capa naquela luz fraca: REATOR HIDRA ZERO — MODELO DE AVALIAÇÃO OPERACIONAL — CHEFE DO

PROJETO: DR. RUFUS SIXSMITH — ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTE DOCUMENTO É CRIME FEDERAL NOS TERMOS DA LEI DA ESPIONAGEM MILITAR E INDUSTRIAL DE 1971. Cerca de quinhentas páginas de tabelas, gráficos, fórmulas matemáticas e dados. Uma sensação de entusiasmo pulsa dentro dela e ecoa. *Calma, isto é apenas o fim do começo*.

Um movimento à meia distância atrai a atenção de Luisa. Um homem. Ela se esconde atrás de Garcia. “Ei! Luisa! Espera!” *Joe Napier!* Como se num sonho de chaves e fechaduras e portas, Luisa enfia o fichário, envolto em plástico negro, debaixo do banco do carona — Napier está correndo agora, riscando a semiescuridão com sua lanterna. O motor ruge como um leão preguiçoso — o fusca dá marcha a ré rápido demais. Joe Napier esbarra na traseira do carro, grita, e Luisa o vê de relance, dando saltos como um ator numa comédia pastelão.

Ela não para o carro para se desculpar.

39

O Chevrolet preto fosco de Bill Smoke freia derrapando junto à guarita da ponte de Swannekke. Um colar de contas de pontos de luz risca o continente do outro lado do estreito. O guarda reconhece o carro e vai até a janela do motorista. “Bom dia, senhor!”

“Parece que vai ser um bom dia, mesmo. Você é o Richter, certo?”

“Sim, senhor.”

“Imagino que o Joe Napier tenha acabado de falar com você, mandando não deixar um Volkswagen laranja passar pela cancela.”

“Isso mesmo, sr. Smoke.”

“Estou aqui para dar a contraordem, com base na autoridade pessoal do sr. Grimaldi. Você vai levantar a cancela, deixar o Volkswagen passar e me deixar ir atrás dele. Você vai ligar pro seu colega do outro lado da ponte agora mesmo, pra dizer a ele que não deixe nada passar enquanto não vir o meu carro. Quando o sr. Napier chegar aqui, dentro de uns quinze minutos,

diga a ele que Alberto Grimaldi deu a seguinte ordem: ‘Volte pra cama’. Você entendeu, Richter?”

“Entendi, sim, senhor.”

“Você se casou agora na primavera, se não me falha a memória.”

“O senhor tem uma memória excelente.”

“Tenho, mesmo. Está pensando em ter filhos?”

“Minha mulher está grávida de quatro meses, sr. Smoke.”

“Um conselho, Richter, pra quem quer se dar bem no ramo da segurança. Você está interessado em ouvi-lo, meu filho?”

“Sim, senhor.”

“Qualquer cachorro, por mais burro que seja, sabe ficar parado olhando. Agora, tem que ser esperto pra saber quando *não* olhar. Isso está fazendo sentido, Richter?”

“Perfeitamente, sr. Smoke.”

“Então o futuro da sua família está garantido, meu filho.”

Smoke dá ré no carro, para ao lado da guarita, e afunda no banco. Sessenta segundos depois, um Volkswagen contorna o promontório. Luisa para, abaixa o vidro, Richter aparece e Smoke ouve as palavras “emergência na família”. Richter deseja a ela uma boa viagem e a cancela se levanta.

Bill Smoke engata a primeira, a segunda. A textura sonora do piso da estrada muda quando o Chevrolet entra na ponte. Terceira, quarta, pé na tábua. As luzes traseiras do fusca se aproximam de repente, cinquenta metros, trinta metros, dez… Smoke não acendeu os faróis. Ele passa para a contramão, engata a quinta e emparelha seu carro com o outro. Smoke sorri. *Ela pensa que eu sou o Joe Napier*. Ele faz um movimento súbito no volante, e em meio a um guincho metálico o fusca é espremido entre o carro dele e a defensa da ponte, até que o metal é arrancado do concreto e o fusca é lançado no espaço.

Smoke pisa no freio. Sai do carro, sente o frescor da manhã e o cheiro de borracha quente. Lá atrás, uns vinte metros abaixo da ponte, o para-choque da frente de um fusca desaparece sobre as pequenas ondas ovais do mar

vazio. *Se a espinha não partiu, ela morre afogada em três minutos*. Bill Smoke examina a lataria danificada de seu carro e experimenta um sentimento de decepção. *Um assassinato anônimo, sem ver o rosto da pessoa*, pensa ele, *não dá aquela emoção do contato humano*.

O sol americano, a todo volume, proclama um novo dia.

O pavoroso calvário de Timothy Cavendish

Num luminoso entardecer, quatro, cinco, não, meu Deus, *seis* verões atrás, caminhava eu por uma avenida em Greenwich à sombra de nogueiras e filadelfos maduros, em estado de graça. Essas casas do período da Regência estão entre as propriedades mais caras de Londres, mas se por acaso um dia, caro leitor, você herdar uma delas, aconselho-o a vendê-la, e não morar nela. As casas desse tipo secretam algum feitiço negro que transforma seus proprietários em doidos varridos. Uma dessas vítimas, ex-chefe de polícia na Rodésia, havia me dado, na tarde em questão, um cheque tão gordo quanto ele próprio para que eu revisasse e publicasse sua autobiografia. Meu estado de graça devia-se em parte a esse cheque e em parte a um chablis 1983 das vinhas de Duruzoi, uma poção mágica que dissolve as mais variadas tragédias, reduzindo-as a meros mal-entendidos.

Um trio de moçoilas, com trajes de Barbie prostituta, aproximou-se, movendo um arrastão de um lado ao outro da calçada. Fui para a pista a fim de evitar uma colisão. Mas, quando passei por elas, as jovens arrancaram os invólucros de seus lívidos picolés e simplesmente os jogaram no chão. Minha sensação de bem-estar foi inteiramente detonada. Pois estávamos justamente passando por uma lata de lixo! Tim Cavendish, cidadão indignado, exclamou para as meliantes: “Vocês deviam catar esses papéis”.

Às minhas costas, ouvi um grunhido áspero: “É mesmo? E o que é que você vai fazer, hein, hein?”.

Bando de trogloditas, pombas. “Não tenho nenhuma intenção de fazer nada”, comentei, olhando para trás. “Eu só disse que vocês…”

Meus joelhos cederam e a calçada rachou minha bochecha, despertando a lembrança remota de um acidente de triciclo antes que a dor apagasse qualquer outra coisa que não fosse dor. Um joelho fino esmagou meu rosto, transformando-o em mingau. Senti gosto de sangue. Meu pulso de sessentão foi puxado para trás em noventa graus de agonia, e dele foi desafivelado meu Ingersoll Solar. Lembro-me de um coquetel de obscenidades antigas e modernas, mas antes que minhas agressoras pudessem roubar minha carteira, os acordes de uma van de sorvetes que passou tocando “Garota de Ipanema” dispersaram as criminosas, como vampiras ao raiar do dia.

“E você não fez denúncia à polícia? Seu pateta!” Mme. X espargia açúcar sintético em seu farelo de trigo, no café da manhã do dia seguinte. “Chame a polícia, pelo amor de Deus. Você está esperando o quê? As pistas vão sumir.” Ai de mim! Eu já havia amplificado a verdade, dizendo a ela que meus agressores eram cinco brutamontes com a suástica raspada no crânio. Como poderia dizer à polícia que três meninas pré-púberes munidas de picolés haviam conseguido me sobrepujar com tanta facilidade? Os policiais iam engasgar com seus biscoitos Penguin. Não, a agressão de que fui vítima não foi acrescentada às estatísticas referentes a crimes, tão previsíveis, de nosso país. Se meu Ingersoll roubado não tivesse sido um presente de amor, recebido numa era mais ensolarada de nosso casamento, agora gélido, eu não teria contado nada a ninguém.

Onde mesmo estava eu?

Estranho como as histórias narradas aparecem na cabeça da gente na idade que estou.

Não, não é estranho, é assustador. Era minha intenção dar início a esta narrativa com Dermott Hoggins. Isso é o que dá, querer escrever memórias à caneta. Não se pode mudar o que já foi escrito sem fazer um melê ainda maior.

Ora, eu era o *editor* do Dermot “Duster” Hoggins, e não o analista, nem o astrólogo dele, portanto como poderia saber o que o destino guardava para Sir Felix Finch naquela noite infame, pombas? Sir Felix Finch, ministro da Cultura e caudilho da *Trafalgar Review of Books*, que brilhava nos céus da mídia como um cometa, e que permanece visível a olho nu até agora, doze meses depois. Os tabloideiros leram tudo nas matérias da primeira página; os radieiros derramaram a granola fora da tigela quando a Rádio 4 noticiou sua queda e explicou como ele caiu. Aquele aviário de abutres e chapins, “os colunistas”, cantaram elegias para o Rei das Artes caído, em mil homenagens ruidosas.

Eu, por minha vez, até agora me mantive num silêncio digno. Devo avisar o leitor apressado, entretanto, de que o licor pós-prandial de Felix Finch é apenas o aperitivo de minhas próprias tribulações peripatéticas. O Pavoroso Calvário de Timothy Cavendish, que tal? Eis um título chamativo.

Era uma vez a noite dos Prêmios Lemon, tendo como cenário o Starlight Bar de Jake, que fora reaberto com muita pompa num edifício em Bayswater, com jardim na cobertura e tudo. Toda a cadeia alimentar do mundo editorial havia batido asas e pousado ali. Os escritores sofridos, os chefs-celebridades, os terno-e-gravata, os compradores de cavanhaque, os livreiros desnutridos, alcateias de escrevinhadores de terceira e fotógrafos que, quando se lhes diz “Cai fora!”, acham que o sentido da expressão é “Seria um grande prazer!”. Permita-me dar um ponto final ao insidioso boato segundo o qual o convite de Dermot fora arquitetado por *mim*, isso mesmo, *claro* que o Timothy Cavendish sabia que o autor dele estava sequioso por uma vingança de grosso calibre, *Q.E.D.*, toda a tragédia não passou de um golpe de publicidade. Baboseiras inventadas por rivais invejosos! Ninguém jamais assumiu ter enviado um convite a Dermot Hoggins, e a verdadeira culpada dificilmente haverá de se entregar agora.

Pois então, foi anunciado o vencedor e todos nós sabemos quem ganhou o prêmio de cinquenta mil. Eu tomei um porre. Guy-Guy me apresentou um coquetel denominado “Centro de controle chamando major Tom”. A seta do

tempo virou bumerangue do tempo, e perdi a conta dos majores que tomei. Um sexteto de jazz começou a tocar uma rumba. Fui até o terraço para tomar um pouco de ar fresco e fiquei a contemplar a muvuca de fora. O mundo literário londrino, quando em gala, me faz pensar no texto de Gibbon sobre a era dos antoninos. *Uma nuvem de críticos, de compiladores, de comentadores obscureceu a face da erudição, e o declínio do gênero foi logo seguido pela corrupção do gosto*.

Dermot encontrou-me; as más notícias sempre chegam até nós. Quero reiterar que se tivesse esbarrado no papa Pio XIII eu não teria me surpreendido mais do que me surpreendi. Aliás, a presença de Sua Infalibilidade teria sido mais discreta do que a dele — meu autor queixoso trajava um paletó amarelo-banana, uma camisa marrom-chocolate e uma gravata roxo-suco de uva. Desnecessário lembrar o leitor curioso de que *Soco inglês à francesa* ainda não havia tomado o mundo de assalto. O livro ainda não fora enviado a nenhuma livraria, aliás, com exceção da loja de John Sandoe, em Chelsea, e daqueles desafortunados donos de bancas de jornais, outrora judeus, depois siques, agora eritreus, localizadas na vizinhança dos irmãos Hoggins, no East End. De fato, era justamente a respeito de questões de publicidade e distribuição que Dermot desejava conversar no jardim da cobertura.

Expliquei-lhe pela centésima vez que uma empresa como a Cavendish, que na verdade representa uma parceria entre escritor e editor, simplesmente não pode se dar ao luxo de desperdiçar dinheiro em catálogos sofisticados e fins de semana em balneários para fortalecer o espírito de equipe dos vendedores. Expliquei, mais uma vez, que os meus autores sentiam-se realizados ao dar de presente seus livros, em edições bem encadernadas, para seus amigos, para seus parentes, para a posteridade. Expliquei, mais uma vez, que o mercado de livros de gângsteres estava saturado; e que até mesmo *Moby Dick*, quando Melville morreu, permanecia encalhado, embora não tenha empregado esse exato adjetivo. “É um livro de memórias realmente fabuloso”, afirmei. “Você tem que dar tempo ao tempo.”

Dermot, chumbado, sorumbático, surdo, olhava por entre as grades. “Essas chaminés todas. Aqui é *muito* alto.”

A ameaça, esperava eu, era imaginária. “É mesmo.”

“Minha mãe me levou pra ver *Mary Poppins* quando eu era pirralho. Limpadores de chaminé dançando nos telhados. Depois ela viu o filme também em vídeo. Viu não sei quantas vezes. Na clínica geriátrica.”

“Lembro quando estreou. Essas coisas mostram a idade da gente.”

“Ali.” Dermot fez cara feia e apontou para o bar do outro lado das portas de vidro. “Quem é aquele ali?”

“Aquele quem?”

“O da gravata-borboleta, falando com a moça da tiara que está usando um saco de lixo.”

“É o apresentador, o Felix… Felix… como é mesmo que ele chama?”

“O filho da p*** do Felix Finch! O v**** que *cagou* no meu livro naquela revista de v**** dele?”

“É, não foi a sua melhor resenha, mas…”

“Foi minha única resenha, p*** que o p****!”

“Eu não fiz uma leitura tão negativa…”

“É mesmo? *‘Escritores que não conseguem dar uma única dentro como o sr. Hoggins são os casos perdidos das letras modernas*.’ Já reparou como eles sempre põem ‘sr.’ antes da punhalada final? *‘O sr. Hoggins devia pedir desculpas às árvores que foram derrubadas para produzir esse seu “autobiorromance”. Quatrocentas páginas de vanglória vão morrer num final inacreditavelmente chocho e vazio.’”*

“Calma, Dermot, ninguém lê a *Trafalgar*.”

“Com licença!” Meu escritor agarrou um garçom. “Já ouviu falar na *Trafalgar Review of Books*?”

“Claro”, respondeu o garçom, que vinha do Leste Europeu. “Toda a minha faculdade jura pelo *TRB*. Eles têm os melhores resenhistas.”

Dermot jogou seu copo por cima da grade.

“Ora, mas, afinal, o que é um resenhista?”, intervim. “Um sujeito que lê com pressa, com arrogância, mas nunca com inteligência…”

O sexteto de jazz terminou sua apresentação e Dermot largou minha frase no meio. Eu já estava bêbado o bastante para justificar um táxi e estava prestes a ir embora quando um sujeito com voz de pregador e sotaque de *cockney* silenciou toda a reunião: “Senhoras e senhores do júri! Peço sua atenção, por favor!”.

Céus! Dermot estava batendo uma bandeja na outra. “Temos mais um prêmio esta noite, caros camaradas de literatura e v***agem!”, ele gritou. Ignorando risadas espalhafatosas e exclamações de “Oooooh!”, tirou do bolso do paletó um envelope, rasgou-o para abri-lo e fingiu que lia: “Prêmio para o mais eminente crítico literário”. As pessoas olhavam, gritavam, vaiavam ou desviavam o olhar, constrangidas. “A competição foi dura, mas o júri escolheu por unanimidade sua imperial majestade da *Trafalgar Review of Books*, o senhor… perdão, Sir — Felix Finch, Ordem do Império Britânico, vamos — vamos logo!”

Houve gritos de estímulo. “Bravo, Felix! Bravo!” Finch não teria se tornado crítico se não adorasse ser o centro das atenções sem merecê-lo. Sem dúvida, mentalmente já estava redigindo sua coluna do *Sunday Times*, “Finch cantando de galo”. Dermot, por sua vez, desmanchava-se em sinceridade e sorrisos. “Qual será o meu prêmio?”, indagou Finch, quando os aplausos foram morrendo. “Um exemplar autografado, ainda não reciclado, de *Soco inglês à francesa*? Não devem restar muitos!” A *coterie* de Finch entoou um coral de gargalhadas, incentivando o *kommissar* deles. “Ou será um voo de graça para um país sul-americano onde os tratados de extradição não são muito sérios?”

“Exatamente, meu querido”, disse Dermot, piscando. “Você ganhou isso mesmo: um voo de graça.”

Meu escritor agarrou as lapelas de Finch, jogou-se para trás, enfiou o pé na cintura de Finch e, com um golpe de judô, lançou para os céus aquela personalidade da mídia, um homem cuja estrutura era bem menor do que as pessoas pensavam! Ele subiu muito acima dos canteiros de amores-perfeitos colocados ao longo da grade do terraço.

O grito de Finch — juntamente com sua vida — terminou em meio a metal amassado, doze andares abaixo.

Alguém virou um copo inteiro no tapete.

Dermot “Duster” Hoggins alisou as lapelas, debruçou-se sobre a grade do terraço e gritou: “QUEM FOI MESMO QUE MORREU NUM FINAL INACREDITAVELMENTE CHOCHO E VAZIO, HEIN?”.

A multidão atônita abriu alas para o assassino, que foi até a mesa dos acepipes. Algumas testemunhas mais tarde disseram ter visto uma auréola escura em torno dele. Dermot escolheu um biscoito belga enfeitado com anchovas e salsa, salpicado de óleo de gergelim.

De repente a multidão recuperou os sentidos. Ruídos de pessoas prestes a vomitar, exclamações de ah-meu-deus e um estouro de boiada em direção à escada. Uma confusão dos diabos! Minha reação? Com toda franqueza? Horror. Certamente. Susto? É claro. Incredulidade? Sem dúvida. Medo? Até que não.

Não vou negar que comecei a sentir que aquela tragédia tinha lá seu lado bom. Minhas salas no Haymarket continham noventa e cinco pacotes contendo exemplares não vendidos de Soco inglês à francesa, o livro de memórias passional escrito por aquele que em breve seria o mais famoso assassino da Grã-Bretanha. Frank Sprat — meu fiel gráfico de Sevenoaks, a quem eu devia tanto dinheiro que o pobre coitado estava nas minhas mãos — ainda tinha os fotolitos, e estava pronto para rodar mais exemplares a qualquer momento.

Edição em capa dura, senhoras e senhores.

Catorze libras e noventa e nove pence por exemplar.

Delícia das delícias!

Como editor experiente, não gosto de flashbacks, antevisões e outros truques, coisas dos anos 1980, tal como mestrado em pós-modernismo e teoria do caos. Porém não me penitencio por (re)começar minha narrativa com a minha versão do fato escandaloso. Pois foi essa a primeira das

minhas boas intenções graças às quais fui parar, se não no inferno, em Hull, ou melhor, na região em torno de Hull, onde meu pavoroso calvário estava fadado a transcorrer. As glórias que eu antegozara depois do Salto Mortal de Felix Finch de fato se concretizaram. Nas asas daquela deliciosa publicidade gratuita, o voo de galinha do meu *Soco inglês à francesa* subiu nos céus das listas de best-sellers, e lá permaneceu até que o pobre Dermot foi condenado a quinze anos na prisão de Wormwood Scrubs. O julgamento deu no noticiário das nove do começo ao fim. Uma vez morto, Sir Felix, antes um sujeito metido e pretensioso que controlava com métodos stalinistas o dinheiro do Conselho das Artes, transformou-se em… ah, o guru das artes mais adorado da Inglaterra, desde seu antecessor.

Na escadaria do tribunal de Old Bailey, sua viúva declarou aos repórteres que quinze anos era uma pena "ridiculamente suave" e no dia seguinte foi lançada a campanha "Duster Hoggins, vá pro inferno!". A família de Dermot contra-atacou nos programas de entrevistas, a resenha ofensiva de Finch foi analisada, a BBC2 produziu um documentário especial em que a lésbica que me entrevistou deixou minhas tiradas espirituosas, graças aos cortes que fez, totalmente descontextualizadas. E daí, pombas? A panela de dinheiro continuava fervendo — não, ela transbordava e iluminava toda a cozinha. A Editora Cavendish — ou seja, eu e a sra. Latham — nem sabíamos o que fazer. Tivemos que contratar duas sobrinhas dela (apenas por meio expediente, é claro — eu não queria que a previdência social depois desabasse em cima de mim). Os pacotes de *Soco inglês à francesa* que ainda restavam desapareceram em trinta e seis horas, e Frank Sprat passou a fazer praticamente uma reimpressão por mês. Nada, nos meus quarenta anos de trabalho no mundo editorial, nos havia preparado para tamanho sucesso. Até então, os custos operacionais da editora sempre eram cobertos por doações feitas pelos autores — nunca pelas vendas! Aquilo até parecia antiético. Mas o fato é que eu tinha nas mãos um best-seller desses que só surgem uma vez a cada dez anos. As pessoas me perguntam: "Tim, como é que você explica esse sucesso incrível?".

Soco inglês, na verdade, era um livro de memórias fictícias bem escrito e visceral. Os comentaristas culturais analisavam seus subtextos sociopolíticos, primeiro nos talk shows da madrugada, depois na hora do café da manhã. Os neonazistas compravam o livro por conta das suas generosas porções de violência. As donas de casa de Worcestershire compravam porque era uma leitura fantástica. Os homossexuais compravam por uma questão de lealdade tribal. Ele vendeu noventa mil — isso mesmo, *noventa mil* — exemplares em quatro meses, e estou falando da edição de capa dura. O filme deve estar sendo produzido enquanto escrevo estas linhas. Na Feira de Frankfurt foi festejado por pessoas que até então não haviam parado nem mesmo para cuspir em mim. Se antes me desprezavam como editor de livros custeados pelos autores, agora elogiavam-me como um empresário disposto a correr riscos. Choviam pedidos de direitos para tradução. As editoras americanas — glória, glória e aleluia — simplesmente *adoraram* aquele enredo do tipo "aristocrata inglês toma o troco de irlandês oprimido", e um leilão transatlântico levou o valor do adiantamento para o espaço sideral. Eu — sim, eu mesmo — tinha os direitos exclusivos dessa galinha de ovos de ouro com esfíncter solto! O dinheiro entrava nas minhas contas bancárias cavernosamente vazias como o Mar do Norte invadindo um dique holandês. Meu "gerente de conta pessoal", um boa-vida chamado Elliot McCluskie, enviou-me um cartão de Natal com a foto da sua prole mutante. Os primatas à porta do Groucho Club me saudavam com "Boa noite, sr. Cavendish", e não com "Só pode entrar acompanhado de um sócio!". Quando anunciei que eu mesmo me encarregaria do lançamento da edição em brochura, os suplementos dominicais de cultura publicaram matérias que apresentavam a Editora Cavendish como um dinâmico Davi cercado por imensos e decrépitos Golias. Saí até no *Financial Times*.

Dadas as circunstâncias, não admira que eu e a sra. Latham nos excedêssemos — mas só um pouquinho — na contabilidade, não é mesmo?

O sucesso sobe à cabeça dos neófitos num piscar de olhos. Mandei fazer cartões de visita: Cavendish-Redux, Editores de Ficção de Vanguarda. Bem, pensei eu, por que não vender livros custeados por leitores compradores e não por autores pagantes? Por que não me tornar um editor sério, já que era como tal que o mundo me consagrara?

Ai de mim! Aqueles cartões de visita fofos foram como uma bandeira vermelha brandida diante do Touro do Destino. Assim que ouviram dizer que Tim Cavendish tinha bala na agulha, meus credores de dentes de sabre invadiram-me o escritório. Como sempre, deixei os cálculos metafísicos referentes ao que pagar a quem e quando por conta da minha preciosa sra. Latham. Assim, eu estava mental e financeiramente despreparado quando meus visitantes noturnos chegaram, quase um ano depois da Noite de Felix Finch. Confesso que desde o dia em que Mme. X me deixou (meu corno era um dentista, meu compromisso é com a verdade, doa a quem doer), a Anarquia Doméstica reinava no meu domicílio em Putney (está bem, o calhorda era um alemão), de modo que meu trono de porcelana há muito tempo era minha poltrona de trabalho *de facto*. Uma garrafa de conhaque decente é ocultada pelo cortinado do papel higiênico, e deixo a porta aberta para ouvir o rádio da cozinha.

Na noite em questão, tinha eu deixado de lado minha eterna leitura de banheiro, *Declínio e queda do império romano*, por conta da montanha de originais (tomates verdes indeglutíveis) que eram submetidos à Cavendish-Redux, meu novo estábulo de campeões. Creio que foi em torno das onze que ouvi o ruído de alguém tentando abrir minha porta da frente. Seriam gremlins skinheads em busca de aventuras?

Travessuras de crianças? O vento?

E eis que a porta é arrancada dos gonzos de súbito! Pombas! Pensei na Al-Qaeda, num raio caído dos céus, mas não. Entrou pelo corredor o que me pareceu ser todo um time de rúgbi, embora na verdade os intrusos não passassem de três. (Como o leitor há de ter reparado, meus agressores são sempre três.) “Timothy”, anunciou o mais gárgula deles, “Cavendish, presumo. Em flagrante, com as calças baixadas.”

Meu horário de expediente é de onze às duas, senhores, teria dito Bogart, acrescentando: *Com um intervalo de três horas para o almoço. Tenham a bondade de se retirar*. Quanto a mim, tudo o que consegui dizer foi: “Ah, minha porta! Minha bendita porta!”.

O meliante número dois acendeu um cigarro. “Nós visitamos o Dermot hoje. Ele está meio frustrado. E não é pra menos, não é?”

As peças do quebra-cabeça encaixaram-se. E eu desmontei. “Os irmãos do Dermot!” (Eu sabia tudo sobre eles, graças a *Soco inglês à francesa*. Eddie, Mozza, Jarvis.)

Uma brasa viva queimou minha coxa, e eu já não sabia mais qual dos rostos estava dizendo o quê. Era um tríptico de Francis Bacon ao vivo e em cores. “*Soco inglês à francesa* está vendendo bem, pelo visto.”

“Pilhas de exemplares nas livrarias dos aeroportos.”

“Você devia no mínimo *desconfiar* que nós vínhamos visitar você.”

“Um homem com seu tino comercial.”

Mesmo nas melhores circunstâncias, esses irlandeses de Londres me deixam nervoso. “Meus amigos, meus amigos. O Dermot assinou um contrato de cessão de direitos autorais. Vejam aqui, é um contrato-padrão, eu tenho uma cópia na minha pasta aqui…” De fato, eu tinha à mão o documento. “Cláusula dezoito, referente a direitos autorais… quer dizer, *Soco inglês*, legalmente, é… hãã…” Não era fácil dizer isso com as cuecas caídas sobre os pés. “Hã, legalmente é propriedade da Editora Cavendish.”

Jarvis Hoggins correu os olhos pelo contrato por um momento, porém rasgou-o quando o tempo de leitura excedeu o limite de sua capacidade de concentração. “O Dermot assinou esse contrato de m**** quando o livro dele era só um hobby.”

“Um presente pra nossa mãe velha e doente, que Deus a tenha.”

“Memórias dos tempos do nosso pai.”

“O Dermot não assinou uma m**** de um contrato pro grande acontecimento editorial do ano.”

“Nós visitamos o sr. Sprat, da sua gráfica. Ele fez os cálculos pra nós.”

Chuva de confetes de contrato. Mozza estava tão perto de mim que dava para eu saber o que tinha jantado. “Parece que você acumulou muita grana dos irmãos Hoggins.”

“Tenho certeza de que nós vamos entrar em acordo a respeito de… hã… um fluxograma de pagamentos, que…”

Eddie interrompeu: “Então, três”.

Fiz uma careta de espanto fingido. “Três mil libras? Meus amigos, creio que…”

“Ora, deixe de brincadeira.” Mozza beliscou minha bochecha. “Três da tarde. Amanhã. No seu escritório.”

Eu não tinha opção. “Quem sabe a gente… hã… possa acertar uma quantia provisória pra encerrar esta reunião, como base pra… uma negociação posterior.”

“Certo. Qual foi mesmo a quantia *provisória* que a gente tinha pensado, hein, Mozza?”

“Cinquenta mil é razoável.”

Meu grito de dor não foi fingido. “Cinquenta mil *libras*?”

“Pra começo de conversa.”

Meu intestino espocava, rodopiava, roncava. “Vocês acham mesmo que eu guardo esse dinheiro todo enfiado em caixas de sapatos?” Tentei falar com voz de Dirty Harry, mas o que saiu era mais Bambi do que qualquer outra coisa.

“É bom que você tenha algum por aí, vovô.”

“Dinheiro vivo.”

“Nada de enrolação. Nada de cheque.”

“Nem promessas. Nem adiamentos.”

“Dinheiro *mesmo*. Pode ser numa caixa de sapato.”

“Meus senhores, estou disposto a fazer o pagamento após uma negociação, mas a lei…”

Jarvis soltou um assobio. “Será que a lei ajuda um homem da sua idade a se recuperar de fraturas múltiplas na coluna, Timothy?”

Eddie: “Um homem da sua idade não quica. Se esborracha”.

Lutei com todas as minhas forças, mas meu esfíncter já não me pertencia, e fez um disparo. Eu teria suportado gargalhadas ou condescendência, mas a piedade de meus torturadores assinalava minha derrota abjeta. A descarga foi puxada.

"Três da tarde." A Cavendish-Redux foi por água abaixo. Lá se foram os meliantes, pisando na minha porta derrubada. Eddie virou-se para um comentário final. "Tem um parágrafo bacana no livro do Dermot sobre gente que não paga o que deve."

Ao leitor curioso, indico a página duzentos e quarenta e quatro de *Soco inglês à francesa*, que pode ser adquirido nas boas casas do ramo. Não leia de estômago cheio.

* * *

Lá fora, no Haymarket, onde fica o meu escritório, os táxis ora se arrastavam, ora davam arrancos. Dentro de meu santuário, os brincos de Nefertiti da sra. Latham (presente que eu lhe dera quando ela completou dez anos de trabalho na Cavendish, comprado numa promoção na loja de suvenires do Museu Britânico) tilintavam enquanto ela sacudia a cabeça, dizendo não, não, não. "Estou falando, sr. Cavendish, que não vou conseguir lhe arranjar cinquenta mil libras até as três da tarde de hoje. Não posso arranjar nem mesmo cinco mil libras. Todo o dinheiro que ganhamos com *Soco inglês*, até o último centavo, já foi embora por conta de dívidas antigas."

"Não tem ninguém devendo dinheiro para *a gente*?"

"Eu sempre mantenho a contabilidade em dia, sr. Cavendish, não é verdade?"

O desespero me fez implorar. "Vivemos numa era de crédito fácil!"

"Vivemos numa era de crédito *limitado*, sr. Cavendish."

Recolhi-me à minha sala, preparei uma dose de uísque e tomei meus comprimidos para o coração, para depois traçar com os dedos, no meu globo antigo, a trajetória da última viagem do capitão Cook. A sra. Latham

me trouxe a correspondência e saiu sem dizer palavra. Contas, anúncios, chantagens morais de instituições de caridade e um pacote endereçado a “O editor visionário de *Soco inglês à francesa*”, o qual continha os originais de um livro chamado *Meias-vidas* — péssimo nome para uma obra de ficção — com o subtítulo *O primeiro romance policial da série Luisa Rey*. Mais do que péssimo. A autora, cujo nome inverossímil era Hilary V. Hush, começava sua carta de encaminhamento assim: “Quando eu tinha nove anos de idade, minha mãe me levou a Lourdes, para pedir à Virgem que me curasse do hábito de fazer xixi na cama. Imagine minha surpresa quando naquela noite, numa visão, apareceu-me não santa Bernadete, e sim Alain-Fournier”.

Doida de carteirinha. Joguei fora a carta, na minha caixa de “Assuntos urgentes”, e liguei meu supercomputador novo em folha para jogar uma partida de Minesweeper. Tendo sido detonado duas vezes, telefonei para a Sotheby’s com o objetivo de oferecer em leilão a escrivaninha autêntica e original de Charles Dickens, a um preço mínimo de sessenta mil. O avaliador, um homem muito simpático chamado Kirpal Singh, observou que infelizmente a mesa do romancista já estava no Museu Dickens, e que esperava que eu não tivesse levado um prejuízo muito grande. Confesso que já não me lembro muito bem das minhas pequenas invencionices. Em seguida, liguei para Elliot McCluskie e perguntei como estavam passando seus adoráveis filhotes. “Bem, obrigado.” Ele me perguntou como iam meus adoráveis negócios. Pedi-lhe um empréstimo de oitenta mil libras. De saída, ele respondeu, pensativo: “No momento…”. Baixei para sessenta. Elliot observou que meu fluxo de crédito, indexado a meu desempenho, ainda precisaria de doze meses para que pudéssemos estar viabilizando uma renegociação nesses termos. Ah, que saudade dos tempos em que numa situação dessas o sujeito soltava uma gargalhada de hiena, mandava a gente para o inferno e batia o telefone. Tracei o percurso de Fernão de Magalhães em meu globo e tive saudades do tempo em que para recomeçar a vida era só pegar o próximo navio que partisse de Deptford. Com meu orgulho já em frangalhos, liguei para Mme. X. Ela estava tomando seu porre matinal.

Expliquei-lhe a gravidade da minha situação. Ela riu como uma hiena, mandou-me para o inferno e bateu o telefone. Fiz meu globo rodar. Fiz meu globo rodar.

Quando saí de minha sala, a sra. Latham encarou-me como um gavião encara um coelhinho. “Não, agiota não, sr. Cavendish. Não vale a pena.”

“Nada disso, sra. Latham. Só vou visitar o único homem deste mundo que acredita em mim, faça sol ou chuva.” No elevador, disse eu a meu reflexo no espelho: “O sangue fala mais alto”. E prontamente espetei a palma da mão numa das varetas de meu guarda-chuva retrátil.

“Ah, pelos testículos de Satanás, *você*, não. Olha, cai fora daqui e deixa a gente em paz.” Meu irmão fuzilava-me com os olhos enquanto eu atravessava o pátio de sua casa. Até onde sei, Denholme jamais nadou na sua piscina, mas mesmo assim ele põe cloro na água e faz tudo o que tem que fazer toda semana, ainda que debaixo de chuva. Ele estava recolhendo folhas com uma rede grande na ponta de uma vara comprida. “Não vou te emprestar nem um tostão furado enquanto não pagar o último empréstimo. Por que é que eu tenho que viver dando dinheiro a *você*? Não. Melhor não responder.” Denholme encheu a mão com as folhas encharcadas que retirou da rede. “Volta pro seu táxi e sai da minha frente. Só vou te pedir com delicadeza *uma* vez.”

“Como vai a Georgette?” Tirei os pulgões que infestavam as pétalas murchas das rosas.

“A Georgette está enlouquecendo aos poucos, coisa que não interessa a você a não ser quando você está precisando de dinheiro.”

Vi uma minhoca voltar para dentro da terra e invejei-a. “Denny, estou com um probleminha com um pessoal da pesada. Se eu não conseguir arranjar sessenta mil libras, eles vão me dar uma surra terrível.”

“Pede a um deles pra filmar e depois me mandar o vídeo.”

“Eu não estou brincando, não, Denholme.”

“Eu também não! Quer dizer que além de mau-caráter você é incompetente, é? E eu com isso? O que é que tenho a ver com essa história?”

“Você é meu irmão! Não tem consciência?”

“Fui membro do conselho de administração de um banco de investimento por trinta anos.”

Um sicômoro amputado soltava suas folhas outrora verdes como um homem desesperado a descartar decisões outrora firmes. “Me ajuda, Denny. Por favor. Trinta mil já ajudava.”

Eu havia insistido demais. “Ora, que inferno, Tim, o meu banco *quebrou*! Aqueles sanguessugas do Lloyds deixaram a gente com uma mão na frente e outra atrás! Foi-se o tempo em que eu tinha essa grana toda — já era, já era! A nossa casa foi hipotecada, duas vezes! Eu sou um poderoso caído e você é um zé-ninguém caído. E você não tem esse diabo desse livro vendendo horrores em tudo que é livraria pelo mundo afora?”

Meu rosto deu a resposta para a qual eu não tinha palavras.

“Ah, meu Deus, seu idiota. Quando é que você tem que fazer o pagamento?”

Consultei meu relógio. “Às três da tarde de hoje.”

“Sem chance.” Denholme largou a rede. “Pede falência. O Reynard prepara a papelada pra você, ele é um bom sujeito. É duro, eu sei melhor do que ninguém, mas com isso seus credores te deixam em paz. A lei deixa claro…”

“Que lei? O único contato que *meus* credores já tiveram com a lei foi quando eles ficaram agachados em cima de um balde numa cela superlotada.”

“Então some do mapa.”

“Não tem como sumir dessa gente.”

“Tem, sim, se você sair de Londres. Vá pra casa de algum amigo.”

Amigo? Mentalmente risquei os credores, os falecidos, os que haviam tomado chá de sumiço, e sobrou apenas…

Denholme fez sua oferta final. “Dinheiro não posso emprestar. Não tenho nenhum. Agora, um pessoal que me deve uns favores tem um lugar confortável onde você podia ficar por uns tempos.”

Templo do Rei dos Ratos. Arca do Deus da Fuligem. Esfíncter de Hades. Isso mesmo, a King’s Cross Station, onde, segundo *Soco inglês à francesa*, um boquete custa apenas cinco libras — em qualquer um dos três cubículos à esquerda do banheiro dos homens no subsolo, vinte e quatro horas por dia. Telefonei para a sra. Latham avisando que estava indo para Praga, onde me reuniria por três semanas com Václav Havel, uma mentira cujas consequências permaneceram comigo, como herpes. A sra. Latham desejou-me boa viagem. Ela saberia enfrentar os Hoggins. Era capaz de enfrentar as dez pragas do Egito. Eu não a mereço, disso sei muito bem. Às vezes me pergunto por que continua na Cavendish Publishing. Não é pelo que lhe pago.

Fiquei encarando a variedade de tipos de bilhetes oferecidos pela máquina: ida e volta com desconto com Railcard fora do horário de pico, só ida dia inteiro com desconto sem Railcard no horário de pico, e por aí vai, mas qual, qual seria o indicado para mim? Um dedo ameaçador cutucou meu ombro, e dei um salto de um quilômetro — era só uma velhinha me dizendo que os de ida e volta eram mais baratos que os só de ida. Concluí que ela era lelé, porém, macacos me mordam, não é que a velhinha tinha razão? Enviei uma só cédula com a cabeça de nossa rainha virada para cima, depois para baixo, depois virada para a frente, depois para trás, mas todas as vezes a máquina cuspiu-a fora.

Assim, entrei na fila da bilheteria operada por seres desumanos. Havia trinta e uma pessoas à minha frente — isso mesmo, contei-as uma por uma. Os bilheteiros apareciam e sumiam dos balcões seguindo seus próprios caprichos. Numa tela, um anúncio repetido tentava me convencer a investir numa cadeira-elevador. Finalmente, *finalmente*, a minha vez. “Oi, preciso de uma passagem para Hull.”

A bilheteira brincava com seus volumosos anéis étnicos. “Para quando?”

“O mais cedo possível.”

“Tipo, assim, hoje?”

“‘Hoje’ normalmente quer dizer ‘o mais cedo possível’, sim.”

“Não posso vender pra hoje, não. Pra hoje, só naqueles guichês de lá. Esse aqui é só pra venda antecipada.”

“Mas aquela luz vermelha piscando diz que é pra eu vir aqui.”

“Não pode ser, não. Por favor. O senhor está segurando a fila.”

“Ora pombas! Aquela placa me mandou pra este guichê! Eu estou há vinte minutos na fila!”

Ela pareceu interessada pela primeira vez. “Quer que eu mude a regra só pro senhor?”

A raiva faiscou em Timothy Cavendish como garfos dentro de um micro-ondas. “Quero que você aja como um ser inteligente e me venda uma passagem para Hull!”

“Eu não deixo ninguém falar comigo nesse tom, não.”

“O freguês aqui sou eu! Eu é que não permito que falem comigo assim! Chame seu supervisor, pombas!”

“A minha supervisora sou eu.”

Rosnando um palavrão colhido numa saga islandesa, retomei meu lugar à frente da fila.

“Epa!”, gritou um roqueiro punk, com parafusos espetados no crânio. “Olha a porra da fila!”

Jamais peça desculpas, aconselhava Lloyd George. Repita, de modo ainda mais agressivo. “Eu já estava nessa ‘porra da fila’ antes, e não vou entrar nela de novo só porque a Nina Simone ali não quer me vender uma porra de um bilhete!”

Um abominável homem das neves negro, com um uniforme comprado pronto, apareceu. “Que que está havendo?”

“O velho aqui acha que só porque ele anda com um saco de colostomia ele pode furar a fila”, disse o skinhead. “E ainda por cima fez comentários racistas sobre a senhora afro-caribenha do guichê de vendas antecipadas.”

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo.

“Escuta aqui”, disse o abominável, com aquela condescendência reservada para portadores de deficiência e pessoas de terceira idade, “aqui neste país tem fila pra que haja igualdade, e, se você não gosta, volta pra tua terra, está bem?”

“Será que eu tenho cara de egípcio? Tenho? Eu sei que isto aqui é uma fila! E como é que eu sei? Porque eu já estava nessa fila, e aí…”

“Este senhor diz que você não estava.”

“Ele? Será que ele vai continuar sendo ‘este senhor’ depois que pichar *imigrante vagabundo* no seu conjunto habitacional?”

Os globos oculares do homem incharam, sem exagero. “A polícia dos transportes pode expulsar você do recinto, ou então você entra nessa fila como uma pessoa civilizada. Pra mim tanto faz, tudo bem. Agora, furar fila comigo não é tudo bem, não.”

“Mas se eu voltar pra fila vou perder as minhas conexões!”

“Azar”, disse ele, escandindo bem as sílabas, “o seu!”

Apelei para as pessoas que estavam atrás daquele clone de Sid Rotten. Talvez elas me tivessem visto na fila, talvez não, mas o fato é que ninguém enfrentou o meu olhar. A Inglaterra está indo para o brejo, para o brejo.

Mais de uma hora depois, Londres foi ficando para trás, levando consigo a Maldição dos Irmãos Hoggins. O trem sujo estava apinhado de pessoas indo para o trabalho, essas almas infelizes que entram numa loteria da morte duas vezes por dia nas ferrovias decrépitas da Grã-Bretanha. Aviões voavam em círculo, esperando a vez de pousar em Heathrow, tão numerosos quanto mosquitos em torno de uma poça d’água no verão. Há um excesso de matéria nesta cidade.

Mesmo assim. A animação de estar iniciando uma viagem tomou conta de mim, e baixei a guarda. Um livro que publiquei uma vez, *Recordações verdadeiras de um magistrado dos territórios setentrionais*, afirma que as vítimas de tubarões experimentam uma visão anestésica de estar flutuando

para longe dali, de todo perigo, nos mares azuis do Pacífico, no momento exato que estão sendo transformadas em carne moída naquele funil de dentes. Eu, Timothy Cavendish, era essa vítima, vendo Londres se afastar, é, você mesma, cidade velhaca como um apresentador de tevê com peruca na cabeça, com seus cortiços de somalis; viadutos construídos por Kingdom Brunel; shoppings operados por mão de obra provisória; camadas de tijolos enegrecidos de fuligem e ossos enlameados dos drs. Dee, Crippen et al.; prédios comerciais quentes, com fachadas de vidro, onde as flores da juventude se transformam em cactos velhos, como o pão-duro do meu irmão.

A feiura de Essex despontou ao longe. Quando eu era aluno bolsista na escola básica local, filho de um funcionário municipal ambicioso, esse condado era sinônimo de liberdade, sucesso e Cambridge. Agora, vejam como está. Shoppings e condomínios vão invadindo aos poucos nossa terra ancestral. Um vento vindo do Mar do Norte levou nos seus dentes nuvens esfarrapadas e foi-se embora para as Midlands. Finalmente, o campo propriamente dito. Minha mãe tinha uma prima que morava aqui, a família dela tinha uma casa grande, acho que se mudaram para Winnipeg em busca de uma vida melhor. Ali! Bem ali, à sombra daquele galpão da DIY, havia antigamente uma fileira de nogueiras onde eu e Pip Oakes — amigo de infância que morreu aos treze anos de idade debaixo das rodas de um navio petroleiro — envernizamos uma canoa, num verão, e nela passeamos pelo rio Say. Peixes guardados em potes. Ali, ali mesmo, naquela curva, fizemos uma fogueira e cozinhamos feijão e batatas em papel-alumínio! Volte, ah, volte! Então só posso ver uma vez, de relance? Campos vazios, sem sebes. Essex *é* Winnipeg, agora. A gente queimava o restolho, e havia no ar um cheiro de sanduíches de bacon. Meus pensamentos bateram asas junto com outras fadas, e já havíamos passado de Saffron Walden quando o trem foi estrebuchando e parou. “Hum…”, disse o interfone. “John, isso está ligado? John, qual é o botão que eu aperto?” Tosse. “A SouthNet Trains lamenta informar que seremos obrigados a fazer uma parada não planejada na próxima estação por motivo de… falta de maquinista. Só poderemos

retomar a viagem depois que encontrarmos um maquinista apropriado. A SouthNet Trains garante que está fazendo o máximo possível" — percebi claramente uma risadinha ao fundo! — "para oferecer um serviço conforme nossos padrões de excelência." Houve uma reação em cadeia de raiva ferroviária em todas as cabines, embora em nosso tempo os crimes não sejam cometidos por criminosos que estejam bem à mão, e sim por canetas de executivos que estão muito além do alcance da patuleia, nas sedes das empresas nos arranha-céus pós-modernos de vidro e aço de Londres. E, além disso, metade da patuleia possui ações daquilo que tem ganas de reduzir a pó.

E assim ficamos esperando. Lamentei não ter trazido nada para ler. Pelo menos eu estava sentado, e não abriria mão do meu lugar nem para Helen Keller. O céu da tarde era de um azul-esverdeado. As sombras junto aos trilhos estavam se tornando monolíticas. As pessoas ligavam para suas famílias nos celulares. Fiquei a imaginar de que modo o tal juiz australiano espertalhão podia saber o que se passava na cabeça de uma pessoa sendo comida por um tubarão. Trens expressos sortudos, onde não faltava o maquinista, passavam por nós a toda velocidade. Eu precisava ir ao banheiro, mas não conseguia sequer pensar na hipótese. Abri minha pasta para pegar um saco de toffees Werner, mas o que encontrei foi *Meias-vidas: O primeiro romance policial da série Luisa Rey*. Folheei as primeiras páginas. O livro seria melhor se Hilary V. Hush não fosse tão metidinha a Artista. Estava dividido em minicapítulos bem certinhos, sem dúvida escritos já pensando no roteiro de Hollywood. Os alto-falantes do trem começaram a chiar. "Comunicado aos passageiros. A SouthNet Trains lamenta informar que, como não foi possível encontrar maquinistas para este trem, vamos seguir até a estação de Little Chesterford, onde um ônibus gratuito levará os passageiros até Cambridge. Pedimos aos que tiverem condições que sigam viagem por conta própria, pois o ônibus só chegará à estação de Little Chesterford [quantas lembranças aquele nome não despertava em mim!] dentro de… um tempo indeterminado. Para maiores detalhes, consultem nosso website." O trem seguiu se arrastando por mais

de um quilômetro no lusco-fusco. Os morcegos e o lixo levado pelo vento nos ultrapassavam. Quem estaria conduzindo a composição se não havia maquinista?

O trem parou, estremeceu, as portas se abriram. Os mais lépidos saíram dos vagões e atravessaram a passarela, deixando a mim e dois outros espécimes empalhados seguindo atrás, em baixa velocidade. Subi a escada com esforço e parei para recuperar o fôlego. Lá estava eu. Na passarela da estação de Little Chesterford. Meus deuses, tantas estações rurais e eu tinha que parar justo nesta. O caminho para cavalos que levava à casa onde morava Ursula ainda contornava o trigal. O que antes fora o Celeiro Sagrado da Mais Longa Bolinação era agora a academia Essex's Premier Fitness Club. Ursula viera me pegar com seu Citroën na semana de estudos antes das provas finais do nosso primeiro semestre, exatamente… neste triângulo de cascalho, aqui mesmo. Coisa mais boêmia, o jovem Tim havia pensado, ser recebido por uma mulher de carro. Eu era Tutancâmon IV na minha barca real, em que os remadores eram escravos núbios, sendo conduzido ao Templo do Sacrifício. Ursula me levou até a Dockery House, a algumas centenas de metros de distância, um prédio mandado construir no estilo art nouveau por um cônsul escandinorueguês. O lugar era todo nosso, pois os pais dela estavam na Grécia, passando férias com Lawrence Durrell, se não me falha a memória. (Ou então: "Se não é falha, é memória". Duplo sentido.)

Quatro décadas depois, os faróis dos sedãs no estacionamento da estação iluminavam uma praga de mosquitos e um editor fugitivo, com uma capa de chuva agitada pelo vento, a caminhar por um campo agora abandonado, aguardando subsídios da União Europeia. Era de se esperar que um lugar do tamanho da Inglaterra pudesse conter com facilidade todos os eventos de uma única e humilde existência sem haver muita superposição — quer dizer, a Inglaterra não é uma quitinete como Luxemburgo —, mas não, a gente vive cruzando e recruzando nossas trajetórias do passado, como patinadores artísticos. A Dockery House continuava de pé, isolada dos prédios vizinhos por uma sebe. Como me pareceu opulenta aquela casa,

vindo como eu vinha daquela caixa de sapatos suburbana onde morava com meus pais. *Um dia*, prometi, *vou morar numa casa como esta*. Mais uma promessa que não cumpri; pelo menos eu só havia prometido a mim mesmo.

Contornei o terreno da propriedade e segui por uma estrada secundária que me levou até um canteiro de obras. Lá havia uma placa: *Hazle Close — casas executivas de primeira classe no coração da Inglaterra*. No andar de cima da Dockery House as luzes estavam acesas. Imaginei um casal sem filhos ouvindo rádio. A velha porta de vitrais fora substituída por algo mais à prova de ladrões. Naquela semana antes das provas, eu havia entrado na casa pronto para me livrar de minha vergonhosa virgindade, porém tinha tamanha admiração respeitosa por minha Divina Cleópatra, estava tão nervoso, tão chapado com o uísque do pai dela, tão cheio de seiva ainda verde que, bom, melhor correr a cortina para ocultar o constrangimento daquela noite, mesmo quarenta anos depois. Está bem, quarenta e sete anos depois. Aquele mesmo carvalho de folhas brancas arranhava a janela do quarto de Ursula enquanto eu tentava dar no couro, quando há muito tempo já não era possível fingir que estava apenas na fase de aquecimento. Ursula tinha um disco do segundo concerto para piano de Rachmaninoff em seu quarto, aquele exato quarto ali, onde há uma luminária acesa na janela.

Até hoje não consigo ouvir Rachmaninoff sem estremecer.

A probabilidade de que Ursula ainda morasse na Dockery House era zero, eu sabia. A última vez que tive notícia dela, administrava uma empresa de relações públicas em Los Angeles. Não obstante, atravessei a sebe de sempre-verdes e apertei o nariz contra a janela escura da sala de jantar, tentando ver alguma coisa lá dentro. Naquela noite de outono, tantos anos atrás, Ursula me servira um pedaço de queijo grelhado sobre uma fatia de presunto e peito de frango. Ali mesmo — ali mesmo. Eu ainda sentia o gosto na boca. Ainda o sinto enquanto escrevo estas palavras.

Luzes!

A sala banhou-se em luz amarela, e eis que entrou, saltitante — e de costas, felizmente para mim —, uma bruxinha de cabelos ruivos

encaracolados. “Mamãe!”, meio que ouvi, meio que li nos lábios dela do outro lado da vidraça. “Mamãe!” E eis que entrou a mamãe, com os mesmos cachos avermelhados. Como aquilo era prova suficiente de que a família de Ursula há muito tempo já havia se mudado dali, voltei atrás e me enfiei na sebe — mas em seguida voltei a espionar a sala, porque… porque, bem, hãã, *je suis un homme solitaire*. A mãe consertava um cabo de vassoura quebrado enquanto a menina, sentada na mesa, balançava as pernas. Um lobisomem adulto entrou e tirou a máscara, e curiosamente, ou talvez nem tão curiosamente, creio, reconheci-o — aquele comentarista da televisão, um membro da tribo de Felix Finch. Jeremy Não-Sei-das-Quantas, sobrancelhas de Heathcliff, boas maneiras de um terrier, vocês conhecem o sujeito. Ele pegou fita isolante na gaveta do armário e passou a dedicar-se com toda a energia à operação de conserto do cabo de vassoura. Então a vovó entrou naquela cena doméstica, e com todos os diabos, todos mesmo, sem exceção, aquela vovó era ninguém menos que Ursula. *A* Ursula. A minha Ursula.

Então aquela senhora de idade tão serelepe era ela! Na minha memória, não havia envelhecido um único dia — que gênio da maquiagem havia destruído sua juventude tenra? (O mesmo que destruiu a sua, Tim.) Ela disse algo, e sua filha e sua neta riram, sim, riram, e eu ri também… O quê? O que foi que ela disse? Me contem a piada! Ela enfiou bolas de jornal dentro de uma meia vermelha. Um rabo de diabo. Prendeu a cauda em seu próprio traseiro com um alfinete de segurança, e a lembrança de um baile de Halloween nos tempos da faculdade estalou na borda dura de meu coração, e a gema escorreu para fora — também naquele tempo ela havia se fantasiado de diabinha, havia pintado o rosto de vermelho, e passamos a noite toda nos beijando, só beijando, e de manhã encontramos uma lanchonete de operários de construção que vendia canecas sujas cheias de chá forte com leite e uma quantidade de ovos suficiente para abastecer, ou dizimar, o Exército suíço. Torradas e tomates quentes. Molho HP. Seja sincero, Cavendish: em toda a sua vida, você alguma vez tomou um café da manhã mais delicioso do que aquele?

Tão ébrio de nostalgia estava eu que dei ordem a mim mesmo de afastar-me dali antes que fizesse alguma besteira. Uma voz desagradável a poucos metros de mim disse as seguintes palavras: “Não mexa um músculo se não quer ser massacrado e virar *ensopado*!”.

Assustado? Meu reino por um jato instantâneo de decolagem vertical! Por sorte, meu agressor não tinha mais de dez anos de idade, e os dentes de sua serra de cadeia eram de papelão, mas seus curativos ensanguentados eram bem convincentes. Em voz baixa, eu disse isso a ele. O garoto franziu a testa: “Você é amigo da vovó Ursula?”.

“Fui amigo da sua avó, sim.”

“Você veio pra festa de quê? Cadê sua fantasia?”

Hora de ir embora. Aproximei-me da sebe. “Eu *estou* fantasiado.”

Ele enfiou o dedo no nariz. “De defunto tirado da cova?”

“Obrigado pelo elogio, mas não. Vim fantasiado de Fantasma do Natal Passado.”

“Mas a festa é de Halloween, não de Natal.”

“Não diga!” Dei um tapa na testa. “É mesmo?”

“É…”

“Então cheguei dez meses atrasado! Terrível! Melhor eu voltar antes que percebam minha falta — e comecem a falar de mim!”

O menino assumiu uma pose de kung-fu de desenho animado e brandiu a serra em minha direção. “Calma aí, Duende Verde! Você é um invasor! Vou avisar a polícia!”

Ah, é guerra? “Quer dizer que você é caguete? É assim, é? Bom, se me denunciar, eu vou contar pro meu amigo, o Fantasma do Natal Futuro, onde você mora, e você sabe o que ele vai fazer?”

O fedelho arregalou os olhos e sacudiu a cabeça, assustado.

“Quando sua família estiver toda dormindo, cada um na sua caminha quente, ele vai entrar na sua casa pela fenda embaixo da porta e vai *comer — seu — cachorro*!” O veneno começou a encher depressa a minha vesícula biliar. “E ele vai deixar o rabinho enrodilhado do seu cachorro embaixo do seu travesseiro, aí vão pôr a culpa em você. Todos os seus amiguinhos vão

gritar ‘assassino de cachorros!’ toda vez que você passar. Você vai ficar velho, sem amigos e vai morrer sozinho, infeliz, numa manhã de Natal, daqui a cinquenta anos. Por isso, se eu fosse você, não contava pra *ninguém* que me viu aqui.”

Atravessei a sebe antes que ele tivesse tempo de assimilar aquilo tudo. Voltando para a estação, caminhando pela rua, ouvi os soluços do menino trazidos pelo vento: “Mas eu nem *tenho* cachorro…”.

Me escondi atrás de um exemplar de *Private Eye* no Wellness Café do posto de saúde. O lugar estava lucrando bastante com nosso bando de passageiros ilhados. Eu meio que esperava que a qualquer momento surgisse Ursula, furiosa, com o neto e um policial local. Barcos salva-vidas particulares vieram resgatar os corretores da Bolsa. O velho Timothy tem um conselho a dar a seus leitores mais jovens, oferecido a título de brinde incluído no preço destas memórias: vive tua vida de tal modo que, quando teu trem pifar no outono da tua vida, tenhas um carro quentinho e seco dirigido por um ente amado — ou um ente alugado, tanto faz — que te leve para casa.

Um ônibus venerando chegou três uísques depois. Venerando? Do tempo do rei Eduardo, no mínimo. Tive que aturar um bando de estudantes conversando até chegar em Cambridge. Preocupações com namorados, professores sádicos, companheiros de república bagunceiros, Big Brother, cáspite! Eu não imaginava que as crianças dessa idade fossem tão hiperativas. Quando finalmente cheguei à estação de Cambridge, procurei uma cabine telefônica, com o fim de ligar para a Aurora House avisando que eu só chegaria no dia seguinte, mas os dois primeiros telefones que encontrei tinham sido vandalizados (em Cambridge, imaginem!), e foi só quando peguei o terceiro e verifiquei o endereço que me dei conta de que Denholme não tinha me dado o número. Havia um hotel para caixeiros-viajantes ao lado de uma lavanderia automática. Não me lembro do nome, mas com base na recepção deu para perceber que o lugar devia ser uma boa

porcaria, e, como sempre, minha primeira impressão revelou-se acertada. Eu estava, porém, cansado demais para procurar coisa melhor, e além disso minha carteira estava depauperada. Meu quarto tinha janelas altas com persianas que não fui capaz de baixar por não ter quatro metros de altura. As bolotas cinzentas dentro da banheira eram mesmo cocô de rato, a torneira do chuveiro saiu na minha mão e a água quente era morna. Defumei o quarto com fumaça de charuto e me deitei na cama tentando me lembrar dos quartos de todas as minhas namoradas, em ordem, pelo telescópio desfocado do tempo. O príncipe Rupert e seus dois amiguinhos não se animaram. Eu me sentia estranhamente despreocupado com a possibilidade de que os irmãos Hoggins estivessem saqueando meu apartamento lá em Putney. Um saque decepcionante, em comparação com a maior parte das operações por eles comandadas, pelo menos com base no que se lê em *Soco inglês à francesa*. Algumas primeiras edições valiosas, mas pouca coisa mais. Minha televisão faleceu na noite em que George Bush II roubou o trono, e desde então não ousei substituí-la. Pedi que trouxessem a meu quarto uma dose tripla de uísque — eu é que não ia compartilhar um bar com uma cabala de vendedores ambulantes falando de bundas e abonos. Quando finalmente chegou meu uísque triplo, vi que não passava de um duplo, fato esse que fiz questão de mencionar. O adolescente com cara de fuinha que o trouxe limitou-se a dar de ombros. Não pediu desculpas, apenas deu de ombros. Pedi que baixasse minha persiana, mas ele olhou para a janela e disse, indignado: “Eu não alcanço!”. Retruquei com um gélido “Então é só”, sem gorjeta. Antes de sair, ele soltou uma flatulência, das venenosas. Li mais um pouco de *Meias-vidas*, mas adormeci logo depois da cena em que Rufus Sixsmith é encontrado morto. Num sonho lúcido, eu cuidava de um menino refugiado, que implorava para andar num daqueles brinquedos eletrônicos que ficam nos cantos dos supermercados e que custam cinquenta pence uma volta. Eu disse: “Ah, está bem”, mas quando o menino saiu do brinquedo ele havia se transformado em Nancy Reagan. Como poderia eu explicar isso à mãe dele?

Acordei no escuro, com uma boca que parecia cheia de Super Bond. A avaliação da história feita pelo grande Gibbon — *pouco mais do que o relato dos crimes, loucuras e desgraças da humanidade* — passou diante de meus olhos sem nenhum motivo óbvio. Um resumo da passagem de Timothy Cavendish por este mundo, em treze palavras. Rediscuti velhas discussões, e depois discussões que nunca houve. Fumei um charuto, até que as janelas altas começaram a mostrar vestígios de um amanhecer chuvoso. Fiz a barba. Uma irlandesa mirrada, no andar de baixo, servia duas opções de torrada — queimada ou congelada — acompanhada de saquinhos de geleia cor de batom e manteiga sem sal. Lembrei-me do comentário de Jake Balokowsky sobre a Normandia: é uma Cornualha onde há o que comer.

De volta à estação, meus sofrimentos recomeçaram quando tentei obter a devolução do dinheiro da passagem da minha viagem frustrada. O bilheteiro, cujas espinhas inchavam diante de meus olhos, era tão obtuso quanto sua colega de King's Cross. Pelo visto, a empresa produz todos eles a partir da mesma célula-tronco. Minha pressão subiu ao máximo. "Como assim, a passagem de ontem perdeu a validade? Eu não tenho culpa se a porcaria do trem pifou, pombas!"

"Nós também não temos. Quem opera os trens é a SouthNet. Nós somos a TicketLords, entendeu?"

"Então com quem eu reclamo?"

"Bom, a SouthNet Loco é de uma empresa de Düsseldorf que pertence àquela companhia de celulares da Finlândia, então o melhor que o senhor faz é procurar alguém em Helsinque. O senhor devia dar graças a Deus por não ter sido descarrilamento. Isso tem acontecido muito."

Por vezes o coelhinho fofo da incredulidade faz a curva com tanta rapidez que o galgo da linguagem fica parado, atônito, no ponto de largada. Foi necessário correr a toda para chegar ao próximo trem antes de sua partida — e, lá chegando, constatei que fora cancelado! Mas, "felizmente", o trem antes do meu estava tão atrasado que ainda nem havia saído do lugar. Todos os lugares tinham sido tomados, e tive que me espremer num espaço

de dez centímetros. Perdi o equilíbrio quando a composição deu a partida, mas minha queda foi impedida por uma massa humana. Ficamos assim, semicaídos. Pessoas diagonais.

Os arredores de Cambridge agora viraram tecnopolos. Eu e Ursula passávamos de barco por baixo daquela ponte antiga, onde agora aqueles cuboides da biotecnologia cibernética clonam seres humanos para coreanos misteriosos. Ah, a velhice é insuportável, pombas! Os eus que já fomos anseiam por voltar a respirar o ar do mundo, mas como poderão eles irromper daqueles casulos calcificados? Sem chance.

Árvores sinistras curvadas diante de um céu enorme. Nosso trem fez uma parada inexplicável num urzal ermo, não sei por quanto tempo. Meu relógio havia parado no meio da noite anterior. (Até hoje sinto falta do meu Ingersoll.) As feições de meus companheiros de viagem fundiam-se, assumindo formas que eram semifamiliares: havia um corretor de imóveis atrás de mim, falando sem parar no celular, que eu seria capaz de *jurar* que fora o capitão do meu time de hóquei no sexto ano; a mulher carrancuda duas fileiras à minha frente, lendo *Paris é uma festa*, não seria aquela górgona da Receita Federal que me submeteu àquele interrogatório cruel alguns anos atrás?

Por fim os engates gemeram e o trem começou a se arrastar rumo a mais uma estação de interior, onde, numa placa a descascar-se, lia-se "Adelstrop". Uma voz resfriadíssima anunciou: "A Centrallo Trains lamenta informar que, devido a um defeito do sistema de freios, esta composição fará uma breve parada nesta…" — espirro — "… estação. Os passageiros deverão saltar aqui… e esperar por um trem substituto". Meus companheiros de viagem soltavam interjeições, gemidos, imprecações e sacudiam a cabeça. "A Centrallo Trains pede desculpas por qualquer…" — espirro — "… inconveniência e garante que estamos fazendo todo o possível no sentido de retomar nosso habitual padrão de" — tremendo espirro — "… excelência. Me dá um lenço de papel, John".

Fato: o material rodante deste país é fabricado em Hamburgo ou sei lá onde, e quando os engenheiros alemães testam os trens que serão enviados à Grã-Bretanha, eles utilizam trechos importados dos nossos trilhos privatizados e arrebentados, porque os trilhos europeus, que passam por uma manutenção eficiente, não fornecem condições de teste adequadas. Quem foi que ganhou a guerra, pombas? Eu devia ter fugido dos Hoggins pela estrada das carruagens, montado num pula-pula.

Entrei no café vagabundo apinhado de gente, comprei uma torta com gosto de graxa de sapato e um bule de chá com pedaços de rolha flutuando no líquido, e fiquei escutando a conversa entre dois criadores de pôneis. O desânimo nos leva a invejar vidas que jamais levamos. Por que cargas-d'água você dedicou a sua aos livros, T. C.? Que chatice! Os livros de memórias já não são essas coisas, e quanto aos de ficção…! O herói empreende uma viagem, um estranho chega na cidade, alguém quer uma coisa e a consegue ou não, um conflito entre vontades. "Admirai-me, pois sou uma metáfora."

Fui até o banheiro, cuja lâmpada algum engraçadinho tinha roubado e que trescalava amônia. Eu tinha acabado de abrir a braguilha quando uma voz surgiu das sombras. "Aí, ô meu, me arruma um fogo?" Contendo o pulsar do coração, com mão trêmula procurei meu isqueiro. A chama revelou um rastafári em tons de Holbein, a poucos centímetros de mim, com um charuto entre os lábios grossos. "Valeu", sussurrou meu Virgílio negro, inclinando a cabeça para levar a ponta do charuto até o fogo.

"Hãã… ah… de nada", repliquei.

O nariz largo e achatado moveu-se. "E aí, tá indo pra onde, mermão?"

Tateei o bolso e constatei que a carteira continuava no lugar. "Pra Hull…" Uma mentira idiota alçou voo. "Pra devolver um romance. A um bibliotecário que trabalha lá. Um poeta muito famoso. Na universidade. Está na minha mala. O título é *Meias-vidas*." O charuto do rastafári cheirava a esterco. Eu nunca sei o que passa pela cabeça dessa gente. Na verdade, nunca conheci nenhum deles. Não sou racista, mas acredito, sim, que os componentes da tal miscigenação levam algumas gerações para

miscigenar. “Aí, cara”, disse o rastafári, “você tá precisando…” — recuei — “… é disso.” Obedeci, e dei um trago no seu charuto grosso como um cagalhão.

Pombas! “Que diabo é isso?”

Ele emitiu um grunhido gutural semelhante ao som de uma flauta aborígine australiana. “Esse fumo aqui não dá na terra de Marlboro, não.” Minha cabeça aumentou algumas centenas de vezes, como em *Alice no país das maravilhas*, e transformou-se num estacionamento vertical de muitos andares onde moravam mil e um Citroëns operísticos. “Falou e disse”, respondeu o Homem Outrora Conhecido Como Tim Cavendish.

Quando dei por mim, estava de volta no trem, sem entender quem havia fechado minha cabine com um muro de tijolos cobertos de musgo. “Estamos à sua espera, sr. Cavendish”, disse-me um pateta calvo, de óculos. Não havia ninguém no vagão, nem em lugar nenhum. Apenas um funcionário de limpeza, recolhendo o lixo com um saco. Desci para a plataforma. O frio cravou suas presas em minha nuca exposta e apalpou todo meu corpo, procurando lugares vulneráveis. Eu estava de volta a King’s Cross? Não, aquilo era Gdansk, no meio de um inverno rigoroso. Em pânico, me dei conta de que não estava com minha mala nem com meu guarda-chuva. Voltei para dentro do vagão e peguei minhas coisas no compartimento de bagagem. Meus músculos pareciam ter atrofiado durante o sono. Lá fora, passava um carrinho cheio de bagagens, dirigido por um Modigliani. Mas que diabo de lugar era aquele, pombas?

“*Sortah im Râl*”, respondeu o Modigliani.

Árabe? Meu cérebro propôs o seguinte: um trem da Eurostar havia parado em Adlestrop, eu o havia tomado e dormido até chegar a Istambul. Cérebro confuso. Eu precisava de uma placa, em inglês.

BEM-VINDO A HULL.

Aleluia, minha viagem estava quase no fim. Quando, em toda a minha vida, eu estivera num lugar tão setentrional? Resposta: nunca. Engoli ar frio

para conter o impulso de vomitar, isso mesmo, Tim, engole isso. O estômago detonado fornece imagens daquilo que causou seu desconforto, e uma visão do charuto do rastafári surgiu diante de mim. Toda a estação era pintada em tons de negro. Virei uma esquina e encontrei dois mostradores de relógio iluminados acima da porta de saída, mas dois relógios em discordância valem menos do que nenhum. Na saída não havia nenhum funcionário interessado em ver o bilhete pelo qual eu havia pagado uma fortuna, e senti-me lograd o. Lá fora, um carro costeava o meio-fio devagar, em busca de aventuras, uma janela piscava, o som de música aumentava e diminuía, vindo de um bar do outro lado da rua. “Me arranja um trocado?” Uma pergunta, não, uma ordem, não, uma acusação, vinda de um cachorro miserável enrolado num cobertor. O dono dele tinha tantos objetos de ferro espetados no nariz, nas sobrancelhas e nos lábios que um eletroímã poderoso rasgaria sua cara se chegasse perto dele. Como é que essas pessoas fazem para passar no detector de metais do aeroporto? “Tem um trocado?” Vi a mim mesmo tal como ele me via: um velhote frágil numa cidade perigosa à noite. O cachorro levantou-se, farejando vulnerabilidade. Um guardião invisível segurou-me pelo cotovelo e me levou até o ponto de táxi.

O táxi me dava a impressão de estar contornando a mesma rotatória por uma pequena eternidade. Um cantor berrava no rádio uma canção segundo a qual tudo que morre um dia volta. (Deus me livre — lembre-se da “Pata do macaco”!) A cabeça do motorista era desproporcionalmente grande para seus ombros, ele devia sofrer daquela doença do homem-elefante, mas quando se virou para trás percebi que estava de turbante. Começou a queixar-se de seus clientes. “Eles *sempre* dizem: ‘Aposto que na sua terra não faz esse frio todo’. E eu sempre respondo: ‘Aí é que você se engana, meu chapa. Pelo visto você nunca esteve em Manchester em fevereiro’.”

“Você sabe como chegar na Aurora House, não sabe?”, perguntei. O sique respondeu: “Nós já chegamos”. Uma pista estreita ligava a rua a uma residência imponente do período eduardiano, de tamanho indeterminado. “Diz ‘É seu livro redondo’.”

“Dizer isso por quê?”

Ele olhou para mim, perplexo, e em seguida repetiu: “Dezesseis — libras — redondo”.

“Ah. Sim.” Minha carteira não estava nos bolsos da calça, nem no do paletó. Nem no da camisa. Tampouco reapareceu nos bolsos da calça. A verdade terrível me confrontou. “Fui assaltado, pombas!”

“Não admito essa acusação. Meu taxímetro está regulado.”

“Não, você não entendeu, alguém roubou minha carteira.”

“Ah, entendi.” Que bom, ele entendeu. “Entendi muito bem!” Toda a ira do subcontinente veio à tona na escuridão. “O senhor está pensando: ‘Esse comedor de curry sabe muito bem de que lado a polícia vai ficar’.”

“Nada disso!”, protestei. “Olha aqui, tenho moedas, uns trocados, sim, o bolso cheio de trocados… toma… graças a Deus! Acho que vai dar, sim…”

O homem contou as moedas. “Gorjeta?”

“Leva tudo…” Esvaziei os bolsos e pus tudo na outra mão dele, saí mais que depressa e caí direto dentro de uma vala. Do meu ponto de vista de vítima, vi o táxi acelerar e partir e tive um desagradável flashback da minha agressão sofrida em Greenwich. Não tinha sido o relógio nem mesmo as contusões nem o susto que me deixaram uma cicatriz tão profunda, e sim o fato de que eu, que no passado havia encarado e dispersado um quarteto de moleques árabes em Aden, aos olhos daquelas meninas era… um velho, só isso. Não me comportar da maneira como os velhos devem se comportar — invisível, calado e assustado — já era para elas uma provocação.

Subi a rampa e cheguei à imponente porta de vidro. A sala de recepção reluzia como o ouro do graal. Bati à porta, e uma mulher que poderia assumir o papel-título do musical *Florence Nightingale* sorriu para mim. Tive a impressão de que alguém havia brandido uma vara de condão, dizendo: “Cavendish, todos os seus problemas chegaram ao fim!”.

Florence abriu a porta para mim. “Bem-vindo à Aurora House, sr. Cavendish!”

“Ah, muito obrigado, muito obrigado. Hoje tive um dia tão horroroso que nem tenho palavras pra dizer como foi.”

Um anjo em forma de gente. “O importante é que o senhor chegou são e salvo.”

“Olha, tem um probleminha de ordem financeira que eu devia mencionar logo. É que, a caminho daqui…”

“Agora o senhor só deve se preocupar em dormir bem. Tudo o mais é por nossa conta. Basta assinar aqui, e eu levo o senhor até seu quarto. É bem tranquilo, com vista do jardim. O senhor vai adorar.”

Com os olhos rasos d’água de gratidão, fui atrás dela rumo a meu santuário. O hotel era moderno, imaculado, com iluminação suave nos corredores soníferos. Reconheci aromas da minha infância, mas não consegui identificá-los exatamente. Pra caminha, pra caminha. Meu quarto era simples, os lençóis limpos e bem passados, toalhas num toalheiro aquecido. “Está tudo bem, sr. Cavendish?”

“Tudo maravilhoso, minha cara.”

“Durma bem.” Disso não tinha dúvida. Tomei uma chuveirada rápida, vesti meu pijama e escovei os dentes. O colchão era firme, porém confortável, como as praias do Taiti. Os horrores dos Hoggins estavam do outro lado do mundo, eu estava livrinho da silva, e Denny, meu querido Denholme, ia pagar a conta. Irmão é para essas coisas. Sereias cantavam nos meus travesseiros fofíssimos. Na manhã seguinte, a vida começaria outra vez, vida nova, vida nova. Dessa vez eu faria tudo direito.

“Na manhã seguinte.” O destino gosta de montar armadilhas em cima dessas três palavrinhas. Acordei e vi uma mulher não muito jovem, com um corte de cabelo estilo pajem, remexendo na minha mala como se fosse um balcão de saldos. “Pombas! Que diabo você está fazendo no meu quarto, sua vaca sebosa mexilhona?”, meio que gritei, meio que gemi.

A dita-cuja largou meu casaco sem nenhum sentimento de culpa. “Só porque o senhor é novo aqui, não vou obrigá-lo a comer sabão em pó. Desta vez. E já vou avisando: não admito linguagem ofensiva na Aurora House. De ninguém. E eu nunca faço ameaças vazias, sr. Cavendish. Nunca.”

Uma ladra repreendendo sua vítima por usar linguagem ofensiva? “Eu falo com você como me der na veneta, sua ladra de uma figa! Me fazer comer sabão em pó? Quero ver você tentar! Chama a segurança do hotel! Vamos chamar a polícia! Você faz queixa da linguagem ofensiva, e eu faço queixa de invasão de domicílio e roubo!”

Ela se aproximou da minha cama e me deu um tapa com força na boca.

Fiquei tão chocado que simplesmente caí deitado, com a cabeça no travesseiro.

“Já começou mal. Eu sou a sra. Noakes. Comprar briga comigo não é bom, não.”

Seria uma espécie de hotel para tarados sadomasoquistas? Teria uma louca invadido meu quarto depois de verificar meu nome no registro do hotel?

“Aqui nós recomendamos que não se fume. Vou ter que confiscar esses charutos. O isqueiro é coisa muito perigosa para o senhor brincar. E faça o favor de me dizer: o que é isso?” Ela exibiu minhas chaves.

“Minhas chaves. O que você imagina que seja?”

“Chave? Nem pensar! Vamos dar pra sra. Judd guardar, está bem?”

“Vamos dar coisa nenhuma, sua bruaca doida varrida! Você me *bateu*! Você me *roubou*! Que diabo de hotel é esse que contrata uma ladra pra ser camareira?”

A criatura enfiou seu butim num saquinho de ladrão. “Mais alguma coisa de valor pra ser guardada?”

“Devolva essas coisas! Agora! Senão você vai perder o emprego, eu juro!”

“Vou entender como ‘não’. O café da manhã é às oito *em ponto*. Hoje é torrada. Pros retardatários, nada.”

Vesti-me assim que ela saiu e procurei o telefone. Não havia. Depois de me lavar muito rapidamente — meu banheiro tinha sido projetado para cadeirantes, todas as quinas eram arredondadas e havia corrimãos para todos os lados —, fui mais que depressa até a recepção, decidido a fazer justiça. Eu estava mancando, mas não sabia exatamente por quê. Estava

perdido. Tocava música barroca suave nos corredores todos idênticos, com cadeiras enfileiradas contra a parede. Um gnomo leproso agarrou-me pelo pulso e me mostrou um pote de creme de avelã. “Se você quer levar isso pra casa, eu te explico direitinho por que é que *eu* não quero.”

“Você está me confundindo com outra pessoa.” Livrei-me da mão da criatura e atravessei uma sala de jantar onde os hóspedes estavam sentados em fileiras e as garçonetes traziam tigelas da cozinha.

O que havia ali de tão estranho?

Os hóspedes mais jovens estavam na faixa dos setenta. Os mais velhos deviam passar dos trezentos anos. Estaríamos na semana da volta às aulas?

Entendi. Você provavelmente já compreendeu algumas páginas atrás, caro leitor.

A Aurora House era uma clínica geriátrica.

Esse meu irmão! Isso lá é brincadeira que se faça, pombas?!

A sra. Judd, com seu sorriso de propaganda de hidratante, estava a cargo da recepção. “Bom dia, sr. Cavendish. Está se sentindo bem hoje?”

“Estou. Não estou, não. Aconteceu um mal-entendido absurdo.”

“Sério?”

“Muito sério. Fiz o check-in aqui ontem achando que a Aurora House era um *hotel*. Meu irmão fez a reserva pra mim. Mas… foi uma pegadinha dele. Eu não achei a menor graça. Essa brincadeira desprezível só ‘funcionou’ porque um rastafári me ofereceu um trago de um charuto sinistro em Adlestrop, e, além disso, os gêmeos de célula-tronco que me venderam a passagem pra cá me enlouqueceram. Mas escute. A senhora está com um problema ainda mais sério — uma megera maluca chamada Noakes anda por aí se fazendo passar por camareira. Ela provavelmente sofre de Alzheimer, mas tem uma força na mão que só vendo. Ela roubou minhas chaves! Ora, se isso aqui fosse um inferninho na Tailândia, bom, essas coisas são de esperar, mas um asilo de múmias em Hull? Se eu fosse inspetor, fechava isto aqui, fique sabendo.”

O sorriso da sra. Judd agora era ácido de bateria.

“Quero minhas chaves de volta”, ela me obrigou a dizer. “Agora mesmo.”

“A Aurora House agora é sua casa, sr. Cavendish. Sua assinatura nos autoriza a cobrar do senhor obediência às normas. E acho que devia parar de se referir à minha irmã nesse tom.”

“Obediência? Assinatura? *Irmã*?”

“O documento de tutela que o senhor assinou ontem à noite. Aquela papelada de admissão.”

“Não, não, não. Aquilo era o check-in do hotel! Mas deixa pra lá, essa discussão é irrelevante. Vou embora depois do café da manhã. Aliás, até antes, porque eu senti o cheiro daquela gororoba! Ah, essa história vai ser boa de contar pros amigos. Depois que eu estrangular meu irmão. A propósito, mandem a conta pra ele. Agora, eu insisto que minhas chaves sejam devolvidas. E é melhor a senhora chamar um táxi pra mim.”

“A maioria dos nossos hóspedes fica assim nos primeiros dias.”

“Não estou ‘assim’, não, senhora, mas pelo visto eu não soube me exprimir. Se a senhora não…”

“Escute, por que é que o senhor não toma o café da manhã primeiro e…”

“As chaves!”

“Nós temos sua permissão escrita pra guardar seus objetos de valor no cofre do escritório.”

“Então preciso falar com a gerência.”

“É com minha irmã, a enfermeira Noakes.”

“Noakes? Gerência?”

“A enfermeira Noakes.”

“Então preciso falar com a diretoria, ou com o proprietário.”

“Então é comigo.”

“Olha aqui.” Gulliver e os liliputianos. “Ora, pombas, isso é cárcere privado, sei lá, é crime.”

“O senhor vai entender que faniquito não leva a nada na Aurora House.”

“O telefone, por favor. Quero chamar a polícia.”

“Os moradores não têm permissão…”

“Eu não sou morador coisa nenhuma, pombas! E já que a senhora não vai me devolver as chaves, vou voltar daqui a pouco com um policial muito pê da vida.” Empurrei a porta da frente, mas ela me empurrou com mais força ainda. Alguma tranca de segurança, pombas. Tentei a porta de emergência do outro lado do saguão. Trancada. Apesar dos protestos da sra. Judd, quebrei com um martelinho um ferrolho, a porta abriu e ganhei a liberdade. Pombas, o frio me acertou na cara como uma pá de ferro! Entendi por que o pessoal lá do norte usa barba e passa no corpo tinta e banha de foca. Desci a pista curva atravessando arbustos de rododendros bichados, contendo o forte impulso de sair correndo. Não corro desde meados dos anos setenta. Dei de cara com uma máquina de cortar grama quando um gigante barbudo de macacão ergueu-se da terra como uma figura mitológica. Estava retirando os restos mortais de um porco-espinho das lâminas da máquina com as mãos ensanguentadas. “Está indo pra algum lugar?”

“Pode crer! Pro país dos vivos.” Segui em frente. As folhas se transformavam em húmus sob meus pés. É assim que as árvores comem a si próprias. Fiquei desorientado quando me dei conta de que aquela pista levava de volta ao anexo da sala de jantar. Eu tinha virado para o lado errado. Os mortos-vivos da Aurora House me olhavam do outro lado da vidraça. “Soylent Green é gente!”, gritei, zombando daqueles olhares vazios. “Soylent Green é feito de gente!” Eles pareciam perplexos — eu sou, ai de mim, o último dos moicanos. Um dos zumbis bateu na janela de leve, apontando para atrás de mim. Virei-me e o ogro me pegou e me jogou em cima do ombro dele. A cada passo que ele dava, meus pulmões se esvaziavam. O monstro *fedia* a fertilizante. “Eu tenho mais o que fazer…”

“Então vai fazer o que você tem que fazer!” Em vão, tentei lhe aplicar um mata-leão, mas creio que ele nem reparou. Assim, apelei para meu domínio superior da linguagem para deter o canalha: “Seu filho de uma filha de uma égua! Isso é lesão corporal grave! Isso é cárcere privado!”.

O gigante apertou seu abraço de urso com mais força para me calar, e confesso que mordi-lhe a orelha. Erro de estratégia. Com um único puxão forte ele abaixou minhas calças — será que ia me enrabar? O que o sujeito

fez foi ainda mais desagradável do que isso. Colocou-me em cima da cortador de grama, me prendeu com uma das mãos e com a outra começou a me surrar com uma bengala de bambu. A dor que eu sentia nas pernas magras era terrível, uma vez, duas, e mais uma, e mais uma, e mais uma!

Meu Deus, que dor!

Gritei, depois chorei, depois implorei para que ele parasse. Ploft! Ploft! Ploft! A enfermeira Noakes por fim mandou o ogro parar. Minhas nádegas pareciam ter sido ferroadas por duas vespas gigantescas! A mulher sussurrou em meu ouvido: “Você não tem mais lugar no mundo exterior. A Aurora House é sua casa agora. Será que a ficha já caiu? Ou vou ter que pedir ao sr. Withers para lhe dar mais uma lição?”.

“Diga a ela pra ir para o inferno”, alertou-me o espírito, “senão você vai se arrepender depois.”

“Diga a ela o que ela quer ouvir”, gritou meu sistema nervoso, “senão você vai se arrepender *agora*.”

O espírito estava pronto, mas a carne era fraca.

Fui mandado para o quarto sem o café da manhã. Elaborei planos de vingança, processos e tortura. Examinei minha cela. Porta, trancada por fora, sem buraco de fechadura. Janela, abrindo apenas quinze centímetros. Lençóis grossos, feitos de fibra de caixa de ovos com forro de plástico por baixo. Poltrona, assento lavável. Carpete lavável. Papel de parede fácil de limpar. Banheiro dentro da “suíte”: sabonete, xampu, flanela, toalha vagabunda, sem janela. Quadro representando casinha de interior, com a legenda: *Uma casa é feita por mãos, mas um lar é feito por corações*. Possibilidade de fuga: abaixo de zero.

Mesmo assim, eu achava que meu confinamento terminaria ao meio-dia. Havia várias saídas, uma das quais teria que funcionar. A administração se daria conta do mal-entendido, pediria mil desculpas, demitiria a execranda Noakes e imploraria que eu aceitasse uma indenização em dinheiro vivo. Ou então Denholme ficaria sabendo que sua brincadeira saíra de controle e

mandaria que me soltassem. Ou então o contador descobriria que ninguém estava pagando as minhas contas e me expulsaria. Ou então a sra. Latham daria parte do meu desaparecimento, a notícia sairia no *Crimewatch UK* e a polícia descobriria meu paradeiro.

Por volta das onze horas, a porta foi destrancada. Preparei-me para recusar os pedidos de desculpas e partir para a ignorância. Uma mulher outrora vistosa entrou no quarto. Setenta anos, oitenta, oitenta e cinco, quem há de saber quando elas ficam tão velhas? Um galgo frágil de blazer entrou depois de sua dona. "Bom dia", disse a mulher. Levantei-me e não pedi a minhas visitas que se sentassem.

"Discordo."

"Eu me chamo Gwendolyn Bendincks."

"Não por culpa minha."

Imperturbável, ela sentou-se na poltrona. "Este…" — indicando o galgo — "… é Gordon Warlock-Williams. Por que é que o senhor não se senta? Nós dirigimos a Comissão dos Moradores."

"Bom para vocês, mas como eu não sou…"

"Minha intenção era me apresentar ao senhor no café da manhã, mas aquele episódio desagradável aconteceu antes que nós tivéssemos tempo de protegê-lo."

"Tudo águas passadas, Cavendish", rosnou Gordon Warlock-Williams. "Ninguém vai tocar mais no assunto, amigão, disso você pode ter certeza." Galês, sim, com certeza ele era galês.

A sra. Bendincks inclinou-se para a frente. "Mas é preciso que o senhor entenda que aqui os criadores de confusão não são bem-vindos, sr. Cavendish."

"Então me expulsem! Por favor!"

"A Aurora House não expulsa ninguém", disse a anta santarrona, "mas o senhor vai receber medicação, se seu comportamento exigir, para sua própria proteção."

Assustador, não é? Eu tinha assistido a *Um estranho no ninho* na companhia de uma poeta extraordinariamente desprovida de talento, porém

rica e viúva, cuja obra reunida, *Versos selvagens e rebeldes*, eu estava editando e anotando, só que, como mais tarde constatei, ela era menos viúva do que dizia ser. “Olha, tenho certeza de que a senhora é uma mulher sensata.” O oximoro passou sem comentários. “Por isso, vou explicar alto e bom som: *eu não devia estar aqui*. Fiz o check-in achando que era um hotel.”

“Ah, mas nós entendemos, sim, sr. Cavendish!”, insistiu a sra. Gwendolyn Bendincks, concordando com a cabeça.

“Não, vocês não estão entendendo nada!”

“Todo mundo no início tem seus momentos tristonhos, mas o senhor vai se alegrar em pouco tempo, quando entender que seus familiares amorosos agiram pelo seu próprio bem.”

“Todos os meus ‘familiares amorosos’ já morreram, ou então caducaram, ou estão na BBC, fora meu irmão chegado a pegadinhas!” Você compreende, não é, querido leitor? Eu estava preso num asilo de filme de horror barato. Quanto mais esbravejava e espumava, mais provava que era ali mesmo que devia estar.

“Isto aqui é o melhor hotel em que você já ficou na vida, amigão!” Os dentes dele eram cor de biscoito. Se fosse cavalo dado, era caso de aceitar. “Um hotel de cinco estrelas, sabe? As refeições são servidas, a roupa é lavada. Tem várias atividades, do crochê ao croqué. Não tem que pagar contas complicadas, não tem garotão roubando seu carro pra apostar corrida na rua. A Aurora House é um barato! É só obedecer ao regulamento e não ficar implicando com a enfermeira Noakes. Ela não é uma pessoa cruel.”

“‘Poder ilimitado nas mãos de gente limitada *sempre* dá em crueldade.’” Warlock-Williams olhou para mim como se eu tivesse pronunciado uma glossolalia. “Soljenítsin.”

“Já eu e a Marjorie sempre passávamos as férias em Betws-y-Coed, e a gente achava que estava de bom tamanho. Mas, olha, na minha primeira semana me sentia exatamente como você. Praticamente não falava com ninguém, não é, sra. Bendincks? Eu era um chato de galochas, não é?”

“De galochas, capa e guarda-chuva, sr. Warlock-Williams!”

“Mas agora estou mais feliz do que pinto no lixo! Não é?”

A sra. Bendincks sorriu; uma visão horrífica. “Mas estamos aqui pra ajudar o senhor a se reorientar. Eu soube que o senhor trabalhava numa editora. Infelizmente”, ela deu um tapinha na cabeça, “a sra. Birkin já não consegue mais fazer a ata das reuniões da Comissão dos Moradores como antes. Uma boa oportunidade para *o senhor* se envolver!”

“Eu *ainda* trabalho numa editora! Então tenho cara de quem era para estar aqui?” O silêncio foi insuportável. “Ah, fora daqui!”

“Uma decepção.” Ela contemplou o gramado coberto de folhas mortas, pontilhado de terra escavada pelas minhocas. “A Aurora House agora é seu mundo, sr. Cavendish.” Minha cabeça era a rolha, e o saca-rolhas era Gwendolyn Bendincks. “É verdade, o senhor está numa clínica de repouso. Chegou o dia. Sua estada aqui pode ser um inferno ou pode ser agradável. Mas é permanente. Pense bem, sr. Cavendish.” Ela bateu na porta. Forças invisíveis deixaram meus torturadores saírem, porém bateram a porta na minha casa.

Percebi que, durante toda aquela entrevista, minha braguilha estivera escancarada.

Eis seu futuro, Cavendish Júnior. Você não vai pedir para entrar no clube, mas a tribo dos velhos vai recrutá-lo. Seu tempo presente não vai conseguir acompanhar o do mundo. Essa defasagem vai esticar sua pele, curvar seu esqueleto, fazer um estrago no seu cabelo e na sua memória, tornar sua pele translúcida, de modo que seus órgãos e veias de queijo roquefort ficarão semivisíveis. Você só vai se aventurar a sair de casa à luz do dia, evitando fins de semana e feriados escolares. Também a fala vai deixá-lo para trás, traindo sua filiação tribal cada vez que você abrir a boca. Nas escadas rolantes, nas estradas, nos corredores dos supermercados, os vivos vão ultrapassar você, de modo incessante. As mulheres elegantes não vão enxergá-lo. Os seguranças das lojas não vão enxergá-lo. Os vendedores não vão enxergá-lo, a menos que sejam vendedores de cadeiras elevatórias ou

apólices de seguro fraudulentas. Apenas os bebês, os gatos e os toxicômanos vão reconhecer sua existência. Por isso, não desperdice seu tempo. Quando você menos imaginar, vai se olhar no espelho de uma clínica geriátrica, ver seu corpo e pensar: pombas, olha aí o E.T., depois de trancado dentro de um armário por duas semanas.

Um autômato de sexo indefinido veio trazer um almoço numa bandeja. Não estou querendo insultar ninguém, mas eu realmente não conseguia determinar se ele ou ela era ele ou era ela. Tinha um bigodinho discreto, mas também seios pequeninos. Pensei em derrubar a criatura com um soco e correr como Steve McQueen rumo à liberdade, mas minha única arma era um sabonete, e não havia nada com que amarrar a criatura senão meu cinto.

O almoço era uma costeleta de carneiro tépida. As batatas eram granadas de amido. As cenouras em lata eram repugnantes, como é de sua natureza. “Olha”, implorei ao autômato, “pelo menos me traz mostarda de Dijon.” O ser não deu nenhum sinal de compreensão. “Pode ser com grãos ou sem. Não sou luxento.” Ela virou-se para sair. “Espera! Você — fala — inglês?” Foi-se embora. Meu almoço ficou olhando para mim por mais tempo do que aguentei ficar olhando para ele.

Minha estratégia estava errada desde o começo. Eu tinha tentado sair daquela situação absurda aos gritos, porém as pessoas internadas não têm esse direito. Os senhores de escravos gostam de ter um rebelde de vez em quando, para subjugá-lo na frente dos outros. De toda a literatura carcerária que já li, desde *Arquipélago Gulag*, *Cinco anos como refém no Líbano* até *Soco inglês à francesa*, para se conquistar um direito é preciso haver uma negociação, conduzida com muita argúcia. A resistência do prisioneiro só tem o efeito de justificar, para os carcereiros, um encarceramento ainda mais severo.

Chegara a hora dos subterfúgios. Era necessário tomar muitas notas para depois incluí-las no processo de indenização. Era preciso ser educado com Noakes, a Nefasta. Mas, quando eu recolhia com meu garfo plástico umas

ervilhas frias, uma sequência de rojões explodiu no meu crânio, e o mundo antigo deixou de existir abruptamente.

Uma rogativa de Sonmi~451

No futuro, istoriadores que ainda nem nasceram vão lhe ser gratos pela sua cooperação, Sonmi~451. Nós, arquivistas de oje, agradecemos no presente. Nossa gratidão pode não valer muita coisa, porém vou tentar lhe conceder qualquer último pedido que você faça, se estiver dentro da esfera de influência do meu ministério. Bem, este dispositivo prateado em forma de ovo se chama rogativa. Ela vai registrar uma imagem tanto do seu rosto quanto das suas palavras. Quando terminarmos, a rogativa será arquivada no Ministério de Testamentos. Isto não é um interrogatório, repetimos, nem um julgamento. O que importa é sua versão da verdade.

Para mim, nenhuma outra versão da verdade jamais teve importância.

Comecemos. Normalmente, eu inicio pedindo aos meus entrevistados que falem sobre suas lembranças mais antigas. Você parece esitar.

Não tenho nenhuma lembrança mais antiga, Arquivista. Todos os dias da minha vida no Papa Song's foram tão uniformes quanto as batatas fritas que vendíamos.

Então, por favor, conte como era esse mundo.

Era uma cúpula fechada com cerca de oitenta metros de diâmetro, uma comedoria de propriedade da Papa Song Corp. As servidoras passam doze anos trabalhando sem jamais sair daquele espaço, jamais. A decoração é de estrelas e listras em tons de vermelho, amarelo e sol nascente. A celsius é ajustada ao nosso Exterior; mais quente no inverno, mais fresca no verão.

Nossa comedoria ficava no menos-nono andar, debaixo da Chongmyo Plaza. Em vez de janelas, as paredes eram enfeitadas com AdVs. Na parede leste ficava o elevador da comedoria; era a única entrada e saída. A norte, o escritório do Vedor; a oeste, a sala dos seus Auxiliares; a sul, a dormidoria das servidoras. Os igienizadores dos consumidores eram ingressados a nordeste, sudeste, sudoeste e noroeste. O Eixo ficava no centro. Ali os alimentandos pediam suas refeições; nós entrávamos seus pedidos, debitávamos suas Almas nas caixas, depois bandejávamos suas refeições. Sobre o Eixo eleva-se o Plinto do Papa Song's. Ali Ele performa suas cabriolas para divertir os alimentandos.

Cabriolas?

Faz várias mágicas 3-D; bebe isops de goiabangos com o dedo; malabara ambúrgueres quentíssimos; espirra mariposas. As crianças adoram Seu jeito delicado; e é claro que Suas servidoras também o adoram. Nós não conhecíamos nem pai nem mãe, só Papa Song, nosso Logomem corporativo.

Quantos funcionários trabalhavam na comedoria?

Cerca de catorze. Uma comedoria Papa Song padrão emprega um Vedor umano, dois ou três Auxiliares e abriga doze servidoras; normalmente três membros tipo quatro astes. No meu ano de caloura, tínhamos três Hwa-Soons, três Yoonas, três Ma-Leu-Das e três Sonmis; esse complemento bastava para atuar nas oras de pico. Quatrocentos consumidores podiam se sentar ao mesmo tempo, mas nas Nonas Noites e Décimos Dias vinham multidões tão grandes do Estádio Esportivo da Corpocracia que os consumidores comiam em pé.

Como é a rotina de uma servidora?

Ora quatro e meia, amarela. Entra estimulina no fluxo de ar para que nos levantemos dos catres. Fazemos fila para entrar no igienizador; então vaporbanhamos. De volta à dormidoria, vestimos uniformes limpos; então

nos reunimos em torno do Eixo com nosso Vedor e seus Auxiliares. Papa Song aparece em seu Plinto para as Matinas, e recitamos juntos os Seis Catecismos. Nosso Logomem então faz Seu Sermão. Um minuto antes da ora cinco, assumimos nossas posições em torno do Eixo.

O elevador traz os primeiros consumidores do dia. Durante dezenove oras recebemos alimentantes, entramos pedidos, bandejamos comidas, vendemos bebidas, destocamos condimentos, toalhamos mesas, enlatamos lixo, limpamos os igienizadores dos consumidores e rogamos a nossos onrados alimentantes que debitem suas Almas nos caixas do Eixo.

Vocês não têm períodos de descanso?

"Descanso" constitui roubo de tempo, Arquivista! Ora zero é a de recolher, claro, quando todos os consumidores já se foram. Limpamos cada centímetro da comedoria até zero trinta, então nos reunimos em torno do Plinto para as Vésperas, depois seguimos em fila até a dormidoria, onde absorvemos nossos sacos de Sabão. A zero quarenta e cinco, o soporifix já fez efeito. Menos de quatro oras depois, os solares amarelam e é ora de novo turno, e mais um dia começa.

É verdade que as fabricantes sonham, igual a nós?

É verdade, Arquivista, nós sonhamos, sim. Eu sonhava muito que estava vendo o Avaí banhado por suas águas turquesa; sonhava com a vida em Exultação; que estava sendo elogiada pelo Papa Song; sonhava com minhas irmãs, os consumidores, o Vedor Rhee e os Auxiliares. Temos também pesadelos, com alimentantes zangados, entupimentos nos alimentubos, colarinhos perdidos e desestrelamentos vergonhosos.

Com o que você tem sonhado aqui na prisão?

Cidades desconhecidas; perseguições em terras preto e branco; minha futura execução no Farol; eu estava sonhando com Hae-Joo Im na ora exata que o guarda me acordou para que você entrasse. Tanto lá no Papa Song's quanto aqui neste cubo, meus sonhos são o único fator imprevisível nos

meus dias e noites zonados. Ninguém os distribui nem os censura. Os sonhos são os únicos pertences de verdade que tive na vida.

As servidoras ficam imaginando como será o mundo maior fora da cúpula? Ou será que vocês acreditam que a comedoria constitui todo o universo?

Nossa cosmologia não é tão primitiva, nem nossa inteligência tão limitada. Víamos o Mundo Externo no AdV; Papa Song nos mostrava cenas de Exultação; e nós sabíamos que os consumidores e a comida que servíamos a eles tinham que vir de algum lugar.

Porém o Sabão atenua a curiosidade; preferimos não ficar imaginando coisas.

É difícil entender como se vive com tantos… imponderáveis.

Quando você tinha três ou quatro anos, Arquivista, seu pai desaparecia todos os dias numa esfera chamada “Trabalho”, não é verdade? Ele ficava no “Trabalho” até o recolher, mas você não ficava se preocupando com as dimensões, a localização ou natureza daquela esfera, porque suas preocupações tinham a ver apenas com o primeiro plano. É assim que as fabricantes internas encaram o lugar conhecido como “Lá Fora”.

Então você nunca quis entrar no elevador só para… para ver como era?

As suas perguntas são tão puro-sangue, Arquivista! Nenhum elevador funciona sem que aja uma Alma dentro.

É verdade. Você tinha alguma consciência do tempo? Do futuro?

Tinha: conforme reza o Catecismo Seis.

Quais os estados?

Um Ano, Uma Estrela, Doze Estrelas até a Exultação! No Sermão da Estrela na manhã do Ano-Novo, nossas irmãs dozestreladas faziam o sinal do cifrão, genuflectiam, depois iam para a Saída e embarcavam na viagem na Arca dourada de Papa Song. No 3-D nós as víamos de novo embarcando

para o Avaí; depois, assistíamos à sua chegada na Exultação; pouco depois, à sua transformação em consumidoras ativas e bem vestidas. Não usavam mais colarinho; elas nos mostravam sua Alma topázio no dedo; acenavam para nós lá daquele mundo além de nosso léxico. Butiques, salões de beleza, comedorias; mares verdes, céus róseos; flores silvestres, arco-íris, rendas, pôneis, casas no campo, bosques, borboletas. Como ficávamos admiradas! Como pareciam felizes nossas irmãs. Elas nos exortavam a trabalhar com afinco; ganhar estrelas com diligência; recuperar o Investimento; e nos juntarmos a elas na Exultação o mais depressa possível.

“O mais depressa possível”? Eu achava que sua vida de serviço era sempre de doze anos.

Se uma servidora dá parte de algum desvio de uma irmã, ela ganha uma estrela retirada do distintivo da desviante, e sua Exultação é antecipada em um ano. O desestrelamento é um desestímulo eficiente. Presenciei apenas um deles.

Ah, sim, a famigerada Yoona~939. Você se lembra de como a conheceu?

Lembro-me, sim. Minha primeira impressão foi negativa. As Ma-Leu-Das tendem a inspirar respeito nas calouras; as Hwa-Soons são mandonas conosco; as Yoonas parecem desligadas e aborrecidas, e Yoona~939 não era uma exceção. Eu queria fazer par com outra Sonmi, mas o Vedor Rhee dividiu os tipos de astes de modo uniforme em torno dos caixas do Eixo. Eu e Yoona~939 trabalhávamos lado a lado; também nossos catres na dormidoria ficavam lado a lado.

Minha opinião a respeito dela mudou no meu primeiro Décimo Dia. Ela não estava desligada, e sim alerta; seus olhos marfim não estavam aborrecidos, e sim eloquentes. Seu caráter interior tinha cores que me atraíam; ela reciprocava o meu desejo de amizade; ela me avisava quando se aproximava a ora de uma inspeção do Vedor Rhee; ela decifrava os pedidos dos alimentantes bêbados. Foi graças às lições intencionais e não intencionais que ela me deu que sobrevivi em meu período no Papa Song’s.

Essas “cores” que você mencionou eram resultado da ascensão dela?

As notas de pesquisa do estudante Boom-Sook eram tão caóticas que não pude verificar quando foi iniciado o experimento com Yoona~939; mas, com base em minha própria experiência, creio que a ascensão só liberta o que foi suprimido pelo Sabão. A ascensão não implanta traços que nunca estiveram presentes. Embora os puros-sangues se esforcem tanto para se convencer do contrário, as mentes das fabricantes são muito diferentes umas das outras, ainda que suas feições e seus corpos se assemelhem.

“Embora os puros-sangues se esforcem tanto para se convencer do contrário”? Por que você diz isso?

Escravizar um indivíduo perturba a consciência, mas escravizar um clone é a mesma coisa que possuir um forde de seis rodas do último tipo, produzido em massa. Na verdade, todas as fabricantes, até mesmo as que têm em comum o tipo de aste, são tão singulares quanto flocos de neve. O olho nu de um puro-sangue não consegue perceber essas diferenças, porém elas existem.

Quando foi que os desvios de Yoona~939 se tornaram patentes para você?

Perguntas de “quando” são problemáticas num mundo onde não á calendários nem janelas. O primeiro sinal externo da ascensão de Yoona foi sua fala. Isso começou por volta do Mês Seis. Primeiro, ela falava mais. O Catecismo não exige silêncio na dormidoria nem no igienizador, mas o Vedor Rhee nos censurava se falávamos sem motivo. Yoona começou a falar durante os momentos de tranquilidade no Eixo, ou durante a limpeza; falava sobre os consumidores, suas maneiras e roupas; contava mexericos sobre o Vedor e os Auxiliares. Até mesmo no igienizador, e no momento em que absorvíamos nosso Sabão. Todas nós achávamos graça, de início, até mesmo as Ma-Leu-Das.

Então a linguagem de Yoona foi se tornando mais complexa; ficou difícil de compreender. A orientação nos ensina o vocabulário de que precisamos para o nosso trabalho, porém as amnesíadas contidas no nosso Sabão

apagam as palavras aprendidas subsequentemente. A fala de Yoona era cheia de lacunas que não conseguimos registrar. Ela falava como um puro-sangue.

Que outros desvios se manifestaram?

Yoona-939 imitava as consumidoras. Quando limpava o igienizador dos alimentantes, Yoona fingia ser uma puro-sangue malcomportada. Ela bocejava, mastigava, espirrava, arrotava e agia como se estivesse bêbada. Ela cantarolava o Salmo de Papa Song com desvios absurdos. Ela tinha prazer em me fazer rir. O riso é uma blasfêmia anárquica. Os tiranos têm razão de temê-lo.

E quando foi que Yoona~939 violou um Catecismo em público?

Foi no Mês Oito que Yoona violou o Catecismo Cinco. É o que proíbe uma servidora de se dirigir a um alimentante sem ser convidada. Uma consumidora mãe e seu filho pequeno pediram nacarromos de alga, mas o conduto estava sobrecarregado e Yoona pediu que eles esperassem. O menino, entediado, perguntou por que algumas servidoras são perfeitamente iguais. A mãe explicou que éramos geradas num mesmo tanquiútero, como rabanetes na aula de biologia. Então o menino perguntou em que tanquiútero ele próprio tinha sido gerado. Dois canudinhos, a mãe perguntou, corando um pouco, ou três? O menino insistiu: quem cuidava dos bebês das fabricantes enquanto nós trabalhávamos ali? As fabricantes não têm bebês, respondeu a mãe, porque não querem. O menino pensou um pouco e depois perguntou se a tia Ae-Sook também era fabricante.

A mãe explicou que as fabricantes não se preocupam com dólares, provas, seguros, estratos que sobem ou descem, nem taxas de doenças e nascimentos. Com um gesto apontou para Yoona e para mim; essas clones sortudas, disse ela, trabalham só doze anos e aí se aposentam e vão para o paraíso do Avaí. É por isso que as servidoras sempre sorriem.

Disse Yoona: “Asneira, madame”.

Ela disse *isso* a uma consumidora? O que foi que a mulher fez?

Ela ficou tão espantada quanto você, Arquivista. Atônita, perguntou se Yoona estava se dirigindo a ela.

"Estou, sim." E Yoona não parou por aí. "Quero ver *a senhora* trabalhar nesse Eixo dezenove oras por dia, dez dias por semana, doze anos na vida; quero ver a *senhora* servindo consumidores malcriados, se submetendo a um Vedor, aos Auxiliares e a um Logomem; quero ver *a senhora* obedecendo aos nossos Catecismos; faça tudo isso e depois venha me dizer que as fabricantes são o estrato mais feliz do Estado. Nós sorrimos porque somos genomadas para sorrir. A senhora acha que somos 'felizes'? Eu só não dou fim à minha vida agora porque todas as facas nesta prisão são de plástico. Madame."

O menino arregalou os olhos para Yoona~939 e começou a soluçar.

A mãe agarrou o filho e foi correndo para a saída.

Por que a mãe não denunciou o desvio de Yoona~939, nem na ocasião nem depois?

Talvez ela tenha ficado paralisada pelo espanto; talvez fosse uma Abolicionista secretamente; talvez tenha mesmo registrado uma queixa, só que a Unanimidade a engavetou para proteger o experimento. Nunca vou saber o que ouve.

Ninguém mais testemunhou a transgressão?

Ma-Leu-Da~801 era a terceira irmã servindo a oeste. Ela "odiava" Yoona~939 por esta ser amiga das calouras e porque ela própria era uma Ma-Leu-Da odiosa. Ela deixou passar a explosão de Yoona, mas percebi uma expressão astuciosa em seu rosto. Implorei a Yoona que fosse mais cuidadosa, mas minha amiga reagiu com indiferença.

Com base na minha experiência pessoal, eu diria que as servidoras têm dificuldade de formular uma frase com cinco palavras. Como foi que Yoona desenvolveu suas abilidades verbais naquele mundo ermético?

A ascensão absorve linguagem como a terra seca absorve água. Palavras que você nem conhece saem da sua própria boca. Lembre-se, Arquivista, Yoona não era uma servidora comum, e nenhuma comedoria é verdadeiramente ermética. Toda prisão tem carcereiros, e os carcereiros são dutos. Durante a minha própria ascensão, também eu adquiri palavras, estruturas gramaticais e expressões idiomáticas novas, aprendidas com nosso Vedor e seus Auxiliares, com Papa Song, os AdVs, os alimentantes e suas sonys.

Uma pergunta mais geral. Você era feliz nesse tempo?

Felicidade significa ausência de privações? Se é isso, então os servidores, tal como gostam de crer os puros-sangues, são o estrato mais feliz da corpocracia. Mas se felicidade é conquistar a adversidade, ou a sensação de ser valorizada e realizada, então nós, todos os escravos de Nea So Copros, somos muito infelizes.

Não á escravos em Nea So Copros! Até a palavra foi abolida!

Arquivista: a sua juventude é genuína ou drogorvalhada? Por que você foi escalado para estudar o meu caso “sem precedentes”? Não quero ofendê-lo.

Você não está me ofendendo. Minha presença aqui resultou de um acordo. A Unanimidade insistia que uma erege não tinha nada a oferecer aos arquivos do estado além de sedição. Os genomistas pressionaram o Juche para implementar a Norma 54.iii contra a vontade da Unanimidade, mas não aviam contado com a presença de arquivistas seniores na plateia durante o seu julgamento, os quais concluíram que o seu caso era perigoso demais para arriscar suas reputações. Eu sou apenas um arquivista do oitavo estrato num ministério pouco influente, mas quando solicitei que fosse escalado para o seu caso, aprovaram meu pedido antes mesmo que eu pudesse mudar de ideia. É isso. O seu “confessor” acaba de se confessar.

Quer dizer que você está apostando toda a sua carreira no meu Depoimento?

É, é mais ou menos isso, sim.

Já aprendi a não esperar outra coisa de meus interrogadores senão dissimulação, mas sua franqueza é animadora.

Um arquivista dissimulado não serviria para nada! Poderia me falar um pouco sobre o Vedor Rhee? Ele desempenhou um papel importante na sua vida no Papa Song's e depôs contra você no julgamento. Que espécie de omem ele era?

O Vedor Rhee era um tipo corporativo até a medula. Seu principal objetivo na vida era atingir o estrato de exec na Papa Song S.A.; vã esperança. Ele já avia passado á muito tempo da idade em que os Vedores são promovidos a estratos que detenham poder de verdade. Rhee agarrou-se com unhas e dentes à ideia de que, se trabalhasse com afinco e tivesse uma ficha limpa, poderia obter o que desejava. Ele se recolhia no escritório na maioria das noites; era respeitoso com todos os alimentantes; se aviltava perante os superiores; era um carrasco com as fabricantes; e tratava com cortesia seus muitos corneadores, os quais ele tinha esperança de que o tirassem da obscuridade à medida que fossem subindo de estrato.

Você disse "seus muitos corneadores"?

É preciso compreender o Vedor Rhee no contexto de sua mulher. A sra. Rhee usava o marido como uma teta de dólares. Ela avia vendido sua cota de filhos omens anos antes, fazia investimentos inteligentes por conta própria e gastava o salário do marido com drogorvalhos e paisagismo facial, de modo que aos setenta anos passava por trinta. Ela visitava a comedoria para verificar os mais recentes Auxiliares masculinos. Certamente teve alguma influência na ierarquia do Papa Song's; Yoona~939 me disse que os Auxiliares que lhe prestavam favores eram promovidos para comedorias de maior prestígio. Os pobres rapazes que não a atendiam terminavam nas piores regiões da Manchúria.

Por que ela jamais usou essa influência para ajudar o marido?

Não conheço a mecânica interna do casamento deles, Arquivista, e não saberia especular. Dirija essa pergunta à sra. Rhee.

Mas por que o Vedor Rhee tolerava essa… umilhação constante?

Primeiro: sua mulher esbanjava glamour nas funções corporativas, compensando o déficit dele. Segundo: nunca ouve um Membro do Conselho divorciado. Terceiro: ele não tinha alternativa.

Yoona~939 chegou a ameaçar a ficha limpa do Vedor Rhee, na sua opinião?

Disso tenho certeza. Uma servidora que age como puro-sangue é um problema; os problemas atraem culpas; as culpas acabam chegando aos escalões superiores. Assim, quando o Vedor Rhee se deu conta dos desvios de Yoona~939, ele pulou a etapa do desestrelamento e convocou um Médico da corporação para reorientá-la. Foi um erro tático do tipo que explica por que a carreira do Vedor Rhee não foi brilhante. Yoona~939 foi aprovada no exame com nota máxima, e o Médico anunciou que ela estava funcionando tal como fora genomada. Ele prescreveu mais cinco miligramas de amnesíadas no Sabão dela; nada mais. A partir daí, se o Vedor Rhee disciplinasse Yoona outra vez, ele estaria implicitamente criticando um Médico sênior.

Quando foi que Yoona~939 fez de você uma cúmplice?

Yoona tentou explicar o significado de uma palavra nova, *segredo*. A ideia de saber uma coisa que ninguém mais sabia, nem mesmo Papa Song, era impensável. Assim, Yoona, uma noite, depois do nosso turno, quando estávamos vaporbanhando, prometeu me mostrar um segredo.

Quando acordei, não foi com as fortes luzes amarelas, e sim com Yoona me sacudindo à luz fraca da luminária de recolher. Nossas irmãs estavam em seus catres, imóveis, salvo por um ou outro espasmo pequeno.

“Siga-me”, Yoona ordenou, como se fosse um Vedor.

“Estamos em recolhimento”, respondi. “Tenho medo.”

“Não tenha. Siga-me.”

“Aonde vamos?”

“A um segredo.” Ela me levou da dormidoria até a cúpula. O silêncio terrível me assustou. Os vermelhos e amarelos eram tons de cinza e marrom. O Plinto de Papa Song era um objeto morto. Uma luz fraca vazava da porta do Vedor Rhee. Yoona abriu a porta; fiquei sabendo então que o medo da descoberta reside em todo segredo.

Nosso Vedor estava sentado com a cabeça encostada na mesa. A baba colava o queixo ao sony; os olhos por trás das pálpebras estremeciam de sono REM, e avia um gorgolejo preso em sua garganta. Todas Décimas Noites, disse-me Yoona, nosso Onorável Vedor fica na comedoria até o recolher. Ele diz aos Auxiliares que precisa adiantar o trabalho, mas na verdade ele absorve Sabão e dorme até amarelar. “O Sabão afeta os puros-sangues como uma droga.” Yoona chutou o ventre dele com toda a força; meu susto a fez rir. “Você pode fazer o que quiser, ele nunca acorda. Convive á tanto tempo com as fabricantes que é como uma de nós, ou quase.”

Yoona abriu a mesa do Vedor Rhee, pegou uma pequena chave prateada e me levou para o outro lado da cúpula, até a parede entre a entrada e o igienizador a nordeste. “O que você está vendo?”, perguntou Yoona. Nada, respondi. “Olhe outra vez, olhe direito.” Então vi uma linha fina e um ponto. Toquei no ponto; era um buraco. Yoona me deu a chave. Eu a inseri. A linha virou um retângulo, e uma porta se abriu. Aquela sala escura não dava nenhuma pista sobre o que avia dentro dela. Yoona tomou minha mão.

Esitei. Andar pela comedoria não era uma atividade desestrelável, mas entrar em salas desconhecidas certamente seria. Mas Yoona não me deixou voltar atrás. Genuflecti diante do cifrão três vezes e deixei que ela me puxasse para o outro lado. A porta se fechou com um estalo depois que passamos. O negrume cheirava a poeira, podridão e detergente velho. Yoona cochichou: “Agora, Sonmi, você está dentro de um segredo”. Uma lâmina de luz cortou a escuridão; vi um depósito estreito cheio de objetos esquecidos: cadeiras empilhadas; plantas artificiais; casacos, chapéus,

leques; um sol queimado; muitos guarda-chuvas. O rosto de Yoona; meus olhos. A luz doía. “A luz está viva?”, perguntei.

“A luz *é* a vida”, respondeu Yoona. Ela avia encontrado a lanterna deixada debaixo de uma mesa, e assim ela a escondeu no nosso Eixo e a levou para a sala secreta depois. Isso foi o que mais me chocou.

Por quê?

O Catecismo Três ensina que se uma servidora possui alguma coisa, até mesmo pensamentos, ela nega o amor que Papa Song demonstra a nós através do Seu Investimento. Perguntei a mim mesma: será que Yoona ainda observa *algum* dos Catecismos? Ela me mostrou uma caixa de metal de brincos descasados, pulseiras e colares. Correu uma tiara de esmeralda por entre suas tranças, e pendurou no meu pescoço um colar de pérolas-vacínios. Perguntei como Yoona avia encontrado a sala secreta.

“Curiosidade”, ela respondeu.

Eu não conhecia a palavra. “Curiosidade é uma lanterna ou uma chave?”

Yoona disse que era as duas coisas. Então mostrou-me o maior tesouro de todos. “Este livro”, disse ela, num tom de reverência, “mostra o Lá-Fora, tal como ele é na verdade.”

Então Yoona sabia ler como os puros-sangues, além de saber falar como eles?

Fiz a mesma pergunta; ela respondeu, com tristeza, que não. Mas ficamos lendo as imagens. Uma delas mostrava uma sala iluminada por velas cheia de puros-sangues com mantos gloriosos e vestidos reluzentes. Fiquei ipnotizada. Por que as imagens não se mexiam como as imagens nos sonys dos alimentantes? Yoona especulava que o livro estava quebrado; era por isso que seu dono o avia abandonado.

O livro tinha muitas imagens: uma servidora imunda servindo três irmãs feias; uma bruxa branca cobrindo-a de estrelas, transformando-a numa dama como a sra. Rhee; um puro-sangue bonito atravessando uma floresta cheia de galhos espinhosos com uma espada; sete fabricantes de meio tamanho carregando umas facas estranhas atrás de uma moça de saia

branca; uma casa feita de confeitos; um cavalo-marinho penteando o cabelo de uma sereia; castelos, espelhos, dragões. É claro que naquele momento não sabíamos identificar a maior parte desses objetos. A maioria das palavras que estou usando nesta entrevista eu não poderia ter usado quando era uma servidora.

Tantas estranhezas num único recolher toxicaram minha cabeça. Yoona apontou a lanterna para um rolex, e disse que já era ora de voltar para a dormidoria antes que amarelasse. Da próxima vez, prometeu, me mostraria mais coisas.

Ouve uma próxima vez?

Certamente. Dez Décimas Noites, ou quinze, nas quais Yoona me acordava e me levava até seu segredo. A cada vez eu jurava que seria a última. A cada vez eu me deslumbrava com novos tesouros. Quando chegou o inverno, era só durante nossas visitas clandestinas à sala dos tesouros que minha amiga se tornava o ser animado que eu conhecia. Folheando o Livro do Lá-Fora, ela manifestava dúvidas que abalavam minha fé em todos os aspectos daquilo que eu antes considerava verdade.

Que formas assumiam essas dúvidas?

Dúvidas sobre as certezas do mundo dos fabricantes. Como podia Papa Song estar em cima do seu Plinto na Papa Song’s da Chongmyo Plaza e estar ao mesmo tempo caminhando nas praias da Exultação? Por que os fabricantes nasciam com dívidas, mas os puros-sangues não? Quem decidira que o Investimento de Papa Song levava doze anos para ser pago? Por que não onze? Seis? Um?

Como você reagia?

Eu suplicava a Yoona que parasse de cometer esses crimes de blasfêmia. Temia que ela fosse reorientada. Temia ser eu própria desestrelada por não judasá-la. Porque as dúvidas de Yoona acusavam Papa Song de mentiras terríveis. Yoona admitiu que era justamente isso que ela tinha feito naquela

noite, antes de me mostrar seu segredo. Ela se colocou diante do Seu Plinto e disse: *mentiroso*. Só para ver o que aconteceria.

"Não aconteceu nada", disse Yoona, "absolutamente nada. Por isso eu me pergunto: será que o nosso Logomem existe mesmo?"

Receitei meus Catecismos com mais fervor do que nunca; rezei a Papa Song para que Ele curasse minha amiga; implorei a Yoona que fingisse ser normal. Tudo em vão; seu comportamento foi ficando cada vez mais puro-sangue a cada dia que passava. Em breve até mesmo o Vedor Rhee seria obrigado a tomar medidas decisivas. Yoona assistia aos AdVs enquanto recolhia os objetos e limpava as mesas. Nossas irmãs fabricantes a evitavam. Yoona~939 não se importava. Uma noite, na sala secreta, ela me confidenciou que queria ir embora da comedoria; e queria também que eu fosse com ela. Os puros-sangues nos forçam a viver debaixo da terra, disse Yoona, para que eles possam aproveitar os lugares bonitos da superfície sem ter que dividi-los conosco.

Eu nunca seria capaz de cometer um desvio tão terrível, respondi a ela. Recitei o Catecismo Seis. Yoona~939 reagiu com raiva. Disse que eu era uma boba e uma covarde tal como as minhas irmãs.

Mas duas servidoras internas fugirem de sua corp, sem ajuda de ninguém, isso seria… uma loucura completa. A Unanimidade averia de capturar vocês em cinco minutos.

Como poderia Yoona~939 saber tal coisa? Seu Livro do Lá-Fora prometia um mundo de beleza, espaço e esconderijos.

Começou o inverno do meu ano primeirestrelado. Os consumidores batiam suas nikes para soltar a neve ao entrar, e tínhamos de passar um esfregão no chão regularmente. Yoona deteriorou, sucumbiu a um mal-estar supino. A ascensão cria uma fome tão forte que termina por consumir a mente.

Ouve algum fator que desencadeou o desvio de Yoona~939, ou… a coisa simplesmente aconteceu do nada?

O desvio era uma inevitabilidade aguardando algo que o desencadeasse. Durante o Sexteto de Ano-Novo, quando todos os dias traziam multidões de consumidores, o Vedor Rhee veio até o Eixo e repreendeu Yoona por saudar os chegandos com pouco entusiasmo. Mandou-a recitar as Boas-Vindas de Papa Song cinquenta vezes: “Oi! Eu sou Yoona! Veja nosso cardápio, faça seu pedido! É mágico, dá água na boca, é Papa Song’s!”.

O Vedor Rhee deixou que Yoona chegasse ao número quarenta e cinco, para então mandá-la começar outra vez. “O fato de que você é um clone sem Alma não justifica os defeitos de atitude. Se voltar a violar o Catecismo Quatro, vou mandá-la para a reorientação, para ser transformada em fertilizante!”

Eu temia que Yoona cometesse um crime desestrelável, porém ela recitou a saudação cinquenta vezes e recebeu a aprovação do Vedor Rhee; só eu percebia o esforço que aquilo lhe custava. Nosso Vedor voltou para sua sala, satisfeito com a impressão de autoridade que avia causado aos alimentantes em fila.

“Melhor ser um clone sem Alma”, disse Yoona friamente depois que lhe deu as costas, “do que ser uma barata com Alma.”

Rezei a Papa Song, pedindo que ninguém a ouvisse; minhas preces não conheciam outro destino. Mas por que averia Ele de ajudar minha irmã ingrata? Então vi Ma-Leu-Da~108 cochichando algo para o Auxiliar Cho. O Auxiliar levou Ma-Leu-Da~108 para a sala do Vedor Rhee.

Alguma coisa muito ruim ia acontecer.

Você comunicou seus temores a Yoona~939?

Minha irmã tinha ascendido tanto que não se via mais num estrato inferior ao do Vedor Rhee. Naquela noite, depois do Último Catecismo, nosso Vedor ficou a circundar o Eixo com ar lúgubre. Uma de nós avia desonrado seu uniforme, ele anunciou. Teria ela coragem de confessar seu crime?

O Vedor Rhee parou diante de Yoona.

“Mas você deve ser uma barata”, foi dizendo Yoona. “Pense nisso. Isso explica por que você come Sabão: as baratas comem qualquer coisa. Explica por que você causa nojo nos seus Auxiliares e na sua esposa: as baratas são repulsivas. E explica por que você anda arrastando os pés e por que sua pele é brilhosa: as baratas arrastam os pés e são brilhosas.”

Nós, servidoras, não conseguíamos acreditar no que estávamos ouvindo.

O Vedor Rhee abriu sua pasta. “Certo.” De dentro tirou o Livro do Lá-Fora. Uma por uma, foi arrancando as figuras. “Veja só”, e rasgava, “como as *baratas*”, e rasgava, “estragam os seus segredos”, e rasgava, “os seus tesouros”, e rasgava, “o seu futuro.”

Yoona~939 agarrou o livro; o Vedor Rhee era um omem pesado. Prendeu a cabeça de minha amiga debaixo do braço e bateu-a contra o Plinto, repetidamente, até ela ficar mole e perder os sentidos. Rhee chutou-a até ficar roxo com o esforço. Yoona agora estava esmagada, ensanguentada, quase irreconhecível. “*Olhem para ela*”, ele rosnou, para nós, apavoradas. “Isso é o que acontece com os clones que ficam com ideias acima de seu estrato. Esta *desviante* vai ser enviada para a reorientação amanhã de manhã.” O Vedor Rhee abaixou-se, pisou com sua nike no rosto dela e arrancou-lhe o colarinho. O código de barras permaneceu implantado na traqueia. O Vedor inseriu uma única estrela suja de sangue no colarinho de Ma-Leu-Da, sem dizer nada. Então esmagou nove anos de trabalho de Yoona~939 com seu calcanhar.

Ma-Leu-Da não parecia satisfeita com seu prêmio. Aquilo era muito diferente da alegre Cerimônia das Estrelas. O Auxiliar Cho mandou que duas Hwan-Soons arrastassem minha amiga desacordada para a dormidoria. Fui encarregada de limpar do chão o sangue de Yoona.

Então os Vedores podem danificar a propriedade da corp com impunidade?

Os Vedores fazem o que querem com as fabricantes, teoricamente. Na prática, ao desfigurar uma servidora, a posição de Rhee na ierarquia foi prejudicada. Yoona~939 foi incapacitada no período de maior movimento em todo o ano. Não avia médicos disponíveis. O transporte para a

Reorientação não pôde ser feito durante o Sexteto de Ano-Novo. Ela foi mantida inconsciente em seu catre, recebendo Sabão no soro.

Mas o desvio de Yoona~939 na véspera de Ano-Novo foi muito além disso. Você pode relatar o evento do seu ponto de vista?

Eu estava limpando mesas na parte alta do meu quadrante; minha visão era desimpedida. O Auxiliar Cho estava servindo no Eixo para substituir nossa irmã danificada. Avia uma festa de crianças no leste. Balões de gás, serpentinas e chapéus de festa enchiam o espaço perto do elevador. Canções pop e o ruído de centenas de alimentantes ecoavam por toda a cúpula. Papa Song soltava éclairs 3-D por cima das cabeças das crianças; elas tentavam agarrá-los e eles voltavam para a língua de cobra do nosso Logomem. Eu pensava em Yoona; temia que ela achasse que eu a tivesse judasado. A porta da dormidoria se abriu, e apareceu Yoona~939, machucada e inchada.

Mancando, ela foi em direção à festa ao leste. Eu sabia o que ela estava fazendo. Apesar de seu aspecto perturbador, foram poucos os alimentantes que desviaram o olhar de sua refeição, de seu sony ou do AdV; os consumidores que a viram apenas apontaram, porém não levantaram alarme. Quando Yoona pegou no colo um menino de jardim da infância com traje de marinheiro, as pessoas acharam que era mais uma empregada fabricante que avia caído em desgraça com sua patroa.

A Mídia divulgou que Yoona roubou a criança para usá-la como escudo umano.

A Mídia divulgou o que a Unanimidade mandou que ela divulgasse. O Livro do Lá-Fora era uma coletânea de istórias de fada, e não um manual para terroristas. Sabe, Arquivista, Yoona realmente acreditava que o elevador a levaria ao reino mágico daquelas ilustrações. Chegando à superfície, ela pretendia desaparecer em arvoredos secretos e colinas aveludadas. Levou a criança apenas porque o elevador não funcionaria para uma fabricante sem Alma. Ela o poria de volta no elevador; não ia pedir resgate, nem usá-lo como escudo, nem comê-lo e depois cuspir fora os ossos.

Ela não tinha falado com você sobre sua tentativa de fuga?

Yoona não falava mais nada comigo. Agindo sozinha, levou o menino assustado para a escada rolante. Não me viu. A mãe da criança, porém, viu Yoona no momento exato em que as portas se fecharam; o grito dela fez cessar todo o ruído da comedoria. Ouve uma explosão de isteria; bandejas largadas no chão, milk-shakes derramados, puros-sangues em pânico; um agente da lei que não estava em serviço tirou seu colt da bainha; entrou no meio da multidão e, gritando, pediu calma.

O Vedor Rhee apareceu à porta de sua sala, escorregou no chão molhado e desapareceu no meio do caos de consumidores em pânico. Enquanto isso, Papa Song continuava a surfar em ondas de macarrão em Seu Plinto.

O Auxiliar Cho gritava em seu sony de mão.

Boatos se multiplicavam de modo exponencial; uma Yoona avia sequestrado um menino; não, um bebê; não, um puro-sangue avia sequestrado uma Yoona; um agente da lei dera um tiro num menino; não, uma fabricante dera um tiro num agente da lei; uma Yoona dera um soco no Vedor, vejam, o nariz dele está sangrando.

“O elevador!”, gritou alguém. “Ele está vindo!”

O pandemônio deu lugar ao silêncio.

O agente da lei pediu espaço, acocorou-se, apontou o colt para as portas.

Os alimentantes rapidamente saíram da sua frente.

As portas do elevador se abriram. O menino estava encolhido num canto, tremendo; sua roupa de marinheiro não estava mais branca, mas ele parecia intacto. O corpo de Yoona~939 já era uma massa de furos de balas.

Eu também vi essa imagem, Sonmi. Quando cheguei em casa do ministério naquela noite, meus colegas de dormidoria estavam com os olhos pregados no sony. A maior parte da Nea So Copros estava assistindo. A istória foi repetida vez após vez, um vídeo captado por uma nikon na Chongmyo Plaza mostrando o agente da lei eliminando a Yoona desviante. Não conseguíamos acreditar. Estávamos certos de que uma terrorista da União avia feito paisagismo

facial para ficar parecendo uma servidora. Quando a Unanimidade confirmou que Yoona~939 era uma fabricante de verdade…

Você pensou que o mundo nunca mais seria o mesmo. Você jurou que nunca mais confiaria numa fabricante. Você compreendeu que o Abolicionismo pregava um dogma tão insidioso e perigoso quanto a União.

É, pensei tudo isso, e coisas ainda piores. O que aconteceu no interior da sua cúpula?

As duas outras Yoonas foram escoltadas para a dormidoria antes que os consumidores enfurecidos as despedaçassem. A comedoria foi evacuada quadrante por quadrante, de modo organizado. A Unanimidade chegou para entrevistar as testemunhas. Limpamos a cúpula e, pela primeira vez em nossas vidas, comemos Sabão sem Vésperas.

Quando amarelou, realizamos nossos rituais matinais. Sem a presença de Yoona~939, o ambiente estava tranquilo; nenhuma de nós disse palavra. Papa Song pregou seu Sermão Anti-União nas Matinas.

Fiquei espantado de saber que um Logomem falou a suas fabricantes a respeito da existência da União.

Para você ver o nível de pânico. Seu Sermão talvez tenha sido para consumo da Mídia. A cabeça de Papa Song enchia metade da cúpula; nós estávamos dentro de sua mente. Seu rosto estava cheio de dor e raiva. As Hwan-Soons tremiam; até mesmo os Auxiliares pareciam assustados. O Vedor Rhee parecia pálido e doente.

Você pode deixar registrado nos nossos arquivos o que disse Papa Song?

Ele disse que o Ano-Novo costumava ser uma ocasião festiva, quando as dozestreladas terminavam de pagar Seu Investimento e ficavam livres para embarcar rumo à Exultação. Este ano, porém, ele tinha uma notícia terrível para dar.

Existe no mundo um gás chamado mal, disse Papa Song. Quando os puros-sangues respiram esse gás, eles mudam. Transformam-se em terroristas. Os terroristas odeiam tudo o que é bom: a Unanimidade, o Papa

Song, os fabricantes trabalhadores, até mesmo o Amado Presidente da Nea So Copros e sua Juche. Os terroristas têm uma corp chamada União. A União quer se tornar a mais poderosa corp da plutocracia, transformando os consumidores em terroristas; matando os consumidores que a eles se oponham.

No Papa Song's da Chongmyo Plaza, nosso Logomem contou que um terrorista da União avia soltado o mal no mundo, e Yoona~939 o avia respirado. Sua voz ressoava de desespero; seus olhos estavam ocos de tristeza. Teria Yoona~939 denunciado o terrorista a seu Vedor ou a um Auxiliar? Não, Yoona~939 não o fizera: ela avia respirado o gás mau; e ontem essa servidora avia cometido um desvio de tal modo criminoso que, não fosse a perícia do agente da Unanimidade que estava passando pela Chongmyo Plaza, o filho inocente de uma consumidora agora estaria morto. A criança sobrevivera, mas a confiança dos puros-sangues nos fabricantes tinha morrido; e junto com ela também morrera a fé dos consumidores nas comedorias de Papa Song. No ano difícil que tínhamos pela frente, concluiu Papa Song, precisávamos trabalhar juntos e trabalhar com muito afinco, para recuperar aquela confiança.

Se algum puro-sangue mencionasse o nome "União" para nós, *por mais longas que estivessem as filas*, devíamos falar com nosso Vedor imediatamente. Esse era um novo Catecismo, mais forte do que todos os outros. Se obedecêssemos, Papa Song nos amaria. Se desobedecêssemos, jamais chegaríamos à Exultação; permaneceríamos para sempre na condição de calouras e nunca receberíamos uma única estrela de trabalho.

Avíamos compreendido?

Ouviram-se vozes murmurando "Sim, Papa Song" em torno do Eixo.

"Não estou ouvindo vocês!", nosso Logomem nos exortou.

"Sim, Papa Song!" Todas as fabricantes gritavam. "SIM, PAPA SONG!"

Yoona~939 não era membro da União, conforme afirmou o Tribunal Corpocrático?

Como e quando a União poderia tê-la recrutado? Por que motivo um Unionista se arriscaria desse modo? Qual o interesse que uma servidora

genomada poderia ter para um grupo terrorista?

Então depois do Sermão… o Ano-Novo foi de trabalho como sempre?

Trabalho, sim, mas não como sempre. As duas dozestreladas, Hwa-Soon e outra Sonmi, foram escoltadas para o Lá-Fora pelo Vedor Rhee. Ele voltou com duas calouras, servidoras do novo tipo de aste, Kyelim~889, Kyelim~689 e uma nova Yoona. E recebemos nossa estrela anual, que o Auxiliar Ahn inseriu em nosso colarinho.

Quando o primeiro elevador se abriu, um bando de Mídias entrou, fazendo flashes com suas nikons e sitiando a sala do Vedor Rhee. Ele havia passado todo o recolher sendo interrogado no escalão de Papa Song. Só conseguiu convencê-los a ir embora depois de colar uma identidade de ~939 no colarinho de outra Yoona e deixar que eles a soniassem. Alguns consumidores de mau gosto vieram se nikonizar fingindo de mortos dentro do elevador. Por volta da ora dezesseis, um pelotão de Médicos de Papa Song chegou. Cada servidora foi examinada exaustivamente. Fomos interrogadas a respeito da União, mas nenhuma de nós ouvira falar naquilo antes do Sermão daquela manhã. Eu temia que minhas visitas à sala secreta na companhia de Yoona~939 me pusessem em perigo, mas ao que parece ninguém sabia delas. Apenas meu sinal de nascença provocou alguns comentários de passagem.

Eu não sabia que os fabricantes tinham sinais de nascença.

Não temos, não: eles são desgenomados. Todo Médico que vê o meu fica perplexo. Meu sinal de nascença sempre me deixa constrangida quando exposto. Ma-Leu-Da~108 o chamava de “a mancha de Sonmi~451”. Veja, Arquivista, é entre a clavícula e a omoplata: aqui.

Por favor, mostre para a rogativa. Extraordinário. Parece um cometa.

Hae-Joo Im fez a mesma observação.

Então, imagino que você tenha sido aprovada no exame do Médico?

Fui aprovada, sim. Nas Vésperas, ninguém falou na União nem em Yoona~939. As amnesíadas e o soporifix no nosso Sabão foram intensificados. Já no segundo amarelar do novo ano, Ma-Leu-Da~108 não saberia dizer como avia obtido sua estrela de trabalho adicional, nem mesmo saberia que era uma estrela adicional. Só eu me lembrava de tudo.

O Vedor Rhee manteve seu cargo?

Sim. Hae-Joo Im pesquisou os resultados do evento para mim. Rhee sobreviveu ao desvio de Yoona afirmando no inquérito que avia pedido um relatório médico urgente sobre Yoona~939 meses antes. Mas os lucros caíram em toda a Papa Song Corp; o número de alimentantes na comedoria da Chongmyo Plaza diminuiu. Os puros-sangues gostam de repetir o aforismo segundo o qual nunca cai um raio duas vezes no mesmo lugar; se bem que eles muitas vezes agem como se acreditassem no contrário.

Os puros-sangues também têm memória fraca; logo esquecem que caiu um raio em determinado lugar, principalmente quando o estômago deles está em questão. Já no Segundo Mês, o número de alimentantes avia voltado aos níveis médios. As Kyelims eram a nova atração; genomadas com olhos zooscópicos e dentes de coelho, elas atraíam longas filas de observadores de fabricantes munidos de nikons. As Ma-Leu-Das ficaram com inveja.

As memórias dos servidores são genomadas para serem fracas, e segundo você ouve um acréscimo de amnesíadas no Sabão. Como então você consegue se lembrar do que aconteceu na comedoria com tantos detalhes?

Uma resposta simples para uma pergunta simples: minha própria ascensão avia iniciado. Entendi o que estava acontecendo com base nos sintomas de Yoona~939. Já antevejo sua próxima pergunta, Arquivista: você quer que eu explique como é essa experiência.

Prossiga.

Primeiro, uma voz começou a falar dentro da minha cabeça. Fiquei muito assustada, até que me dei conta de que ninguém mais a ouvia; a voz da consciência. A ascensão era uma experiência apavorante, especialmente depois do que avia acontecido com Yoona~939. Por toda a Nea So Copros, os puros-sangues estavam examinando o comportamento dos fabricantes, tentando encontrar sinais de inteligência indevida e denunciando-os para serem reorientados, centenas de denúncias por semana.

Segundo, minha linguagem evoluiu, tal como avia acontecido com Yoona~939. Quando eu queria dizer "bom", minha boca enunciava *favorável, agradável* ou *correto*. Aprendi a revisar e modificar cada palavra que utilizava.

Terceiro, minha curiosidade a respeito do Lá-Fora aumentou. Eu ficava bisbilhotando os sonys dos alimentantes, as conversas deles, os AdVs, os boletins meteorológicos, os discursos dos Presidentes dos Conselhos.

Quarto, sofri um isolamento: as outras servidoras me evitavam, tal como aviam feito com Yoona~939 — as irmãs percebem, embora não saibam que sabem; a monotonia desacelerava o tempo; passei a odiar as ondas de consumidores vomitadas pela boca do elevador; as dúvidas de Yoona sobre nosso mundo me obcecavam, incessantemente. E se Papa Song não fosse nosso pai, e sim um AdV?

Que inveja eu sentia de minhas irmãs que nada criticavam e nunca se preocupavam! Eu não ousava falar sobre minha metamorfose com nenhuma delas.

Você sabia o que não devia fazer. O que pretendia fazer?

O que fazer, senão esperar e suportar?

Duas ascensões, lado a lado, apontavam para um programa com um objetivo. Eu tinha de evitar a reorientação, ou um destino como o de Yoona~939, para descobrir qual seria esse objetivo. Assim, passei a examinar as outras fabricantes a fim de imitar desesperadamente seu ar neutro. Eu obedecia a todos os Catecismos, principalmente quando o Vedor Rhee estava presente. Não era fácil. O medo endurece a cautela, mas o tédio

a enfraquece. Eu não ousava visitar a sala secreta de Yoona, porque ela não era um segredo, e sim uma armadilha.

E por quanto tempo você teve de suportar sua ascensão secreta?

No Quarto Mês, Última Semana, Nona Noite, acordei durante o recolher. Não ousei sair de nossa dormidoria para passar o tempo. Tudo o que me restava a fazer era aguardar o amarelar ou então voltar a dormir. Porém ouvi, vindo da cúpula, um som fraco, mas nítido: vidro quebrando.

Esforcei-me para ouvir mais: nada.

Minhas irmãs dormiam em seus catres. Quem mais estaria na cúpula? Apenas o Vedor Rhee.

Em silêncio, levantei-me e fui andando até a porta da dormidoria. Girei a maçaneta e fixei o olhar na comedoria escura. Uma luz branca vinha da sala do Vedor Rhee. Pela porta aberta eu o vi, imóvel; seu rosto estava encostado no chão; sua cadeira estava caída. Atravessei a cúpula, agachando-me nas sombras até certificar-me de que o Vedor Rhee estava desacordado. Suas pupilas aviam desaparecido em suas íris de puro-sangue. Fios de sangue atravessavam seu rosto abatido, saindo da orelha e das narinas. Em torno dele, cacos de vidro brilhavam na luz.

Ele estava morto?

Senti cheiro de letes, um soporifix acrescentado ao Sabão. A dose normal para uma servidora é três gotas, mas Rhee avia bebido meio litro. Se eu tivesse chamado um Médico imediatamente, talvez fosse possível salvar sua vida. Mas como explicar minha intervenção? Toda a corpocracia estava atenta para a possibilidade de outro fabricante ascender; seria a prova de um complô da União. Salvar um omem derrotado de um suicídio indolor ou proteger-me de uma reorientação dolorosa e ser obrigada a recomeçar minha vida mais uma vez como uma zerestrelada?

Voltei a meu catre.

Essa decisão lhe causou algum sentimento de culpa?

Não. Sentia apenas um mau presságio, porque a noite ainda não avia terminado. Não sei quanto tempo passou, porém ouvi um elevador chegar. Em seguida, ouvi passos. Senti que vinham me pegar; mas permaneci imóvel. Veio o amarelar, mas minhas irmãs permaneciam dormindo em seus catres. Não senti nenhum cheiro de estimulina no ar. O Livro de Yoona mostrava um palácio cheio de puros-sangues e criados que aviam adormecido enquanto comiam, costuravam, cozinhavam. Pensei naquela figura.

Então ouvi um pequeno ruído no silêncio. Um fósforo? Depois, o barulho de uma sony a rodar. Levantei-me, fui na ponta dos pés até a porta e olhei para fora da dormidoria. As luzes da cúpula estavam semiacesas, mas não avia consumidores; nenhum Auxiliar tinha vindo para o trabalho; Papa Song não estava em Seu Plinto, recitando as Vésperas.

Apenas um omem de terno escuro, com uma xícara de café, escrevendo naquela luz estranha. Nós nos entreolhamos; por fim ele me desejou bom-dia, dizendo que esperava que eu estivesse me sentindo melhor do que o pobre Vedor Rhee.

Um agente da lei?

Era um motorista, conforme me disse. Chamava-se sr. Chang. Pedi desculpas; não sabia o que era “motorista”.

O visitante silencioso explicou que os motoristas dirigem fordes para os Presidentes de Conselhos e execs. Os motoristas às vezes atuam como mensageiros. O sr. Chang trazia uma mensagem para mim, para Sonmi~451, enviada pelo seu próprio Vedor. A mensagem propunha duas opções: eu podia sair da comedoria naquela manhã mesma, ir para o Lá-Fora e pagar meu Investimento de uma maneira diferente; ou eu podia permanecer no Papa Song’s, esperar que o Auxiliar Cho descobrisse o Vedor Rhee, chamasse agentes da lei e seus farejadores de DNA; e, quando minha ascensão fosse descoberta, eu teria que arcar com as consequências.

Não avia muito que escolher.

Era a primeira escolha da minha vida, e foi mais fácil do que a maioria das outras que tive de fazer depois dela. O sr. Chang dobrou sua sony, pôs sua xícara de café no duto de lixo e fomos andando até o elevador; era ainda menor do que o igienizador das servidoras, mas para mim era um tremendo portal. Pensei em Yoona~939 caída naquele canto depois de ser baleada. Olhei para o Eixo do outro lado da cúpula vazia. O sr. Chang me disse qual botão eu deveria apertar para ascender. As portas da minha vida antiga se fecharam.

Meu torso pesou sobre minhas pernas subitamente fracas, e caí. O sr. Chang me segurou. Yoona teria caído e largado o menino quando passou por essa mesma ascensão. O sr. Chang me garantiu que todos os fabricantes subterrâneos sentiam um desconforto igual quando ascendiam num elevador pela primeira vez. Lembrei-me de cenas do Livro do Lá-Fora para conter minha náusea. Dos rios com teias de aranha, das florestas oceânicas, das cavernas, das torres contorcidas. Quando o elevador diminuiu a velocidade, tive a sensação de que meu torso subia no ar.

“Chegamos ao térreo”, anunciou o sr. Chang.

Abriram-se as portas do Lá-Fora.

Quase sinto inveja de você. Por favor, descreva exatamente o que viu.

A Chongmyo Plaza antes do amanhecer de um Quarto Mês. Como parecia enorme! Minha cabeça rodopiava, depois de uma vida inteira dentro da cúpula, embora a praça tenha menos de quinhentos metros de diâmetro. Em torno dos pés eternos do Amado Presidente, consumidores andavam apressados; varredores de calçada zumbiam; táxis levavam passageiros; fordes expeliam fumaça; caminhões de lixo andavam lentamente junto ao meio-fio; avenidas com oito pistas de largura, margeadas por sóis em postes, recobertas por toldos, cercadas de concreto e vidro; AdVs luminosos e ruidosos; palavras, logos; neonizados, ampeados; sirenes, motores, máquinas, circuitos; dutos subterrâneos roncando; luzes de todas as intensidades em todos os ângulos.

Eu não tinha nomes suficientes para o que estava vendo.

Minha pergunta reduziu-se a “O que…?”

Deve ter sido acachapante.

Acachapante: a palavra exata. O ar de muitos sabores do Lá-Fora; fumaça, kimchi, esgoto, corpos de consumidores. Uma consumidora que corria tirou um fino de mim, “Cuidado, clone!”. Foi embora antes que eu tivesse tempo de pedir desculpas. Meu cabelo foi despenteado pelo sopro de um arcon gigantesco, invisível.

“As ruas canalizam o vento”, explicou o sr. Chang, me guiando pela calçada em direção a um forde espelhado. Três estudantes estavam admirando o veículo; eles se juntaram ao fluxo de consumidores quando o sr. Chang se aproximou. A porta de trás silvou e abriu-se. Um motorista fez sinal para que eu entrasse.

Um passageiro barbudo estava sentado no interior amplo do forde, trabalhando no seu sony. Ele exsudava autoridade, como se fosse um Logomem, só que muito mais. Fiquei de cócoras junto à porta, vendo-o flexionando os dedos, observando seu rosto idoso, aguardando suas ordens. O sr. Chang deu a partida no motor e entrou no trânsito. Da janela de trás fui vendo os arcos dourados do Papa Song sumirem no meio de centenas de outros logos de corps. Alguns eu conhecia do AdV; a maioria eu jamais vira. Fiquei abismada diante daquela cidade de símbolos novos que passava diante de meus olhos. Fordes aceleravam e desaceleravam junto ao nosso. Que Vedor impediria que acontecessem milhares de colisões fatais por minuto? O forde freou e me desequilibrei. O omem barbudo murmurou que ninguém se incomodaria se eu me sentasse.

Sem saber se ele tinha dado uma ordem, ou talvez até preparado uma armadilha, pedi desculpas por não conhecer o Catecismo adequado.

“Meu colarinho é Sonmi~451”, disse eu, porém ele me ignorou, esfregou os olhos cansados e pediu ao sr. Chang que lhe desse um boletim meteorológico. Calor, céu claro com brisas, respondeu o motorista, acrescentando que os engarrafamentos eram abundantes e nossa viagem

duraria aprox noventa minutos. O omem barbudo consultou o rolex e soltou uma imprecação.

Não avíamos avançado muito quando um ruído enorme desabou sobre nós; apavorei-me, achando que Papa Song tinha vindo me punir por eu ter abandonado seu serviço. Mas o ruído foi se afastando, e pela janela de trás vi o ventre de uma máquina preta que pairava no ar. O passageiro dirigiu-se ao sr. Chang: seria a Lei, a Unanimidade ou apenas um Presidente de Conselho querendo mostrar a todos os cidadãos de estratos inferiores que eles estavam à sombra de alguém para quem eles teriam de fazer fila? O sr. Chang acreditava mais na segunda ipótese.

Por que você não perguntou aonde estava sendo levada?

Por que fazer uma pergunta cuja resposta exigiria mais dez perguntas? Lembre-se, Arquivista, de que eu nunca tinha visto o exterior de um prédio, nem sequer andado em nenhum meio de transporte; e lá estava eu, percorrendo uma avenida que atravessava a segunda maior conurbe da Nea So Copros num forde espelhado. Eu era menos uma turista indo de uma zona para outra do que uma viajante do tempo vinda de um século já remoto. O forde deixou para trás o dossel urbano perto da Moon Tower, e vi pela primeira vez o nascer do sol Lá-Fora atrás dos montes Kangwon-Do. Aquela cena me ipnotizava e ao mesmo tempo me deslumbrava; o Sol Verdadeiro do Primeiro Presidente Imanente, sua luz derretida, petronuvens e Sua cúpula de céu, altíssima, larguíssima! Olhei para o lado para ver no meu companheiro de viagem um reflexo do meu deslumbramento, porém ele estava cochilando. Eu não conseguia entender como toda a conurbe não parava para contemplar tanta beleza.

O que mais atraiu sua vista?

Embaixo do dossel, lá atrás, os prédios ficaram mais baixos, e passamos por um jardim de orvalho. Verde de pluma, folha, musgo; verde de água de lago, verde de gramado. Uma enorme extensão, em torno de repuxos que dervixavam. No Papa Song’s o único verde era o dos quadrados de alface e

dos shakes de clorofila; nós, servidoras, pensávamos que o verde era tão precioso quanto o ouro. Arco-íris mangavam as janelas do forde. A avenida era ladeada de dormiquadras, cada uma delas enfeitada por uma bandeira rígida da Nea So Copros. Transversais em penca ficavam para trás, e passamos por cima de uma faixa larga, serpenteante, cor de excremento. Criei coragem de perguntar ao sr. Chang o que era aquilo.

"O rio Han", respondeu o motorista, "a ponte Sōngsu."

Fui obrigada a perguntar que coisas eram aquelas.

Dessa vez foi o passageiro que respondeu, num murmúrio: "Uma avenida feita de água". A decepção estava patente na sua voz. "Uma ponte é uma estrada que passa por cima de um rio."

A água do rio e o líquido límpido que saía das bebedorias na cúpula eram completamente diferentes, mas não tive tempo de ficar atônita. O sr. Chang apontou para um monte baixo à nossa frente. "Monte Taemosan."

Quer dizer que você foi levada para a Universidade Taemosan diretamente do Papa Song's?

Para reduzir a contaminação experimental, sim. A estrada subia em zigue-zague, atravessando a mata. As árvores, com sua ginástica incremental e seu silêncio ruidoso, constituem para mim mais uma das maravilhas do Lá-Fora. Dez minutos depois, chegamos ao campus no planalto. Prédios cuboides disputavam espaço. Estudantes e auxiles andavam por caminhos estreitos. O forde foi diminuindo a velocidade e parou debaixo de um prédio suspenso manchado pela chuva e rachado pelo sol. O sr. Chang abriu a porta para mim, mas o passageiro barbudo continuou a cochilar. Avia papéis e líquens a fermentar entre as lajes. O ar do monte Taemosan tinha um gosto mais limpo que o da conurbe lá embaixo, mas o saguão do prédio era encardido e escuro.

Paramos ao pé de uma escadaria em dupla élice. Isto aqui é um elevador antiquado, explicou o sr. Chang. "A universidade exercita o corpo dos alunos tanto quanto sua mente." Assim, pela primeira vez lutei contra a gravidade, passo a passo, agarrando o corrimão. Dois estudantes desceram a outra élice, rindo da minha falta de jeito; um deles comentou: "Está aí um

espécime que tão cedo não vai tentar fugir para a liberdade”. O sr. Chang me alertou para não olhar para trás; eu o fiz, e a vertigem quase me derrubou. Se meu guia não tivesse me segurado, teria caído lá embaixo no saguão.

Levei alguns minutos para chegar ao sexto andar, o último. Ali, um corredor cheio de fendas terminava numa porta, ligeiramente entreaberta, com uma placa onde se lia *Boom-Sook Kim*. O sr. Chang bateu à porta, mas nada aconteceu.

“Espere aqui pelo sr. Kim”, disse-me o motorista. “Seja obediente e respeitosa, como se ele fosse seu Vedor.” Ao entrar, perguntei ao sr. Chang qual o trabalho que eu faria, mas o motorista já tinha desaparecido. Fiquei totalmente sozinha pela primeira vez na vida.

O que você achou da sua nova casa?

Fiquei impressionada, negativamente, com a sujeira. Nossa comedoria era sempre limpíssima, pois a limpeza é um dos Catecismos. Já o laboratório de Boom-Sook Kim era um corredor comprido, empoeirado, com um cheiro rançoso de puros-sangues machos. Os cestos de lixo transbordavam; um alvo de besta fora pendurado ao lado da porta; junto às paredes avia bancadas, escrivaninhas afundadas, sonys obsoletos e prateleiras de livros sobrecarregadas. Via-se uma kodak emoldurada de um menino sorrindo ao lado de um leopardo-das-neves ensanguentado acima da única escrivaninha que parecia estar sendo utilizada. Uma janela suja dava para um pátio abandonado onde uma figura manchada destacava-se no alto de um Plinto. Eu esperava que fosse meu novo Logomem, mas ele não se mexia.

Numa antessala apertada, encontrei um catre, um igienizador e uma espécie de vaporbanho portátil. Quando deveria eu usá-lo? Estaria sentindo falta das Vésperas? Quais Catecismos governariam minha vida naquele lugar?

O ar estava quente e luminoso de poeira. Meus poros genomalmente fechados coçavam. Uma mosca zumbia, descrevendo curvas em oito

preguiçosamente. Fiquei olhando para ela, fascinada.

Você nunca tinha visto um inseto?

Só baratas com genes rebeldes; o arcon do Papa Song's fumiga inseticida, de modo que, se algum inseto entra pelo elevador, ele morre na mesma ora, e mais tarde é varrido. A mosca batia na janela, vez após vez. Eu não sabia, na época, que as janelas se abrem. A mosca pousou no teto. Como ela conseguia não cair?

Ouvi alguém cantando desafinado; era uma canção pop sobre as garotas de Pnom Pnem. Segundos depois, um estudante de short de praia, sandálias e seda, levando no ombro umas sacolas pesadas, abriu a porta com um pontapé. Ele me viu e gemeu: "Santa Corpocracia, que diabo você está fazendo aqui?".

Exibi meu colarinho. "Sonmi~451, senhor. Servidora do Papa Song's de…"

"Cale a boca, cale a boca, eu sei o *que* você é!" O jovem tinha a boca de sapo e os olhos magoados que estavam na moda na época. "Mas você deveria vir só no *Quinto* Dia! Se esses *cretinos* do departamento de registros acham que vou cancelar um congresso taiwanês de cinco estrelas só porque não sabem ler o calendário, ora, por mim eles têm mais é que chupar *larvas* numa vala de *ebola*. Eu só vim pegar o meu sony de trabalho e uns discos. Não vou ficar ama-secando uma clone experimental ainda de uniforme quando podia estar pecando até arrebentar em Taipei."

A mosca bateu na janela de novo; o estudante pegou um folheto e passou por mim, com um empurrão. O barulho do golpe me fez dar um salto. Ele olhou para a mancha no vidro com um riso triunfante e uma voz torta, jocosa: "Que isso lhe sirva de advertência!". Não entendi se estava se dirigindo a mim ou à mosca. "Quem sacaneia Boom-Sook Kim sempre se dá mal!" Ele virou-se para mim. "Não pegue em nada, não vá a lugar nenhum. Tem Sabão no refrige — dê graças ao Presidente por terem entregado sua ração oje cedo. Eu volto no Quinto Dia. Se não for para o aeroporto *agora*, acabo perdendo meu voo."

Fui deixada sozinha.

Ele reapareceu à porta. “Me diga uma coisa — você sabe falar, não sabe?”

Fiz que sim.

Boom-Sook Kim soltou um suspiro teatral. “Dê graças ao *Presidente*! Para cada imbecilidade, á um clonorretardado no departamento de registros a cometê-la a cada instante.”

O que… você tinha que fazer durante aqueles três dias?

Eu não tinha a menor ideia. Ficava vendo o ponteiro do rolex a erodir as oras. Não esqueça que somos genomadas para ficar em pé por dezenove oras seguidas. Pensei na sra. Rhee. Seria ela uma viúva triste ou feliz? O Auxiliar Ahn ou o Auxiliar Cho seria promovido a Vedor da Chongmyo Plaza? Como parecia distante minha vida antiga! Como era ininteligível aquela vida nova!

Ouvi ruídos discretos vindos do pátio. Chegavam dos arbustos em torno do Plinto. Aproximei-me e encarei pela primeira vez aves de verdade; andorinhas. Eu já tinha visto aves no 3-D, mas nunca uma multidão de aves tão aleatória e abundante quanto aquela. Um aerô passou voando baixo, e centenas de andorinhas caíram para cima. Por que elas cantavam? Para quem?

Fiquei observando as aves o dia inteiro até chegar o recolher do céu e a sala escurecer. Minha primeira noite Lá-Fora. As janelas do outro lado do pátio amarelaram. Vi laboratórios como os de Boom-Sook, com jovens puros-sangues dentro; ambientes mais organizados, ocupados por professores; corredores cheios de puros-sangues, silenciosos. Porém não vi um único fabricante.

À meia-noite absorvi um saco de Sabão, deitei-me num catre e fiquei pensando como seria bom se Yoona~939 estivesse ali para explicar os muitos mistérios daquele dia.

Quando acordou, você se lembrou de onde estava?

O Sabão tinha menos amnesíadas e mais soporifix que o do Papa Song's, e assim dormi por mais tempo, porém acordei mais lúcida. A primeira surpresa do meu segundo dia no Lá-Fora estava do outro lado da antessala. Um vulto imenso, com mais de três metros de altura, trajando uma zipetúnica laranja, examinava as estantes. A pele exposta de seu rosto e seu pescoço era vermelha de escaldado e negra de queimado, com manchas brancas, mas ele parecia estar bem. Seu colarinho confirmava não ser puro-sangue, porém eu nunca tinha visto um fabricante com aquele tipo de tronco e daquela estatura.

"Não á estimulina aqui." Sua voz parecia sair de um buraco. Seus lábios foram genomados para ser protuberantes e seus ouvidos eram protegidos por válvulas feitas de uma substância córnea. "Você acorda quando acorda, ainda mais quando tem um pós-grad preguiçoso como Boom-Sook Kim. Os pós-grads execs são os piores. Eles têm quem lhes limpe a bunda do jardim da infância até o eutanásio. São indisciplinados; nunca pensam nas necessidades dos outros. Um desperdício de espaço." Com uma mão gigantesca, munida de dois polegares, apontou para uma zipetúnica que era a metade do tamanho da dele. "Para você, irmãzinha." Enquanto eu despia o uniforme do Papa Song's e vestia meu novo traje, perguntei-lhe se tinha sido enviado pelo Vedor ou pelo Auxiliar para me orientar. "Não", disse o gigante queimado. "Seu pós-grad e o meu são amigos, mais ou menos. Boom-Sook ligou ontem para se queixar da sua entrega inesperada. Minha intenção era visitar você antes do recolher, mas os pós-grads da Faculdade de Cirurgia Genomática trabalham até tarde, ao contrário dos boas-vidas da Faculdade de Psicogenômica. Eu sou Wing~027. Vamos descobrir por que você está aqui."

O rolex de parede do laboratório me proporcionou minha segunda surpresa: eu avia dormido seis oras direto. Wing~027 sentou-se à mesa de Boom-Sook e ligou o sony, embora eu protestasse, argumentando que meu pós-grad avia me proibido de pegar nele. Wing clicou no telado: apareceu Yoona~939. Wing correu o dedo pelas palavras enfileiradas. "Rezemos ao

Presidente Imanente para que Boom-Sook não cometa *esse* erro outra vez…”

Perguntei a Wing se ele sabia ler.

Ele me respondeu que, se qualquer puro-sangue feito de modo aleatório sabe ler, então um fabricante cuidadosamente projetado pode aprender com facilidade. Apareceu uma Sonmi no sony. Wing leu: “*Amplificação cerebral de fabricante servente no contexto da dormidoria: um estudo de caso de factibilidade realizado com Sonmi~451*, de Boom-Sook Kim. Agora, me diga por quê”, ele perguntou, “um pós-grad exec tão limitado está apostando tão alto?”.

Que espécie de fabricante era Wing~027? Um miliciano?

Era um desastrista, com muito orgulho. “Nós atuamos em terras mortas tão infectadas ou radioativas que os puros-sangues lá morrem como bactérias em água sanitária. Nosso cérebro tem apenas alguns refinamentos genomônicos menores: precisamos pensar de modo independente. Nossa orientação nos ensina mais do que as universidades dos puros-sangues. E me mostre um puro-sangue capaz de sobreviver a isto.” Expôs o antebraço orrivelmente queimado. “O doutorado do meu pós-grad é em resistência ao fogo.”

Eu nem sabia o que era uma terra morta. Wing~027 me explicou de que modo essas faixas de terra radioativa ou tóxica obrigam as Zonas de Consumo e Produção a recuar pouco a pouco. Essa informação me orrorizou, mas o desastrista encarava a coisa por outro ângulo. O dia em que toda a Nea So Copros virar terra morta, disse ele, será o dia dos fabricantes.

Aquele comentário parecia ser desviante. Se essas tais terras mortas estavam tão espalhadas pelo mundo, perguntei, por que eu não as vira do forde?

Wing~027 desligou o sony e me perguntou de que tamanho eu achava que o mundo era. Eu não tinha certeza, mas respondi que tinha vindo de

forde desde a Chongmyo Plaza até aquela montanha, por isso provavelmente tinha visto a maior parte dele.

O gigante me mandou ir atrás dele e andou até a porta. Esitei: Boom-Sook me dissera para não ir a lugar nenhum. Wing~027 insistiu, sério: “Para sobreviver por mais tempo, Sonmi~451, você precisa criar Catecismos por conta própria”. Jogou-me em cima de seu ombro queimado e foi me levando pelo corredor cheio de fendas, onde fez um ângulo fechado, subiu por uma escada em espiral coberta de poeira e abriu com um soco uma porta enferrujada. O sol matinal me cegou; o vento atingiu meu rosto e puxou meu cabelo.

O telhado da Faculdade de Psicogenômica, informou-me Wing~027, pousando-me a seu lado. Agarrei-me à grade: seis níveis abaixo avia um jardim de cactos, pássaros caçando insetos em meio aos espinhos; oito níveis abaixo, na encosta, um estacionamento de fordes, cheio até a metade; dez níveis abaixo, uma pista de corrida, circundada por um regimento de estudantes uniformizados; abaixo disso, uma praça de consumidores; mais ao longe, um bosque, descendo até a conurbe riscada e queimada de neon, arranha-céus, dormiquadras, o rio Han, e por fim as montanhas contornando o nascer do sol riscado de ar. Disse Wing, com sua voz suave: “Em comparação com o mundo inteiro, Sonmi~451, tudo o que você está vendo daqui é como esta lasca de pedra”.

Minha mente tentou abranger aquela enormidade e não conseguiu; eu não sabia nem mesmo o que era necessário para compreender um lugar tão ilimitado.

Respondeu Wing: eu precisava de inteligência, coisa que a ascensão me proporcionaria. Eu precisava de tempo: a ociosidade de Boom-Sook Kim me daria tempo. Mas eu também precisava de conhecimento.

Perguntei: como obter esse conhecimento?

“Você precisa aprender a ler, irmãzinha”, ele respondeu.

Então foi Wing~027, e não Hae-Joo Im nem o conselheiro Mephi, seu primeiro mentor?

Wing~027 poderia ter me mentoreado mais, porém nosso segundo encontro foi o último. Ele voltou ao laboratório de Boom-Sook uma ora antes do recolher no meu primeiro dia para me dar um sony “desperdido” que continha todos os módulos autodidatas do sistema de ensino da corpocracia. O desastrista me mostrou como funcionava, depois me alertou para jamais deixar que um puro-sangue me visse obtendo conhecimento, pois tal coisa os assusta, e não á nada que um puro-sangue assustado não seja capaz de fazer.

Quando Boom-Sook voltou de Taiwan no Quinto Dia, eu usava com facilidade o sony e tinha concluído a escola elementar. No Sexto Mês eu já avia completado a escola secundária exec. Seu rosto, Arquivista, exprime incredulidade, mas não esqueça que eu era uma criada que passava fome num banquete. Meu apetite crescia à medida que eu comia. Os caminhos abertos pelo sony me levaram a concluir um curso universitário e explorar as bibliotecas da corpocracia. Nós somos apenas aquilo que sabemos.

Não tive intenção de exprimir incredulidade, Sonmi. Sua mente, sua fala, sua… presença provam sua dedicação ao aprendizado, sem sombra de dúvida. O que não entendo é por que motivo Boom-Sook Kim lhe deu tanto tempo para estudar. Ele, erdeiro de um exec, não podia ser um Abolicionista secreto, certo? E os experimentos do doutorado que realizava com você?

Boom-Sook Kim não tinha nenhum interesse por experimentos; só queria saber de beber, jogar e lançar flechas com sua besta. O pai dele era um exec de alto escalão na Kwangju Genomics; estava até mesmo tentando entrar na diretoria da Juche, só que seu filho poluiu o valor de mercado da família Kim.

Então de que modo Boom-Sook pretendia concluir seu doutorado?

Pagando um agente acadêmico para fazer sua tese com base nas fontes do agente, o caminho do sucesso preferido pelos pós-grads do estrato de exec. As substâncias químicas responsáveis pela ascensão de Yoona~939 e a minha foram pré-formuladas, juntamente com os resultados e as conclusões. Boom-Sook não seria capaz de identificar as propriedades biomoleculares

do creme dental. Em nove meses, os únicos “experimentos” que ele realizou em mim foi me mandar limpar seu laboratório e preparar chá para ele. Quaisquer dados novos poderiam causar problemas quando justapostos aos que ele avia comprado, e a fraude de Boom-Sook correria o risco de ser descoberta. Minha presença era necessária para dar um verniz de credibilidade à sua pesquisa roubada.

Eram essas, portanto, conforme fiquei sabendo, as condições de minha nova vida, e para mim eram muito boas; bastava compará-las com minha vida na comedoria de Papa Song. Durante as ausências do meu pós-grad eu podia estudar sem correr o risco de ser descoberta. Dia sim, dia não, Boom-Sook vinha a seu escritório por volta da ora catorze para copiar mais uma leva de dados comprados em seu sony.

O mentor acadêmico de Boom-Sook Kim estava ciente desse plágio?

Os professores dão muito valor à estabilidade no emprego, portanto não ficam investigando os filhos de futuros Membros do Conselho.

Boom-Sook falava com você… interagia com você, de alguma maneira?

Ele se dirigia a mim do modo como os puros-sangues fazem com os gatos. Achava graça em me dirigir perguntas que imaginava serem incompreensíveis para mim: *Então, devo dizer a meu pai para enfiar a cabeça no buraco-democracia dele, Sonmi?* Ou: *Sonmi, vale a pena cerular meus dentes, ou você acha que a moda da safira não vai durar?* Ele não esperava que eu desse respostas relevantes; e eu não lhe abria os olhos. Repeti tantas vezes a mesma resposta que ele me apelidou “Não-Sei-Não-Senhor~451”.

Quer dizer que durante nove meses ninguém reparou que seu grau de consciência estava crescendo de modo exponencial?

As únicas pessoas que visitavam Boom-Sook Kim eram Min-Sic e Fang. O nome verdadeiro de Fang jamais foi usado na minha presença. Eles contavam vantagem sobre fordes e suzukis novos e jogavam pôquer. Não

adiantaria descrever suas feições: eles se submetiam a paisagismo facial todos os meses. Os três pós-grads não eram o tipo de puro-sangue que prestava atenção a fabricantes, a menos que estivessem numa colmeia de conforto de Huamdonggil. Gil-Su Noon, vizinho de Boom-Sook Kim, um pós-grad de estrato inferior e bolsista, batia na parede para reclamar do barulho de vez em quando, mas os três execs respondiam batendo com mais força ainda. Eu só o vi uma ou duas vezes.

O que é "pôquer"?

Um jogo de cartas entre mentirosos espertos que fingem ser amigos. Fang ganhou milhares de dólares das Almas de Boom-Sook e Min-Sic durante essas partidas de pôquer. Em outras ocasiões, Boom-Sook me mandava sair da sala enquanto eles usavam drogas de execs; quando estava toxado, ele dizia, eu o deixava nervoso. Eu ia até o telhado da faculdade e ficava sentada à sombra da caixa d'água, vendo os andorinhões pegando mosquitos gigantes até o anoitecer, quando então os três pós-grads iam embora.

Por que motivo você nunca mais se encontrou com Wing~027?

Numa tarde úmida, três semanas depois de minha chegada a Taemosan, alguém bateu a porta, obrigando Boom-Sook a interromper sua leitura do catálogo de paisagismo facial. As visitas inesperadas eram raras, como já comentei. "Entre!", disse Boom-Sook, escondendo o catálogo embaixo de um volume intitulado *Genômica prática*. Ele nunca lera esse livro; eu, sim.

Um estudante magro abriu a porta empurrando-a com a ponta do pé. "Boom-Boom", disse ele, saudando Boom-Sook. Meu pós-grad se pôs em posição de sentido; sentou-se outra vez; então relaxou. "E aí, Hae-Joo", respondeu, fingindo tranquilidade, "quais as novas?"

O visitante disse que avia passado apenas para vê-lo, e aceitou a cadeira que Boom-Sook lhe ofereceu. Ouvindo a conversa, fiquei sabendo que Hae-Joo Im tinha sido colega de Boom-Sook na escola, e agora estudava na faculdade da Unanimidade em Taemosan. Bomm-Sook mandou-me

preparar chá para Hae-Joo enquanto eles conversavam sobre assuntos sem importância. Então o visitante disse: “Você já deve estar sabendo do dia de orror vivido pelo seu amigo Min-Sic, não?”.

Boom-Sook primeiro negou que Min-Sic fosse necessariamente seu “amigo”, e em seguida perguntou por que ele tivera um dia de orror. “O espécime dele, Wing~027, virou toucinho.” Ao que parecia, Min-Sic confundira o sinal de menos com o de mais no rótulo de um vidro de álcali inflamável.

Meu pós-grad sorriu, riu baixinho e depois caiu na gargalhada. Hae-Joo então fez uma coisa pouco comum: olhou para mim.

Por que pouco comum?

Os puros-sangues sempre nos veem, porém raramente olham para nós. Muito depois, Hae-Joo admitiu que achou curiosa minha reação. Boom-Sook não reparou nada: limitou-se a tecer especulações sobre o pedido de indenização da corp que patrocinava a pesquisa de Min-Sic. Na pesquisa individual que ele próprio estava fazendo, vangloriou-se Boom-Sook, ninguém se importava se um ou dois fabricantes experimentais fossem destruídos.

Você sentiu… bom, o que foi que você sentiu? Ressentimento? Dor?

Fúria. Nós, fabricantes, não temos nem recursos para exprimir emoções nem o direito de fazê-lo, mas a ideia de que somos incapazes de senti-las é apenas um mito muito difundido. Wing~027 valia vinte Min-Sics, com base em qualquer critério; por conta do descuido de um exec arrogante, meu único amigo no monte Taemosan avia morrido; e Boom-Sook achava a coisa *ilária*.

A Fúria forja uma vontade de aço. Vejo agora que esse foi o primeiro passo para minhas Declarações, para esta prisão e para o Farol.

O que aconteceu com você no recesso de verão?

De acordo com o regulamento, Boom-Sook deveria ter me depositado numa dormidoria provisória para evitar contaminação. Por sorte, meu pós-grad estava tão ansioso para ir caçar alces fabricantes em Hokkaido, no leste da Coreia, que se esqueceu de fazê-lo; ou então imaginou que algum criado de estrato inferior faria isso por ele.

Assim, numa manhã de verão, acordei e descobri que todo o prédio estava vazio. Não vinha nenhum som dos corredores mais movimentados; não ouvia o bater das oras, nenhum aviso; até mesmo os arcons tinham sido desligados. Vista do telhado, a conurb fumegava e trafegava, e um enxame de aerôs riscava trilhas de vapor no céu, mas o campus estava muito mais silencioso do que de costume. Os estacionamentos estavam semivazios. Avia construtores restaurando a superfície da praça oval no sol quente. Então resolvi consultar o calendário do sony, e constatei que aquele dia era o primeiro do recesso. Tranquei a porta do laboratório e me escondi na antessala.

Então você não saiu do laboratório de Boom-Sook durante cinco semanas? Nem uma única vez?

Nem uma única vez. Eu morria de medo de me separar do meu sony, entende? Um segurança testava a porta do laboratório todos os Nonos Dias. Às vezes eu ouvia Gil-Su Noon trabalhando no laboratório adjacente. Mantinha a persiana abaixada e os solares desligados à noite; a quantidade de Sabão era suficiente para todo o período.

Mas foram cinquenta dias seguidos de solidão.

Minha mente viajou por toda a extensão e profundidade da nossa cultura durante aqueles cinquenta dias. Devorei os doze textos seminais: *Os sete dialetos*, de Jong-Il; *A fundação da Nea So Copros*, do Primeiro Presidente; *A istória das Escaramuças*, do almirante Yeng; você conhece a lista. Os índices de uma versão não censurada dos *Comentários* me levaram a pensadores anteriores às Escaramuças. A biblioteca recusou muitos

pedidos, é claro, mas consegui dois Otimistas traduzidos do inglês tardio, Orwell e Huxley; e as *Sátiras à democracia* de Washington.

Você continuava a ser o espécime de estudo de Boom-Sook — supostamente — quando ele voltou para o segundo semestre?

Sim. Chegou meu primeiro outono; formei uma coleção secreta de folhas cor de fogo, recolhidas na cobertura da faculdade. O próprio outono envelheceu, e minhas folhas perderam a cor. As noites ficaram gélidas; depois até mesmo durante o dia fazia frio. O frio era outra sensação intrigante, para quem vinha da comedoria sempre aquecida. Boom-Sook cochilava no *ondul* quente quase todas as tardes, assistindo a 3-D. Ele avia perdido muitos dólares em investimentos duvidosos durante o verão, e, como seu pai se recusava a pagar suas dívidas, meu pós-grad estava de péssimo umor. Minha única defesa contra seus acessos de raiva era parecer desligada.

Como você reagiu à neve?

É linda. As primeiras neves demoraram muito para chegar o ano passado; foi na última Primeira Noite do Décimo Segundo Mês. Acordei quando ainda estava escuro e vi, fascinada, os flocos formando um alo em torno das fadas de Ano-Novo que enfeitavam as janelas do pátio. Os arbustos em torno da estátua abandonada estavam pesados de neve; a estátua ganhou uma majestade cômica. À meia-luz, os brancos da neve ficam de um tom roxo de contusão.

Deve ter sido nesse momento que o dr. Mephi entrou em cena, certo?

Certo, na Noite do Sexteto. Boom-Sook, Min-Sic e Fang chegaram de repente quando já era tarde, vermelhos de tão toxados, às gargalhadas. Eu estava na antessala, e mal tive tempo de esconder meu sony. Boom-Sook usava um barrete acadêmico, e Min-Sic carregava uma cesta do tamanho dele, cheia de orquídeas com odor de hortelã. Jogou as flores em minha

direção, dizendo: “Pétalas para Spoony, Sponny, Sonmi, seja lá como ela se chama…”.

Fang abriu o armário onde Boom-Sook guardava seu *soju* e jogou três garrafas por cima do ombro. “Essas marcas são tudo porcaria!”, gritou ele. Min-Sic pegou duas, mas uma se espatifou no chão, o que desencadeou mais risadas. “Limpe isso, Cinderela!”, ordenou-me Boom-Sook, batendo palmas, e depois acalmou Fang dizendo que ia abrir uma garrafa da melhor que tinha, já que o Recesso do Sexteto só acontecia uma vez por ano.

Quando terminei de varrer os cacos de vidro, Min-Sic já avia encontrado um disney de pornoviol no 3-D. Deliciaram-se com o espetáculo, discutindo a respeito de seus méritos e seu realismo e bebendo o *soju* de qualidade. A bebedeira deles os tornou afoitos naquela noite, principalmente Fang, o que me deixou inquieta. Recuei para a antessala; de lá ouvi Gil-Su Noon à porta do laboratório, pedindo aos três que fizessem menos barulho. Fiquei espiando.

Min-Sic zombou dos óculos de Gil-Su, e perguntou-lhe por que sua família não encontrava os dólares necessários para corrigir sua miopia. Boom-Sook sugeriu a seu vizinho que enfiasse a cabeça no próprio cu se quisesse tranquilidade e silêncio no último dia do Semestre do Ano Velho. Fang disse que ia pedir ao pai que realizasse uma inspeção nos impostos do clã Noon. Gil-Su Noon ficou indignado, parado à porta, até que os três execs o expulsaram jogando ameixas nele, em meio a deboches.

Pelo visto, Fang era quem instigava os outros.

E era mesmo: ele encontrava as rachaduras que á nas personalidades e as abria, para explorar as pessoas. Sem dúvida, deve ter se tornado um advogado de sucesso numa das doze capitais. Naquela noite ele resolveu irritar Boom-Sook, balançando a garrafa de *soju* diante da kodak do leopardo-das-neves. Dizia Fang: eles devem ter genomado esses predadores para ficarem bem dopados e não ameaçarem os turistas que vão caçá-los, não é?

O comentário feriu o orgulho de Boom-Sook: ele retrucou que só caçava animais genomados para que eles ficassem ainda *mais* ferozes. Ele e seu irmão aviam feito tocaia àquele leopardo durante oras numa reserva no vale de Katmandu até que o animal, encurralado, saltou em direção à garganta de seu irmão. Boom-Sook deu um único tiro. A flecha atingiu o olho da fera em pleno ar.

Fang e Min-Sic fingiram estar impressionados durante um momento, depois caíram na gargalhada outra vez. Min-Sic batia com o pé no chão, dizendo: “Mas como você *mente*, Kim!”. Fang olhou a kodak bem de perto e comentou que ela parecia ter sido dijiada.

Boom-Sook, muito sério, tintou uma cara num melão sintético, escreveu o nome “Fang” na testa da fruta e equilibrou-a numa pilha de revistas junto à porta. Pegou a besta em cima da mesa, andou até a janela do outro lado da sala e fez pontaria.

Fang gritou “Não-não-não-não-não-não-não!” e agitou os braços, argumentando que os melões não rasgam a garganta dos caçadores que erram o alvo. A pressão sobre Boom-Sook não foi suficiente. Ele fez sinal para que eu ficasse ao lado da porta.

Compreendi o que pretendia meu pós-grad e comecei a dirigir um apelo a ele, porém Fang me interrompeu, dizendo que, se eu não fizesse o que pedisse, ele faria com que Min-Sic ficasse encarregado do meu Sabão. O sorriso de Min-Sic murchou: entendi o sentido da ameaça de Fang. Ele cravou as unhas no meu braço, levou-me até a porta, colocou um chapéu acadêmico na minha cabeça, desenhou uma cara de gato no melão e colocou a fruta sobre o chapéu. “Então, Boom-Sook”, provocou ele, “você continua achando que sua pontaria é infalível?”

Na verdade, a amizade de Boom-Sook com Fang era composta de rivalidade e ojeriza. “Claro”, ele respondeu.

Pedi a meu pós-grad que ele por favor parasse.

Boom-Sook levantou sua besta e mandou que eu não mexesse nem um músculo.

A ponta de aço da flecha brilhava. Morrer por conta de uma bravata daqueles rapazes seria fútil, estúpido, mas os fabricantes não podem escolher. A corda da besta soou, a flecha silvou e cravou na carne do melão; a fruta rolou do chapéu para o chão. Min-Sic aplaudiu, efusivo, tentando distensionar a atmosfera.

Meu alívio apagou minha indignação.

"Não precisa de pontaria de laser para acertar um melão grande." Fang deu de ombros. "E de qualquer maneira, olhe só", prosseguiu, segurando o melão, "você não acertou no olho do gatinho." Sem dúvida, prosseguiu, uma manga seria um alvo mais apropriado para um caçador com a suposta perícia de Boom-Sook, não?

Boom-Sook entregou sua besta a Fang, desafiando-o a fazer o mesmo que ele; teria de acertar a manga de uma distância de quinze passos.

"Certo." Fang pegou a besta, mandando-me que ficasse onde estava.

"Senhor…", tentei pedir, desesperada.

"Cale a boca", rosnou Boom-Sook, desenhando um olho na manga. Fang contou quinze passos e carregou a arma.

Min-Sic, preocupado, alertou seus amigos que, se um sujeito experimental morresse, depois haveria um verdadeiro inferno de formulários a preencher.

Fang passou um bom tempo fazendo pontaria. Sua mão vibrava. A manga explodiu, sucando as paredes. Eu sabia que não devia imaginar que a tortura avia terminado. Fang soprou a besta. "Melão a trinta passos, manga a quinze… eu o desafio a acertar… uma *ameixa*, a dez." Observou também que uma ameixa ainda era maior do que o olho de um leopardo-das-neves, acrescentando, porém, que, se Boom-Sook admitisse que era um grandessíssimo mentiroso e não aceitasse o desafio, ele e Min-Sic averiam de considerar aquele capítulo encerrado, por dez minutos inteiros.

Boom-Sook ficou a pesar minha segurança em oposição à sua onra. Equilibrou a ameixa na minha cabeça e me disse para ficar *perfeitamente* imóvel. Contou dez passos, virou-se, carregou a besta e mirou.

Eu sentia impulsos quase assassinos.

Gil-Su bateu na porta de novo. *Vá embora*, pensei. *Não vá desconcentrá-lo…*

O queixo de Boom-Sook tremia enquanto ele puxava a corda.

As batidas tornaram-se insistentes. Fang, em resposta, gritava obscenidades referentes à genitália e à mãe de Gil-Su.

Os olhos de Boom-Sook perfuravam a ameixa na minha cabeça. As juntas de seus dedos estavam brancas.

Minha cabeça foi violentamente jogada para o lado; a dor cravou dentes em minha orelha; a porta abriu-se de repente atrás de mim. Levantei a vista; Boom-Sook, Min-Sic e Fang tinham de súbito expressões de terror. A curiosidade, por um momento, atenuou a dor crescente que eu sentia. Ali, à porta, estava um omem barbudo, ofegante, ruidosamente zangado. Sua capa estava coberta de gelo e neve.

O conselheiro Mephi?

Professor da Unanimidade, arquiteto da Solução do Povo dos Barcos da Califórnia, detentor de uma Medalha de Eminência da Nea So Copros, autor de monografias sobre Tu-Fu e Li-Po; o conselheiro Mephi. Não o reconheci de início. Um líquido escorria pelo meu pescoço e minhas costas. Pus a mão na orelha e a dor aumentou; meus dedos ficaram de um vermelho vívido.

A voz de Boom-Sook estava trêmula: “Conselheiro, nós…”. Nem Fang nem Min-Sic tentaram ajudá-lo. O conselheiro apertou um lenço de seda limpo contra minha orelha e me disse para manter a pressão regular. Tirou de um bolso interior um sony de mão. “Sr. Chang”, disse para o aparelho, e então reconheci o passageiro sonolento que avia me acompanhado no forde, vindo da Chongmyo Plaza, oito meses antes. Ele fez um pedido de primeiros socorros urgentes.

Voltando-se aos pós-grads, o conselheiro lhes disse que eles aviam começado muito mal o ano da cobra. Min-Sic e Fang seriam notificados pelo conselho disciplinar a respeito dos débitos incorridos, disse ele, e então despachou-os. Os dois fizeram mesuras e foram-se embora mais do que depressa. Min-Sic deixou seu agasalho sobre o *ondul*, mas não voltou para

pegá-lo. O rosto de Boom-Sook exprimia uma autocomiseração inconsolável. Meu salvador deixou que o pós-grad sofresse por alguns segundos e depois lhe perguntou: “Você também pretende atirar em *mim* com essa coisa?”.

Boom-Sook Kim se deu conta de que ainda tinha nas mãos a besta que o incriminava, e deixou-a cair no chão como se ela tivesse cem celsius de temperatura. O conselheiro Mephi inspecionou o laboratório, farejando o gargalo da garrafa de *soju*. A rapina promovida por octopoides no 3-D atraiu sua atenção. Boom-Sook pegou desajeitadamente o remó, deixou-o cair no chão, pegou-o de novo, apertou o botão de parar, apontou-o na direção certa e apertou o botão de novo. A paciência do conselheiro era profundamente ameaçadora; ele estava curioso para saber por que motivo Boom-Sook usava a fabricante experimental de sua faculdade como alvo de besta.

Eu também estou curioso.

Boom-Sook tentou de tudo. Estava bêbado na Véspera do Sexteto, o que era indesculpável; avia incorrido em malpriorização; tinha ignorado sintomas de estresse; escolhido amigos impróprios; se excedido ao disciplinar o comportamento arrogante de sua espécime; tudo fora por culpa de Fang. Sua falta de convicção ao enunciar cada um desses argumentos mostrava que, como mentiroso, ele era incompetente.

Chegou o sr. Chang, trazendo um medicubo. Ele nebulizou minha orelha, pastou-a com coag e adesivou-a com um remendo. Meu pós-grad perguntou se minha orelha ia ficar boa. O conselheiro Mephi respondeu que o doutorado de Boom-Sook estava encerrado. O ex-pós-grad ficou branco quando se deu conta das consequências.

O sr. Chang apertou minha mão ensanguentada e, atencioso, disse que minha orelha avia sido arrancada. Um médico a substituiria no dia seguinte. Eu já previa recriminações da parte de Boom-Sook quando estivéssemos a sós, mas o sr. Chang disse que ele e o conselheiro Mephi me acompanhariam para um novo lar. Eu sairia com eles.

O que certamente foi uma ótima notícia.

Sim, só que eu perderia minha sony. Como poderia levá-la comigo? Nenhum plano me ocorreu, por isso só fiz cabecear que sim, umilde, na esperança de que talvez pudesse vir buscá-lo durante o Recesso do Sexteto.

Que motivo foi dado pelo conselheiro para seu resgate oportuno?

Não perguntei; meu salvador só me deu uma explicação mais tarde. A descida da escada em élice consumia toda a minha concentração; descer é mais difícil que subir. No saguão, torvelinhos e pequenas ondas de neve vinham bater na vidraça. O sr. Chang me deu um casaco com capuz e um par de invernikes.

O conselheiro Mephi, irônico, elogiou o padrão zebrado escolhido pelo sr. Chang. Este respondeu que couro de zebra era *de rigueur* nas ruas mais chiques de Lhasa naquele inverno.

Eu estava sendo transferida para a Faculdade da Unanimidade no lado oeste do campus, disse o conselheiro Mephi, desculpando-se por ter deixado “aqueles três ratos execs” brincarem com a minha vida. As condições meteorológicas aviam impedido uma intervenção mais cedo. Não sabendo como responder, saí-me com um umilde e bem orientado “Sim, senhor”.

Os caminhos e claustros do campus estavam animados com as multidões da Véspera do Sexteto. O sr. Chang me ensinou a caminhar no gelo granular de modo a não perder o equilíbrio. Flocos de neve pousavam nos meus cílios e nas minhas narinas. Quando olhava para o céu, eu tinha a impressão de que estava caindo para cima. As guerras de bolas de neve cessavam com a aproximação do professor Mephi; os combatentes faziam mesuras. Escondida dentro de meu capuz, experimentei uma sensação deliciosa de anonimato.

Ao atravessar um pátio, ouvi música. Não era AdV nem popmus, porém um som nu, que ressoava. O conselheiro Mephi percebeu o meu fascínio e

me disse que era um coral umano. Paramos por um minuto, para ouvir a música melhor.

Dois agentes da ordem que guardavam o saguão da Faculdade da Unanimidade continenciaram e pegaram nossos agasalhos. A opulência do prédio era inteiramente nova; o interior era tão suntuoso quanto era espartano o da Faculdade de Psicogenômica. Os corredores acarpetados tinham as paredes cobertas de espelhos iljonguianos, urnas funerárias de reis de Scilla, 3-Ds de eróis da Unanimidade. O conselheiro Mephi recitou seus nomes. Avia um candelabro dentro do elevador; sua voz recitava Catecismos da Unanimidade, porém o conselheiro Mephi mandou-o se calar.

A porta do elevador abriu-se num apartamento espaçoso, à meia-luz, afundado, saído de um daqueles AdVs sobre o estilo de vida dos estratos superiores. Um fogo 3-D ardia na ladeira central, cercada por móveis de levmag, que pairavam no ar. Duas paredes de espelhos unidirecionais proporcionavam uma vista estonteante da conurb, obscurecida pelo brilho neblinoso da neve que caía. Pinturas recobriam as paredes internas. Perguntei ao conselheiro se aquele era seu escritório.

“O meu fica um andar acima daqui”, ele respondeu. “Aqui é sua nova morada.”

O sr. Chang cabeceou concordando, e sugeriu que eu dissesse a meu convidado para se sentar. Pedi desculpas ao conselheiro Mephi; eu nunca tivera um convidado antes, por isso não tinha aprendido boas maneiras.

O sofá levmag balançou um pouco sob o peso do conselheiro; ele me disse que sua nora tinha decorado minha residência pensando em mim. Ela avia escolhido as telas de Rothko com a esperança de que eu as achasse meditativas. “São cópias equimoleculares do original”, ele garantiu-me, embora eu não fizesse ideia do que era Rothko, “ainda que seja possível argumentar que não á mais originais no nosso mundo. O estilo do artista parece coerente com sua posição, Sonmi~451; ele pintou o que deve ser a visão dos cegos.”

Uma noite e tanto — uma ora, uma flechada; logo em seguida, istória da arte…

Sem dúvida, e ainda não avia terminado. O professor lamentou não ter percebido meu potencial quando estava comigo dentro do forde que me trouxe da Chongmyo Plaza. “Imaginei que você fosse mais um experimento semiascendido, fadado a cair em desintegração mental em algumas semanas. Se não me falha a memória, cheguei mesmo a cochilar — não foi, sr. Chang? Diga a verdade agora.”

De seu posto junto ao elevador, o sr. Chang disse que seu senhor avia descansado os olhos durante a viagem. O conselheiro Mephi deu de ombros. “Você muito provavelmente está querendo saber o que foi que você fez para se tornar de repente alvo de minha atenção, não é, Sonmi?”

Aquela frase era como um aperto de mãos; *pode sair, eu sei que você está aí dentro*. Ou então uma armadilha. Fingi, educadamente, não estar entendendo.

A expressão de cumplicidade de Mephi implicava que ele compreendia muito bem por que eu estava sendo cautelosa. Disse-me então que a Taemosan tem treze mil e novecentos alunos que geram mais de dois milhões de pedidos de download por semestre. Em sua maioria, trata-se de textos de curso e artigos correlatos — o restante compõe-se de todo tipo de coisa, mercado imobiliário e preços de ações, fordes esporte e steinways, ioga e pássaros de gaiola. “A questão, Sonmi, é que só mesmo um usuário com ábitos de leitura *realmente* ecléticos levaria o bibliotecário-chefe a dar-se ao trabalho de me alertar.” O professor ligou seu sony de mão e leu um trecho da minha lista de pedidos de download. Dia dezoito do Sexto Mês, *A epopeia de Gilgamesh*; dia dois do Sétimo Mês, *Memórias* de Ireneo Funes. Primeiro dia do Nono Mês, *Declínio e queda* de Gibbon. O conselheiro, o rosto banhado com a luz violácea do sony, parecia quase orgulhoso. “Dia onze do Décimo Mês, uma busca cruzada, no maior descaramento, por referências àquele câncer na nossa amada corpocracia, a União.”

Como unanimista, prosseguiu ele, não podia entender aquela fome de tempos, lugares e ideias alternativas senão como a presença de um *émigré*

interior. Tais *émigrés* constituem uma matéria-prima *muito* promissora para os agentes da Unanimidade.

Meu "convidado" explicou que avia identificado o curioso usuário do sony como Nun Hel-Kwon, um geotermista de Onsŏng, região sujeita a nevascas, que tinha morrido num acidente de esqui dois invernos atrás. O conselheiro Mephi avia atribuído a um estudante talentoso a tarefa antiquada de detetive, encarregando-o de descobrir quem era o ladrão. A vigilância por ondas-e localizou o receptor do sony no laboratório de Boom-Sook Kim; porém pareceu-lhe absurda a possibilidade de que Boom-Sook estivesse interessado em Wittgenstein. Assim, o aluno de Mephi tinha implantado um micro-olho em cada sony do laboratório, durante o recolher, seis semanas antes. "No dia seguinte, descobrimos que nosso pretenso dissidente não era nenhum puro-sangue, e sim, ao que parecia, a primeira ascendente estabilizada pela ciência, servidora-irmã da famigerada Yoona~939. Meu trabalho, Sonmi, por vezes é árduo e perigoso; tedioso, porém, jamais."

Claramente, negar seria perda de tempo.

De fato. Mephi não era Rhee. Ouvi seu relato das brigas interdepartamentais que eclodiram quando ele divulgou os resultados de seu estudo. Os corpocratas da velha escola queriam que eu fosse eutanasiada; os psicogenomistas queriam fazer vivissecção no meu cérebro; o departamento de Marketing achava que o caso devia vir a público e que eu devia ser apresentada como um grande experimento da Universidade de Taemosan.

Pelo visto, nenhuma dessas posições prevaleceu.

Não. A Unanimidade conseguiu uma solução negociada: eu teria permissão para continuar meu processo de autodidatismo em meu livre-arbítrio ilusório, observada à distância, até que se chegasse a um consenso. Porém a besta de Boom-Sook obrigou a Unanimidade a agir.

E… o que o conselheiro Mephi pretendia fazer com você?

Encontrar uma nova solução que conciliasse os interesses que estavam me disputando; em seguida, implementar o que fosse decidido. Bilhões de dólares aviam sido gastos pelas corps em pesquisas realizadas em laboratórios privados, sem sucesso, para realizar simplesmente o que eu era, o que sou. Para fazer a vontade dos genomistas, um grupo de cientistas selecionados realizaria exames interdisciplinares em mim. Lembro que Mephi, enfiando as mãos nas chamas 3-D, me garantiu que esses exames não seriam onerosos nem dolorosos, e que não ocupariam mais de três oras por dia, cinco dias em cada dez. Para convencer o Conselho da Taemosan, o acesso à pesquisa seria posto em leilão; eu levantaria uma boa quantia para meus novos senhores. Para tranquilizar os corpocratas ortodoxos, a fabricante ascendente seria caracterizada como mais um experimento instável a aproximar-se da entropia mental; desse modo, os Abolicionistas e a União não teriam um cavalo de Troia, um ícone, um mártir.

Os interesses de Sonmi~451 também seriam contemplados?

A Universidade aceitaria minha matrícula como aluna da fundação. Além disso, seria implantada uma Alma em meu colarinho para que eu pudesse entrar e sair do campus quando bem entendesse. O conselheiro Mephi chegou mesmo a me prometer que seria meu mentor quando estivesse no campus. Ele retirou a mão do fogo e olhou para os dedos. “Só luz, sem calor. Os jovens de oje não reconheceriam uma chama de verdade, mesmo que incendiasse seus dormitórios.” Ele me pediu que o chamasse de “professor”, e não de “senhor”.

Á uma coisa que ainda não entendi. Se Boom-Sook Kim era um vagabundo ridículo, de que modo ele conseguiu chegar a esse santo graal da psicogenômica — a ascensão estável?

A explicação dada por Hae-Joo Im foi esta: o agente que Boom-Sook tinha contratado para produzir sua tese de doutorado avia tido sorte ao pesquisar suas fontes. Um refugiado no Instituto Baikal, Yusouf Suleiman, tinha redigido a tese de Boom-Sook quinze anos antes. Avia Abolicionistas radicais matando genomistas na Sibéria naquela época; Suleiman e três de

seus professores morreram quando uma bomba foi colocada no carro deles. O Baikal sendo o que é e Suleiman sendo um imigrante da Zona de Produção, sua pesquisa caiu no esquecimento até ser encontrada pelo agente de Boom-Sook. O agente entrou em contato com a Papa Song Corp com o fim de acrescentar a substância da ascensão a nosso Sabão. Yoona~939 era o espécime principal; eu era a suplente modificada. Se isso parece improvável, disse-me Hae-Joo, bastava pensar nos muitos acontecimentos na istória da ciência que foram resultados de acidentes imprevisíveis como esse.

E Boom-Sook Kim não ficou sabendo do furor causado pela sua tese?

Apenas um idiota que jamais mexeu numa pipeta nem pegou numa placa de Petri na vida seria capaz de tal feito, mas Boom-Sook Kim era um idiota desse quilate. Talvez isso não fosse por acaso.

O que você achou da sua nova vida na Faculdade da Unanimidade?

Como já disse, a mudança foi na Véspera do Sexteto, de modo que tive seis dias de tranquilidade antes de minha nova vida começar para valer. O último Sexteto foi o mais frio desde os anos quarenta. Dei uma única volta pelo campus gelado; fui genomada para me sentir à vontade em comedorias quentes. A exposição ao inverno do vale do Han no monte Taemosan queimou minha pele e meus pulmões, de modo que passei os seis dias dentro de casa, estudando.

No dia de Ano-Novo, acordei depois do recolher e encontrei três presentes. Uma estrela para meu colarinho, a terceira; o sony velho e arranhado que eu ganhara de Wing~027, trazido do laboratório-exec de Boom-Sook; e um livro cujo título agora eu sabia ler: *Os contos de fada de Hans Christian Andersen*. Abri-o e reconheci o Livro do Lá-Fora de Yoona. Li-o do início ao fim, e pensei nas minhas irmãs espalhadas por toda a Nea So Copros deliciando-se com as Cerimônias de Estrelamento. As dozestreladas felizes partiriam para a Exultação no Avaí naquela exata manhã, tendo pagado seu Investimento.

Senti uma vontade enorme de ter Yoona~939 a meu lado quando fosse assistir à minha primeira aula no Segundo Dia. Eu sentia muita falta dela; e ainda sinto.

Qual foi a sua primeira aula?

Foi sobre a "Biomatemática" de Swanti; mas a lição verdadeira foi de umilhação. Caminhei até um anfiteatro pisando na neve suja, com o capuz levantado, e passei despercebida. Mas, quando tirei o casaco no corredor, meus traços sonmíticos provocaram surpresa, e depois mal-estar. Entrei no anfiteatro e provoquei um silêncio ressentido.

O silêncio não durou. "Ei!", gritou um rapaz. "Um ginseng grande e dois dogbúrgueres!" Toda a turma riu. Não fui genomada para enrubescer, mas meu pulso aumentou. Sentei-me na segunda fileira, onde ficavam as moças. A líder delas tinha dentes esmeraldados: "Esta fileira é *nossa*. Vá lá para trás. Você fede a maionese". Obedeci. Um dardo de papel me atingiu o rosto. "Eu não vendo búrgueres na sua comedoria, fabricante; por que você ocupa espaço no meu anfiteatro?" Já me preparava para ir embora quando a dra. Chu'an, com seu jeito de aranha, subiu no palco, tropeçando, e deixou cair suas anotações, assinalando o início da aula. Fiz esforço para me concentrar; eu conhecia as teorias de Swanti, porém não suas aplicações. Depois de cerca de quinze minutos, o olhar da dra. Chu'an percorreu sua plateia e me viu; ela interrompeu uma frase. A plateia entendeu por quê. A dra. Chu'an obrigou-se a prosseguir. Eu obriguei-me a permanecer sentada. Quando terminou, não tive coragem de fazer perguntas. Lá fora uma barreira de sarcasmos estava à minha espera.

O professor Mephi sabia da agressividade dos alunos?

Sabia, sim. Ele me perguntou se a aula tinha sido frutífera; escolhi a palavra "informativa", e perguntei: por que os estudantes me desprezavam tanto, se eu não os ofendera de modo algum?

Ele me perguntou por que o dominador, seja quem for, sempre tem medo de que o dominado obtenha conhecimentos.

Não ousei a usar a palavra “insurreição”, optando por um caminho indireto. “E se as diferenças entre os estratos sociais deriva não da genômica, nem da excelência inerente, nem mesmo dos dólares, mas das diferenças de conhecimento?”

O professor perguntou então: isso não significava que toda a Pirâmide fora construída sobre areias instáveis?

Perguntei se tal ideia não poderia ser considerada um desvio sério.

Mephi parecia deliciado. “Pense nisto: os fabricantes são espelhos voltados para a consciência dos puros-sangues; o que eles veem lá lhes causa mal-estar. Então põem a culpa nos espelhos.”

Perguntei quando os puros-sangues começariam a culpar a si próprios.

Respondeu Mephi: “A história nos ensina que isso só acontece quando eles são *forçados* a fazê-lo”.

Dei-me conta de que não aguentava mais aquele inverno. “Quando isso vai acontecer?”

O professor fez girar seu velho globo. “A aula da dra. Chu’an continua amanhã.”

Você precisou de coragem para voltar.

Um agente da lei me acompanhou. Dessa vez ninguém me insultou. O agente dirigiu-se às moças da segunda fileira com uma malícia cortês: “Esta fileira é *nossa*; talvez vocês encontrem lugar lá atrás”. As moças se afastaram, porém senti-me constrangida: o que avia se manifestado era o temor da Unanimidade, e não a aceitação da minha pessoa. A dra. Chu’an ficou tão incomodada com a presença do agente da lei que deu toda a sua aula sem olhar uma única vez para a plateia.

O preconceito é *permafrost*.

Você ousou assistir a outras aulas?

Mais uma, sobre os Fundamentos de Lööw. Fui sem escolta, preferindo ser insultada a ter de usar aquela espécie de armadura externa. Cheguei cedo, sentei-me num lugar lateral e permaneci com uma viseira ocultando o

rosto enquanto o anfiteatro se enchia. Os estudantes me olhavam com desconfiança, mas ninguém jogou papel em mim. Dois rapazes sentados mais à frente viraram-se para trás. Avia em seu rosto uma expressão sincera de preocupação. Um deles me perguntou se eu era mesmo uma espécie de gênio artificial.

"'Gênio' não é uma palavra que se possa usar com tanta facilidade", retruquei.

Ao ouvir uma servidora falando, os dois ficaram admirados. "Deve ser orrível", disse o outro, "ter uma mente inteligente presa num corpo inferior, genomado para servir, não é?"

Respondi que estava apegada a meu corpo.

Dessa vez, quando saí do anfiteatro, enfrentei uma verdadeira idra de cinquenta cabeças de perguntas, walkmans microfonados e nikons flashadas a meu redor. De qual Papa Song's eu viera? Quem me avia matriculado na Taemosan? Eu tinha mesmo "ascendido"? Como? Averia outras como eu? Eu já ouvira falar em Sonmi~939? Quantas semanas eu ainda teria pela frente antes que minha ascensão degenerasse? Eu era uma Abolicionista? Eu tinha namorado?

A Mídia teve permissão de entrar numa universidade financiada pelo Estado?

Não, mas a Mídia oferecia recompensas por matérias sobre a Sonmi de Taemosan. Encapuzei-me e tentei voltar para a Faculdade da Unanimidade abrindo alas em meio à multidão, mas a pressão era tamanha que minha viseira foi derrubada, fui jogada no chão e me machuquei muito, até que dois agentes da lei conseguiram evacuar o corredor. O professor Mephi encontrou-se comigo no saguão da Unanimidade, murmurando que eu era valiosa demais para me expor àquela multidão de curiosos. Ele girava seu anel com a pedra de chuva, vigorosamente; era desse modo que traía, inconscientemente, sua tensão.

Concordamos que era melhor que minhas aulas fossem dijiadas para meu sony.

Como eram os experimentos realizados em você na parte da manhã?

Eles me tornavam consciente, diariamente, do meu verdadeiro status. Olhando para trás, identifico a sensação de isolamento que Yoona~939 deve ter sofrido quando se recolheu a si própria. De que adiantava todo aquele conhecimento, eu me perguntava, se não podia ser usado para melhorar minha existência? No longo prazo, o quadro à minha frente era desanimador. Como eu poderia me encaixar na Exultação dentro de nove anos e nove estrelas, munida dos meus conhecimentos superiores? Será que as amnesíadas conseguiriam apagar os conhecimentos adquiridos? Será que eu queria que isso acontecesse?

Eu passava oras parada, sem virar sequer uma página do meu sony. Ouve uma semana em que a única coisa que li foi uma istória chamada “A pequena sereia”, do Livro do Lá-Fora de Yoona, um verdadeiro tratado deprimente sobre a exclusão. Chegou o Quarto Mês, e com ele meu primeiro aniversário como espécime desgarrado em Taemosan, mas a primavera não me trouxe alegria.

Minha curiosidade está morrendo, eu disse ao professor Mephi durante nosso seminário sobre Thomas Paine. Foi num Primeiro Dia ensolarado, e o barulho de uma partida de beisebol entrava pela janela aberta na sala dele.

Disse meu mentor que precisávamos identificar a fonte da doença, com urgência.

Observei que ler não constituía o verdadeiro conhecimento, que o verdadeiro conhecimento sem experiência é um alimento que não nutre.

“Você precisa sair mais”, replicou o professor.

Voltar às aulas? Andar pelo campus? Ou pela conurb?

Na Nona Noite, um jovem pós-grad da Unanimidade, chamado Hae-Joo Im, veio à minha morada. Chamando-me de “srta. Sonmi”, explicou que o professor Mephi lhe pedira que viesse me “alegrar”. O professor Mephi tinha poder de vida e morte sobre o futuro dele, e por isso obedecera. “Brincadeira”, acrescentou. Então perguntou se eu me lembrava dele.

Eu lembrava, sim. Seu cabelo negro estava castanho, cortado à escovinha, e suas sobrancelhas agora eram em zigue-zague, quando antes não tinham nenhum enfeite; mas era o ex-colega magro de Boom-Sook, que lhe dera a notícia da morte de Wing~027, causada pela idiotice de Min-Sic.

Ele olhou à sua volta, contemplando minha morada. “É bem melhor do que aquela espelunca do Boom-Sook Kim. Aqui caberia todo o apartamento da minha família.”

Concordei: o apartamento era muito espaçoso.

O silêncio se expandiu. Hae-Joo Im disse que poderia ficar dentro do elevador até que eu pedisse para ele ir embora.

Mais uma vez, desculpei-me pela falta de polidez e convidei-o a entrar.

Ele descalçou as nikes, dizendo: “Eu é que peço desculpas pela *minha* falta de polidez. Falo demais quando fico nervoso, e digo bobagens. Pronto, já estou fazendo isso de novo. Posso experimentar sua chaise-longue de maglev?”.

Respondi que sim e perguntei por que motivo eu o deixava nervoso.

Pelo motivo óbvio, respondeu ele: eu era igual a qualquer Sonmi que se encontrava em qualquer comedoria, mas quando abria a boca me transformava numa doutora em filosofia. O pós-grad cruzou as pernas, sentado na chaise-longue, e balançou-a, passando a mão pelo campo magnético. Confessou: “Uma vozinha na minha cabeça está dizendo: ‘Não esqueça que essa garota é um marco na istória da ciência. O primeiro fabricante ascendente estável! Cuidado com o que você diz! Diga apenas coisas profundas!’”. Por isso, explicou, acabava só dizendo bobagens.

Garanti-lhe que eu me sentia mais como um espécime do que como um marco.

Hae-Joo deu de ombros e me disse que o professor achava que seria bom para mim fazer um programa, e brandiu um Anel de Alma, sorrindo: “Gastos por conta da Unanimidade. Oba, oba. O céu é o limite. Que tipo de diversão você prefere?”.

Eu não fazia a menor ideia, desculpei-me.

Bem, insistiu, Hae-Joo, o que eu fazia para relaxar?

“Eu jogo go com meu sony”, respondi.

“Para *relaxar*?”, ele retrucou, pasmo. “Quem ganha, você ou o sony?”

“O sony”, respondi, “senão eu nunca vou melhorar, não é?”

“Quer dizer”, disse Hae-Joo, “que os vencedores é que são os verdadeiros perdedores, porque não aprendem nada? E, nesse caso, os perdedores são o quê — os vencedores?”

Eu não sabia se ele estava falando sério. Respondi: “Se os perdedores souberem explorar o que seus adversários lhes ensinam, sim, os perdedores podem se tornar os vencedores no longo prazo”.

“Santa Corpocracia!”, exclamou Hae-Joo Im. “Vamos à cidade.”

Ele não a irritava um pouco?

No início, me irritava muito; mas eu dizia a mim mesma que aquele pós-grad era o remédio que o professor Mephi havia receitado para meu mal-estar. Além disso, Hae-Joo me lisonjeava referindo-se a mim como uma “pessoa”, e nem mesmo Yoona~939 falava comigo com tanta espontaneidade. Perguntei a meu visitante o que ele costumava fazer nas Nonas Noites, quando não era intimado a cuidar de espécimes importantes.

Hae-Joo, diplomático, sorriu olhando para baixo e disse que os homens do estrato de Mephi não precisavam intimar ninguém; bastava-lhes dar sugestões. E respondeu que nas Nonas Noites ele ia a uma comedoria ou a um bar com os colegas, ou, quando estava com sorte, a uma boate com uma moça.

Eu não era uma colega nem exatamente uma moça.

Ele sugeriu uma galeria, para “provar os frutos da Nea So Copros”.

Ele não teria vergonha, perguntei, de ser visto com uma Sonmi? Eu podia ir de chapéu e echarpe.

Hae-Joo Im fez cara de quem estava na dúvida, e propôs uma barba falsa de mago e chifres de alce.

“Isso eu não tenho”, respondi.

Hae-Joo riu e me disse para usar as roupas com que eu me sentia mais à vontade, garantindo que eu passaria despercebida com mais facilidade na

cidade do que num anfiteatro na faculdade. Avia um táxi lá embaixo, e ele me esperaria no saguão.

Você estava nervosa por sair de Taemosan?

Um pouco, sim. Hae-Joo me distraía falando sobre as atrações turísticas. Mandou o táxi passar pelo Memorial aos Plutocratas Caídos, contornar o Palácio Kyōngbokkung, descer a avenida dos Dez Mil AdVs. O motorista era um puro-sangue bengalês que logo farejou a possibilidade de lucrar bastante com passageiros bancados por uma corp. “Uma noite ideal para ir à Torre da Lua, senhor”, ele comentou, e Hae-Joo aceitou na ora. A caovia subia a pirâmide gigantesca, até uma altura muito acima dos dosséis, muito acima de tudo, menos dos monólitos das corps. Você já subiu na Torre da Lua alguma vez, Arquivista?

Não, nem mesmo de dia. Nós, cidadãos, deixamos a Torre mais para os turistas.

Pois vá. Do andar duzentos e trinta e quatro, a conurb era uma neblina de xênon e neon e movimento e dioxcarb e dosséis. Não fosse a cúpula de vidro, disse Hae-Joo, o vento àquela altitude nos levaria embora como se fôssemos pipas de papel. Ele apontava para várias protuberâncias e marcos, alguns dos quais eu já vira, ou conhecia pelo menos de ouvir falar, através do AdV e do 3-D. A Chongmyo Plaza estava oculta atrás de um monólito, mas seu estádio era visível: um olho azul-dia, aberto. A SementCorp era o patrocinador lunar aquela noite. O imenso projetor, instalado no distante monte Fuji, projetava uma sequência de AdVs na face da lua; tomates do tamanho de bebês; cubos de couve-flor cremosos; raízes de lótus sem furos. Balões de fala subiam da boca suculenta do Logomem da SementCorp.

O velho motorista de táxi falou da sua infância em uma conurb distante, agora inundada, chamada Mumbai, onde a lua estava sempre nua. Hae-Joo disse que uma lua sem AdVs o assustaria.

A qual galeria vocês foram?

Pomar Wangshimni. Era como uma enciclopédia, feita não de palavras, mas de objetos. Ficamos horas lá, eu apontando para coisas e Hae-Joo respondendo: máscaras de bronze, sopa instantânea de ninho de aves, criados fabricantes, suzukis de ouro, filtros de ar, meadas a prova de ácido, modelos oraculares do Amado Presidente e estatuetas do Primeiro Presidente Imanente, perfumes de pó de joias, echarpes de seda pérola, mapas tempo-real, artefatos das terras mortas, violinos programáveis. Hae-Joo mostrou-me uma farmácia: pacotes de comprimidos para câncer, aids, alzheimer, tox de chumbo; para corpulência, anorexia, calvície, hirsutismo, exuberância, casmurrice, drogorvalhos para velhice, drogas para abuso de drogorvalhos.

Deu a hora vinte e um, e no entanto havíamos percorrido menos de um décimo de um único distrito. Os consumidores fervilhavam, a comprar, comprar, comprar; uma esponja multicelular de demanda que sugava produtos e serviços de toda venda, comedoria, bar, loja e recanto, derramando dólares.

Hae-Joo me levou a um café-plataforma sofisticado. Comprou um isop de starbuck para ele e uma água para mim. Explicou que, por efeito da Lei do Enriquecimento, cada consumidor tem de gastar uma cota fixa de dólares por mês, dependendo do estrato a que pertence. Estocar dinheiro é um crime anticorpocrático. Eu já sabia disso, mas não o interrompi. Hae-Joo me contou que sua mãe se sente intimidada nas galerias modernas, por isso ele costuma se responsabilizar pelo gasto da cota.

Perguntei-lhe como é que as pessoas se sentem fazendo parte de uma família.

O pós-grad sorriu e franziu a testa ao mesmo tempo. “Um fardo necessário”, confidenciou-me. “O hobby de mamãe é colecionar achaques e drogas para curá-los. Papai trabalha no Ministério de Estatísticas, e dorme na frente do 3-D com a cabeça num balde.” Seus dois pais eram apenas concepções naturais, confessou, que venderam a cota do segundo filho e usaram os dólares para que Hae-Joo fosse bem genomado, o que lhe possibilitou ambicionar uma carreira na Unanimidade. Ele queria ser um

unanimomem desde que viu dramas de agentes da lei no 3-D. Derrubar portas a pontapés como meio de ganhar dinheiro lhe parecia uma vida esplêndida.

Seus pais deviam amá-lo muito para fazer tamanho sacrifício, comentei. Hae-Joo observou que a pensão deles vai sair de seu salário. Então perguntou: não avia sido um verdadeiro abalo sísmico para mim ser arrancada do Papa Song's e transplantada para o laboratório de Boom-Sook? Eu não sentia saudade do mundo para o qual tinha sido genomada?

Respondi: "Nós, fabricantes, somos orientados para não sentir saudade de nada".

Ele insistiu: não teria eu ascendido a um nível acima da minha orientação?

Retruquei que teria que pensar no assunto.

Você encontrou alguma reação negativa da parte dos consumidores na galeria? Quer dizer, por ser uma Sonmi fora do Papa Song's.

Lá havia muitos fabricantes: carregadores, domésticos e limpadores. Na verdade, eu não me destacava tanto assim. Entendi ainda melhor o motivo pelo qual ninguém manifestou a indignação que me foi dirigida no campus numa hora em que Hae-Joo foi ao igienizador. Uma mulher com sardas rubi, de tez adolescente mas olhos claramente de uma pessoa mais velha, desculpou-se por me incomodar. "Sou uma caça-talentos da mídia de moda", apresentou-se. "Pode me chamar de Lily. Eu estava observando você!" Deu uma risadinha. "Mas uma mulher como você, uma mulher de coragem, de talento, mas principalmente de *visão*, minha querida, certamente já espera que isso aconteça, não é?"

Fiquei muito confusa.

Ela disse que nunca tinha visto uma consumidora chegar ao ponto de fazer paisagismo facial para ficar parecendo uma fabricante serviçal bem conhecida. "Para os estratos inferiores", disse ela, "isso é um ato de bravura, mas para mim é um lance de gênio." Então me perguntou se eu não queria atuar como modelo para "uma revista 3-D horrendamente chique".

Receberia um cachê *estratosférico*, ela insistiu, e os amigos de meu namorado ficariam *rastejando* de ciúme, e para uma mulher o ciúme de um homem valia tanto quanto dólares na Alma.

Agradeci, mas não aceitei a proposta, acrescentando que as fabricantes não têm namorado. Ela sorriu, indulgente, examinando cada detalhe de meu rosto, e implorou para que eu lhe dissesse o nome do meu paisagista. “Um artista como esse eu *preciso* conhecer. Que miniaturista!”

Depois que saí do meu tanque-útero e recebi minha orientação, respondi, minha vida transcorrera atrás de um balcão no Papa Song’s, por isso jamais vim a conhecer meu paisagista.

A editora de modas riu, deliciada, porém incomodada.

Ah, agora entendi — ela não acreditava que você não era uma puro-sangue?

Ela me deu um cartão de visita, insistindo para que eu pensasse bem e *telefonasse*. “Oportunidades como esta não brotam dez dias por semana.”

Quando saltei do táxi na Unanimidade, Hae-Joo Im me pediu que a partir daquele momento eu o tratasse pelo primeiro nome. “Sr. Im” o fazia sentir que ele estava num seminário. Por fim, perguntou se eu estaria livre no próximo Nono Dia.

Respondi que não queria que ele gastasse seu tempo valioso com uma obrigação profissional.

Hae-Joo admitiu que antes não sabia o que o esperava, porém insistiu que avia se divertido. “Por isso, vamos ter um novo encontro.”

Concordei. “Então, está bem.”

De modo que esse passeio teve o efeito de diminuir a… sensação de tédio?

Compreendi que o meio em que vivemos é um componente-chave da nossa identidade, mas que meu ambiente, o Papa Song’s, era uma chave que eu avia perdido. Dei-me conta de que eu queria visitar minha ex-comedoria debaixo da Chongmyo Plaza. Não saberia explicar por que, mas é possível um impulso ser ao mesmo tempo vagamente compreendido e forte.

Mas é claro que não era uma boa ideia uma servidora ascendida visitar uma comedoria, certo?

Não estou dizendo que era uma boa ideia, e sim que era algo necessário. Hae-Joo também estava esitante, dez dias depois, temendo que aquela visita pudesse “exumar coisas já enterradas”.

Era justamente o que eu queria. Avia enterrado uma parte excessiva de mim mesma.

Hae-Joo concordou e me mostrou como prender o cabelo no alto e passar maquiagem. Uma echarpe de seda vistosa ocultava meu colarinho, e no elevador, a caminho do táxi, ele colocou em mim seus óculos escuros cor de jade.

Numa Nona Noite do Quarto Mês, a Chongmyo Plaza não era o túnel de ventos fervilhante que eu tinha na memória: era um caleidoscópio pululante de AdVs, consumidores, execs e muspops. A estátua monumental do Querido Presidente contemplava seu povo abundante com uma expressão sábia e bondosa. Da borda sudeste da Plaza, os arcos do Papa Song’s me ajudavam a concentrar minhas ideias. Hae-Joo segurou minha mão e me lembrou de que podíamos voltar atrás a qualquer momento. Entramos na fila do elevador; ele enfiou em meu dedo um Anel de Alma.

Por quê?

Para dar sorte: Hae-Joo tinha um lado supersticioso. Entramos no elevador apinhado e a cabine desceu; tinha sido tão diferente na companhia do sr. Chang!

De repente as portas se abriram, e saímos do elevador tsumaniados pelos consumidores famintos. Fiquei parada, atônita, diante da constatação de que minha memória era totalmente enganosa.

Em que sentido?

Aquela cúpula espaçosa: tão acanhada! Os tons magníficos de vermelho e amarelo: berrantes e vulgares. O ar saudável: o cheiro de gordura me dava ânsia de vômito. Depois do silêncio em Taemosan, o barulho da comedoria

era como um tiroteio infindável. Papa Song, em Seu Plinto, nos saudava. Tentei engolir, mas minha garganta estava seca. Sem dúvida, nosso Logomem averia de condenar a filha pródiga, não?

Não. Ele piscou para nós, puxou o próprio corpo para cima pelos cadarços das nikes, espirrou, soltou uma exclamação e caiu de volta em Seu Plinto. As crianças gritavam de hilar. Como podia um olograma idiota inspirar tanta admiração em nós?

Hae-Joo foi procurar uma mesa enquanto eu circundava o Eixo. Minhas irmãs sorriam sob aquela iluminação suave. Como eram aplicadas ao trabalho! Lá estavam as Yoonas, Ma-Leu-Da~108, o colarinho ainda ostentando a estrela de minha amiga morta. As vinganças que eu planejara pareciam mesquinhas agora. Que destino imaginável poderia ser pior do que doze anos de trabalho no Papa Song's? No meu antigo balcão no oeste avia uma Sonmi caloura. Lá estava Kyelim~889, a substituta de Yoona. Entrei na fila da sua caixa, sentindo-me mais nervosa à medida que minha vez se aproximava. "Eu sou Kyelim~889! É mágico, dá água na boca, é Papa Song's! Sim, madame? O que a senhora deseja oje?"

Perguntei-lhe se ela me conhecia.

Kyelim~889 sorriu mais ainda para diluir sua confusão.

Perguntei, em voz baixa e pausada, se ela se lembrava de Sonmi~451, uma servidora que antes trabalhava ao lado dela, que desapareceu numa manhã.

Um sorriso confuso. O verbo "lembrar" não fazia parte de seu léxico. "Eu sou Kyelim~889! É mágico, dá água na boca, é Papa Song's!"

Perguntei: "Você é feliz, Kyelim~889?".

O entusiasmo brilhava em seu sorriso; ela concordou com a cabeça.

"'Feliz' é uma palavra do Segundo Catecismo. Sei de cor. Desde que eu obedeça aos Catecismos, Papa Song me ama; desde que Papa Song me ame, sou feliz.'"

Um impulso cruel passou por mim. Perguntei à Kyelim: ela não queria viver como vivem os puros-sangues? Sentar-se às mesas das comedorias em vez de limpá-las?

Kyelim~889 queria tanto me agradar! Disse: “As servidoras comem Sabão!”.

Sim, insisti, mas ela não queria conhecer o Lá-Fora?

A expressão da servidora deve ter sido semelhante à minha quando Yoona~939 pronunciava seus desvios. Disse ela: “As servidoras só vão Lá-Fora quando se dozestrelam”.

Uma jovem consumidora com cachos de zinco e unhas de plectro me cutucou. “Se você quer provocar essas fabricantes burras, faça isso numa manhã de Primeiro Dia, não numa Nona Noite. Eu preciso ir às galerias *antes* do recolher, está bem?”

Mais que depressa, pedi suco de rosa e gengivas de tubarão a Kyelim~889. Lamentei Hae-Joo não estar a meu lado: eu temia que o Anel de Alma não funcionasse direito e revelasse que eu era uma fabricante fujona.

O Anel de Alma funcionou, mas as minhas perguntas aviam me marcado como uma criadora de casos. “Vá sobrestratar *suas* fabricantes!”, rosnou o namorado da consumidora, quando passei por ele com minha bandeja. “*Abolicionista*.” Os outros puros-sangues da fila olharam para mim quando passei por eles, preocupados, como se eu tivesse uma doença contagiosa.

Hae-Joo tinha encontrado uma mesa livre no quadrante oeste. Quantas dezenas de milhares de vezes eu avia limpado aquela superfície? Hae-Joo perguntou-me, delicadamente, se eu tinha descoberto alguma coisa valiosa.

Cochichei: “Aqui nós não passamos de *escravas* por doze anos”.

O pós-grad da Unanimidade coçou a orelha e verificou se avia alguém nos escutando. Bebeu um gole de suco de rosa, concordando com a cabeça. Ficamos dez minutos vendo AdV, sem dizer nada.

Quer dizer que a visita ao Papa Song’s foi… um anticlímax? Você achou a “chave” do seu eu ascendido?

Creio que a chave era que não havia chave alguma. No Papa Song’s eu fora escrava; em Taemosan era uma escrava um pouco mais privilegiada. Porém aconteceu mais uma coisa quando voltávamos para o elevador.

Reconheci a esposa do meu exec, trabalhando em seu sony. Pronunciei seu nome em voz alta: “Sra. Ree”.

Aquela mulher imaculadamente orvalhodrogada levantou a vista com um sorriso perplexo formado por lábios lascivos, remodelados. “Eu já fui a sra. Rhee, mas agora sou a sra. Ahn. Meu primeiro esposo faleceu afogado num acidente de pesca no ano passado.”

“Ah”, exclamei. “Que coisa terrível.”

A sra. Ahn me perguntou se eu conhecera bem seu falecido marido.

Mentir não é tão fácil como os puros-sangues dão a entender.

A sra. Ahn repetiu a pergunta.

“Minha mulher trabalhou como padronizadora de qualidades na Corp antes de nos casarmos”, Hae-Joo apressou-se a explicar, acrescentando que a Chongmyo Plaza era sua área e que o Vedor Rhee fora um corpomem exemplar.

As suspeitas da sra. Ahn foram despertadas. Ela perguntou exatamente quando eu avia trabalhado com seu falecido marido.

Agora eu sabia exatamente o que dizer. “No tempo em que ele tinha como Auxiliar um consumidor chamado Cho.”

O sorriso dela permaneceu fixo, porém mudou de qualidade. “Ah, sei, o Auxiliar Cho foi transferido para algum lugar ao norte, para aprender a ter espírito de equipe.”

Hae-Joo tomou-me pelo braço, dizendo: “Bem, ‘Todos por Papa Song, Papa Song por Todos’. As galerias nos chamam, querida. A sra. Ahn é claramente uma pessoa que não desperdiça seu tempo”. Desejamo-nos boa sorte.

Mais tarde, no meu apartamento tranquilo, Hae-Joo me fez o seguinte elogio: “Se *eu* tivesse ascendido de servidor prodígio em apenas doze meses ocorridos, meu endereço atual não seria no setor de convidados da Faculdade da Unanimidade, e sim numa dormidoria de loucos. Você diz que está ‘deprimida’ — pois o que eu vejo é resiliência. Você agora tem *permissão* de sentir-se confusa e virada do avesso. Isso não quer dizer que é defeituosa — quer dizer apenas que é umana”.

Jogamos go até o recolher. Hae-Joo ganhou a primeira partida; eu ganhei a segunda.

Quantos passeios como esse ocorreram?

Todos os Nonos Dias, até o Dia da Corpocracia. Quanto mais eu conhecia Hae-Joo, mais consideração tinha por ele. Passei a fazer bom juízo dele, tal como o conselheiro Mephi. O professor não comentava essas saídas durante nossos seminários; seu protegido decerto entregava-lhe relatórios, mas Mephi queria que eu saboreasse a sensação de privacidade. Os negócios do Conselho começaram a exigir-lhe mais tempo, e passei a vê-lo com menos regularidade. Os exames matinais prosseguiram, com cientistas bem-educados, porém sem nada de memorável.

Hae-Joo gostava de fofocas do campus, que para mim eram informativas. Fiquei sabendo que Taemosan não era um organismo unido, e sim um aglomerado de grupos de interesse e tribos em guerra, tal como o Juche. A Faculdade da Unanimidade exercia um domínio que inspirava desprezo. “Os segredos são armas mágicas”, ele disse, citando palavras de seu professor. Mas esse domínio também explica por que motivo os agentes da lei em formação têm poucos amigos fora da faculdade. Hae-Joo reconhecia que moças à procura de marido sentiam-se atraídas pelo status futuro desses alunos, porém os omens da sua idade ou mais velhos que ele não gostavam de embriagar-se em sua companhia.

Arquivista, o tempo está passando. Podemos saltar para minha última noite no campus?

Como você quiser.

Uma das paixões de Hae-Joo eram os disneys, e uma das vantagens de ter o professor Mephi como mentor era o acesso a itens proibidos dos arquivos de segurança.

Você se refere a samizdats da União, vindos das Zonas de Produção?

Não. Refiro-me a uma zona ainda mais proibida: o passado. Disneys até mesmo de antes das Escaramuças. Naquele tempo, eram chamados de "filmes". Segundo Hae-Joo, os antigos tinham uma arte que a corpocracia do 3-D á muito tempo avia obsoletizado. Tive de acreditar nele: os únicos disneys que eu já tinha visto eram as pornoviols de Boom-Sook. Na última Nona Noite do Sexto Mês, Hae-Joo chegou balançando nos dedos a chave de um auditório de exibição do campus, explicando que um aluno de Mídia lhe devia um favor. Disse, num sussurro teatral: "Eu tenho um disco que é, falando sério, um dos maiores filmes já feitos por qualquer diretor, de qualquer época".

Qual era o filme?

Um picaresco chamado *O pavoroso calvário de Timothy Cavendish*, feito antes da fundação da Nea So Copros numa província da fracassada democracia europeia, á muito tempo terramortada. Você já viu algum filme do início do século XXI, Arquivista?

Um arquivista do oitavo estrato nem sonha em ter permissão para ver algo assim! É difícil de acreditar que um mero pós-grad tivesse acesso a ficções tão subversivas, mesmo sendo ele da Unanimidade.

O que não está claro para mim é o motivo pelo qual o estado corpocrático proíbe *qualquer* discurso istórico. Será que é porque a istória fornece um cabedal de experiências umanas que rivaliza o da Mídia? Nesse caso, por que preservar arquivos como o do seu ministério, cuja própria existência é segredo de Estado?

Eu é que não sei. E o que você achou do tal *Pavoroso calvário*?

O mundo de que ele fala me intrigou; as diferenças entre ele e o nosso são indescritíveis. Naquela época, os puros-sangues realizavam todos os trabalhos braçais; os únicos fabricantes eram carneiros doentes. As pessoas murchavam e feificavam quando envelheciam; não avia orvalhodrogas. Os

idosos esperavam a morte em prisões para gente senil e incontinente; não avia períodos de vida fixos, nem eutanásio.

Pelo visto, é uma distopia terrível.

Naquela época, tal como agora, a distopia era uma função da pobreza, e não uma política de Estado. O auditório vazio proporcionava um contexto sombrio para as paisagens chuvosas do disney antigo. Gigantes caminhavam pela tela, iluminados pela luz do sol captada por uma lente no tempo em que o avô do seu avô, Arquivista, ainda dava pontapés na barriga da mãe dele.

O tempo é o que impede que a istória aconteça toda simultaneamente; o tempo é a velocidade com que o passado desaparece. O filme dá àqueles mundos perdidos uma breve ressurreição. Aqueles prédios já demolidos, aqueles rostos que já apodreceram á tanto tempo, fascinavam-me. *Nós éramos tal como você é*, eles me diziam. *O presente não importa*. Meus cinquenta minutos diante da tela de cinema com Hae-Joo foram um momento de felicidade.

Só cinquenta minutos?

O sony de mão de Hae-Joo estava numa cena crucial quando o ladrão de livros que é o personagem central sofreu uma espécie de ataque; seu rosto, contorcido diante de um prato de ervilhas, imobilizou-se. Uma voz em pânico vinha do sony de mão: “Aqui é o Xi-Li! Estou do lado de fora! Me deixe entrar! Aconteceu o pior!”. Hae-Joo apertou a remotecla e a porta do auditório abriu-se; uma cunha de luz amarela percorreu as poltronas vazias. Um estudante entrou afobado, o rosto luzidio de suor, saudou Hae-Joo e deu a notícia que desestruturou minha vida. De novo. Quarenta ou cinquenta agentes da lei aviam tomado a Faculdade da Unanimidade, prendido o professor Mephi e agora procuravam por nós. Tinham ordem de capturar Hae-Joo para interrogá-lo e matar-me imediatamente. As saídas do campus estavam em observação.

O que você pensou ao ouvir isso?

Não consegui pensar nada.

Meu companheiro então exibiu uma autoridade severa que, coisa que só percebi naquele momento, sempre estivera presente. Consultou seu rolex e perguntou se o sr. Chang ainda estava livre. Xi-Li, o mensageiro, respondeu que o sr. Chang tinha saído em direção ao estacionamento no subsolo.

O omem que eu conhecera com a identidade de pós-grad Hae-Joo Im, tendo ao fundo um ator morto á muito tempo que encarnava um personagem concebido um século atrás, olhou-me nos olhos e pronunciou meu nome. “Não sou exatamente quem eu disse que era.”

O vau do Sloosha
e o que deu adespois

Eu e o Velho Georgie, nós se cruzou tantas vez na vida que eu já nem alembro mais quantas, e adespois que eu morrer sei lá o que esse demonho dinhoso num vai tentar fazer com eu… antonce me passa um pedaço de carneiro que eu conto como que foi que nós conheceu. Uma fatia bem gorda, num quero esse pedacinho de nada não, queimado inda por cima…

Adam, meu mano, e o Pai e eu, nós tava voltano do mercado de Honokaa, as estrada tudo lameada e a carroça com o eixo rebentado e nós tudo com as roupa mulambada. A noite pegou nós na estrada inda cedo, e aí nós montou campamento na marge sul do vau do Sloosha, causa-que o rio Waipio tava brabo adespois de vários dia de chuva pesada e inda por cima tinha maré de lua. O Sloosha era um terreno bom se bem que brejoso, num vivia num-ninguém no vale de Waipio afora um milhão de passarim, por isso que nós num camufrou a tenda nem a carroça nem nada não. O Pai mandou eu catar lenha pa fogueira enquanto que ele mais o Adam levantava a tenda.

Num é que naquele dia eu tava com uma canganeira braba por conta duma pata de cachorro meio podrida que eu comi em Honokaa, e aí eu tava de croca no meio duns pé de pau-ferro vale acima quando no de-repente

senti uns olho virado pa eu. “Quem que tá aí?”, eu preguntei, e as samambaia abafou a minha voz.

Ah, mas que lugar escuro que cê tá, menino, rendingou as samambaia.

“Diz teu nome!”, eu gritei, bora que não muito alto. “Eu tô com minha faca, ó se num tô!”

Bem em cima da minha cabeça alguém conchichou: *Diz teu nome, menino, é o Zachry Valente ou o Zachry Covarde?* Eu alevantei os olho e num é que lá tava o Velho Georgie sentado com as perna cruzada num pé de pau-ferro podrido, com um sorriso maroto nos olho esfomeado dele?

“Eu num tenho medo de cê não!”, falei pa ele, mas pa num faltar com a verdade a minha voz saiu foi que nem um peido de pato no meio dum furacão. Eu tava era tremeno por dendo quando o Velho Georgie pulou do gaio da arve e aí o que foi que conteceu? Ele sumiu assim que nem uma nuve, trás de eu. Num tinha mais nada lá… só um pombo-banha gordo ciscano a terra procurano largata, doido pa levar uma pedrada e entrar num espeto! Aí maginei que o Zachry Valente tinha frentado o Velho Georgie, né, e o tal foi trás de gente mais covarde que eu. Eu queria contar po Pai e po Adam essa minha ventura sinistrosa, mas contar um causo é muito mais melhor com de-comer na boca, daí que eu sem fazer barulho puxei pa cima as minha perneira e fui ino devagarim, chegano bem pertim daquele penoso gorducho… e aí dei o bote.

O pombo-banha escapuliu dos meus dedo e pulou po lado, mas eu que num ia entregar os ponto não, saí mas foi trás do bicho rio acima, atravessano espinheiro, pulano nos gaio seco, os espinho risca-riscano minha cara toda, mas eu tava tão desquizilado com o bicho que nem pa reparar que as arve tava rareano e o ronco da cachoeira de Hiilawe tava ficano cada vez mais perto, e aí caí cataplau no meio duma clareira e despavantei um bando de cavalo. Não, num era cavalo selvage não, era cavalo todo parafrenado de couro com tachão, e na ilha Grande cavalo assim, né, só pode ser dos Kona.

Dez-doze desses bugre pintado já tava pegano os chicote e as faca dele, dano grito de guerra pa me assustar! Eu, ó, saí correno vale abaixo, pelo

mesmo caminho que eu vim, caçador virado caça. O Kona que tava mais perto de eu vinha correno, os outro montou nos cavalo dele, tudo rino de sastifação. O pavor dá asa aos pé mas trapalha as ideia, daí que eu fui direto de volta po Pai. Eu só tinha nove ano, antonce só fazi seguir meu istinto sem pensar no que ia dar.

Mas eu num cheguei de volta no nosso campamento não, senão eu num ia tá aqui contano essa história pa ocês. Trumpecei numa raiz gorda — quem sabe o pé do Georgie? — e caí num buraco cheio de folha seca, que me escondeu dos casco dos Kona que passou por cima de eu, que nem trovão. Eu fiquei lá, ouvino aquela gritalhada toda, pertinho de eu, passano pelo meio das arve… em direção ao Sloosha. Ao Pai e ao Adam.

Saí do buraco e fui, correno sem fazer barulho, mas cheguei tarde, tarde demais. Os Kona tava rodeano a nossa tenda, estalano os chicote. O Pai, ele tava com o machado na mão, meaçano, e meu irmão com o pau de espeto dele, mas os Kona tava só brincano com eles. Eu fiquei parado na beira da clareira, o medo tava mijano no meu sangue e eu num conseguia sair do lugar não. *Plact!*, estalou o chicote, e o Pai mais o Adam tava os dois derribado e estrebuchano que nem enguia na areia. O chefe dos Kona, um fiadaputa feroz, saltou do cavalo e saiu chapinhano no raso té o Pai, sorrino pos camarada pintado dele, pegou a espada dele e abriu a garganta do Pai de orelha a orelha.

Eu nunca que tinha visto nada tão vermelho que nem o sangue do Pai a borbojar. O chefe lambeu o sangue dele do aço da espada.

O Adam ficou estupidificado, sem reação nenhuma. Um bugre pintado amarrou os punho e os calcanho dele e jogou meu irmão mais velho em cima da sela dele como se fosse um saco de nhame, e os outro tudo esgruvinhou nosso campamento, panhou tudo que era de ferro e rebentou o que eles num queria não. O chefe montou no cavalo dele e virou pa trás e olhou pa eu… e os olho dele era os olho do Velho Georgie. *Zachry Covarde*, os olho dele dizia, *cê nasceu pa ser meu, então lutar contra eu pa quê?*

E eu, provei que ele tava errado? Fiquei e enfiei a faca no pescoço dum Kona? Fui trás dele té o campamento dos Kona pa tentar soltar o Adam? Não, sabe, o Zachry Valente, nove ano, escobreou arve acima pa ficar fungano e rezano a Sonmi pa que num-ninguém viesse pegar e escravar ele tamém. É, só fazi isso. Ah, se eu fosse Sonmi me ouvino, sacudia a cabeça de desprezo e esmagava eu que nem um lombrigo.

O Pai inda tava boiano no raso quando eu voltei de-sorrateio adespois que noitou; agora o rio tava calmano e o tempo limpano. O Pai, que me pancava mas me amava. Liso que nem peixe de gruta, pesado que nem boi, frio que nem pedra, té a última gota de sangue dele chungada pelo rio. Eu num conseguia chorar direito não nem nada, sabe, causa-que era tudo muito horrive demais. Sloosha era seis-sete milha de costa dos Osso, aí fazi um montim po Pai ali mesmo adonde ele tava. Eu num lembrava mais das palava sagrada da Badessa, só lembrava *Sonmi Querida, que estais entre nós, levai esta alma amada a um vale-ventre, nós vos suplicamo*. Foi o que eu falei, e adespois travessei o Waipio, e fui subino em zigue-zague a foresta escura.

Um mocho-duende piou pa eu: *Lutou bem, Zachry Valente!* Berrei com o bicho pa ele calar o bico, mas ele arrespondeu: *E se eu num calar não? Cê vai me rebentar que nem rebentou os Kona? Ah, em nome dos meus fi-fi-filhotes, tenha paciença!* No alto da serra de Kohala os dingo uivava, *Zachryyy-yy-y Covardiii-ii-i*. Adespois a lua amostrou a cara dela, mas essa dama gelada num disse nada não causa-que nem psisava, eu sabia o que ela pensava de eu. O Adam tava olhano paquela mesma lua, só umas duas-três-quatro milha dali, mas eu num podia judar ele não, era que nem que se ele tava lá adespois de Honolulu. Aí eu estorei e fiquei chora-chora-chorano, sim, que nem um babito redemunhado no vento.

Adespois de subir uma milha cheguei na casa do Abel e gritei té cordar as gente. Isaak, o mais velho do Abel, veio abrir e contei pa eles o que conteceu no vau do Sloosha, mas… eu contei a verdade nua e crua? Não, embrulhadim nas coberta do Abel, quentado pelo fogo e os de-comer deles, o menino Zachry mentiu. Num contei não que foi eu que levou os Kona té o

campamento do Pai, mas falei que fui trás dum pombo-banha no mato, e quando voltei… o Pai tava morrido, o Adam sumido, e tinha marca de casco dos Kuna na lama. Num pude fazer nada na hora, como num podia fazer nada agora. Dez guerreiro Kona podia matar a família do Abel que nem matou o Pai.

As cara de cês tão me perguntano: por que foi que eu menti?

É que na história que eu contei, sabe, eu num era o Zachry Bobo nem o Zachry Covarde, era só o Zachry Azarado e Sortudo. As mentira é os abutre do Velho Georgie que fica avoano lá no alto procura-procurano um bicho fraquim pa eles mergulhar e cravar as garra no pobre, e naquela noite, na casa do Abel, esse bicho fraquim, sabe, era eu.

Agora cês tão veno um velho carquiado, desofegano cada vez que abre a boca pa falar, que só tem mais uns pouco inverno pela frente pa travessar. Não, não, eu sei que é só isso sim. Eu tô gritano pa um que tá mais de quarenta anos pa trás, sim, gritano po Zachry Nove-Ano: *Escuta só, ô! Tem vez que cê tá fraquim contra o mundo! Tem vez que cê num pode fazer nada não! Tem culpa cê não, tem culpa é esse mundo desrebentado!* Mas eu posso me desgoelar de tanto gritar que o Zachry Menino num me ouve, nem nunca que num vai ouvir não.

Língua de cabra é dom, é coisa que já se nasce teno ou então se nasce não teno. Quem tem, as cabra tende o que a gente fala, quem não tem, as cabra passa por cima e adespois fica só sirrino da sua cara. Eu puxei do Pai minha língua de cabra, e tinha vez, quando tava cuidano das cabras, que eu achava que tava ouvino ele tocano a flauta perto dali, se bem que a Badessa dizia que ele tinha renascido na casa Kashinski lá no vale Mormo. O fato é que todo dia quando manhecia eu ia denhar as cabra e quase sempre levava o rebanho todo garganta acima té o vale do Elepaio, ino pelo passo das Vértibra, pa elas pastar nos pico de Kohala. Eu levava tamém as cabra da tia Bees, eles tinha umas quinze-vinte cabra, e aí que de todo eu tinha umas cinquenta ou sessenta pa cuidar, pa judar a parir e tratar das doente. Era

muita cabra pa cuidar, mas eu gostava daqueles bicho mais do que gostava de eu mesmo, mais inda adespois que mataro o Pai e escravaro o Adam. Cada bicho tinha um nome que eu punhava nele. Quando choveirava eu ficava encharcado tirano sanguessuga delas, quando solava forte eu ficava queimado de sol, e quando nós subia no alto dos Kohala tinha vez que eu ficava sem voltar pa casa três ou quatro noite seguida, sabe? Tinha que ficar de olho. Os dingo dispreitava na serra e aí tentava roubar um filhote cém-nascido se a gente não tava com o pau de espeto bem à mão. Quando o Pai era menino, os bugre de Mookini descia a encosta a Sota-vento e arripanhava uma ou duas cabra, mas aí os Kona escravou os Mookini todo lá do sul e as casa dele em Hawi ficou tudo entregue aos musgo e as frumiga. Nós que era cabreiro conhecia os Kohala melhor que num-ninguém, os desvão, os riacho, os lugar mal-assombrado, as arve de aço que os cavador dos tempo antigo não pegou, e os cem-duzento-trezento prédio dos Antigo que num-ninguém conhecia mais além que nós.

Nós que era cabreiro era famoso por tesar as moça. Sabe, se uma moça tava de gana por um cabreiro era só ela seguir os nosso sovio e chegar num lugar adonde num tinha mais num-ninguém não, e a gente fazia ali mesmo, debaixo do céu e num-ninguém num via a gente não, só as cabra, e as cabra nunca num conta nada não pa Velha Fuxica. Prantei meu primeiro babito na Jayjo, saino da casa Cutter Foot por lá, debaixo dum limoeiro num dia de sol. Pelo menos o dela foi o primeiro que eu fiquei sabeno. As moça nunca que explica direito quem foi e quando foi e essas coisas e tudo. Eu tinha doze anos, a Jayjo tinha a carne dura e sanhada, e ela sirria, e nós dois tava enloucado de amor, sim, que nem cês dois sentado aqui, e aí quando a Jayjo inchou e madurou nós começou a falar em casamento, pa ela poder vir morar na casa Bayley. Lá tinha muito quarto vazio, sabe? Mas aí as água da Jayjo despocou umas lua antes do tempo e o Banjo veio me chamar pa ir na Cutter Foot adonde ela tava parino. O babito saiu fora dela logo adespois que eu cheguei lá.

Isso aqui num é uma história alegrenta não, mas cês me perguntou como era a vida na ilha Grande, e essa é que é as lembrança que tá espirrano da

minha memória. O babito num tinha boca nem buraco no nariz, e aí não podia respirar e já tava morreno quando a mãe da Jayjo cortou o cordão, tadim dele. Os olho dele nem siabriu, ele só sentiu o calor das mão do pai, escurejou, parou de despernear e morreu.

A Jayjo ficou toda molhada e escorreguenta e parecia que tava morreno tamém. As mulher mandou eu sair e chamou a erveira.

Peguei o babito morrido e embrulhado em lã e levei pa costa dos Osso. Eu tava muito sofrinhento, num sabia se era a semente da Jayjo que tava podrida ou se a minha semente que tava podrida ou se era só a minha sorte que tava podrida. Era uma manhã molenga, eu caminhano debaixo dos pé de flor-de-sangue, as onda subino na praia feito vaca doente e adespois desabano na areia. Fazer o montim do babito foi mais de-rápido que fazer o montim do Pai. A costa dos Osso cheirava a alga e carne podrida, tinha osso velho espalhado no meio das pedrim, e ali num-ninguém ficava mais que o tempo que tinha que ficar, menos quem era mosca ou corvo.

A Jayjo ela num morreu não, mas nunca mais num sirriu gostoso que nem antes, e nós num casou não, pa casar tem que saber que a semente vai dar num nascipuro ou quase isso, né? Causa-que senão quem é que vai raspar o musgo do telhado e olear o ícone po cupim num comer ele adespois que cê morrer? Assim, quando eu contrava a Jayjo numa sembleia ou no escambo ela dizia: *Choveno muito, né?*, e eu arrespondia: É, vai chover té anoitar, parece, e cada um ia po seu lado. Ela casou com um curtidor de couro do vale de Kane três ano adespois, mas eu num fui na festa de casamento deles não.

Era menino. O nosso babito sem nome morrido. Menino.

A gente do Vale só tinha uma deusa e o nome dela era Sonmi. Os bugre da ilha Grande tinha tanto deus que nem dava pa contar nos dedo das mão e do pé. Lá em Hilo eles rezava pa Sonmi quando dava na veneta, mas tinha mais deus tamém, deus dos tubarão, deus dos vulcão, deus dos milho, deus dos espirro, deus das verruga cabeluda, era só inventar uma coisa que os

Hilo já tinha um deus prontim. Já os Kona tinha uma tribo de deus da guerra e outra de deus dos cavalo e sei lá o quê. Mas pa gente do Vale os deus dos bugre num nem existia não, só existia era Sonmi.

Ela vivia no meio de nós, cuidano dos Nove Vale Dobrado. Normalmente num dava pa ver ela não, mas tinha vez que dava, uma velha coroca de bengala, mas teve umas vez que eu vi ela como uma moça que brilhava. Sonmi judava os doente, consertava a má sorte, e quando uma gente do Vale verdadosa e civilada morria, ela pegava a alma dela e levava prum ventre em algum lugar nos Vale. Às vez nós lembrava as vida passada, às vez não, às vez Sonmi falava pa Badessa quem era quem num sonho, às vez não… mas nós sabia que nós sempre renascia gente do Vale, e aí a morte num era muito medrenta pa nós não.

A menos que o Velho Georgie pegava sua alma. Quem vivia que nem bugre, goísta, desprezano a Civilação, ou quem caía na tentação do Velho Georgie e virava barbo, aí a alma dele ficava pesada e rombuda e cheia de pedra. Antonce Sonmi num conseguia enfiar a alma dende ventre nenhum. Essa gente entortada e goísta era chamada de “empedrada”, e não havia destino mais ruim que esse pruma gente do Vale não.

Agora que a vela da Civilação queimou té o fim, será que isso tudo inda tem portância? Bom, eu é que num sei se tem ou se num tem não. Deixo a minha alma nas mão de Sonmi e rezo pa que leve ela prum lugar bom na outra vida, causa-que ela salvou a minha vida nesta vida, e daqui a pouco, se o fogo não drumentar cês tudo, eu conto como que foi.

A Iconaria era o único prédio na costa dos Osso entre o vale do Kane e o vale do Honokea. Num tinha nenhum mando que era poribido entrar lá não, mas num-ninguém num entrava lá só por entrar não, causa-que a sua sorte ficava podrida se cê não tinha razão pa despertubar aquele lugar fechado adonde era sempre noite. Os nosso ícone, que nós talhava e esculpia e escrevia neles durante a vida toda, ficava tudo guardado lá adespois que nós morria. Na minha vida eu vi muitos mil deles ser guardado lá, cada um uma

gente do Vale que nem eu, nascida e vivida e renacida, desde o tempo que a Frota que trazeu nossos ancestral pa ilha Grande pa fugir da Queda.

Primeira vez que entrei na Iconaria foi com o Pai mais o Adam e o Jonas quando eu tinha sete ano. A Mãe ficou com um mal de corrimento quando pariu a Catkin, e eu e o Pai ficou rezano pa Sonmi pa ela consertar a Mãe, causa-que a Iconaria era um lugar santo especial e Sonmi costumava ficar escutano as gente lá. Dendo era uma escureza molhada. O cheiro era de cera e óleo de teca. Os ícone morava nas parteleira que ia do chão ao teto, quantas que tinha num sei dizer não, não dá pa ficar contano que nem a gente conta cabra, mas tem muito mais vida morrida que vivida de agora, que nem como tem muito mais folha que arve. A voz do Pai falou na escureza, era a voz dele de sempre mas tamém era sinistrosa ali, pedino a Sonmi pa num deixar a Mãe morrer e pa alma dela ficar naquele corpo mais tempo, e na minha cabeça eu rezava a mesma coisa, só que sabeno que eu tava marcado pelo Velho Georgie desde o vau do Sloosha. E antonce nós ouviu uma espécie de ronco debaixo do silêncio, uma mistura de mil-milhão de cochicho que nem o oceano, só que num era oceano não, era os ícone, e nós tendeu que Sonmi tava lá escutano nós.

A Mãe num morreu não. Sonmi teve pena dela, sabe?

A segunda vez na Iconaria foi na Noite dos Sonho. Quando fazia catorze marca no nosso ícone, aí nós era crescido e nós drumia sozinho dendo da Iconaria e Sonmi dava a nós um sonho especial. Tinha moça que sonhava com quem ela ia casar, tinha rapaz que via um trabalho pa toda a vida, e às vez nós via coisa que adespois tinha de pedir pa Badessa pa ela divinhar o que era. No dia seguinte quem saía da Iconaria já era home e mulher crescido.

Assim, quando noitou eu deitei dendo da Iconaria debaixo da coberta do Pai, com meu ícone inda não talhado como travesseiro. Lá de fora, na costa dos Osso, vinha uns estalo, as onda frevia e quebrava, e tamém ouvi um guapurau. Mas num era guapurau não, era um alçapão abrino do meu lado, e uma corda desceno pa dendo céu do mundo subiterrano. *Desce*, mandou Sonmi, e eu bedeci, mas a corda era feita de dedo e punho de gente

retorcido junto. Olhei pa cima e vi fogo desceno do chão da Iconaria. *Corta a corda*, disse um home entortado, mas eu medei de fazer isso, causa-que se eu fazia isso eu caía, né?

No outro sonho, eu tava segurano meu babito malnascido no quarto da Jayjo. Ele tava desperneano e chutano que nem naquele dia. *Depressa, Zachry*, disse o home, *abre uma boca no teu babito pa ele poder respirar!* Eu tava com a faca na mão e aí cortei um sorriso na cara do meu babito, foi que nem cortar queijo. Do corte saiu espumano as palava: *Por que cê me matou, pai?*

No último sonho eu tava andano na marge do rio Waipio. Do outro lado do rio eu vi o Adam, pescano muito feliz da vida! Eu cenei pa ele mas ele num viu não, aí eu corri pruma ponte que num existe fora do sonho não, uma ponte de ouro e bronze. Quando cheguei adonde tava o Adam, chorei todo sofrinhento causa-que num tinha mais nada não, só osso farelento e uma enguiazim prateada se debateno na terra.

A enguia era a luz do manhecer por baixo da porta da Iconaria. Alembrei bem dos três sonho e saí andano pela beira do mar pa ir falar com a Badessa sem encontrar num-ninguém. A Badessa tava dano de-comer pas galinha dela trás da escolaria. Ele escutou os meu sonho bem escutado, adespois me disse que eles era muito difice de divinhar e mandou eu esperar denda escolaria que ela ia rezar pa Sonmi explicar pa ela o que aqueles sonho tudo queria dizer.

A sala da escolaria tinha um toque do mistério sagrado dos Tempo da Civilação. Os livro tudo do Vale tava nas estante, ficano inchado e bichado, é, mas livro é livro, cheim de palava de sabedoria! Lá tinha uma bola do mundo tamém. Se o mundo é uma bola enorme, eu num tendia como que as gente não cai dele, e continuo num tendeno não. Sabe, eu num sou muito bom não nessas coisa de escolaria, num sou que nem que era a Catkin que podia acabar seno a próxima Badessa se as coisa não tinha cabado do jeito que cabou. As janela da escolaria era de vidro inda inteiro desde a Queda. Mas a maior das maravilha era o relojo, sim, o único relojo que funcionava em todos os Vales de toda a ilha Grande, e de todo o Ava-Ih, pode té ser. É

que ele num era de pilha não, era de dar corda. Quando eu tava na escolaria eu tinha medo daquela aranha fazeno tique-taque e veno e julgano a gente. A Badessa ensinou nós a falar a Língua do Relojo, mas eu esqueci, só sei *Hora Cheia* e *Hora e Meia*. Alembro da Badessa dizeno: *A Civilação psisa de tempo, e se nós deixar esse relojo morrer, o tempo morre tamém, e aí como é que nós vai conseguir trazer de volta o Tempo da Civilação como era antes da Queda?*

Naquela manhã eu tamém fiquei olhano o relojo fazeno tique-taque té que a Badessa terminou a divinhação dela e veio sentar na minha frente. Ela falou que o Velho Georgie tava com fome da minha alma, por isso ele lançou praga nos meus sonho pa trapalhar o sentido deles. Mas por sorte Sonmi contou pa ela qual era a divinhação correta. E cês tamém tem que memorar esses pressajo causa-que eles vai mudar o caminho dessa minha história mais de uma vez.

Um: *As mãos tá queimano, num corta aquela corda não*.

Dois: *O inimigo tá drumino, num corta a garganta dele não*.

Três: *O bronze tá queimano, num cruza aquela ponte não*.

Eu falei que continuava sem tender. A Badessa disse que ela tamém num tendia não, mas num fazia mal não causa-que *eu* ia tender o pressajo quando chegava a hora, e ela mandou eu pregar aquelas palava na minha memória. Então me deu um ovo de galinha po dijejum, inda molhadim e quentim das entranha da galinha, e me ensinou a sugar a gema com um canudo.

Antonce cês quer que eu falo da Grande Nau dos Presciente?

Não, a Nau num é coisa de mito não, é verdadosa, que nem eu e cês. Vi ela com esses meus olho aqui, ó, vinte vez ou mais. A Nau parecia na baía das Frota duas vez por ano, perto dos quinosso da primavera e do outono, quando dia e noite, os dois é igual. Repara que ela nunca que ia em nenhuma cidade de bugre, Honokaa, Hilo, Sota-vento, nunca. E sabe por quê? Causa-que só nós aqui do Vale tem Civilação do nive dos Presciente,

por isso. Eles num queria escambar com barbo não, desses que achava que a Nau era um poderoso deus-pássaro branco, essas coisa. A Nau era da cor do céu, por isso só dava pa ver ela quando já tava chegano bem pertim. Num tinha remo não, nem vela, nem psisava de vento nem corrente não, causa-que era movida pela ciença dos Antigo. Do tamanho duma ilhota das grande, da altura dum morro baixo, a Nau cabia duzenta-trezenta-quatrocenta gente, quem sabe um milhão?

A Ciença dos Antigo levanta pregunta e mistério que fica butucano em volta das gente, né? A Nau tamém era assim. Como que ela andava? Adonde que ia? Como que guentou todos aqueles papouco e mais a Queda? Bom, eu é que num sube muitas das resposta não, e os causo que o Zachry conta, diferente de muitos outro causeiro, num é causo inventado não. A tribo que morava na Nau era a dos Presciente, e eles tudo vinha duma ilha chamada ilha da Prescença. A Prescença era mais maior que Maui, e mais menor que a ilha Grande, e longe-longe pos norte afora, mais que isso num sei não, ou antonce num quero contar não.

E a Nau ancorava umas dez braçada da ponta da escolaria, e aí dois barquim mais pequeno saía da proa da Nau e vinha voano por cima das onda té a praia. Cada um cabia seis-oito home e mulher, tudo com umas roupa cientifa que num ficava molhada não quando eles se molhava. Ah, tudo neles era maravilhoso. As mulher da Nau tamém era macha, os cabelo cortado rente e não cheio de trança que nem as mulher dos Vale, e era muscosa e forte. As pele era saudave e lisa, num tinha nenhuma mancha de ferida não, mas marrom-preta todas ela, e era tudo mais parecida uma com as outra que as gente aqui da ilha Grande. E os Presciente quase num falava não. Dois ficava de guarda nos barquim na praia, e se nós preguntava a eles *Como o senhor se chama?* ou *Adonde a senhora vai?* eles sacudia a cabeça como quem diz: *Num vou arresponder nada não, antonce num pregunta mais nada não*. Um cientifo misterioso num deixava nós chegar mais perto não. O ar ficava mais grosso té que não dava pa proximar mais. Dava uma dor e uma tontura que cê num queria insistir mais não.

O escambo era lá no Rossio. Os Presciente falava dum jeito esquisito, num era preguicento e terrompido que nem os Hilo não, mas um jeito salgado e frioso. Antes mesmo deles atracar, o fuxico já tinha espalhado e a maioria das casa tava levano cesto com fruta e legume e carne e tudo o mais lá po Rossio. Os Presciente tamém enchia umas pipa especial com água doce do riacho. Em troca, os Preciente dava coisa de ferro muito mais melhor do que as que era feita na ilha Grande. Eles escambava honesto e nunca falava grosso que nem os bugre de Honokaa, falava ducado que nem tava traçano uma linha entre eles e nós, como quem diz: *Eu respeito cês, mas cês não é parente meu, por isso num trapassa essa linha não, né?* E assim os Presciente nunca preguntava os nome de nós nem dizia os nome deles, se bem que nós que era pequeno pilidava eles, *Chefe Baixim* e *Cabeça de Martelo* e *Mulher Feia*, e os pais de nós usava esses pilidos adespois que os visitante voltava pa Nau deles.

É, os Presciente tinha umas regra muito séria pa escambar com nós. Eles num escambava nenhuma coisa que fosse mais cientifa que as coisa que já tinha na ilha Grande. Por exempo, adespois que o Pai foi morrido, teve uma sembleia e eles ararresolveu construir um forte perto da casa do Abel pa poteger a trilha de Muliwai que era a trilha principal do vau do Sloosha té os Nove Vale. A Badessa pediu aos Presciente umas arma especial pa poteger nós dos Kona. Os Presciente disse que não. A Badessa meio que implorou pa eles. E eles disse que não, e fim da conversa.

Outra regra era não contar pa nós nada o que é que tinha do outro lado do oceano, nem mesmo a ilha Prescіença, só o nome dela. O Napes da casa Inoyue pediu pa trabalhar pa pagar a passagem na Nau, e foi a única vez que eu vi todos os Presciente quase sirrir. O chefe deles disse que não e ninguém se espantou. Nós nunca tentava forçar essas regra, causa-que a gente achava que era uma honra pa nossa Civilação eles vir escambar com nós. A Badessa sempre convidava eles pa ficar pruma festa, mas o chefe sempre dizia que não com muita ducação. Eles carregava as coisa que tinha escambado pos barquinho. Uma hora adespois a Nau ia bora, po leste na primavera, po norte no outono.

Era assim as visita, todo ano, desde os tempo mais antigo que nós memorava. Vinha estação, ia estação, vinha a Nau, ia a Nau. Té eu fazer dezesseis ano, quando antonce uma mulher Prescienta chamada Meronym visitou minha casa por uns tempo, e nada nunca mais que num foi como antes não, nem na minha vida, nem nos Vale, nunca mais. De todos os meus causo, os único que eu acho que é só meu, e que eu num respiguei dos outro Causeiro não, é os meus causo sobre ela, a Meronym.

Lá pa cima, trás do passo das Vértibra, tinha um morro chamado Ninho da Lua, que dava a mais melhor vista de Sota-vento dos pasto dos Kohala. Um tarde de sol, eu tava cuidano das cabra lá no Ninho da Lua quando vi a Nau chegano na baía das Frotas, coisa de muita boniteza de ver, azul que nem o mar, e quem num olhava direto pa ela num via ela não. Ora, eu sabia que devia de ir direto po escambo, mas eu tinha as cabra pa cuidar e té eu chegar ao Rossio os Presciente já tava ino bora mesmo, e assim fiquei só olhano, mirano aquela Nau de Ciença maravilhosa, que ia e vinha com os ganso selvage e as baleia.

Foi por isso que eu fiquei lá, quer dizer, foi a razão que eu disse pa eu, causa-que a razão verdadosa era uma moça chamada Roses, que tava catano folha de *palila* pa mãe dela fazer remédio. Nós dois tava muito tesado um no outro, sabe, e naquela tarde drumicenta eu tava mesmo era chupano os mango carnudo dela e os figo molhado dela. E era por isso que eu num queria ir pa lugar nenhum, e a Roses tamém num colheu muita folha de *palila* nesse dia não. Ah, cês tá sirrino e corano, cês que são gente moça, mas naquele tempo eu era que nem que cês é agora.

Quando anoitou eu peguei as cabra e voltei pa casa, a Mãe tava espulinhano que nem ganso com uma asa só e me xingano tanto que foi a Sussy que me contou todo o fuxico. Quando cabou o escambo no Rossio, em vez de mandar todo mundo voltar pa Nau como ele fazia sempre, o chefe dos Presciente pediu pa falar com a Badessa em particular. Adespois de muita conversa com ele, a Badessa saiu e cavucou uma sembleia. As

gente dos Vale das casa ali perto tava tudo lá, menos os da casa Bailey, a nossa. É causa-que a Mãe tamém num foi no Rossio não. E aí a sembleia começou. *O chefe dos Presciente quer fazer um escambo especial este ano,* disse a Badessa. *Uma mulher da Nau quer morar e trabalhar numa casa daqui por meio ano, pa tender como que nós vive e pa prender a fala das gentes do Vale. Em troca, o chefe vai pagar dobrado tudo que nós escambou hoje. Rede, panela, ferramenta, tudo em dobrado. Pensa só que honra pa nós, e pensa no tudo que nós vai ganhar no próximo escambo de Honokaa*. Num demorou não pa um grande *Sim!* correr toda a sembleia, e a Badessa teve que gritar pas gentes ouvir a próxima pregunta dela. *E quem vai receber em casa a nossa hospa Presciente?* Ah, aí o *Sim!* parou no de-repente. As gentes toda tinha um monte de desculpa. *Nós não tem espaço. Tem dois babitos por nascer, a nossa hospa não ia conseguir drumir direito. As butuca lá de casa ia morder ela todim.* O Rusty Volvo, aquele sarfudo duma figa, foi o primeiro a falar: *E a casa Bailey?* É que a Mãe não tava lá pa jogar água fria na história, e aí a coisa pegou fogo na mesma hora. *Craro, eles tem quarto vazio lá desde que o Pai Bailey foi morrido! Os Bailey pegou mais no Rossio do que eles punhou na última colheita, é brigação deles! Craro, os Bailey tão psisado de gente pa trabalhar, a Mãe Bailey vai gostar* muito*!* E assim a sembleia arresolveu o pobrema.

Pois agora o ganso com uma asa só era eu, sim. O que é que os Presciente come e bebe? Eles drume na palha? Eles drume mesmo? Seis lua! A Mãe me xingava causa-que eu num fui ao escambo da Nau, e bora a Mãe é que era quem mandava na casa Bailey, eu era o macho mais velho de lá e antonce eu é que devia de ter ido. Eu falei assim: *Olha, eu vou lá na Badessa e falo pa ela que nós não pode receber Prescienta nenhuma aqui…* e aí nessa hora *toc, toc, toc,* falou a porta.

É, era mesmo a Badessa trazeno a Prescienta pa ficar com nós, mais o sistente da escolaria, o Mylo. Nós tudo tendeu antonce que nós ia ter que ficar com a hospa dos Vales, gostano ou não, num dava mais pa dizer *Cai fora*, né? Ia ser uma vergonha pa nossa casa e pos nossos ícone. A mulher da Nau tinha aquele cheiro vinagrado da Ciença, e ela foi logo falano,

causa-que eu e a Mãe nós num conseguia falar nada não. *Boa noite*, ela falou, *eu sou a Meronym, e queria gradecer cês por ter a bondade de me abrigar durante minha estada nos Vale*. O Mylo tava sirrino de deboche da minha sofrença, eu tive vontade de matar ele.

A Sussy foi a primeira a alembrar de amostrar as boas maneira de fitriona, e estalou nossa hospa e mandou o Jonas pegar cerveja e de-comer e essas coisa. A Meronym falou: *Minha gente tem o costume de dar uns presentim no começo duma visita, e espero que cês não se incomoda…* Fiou a mão numa sacola que ela trazeu e deu presente pa todo mundo. A Mãe ganhou uma bela panela que custava cinco-seis fardo de lã em Honokaa, e ficou gaguejano, falano que num podia aceitar um presente assim causa-que Sonmi mandava dar boas-vinda pos estranho, que boas-vinda num carecia de presente senão num era boas-vinda não, mas a Prescienta falou que os presente num era paga não, era só gradecimento antes do favor prestado, e da segunda vez a Mãe num recusou a panela não. A Sussy e a Catkin ganhou uns colar que brilhava feito estrela, e elas duas regalou os olho de alegria, e o Jonas ganhou um espelho quadrado inteirim, ficou besta de ver, era muito mais melhor que esses caco que a gente encontra por aí vez em quando.

O Mylo num tava mais sirrino debochado não, mas eu num gostei nem um pouco dessa história de presente, aquela frasteira tava comprano minha família e eu num aceitava aquilo não. Aí virei pa Prescienta e falei que ela podia ficar na nossa casa mas eu num queria presente dela não, e fim da conversa.

Aquilo saiu mais zaforado que eu pretendia, e a Mãe me furou com o olhar dela, mas a Meronym só disse: *Tudo bem, compreendo*, como se eu falei uma coisa normal.

Bom, veio um bando de visita na nossa casa naquela noite e mais umas noite adespois, gente dos quatro canto dos Nove Vale, parente e mano e parente da vida anterior e umas gente que nós só conhecia dos escambo,

gente de tudo quanto é lado de Mauka a Mormo, tudo vinha pa saber se o que dizia os fuxico era verdade verdadosa, que tinha uma Prescienta de carne e osso morano na casa Bailey. Todo mundo que vinha nós tinha que convidar pa entrar, é craro, e eles ficava tudo de boca aberta que nem que era a própria Sonmi sentada na nossa cozinha, mas o espanto num era tanto que eles num conseguia traçar as nossa de-comer e beber a nossa cerveja não, e enquanto eles bebia era um tal de chover pregunta sobre a Prescierça e a Nau maravilhosa deles, tudo que era pregunta cumulada anos a fio vinha numa chuveirada só.

Mas o esquisito era que a Meronym parecia arresponder as pregunta, só que as resposta dela num sastifazia a curiosidade de num-ninguém, nem um pouquim. Quer dizer, meu primo Spensa da casa Cluny preguntou: *O que é que faz a Nau de cês andar?* A Prescienta arrespondeu: *Motor a fusão*. Todo mundo concordava com a cabeça, com a sabedoria de Sonmi, *Ah, motor a fusão, é*, ninguém num preguntava não o que era "motor a fusão" causa-que eles num queria passar por barbo nem burro na frente dos outro não. A Badessa pediu à Meronym pa ela amostrar a ilha da Prescierça num mapa do mundo, mas ela só fez apontar prum lugar e dizer: *Aqui*.

Adonde?, nós preguntou. Causa-que ali só tinha mar azul, e eu, pelo menos, fiquei achano que ela tava era gozano da nossa cara.

A ilha da Prescierça não tava em nenhum mapa feito logo antes da Queda, falou a Meronym, causa-que os fundador da Prescierça guardava ela em segredo. Parecia nos mapa mais antigo, sim, mas não no da Badessa.

Eu já tava mais corajoso, e aí preguntei pa nossa hospa por que é que os Presciente, com toda a alta Cierça deles, queria prender como era a vida de nós aqui nos Vale? O que é que a gente podia ensinar pa ela que ela inda num sabia não? *Mente que prende coisa nova é mente viva*, disse a Meronym, *e qualquer espece de Cierça é Cierça verdadosa, Cierça velha ou nova, Cierça alta ou baixa*. Só eu percebi as frecha de dulação que veio junto com aquelas palava, que aquela espiona esperta tava usano a nossa guinorança pa disfarçar as intenção verdadosa dela, e assim eu fazi outra pregunta pa ela. *Mas os Presciente tem mais Cierça poderosa que todo*

mundo nesse mundo todo, né? Ah, como ela escolheu as palava uma por uma, muita espertalheza! *Nós sabe mais que as tribos do Ava-Ih, menos que os Antigo dos tempo antes da Queda.* Tá veno? Num diz muita coisa não, né?

Só alembro de três resposta sincera que ela deu pa nós. A Ruby dos Potter perguntou por que é que todos os Presciente têm pele escura que nem coco, nós nunca viu nem unzinho branco ou rosado sair da Nau. A Meronym disse que os cestral dela antes da Queda mexeu nas semente deles pos babito nascer tudo de pele escura pa proteger da peste vermelha, e assim os babito dos babito deles tamém ficou assim, tal pai tal filho, que nem coelho ou pepino.

O Napes da casa Inouye preguntou se ela era casada, causa-que ele era solteiro e tinha um pomar de macadâmia e uma prantação de figo e limão só dele. Todo mundo sirriu, né, té mesmo a Meronym sorriu. Ela arrespondeu que já tinha sido casada, e tinha um filho chamado Anafi que morava na ilha da Prescièn̂ça, mas o marido dela foi morrido pelos bugre anos trás. Ela lamentava perder a portunidade dos limão e figo, mas tava velha demais po mercado de casamento, e o Napes sacudiu a cabeça de cepição, e disse, *Ah, Prescienta, cê partiu meu coração, sabe?*

Pa terminar, meu primo Kobbery preguntou: *Antonce quantos ano cê tem?* É, era o que todo mundo tava quereno saber. Mas ninguém num tava aperparado pa resposta dela não. *Cinquenta*. Foi o que ela disse, sim, e nós tudo ficou espantado que nem cês agora. *Cinquenta*. O ar na cozinha mudou que nem que um frio chegano no de-repente. Viver té os cinquenta é maravilhoso, não é, uma coisa sustadora e que num é natural não, né? *Té que idade os Presciente vive, antonce?* preguntou o Melvil do Boi Preto. A Meronym deu de ombro. *Sessenta, setenta.*… Ah, aí nós tudo ficou de boca aberta! O normal pa nós é chegar aos quarenta pedino a Sonmi pa ter piedade de nós e renascer nós de-rápido num corpo novo, que nem que a gente corta o pescoço dum cachorro que a gente ama mas que tá numa agonia de doença. A única gente dos Vale que chegou aos cinquenta sem descascar da peste vermelha nem morrer de pulmão podrido foi o Truman

Terceiro, e todo mundo sabe que ele fez um negócio com o Velho Georgie numa noite de furacão, é, aquele bobo vendeu a alma dele por uns ano a mais. Pois bem, adespois dessa, a conversa cabou logo, e as gente foi uma pa cada lado pa fuxicar o que foi preguntado e arrespondido, todo mundo cochichano: *Graças a Sonmi que num foi na minha casa que ela ficou não*.

Gostei de ver que aquela nossa hospa entortada ensinou todo mundo a ficar de pé trás e num confiar nela não, num-ninguenzinho não, mas aquela noite num drumi nada, causa das butuca e das ave da noite e dos sapo coaxano e um alguém misterioso andano afobado pela nossa casa, tirano uma coisa daqui e punhano ali, e o nome desse alguém misterioso era Mudança.

No primeiro, segundo, terceiro dia, a Prescienta foi se enfiano na vida da minha casa. Dimito que ela num ficou se meteno a belha-rainha, num era de preguiçar não. Judava a Sussy a cuidar das vaca e a Mãe a fiar e tecer e o Jonas levava ela pa catar ovo de ave e ela ouvia a Catkin falar sobre a vida dela na escolaria, e ia panhar água e rachar lenha e tudo ela prendia de-rápido. Craro que a fuxicaria tava sempre de olho nela, e as visita vinha ver sempre aquela mulher maravilhosa de cinquenta ano que parecia ter só vinte e cinco. As gente que esperava ver ela fazeno mágica ficava logo cepicionada, causa-que ela num fazia nada disso não. A Mãe deixou de procupar com a Prescienta em um ou dois dia, começou a ficar de amizade com ela e té contar vantagem. *A nossa visita, a Meronym, isso* e *A nossa visita, a Meronym, aquilo*. Era aquela prosação de manhã à noite, e a Sussy era dez vez mais pior que ela. A Meronym só cuidano do trabalho dela, mas de noite ela sentava na nossa mesa e escrevia num papel especial, ah, muito mais melhor que o nosso. Escrevia muito de-rápido, mas num era na língua da gente não, era lá numa outra. É que, sabe, tinha umas língua diferente nos País Antigo, além da nossa. *O que é que cê tá escreveno, tia Meronym?*, preguntava a Catkin, mas a Prescienta só arrespondia: *Meus dia, moça bonita, tô escreveno sobre meus dia*.

Eu detestava essa história de *moça bonita* na minha casa, e tamém num gostava não quando os velho vinha pa ela assim como quem num quer nada pedino pa ela dizer como que faz pa viver muito. Mas isso dela escrever sobre os Vale coisa que nenhuma gente dos Vale num podia ler, isso era o que me procupava mais. Era Ciença ou era espionage, ou era coisa do Velho Georgie?

* * *

Um dia quando manhecia eu cabei a ordenha causa-que a Sussy tava preguiçano na cama falano que tava doente quando a nossa hospa pediu pa vir cuidar das cabra com eu. A Mãe disse que sim, craro. Eu num disse que sim, só falei assim, frio feito uma pedra: *Cuidar de cabra num é interessante não pa gente com tanta Ciença como cê.* A Meronym, ducada, virou e disse: *Tudo que as gente dos Vale faz é interessante pa eu, Fitrião Zachry, mas é craro que se cê não quer que eu vê cê trabalhano, num tem pobrema não, é só dizer*. Tá veno? As palava dela era escorregadia, elas virava o *não* em *sim*. A Mãe me deu um olhar de gavião, e aí eu virei e disse: *Craro*, *tudo bem*, *vem sim*, num podia dizer outra coisa não.

Tocano minhas cabra pelo caminho do Elepaio, eu num falava nada não. Passano pela casa Cluny, um mano meu, o Gubboh Hogboy, gritou: *Como que vai, Zachry?*, puxano conversa, mas quando ele viu a Meronym parou e só falou assim: *Vai com cuidado, Zachry*. Ah, que vontade de me livrar daquela mulher grudada em eu! Aí eu falei: *Anda de-rápido, suas preguiçosa,* pas minhas cabra e apertei o passo, quereno cansar ela, né, subino rio acima pelo passo das Vértibra, mas ela num desistiu não, nem mesmo quando nós pegou o caminho pedroso que dá no Ninho da Lua. Aí que eu tendi que Presciente é bom de caminhar que nem cabra. Maginei que ela sabia o que eu tava pensano e tava sirrino por dendo, e por isso num falei mais nada com ela.

O que é que ela fez quando nós chegou no Ninho da Lua? Sentou na pedra do Polegar e pegou um livro de escrever e desenhou aquela vista

bonita. Ah, a Meronym tinha muita Ciença de desenhar, tenho que dimitir. Naquele papel pareceu os Nove Vale Dobrado, mais a costa e os promontoro, e as serra e as baixada, igualzim aos verdadoso. Eu num queria amostrar interesse mas num consegui não. Eu dava os nome de tudo que ela desenhava, e ela ia escreveno os nome té que virou metade desenhado, metade escrevido, eu falei. *Isso mesmo,* falou a Meronym, *isso que a gente fez é um mapa.*

Aí ouvi um galhim quebrano no meio duns pinheiro trás de nós. Num era coisa de vento não, era alguém pisano em cima, com certeza, mas se era pé de gente ou de bicho ou de ave, isso eu num sabia não. Kona nos Kohala a Barlavento eu nunca que ouvi falar, mas tamém nunca ouvi falar de Kona no vau do Sloosha, de modo que entrei no mato pa ver. A Meronymn quis vir com eu mas mandei ela ficar lá. Será que era o Velho Georgie que vinha empredar minha alma mais um pouco? Ou era só um eremito Mookini procurano de-comer? Peguei meu pau de espeto e fui chegano mais perto dos pinheiro, cada vez mais perto…

Contrei a Roses num toco coberto de musgo. *Quer dizer que cê tá com uma amiga nova?,* ela disse, ducada, mas nos olho dela tinha um dingo-fêmeo furioso.

Ela? Pontei pa Meronym, que tava veno nós falano. *Então fuxico num te disse não, que a Prescienta é mais velha que era a minha vó quando Sonmi renasceu ela! Num fica com ciúme* dela *não! Ela num é que nem cê não, Roses. Ela tem tanta Ciença na cabeça que o pescoço dela tá rebentado.*

Aí a Roses tirou fora a ducação. *Quer dizer que eu num tenho Ciença não?*

Ah, as mulher, as mulher! Elas sempre procura o sentido mais ruim das coisas que a gente diz, e aí fala assim: *Tá veno como que cê me ataca?* Eu tava tesado e de cabeça quente, e maginei que se engrossava um pouco eu curava a Roses. *Cê sabe muito bem que num foi isso que eu disse não, sua vadia burra…*

Num terminei de falar a minha cura causa-que a Roses me deu um soco na cara com tanta força que o chão subiu pa cima e eu bati de queixo. Levei

tamanho susto que fiquei sentado no chão que nem um babito que levou tombo, passei a mão no nariz e os dedo saiu vermelho. *Ah*, disse a Roses, e adespois *Há!*, e aí: *Pode xingar as tuas cabra quanto quiser, cabreiro, mas eu não, e que o Velho Georgie empreda a tua alma!* Era o xingamento mais pior que tinha as gente dos Vale. Nosso amor e garramento um pelo outro se espedaçou em um milhão de pedacim, e a Roses foi bora, balançano a cesta dela.

Tristeza e vergonha dá vontade de punhar a culpa em alguém, e eu punhei a culpa de perder a Roses na desgraçada da Prescienta. Naquela manhã no Ninho da Lua eu levantei e toquei minhas cabra po pasto do Polegar sem nem despedir da Meronym. Ela usou a Ciença dela e me deixou em paz, eu sabia que ela tinha filho tamém lá na ilha da Prescença.

Quando cheguei em casa aquela tarde, a Mãe mais a Sussy mais o Jonas tava tudo sentado na sala. Eles viu meu nariz e um olhou po outro assim de lado. *O que houve com teu nariz, mano?*, preguntou o Jonas, meio afetado. *Isso aqui? Ah, descorreguei e bati no chão lá no Ninho da Lua*, eu disse pa ele na mesma hora.

A Sussy deu uma sirrisada debochada. *Quer dizer que cê machucou o nariz lá no Ninho da Roses, mano Zachry?*, e aí os três começou a sirrir que nem um bando de morcego, e eu fiquei vermelho e soltano fumaça. A Sissy falou que sube do fuxico pela Roses causa-que Fulana contou pa Beltrana que contou pa ela, Sissy, mas eu num tava mais nem ouvino, tava era mandano a Meronym ir po Velho Goergie, e num parei mais, inda bem que ela num tava na casa Bailey aquela noite não, tava era prendeno a tecer lá na tia Bees.

Aí eu desci po mar e fiquei veno a Dama Lua pa esfriar meu fogo de tristeza. Uma tartuga veio se arrastano pela areia pa punhar ovo, eu alembro, e quase que espetei a tartuga ali mesmo, né, se a vida num era boa comigo não, por que é que tinha que ser boa prum bicho? Mas eu vi os olho dela, aquele olho tão antigo que já viu té o futuro, e aí deixei ela viver. O

Gubboh e o Kobbery veio com as prancha e começou a surfar no mar estrelado, o Kobbery era um surfista muito-muito bom, e eles me chamou pa eu ir com eles, mas eu num tava com cabeça de surfar não, eu tinha coisa mais séria pa pensar.

Um escoleiro do Último Vale que morava e trabalhava na escolaria me deixou entrar na casa da fitriona dele, me trouxe cerveja e foi chamar a Badessa lá no Rossio. Eu só ouvia o fogo acrepitano e o mar quebrano no cabo das Frota. A Badessa entrou, ela tinha cabado de matar uma galinha: *Diz o fuxico que cê tá fitriano muito bem nossa visita especial*, e fiquei meio espantado de ouvir isso.

É mesmo? Pois é nossa visita especial que tá me procupano, eu falei.

É mesmo? falou a Badessa. *Por quê?*

Cê sabe que ela anda fazeno mapa secreto dos nosso Vale?

Ah, cê tá falano dessas coisa aqui?, ela falou, amostrano aquele mapa que a Meronym fez naquela manhã mesmo lá no Ninho da Lua. *Ela deu esse pa escolaria pas criança saber como é o tamanho e a forma da terra adonde que elas vive*.

Bom, essa me deixou bestalhado de raiva, mas mesmo assim eu toquei pa frente. *Ela tá escreveno tudo que ela prende sobre as gente do Vale num livro, mas num tá escreveno em língua verdadosa não, é numa língua de espião que num-ninguém num pode ler não, só ela.*

Isso tamém num peocopou a Badessa não. *Antes da Queda tinha dezenas de língua falada em todo o Ava-Ih, e centenas no Mundo Todo. Olha, Zachry*, a Badessa me falou, *se a ilha da Prescièn̂ça tava me fitriano eu ia escrever as minha memória na minha língua, antonce por causa que a Meronym num pode escrever na língua dela aqui na ilha Grande?*

Badessa, eu falei pa cabar logo, *cê num desconfia nada dos Presciente não? Fazer mapa talvez é o começo duma invasão. E se eles quer expulsar nós da nossa terra? E se eles tem um páquito secreto com os Kona? Causa-que nós num sabe nadim sobre eles, né?*

A Badessa me escutou, sim, mas num acreditou em eu não, ela maginou que eu tava só tirano corpo fora de fitriar a Meronym. *Cê viu a Nau, cê viu*

as coisa de ferro deles, cê viu o bocadim de Ciença que eles amostrou pa nós. Se os Presciente tava planejano invadir os Nove Vale, cê acha mesmo que nós tava aqui falano sobre isso? Me traz uma prova que a Meronym tá planejano matar nós tudo na cama que eu cavuco uma sembleia. Se cê num tem prova, num fica falano não. Levantar cusação contra uma hospa especial num é ducado, Zachary, e o seu pai num ia gostar de ver isso não.

A Badessa nunca forçava o mando dela em num-ninguém, mas a gente comprendia quando a discussão tava acabada. Antonce não tinha mais conversa. Era só eu, Zachry, contra os Presciente.

Os dias subia e caía e o verão quentava, verde e espumarento. Eu via a Meronym se meteno em tudo que era lugar em todos os Vale, conheceno gente e prendeno como que nós vivia, o que que nós tinha, quantas gente sabia lutar, fazeno mapa dos esfiladeiro que dava nos Vale travessano os monte Kohala. Um ou dois dos home mais velho e mais esperto, eu tentei sondar se eles tava desconfiado ou procupado por causa da Prescienta, mas quando eu falava em *invasão* ou *ataque* eles ficava espantado e diguinado e me xingava e aí eu vergonhei e parei de falar, né, eu num queria fuxico sujano meu nome não. Arresolvi antonce bancar ducado com a Merony, e quem sabe ela aos pouco num ia relaxano e um dia a masca de amizade escorregava pa baixo e amostrava um pouco o rosto verdadoso trás daquela masca, o que ela tava tramano, né, e aí eu conseguia umas prova pa amostrar pa Badessa cavucar uma sembleia.

Eu num tinha outra escolha que esperar pa ver. A Meronym era mesmo popular. As mulher tudo se abria com ela causa-que ela era de fora e num ia contar nada pa Velha Fuxica não. Um cachorro preto sem nome que pertubava o vale do Elepaio começou a grudar nela, e ela nomou ele de Pitagras ou coisa parecida, e nós chamava ele de Pi e dava lavage pa ele comer e ele cuidava das cabra de noite. Tá veno? Té mesmo os cachorro vira-lata do Vale ia com a cara daquela Prescienta desgraçada. A Badessa pediu pa nossa hospa ensinar a fazer conta na escolaria, e ela ceitou o

convite. A Catkin falava que a Meronym era boa fessora, só que num ensinava nada que ia além da Ciença da Badessa, mas ela, a Catkin, tinha certeza que nossa hospa só não ensinava mais causa-que num queria não. Uns escoleiro começou té a pintar a cara de preto com tinta de escrever pa ficar pareceno Presciente, mas a Meronym mandou eles lavar a cara senão num ensinava mais eles, causa-que a Ciença e a Civilação num tem nada a ver com a cor da pele não.

Antonce uma noite, na nossa varanda, a Meronym tava preguntano sobre os ícone. *Os ícone é uma casa pa alma? Ou é uma memória comum dos rosto dos parente, essas coisa? Ou é uma reza pa Sonmi? Ou é uma lápide escrevida nesta vida com mensage pa outra vida?* Os Presciente sempre queria saber os porquê de tudo, pa eles não bastava uma coisa ser o que é e pronto. Com o Duophysite foi a mesma coisa em Maui, né? O tio Bees tentava arresponder mas dava nó na cabeça dele, ele dizia que sabia muito bem o que era os Ícone té que alguém pedia ele pa explicar o que era. Na Iconaria, disse a tia Bees, ficava as gente dos Vale tudo, passado e presente junto. Ora, eu num sou muito de divinhar o que os outro tão maginano, mas naquela hora eu vi a Prescienta pensano: *Ah, antonce eu tenho que ir nessa tal de Iconaria*. Eu num falei nada não, mas no dia seguinte, assim que manheceu, fui té a costa dos Osso e me escondi na pedra dos Suicidado. Eu maginava que se eu pegava a estranja desrespeitano os nossos ícone, ou antonce, melhor inda, surripiano um deles, eu conseguia fazer as gente mais velha dos Vale ficar contra ela, e aí a minha família ia tender os plano verdadoso da Prescienta.

Daí que eu fiquei esperano na pedra do Suicidado, pensano nas gente que o Georgie tinha empurrado do alto dali pa cair nas espuma lá embaixo. Tava ventano muito, eu alembro bem, a areia e o capim se agitano, e as moita de frô-de-sangue se debateno e as onda quebrano e jogano espuma po alto. Eu comi uns congumelo que trazi po dijejum, mas inda nem cabei de comer quando eu vejo, andano em direção à Iconaria, a Meronym e o Napes da casa Inouye. Os dois grudadim e falano que nem que dois ladrão! Ah, me deu um sobissalto na cabeça só de ver aquilo! Será que o Napes agora era o

braço direito da estranja? E se ele tava planejano tirar a Badessa da chefia dos Nove Vale adespois dos Presciente expulsar nós tudo dos monte Kohala e nos empurrar pa dendo mar, com aquela Ciença danada deles?

Ora, o Napes era um home sedutor, todo mundo gostava dele, com aquelas história graçada dele, aquele sorriso. Se eu falava a língua das cabra, o Napes falava a língua das gente. Num dá pa confiar em gente que fala tão bem falado que nem ele não. Aí o Napes mais a Meronym entrou na Iconaria, os dois muito cheio de si, que nem dois galo cacaricano. O cachorro Pi ficou esperano do lado de fora adonde a Meronym mandou ele ficar.

Pisano mansim que nem uma nuve, entrei trás deles. O Pi me olhou, dizeno: *Tô de olho em cê, Zachry*, mas num latiu não. O Napes tinha deixado a porta meio aberta pa eles poder xergar lá dendo, daí que ela num rangeu quando eu entrei tamém. Junto das prateleira escura adonde que ficava os ícone mais antigo ouvi o Napes cochichano. Eles tava planejano, cospirano, eu sabia! Fui chegano mais perto pa ouvir o que eles tava falano.

Mas o Napes tava só se gabano do avô do bisavô dele chamado Truman, pois é, o mesmo Truman Terceiro dos causo que as gente continua contano na ilha Grande e aqui em Maui tamém. Parecia que a Meronym tava curiosa, e por isso o Napes tava amostrano pa ela o ícone do Truman Terceiro e contano a história do tepassado dele que subiu o Mauna Kea. É, é *essa* história, mesmo! Bem, se cês que é moço não conhece a história do Truman Napes, cês psisa conhecer, antonce fica sentadim aí com paciença e me passa essa erva danada.

O Truman Napes era catador nos tempo em que inda tinha quipamento dos Antigo lixano numas cratera por aí. Um dia ele cordou com a ideia que os Antigo talvez escondeu umas coisa preciosa lá no Mauna Kea pa guardar bem guardado. A ideia foi cresceno-cresceno o dia todo té que quando noitou ele decidiu que ia mesmo subir aquela montanha medrenta e ver o que tinha pa ver lá, e que ia partir no dia seguinte. A mulher dele falou: *Cê*

tá maluco, no alto do Mauna Kea num tem nada não, só o Velho Georgie e os templo dele escondido atrás das muraia. Ele só deixa entrar quem já está morrido e a alma pertence a ele. E o Truman virou e disse: *Vai drumir, sua velha maluca, essas pertição boba num tem nada de verdadoso não,* e aí foi drumir e cordou quando tava manheceno e lá se foi ele subino o vale do Waipio.

O home era valente mesmo, caminhou e subiu três dia sem parar, e teve um esperdiço de aventura que eu num vou contar pa cês agora causa-que num dá tempo não, mas ele se escapou de tudo, e antonce começou a subir aquele pico medrento e fantasmoso enfiado nas nuve que dá pa ver de qualquer lugar na ilha Grande, e tão alto que de lá num dá pa ver nadim aqui em baixo. Muita cinza, nem uma folhim verde, e um bando de vento feroz que nem dingo hidrofo. Aí o Truman deu com uma muraia gigantosa de pedra de ferro, mais alta que as secoia, contornano o pico inteirim. O Truman ficou o dia todo andano em volta do muro procurano uma brecha, causa-que num dava pa pular por cima nem cavar por baixo não, e sabe o que ele achou uma hora antes de noitar? Um home de Hawi, né, com um capuz causa-que ventava muito, sentado de perna cruzada trás duma pedra e fumano cachimbo. O Hawi tamém era catador, e tamém subiu o Mauna Kea pelo mesmo motivo que o Truman, cês credita? Aquele lugar era tão medrento que o Truman e o home arresolveu fazer dupla e dividir o que eles encontrava, meio a meio.

Pois na mesma hora a sorte do Truman mudou. As nuve grossa ficou aguada e afinou, e os portão de aço da muraia deu de tremicar e roncar feito trovão e aí abriu sozinho. E olhano lá pa dendo, se por Ciença ou magia o Truman num sabia não, o nosso herói viu um montilhão de templo sinistroso, que nem as história antiga diz que tinha, mas o Truman num teve medo não, ficou com água na boca só de pensar nos quipamento precioso dos Antigo que devia de ter dendeles. Deu um tapa nas costa do home de Hawi e falou: *Ah, nós vai ficar mais rico que os rei e senador dos tempo antes da Queda, mano Hawi!* Mas se o Truman Napes era que nem que o

bisneto dele, ele devia de estar mas era pensano num jeito de ficar com tudo pa ele só.

Mas o home de Hawi num tava sorrino não, mas falou com uma voz muito séria por baixo do capuz dele: *Mano dos Vale, minha hora de drumir chegou finalmente*.

Truman Napes num entendeu nada. *Inda num noitou não, o que é que cê tá falano? Eu num t*ô *com sono não, por que é que cê tá?*

Mas o home de Hawi foi penetrano naquele portão escuroso. O Truman tava dimirado com aquilo, e aí gritou: *Num é hora de drumir não, mano Hawi! Hora de sair catano os quipamento precioso dos Antigo!* E pa dendaquele lugar silencioso Truman foi seguino o parceiro de catação dele. Tinha pedra preta e torcida pa todo lado, e o céu tava preto e rebentado. O home Hawi caiu de joelho, rezano. O coração do Truman gelou, sabe, causa-que a mão gelada do vento rancou o capuz do howe Hawi joelhado. E o Truman viu que o parceiro dele era um cadave morrido de muito tempo, meio esqueleto, meio carne bichada, e a tal mão fria do vento era a mão do Velho Georgie, sim, o demonho que tava ali na frente dele sacudino uma colher torta. *Antonce foi cê que ficou sofreno lá fora, meu precioso*, falou o rei dos demonho po home de Hawi, *andano nas terra dos vivo com alma de pedra e pronto pa morrer? Por que num atendeu meu chamado antes, home insensato?* Aí o Velho Georgie enfiou a colher torta nos buraco dos olho do home de Hawi, né, e rancou fora a alma dele, respingano pasta de cebro, e mascou ela todim, com aqueles dentão de cavalo dele. O home de Hawi foi se desmulungano e aí virou mais uma daquelas pedra preta e torta que tinha espalhada por aquele cercado.

O Velho Georgie goliu a alma do home de Hawi, enxugou a boca, arrotou pelo cu e soltou uns soluço. *Alma de barbo, petisco danado,* o diabo rimava, dançano pos lado do Truman, *noz de molho em vinho azedado*. O Truman num conseguia mexer nem um musco, de ver uma cena tão horrive. *Mas alma do Vale é doce pitéu, derrete na língua feito mel*. Da boca do demonho saía uma fedentina de peixe e peido. *Meio a meio, foi o que cês*

combinou. Quer tua metade agora ou adespois de morrido, Truman Napes Terceiro do vale Mormo?

Pois antonce o Truman conseguiu se mexer de novo, e chispou direto pa fora daquele portão escuroso, e desceu aquela montanha toda chispano, sem olhar pa trás nem uma vezim. Quando chegou de volta nos Vale, todo mundo ficou olhano pa ele paventado antes mesmo dele contar as ventura dele. O cabelo do Truman antes era preto que nem corvo, mas agora tava mais branco que espuma. Té o último fio de cabelo.

Cês alembra que eu, Zachry, tava amorcegado no meu esconderijo na Iconaria, ouvino o Napes contano aquele causo antigo pa minha hospa indesejada, e amostrano pa ela os ícone dos cestral morrido da família dele. Ficou um tempo explicano o que eles queria dizer e como é que usa eles, adespois falou que tinha que consertar umas rede, e lá se foi ele, deixano a Meronym sozim. Foi só ele sair que a Prescienta falou assim, no meio da escureza: *Antonce, o que é que cê acha do Truman, Zachry?*

Ah, que susto que eu levei, eu nem sonhava que ela sabia que eu tava lá bibilhotano! Mas ela fingiu com a voz que num tava quereno me vergonhar não, fingiu que nós tinha entrado junto na Iconaria. *Cê acha que o Truman é só um bobo que conta história de enganação? Ou acha que tem coisa verdadosa no que ele conta?*

E nem diantava eu fingir que num tava lá não, causa-que ela sabia que eu tava, mesmo. Aí eu alevantei e saí andano té a Prescienta, que tava desenhano um ícone. Meus olho já tava encorujado e dava pa eu ver a cara da Meronym direitim. *Esse lugar é o mais sagrado de todos*, eu falei pa ela. *Cê tá na casa de Sonmi.* Minha voz tava bem forte, voz de mando, se bem que mais fraca causa-que eu fui pego bibilhotano. *Nenhum frasteiro num pode ficar andano no meio dos nosso ícone não*.

A Meronym foi tão ducada quanto eu não fui. *Eu pedi permissão pa Badessa e ela deixou eu vir. Eu num tô pegano em nenhum ícone, só os da família do Napes, que ele deixou eu pegar. Por favor, me explica por que é*

que se tá tão desguizilado com isso, Zachry. Eu queria tender mas num tendo não.

Viu? A danada da Prescienta pensava no ataque da gente antes mesmo da gente pensar nele! *Cê pode enrolar a nossa Badessa*, eu falei pa ela, com uma voz fria e dura, *e pode enrolar a Mãe e a minha família e todo mundo nos Nove Vale, mas eu cê num enrola não! Eu* sei *que cê num tá dizeno toda a verdade!* Dessa vez foi eu que sustou ela, e me fez bem parar de ficar burrado pelos canto e falar o que eu pensava às crara.

A Meronym meio que franzeu a testa. *Eu num t*ô *dizeno toda a verdade sobre o quê?* É, eu encurralei ela direitim, com toda a Ciença dela.

Por que é que cê tá aqui xeretano a nossa terra! Xeretano a nossa vida! Xeretano nós!

A Meronym suspirou e punhou o ícone do Napes de volta na parteleira. *O importante aqui num é se é parte da verdade ou toda a verdade não, Zachry, mas se tá ou num tá prejudicano as gente.* E aí ela falou uma coisa que cravou um espeto nas minhas tripa. *E cê tamém tem um segredo. Cê vive escondeno "toda a verdade" de todo mundo, né, Zachry?*

Meus pensamento ficou tudo trapalhado. Como que ela podia saber o causo do vau do Shloosha? Foi há tanto tempo! Será que os Presciente tava trabalhano com os Kona? Será que eles tinha uma Ciença que enfiava no fundo dos lugar escuro procurano as vergonhice escondida na cabeça da gente? Eu num disse nada não.

Juro, Zachry, ela falou, *juro por Sonmi…*

Ah, aí eu gritei com ela, que os frasteiro e os barbo nem *credita* em Sonmi, antonce num tem nada que sujar o nome de Sonmi com a língua dela!

A Meronym arrespondeu com a calma e a tranquilice de sempre. Que eu tava muito enganado, ela falou, pois creditava em Sonmi sim, mais té que eu, mas se eu perfiria ela jurava pelo filho dela, o Anafi. Pela sorte e pela vida do filho, ela jurou, nenhum Presciente num tava planejano nada de mau contra num-ninguém dos Vale, nem nunca teve, e os Presciente

respeitava minha tribo muito-muito-*muito* mais que eu maginava. E jurou que o dia que ela podia contar a verdade toda, ela me contava tudo.

E aí foi bora, levano a vitória com ela.

Eu fiquei mais um tempo, e visitei o ícone do Pai, e veno a cara dele talhada vi a cara dele largado no rio Elepaio. Ah, uma vergonha e uma pena muito forte derramou pelos meus olho afora. Eu é que era o chefe da casa de Bailey, mas meu mando era mais fraco que o dum carneirinho medrontoso, e tava curralado que nem um coelho numa arapuca.

Me traz as prova, home do Vale, disse a Badessa, *senão num fica falano não*, e por isso eu agora tava sempre pensano num jeito de ranjar uma prova, e se não conseguia ranjar uma prova às direita, antonce ia ter que ser às torta. Passou um monte de dia e aí minha família foi lá na tia Bees, mais a Meronym, causa-que ela tava prendeno a fazer mel. Eu voltei cedo de cuidar das cabra, o sol inda tava acima dos monte Kohala, e entrei no quarto da nossa hospa e porcurei a sacola dos quipamento dela. Num demorou nada, causa-que ela escondia embaixo das tauba do soalho. Dendo dela tinha uns presentim que nem os que ela deu pa nós quando chegou, mas tinha tamém coisa de Ciença. Tinha umas caixa que num fazia barulho nenhum quando a gente sacudia mas que tamém num tinha tampa não, daí que eu num podi abrir elas, um istrumento misterioso que eu num sabia o que era não, lisim que nem paleta de cabra e da mesma forma, só que cinzento e pesado que nem pedra de lava, dois par de bota muito bem-feita, três-quatro livro de desenho e escrita na língua secreta dos Presciente. Num sei quando aqueles desenho foi feito não, mas na ilha Grande é que num foi, causa-que tinha planta e pássaro que eu nunca vi nem em sonho não. Mas o mais maravilhoso veio no final.

Era um ovo prateado grande, tamanho da cabeça dum babito, com umas mossa e marca de tanto dedo que já pegou nele. Tinha um peso grande e sinistroso, e num rolava não. Sei que o que eu vou falar parece maluqueira, mas as história da Ciença dos Antigo, de casa que voava e babito criado nos

frasco e figura que rodava o Mundo Todo tamém parece maluqueira, mas isso tudo tinha mesmo, pelo que diz os contador de história e os livro daquele tempo. Aí eu peguei aquele ovo prateado e num é que ele começou a zunir e brilhar um pouco, né, que nem que ele tava vivo? No de-repente eu larguei o ovo, e ele ficou parado. Será que foi a quentura das minha mão que fez ele mexer?

Era tanta a minha curiosice que eu peguei ele de novo, e o ovo quentou e vibrou e aí uma moça fantasma pareceu! Isso mesmo, uma moça fantasma, logo acima do ovo, que nem que eu tô aqui sentado na frente de cês, que nem um refleco da lua na água, e a moça tava *falano*! Eu medrontei e tirei as mão do ovo prateado, mas a moça fantasma ficou lá sim.

Que foi que ela fez? Nada não, ficou só falano e falano, que nem eu falano com cês agora. Mas ela num era uma contadora de história normal não, ela falava na fala dos Antigo, e não tava fazeno espetaco não, tava só arrespondeno as pregunta que um home preguntava baixim, só que ele nunca que amostrava a cara não. Cada palava que eu tendia, vinha adespois cinco-seis que eu num tendia não. Os lábio da moça fantasma sorria um sorriso amargo, mas os olho lisim dela era triste-triste, mas duma tristura que tamém era forte e orgulhenta. Quando criei corage eu falei, eu cochichei assim: *Mana, cê é uma alma perdida?* Ela me guinorou, aí eu preguntei: *Mana, cê tá me veno?* Daí que eu tendi que a moça fantasma num tava falano com eu nem tava veno eu não.

Tentei passar a mão na pele de nuve dela, nos cabelo espetado dela, mas juro que os dedo travessou ela que nem um refleco na água. As mariposa voava e passava pelos olhos e a boca dela, dum lado po outro, dum lado po outro.

Ah, ela era tão misteriosa, tão bonita e tão triste que minha alma ficou doeno.

No de-repente a moça fantasma sumiu pa dendo do ovo e um home pareceu em vez dela. Um Presciente fantasma, mas esse me via, sim, e falou comigo numa brabeza grande. *Quem é cê, rapaz, e adonde está a Meronym?*

O Presciente chegou mais perto e cara dele engrandou. A voz era grunhenta e aspa. *Eu preguntei duas coisa, rapaz, arresponde* já *senão eu jogo uma praga tão medonha na sua família que nenhum babito dela num vai passar de uma lua não, nem agora nem nunca!*

Eu suei e guli seco. *Zachry, senhor*, arrespondi, *e a Meronym tá muito bem, ela foi lá na tia Bee pa prender a fazer mel*.

O Presciente frechou minha alma com os olho dele, pa ver se creditava em eu ou não. *E a Meronym sabe que seu fitrião mexe nos pretence dela quando sai de casa? Fala a verdade, que eu sei quando alguém tá mentino*.

Eu tava doeno por dendo, mas fazi que não com a cabeça.

Escuta bem. O homem tinha mando que nem uma Badessa. *Cê vai punhar essa rogativa, esse "ovo" que tá na sua mão, no lugar adonde cê panhou ele. Cê num vai contar pa* ninguém, ninguém mesmo, *isso que cê viu. Senão sabe o que eu vou fazer?*

Sei sim, arrespondi. *Jogar uma praga medonha na minha família que nenhum babito num vai nunca mais viver não.*

Isso mesmo, arrespondeu o homem trovão. *Eu vou ficar de olho em cê, Zachry da casa Bailey*, falou o Presciente fantasma, ele sabia té qual era minha casa, que nem o Velho Georgie. Ele sumiu e o ovo prateado tremicou e morreu. Mais que de-rápido eu punhei os pretence da Meronym dendo da sacola de quipamento dela e guardei de novo debaixo das tauba do soalho, rependido da minha inxerice. Causa-que o que eu achei, né, num era prova nenhuma pa amostrar pa Badessa, o que eu achei foi uma praga da Ciença na minha sorte empedrada, e tamém, eu confessei pa eu, uma noda na minha honra de fitrião.

Mas eu num podi esquecer aquela moça fantasma, ela parecia nos meus sonho cordado e drumino. Era tanto sentimento que eu nem tinha lugar pa eles tudo dende eu. Ah, ser jovem num é fácil não, causa-que tudo que susta e procupa cê, cê tá sustano e procupano pela primeira vez.

A Dama Lua gordou, a filha dela magrou, e no de-repente já tinha passado três lua das seis antes da Nau da Prescièn̂ça vinhar pa buscar a Meronym. Agora entre eu e a nossa hospa tinha uma espece de trega. Eu não confiava na Prescienta mas tolerava ela na minha casa com ducação, té pa poder espionar ela mais melhor. Aí numa tarde muito ventosa conteceu a primeira coisa de várias coisa, que elas mudou a situação de trega e aí o destino dela e o meu ficou um grudado no outro feito duas pranta trançada junta pa fazer corda.

Uma manhã chuvosa o menorzinho F'kugly do mano Munro subiu o vale gritano trás de eu, que tava encarangado debaixo dumas folha guarda-chuva no outeiro do Rancho, pa me dar uma notiça horrive. Minha mana Catkin tava pescano na pedra do Cão e pisou num mangangá e agora tava morreno de tremedura e calor na casa de Munro. A erveira, a Wimoway, é, a mãe da Roses, tava cuidano dela e o curandeiro Leary de Hilo tava fazeno os cantamento dele tamém, mas a vida da Catkin tava escorreno, né? Home fortudo não costuma escapar de uma ferrada de mangangá, antonce a tadim da Catkin tava morreno e daqui a duas-três horas tava morrida.

O F'kugly ficou cuidano das cabra e eu saí correno no meio dos pé de cornaça, e era mesmo que nem o F'kugly falou. A Catkin tava ardeno e sufocano e num conhecia mais num-ninguém. A Wimoway já tirou as espinha venenosa e passou polpa de *noni* no machucado e a Sussy tava punhano compressa fria pa calmar a cabeça dela. O Jonas foi rezar pa Sonmi lá na Iconaria. O Leary barbudo tava resmungano as reza lá de Hilo e sacudino o pau de espeto dele pa fastar os espito mau. Pelo visto as mandinga do Leary num tava diantano muita coisa não, a Catkin tava morreno, tinha cheiro de morte no ar, mas a Mãe queria o Leary, se cê creditar em um milhão de crença diferente quem sabe uma delas vai judar? Aí eu num podia fazer nada, só ficar segurano a mãozim ardente da minha Catkin querida e alembrano de eu parado inute veno os Kona chicoteano o Pai e o Adam, né? Aí uma voz que talvez era do Pai ou da Sonmi ou té minha mesmo, mas uma voz baixim estourou uma bolha dendo meu ouvido: *Meronym*, foi o que ela disse.

Fuxico me disse que a Meronym tava no vale do Gusjaw e foi pa lá que eu saí correno, e lá tava ela encheno uns potim cientifo com água no vale do Gusjaw no meio do chuvaréu, que o Wolt tinha passado por ela antes e me deu o fuxico. A Prescienta tava com a sacola especial dela e eu dei graças a Sonmi por isso. *Boa tarde*, falou a mulher da Nau quando viu eu subino o rio.

Que boa que nada, eu gritei. *A Catkin tá morreno!* A Meronym tristou direitim quando eu falei pa ela do mamangá, mas ela desculpou, né, que ela num tinha nenhuma Ciença curadora não, e as erva da Wimoway e os cantamento do Leary era as arte curadora da ilha Grande e era o mais melhor que tinha pa curar os doente da ilha Grande, num era?

Conversa fiada, eu arrespondi.

Ela sacudiu a cabeça tristonha. *Nós Presciente jura que num vai interferir com a orde natural das coisa*.

Muito matreiro, eu falei antonce: *A Catkin chama cê de "titia" e* ela *credita que cê é parenta. Cê tá morano lá na nossa casa que nem parenta mesmo. Isso é mais uma fingição pa estudar nós? Mais uma "parte" da tua "toda a verdade"?*

A Meronym tremeu. *Não, Zachry, num é não*.

Antonce, eu falei, confiano na sorte, *eu garanto que cê tem uma Ciença especial pa judar seus parente.*

A Meronímia punhou prego nas palava dela. *Por que é que cê num mexe nos meus quipamento de novo e rouba minha Ciença de Prescienta cê mesmo?*

É, ela sabia que eu tinha pego no ovo prateado dela. Tava esse tempo tudo fingino que não, mas sabia sim. Num diantava nada eu negar, por isso num neguei não. *Minha mana tá morreno e nós dois aqui brigano*.

Tudo que é chuva e rio no mundo passou por nós dois. Aí finalmente a Meronym falou que sim, ela ia ver a Catkin, mas que veneno de mangangá era de-rápido e grosso e era difice ela poder judar minha manim e era mais melhor eu tender isso logo. Eu num disse nem sim nem não, só fazi levar ela correno té a casa de Munro. Quando a Prescienta entrou, a Wimoway

explicou o que ela fez, mas o Leary barbudo falou, *Ooo… uma demonha chegou perto… ooo, eu percebi com meus poder especial…*

A Catkin já tava fundano, né, dura e imove que nem um ícone, o respiro dela era só um sussurro ranhano a garganta dela. O rosto tristonho da Meronímia dizia assim: *Não, ela já tá nas última, eu num posso fazer nada*, e ela beijou a testa da minha mana se despedino dela, e saiu pa chuva na maior tristura. *Ah, olha só a Prescienta*, o Leary prosou, *a Ciença deles faz andar o navio mágico de aço, mas só o Canto Sagrado do Anjo Lazo é que pode chamar a alma da moça de volta do brejo do desespero entre vida e morte*. Desespero sentia eu, minha mana tava morreno, a chuva tava caino, mas aquela mesma voz num parava no meu ouvido não, dizeno *Meronym*.

Sem saber por que, saí trás dela. Abrigada na porta da olaria dos Munro, ela tava olhano pa chuva grossa. *Eu num tenho direito não de te pedir nada, sou um fitrião ruim, ruim não, mais que muito péssimo, mas…* eu num sabia mais o que falar.

A Prescienta num se mexeu nem olhou pa eu não. *A vida da sua tribo tem uma orde natural. A Catkin ia pisar naquele mangangá com eu aqui ou sem eu aqui.*

Os pássaro da chuva espalhava aquele canto chué-chuá deles. *Eu sou só um cabreiro burro, mas no meu tendimento só de cê tá aqui cê já rebentou com a tal da orde natural. No meu tendimento cê tá matano a Catkin só de num fazer nada. E no meu tendimento se fosse seu filho Anafi deitado ali com peçonha da mangangá desmanchano o coração e os bofe dele, essa tal orde natural num era tão importante assim pa cê não, né?*

Ela num arrespondeu não, mas eu sabia que ela tava ouvino sim.

Por que é que a vida dum Presciente vale mais que a vida duma gente do Vale?

Ela perdeu a calma. *Num tô aqui pa bancar a Dama Sonmi cada vez que contecer uma coisa ruim e aí é só eu estalar os dedo que arressolve tudo! Eu sou humana, Zachry, que nem cê ou qualquer um!*

Eu prometi: *Num vai ser toda vez que coisa ruim contecer não, é só agora.*

Os olho dela tava molhado de lagma. *Isso num é promessa que se pode manter ou quebrar não.*

No de-repente comecei a contar pa ela com tudo que é detalhe a história do vau do Shoosha, né, tudim. Que eu levei os Kona té o campamento e eles matou o Pai e escravou o Adam e que eu nunca que contei pa num-ninguém té aquela hora. Enquanto eu abria aquele segredo arrolhado pa minha inimiga eu num tendia por que é que tava fazeno aquilo não, só no finalzim que eu tendi e aí eu falei pa ela tamém. *O que eu contei pa cê sobre eu e minha alma é um pau de espeto encostado na minha garganta e uma mordaça apertada na minha boca. Pode contar pa Velha Fuxico tudo que eu falei pa cê acabar com eu, a hora que cê querer. Ela vai creditar em cê, e com razão causa-que é tudo verdadoso e as gente vai creditar em cê causa-que elas percebe que minha alma tá empedrada. Agora, se cê tem alguma Ciença,* qualquer coisa *que pode judar a Catkin agora, me dá essa coisa, conta ela pa eu, agora. Num-niguém* nunca *num vai saber não, juro que fica só entre eu e cê.*

Meronym punhou as mão dela na cabeça como se tivesse estourano de dor e resmungou uma coisa assim: *Se meu presidente descobrir, toda a minha faculdade vai ser dissolvida*, isso mesmo, às vez ela usava um bando de palava que eu num tendia nenhuma. Dum pote sem tampa na sacola de quipamento ela pegou uma pedrim turquesa bem pequenim, tamanho dum ovo de frumiga, e mandou eu punhar denda boca da Catkin bem discreto, pa nem-ninguém num ver, nem mesmo *maginar* que viu. *E pelo amor de Sonmi*, a Meronym me falou, *se a Catkin viver, e eu num tô prometeno que ela vai não, faz questão de logiar bem a erveira por curar ela, e não aquele bruxo vigarista de Hilo, tá bem?*

Aí eu peguei o remédio turquesa e gradeci ela uma vez só. A Meronym falou: *Num fala nada não, nem agora nem nunca enquanto eu tô viva*, e essa promessa eu cumpri. Denda boca da minha manim preciosa eu joguei o remédio na hora que troquei os pano frio, que nem a Meronym me mandou, e num-ninguém viu nada. E que foi que conteceu?

Três dia adespois a Catkin tava sistino aula na escolaria sim.

Três dia! Bom, eu parei de procurar prova que os Presciente tava espionano nós pa escravar as gente dos Vale. O Leary de Hilo saiu gritano pa tudo que é sapo de beira-estrada e po mundo inteiro ouvir que nenhum curandeiro num era mais melhor que ele não, nem os Presciente, se bem que as gente creditava mais era que foi a Wimoway que curou ela, e não o Leary.

Nós tava comeno coelho e nhame assado um dia no jantar, mais ou menos uma lua adespois da doença da Catkin, quando a Meronym disse uma coisa que espantou todo mundo. Que ela ia subir o Mauna Kea antes que a Nau voltava, pa ver o que tinha lá pa ver. A Mãe falou primeiro, já procupada. *Pa que, mana Meronym? Lá no Mauna Kea num tem nada não, só um inverno que num caba nunca e um monte de pedra.*

Ora, a Mãe num falou o que nós tudo pensava causa-que ela num queria parecer barba nem selvage, mas a Sussy num conseguiu segurar não. *Tia Mero, se cê subir lá o Velho Georgie vai congelar cê e rancar sua alma com uma colher torta e comer ela e aí cê nunca mais vai renascer não e seu corpo vai virar uma pedrona gelada. Fica aqui nos Vale que num tem perigo não.*

A Meronym não trariou a Sussy não, só falou que os Presciente tinha uma Ciença que espantava o Velho Georgie. Ela psisava subir o Mauna Kea pa fazer mapa do Barlavento, ela falou, e além disso as gente do Vale psisava de mais informação sobre os movimento dos Kona no Sota-vento e na cidade de Waimea. Se antes isso que ela falou fazia meu desconfio acender, agora eu num pensava mais assim não, mas fiquei muito procupado com nossa hospa. Pois o fuxico num sossegou não durante uns bons dias quando a notiça espalhou. *A Prescienta vai subir o Mauna Kea!* Vinha gente visar a Meronym pa num meter o nariz no cercado do VG, senão ela num voltava mais não. Té o Napes pareceu, pa falar que subir o Mauna Kea numa história era uma coisa, e fazer isso de verdade era uma maluqueza só. A Badessa falou que a Meronym podia ir adonde ela bem

queria, mas não deu mando pa num-ninguém ir com ela de guia não, causa-que aquele pico era muito esconhecido e riscado, três dias pa subir mais três pa descer, e mais os dingo e os Kona e sabe Sonmi o que mais no caminho, e além disso tinha que aperparar po escambo de Honokaa e todo mundo ia ter que trabalhar.

Pois aí foi eu que espantei todo mundo quando arresolvi ir com ela. Num-ninguém me achava a gente mais corajosa da casa. Antonce por que é que eu fazi isso? Muito simple. Primeiro, que eu tinha uma diva com a Meronym causa-que ela salvou a Catkin. Segundo, minha alma já tava meio empedrada, eu num ia renascer mesmo, e aí o que é que eu tinha a perder? Mais melhor o Velho Georgie comer minha alma que a alma de outra gente que senão ia renascer, né? Num é corage não, é só juízo. A Mãe num pareceu gostar não, todo mundo muito ocupado nos Vale, causa-que o tempo da colheita tava chegano e coisa e tal, mas veio o sol-nascer do dia que eu e a Meronym combinou de partir e a Mãe me deu o de-comer pa viagem que ela defumou e salgou e falou que o Pai ia ficar gulhoso de me ver tão corajoso. O Jonas me deu um pau de espeto dos bom, feito de peixe-pedra, e a Sussy deu uns muleto de madrepela pa brilhar e cegar os olho do Georgie se ele corria trás de nós. Meu primo Kobber veio cuidar das minhas cabra, ele deu um saco de passa das parreira da família dele. A Catkin foi a última, ela beijou eu mais a Meronym tamém, e fez nós prometer que voltava em seis dia.

Seguino pa leste do Sloosha, nós num subiu pela trilha de Kukuihaele não, nós foi por dendo, po sul, margeano o ribeiro Waiulili, e cheguei na clareira perto da cachoeira de Hiilawe adonde eu contrei com os Kona que matou o Pai cinco-seis ano antes. A clareira tava coberta de mato, só tinha uns queimado no meio, vestijo dos campamento antigo. Nos raso da lagoa de Hiilawe espetei uns dois peixe-pedra com o presente do Jonas, pa os nosso de-comer render mais. Choveu e aí o Waiulili tava forte demais pa travessar a pé, e aí nós foi subino pelo meio da prantação de cana de açucre,

meio dia de travessia difice té nós chegar na serra de Kohala; o descampado ventoso fez nós arfar, e pelo meio das nuve dava pa ver o Mauna Kea, mais alto que o céu sim. Eu já tinha vido o Mauna Kea de Honokka, craro, mas a montanha que a gente quer subir não é a mesma que a gente num quer subir não. Fica menos bonitosa. Se a gente faz silenço dá té pa *ouvir* ela. A cana foi rareano e aí só tinha uns pinheiro seco e nós chegou na trilha de Waimea, dos Antigo. Nós seguiu várias milha naquela estrada velha e rachada, té encontrar um caçador de pele e o cachorrim alegre dele, junto duma lagoa torta. O nome dele era Velho Yanagi, e ele tava com pulmão podrido, tão mal que num ia demorar não po Jovem Yanagi sumir o serviço da família, eu maginei. Nós falou que era erveiro procurano umas pranta especial, e pode ser que o Yanagi creditou em nós, pode ser que não, mas ele escambou uns congumelo em troca dos peixe-pedra e avisou nós que Waimea num era mais um cidade tão amigosa quanto antes não, os Kona mandava e porrava conforme o que eles venetava e num dava pa divinhar o que eles ia fazer não.

Por volta de uma milha a leste de Waimea nós ouviu casco de cavalo ferrado, e saiu da trilha bem na hora de três guerreiro Kona passar montado nuns garanhão preto, e o moço de cavalo deles num pônei. O ódio e o medo me estremunhou todim e deu gana de matar eles que nem camarão no espeto, só que de morte mais devagarim. O garoto eu maginei que bem podia ser o Adam, mas eu sempre pensava isso quando via um moço Kona, eles tudo usava capacete de modo que num dava pa ver direito não. Nós falava pouco causa-que fala da gente dá pa ouvir por quem num tá veno nada. Assim nós foi ino pelo campo té chegar na estrada larga. Eu já tinha ouvido falar nessa estrada, da boca dos contador de história, e lá tava ela, aberta, comprida, plana, de pedra. Tinha arve pequena e arbusto começano a brotar dendela, mas aquele espaço ventoso era mesmo coisa de se ver. A Meronym falou que chamava “Eroporto” na língua dos Antigo, que era adonde os barco voador dele ancorava, que nem ganso selvage nos brejo de Polulu. Em vez de travessar a estrada larga nós margeou ela, causa-que lá num tinha adonde esconder não.

Quando veio o sol-posto nós montou campamento num lugar cheio de cáquito e quando tava escuro eu cendi uma fogueira. Eu sentia muito só de estar longe dos Vale e das minha gente, mas ali naquela terra de num-ninguém a masca da Meronym tava caino, e eu tava veno ela mais craro do que nunca num tinha visto ela antes. Preguntei ela direto: *Como que é o Mundo Todo, as terra além do oceano?*

Mas a masca inda não tinha caído toda não. *O que é que cê magina?*

Aí eu falei pa ela que maginava esses lugar e tudo dos livro e figura velha que tinha lá na escolaria. Terra adonde a Queda num tinha caído não, cidade maior que a ilha Grande, e torre de estrela e sol brilhano mais alto que o Mauna Kea, baía cheim não de uma Nau Prescienta só não, mas um milhão de navio, caixa de Ciença que faz de-comer gostoso que num caba mais, cano de Ciença que corre cerveja que num caba mais, lugar adonde é sempre primavera e num tem doença, nem porrada, nem escravada não. Lugar adonde todo mundo é nascipuro bonitoso e vive cento e cinquenta ano.

A Meronym se enroscou mais na coberta. *Meus pai e a geração deles creditava que em algum lugar tinha um monte de cidade adonde os Antigo sobreviveu* à *Queda além dos oceano, que nem que cê, Zachry. Eles ficava maginano uns nome antigo… Melburo, Orkland, Joneburgo, Buenas Yerbas, Mumbay, Cigapura…* A Prescienta tava me sinano coisa que nenhuma gente do Vale nunca num tinha ouvido não, e eu escutava mudo. *Finalmente, cinco decas adesposis que minhas gente chegou em Prescіença, nós relançou no mar a Nau que levou nós pa lá.* Longe-longe os dingo uivava, visano que gentes ia morrer, eu rezei pa Sonmi pa que num era nós não. *Eles achou as cidade que os mapa antigo prometia, mas era tudo cidade de escrombo morto, cidade engolida pelo mato, cidade podrida pela peste, nem sinal das cidade viva que eles sonhava. Nós Presciente nem creditava que nossa chama fraca de Civilação era agora a mais brilhante do Mundo Todo, e assim nós foi ino cada vez mais longe na nossa Nau a cada ano, mas num achou nenhuma chama mais forte não. Nós sentia muito sozim. Era um fardo muito precioso pa só dois mil par de mão! Juro*

que só tem uns pouco lugar no Mundo Todo que tem a Ciença dos Nove Vale.

Fiquei procupado e gulhoso ao mesmo tempo de ouvir aquilo como se eu era pai, e como se ela e eu era mais ou menos que nem um deus e um adorador.

* * *

No segundo dia, tinha nuve fofa coelhano po oeste, e o sol a Sota-vento subiava alto e quente feito cobra. Nós bebia que nem baleia nos riacho gelado e fuligento. Nós subiu mais alto, o ar ficou frio e num tinha mais botuca picano nós não. Era um bosque mirrado e seco cruzado por umas navalha preta de lava cuspida e vomitada pelo Mauna Kea. Nós ia feito lesma no meio daquelas pedra que é só roçar os dedo nela que sangra que é uma coisa, aí eu rolei casca de arve nas minhas bota e nas minha mão e fazi a mesma coisa na Meronym. Os pé dela tava rachado de bolha, as sola dela não era que nem a minha, dura igual a de cabra, né, mas aquela mulher podia ser muita coisa, menos chorona. Nós montou campamento numa floresta de agulha e espinho, e uma nebrina grossa que nem cera escondia nossa fogueira, mas tamém escondia alguém quereno pegar nós de mansim, e eu fiquei nervoso. Nós tava com o corpo esgotado de cansaço, mas a cabeça num tinha sono não, aí nós ficou conversano enquanto comia. *Cê num tem medo não*, eu falei, pontano pa cima, *de dar com o Georgie quando nós chegar no pico, que nem o Truman Napes?*

A Meronym falou que tinha mais medo do frio e da chuva que dele.

Eu abri o jogo: *Cê num credita que ele ziste não, né?*

A Meronym falou que o Velho Georgie num zistia pa ela não, mas que mesmo assim podia zistir pa eu.

Antonce, eu preguntei, *quem foi que fez cair a Queda se não foi o Velho Georgie?*

Uns passarim estranho que eu nem conhecia fuxicou umas notiça no escuro por uns istante. Aí a Prescienta falou: *Foi os Antigo que fez cair a*

Queda neles mesmo.

Ah, as palava dela era uma corda de fumaça. *Mas os Antigo tinha a Ciença!*

Alembro que ela arrespondeu: *É, a Ciença dos Antigo arresolvia as doença, as distança, as semente, fazia milagre todo dia, mas só num arresolveu uma coisa, uma fome no coração das gente, sim, uma fome de mais.*

Mais o quê?, eu preguntei. *Os Antigo tinha de tudo.*

Ah, mais quipamento, mais comida, mais velocidade, vida mais longa, vida mais face, mais poder *sim. Ora, o Mundo Todo é grande, mas num bastava não praquela fome que fazia os Antigo rasgar o céu e frever os mar e venenar a terra com átomo louquecido e mexer em semente podrida que trazeu peste nova e fez os babito nascer tudo com defeito. Finalmente, primeiro aos pouco, adespois no de-repente, os Estado virou tudo tribo de barbo e foi o fim da Civila*ção, fora um que outro canto aqui e ali, adonde inda arde as última brasa dela.

Eu preguntei por que a Meronym nunca que contou essa história nos Vale.

As gente do Vale num ia queria ouvir não, ela arrespondeu, *que a fome humana pariu a Civilação, mas que a fome humana matou ela tamém. Eu prendi isso com as outra tribo que eu tive com elas nas outra terra. Se cê fala que as crença duma gente num é verdadosa, elas pensa que cê tá falano que as vida dela num é verdadosa e que a verdade dela num é verdadosa não.*

É, acho que ela tinha razão.

No terceiro dia o tempo tava bom e o céu azul, mas as perna da Meronym tava virano água-viva e aí eu punhei nas costa todas as nossas coisa, menos a sacola de quipamento dela. Nós já tinha travessado a encosta da montanha e chegado no lado sul, adonde as marca da trilha dos Antigo subia em zigue-zague té o pico. Por volta do meio-dia a Meronym descansou

enquanto eu catava lenha pa fazer dois feixe causa-que as arve já tava cabano. Olhano pa baixo em direção ao Mauna Loa, nós viu uns cavalo na estrada da Sela, os metal dos Kona brilhano no sol. Nós tava tão alto que os cavalo era tamanho de cupim. Que bom que era eu poder espremer eles entre os dedo e adespois limpar a mão na calça. Rezei pa Sonmi pa num ter nenhum Kona ali na trilha do Pico causa-que lá num faltava lugar pa boscada não, e eu mais a Meronym num ia guentar porrada por muito tempo não. Mas num vi nenhuma pegada de cavalo nem marca de barraca no chão.

Cabou as arve, e o vento ficou mais forte e mais zangado, sem trazer nenhum cheiro de fumaça, nem fazenda, nem estrume, nada não, só uma poeira bem finim. Os passarim tamém rareava naquela encosta que era só pedra e arbusto mirrado, só tinha era urubu avoano lá no alto. Quando noitou nós chegou numas construção dos Antigo que a Meronym falou que era dos astrono, os sarcedote da Ciença que lia os astro. Essa aldeia tava bandonada desde a Queda, e eu nunca que vi um lugar mais desolado não. Num tinha água nem terra, ah, o frio era brabo, e aí nós gasalhou bem e cendeu uma fogueira denduma casa vazia. A luz das chama dançava com as sombra naquelas parede que num-ninguém gostava delas não. Eu tava procupado causa-que amanhã nós chegava no pico, antonce meio que pa distrair a cabeça preguntei à Meronym se a Badessa falou a verdade quando disse que o Mundo Todo avoa em volta do sol, ou se era as gente de Hilo que tinha razão falano que o sol avoa em volta do Mundo Todo.

A Badessa é que tá certa, falou a Meronym.

Então a verdade que é verdadosa é diferente da verdade que parece verdadosa?

É sim, normalmente é, alembro que a Meronym falou, *e é por isso que a verdade verdadosa é mais preciosa e mais rara que diamante*. Aos pouco o sono calou ela, mas o pensamento num deixou eu drumir não, té que uma mulher calada veio e sentou perto do fogo, tremeno e espirrano baixim. O colar de caurim dela amostrava que era pescadora de Honomu, e quando tava viva foi uma mulher muito suculenta. Ela esticou os dedo pa dendo

fogo, dendaquelas petlas de bronze e rubi tão bonitosa, mas só fez suspirar, mais triste que um passarim denduma caixa dendum poço, é que o fogo num quentava ela não. Ela tinha pedrim no lugar dos olho, e fiquei maginano que talvez ela tava subino o Mauna Kea po Velho Georgie pegar a alma dela e fazer dela pedra drumida. As gente morta ouve os pensamento das gente viva, e aquela pescadora afogada olhou pa eu com aquelas pedrinha, fazeno que sim, e pegou um cachimbo pa se confortar, mas eu num pedi um traguim de erva não. Muito adespois de eu cordar, o fogo tava morreno e a Honomu não tava mais lá não. Nem tinha pegada no chão, mas eu senti o cheiro do cachimbo dela por uns istante. *Pois é*, fiquei pensano, *a Merynom sabe muita coisa de Ciença e de vida, mas as gente dos Vale sabe mais de morte*.

O quarto dia manheceu com um vento que num era desse mundo não, ele tortava aquela luz brutal e estridente, e curvava o horizonte, e rancava as palava da boca da gente e rancava o calor do corpo travessano as lona e as pele de bicho. A trilha do Pico que saía da aldeia dos astrono tava tudo rebentada e gasta, tinha umas dentada na estrada adonde que as valanche tinha escorregado encosta baixo, num tinha folha nem raiz nem mesmo musgo não, só poeira e pedra gelada e seca que ranhava os olho que nem mulher louquecida. As nossa bota dos Vale já tava tudo mulambada, e aí a Meronym pegou pa nós dois umas bota cientifa Prescienta, feita sei lá do que, mas que era quentim e macia e resistente e aí nós pôde tocar pa frente. Quatro-cinco milha adespois, o chão ficou plano que nem parecia que nós tava numa montanha, era que nem uma frumiga numa mesa, uma planura no nada entre dois mundo. Finalmente, por volta do meio-dia, nós virou uma curva e eu bocabri de susto, lá tava o cercado, que nem o Truman falou, só que as muraia num era alta feito uma secoia não, era mais da altura dum pinheiro. A trilha ia dar direto nos portão de aço sim, mas as muraia inteiriça num era sem-fim não, dava pa contornar toda num quarto de manhã. E dendo cercado, num terreno mais alto, tinha as cupla dos templo,

os prédio dos Antigo mais sinistroso do Ava-Ih ou do Mundo Todo, quem que sabe? Mas como entrar lá? A Meronym passou a mão naqueles portão pressionante e rendingou: *Só mesmo com um papouco dos mais potente pa rancar esses portão das dobradiça*. Da sacola ela tirou não um papouco, e sim uma corda cientifa, que nem os Presciente escambava com nós às vez, fina e levim. Tinha dois toco no alto dos portão, e ela tentou laçar um deles. O vento era mais esperto que a pontaria da Meronym, mas aí eu tentei e lacei de primeira, e assim nós subiu o cercado do Velho Georgie escalano com as mão.

Lá dendaquele lugar medrento no topo do mundo, o vento calou que nem o olho dum furacão. O sol surdava nós de tão alto que tava, ele rugia e o tempo escorria dele. Lá dendo cercado num tinha trilha nenhuma, só um milhão de pedra que nem no causo do Truman Napes, os cadave dos empedrado sem-alma, e eu fiquei maginando se eu ou a Meronym ou nós dois ia virar pedra antes do sol pôr. Tinha uns dez-doze templo esperano lá dendo, branco e prateado e dourado e bronze, baixo e gordo com coroa em cima, quase sem janela. O mais perto tava só a uns cem passo de nós, e foi pa ele que nós foi primeiro. Eu preguntei se era ali que os Antigo adorava a Ciença deles.

A Meronym falou, tão dimirada quanto eu, que aquilo não era templo não, mas *bisservatoro*, que era adonde os Antigo estudava os praneta e as lua e as estrela, e os espaço entre eles, pa tender adonde que tudo começa e adonde que tudo caba. Nós caminhava com cuidado entre as pedra torcida. Numa delas eu vi umas concha de caurim esmagada, concha lá de Honumu, e aí tendi que era a mulher que me visitou de noite, ao pé do fogo. O vento trazeu a voz do meu avô dos longe-longe, cochichano… *Judas*. Sinistroso sim, mas num me sustou não, causa-que tudo ali naquele lugar era sinistroso… *Judas.* Num contei pa Meronym não.

Como que ela abriu a porta do tal bisservatoro, num sei não, antonce nem adianta me butucar. Uma espece de cordão bilical entre o alizar poeirado e ferrujado da porta e o ovo-rogativa dela funcionou num istante. Enquanto isso eu ficava protegeno nós dos habitante daquele cercado. Os cochincho do meu avô tava virano xingamento, e ele fazia umas meia-careta que sumia quando eu olhava direto pa elas. Deu um estalo e aí a porta do bisservatoro abriu. De dendela saiu um ar fedido que parecia que foi respirado antes da Queda, e vai ver que foi mesmo. Aí nós entrou e viu o quê?

Descrever aquela Ciença toda num é fácil não. Tinha uns quipamento que num-ninguém no Ava-Ih lembra não, e daí que os nomes tamém num-ninguém lembra, quase nada que tinha lá eu sabia o que era. Os soalho brilhava, as parede e os teto era branco, uma salona só, redonda e afundada, e toda enchida por um tubo enorme, mais largo que um home e mais comprido que cinco, era o que a Meronym chamou de *radiotescópio*, o olho de xergar mais longe que os Antigo fez. Tudo branquim e puro que nem as veste de Sonmi, nem uma pulguim de sujeira afora o que nós trazeu lá pa dendo quando nós entrou. As mesa e as cadeira só esperano alguém sentar, nuns balcão de aço que os pé de nós ressoava quando pisava. Té mesmo a Prescienta ficou maravilhada com aquela Ciença perfeita. Ela mostrava pa rogativa dela tudo que nós via. A rogativa brilhava e ronronava e as janela vinha e ia. *Ela tá memorano o lugar*, explicou a Meronym, eu num tendi bem e preguntei pa ela o que era aquele ovo de Ciença, verdade verdadosa.

A Meronym descansou um istante e bebeu um gole de cerveja da garrafa dela. *A rogativa é um cebro e uma janela e uma memória. O cebro ajuda a gente a fazer coisa que nem abrir porta de bisservatoro que nem cê viu. A janela deixa a gente falar com outras rogativa nas lonjura. A memória deixa a gente ver o que outras rogativa do passado já xergou e escutou, e proteger do esquecimento tudo que minha rogativa xerga e escuta*.

Eu tinha vergonha de lembrar a Meronym da minha xereteza, mas se eu não preguntava agora podia nunca mais ter outra chance, aí preguntei assim mesmo: *A moça bonitosa brilhosa que eu vi nessa… rogativa da outra vez… ela era memória ou janela?*

A Meronym hesitou. *Memória*.

Preguntei se a moça inda tava viva.

Não, a Meronym arrespondeu.

Aí eu preguntei se ela era Prescienta.

Ela hesitou, e disse que queria me contar a verdade toda agora, mas que tinha gente nos Vale que não tava perparada pa ouvir. Jurei pelo ícone do Pai que num ia dizer nada não a num-ninguém. *Muito bem. Ela era Sonmi, Zachry. Sonmi, a humana malnascida que seus cestral creditava que era a deusa de cês.*

Sonmi era uma gente que nem eu e cê? Nunca que eu pensei, nem a Badessa nunca que falou, uma maluqueza dessa. Sonmi foi parida por um deus da Ciença chamado Darwin, era o que nós creditava. A Meronym creditava que essa Sonmi morava na ilha da Prescièn̂ça ou na ilha Grande?

Ela nasceu e viveu centenas de anos atrás do outro lado do oceano, po oés-noroeste, falou a Meronym, *numa peninça que agora virou terra morta mas que antes chamava Nea So Copros e no tempo dos Antigo era Coreia. Sonmi teve uma vida curta e judasada, e foi só adespois que ela tava morrida que ganhou mando no pensamento dos puro-sangue e dos malnascido.*

Essa novidade chocante ficou zumbino no meu cebro até que ele rebentou, e eu num sabia mais no que creditar. Preguntei o que é que a memória de Sonmi tava fazeno na rogativa da Meronym centenas de ano adespois.

Aí eu vi que a Meronym tava rependida de começar a contar essa história. *Sonmi foi morrida pelos chefes dos Antigo que tinha medo dela, mas antes disso ela falou pruma rogativa sobre as coisa que fez. Eu punhei a memória dela na minha rogativa porque tava estudano a vida breve dela, pa entender melhor a vida das gente dos Vale.*

Então foi por isso que aquela moça ficou na minha cabeça. *Antonce o que eu vi é uma espece de fantasma cientifo?*

A Meronym fez que sim. *Zachry, nós tem que visitar um monte de prédio antes de noitar*.

* * *

Enquanto nós travessava o cercado ino po segundo bisservatoro, as pedra começou a falar. *Ah, cê tinha razão mesmo sobre esses Presciente danado, mano Zachry! Ela tá fudeno com suas crença compretamente!* Eu tapei os ouvido com as mão, mas as voz travessava direto. *Essa mulher só salvou a vida da Catkin pa trapalhar seus pensamento com ideia de dívida e honra!* As forma e as palava das pedra me doía, e eu pertava o queixo pa num arresponder elas. *Ela tá mexericano e robano a Ciença da ilha Grande que é da pertença das gente dos Vale!* Os demonho se enfiou debaixo das minhas palpa que nem cisco. *Seu Pai num deixava não um furasteiro mentidor ganhar a confiança dele, e inda por cima usar ele como burro de carga!* Aquelas palava era tão verdadosa que eu num podia discutir com elas não, e dei um tropeção que doeu.

A Meronym me segurou pa eu num cair. Num contei que as pedra tava falano, mas ela tendeu que alguma coisa num tava bem não. *O ar aqui em cima é ralo e aguado*, ela falou, *e teu cebro vai ficar com muita fome e vai fazer esse lugar esquisito ficar inda mais esquisito*.

Nós chegou no segundo prédio e eu fiquei caído, meio tonto, enquanto a Prescienta dava um jeito de abrir a porta. Ah, mas aquele sol que berrava ficava esvaziano minha cabeça. *Essa mulher é muito esperta, Zachry, se é!* O Truman Napes Terceiro tava gachado em cima duma pedra. A Meronym num ouvia ele não. *Cê credita nela vez de creditar nas suas gente?*, ele gritou pa eu, tristonho. *Antonce suas verdade é só ar ralo e aguado? E eu tamém?* Ah, fiquei liviado quando logo adespois a porta do bisservatoro abriu. Os fantasma e as verdade espinhenta deles não podia entrar com nós lá dendo, acho que causa-que a Ciença num deixava eles entrar não.

E foi assim a tarde toda. Os bisservatoro era quase tudo parecido com o primeiro. A Prescienta abria a porta, explorava o lugar com a rogativa dela e meio que esquecia que eu tava junto. Eu ficava só esperano sentado, respirano aquele ar de Ciença, té que ela terminava. Mas quando nós ia dum

prédio po outro, as pedra torta falava em coro com eu: *Judas!* e *Burro de carga!* e *Escravo da Nau!* Os fantasma das gente dos Vale implorava sem abrir os lábio queimado de frio: *Ela num é da sua tribo não! Num tem nem mesmo sua cor!* E ali e naquela hora, ah, as coisa que eles dizia fazia sentido e medrava eu, dimito aqui e agora.

A desconfiança me podrou por dendo.

Nunca que nenhum Presciente se abriu direito com nenhuma gente dos Vale, e naquele dia eu tendi que a Meronym num era diferente não. As pedra mudou a cor do céu, de azul prum cinza quando nós chegou no último prédio. A Meronym me sinou que aquele num era bisservatoro não, que era o *gerador* que fazia uma magia de Ciença chamada *letricidade* que funcionava o lugar todo que nem o coração funciona o corpo. Ela ficava dimirano as máquina tudo, mas eu só sentia burro e judasado causa-que a Prescienta me cegou os olho desde que se enfiou na minha casa. Eu num sabia não o que fazer, nem como cabar com os plano dela, mas o Georgie tinha lá os plano dele, o desgraçado.

As tripa do tal gerador era diferente das tripa dos outro prédio. A Prescienta vibrava de dimiração enquanto a gente andava naquelas sala vazia cheim de eco, mas eu não. É que eu sabia, né, que nós não tava sozinho lá dendo. A Prescienta não creditava em eu, craro, mas no espaço mais maior de tudo, onde ficava um coração de ferro grande e mudo, tinha uma espece de trono cercado por umas mesa com janelim cheia de número e essas coisa, e nesse trono tinha um sarcedote dos Antigo morrido, debaixo duma janela em arco. A Prescienta engoliu em seco e chegou perto pa ver. *Devia de ser o astrono chefe,* ela falou baixim. *Ele tava aqui quando teve a Queda, e por causa do ar fechado o corpo não podrou.* Chefe não, e sim rei-sarcedote, pensei, num palácio maravilhoso daquele. A Prescienta começou a memorar cada polegada daquele lugar danado com a rogativa dela, enquanto eu fui chegano perto daquele rei-sarcedote do mundo da Civilação perfeita. O cabelo dele tava desandado e as unha fazia gancho e com o tempo a cara dele tava encolhida e carqueada, mas as roupa celeste

cientifa dele era muito bonitosa, tinha safira cravada nas orelha e ele lembrava o tio Bess, o mesmo nariz de gancho sim.

Escuta eu, gente dos Vale, o rei-sarcedote suicidado falou, *escuta eu. Nós, os Antigo, doentou de Ciença e a queda foi nossa cura. A Prescienta num sabe não, mas ela tá doente, muito doente ela tá.* Través daquele arco de vidro as onda de neve fazia o sol sacudir e afundar. *Bota ela pa drumir, Zachry, senão ela e as gente dela vai trazer toda a doença de estranja deles pos Vales bonitoso de cês. Pode deixar que eu cuido bem da alma dela neste lugar*. A Prescienta tava andano dum lado po outro com a rogativa dela, cantarolano uma musga de ninar de Presciente que ela sinou pa Catkin e pa Sussy. E meu pensamento não parava de fazer tique-taque. Matar ela num era coisa de barbo e selvage?

Num tem certo nem errado, o rei astrono me sinava, *o que tem é proteger sua tribo ou judasar sua tribo, é ter vontade forte ou vontade fraca. Mata ela, mano. Ela num é deusa não, é feita de sangue e tubo que nem eu e cê, só que fica imitano os Antigo. Matar ela é seu dever e cê sabe que é.*

Eu falei que num podia não, o fuxico ia me marcar de assassino e a Badessa ia cavucar uma sembleia que ia me zilar dos Vale.

Pensa bem, Zachry, o rei sistiu com eu. *Pensa! Como que o fuxico vai ficar sabeno? Fuxico vai dizer é: "Aquela estranja sabe-tudo guinorou nossas história e nossos costume e se meteu a subir o Mauna Kea e o Zachry corajoso foi junto pa tentar cuidar dela mas acabou que ela num tinha toda aquela Ciença que achava que tinha"*.

Passou uns istante. *Tá bem*, arrespondi finalmente com voz dura, *eu furo ela quando nós sair daqui*. O rei-sarcedote sorriu sastifeito, e num falou mais não. Aí minha vítima preguntou como que eu tava. *Tô bem*, arrespondi, se bem que tava nervoso, né, causa-que eu nunca matei antes coisa maior que uma cabra e agora eu tava jurado de matar uma gente Prescienta. Ela falou que era hora de ir embora, que não queria ficar presa ali numa nevasca, e nós foi saino do gerador, ela na frente.

Lá fora, as pedra tava tudo calada na neve que subia até os tornozelo. Uma nevasca acabou mas outra mais maior tava vino, eu maginei.

Nós andava rumo os portão de aço, ela na frente, eu garrano o pau de espeto do Jonas e testano a espetança dele no polegar.

É agora!, mandou todas as pedra assassina do Mauna Kea.

Num dianta deixar pa depois o que tem que fazer não. Sem nenhum barulho eu mirei na nuca da Prescienta, e que Sonmi tenha piedade da minha alma, purrei pa frente aquele pau de espeto com toda a minha força.

Não, num matei ela não, causa-que no istantim entre mirar e enfiar, Sonmi teve mesmo piedade da minha alma e desviou a mira. O pau de espeto saiu voano por cima dos portão de aço. A Meronym nem percebeu que o crano dela quase que foi espetado, mas percebeu sim que eu tava magiado pelo demonho de Mauna Kea, nós tudo sabe o nome dele, maldito seje.

Cê viu alguma coisa lá em cima?, perguntou a Meronym, depois que meu pau de espeto voou.

Vi sim, menti, *mas num era num-ninguém não, era só os truque desse lugar*.

Vambora, ela falou, *vambora agora*.

É que nós passou pa trás o Velho Georgie, num tinha jeito de eu matar ela no de-repente sem meu pau de espeto, mas craro que ele num ia só ficar sistino minha vitória não, eu conhecia aquele fiadaputa há muito tempo.

Quando eu subia a corda levano a sacola de quipamento, o Mauna Kea respirou fundo e urrou uma golfada de neve tão forte que num dava pa ver o chão direito, e dez vento cortou a cara de nós e meus dedo tava duro de frio, e no meio da subida eu escorreguei pa baixo de novo e a corda queimou minhas mão mas acabei conseguino subir té lá em cima e depois puxei a sacola com as palma das mão doeno em carne viva. A Meronym num foi tão de-rápido não, mas já tava quase chegano no alto do muro quando no de-repente o tempo parou.

Isso mesmo, o tempo parou, isso mesmo que eu falei. Po Mundo Todo, menos pa eu e um certo demonho esperto, cês sabe quem foi que veio

andano todo confiante por cima do muro, o tempo simplemente… parou.

Os froco de neve ficou tudo paradim no ar. O Velho Georgie purrou eles po lado com a mão. *Eu tentei ser razoave com ocê, Zachry, seu moleque teimoso, agora vou ter que meaçar e pressajar e mandar. Pega sua faca e corta essa corda.* O pé dele encostou na corda que tava subino a Meronym parada no tempo. A cara sofrida no meio da nevasca e os musco dela tenso com o esforço de subir. Vinte pé de nada embaixo dela. *Ela pode num morrer na queda adepois que o tempo voltar a andar*, o Velho Georgie leu meus pensamento, *mas as pedra lá embaixo vão rebentar a espinha e as perna dela e ela vai morrer durante a noite. Eu vou deixar ela ter tempo de pensar nas loucura dela.*

Preguntei por que é que ele mesmo num matava a Meronym.

Por que, por que, por quê?, o Velho Georgie debochou de eu. *Quero que cê faz isso, e vou explicar por que, por que, por quê. Ó, se cê num cortar essa corda, dende três lua sua família querida vai morrer, eu juro! Eu juro. Antonce cê tem que escolher. De um lado a Mãe Corajosa, a Sussy Forte, o Jonas Esperto, a Catkin Querida, tudo morrido. O Zachry Covarde vai continuar vivo e sofreno de rependimento até morrer. Do outro lado, só uma estranja morrida, que num-ninguém vai chorar a morte dela não. Quatro que cê ama contra uma que cê num ama não. Sou té capaz de trazer o Adam de volta dos Kona*.

Num tinha saída não. O jeito era matar a Meronym.

Isso, num tem saída não, menino. Vou contar té cinco…

Peguei a faca. Uma semente brotou e furou a crosta da minha memória, e essa semente era uma palava que o Georgie falou: “*pressajar*”.

De-rápido eu joguei longe a faca como meu pau de espeto e encarei aquele demonho bem nos olho pavorante dele. O Velho Georgie tava espantado, e o sorriso morrente dele continha um balde de siguinificado ruim. Cuspi nele mas o cuspe voltou pa cima de eu. Por quê? Eu tava malucado da cabeça?

O Velho Georgie cometeu um erro fatal, ele me fez lembrar daquele pressajo da Noite dos Sonho. *As mãos tá queimano, num corta aquela*

corda não. Minha decisão tava tomada, causa-que minhas mão tava queimano, e aquela era a corda que a Sonmi mandou eu num cortar não.

Minha faca tiniu quando bateu no chão, e o tempo voltou a andar, e os milhão de mão e grito da nevasca daquele demonho rugiu em cima de eu mas num conseguiu rancar eu daquele muro não, e dei um jeito de puxar a Meronym pa cima e descer nós dois do outro lado sem quebrar nenhum osso. Caminhano clinado contra a fúria da neve branca e escura, nós voltou pa aldeia dos astrono, aos tropeço, e chegou lá mais congelado que vivo, mas tinha lenha seca à nossa espera pela graça de Sonmi e dei um jeito de cender o fogo e juro que foi esse fogo que salvou nossa vida. Nós quentou gelo pa fazer água e descongelar os osso e secou os gasalho o melhor que podeu. Nós num falou nem uma palava, tamanho o frio e a cansadez. Se eu rependi de renegar o Velho Georgie?

Não, num rependi na hora nem rependo agora não. Sei lá por que foi que a Meronym arresolveu subir aquela montanha danada, mas num credito que ela ia judasar nenhuma gente dos Vale não, e os Kona ia fazer o que eles fez com os Vales adespois de qualquer jeito mesmo. Isso inda tava no futuro naquela primeira noite no pico. Minha amiga deu pa nós dois tomar umas pila de remédio depois do de-comer e nós drumiu o sono sem sonho do rei astrono.

Ora, a volta pos Vale num foi nenhum passeio no campo não, mas agora num é hora de contar essa ventura. Eu e a Meronym desceu a montanha sem falar muita coisa, causa-que agora tinha uma espece de confiança e tendimento entre nós. O Mauna Kea fez o possive pa matar nós, mas nós deu um jeito de escapar junto. Eu sabia que ela tava longe-longe da família e dos parente dela, e meu coração doía pela solidão dela. O Abel recebeu nós na casa-forte dele três noites adespois, e mandou avisar na casa Bailey que nós tava de volta. Todo mundo só queria saber uma coisa: *Que foi que cê viu lá em cima?* Lá era um lugar solitaro e silençoso, eu falei, cheio de templo e Ciença perdida e osso. Mas num falei nada sobre o rei-astrono

não, nem o que a Meronym me contou sobre a Queda, e menos inda da minha briga com o Velho Georgie, isso eu só contei muitos ano adespois.

Tamém tendi por que que a Meronym não contou toda a verdade sobre a ilha da Prescièn̂ça e a tribo dela. As gente magina que o mundo é bem assim, e se cê diz pa elas que é assado, o telhado despenca na cabeça delas, e na sua tamém às vez.

A Velha Fuxica espalhou que o Zachry que voltou do Mauna Kea num era mais o mesmo que subiu antes, e é verdadoso sim, causa-que num tem viagem que num mude a gente um mucado. Meu primo Kobbery dimitiu que as mãe e os pai de todos os Nove Vale tava visano as filha pa não se meter com o Zachry da casa Bailey causa-que ele devia de tá de balacho com o Velho Georgie pa escapar daquele lugar pavorante com a alma inda denda cabeça, e se isso não era a verdade toda, tamém num era tudo mentira não. O Jonas e a Sussy já num debochava de eu que nem antes. Mas a Mãe ficou chorenta quando viu nós chegar e me abraçou, *Meu Zachryzinho grande*, e minhas cabra ficou alegre e a Catkin num mudou nada não. Ela e os mano na escolaria ventaram um jogo novo, *Zachry e Meronym no Mauna Kea*, e a Badessa deu mando delas num jogar isso não causa-que tem vez que o fingido mexe com o vivido. O jogo era muito-muito bom, falou a Catkin, mas eu num quis saber as regra nem como que ele cabava não.

Um dia a última lua da Meronym nos Nove Vale inchou e antonce já era tempo do escambo de Honokaa, a mais maior das reunião das gente do Barlavento, era só uma vez por ano, na lua da colheita, e assim nós ficou muitos dia teceno coberta de lã de cabra, que era o que nossa casa mais escambava. Desde a morte do Pai que nós andava até Honokaa em grupo de dez ou mais, mas naquele ano foi o dobro de gente causa das coisa Precienta que nós tinha, por estar fitriano a Meronym. Tinha carrim de mão e mula pa levar o charque, o couro, o queijo, a lã. A Wimoway e a Roses ia trocar erva das que não dá perto dos Vale, pesar que a Roses e o Kobbery

tava namorano, e pa eu num tinha pobrema não. Eu desejava sorte ao primo, causa-que ele ia precisar de sorte, e tamém dum relho e um ferro e essas coisas e tudo.

Travessano o vau do Sloosha, eu tive que ficar veno os viajante punhar mais pedra no montim do Pai, causa-que nosso costume era o Pai ganhar um balde cheio de pedra dos amigo e mano que amava ele de amor verdadoso. Lá no alto do Mauna Kea, aquele demonho tava fiano as unha numa pedra de amolar pa usar elas neste covarde mentiroso aqui. Adespois do Sloosha começou a subida em zigue-zague do Kukuihaele. Um carrim de mão rebentou e virou, a subida era muito lenta e dava muita sede, e passava muito do meio-dia quando nós chegou naquele lugarejo que tem do outro lado do morro. Nós que era moço subiu nos coqueiro pa pegar de-comer, e todo mundo bebeu aquela água até fartar. Aí nós foi seguino po sul, naquele caminho dos Antigo, rumo a Honokaa, quando veio uma arage boa do mar e nós alegrou e começou a contar história pa curtar as distança, o contador sentado de costas no burro da frente pa todo mundo ouvir ele. O Rod'rick contou o causo de Rudolf, o ladrão de cabra e Billy Ferro e seu espeto horroroso, e o Wolt cantou uma musga bonitosa, "Ó Sally dos Vale", apesar que nós jogou gavreto nele causa-que ele tava cantano muito mal. Antonce o tio Bess pediu à Meronym pa contar pa nós uma história Prescienta. Ela hesitou um istante e falou que as história Prescienta é cheia de margura e perda e num é bom pressajo pa uma tarde de sol antes do Dia do Escambo, mas será que nós queria ouvir ela contar uma que ela ouviu duma gente da terra queimada longe-longe, num lugar chamado Panamá? Nós tudo falou que sim, e antonce ela sentou no burro da frente e contou uma história curta e bonitosa que eu vou contar agora pa cês, por isso todo mundo cala a boca e fica quietim, e alguém me traz mais um copo de guardente que minha garganta tá grudano de tão seca que tá.

No tempo em que a Queda tava quedano, as gente esqueceu como que faz fogo. Ah, as coisa tava ficano ruim demais. Quando noitava ninguém

xergava nada, quando invernava ninguém quecia nada, quando manhecia ninguém assava nada. Por isso a tribo foi percurar o Sábio, e pediu pa ele: *Sábio, ajuda nós, que nós esqueceu como que faz fogo, ai de nós e essas coisa e tudo*.

Antonce o Sábio cavucou o Corvo, e deu mando nele falando assim: *Voa po outro lado desse oceano maluco e zinquilado té o Grande Vulcão, e na foresta da encosta dele percura um gavreto comprido. Apanha esse gavreto com o bico e voa pa denda boca do Grande Vulcão e mete a ponta dele no lago de chama que fica bolhano e cuspino naquele lugar foguento. Adespois traz esse gavreto ardeno de volta po Panamá pas gentes alembrar de novo como que o fogo é e como que faz o fogo*.

O Corvo bedeceu o mando do Sábio, e foi voano po outro lado desse oceano maluco e zinquilado té que ele viu o Grande Vulcão fumano no longe-perto. Ele pousou na foresta da encosta, beliscou umas groselha, bebeu num riacho de água frienta, descansou as asa cansada por um istante, depois deu de percurar um gavreto comprido de pinheiro. É um, é dois, é três e lá tá o Corvo bateno asa, com o gavreto no bico, e depois *plof* desceu na boca xofrenta do Grande Vulcão aquele bicho corajoso, e no último istante voou pa cima outra vez, passano a ponta do gavreto no fogo derretido, úúúúf, e o gavreto pegou fogo! Antonce o Corvo saiu voano daquela boca ardente, levano o gavreto fumegante no bico, rumo à casa dele, bateno as asa, o gavreto queimano, os dia passano, granizo caino, nuve escurano, ah, o fogo devorano aquele gavreto, os olho ardeno, as pena chambucano, o bico queimano… *Como dói!*, o Corvo corvava. *Como dói!* E, agora, ele deixou cair o gavreto ou num deixou não? Nós alembrou como que faz fogo ou num alembrou mais?

Pois é, falou a Meronym, andano de costas naquele burro, *num é uma história de Corvo nem de fogo, é a história de como nós que é as gente humana ganhou esprito*.

Num vou falar que essa história faz muito sentido não, mas eu sempre lembro dela, e tem vez que num fazer muito sentido faz sentido. Mas o dia tava morreno nas nuve escurenta e ainda faltava umas milha pa chegar em

Honokaa, e antonce nós acampou pa passar a noite e ficou jogano dado pa num drumir, causa-que os tempo tava difice e nós num queria riscar de cair numa boscada não. Eu tirei seis e seis, e maginei que minha sorte podia tá melhorano, eu que era só um brinquedo nas mão do destino, como nós tudo é.

Honokaa era a cidade mais animada do nordeste do Barlavento, os Antigo construiu ela lá no alto pa não ser engolida pelo oceano que tava subino, que nem que conteceu com metade de Hilo e Kona, que ficava debaixo d'água a maior parte do ano. Os home de Honokaa era na maioria comerçante e manufante, ah, eles adorava Sonmi mas por via das duva adorava tamém os deus de Hilo, por isso que nós do Vale siderava eles meio selvage. O chefe de lá se chamava Senador, ele tinha mais poder que a nossa Badessa, tinha um exerço de dez-quinze home forte com uns pau de espeto grande-grande, que o trabalho deles era forçar as gente a bedecer os mando do Senador, e num-ninguém escolhia o Senador não, era coisa de barbo, de pai pa filho. Honokaa era o meio do caminho pas gente de Hilo e Honomu, e as dos Vale e de Mookini antes delas ser escravada, e mais as tribo do alto da serra. As muraia da cidade que os Antigo fez foi tudo refeito, e os telhado explodido foi consertado muitas vez, mas inda dava pa andar por aquelas rua estreita e ventosa maginano caiaque voador e carro sem cavalo rodano por lá. No fim tinha o salão do escambo, um prédio grande-grande que a Badessa falava que antes chamava *igreja* onde as gente adorava um deus antigo, mas a sabença sobre esse deus perdeu com a Queda. Igreja tinha parede forte e vidro colorido bonitoso, e ficava num espaço verde com muita pedra pa cercar carneiro e cabra e porco e essas coisa e tudo. Durante o escambo, os guarda do Senador vigiava os portão e os armazém da cidade, e tinha uma prisão também, com barra de ferro. Os home do exerço nunca porrava nenhum comerçante não, só se tava ladroano ou antonce pertubano a paz ou violano a lei. Honokaa era o lugar que tinha mais lei na ilha Grande, tirano os Nove Vale Dobrado, eu acho, se bem que

lei e Civilação nem sempre é a mesma coisa não, causa-que os Kona, por exempo, tem lá as lei deles, mas de Civilação eles num têm é nada.

Naquele escambo, nós dos Vale fez muito-muito comerço pa nós mesmo e tamém pa toda a comunidade. As tribo das serra deu vinte saca de arroz pela lona dos Presciente, e mais vaca e couro do rancho de Parker em troca das coisa de metal. Nós num contou pa num-ninguém que a Meronym era frasteira não, nós deu um nome pa ela, Ottery da casa de Hermit lá da parte alta do vale do Polulu. A Ottery era ervanara e uma malnascida sortuda, foi o que nós falou pa explicar a pele preta e os dente branco dela. Os quipamento dos Presciente, nós falou que tinha achado escondido, se bem que num-ninguém nunca que pregunta *Adonde foi que cês achou esses quipamento?* esperano uma resposta verdadosa. A Velha Fuxica fica com a boca bem rolhada quando sai dos Nove Vale, e assim quando um contador de história chamado Lyons preguntou pa eu se era o tal Zachry do vale do Elepaio que subiu o Mauna Kea na lua passada, fiquei muito espantado. *Eu sou o Zachry desse Vale*, *sim*, arrespondi, *mas num tô tão desgostoso da vida pa chegar nem perto do pico* daquela *montanha não.* Falei que eu fui percurar folha e raiz preciosa com a Ottery, minha tia na outra vida, mas que nós só foi até adonde caba as arve, e que se ele ouviu coisa diferente, antonce ouviu errado. O Lyons falou simpático com eu, mas quando o mano Harrit contou pa eu que viu o Lyons e o Leary Barbudo cochichano num beco fumacento eu arresolvi nunciar ele pa Badessa quando voltava pa casa e preguntar o que ela achava. Eu sempre achei que o tal Leary num merecia confiança não, e duas hora depois eu ia ver, ah, que eu tinha toda a razão.

A Meronym escambou nosso tecido e coberta de lã de cabra e tudo o mais bem de-rápido, e eu peguei uma saca de café bom de Manuka, uns cano de plasto em bom estado, aveia gorda e uns saco de passa que me passou uma moça escura de Kolekole, e mais uns quipamento tamém que num alembro mais. As gente de Kolekole té que num é muito selvage não, mesmo enterrano os defunto deles debaixo das casa onde mora os vivo, causa-que eles magina que ali num vão se sentir muito sozim. Antonce ajudei nossa comunidade a fazer escambo mais um pouco e fiquei andano

dum lado po outro, conversano com uns comerçante de lá, os selvage nem sempre é gente ruim não. Contaram pa eu que as gente de Mackenzy inventou um deus-tubarão e sacrifava carneiro sem pata, jogano eles na baía. Tamém ouvi as histórias de sempre, que os Kona tava ruaçano a leste da área de caça normal deles, o que procopou nós tudo. Vi uma mutinão de gente em volta de alguém, me proximei e era a Meronym, quer dizer, a Ottery, sentada num banco e desenhano as cara das gente! Ela escambava os desenho por mugiganga e pedacim de-comer e as gente tava na maior alegria, veno espantada as cara delas parecer assim do nada no papel, e toda hora chegava mais um pedino: *Agora eu! Agora eu!* As gente preguntava onde que ela prendeu a fazer aquilo, e ela sempre arrespondia: *Num é coisa de prender não, é só praticar.* Os feio ela desenhava mais bonitoso, mas os artista sempre fez assim em toda a história, era o que falava a Ottery, a ervanara desenhadora, causa-que em matéria de cara, uma mentira bonitosa era mais melhor que uma verdade horrorosa.

Anoitou e nós voltou po campamento, e sorteou quem que ia ficar de sentinelo, e aí as gente começou a comemorar nuns lugar especial chamado bar. Eu sentinelei cedo, depois fui mostrar uns lugar pa Meronym, com o Wolt e o tio Bees, e adespois os musgo levou nós de volta pa Igreja. Tinha um tocador de espreme-espreme, outro de banjo, outro de rabeca, té mesmo, coisa rara, um uquelele, e uns barril de-beber que cada tribo trazeu pa mostrar que era rica, e sacos de erva-sonhadeira, causa-que onde tem gente de Hilo, ah, tem que ter erva-sonhadeira. Eu barrufei fundo no cachimbo do Wolt, e quatro dia de caminhada do nosso Barlavento livre até o Sota-vento dos Kona parecia quatro milhões, naquela noite eu drumi embalado por muita barrufada de erva-sonhadeira, antonce os tambor começou, causa-que cada tribo trazeu os tambor dela. O Foday da casa do Lago dos Lótus e dois ou três gente dos Vale batia nos tantã de pele de cabra, e os barbudo de Hilo batia nos tambor fluflu deles, e uma família de Honokaa batia nos choch-creque deles, e as gente de Honomu pegou os gita-concha deles e era aquela festa de tambor fazeno as gente moça se alegrar, e eu tamém, e a erva-sonhadeira fazeno as gente sacudi no meio dos treque-treque e bum-dum e

pã-pim-pom até que nós que tava dançano começou a bater com o pé no chão, e o sangue pulsava dendas veia, e os ano passava, e cada batida de tambor era mais uma vida que desprendia de eu, vi todas as vida que minha alma já viveu até longe-longe, antes mesmo da Queda, olhano dum cavalo a galope num furacão, só que num dava pa descrever não causa-que as palava num existe mais, mas eu alembro sim daquela moça escura de Kolekole com a tatuage da tribo dela, ela era uma arvim pequena e eu era o furacão, eu soprava e ela tortava, eu soprava mais forte e ela tortava mais e chegava mais perto, antonce eu era as asa do Corvo bateno e ela era as chama ardeno e quando a arvim Kolekole passou os dedo fino como folha de salgueiro em volta do meu pescoço, os olhim dela quartzava e ela cochinchou no meu ouvido: *Quero sim, quero mais, nós vai sim, mais*.

Levanta, *menino*, o Pai me mutucou procupado, *num é hora de ficar preguiçano na cama não, que diabo*. A bolha do sonho estourou e cordei debaixo daquelas coberta Kolekole cocenta. A garota escura e eu tava roscado junto, que nem dois largato escorreguento um golino o outro. Ela cheirava a vinha e cinza de lava, e os peito zeitonado dela alevantava e descia, e olhano pa ela senti uma ternura que nem que se ela era meu babito drumino ao lado de eu. A erva-sonhadeira inda tava me nublano, e ouvi no perto-longe uns grito de festa loquecida pesar que já tava manheceno, uma manhã de nebrina, como costuma contecer nos tempo de escambo, que é tempo de colheita. Antonce eu bocejei e preguicei, sentino uma bonzura doída e gostosa, sabe como é adepois que cê gancha uma moça bonitosa. Tinha gente preparano o desjejum perto de eu, e assim vesti a calça e o paletó e tudo mais, e os olho da moça Kolekole abriu de leve e ela murmurou: *Bom dia*, *cabreiro*, e eu sirri e falei: *Vou pegar de-comer*, e ela não creditou em eu, antonce arresolvi provar que ela tava errada e ver ela sorrino quando eu trazia o desjejum. Lá fora do armazém dos Kolekole tinha um caminho de pedra que passava rente à muraia da cidade, mas eu num sabia se era po norte ou po sul, e tava tentano decidir pa que lado eu ia

quando um sentinelo Honokaa caiu do baluarte e por pouco num caiu em cima de eu e me matou.

Minhas entranha subiu metade pa cima e desceu metade pa baixo.

Tinha um fuste de frecha saino do nariz do home, e a ponta da nuca dele. Aquela ponta de ferro mudou a manhã toda, virou, ah, um lugar de horror.

Aquele barulho de festa no perto-longe era barulho de guerra! Aquele cheiro de queimano era colmo pegano fogo! Primeira coisa que eu pensei foi as minha gente, e antonce saí correno pa trás rumo ao armazém das gente do Vale no centro da cidade gritano: *KONA! KONA!* É, as asa escura daquela palava medonha travessou Honokaa, e ouvi um espocão e um grito pavorento e tendi que o portão da cidade tava rombado. Cheguei na praça, mas o pânico e a confusão barrou eu, e o medo, isso mesmo, o medo e o fedor quente do medo me fez dar pa trás. Fui tornano as rua estreita, mas os grito dos Kona cada vez mais perto, e os cavalo, e as chicotada enchia aquelas rua nebrinenta e fumenta como se era um tsumani, e eu num sabia adonde tinha vino nem adonde tava ino, e *catapuf!* fui purrado pa denda sarjeta por uma velha rodano um rolo de massa, grichano: *Cês num vai punhar essas pata imunda em cima de eu*, mas quando alevantei de novo ela tava imove e branca, causa-que uma frecha tava abrino uma frô vermelha no peito dela, e de repente *vapt* um chicote laçou minhas perna e *vapt* eu alevantei e *vapt* caí de cabeça e *aaaai* as pedra do calçamento rachou meu crano, pior que se era uma martelada.

Quando cordei, meu corpo moço era um balde velho cheio de dor, meus joelho tava rebentado, um cotovelo inchado e ralado, minhas costela rachada, dois dente quebrado, os dente de baixo num caixava mais nos de cima, e o caroço na minha cabeça era que nem uma segunda cabeça. Tinha um capuz cobrino minha cara, como uma cabra antes de abater ela, e as mão e os pé tava amarrado com a maior brutalidade, e eu tava largado junto com outros machucado que nem eu, doía que nem nunca senti antes nem

nunca mais senti igual! Tinha roda de carro gemeno e casco de ferro bateno, e cada sacudida a dor rolava denda minha cabeça.

Num tinha mistero nenhum. Nós tava escravado e seno levado pa Kona que nem meu mano Adam antes. Eu nem tava muito feliz por inda tá vivo não, eu era só um saco de dor, e tava sem poder reagir que nem um pombo-banha sangrano pendurado num gancho. Um pé mexeno massou minhas bola, antonce eu cochinchei: *Tem mais alguém cordado aqui?* É que eu maginei que inda dava jeito de me escafeder pa fora daquele buraco, mas uma voz aspa de Kona gritou pertim de eu: *Cala a boca, seus marmanjo, senão juro que com minha faca eu corto a linga de cês tudo, seus merda de dingo!* Um molhado quente caiu no meu braço, que nem que alguém deitado em cima de mim tava mijano, e adespois foi friano com o passar do tempo. Contei cinco Kona falano, três cavalo e uma gaiola de galinha. Nossos escraveiro tava falano sobre as moça que eles tinha rasgado e atirado nelas durante o ataque, daí tendi que eu tava capuzado há meio dia ou mais. Fome eu num tinha não, mas, ah, que sede, que nem cinza quente. Uma das voz de Kona eu conheci mas num entendi como que eu conhecia. Vez em quando um monte de casco de guerra fazia trovão na estada e aí era *Como vai, capitão!* e *Sim, senhor* e *A batalha vai bem!*, e aí tendi que os Kona num tinha só feito um ataque de requecimento de terreno em Honokaa não, mas tava tomano todo o norte da ilha Grande, com os Vale dendo. Meus Nove Vale Dobrado. *Sonmi*, eu rezava, *Sonmi Misericordosa, cuida da minha família e das minha gente.*

Cabou que o sono me derrubou, e sonhei com a moça kolekole, só que os peito e os flanco dela era feito de neve e lava pedrada, e quando cordei naquela carroça de novo vi que tinha um escravo morrido debaixo de eu roubano toda a minha quentura. Gritei: *Ô Kona, tem um morrido aqui, e os cavalo vai gradecer se cês liviar um pouco o peso.* O garoto que tava em cima de eu gritou quando o cocheiro deu uma chicotada nele por conta da sugestão tão boa que eu dei, acho que ele era o mijador. Pelo canto dos pássaro vi que tava caino a tarde, nós tava o dia todo naquela carroça.

Um bom tempo depois nós parou, e alguém me tirou de lá e me espetou. Eu gritei e pernei, e ouvi um Kona dizer: *Esse aqui pelo menos inda tá vivo*, e aí eles me encostou numa pedra grande que nem uma cabana e tirou meu capuz. Eu me sentei a pisquei os olho naquele noitecer triste. Chovia fino. Nós tava na estrada de Waimea, eu sabia qual era o lugar exato, ali perto daquela lagoa torta e aquela pedra do tamanho duma cabana era a mesma que eu e a Meronym encontrou o Velho Yanagi perto dela só uma lua antes.

Fiquei veno os Kona jogar fora três escravo morrido e largar eles pos dingo e pos corvo, e tendi como que tinha uma voz conhecida entre eles, causa-que um dos nossos escraveiro era Lyons, o contador de história mano do Leary. Contador de história e espião, que o Velho Georgie fica com os osso dele. Num tinha mais ninguém dos Vale além de eu no meio dos vivo, era mais gente de Honomu e Hawi, eu maginava. Rezei pa que um dos morrido jogado fora não era meu primo Kobbery. Era tudo rapaz moço, antonce eles matou todos os mais velho lá em Honokaa, eu maginei, a Meronym tamém, causa-que eu sabia que ela num ia resistir a um ataque furioso daquele. Um dos Kona derramou água de poça nas cara de nós, e nós abriu as boca pa num perder nem uma gota suja, mas num deu pa diminuir a secura não. O chefe mandou o cavalariço montar campamento e depois falou com as vítima pavorenta. Falou o bugre pintado: *A partir da manhã de hoje, suas vida, seus corpo, é tudo propiedade dos Kona, e quem aceitar logo isso vai ter mais chance de continuar vivo como escravo dos verdadoso herdeiro da ilha Grande e um dia de todo o Ava-Ih.* O chefe falou que nossas vida agora tinha umas regra nova, mas que as regra era face de prender. *Primeira regra: escravo faz logo os mando do sr. Kona, de-rápido e sem preguntar por quê. Quem desbedece essa regra leva porrada, pouca ou muita, dependeno da vontade do senhor, pa prender a bedecer melhor. Segunda regra: escravo só fala quando o senhor manda falar. Quem desbedece esse regra, o senhor corta fora a linga dele, e eu tamém corto. Terceira regra: num perde tempo pranejano fugir não. Na lua que vem cês vai tudo ser vendido, e o senhor vai marcar cês a ferro na cara. Cês nunca vão passar por Kona puro-sangue causa-que cês não é, causa-*

que todas *as gente de Barlavento é malnascido de merda. Quem desbedece essa regra, eu juro que quando o senhor de cês pegar cês, ele vai cortar fora as mão e os pé, cortar fora o pau e enfiar ele na boca de cês, e largar cês beira-estrada pas mosca e pos rato fazer festa. Parece que morre depressa mas não, eu já fazi isso muitas vez e é uma morte muito devagar.* O chefe falou que vez em quando todo bom senhor mata um escravo ruim ou preguicento pos outro alembrar o que contece com quem num trabalha. Adespois ele preguntou se alguém queria fazer reclamação.

Num-ninguém num quis não. Nós, home de paz do Barlavento, tava tudo rebentado no corpo pelas ferida e a sede e a fome, e no esprito pelas matança que nós viu e pelo futuro escravado que nós maginava. Sem família, sem liberdade, só trabalhar e sofrer e trabalhar e sofrer té a hora de morrer, e pa adonde que nossas alma ia renascer adespois? Eu me preguntava se ia voltar a ver o Adam ou se ele já tava morrido ou sei lá o quê. Um garotim de Haw começou a chorar, mas ele só tinha nove ou dez ano e por isso num-niguém num mandou ele calar a boca não, cabou que ele chorou por nós tudo. O Jonas ia ser escravado na certa, e a Sussy e a Catkin tamém, mas era ruim pensar nelas, causa-que elas era moça bonitosa. A Mãe era velha, mas… Pa que que os Kona ia querer ela? Eu nem queria pensar na mulher com o rolo na mão em Honokaa que me jogou denda vala, mas pensava nela assim mesmo. O Lyons chegou perto do garotim, gritou *Bu!* pa ele chorar inda mais, e riu, e rancou minhas bota Prescienta. Calçou elas e ficou dimirano. *O Zachry Cabreiro nunca mais que vai subir o Mauna Kea*, falou aquele judaseiro, *antonce ele num vai mais precisar delas não.*

Num falei nada não, mas o Lyons num gostou do *jeito* que eu num falei nada, e aí chutou minha cabeça e minha virilha com minhas bota. Num sei não, mas acho que ele era o segundo no mando depois do chefe, causa-que num-ninguém num quis tirar dele minhas bota não.

A noite foi chegano e os Kona assaro galinha no fogo, e nós tudo era capaz de escambar a alma só pa sentir uma gota daquela banha de galinha na linga. Nós estava sentino frio agora, e os Kona num queria nós muito

cangalhado antes de chegar no mercado de escravo, mas tamém queria nós fraquim, causa-que nós era dez e eles era só cinco. Eles abriu um barril de guardente e começou a beber, e bebia mais e comia mais pedaço daquelas galinha que cheirava tão bom, e bebia mais. Eles falou baixim e olhou pa nós, antonce um Kona vei pa nós com um pau pegano fogo. Ele segurava o fogo perto de um de nós e os outro da tribo gritava *Sim!* ou *Não!* Cabou que ele desamarrou as corda do garotim de Hawi e judou ele a ir cambaleano té a fogueira. Lá aquentaram ele e deram um pouco de galinha e guardente. Nós que tinha sido esquecio sofria de fome e dor e das butuca que vinha do lago nos picar, morreno de inveja do garotim de Haw, té que o Lyons fez sinal e eles baixou as calça do garotim, e garrou ele e rebentou as prega dele, lubrificano o buraco dele com a gordura do frango quando chegava a vez de cada um.

O Lyons estava proveitano o coitado do garoto quando ouvi um barulho assim *psssss* e o Lyons caiu pa frente. Os outros quatro sirriu gostoso achano que o Lyons tava bebo, mas aí foi *psss-psss* e duas mancha vermelha pareceu entre os olho de outro Kona e ele caiu morrido tamém. Um Kona de capacete e capa entrou na clareira com uma espece de osso na mão que ele pontou pos últimos três escraveiro. Mais um *pssss* e o moço Kona caiu. Aí o chefe garrou o pau de espeto dele e jogou em cima do home do capacete, que pulou po chão e rolou po outro lado da clareira, e o espeto rasgou a capa dele mas num certou no corpo dele não. Um *psssSSSsss* abriu uma racha no meio do torso do chefe e ele caiu partido ao meio. Meu susto já tava virano esperança quando *pleque!* O chicote do último Kona roscou naquele osso matador e *pleque!* Aquela matadeira escapuliu da mão do salvador e foi parar na mão do nosso escraveiro que nem mágica. Antonce o último Kona pontou a arma po nosso salvador e chegou bem pertim pa não errar e vi a mão dele pertar no gatilho e *PSSSS*! A cabeça do último Kona sumiu, e o pé de fruta-pão que tinha trás dele fez *uuux!* e virou uma fogueira estalano e fumano na chuva.

O corpo dele ficou parado sozim, que nem um babito prendeno a andar, antonce… *pffop*! É que ele cofundiu a boca da matadeira com a bunda dela,

e cabou rancano fora a cabeça dele mesmo. Nosso salvador misterioso então levantou, esfregano os cotovelo ralado, rancou fora o capacete e ficou olhano pos cinco morrido.

Num tenho mais idade pa isso não, falou a Meronym, fazeno careta.

* * *

Nós desamarrou os outro escravo e deixou pa eles o de-comer dos Kona, causa-que a Meronym tinha bastante pa nós dois nos alforje do cavalo dela, e aqueles pobre-coitado ia psisar de ajuda. A única coisa que nós pegou dos cinco morrido foi as minha bota que o Lyons calçou. *Na guerra*, a Meronym me sinou, *primeiro cê se peocupa com as bota, e só adespois é que pensa no de-comer e tudo o mais*. Minha salvadora me contou toda a história dela bem adespois, numa ruína dos Antigo no meio do mato, onde num tinha estrada nem nada, nos monte Kohala de Sota-vento que nós achou e fez uma fogueira lá.

A história dela num é muito comprida não. A Meronym num tava no armazém das gente dos Vale quando os Kona tacou Honooka, mas tava trepada na muraia da cidade, desenhano o mar, quando uma frecha de fogo rancou o caderno das mão dela. A Meronym voltou po armazém das gente dos Vale antes de fechar o portão da cidade, mas o tio Bees gritou pa ela que eu tava sumido e antonce ela veio me percurar e foi a última vez que ela viu minha família. O cavalo e o capacete ela panhou dum chefe Kona que saiu dum beco tacano ela e que depois não tacou mais. Vestida de Kona e no meio daquela narquia, a Meronym conseguiu sair da cidade pesar dos tiroteio e dos incêndio. Num teve batalha não, foi mais um massacre, causa-que o exerço do Senador entregou na mesma hora. A Meronym primeiro seguiu po norte, rumo aos Vale, mas tinha Kona se reunino em Kuikuihaele pa tomar de assalto os Vale, por isso ela foi po interior, seguino pela estrada de Waimea, mas tinha muito sentinelo na estrada e se alguém parava ela a Meronym num ia conseguir passar por Kona não. Antonce ela seguiu po sul, maginano chegar em Hilo e ver se lá inda tava livre. Mas Sonmi

segurou ela lá o bastante pa ver uma carroça passano, e pa fora daquela carroça tinha dois pés com bota Prescienta, e só tinha um home do Barlavento que ela sabia que usava bota Prescienta. A Meronym nem tentou me salvar à luz do dia, e teve uma hora que ela perdeu da carroça causa-que teve que cortonar um pelotão de cavalaria, e se num fosse os Kona berrano e sirrino do garotim de Hawi ela era capaz de passar por nós no escuro sem ver. Ah, como ela riscou pa me salvar! *Por que que cê num escondeu e salvou a pele?*, eu preguntei.

Ela fez uma cara de *pregunta burra*.

É, mas o que é que nós ia fazer agora? Minha cabeça tava cheia de confusão e medo. *Os Vale tá invadido e pegano fogo, é quase certo… e se Hilo inda num caiu não, vai cair logo…*

Minha amiga só fazia cuidar das minha ferida e dor com os curativo e essas coisa, e aí costou nos meus lábio um copo e uma pedra de remédio. *Isso vai judar a consertar seu corpo rebentado, Zachry. Para de falar e dorme*.

Um home murmurano me cordou num abrigo dos Antigo cheio de goteira, com folha entrano nas janela quebrada. Eu tava com o corpo todo doído, mas doía menos que antes. Era uma manhã fresca com cheiro de Sota-vento, mas eu alembrei dos novos tempo horrive que tinha caído no Barlavento, e na minha cabeça, ai, eu chorava por ter que cordar. Do outro lado do abrigo tava a Meronym falano na tal rogativa dela pa aquele Presciente zangado que me pegou remexeno os quipamento dela da outra vez. Fiquei um tempo olhano pa aquela coisa maravilhado, causa-que as cor é mais viva e mais forte nas janela da rogativa. O home me viu alevantar e me fez sinal com a cabeça. A Meronym virou tamém e preguntou como que eu tava.

Mais melhor que ontem, falei, e fui ver de perto aquela Ciença. Minhas junta e meus osso doeu. A Meronym falou que eu já conhecia aquele Presciente que o nome dele era Duophysite, e eu falei que num esqueci não,

causa-que ele me assustou muito. O Presciente na janela tava ouvino nós, e o rosto duro dele amoleceu um pouco. *Lamento nós se encontrar num tempo tão ruim, Zachry*, o Duophysite falou, *mas vou pedir cê pa guiar a Meronym pela última vez, té o Dedo do Ikat. Sabe adonde que é?*

Eu sabia sim, norte do Último Vale, adespois da ponte de Pololu, um ponta de terra comprida que pontava po nordeste. A Nau ia ancorar no dedo do Ikat pa pegar a Meronym?

Os dois Presciente trocou um olhar e o Duophysite arrespondeu adespois: *Nós tamém tem notícia ruim pa dar, infelizmente. As rogativa da Prescіença e da Nau não arresponde nenhuma transmissão há muitos dia.*

O que é transmissão?, preguntei.

Uma mensage, a Meronym arrespondeu, *uma janela, uma sembleia de rogativa que nem essa minha com o Duophysite agora*.

Preguntei: *As rogativa tão rebentada?*

Pode ser coisa bem mais pior, falou o home na janela, *causa-que umas lua atrás tinha uma peste chegano perto da ilha de Prescіença, vino do oeste, de Ancrage, uma doença terrive que a nossa Ciença num cura não. Nós Presciente que está no Ava-Ih agora tem que agir sozinho causa-que a Nau num deve mais vir não*.

Mas e o Anafi, seu filho? A cara da Meronym me deu gana de morder minha linga em vez de preguntar.

Vou ter que viver sem saber, falou minha amiga, tão triste que eu quase chorei. *Num sou a primeira nem vou ser a última a viver assim não.*

Pois esse fuxico rebentou uma esperança que eu nem sabia que tinha dende eu. Preguntei ao Duophysite quantos Presciente tinha em todo o Ava-Ih.

Cinco, o home arrespondeu.

Cinco mil?, preguntei.

O Duophysite viu meu desano e tendeu. *Não, só cinco mesmo. Um em cada ilha principal do arquipelo. A verdade é simple e já é tempo de cê ficar sabeno tamém. Nós procupava que essa peste chegava na ilha de Prescіença e apagava a última luz forte da Civilação. Nós tava procurano*

uma terra boa pa plantar mais Civilação no Ava-Ih, e nós não queria assustar cês que é das ilha chegano um monte de frasteiro.

Como cê vê, falou a Meronym, *suas procupação com as minha intenção verdadosa num tava de todo errada não.*

Eu já num ligava mais pa isso. Eu falei que, se os Presciente era que nem a Meronym, antonce cinco mil deles ia ser bem recebido nos Vale.

A cara do Duophysite sombrou, pensano como era pouco os Presciente que inda devia tá vivo. *O patrão da minha tribo aqui em Maui onde eu tô falano com cês é um líder amigo que nem sua Badessa. Ele mandou dois caiaque de guerra travessar os estreito de Maui que vai tá no dedo do Ikat adespois de amanhã ao meio-dia*.

Jurei que ia deixar a Meronym sã e salva lá.

Antonce eu posso gradecer cê pela ajuda em pessoa. O Duophysite crescentou que tinha lugar nos caiaque se eu queria fugir da ilha Grande com ela.

Isso me fez arresolver. *Brigado,* falei com o Presciente, *mas eu tenho que ficar e achar minha família*.

Nós passou mais uma noite escondido naquela ruína pos meus musco cuperar e meus machucado sarar. Era triste-triste num poder voltar correno pos Vale pa lutar ou fazer requecimento de terreno, mas a Meronym viu os cavaleiro e os besteiro Kona correno pos Vale via Kuikuihaele, e me garantiu que num teve nenhuma batalha arrastada pa conquistar os Nove Vale não, a coisa toda cabou em horas e não dias.

Um dia muito melancolo e medrento. A Meronym me sinou a usar aquele osso atirador. Nós praticou em bacaxi, depois nuns ouriço de castanha dos grande, depois em bolota, té que eu peguei pontaria. Fiquei sentinelano enquanto a Meronym drumia, depois ela sentinelou e eu drumi mais um tanto. Daí a pouco nossa fogueira tava sujano a nebrina do lusco-fusco de novo e nós comeu ração de Kona e carneiro salgado com alga marinha e uns baracujá que dava naquela ruína. Enchi de aveia o saco de comer do

cavalo e carinhei ele e dei pa ele o nome de Wolt, causa-que era feio que nem meu primo, e adespois tristei, pensano quem da minha família que inda tava vivo. A verdade verdadosa é que num saber o pior é mais pior que saber.

Um pensamento borboletou na minha cabeça, e eu preguntei pa Meronym como é que uma mulher da Nau montava cavalo bem que nem um Kona. Ela dimitiu que os Presciente quase nenhum sabe montar, só que ela viveu uns tempo com uma tribo que o nome era Swannekke, que vivia muito além de Ancrage e muito além de Fã Cuver. Os Swannekke criava cavalo que nem as gente dos Vale criava cabra, e os molequim deles prendia a montar antes de prender a andar, e ela prendeu no tempo que vivia com eles. A Meronym me sinou muita coisa sobre as tribo que ela tinha vivido com elas, mas num dá tempo de eu contar essas história agora, tá ficano tarde. Nós falou sobre a ida po Dedo do Ikat no dia seguinte, tinha um caminho que era seguir pela estrada de serra dos monte Kohala cortonano os Nove Vale, mas tinha outro que era seguir o rio Waipio até o forte do Abel primeiro e espionar alguma coisa. Nós num sabia se os Kona rebentou e queimou e vaziou os Vale que nem eles fez com os Mookini ou se eles queriam conquistar e ocupar nossas casa e escravar nós bem nas nossa terra. Eu tinha jurado levar a Meronym po Dedo do Ikat sã e salva, e fazer requecimento dos cavaleiro Kona era coisa perigosa, mas a Meronym deu mando que nós ia espionar os Vale primeiro, e antonce o caminho de amanhã tava decidido.

* * *

Manheceu um dia nebrinoso, uma nebrina grossa e lamacenta. Num foi face não, travessar a cavalo os monte Kohala e os capão té chegar à nascente do Waipio, sem saber se tinha um pelotão de Kona esperano nós do outro lado da barreira de cana que nós tava quebrano fazeno barulho. A parte mais maior do tempo nós ia a pé puxano o cavalo, mas nós chegou na nascente finalmente ao meio-dia, marrou o cavalo numa ravina e seguiu

uma milha a pé, em silenço, té o Abel, pela crista da serra coberta de abeto. A nebrina virava cada toco de arve num sentinelo Kona agachado, mas mesmo assim eu gradeci Sonmi pela camufrage. Do alto do espenhadeiro nós olhou po forte lá embaixo. Uma cena macraba. Só os portão do Abel tava fechado, mas os muro e os prédio tava tudo queimado e rebentado. Tinha um home nu pendurado no lintel do portão, marrado pelos tornozelo da maneira dos Kona, talvez era Abel e talvez não era, mas os corvo já tava fuçano as estranha dele, e uns dois dingo descarado tava comeno os pedaço que caía no chão.

Enquanto nós tava olhano, tinha umas trinta-quarenta gente do Vale seno espachada pa Kuikuihaele. Nunca num vou esquecer essa cena té eu morrer, nem depois de morrido. Uns tava puxano carroça cheia de butim e quipamento. Os Kona gritava os mando dele e os chicote estalava. A nebrina tava grossa demais pa ver as cara dos meus companheiro de tribo, mas ai, era triste-triste ver aquelas figura se rastano rumo ao vau do Sloosha. Tudo fantasma. Fantasma de gente viva. *Olha só o destino da última tribo civilada da ilha Grande*, eu pensei, *isso no que deu toda a nossa escolaria e Iconaria, tudo escravo dos Kona, trabalhano nos campo e nas casa e nas trebaria e nas cama e nos buraco do Sota-vento.*

E eu, fazer o quê? Tacar eles? Tinha uns vinte cavaleiro Koma levano os escravo po Sota-vento. Mesmo com a matadeira da Meronym, eu só ia matar uns cinco dos vinte sentinelo, talvez mais se eu tinha sorte, mas e adespois? Os Kona ia matar todas gente do Vale assim que começava o ataque. Num era o Zachry Covarde brigano com o Zachry Corajoso não, era o Zachry Suicidado brigano com o Zachry Sobrevivoso, e num tenho vergonha não de contar qual dos dois Zachry ganhou a briga. Fazi sinal pa Meronym pa nós voltar po cavalo, mesmo com os olho cheio de lagma.

* * *

Baixim, me dá um inhame assado. Só de lembrar aquele despero dá um vazio dende eu.

Subino de novo a trilha rumo aos pasto dos monte Kohala, a nebrina lá embaixo deslizava e subia o Mauna Kea po sul vino daquele mar de nuve, tão perto que parecia que dava pa cuspir nele, e foi o que eu fazi, escarrei com força. Talvez que minha alma tá empedrada e minha sorte tá podrida, mas rogar praga eu inda posso. De cada um dos Nove Vale dobrado subia uma cobra de fumo preto, e tudo que é come-carniça, com asa ou pata, da ilha Grande tava se fartano nos nosso vale, eu maginava. Lá nos pasto nós achou umas cabra espalhada, umas minhas, outras do Kaima, mas pastor num tinha nenhum. Ordenhei umas cabra, e nós bebeu o último leite de um home livre dos Vale. Nós desceu pelo passo da Vértibra rumo à pedra do Polegar onde a Meronym desenhou aquele mapa cinco lua antes, naquela grama que a Roses tinha deitado nela embaixo de eu seis lua antes. O sol foi vaporano a nebrina e o orvalho, e través dum arco-íris fino vi que a escolaria tava destruída tamém, uma casca vazia preta de fulige, tinha acabado os último livro e o último relojo. Adespois nós desceu té o ribeiro Elepaio, adonde eu desmontei e a Meronym botou o capacete e meio que amarrou minhas mão bem frouxo que aí se alguém via nós ia maginar que ela tinha escravado um fugido e com isso nós ganhava tempo. Nós desceu desse jeito, andano, até a casa Cluny, a que ficava mais no alto do vale. A Meronym desmontou e garrou a matadeira dela com força e nós seguiu sem fazer barulho que nem dois ratim travessano o prédio, mas meu coração tava fazeno o maior barulho. Ali tinha sinal de destruição, um monte de coisa rebentada, mas cadave num tinha nenhum não. Nós pegou uns de-comer pa viagem, causa-que eu sabia que o Cluny num ia se incomodar não. Saino pelo portão da frente eu vi um coco espetado no alto duma estaca suja com uma nuve de mosca em volta, uma coisa muito esquisita, aí nós foi chegano perto pa ver mais melhor e num era coco não, era a cabeça do Macca Cluny, com o cachimbo inda enfiado na boca.

Esses Kona pintado são assim mesmo, um bando de selvage barbo, meus mano. Confiar num Kona é morte mais que certa, pode crer. Ver a cabeça do Macca me deixou furioso e pavorado enquanto que nós continuava desceno até a casa Bailey.

* * *

Tinha um balde cheim de leite de cabra já coalhano na leiteria, e eu num conseguia parar de pensar na Sussy rancada daquele banquinho de ordenhar e no que eles fez com a pobre da minha mana querida. A lama do chão tava cheia de marca de casco. As cabra tava tudo fugida, as galinha tava tudo roubada. Por isso era silenço. Num tinha o tear estalano, nem a Catkin cantano, nem o Jonas num fazeno nada. O ribeiro, um passarim cantano nos beiral. Num tinha nenhum horror à vista no poste dos portão, e eu dei graças a Sonmi por isso. Lá dendo tinha ovo e damasco espalhado no chão, e a mesa tava derrubada. Em cada quarto eu entrava com medo de achar alguma coisa medrenta, mas graças a Sonmi parecia que minha família inda num tinha morrido…

O sentimento de culpa e a dor me maltratava.

Culpa causa-que eu sempre escapava com vida pesar da minha alma sujenta e pedrada. Dor causa-que as ruína da minha vida rebentada tava espalhada por todos os canto. O brinquedo do Jonas que o Pai fazeu tantos ano atrás. Os pano que a Mãe teceu pindurado nos vão das porta, balançano nas última brisa suave do verão. Cheiro de peixe queimado e erva-sonhadeira no ar. Na mesa inda tinha uns papel com os trabalho de escolaria que a Catkin tava fazeno. Eu num sabia o que pensar nem o que dizer. *O que que eu faço?*, preguntei pa minha amiga e pa eu mesmo. *O que que eu faço?*

A Meronym sentou numa caixa de madeira que o Jonas fazeu, que a Mãe falou que era a primeira oba de mestre dele. *A escolha que cê tem que fazer é dura, Zachry*, ela respondeu. *Ficar nos Vale té ser escravado. Fugir pa Hilo e ficar lá té os Kona chegar, e ser morrido ou antonce escravado. Viver no mato que nem um bandido eremita té eles pegar cê. Travessar o estreito e fugir pa Maui com eu, e quase certo num voltar pa ilha Grande nunca mais.* É, eram essas minhas escolha, mas eu num conseguia decidir

não, só sabia que num queria ir embora da ilha Grande sem vingar o que conteceu aqui.

Aqui num é um lugar bom pa ficar sentado pensano não, Zachry, a Meronym falou, tão carinhenta que foi aí que finalmente as minhas lagma começou a brotar.

Montano no cavalo pa voltar a subir o vale, alembrei os ícone da minha família no nosso santuário. Se eu deixava eles lá pa virar lenha, num ia ter nada pa provar que zistiu a casa Bailey um dia. Antonce voltei correno pa pegar eles. Entrano no corredor, ouvi prato caino da parteleira da copa. Congelei.

Vagarim virei pa trás e olhei.

Tinha uma ratazana gorda me dano o mau-olhado e mexeno os bigode das fuça. Aposto que cê agora tá rependido de num ter cortado a corda do meu cercado, né, Zachry? Esse sofrimento tudo cê podia ter desvitado.

Num dei ouvido paquele mentiroso não. Os Kona ia atacar de qualquer jeito, de modo que num tinha nada a ver com eu desafiar aquele Demonho Disgramado. Peguei uma panela pa jogar no Velho Georgie, mas foi só eu fazer pontaria que a ratazana gorda sumiu, e do quarto vazio à minha esquerda veio uma brisa suspirano da cama que eu não tinha vido antes. Eu devia mais era escafundir depressa, eu sei, mas em vez disso foi nas ponta dos pé e vi um sentinelo Kona deitado num ninho macio de coberta mergulhado num sono de erva-sonhadeira do vale Mormo. É que ele tava tão certo que as gente dos Vale tava tudo capiturado e escravado que tinha fumado té num poder mais, mesmo tano em serviço.

Entonce ali tava o terrive inimigo. Dezenove-vinte ano ele tinha, mais ou menos. Pulsava uma veia no pomo de adão dele, que era o único trecho em branco entre duas tatuage de largato. Cê me achou sim, por isso me corta, cochinchava aquela garganta. Me corta.

Meu segundo pressajo, cês alembra, eu tamém alembrei. O inimigo tá drumino, num corta a garganta dele não. Era aquele istante que o pressajo

previu, num tem duva. Dei mando po braço e pa mão fazer a coisa, mas eles tava travado, num sei como. Eu já tinha me metido em muita briga, que nem todo mundo, né? Mas nunca tinha matado num-ninguém não. É que o assassinato era poribido pela lei dos Vale, a gente que roubava a vida de outra num-ninguém nunca mais não fazia escambo com ela nem visitava ela nem fazia nada com ela causa-que a alma dela tava veneneda e doentava as alma das outra. E assim eu fiquei parado, ao lado da cama que era minha, a faca pertim daquela garganta macia e branca.

O passarim tava trilano de-rápido e alto. Canto de passarim parece faca seno afiada, eu percebi pela primeira vez naquele istante. E tendi por que é que eu não devia de matar aquele Kona. Os Vale não ia voltar pas gente dos Vale. Minha alma danada ia ficar pedrada. Se eu renascia como Kona nesta vida, ele podia ser eu e antonce eu ia matar eu mesmo. Se o Adam, por exempo, tava adotado pelos Kona, eu ia matar meu mano. O Velho Georgie queria que eu matava ele. Precisava mais que isso pa eu deixar o home deitado ali e ir embora em silenço?

Não, eu arrespondi po meu inimigo, e passei a faca pela garganta dele. Um esguicho mágico de vermelho vivo subiu e espumou nas coberta e fez uma poça no chão de pedra. Limpei a faca na camisa do morrido. Eu sabia que ia pagar por aquilo mais cedo ou mais tarde, mas que nem eu falei antes, nesse mundo rebentado num dá pa fazer a coisa certa sempre.

Na saída esbarrei na Meronym, que tava entrano apressada. Os Kona!, ela sussurrou. Num dava tempo pa explicar o que eu tinha fazido e o porquê. Afobado, eu meti os ícone da minha família nos alforje e ela me puxou pa cima do cavalo. Vinha subino da casa da tia Bee três-quatro cavalo fazeno ploque-ploque. Ah, nós saiu correno da casa Bailey pela última vez que nem que o Velho Georgie tava dano dentada nos nosso traseiro. Ouvi umas voz de home atrás e vi até as armadura dele brilhano no meio da folhage das figueira, mas graças a Sonmi Misericordosa eles não viu nós sumino. Um istante depois nós ouviu um apito agudo ecoano no

Vale, três toque, e eu sabia que os Kona tinha achado aquele sentinelo que eu matei e tava dano o alarme, As gente do Vale não tá tudo escravado ou morrido. Eu sabia que ia pagar por num seguir o segundo pressajo antes mesmo que eu pensava, eu e a Meronym tamém.

Mas nossa sorte por enquanto guentou. Outras concha respondeu a primeira sim, mas era vale abaixo e nós voltou pelo passo da Vértibra e num foi emboscado não. Foi por um triz sim, mais um istante lá na minha casa e os cavaleiro Kona ia ver nós e perseguir nós. Evitamo o descampado dos monte Kohala e dos pasto de lá, nós seguiu pela floresta pa camufrar, e só antonce foi que eu contei pa Meronym o que eu fazi com aquele sentinelo drumido. Num sei por que não, mas segredo é que nem dente, podrece se num arranca ele fora logo. Ela ouviu o que eu falei e num me jugou não.

Eu sabia duma caverna escondida perto da cachoeira do Mauka, e foi pa lá que levei a Meronym po que devia ser a última noite dela na ilha Grande se tudo corria que nem o pranejado. Eu tinha esperança que o Wolt ou o Kobbery ou algum outro cabreiro escapou e tava escondido lá, mas não, a caverna tava vazia, só tinha umas coberta que nós deixava lá pa dormir. O vento aliso tava começano a grandar, e eu tava procupado com os home que ia partir de caiaque de Maui no manhecer, mas num tava muito frio não e aí eu num fazi fogueira tão perto do inimigo pa num correr nenhum risco. Lavei minhas ferida no laguinho e a Meronym tomou banho e nós comeu os de-comer que nós trazeu da casa Cluny e o pão de figo que eu peguei na minha casa quando fui buscar os ícone.

Enquanto nós comia eu num parava de pensar e contar das coisa da minha família e do Pai e do Adam tamém, era que nem que se eles vivia nas palava eles num morria nos corpo. Eu sabia que ia sentir muita falta da Meronym quando ela ia embora, causa-que eu num tinha mais nenhum mano na ilha Grande que não tava escravado. A Dama Lua subiu no céu e ficou olhano meus lindo Vale, tão rebentado, com aqueles olho prateado e

pranteado dela, e os dingo chorava os morrido. Eu queria saber adonde que as alma das gente da minha tribo ia renascer agora que as mulher dos Vale não ia mais parir babito aqui. Eu queria que a Badessa tava ali pa me explicar, causa-que eu num sabia e a Meronym tamém não. Nós Presciente, ela respondeu adespois de um istante, credita que quem morre, morre mesmo e num volta mais não.

Mas e a alma?, eu perguntei.

Os Presciente num acredita que tem alma não.

Mas a morte num é uma coisa pavorante se num tem nada adespois?

É. Ela meio que sirriu, mas sem sorrir. A nossa verdade é pavorante mesmo.

Foi a única vez que eu tive pena dela. As alma travessa os céu do tempo, dizia a Badessa, que nem nuve travessano os céu do mundo. Sonmi é o leste e o oeste, Sonmi é o mapa e as beira do mapa e o além das beira. As estrela pareceu, e fiquei de sentinelo primeiro, mas eu sabia que a Meronym não tava dormida, que tava era pensano e revirano debaixo das coberta té que desistiu e veio ficar do meu lado veno a cascata luarada. As pregunta me butucava que era uma desgraça. Os fogo das gente dos Vale e dos Presciente vai se apagar essa noite, falei, e isso num prova que os selvage são mais forte que os Civilado?

Não é que os selvage é mais forte que os Civilado, a Meronym arrespondeu, é que os número grande é mais forte que os número pequeno. A Ciença deu pa nós uma vantage por muitos ano, que nem minha matadeira me deu uma vantage lá no Lago Inclinado, mas um número grande de mão e cabeça vai zerar essa vantage um dia.

Antonce é melhor ser selvage que ser Civilado?

Qual o sentido direto dessas duas palava?

Selvage num tem lei não, arrespondi, mas Civilado tem.

Tem uma coisa ainda mais profunda. O selvage satisfaz as nessidade dele agora. Tá com fome, come. Tá zangado, dá porrada. Tá tesado, gancha uma mulher. O senhor dele é a vontade, e se a vontade dá mando “Mata” ele mata. Que nem um bicho feroz.

É, os Kona era assim mesmo.

Já o Civilado tem as mesmas nessidade tamém, só que ele xerga mais longe. Ele come metade da comida agora, mas pranta a outra metade pa num passar fome amanhã. Ele tá zangado, aí para e pensa por que é que tá, pa num ficar zangado da próxima vez. Ele tá tesado, mas ele tem mana e filha que tem que ser arrespeitada, e antonce ele arrespeita as mana e filha dos mano dele. A vontade dele é escrava dele, e se a vontade poribe dizeno "Não!", ele num faz não.

Antonce, preguntei de novo, é melhor ser selvage que Civilado?

Escuta só, selvage e Civilado num é dividido por tribo nem por crença nem por serra não, toda gente é as duas coisa. Os Antigo tinha a Ciença dos deus mas a selvagice dos chacal, e foi por isso que teve a Queda. Eu conheci uns selvage que tinha um belo coração de Civilado bateno por baixo das costela. Quem sabe até uns Kona? Num tem bastante pa dar mando na tribo toda, mas quem sabe um dia? Um dia.

"Um dia" era só uma pulguim de esperança pa nós.

É, alembro que a Meronym falou, mas num é face acabar com as pulga não.

A Dama Lua luminou um sinal de nascença esquisito logo abaixo da omoplata da minha amiga quando finalmente ela drumiu. Uma espece de mãozim, uma cabeça com seis risquim saino dela, uma mancha clara contra o fundo escuro da pele, e eu maginei como que nunca num tinha visto aquilo antes não. Cobri a Meronym com a coberta pa ela num resfriar.

O ribeiro Mauka descia feito uma cobra na escuridão do vale do Mauka, ele bastecia só cinco-seis casa no vale todo causa-que num era um lugar agradave e quente não. Nenhuma casa do Mauka num criava cabra não, por isso o caminho tava entupido de trepadeira e arbusto espinhoso que rancava fora o olho se a gente não se cuidava, e era difice po cavalo travessar. Eu fiquei todo lanhado adespois de um quarto de milha, mesmo potegido trás da Meronym. A última casa no alto do vale, que foi a primeira que nós

chegou, era a casa Saint-Sonmi, que o chefe dela era um caolho chamado Silvestri, que plantava nhame e aveia. Fuxico falava que o Silvestri gostava das filha mais que devia e que ele num pagava a parte dele pa comunidade. Tinha roupa lavada espalhada pelo quintal e as filha tudo eles tinha levado embora, mas o Silvestri ficou ali mesmo, a cabeça dele espetada num poste olhano pa nós quando nós foi chegano. Já tava ali há um bom tempo, causa-que tava cheio de verme e uma ratazana gorda tinha subido o poste e comido um olho dele. É, o demonho bigodudo mexeu o focinho pa eu. E aí, Zachry, cê num acha que o Silvestri tá mais bonito agora do que era? Mas eu num dei trela pa ele não. Um cocoricó explodiu na chaminé que eu quase caí do cavalo, pensano que era um grito de boscada.

Agora nós tinha duas escolha, ou bem largar o cavalo e subir feito aranha a escarpa até chegar no vale do Pololu, ou bem seguir a estrada do Mauka té a costa e correr o risco de esbarrar nalgum Kona que tava lá cabano de limpar o terreno adespois do ataque. Como o tempo era pouco nós arresolveu ficar no cavalo, que assim dava pa chegar no Dedo do Ikat ao meio-dia, que do Silvestri té lá inda tinha dez milha. Num passamo pela casa Blue Cole nem pela Última Truta, nós não tava mais fazeno requecimento de terreno não. Uma chuva pegou nós desceno os monte Kohala rumo ao vale, mas nós chegou na costa sem nenhuma boscada, se bem que nós viu pegada recente dos Kona debaixo das palmeira de folha de faca. O mar naquele dia num era nenhum lago não, mas também num tava tão batido que um caiaque bem remado num podia travessar. A meia distança uma concha Kona soou, e aquilo me deu uma vibração ruim. Ouvi meu nome no barulho dela. O ar tava tenso que nem um tambor, e eu tinha guinorado meu segundo pressajo, e sabia que ia pagar por aquela vida que num psisava não de eu matar.

No trecho daquela praia pedrada que dava nos penhasco da Medusa nós teve que adentrar no mato, travessano os bananal até a estrada de Pololu, que saía do vale mais po norte e dava na Terra de Num-Ninguém e finalmente no Dedo do Ikat. A estrada estreitava entre duas pedrona preta, e nós ouviu um subio que era mais de gente que de pássaro. A Meronym

botou a mão dentro da capa, mas antes dela tirar a matadeira dois sentinelo Kona pulou de trás de cada uma das duas pedra. Era quatro besta pontada pa cabeça de nós bem de pertim. Por entre as arve vi todo um pelotão Kona, os desgraçado! Tinha uns dez cavaleiro ou mais em volta dum campamento, e eu sabia que nós tava morrido, logo ali pertim do fim de tudo.

A senha, cavaleiro?, gritou um dos sentinelo.

Que é isso, sordado, e por quê? Mais um pontou a besta dele pa eu. Antonce a bunda dum moleque dos Vale sujano um cavalo Kona? Quem é seu general, cavaleiro?

Eu tava morreno de medo, e eu sabia que dava pa ver.

A Meronym fez um rugido irritado e olhou pos quatro sem tirar o capacete, e aí soltou um grito tão forte que assustou os passarim, fazeno tanto barulho que num dava pa perceber o sotaque dela. COMO QUE UNS SORDADO DE MERDA TEM A OUSADIA DE SE DIRIGIR A UM GENERAL DESSE JEITO? A BUNDA DO MEU ESCRAVO PODE SUJAR O QUE EU QUERO QUANDO EU QUERER! QUEM É MEU GENERAL, É? MEU GENERAL É EU, SEUS VERME! CÊS SAI DESSAS PEDRA AGORA MESMO E ME TRAZ SEU CAPITÃO SENÃO JURO PELOS DEUS DA GUERRA QUE MANDO ESFOLAR CÊS E PREGAR CÊS DEBAIXO DO PRIMEIRO VESPEIRO!

Um plano desesperado e malnascido sim.

O blefe da Meronym deu certo só por um istante, e um istante quase que bastou. Dois dos sentinelo ficou branco e baixou as besta e saltou pa estrada. Os outros dois sumiu trás das pedra. Psss! Psss! Os dois Kona que tava na nossa frente caiu pa num levantar mais, a Meronym no de-repente cravou as espora e nosso cavalo rinchou e empinou e meu quilibro faltou. A mão de Sonmi me segurou na sela, causa-que que se não foi ela antonce foi o quê? Ai teve a maior gritaria, Para!, e concha berrano trás de nós, e o cavalo saiu no galope, e fissssssss-tuãããããããã e a primeira frecha cravou num galho e eu baixei pa passar debaixo dele, depois uma pontada de dor na barriga da minha perna esquerda aqui mesmo, e deu aquele choque de nausa e calma que a gente sente quando sabe que uma coisa no corpo tá tão

rebentada que num vai ser face remendar adespois. Olha só, vou regaçar a calça pa cês ver a marca que a frecha deixou… é, doeu tanto quanto parece que doeu, e mais inda.

Nós descia galopano a estrada de Pololu, o terreno era cheio de pedra e raiz, mais de-rápido que surfano uma onda, e era difice manter o quilibro que nem que a gente estava numa onda, e a dor era forte e eu num podia fazer outra coisa, só garrar com mais força inda a cintura da Meronym e tentar companhar as sacudida do cavalo com a perna direita pa num ser jogado fora, e num ia dar tempo de montar de novo antes dos Kona acertar nós com aquelas frecha dele que furava os osso.

A estrada travessava aquele túnel de arve que rancava o couro da gente até a ponte dos Antigo em cima da foz do rio Pololu que marcava a fronteira norte do Vale. Agora nós tava a só uns cem passo da ponte quando o sol saiu de trás das nuve e olhei pa frente e as tauba gasta da ponte brilhava dourada, e os tirante ferrujado faiscava bronze escuro. Minha dor rancou do fundo da memória o meu terceiro pressajo, O bronze tá queimano, num cruza aquela ponte não. Eu num podia explicar isso pa Meronym num cavalo a galope, antonce eu gritei pa ela: Eles me acertou!

Ela parou o cavalo a uma jarda da ponte. Adonde?

Minha perna esquerda, eu falei pa ela.

Meronym olhou pa trás muito-muito peocupada. Num tinha sinal inda dos nosso presseguidor, antonce ela saltou do cavalo e olhou pa perna doída. Tocou na ferida e eu gemi. Agora a frecha tá fechano a ferida, primeiro nós passa pa território amigo e antonce eu…

O trovejar daqueles casco vindicativo tava vino pela estrada de Pololu.

Aí eu falei pa ela que nós num podia travessar aquela ponte não. O quê? Ela se torceu toda pa me olhar nos olho. Zachry, cê tá dizeno que a ponte num é segura não?

Ora, té adonde eu sabia a ponte era firme sim, eu volta e meia levava o Jonas pa catar ovo pos lados do norte quando ele era mais pequeno, e o McAulyff da Última Truta travessava ela pa ia caçar foca, com carrim de mão e tudo, quase todo mês, mas os sonho da Iconaria num mentia nunca,

mas nunca mesmo, e a Badessa me fez memorar direitim aqueles pressajo pa um dia especial, e aquele dia tinha chegado. Tô dizeno, arrespondi, que Sonmi me mandou num travessar não.

O medo fez a Meronym ficar sarcasta, que ela era humana que nem eu ou cês. E Sonmi sabia que tinha um bando de Kona furioso trás de nós?

O rio Pololu é largo na foz, eu falei pa ela, e por isso num é muito fundo nem a corrente num é muito forte não. Tinha uma furcação antes da ponte bem adonde nós estava, e cabava num trecho pertim dali que dava pa travessar o rio. Os casco tava cada vez mais perto, e daí a pouco os Kona ia ver nós.

Bom, a Meronym creditou no meu mando esquisito, num sei por que mas ela creditou sim, e no de-repente as água limpa e fria do Pololu tava nestesano minha dor, mas o cavalo tava escorregano feio no leito predegoso do rio. Paduum paduum, três Kona entrou na ponte galopano e viu nós, e o ar em volta de nós tremeceu quando passou uma frecha, depois outra, a terceira caiu no rio e espirrou água em nós. Mais três Kona chegou trás dos três primeiro e nem parou pa atirar não, eles foram padum-padum po outro lado da ponte pa pegar nós na marge oposta. Eu tava desperado, xingano eu, É, nós vai morrer que nem dois pombo-banha, era o que eu pensava.

Sabe quando cê derruba uma arve pa fazer lenha? Sabe o barulho depois do último golpe, de madeira lascano e o tronco todo gemeno vagarim enquanto cai? Foi o que eu ouvi. É que uma ou dois gente dos Vale passano devagar com um carrim de mão era uma coisa, mas um cavalo galopano era outra, e seis-sete-oito cavalo de guerra dos Kona, com armadura e tudo, era demais. A ponte rebentou que nem que era feita de palha colada com cuspe, os tirante partiu, as tauba quebrou, os cabo gasto estalou.

A altura num era pouca não. A ponte do Pololu tinha uns quinze home de altura, ou mais. Foram caino os cavalo, rodopiano com a barriga pa cima, com os cavaleiro com os pé enfiado nos estribo e tudo, e como eu falei o rio Pololu num era muito fundo que dava pa cair e sair boiano não, era um rio cheio de pedra pontuda, de modo que eles tudo caiu feio, muito feio. Nenhum dos Kona alevantou, só dois-três cavalo inda estrebuchava e

esperneava, coitado deles, mas num era hora de cuidar de bicho machucado não.

Pois a minha história tá quase cabada. Eu e a Meronym travessou a vau té o outro lado, e rezei gradeceno a Sonmi, se bem que num tinha mais Civilação dos Vale pa poteger, era a última vez que Sonmi salvava minha pele. Acho que o resto do pelotão de Kona tava tão ocupado com os morto e os afogado que nem veio trás de nós dois não. Nós travessou as dunas do Desamparo e finalmente chegou no Dedo do Ikat sem mais nenhum acidente. Inda num tinha nenhum caiaque esperano, mas nós desmontou e a Meronym usou a Ciença dela na minha perna machucada pela frecha. Quando ela rancou a danada, a dor subiu meu corpo todo e chegou na cabeça, e a verdade verdadosa é que eu nem vi os caiaque chegar de Maui com o Duophysite. Agora minha amiga tinha que decidir, ou bem ela me botava dendo caiaque ou bem me deixava na ilha Grande sem poder andar nem nada, pertim da terra dos Kona. Bom, eu tô aqui contano isso tudo pa cês, antonce cês sabe qual foi a decisão da Meronym, e tem vez que eu lamento a escolha dela, e tem vez que não. A cantoria dos remador da minha nova tribo me acordou quando nós inda tava travessano os Estreito. A Meronym tava trocano meus curativo sanguento, passano algum remédio cientifo que diminuiu a dor muito-muito.

Deitado no fundo do caiaque fiquei veno as nuve. As alma travessa os tempo que nem as nuve travessa o céu, e por mais que mude a forma e a cor e o tamanho da nuve ela continua seno nuve, e as alma tamém. Quem que sabe dizer de adonde que veio a nuve ou quem que a alma vai ser amanhã? Só Sonmi o leste e o oeste e a bussa e o atlas, é, só o atlas de nuve.

O Duophysite viu que meus olho tava aberto e pontou pa ilha Grande roxa no azul pos lados do sudeste, e o Mauna Kea escondeu a cabeça que nem uma noiva vergonhenta.

É, o meu Mundo Todo e a minha vida toda era tão pequenim que cabia no O entre o meu dicador e o meu polegar.

O velho Zachry, meu pai, era uma gente esquisita, num vou dizer que num era só causa-que ele tá morrido agora. Ah, as história que o Pai contava era quase tudo que nem peido de pato, e quando ficou mais velho e a cabeça começou a variar ele chegava a falar que a Meronym, a Prescienta, era num-ninguém menos que a santa e amada Sonmi, ele teimava, que sabia por conta dos sinal de nascença e cometa e num sei que mais.

Se eu credito na história dele dos Kona, que ele fugiu da ilha Grande? A maioria das história tem um fundo de verdade, e tem umas que tem até muita verdade. As coisa que ele falava sobre a Prescienta Meronym era boa parte verdadosa, eu acho. É que adespois que o Pai morreu eu e minha mana remexeu nas coisa dele, e eu achei o ovo prateado que ele chamava de rogativa na história dele. Que nem ele falava, se cê quenta o ovo nas mão, uma moça-fantasma bonitosa parece no ar e fala numa língua dos Antigo que num-ninguém que tá vivo agora num tende e que num-ninguém num vai tender nunca mais. Num é uma Ciença que cê pode usar porque num mata pirata Kona nem enche barriga vazia, mas tem umas tarde que as minhas gente, os meus mano, eles acorda a moça-fantasma só pa ela parecer brilhano acima do ovo. Ela é bonitosa, e deixa maravilhada as criança e os murmuro dela nana os nosso babito.

Senta aí um istante.

Estende as mão.

Olha.

Uma rogativa de Sonmi~451

Afinal, *quem* era Hae-Joo Im, se não era exatamente quem dizia ser?

Surpreendi a mim mesma quando eu própria respondi a pergunta: “União”.

Hae-Joo disse: “Sim, tenho de arcar com essa onra”.

O estudante Xi-Li estava agitadíssimo.

Hae-Joo explicou-me que, se não confiasse nele, eu morreria dentro de alguns minutos.

Respondi que confiava nele.

Mas ele já avia mentido a respeito de quem era — por que acreditar nele agora? Como podia ter certeza de que Hae-Joo não estava sequestrando você?

Eu não tinha certeza. Minha decisão baseava-se no caráter dele. Só me restava esperar que dessa vez minha confiança fosse justificada. Abandonamos Timothy Cavendish a seu destino desconhecido e saímos correndo em direção a nosso próprio destino, descendo escadas e mais escadas; os elevadores liam as Almas e podiam ser controlados com o fim de nos capturar. Foi uma sucessão de corredores, portas corta-fogo a se abrir, passagens perdendo-se na escuridão. Hae-Joo meio que me carregou em muitas escadas; não podíamos esperar que eu as descesse com cautela, sem ajuda.

Num subsubsolo o sr. Chang nos esperava dentro de um forde de aparência comum. Não tínhamos tempo para saudações. O veículo saiu em disparada, atravessando uma sequência de túneis e estacionamentos. O sr. Chang consultou seu sony e avisou que as estradas de acesso estavam bloqueadas, mas que a rampa ainda parecia livre, e que a gente dele deveria estar à nossa espera lá.

Hae-Joo deu ordem de tentar a rampa. Então tirou um canivete da bolsa e cortou fora a ponta do indicador esquerdo, enfiou a lâmina na carne e extraiu um pequeno ovo de metal. Após jogá-lo pela janela, mandou que eu jogasse fora meu Anel de Alma. Xi-Li também cortou fora sua Alma.

Os da União cortam fora mesmo sua Alma eterna, dadas pelo Juche?

Se não fosse isso, como poderia um movimento de resistência escapar da Unanimidade? Eles correriam o risco de ser detidos cada vez que passassem por um semáforo. O forde desceu uma rampa, e uma chuva de fosfato fez as janelas implodirem; o metal gemeu; o forde passou raspando por uma série de muros e estacou de repente.

Acocorada, ouvi mais disparos de colt.

O forde estremeceu e saiu em disparada; ouvi um corpo esbarrar no veículo. E havia um uivo contínuo: vinha de Xi-Li. Hae-Joo encostou um colt na cabeça dele e disparou.

O quê? Por quê?

As balas dundum da Unanimidade combinam calodoxalina e giga-estimulina, fiquei sabendo depois. A calodoxalina é um veneno que provoca uma agonia terrível na vítima, de modo que ela grita e pode ser localizada; a giga-estimulina impede que ela perca a consciência. Xi-Li caiu em posição fetal. Hae-Joo baixou o colt. O pós-grad alegre que eu conhecia avia desaparecido; eu me perguntava se ele existira de fato.

A chuva e o vento entravam pelas janelas sem vidro. O sr. Chang desceu um beco estreito, arrancando calhas, até chegar à perimetral. À nossa frente brilhavam as luzes vermelhas e azuis dos portões do campus. Um aerô

pairava no ar, estraçalhando as árvores; alto-falantes severos davam ordens incoerentes, sabia-se lá para quem. O sr. Chang disse para nos segurarmos, desligou o motor e saiu da estrada. O forde deu um salto; o teto acertou minha cabeça; Hae-Joo deu um jeito de me enfiar debaixo de seu corpo. O forde ganhou velocidade, peso e leveza.

Lembro-me da queda: ela redespertou a lembrança de uma situação de negrume, inércia, gravidade, de estar presa dentro de outro forde; não consegui encontrar a fonte dessa lembrança em minha experiência pessoal.

Bambus despedaçaram-se, a carroceria amassou-se, minhas costelas bateram com força no chão. Caos e sons misturados.

O forde estava destruído. Ouvi cantos de insetos e chuva sobre folhas, e em seguida sussurros insistentes. Eu estava esmagada debaixo de Hae-Joo, que se mexia, gemendo. Um feixe de luz feriu-me os olhos; o omem da lanterna perguntou se alguém ali estava consciente. Ouvi o sr. Chang pedir que abrissem a porta.

Logo em seguida, várias mãos arrancaram Hae-Joo, o sr. Chang e a mim do forde espatifado; eu tinha contusões, mas não avia quebrado nada. O corpo de Xi-Li foi abandonado onde estava. Rostos ansiosos, decididos, que jamais dormiam: membros da União. Fui colocada numa entrada subterrânea. Minhas mãos seguravam degraus de metal; meus joelhos se arranharam quando atravessei um túnel curto. Outros braços me puxaram para dentro do que, como entendi mais tarde, era uma oficina mecânica. Colocaram-me em um forde elegante, de apenas dois lugares. Deram-se ordens; despacharam-se mensagens. A porta do motorista se abriu, Hae-Joo Im entrou e ligou a ignição. As portas da garagem abriram-se de supetão.

Seguimos por ruas secundárias nos subúrbios e depois entramos numa artéria engarrafada. Nos fordes que nos cercavam avia pessoas solitárias voltando do trabalho, casais de namorados, pequenas famílias, umas tranquilas, outras turbulentas. O sr. Chang, percebi, avia desaparecido sem se despedir, mais uma vez. Quando Hae-Joo por fim falou, sua voz estava destruída. Disse-me que se alguma vez uma bala dundum o arranhasse, eu

devia eutanasiá-lo imediatamente, tal como ele fizera com Xi-Li. Fiquei sem saber como responder.

O membro da União me pediu mais um pouco de paciência, dizendo que se fôssemos capturados agora, quanto menos eu soubesse, melhor seria. Tínhamos muita coisa a fazer naquela noite, ele acrescentou. Primeiro iríamos a Huamdonggil. Você já esteve naquela zona, Arquivista?

Não. Meu ministério me expulsaria se alguma vez eu fosse Olhado numa vila-miséria de *untermensch*. O que você encontrou lá?

Huamdonggil é um labirinto mefítico de becos tortos, barracos, pensões vagabundas, casas de penhores, bares de drogas e colmeias de conforto, todo um mundo de trevas. Hae-Joo deixou o forde num depósito e me aconselhou a manter os olhos e a cabeça cobertos pelo capuz, porque fabricantes roubadas terminam nos bordéis da vila-miséria — após passar por uma cirurgia grosseira para ser adaptadas.

As vielas em zigue-zague e as valas fediam a esgoto. Avia puros-sangues largados junto às portas, com a pele inflamada pela exposição prolongada à chuva escaldante da cidade. Crianças bebiam água das poças. Perguntei a Hae-Joo quem morava ali; ele me explicou que os ospitais sugam as Almas dos migrantes que sofrem de encefa ou pulmão chumbado, até que só lhes restem dólares suficientes para um eutanásio — ou uma viagem de ida a Huamdonggil.

Eu não entendia o que levaria os migrantes a fugir de suas Zonas de Produção para encontrar um destino como aquele. Hae-Joo enumerou malária, enchentes, secas, genomas-pragas, parasitas, alastramento das terras mortas e o simples desejo de dar aos filhos uma vida melhor. A Papa Song Corp, disse ele, era um empregador filantrópico em comparação com as fábricas das quais muitos daqueles migrantes tinham fugido. Os traficantes lhes garantem que *chove* dólares nas Doze Conurbs — os migrantes querem acreditar no que ouvem, e só constatam a verdade quando se transformam em *untermensch*. Os traficantes transportam gente

apenas em viagens de ida. Hae-Joo me desviou da rota de uma ratazana de duas cabeças, que miava; avisou-me que aqueles bichos mordiam.

Perguntei por que o Conselho Urbano tolerava aquela miséria.

Hae-Joo respondeu que Huamdonggil é encarado como uma privada química, em que dejetos umanos se desintegram de modo discreto, mas não de todo invisível. As vilas de *untermensch* servem de motivação para os consumidores de estratos inferiores, mostrando-lhes o que acontece com aqueles que não consomem e trabalham como bons cidadãos. Os empresários se aproveitam do vácuo legal para criar zonas de prazer diabólicas nas vilas-miséria, e desse modo Huamdonggil contribui com impostos e subornos para membros dos estratos superiores. A MediCorp abre uma clínica semanal em que *untermensch* moribundos cedem partes saudáveis de seu corpo como pagamento para o eutanásio; a OrganiCorp tem um contrato lucrativo com a conurb para o envio diário de um pelotão de fabricantes genomados para se tornar imunes — semelhantes aos catastrofeiros — para recolher os mortos antes que as moscas procriem neles. Meu guia disse-me então para não fazer barulho, pois avíamos chegado a nosso destino.

E qual era esse destino, exatamente?

Lembro-me de uma casa de *mahjong* com o segundo andar saliente e um dintel alto, caiado, para afastar a água das calhas; mas eu não seria capaz de reconhecer o prédio se o visse de novo. Huamdonggil não tem ruas numeradas nem mapeadas. Hae-Joo bateu à porta, um olho mágico piscou, trancas foram retiradas e um porteiro veio abrir. Sua armadura estava manchada, sua barra de ferro era letal, e num grunhido ele nos mandou esperar por Ma Arak Na. Eu me perguntava se teria um colarinho de fabricante por baixo da placa do pescoço.

Havia um corredor enfumaçado que se perdia de vista numa curva, formado por biombos de papel. Ouvi o ruído de pedras de *mahjong*; senti fedor de pés; vi servidoras puros-sangues com trajes exóticos carregando bandejas com bebidas. Suas expressões tensas transformavam-se em

sorrisos juvenis cada vez que elas deslizavam um biombo de papel. Seguindo o exemplo de Hae-Joo, descalcei minhas nikes, sujas de andar nos becos de Huamdonggil.

“Vocês não estariam aqui se não tivessem uma notícia ruim para dar”, ouvi uma voz áspera dizer. Sua dona nos falava de um alçapão no teto. Se os lábios membranosos, os olhos em crescente e a fala desconectada eram por ser ela genomada ou por ser uma mutante, eu não saberia dizer. Os dedos, cobertos de joias como se fossem verrugas, seguravam a tampa do alçapão.

Hae-Joo colocou-se exatamente embaixo de Ma Arak Na, que julguei ser a dona do estabelecimento, e dirigiu-se a ela. O membro da União lhe disse que uma das células se tornara cancerosa, Mephi e os de seu grupo estavam presos e Xi-Li estava morto.

A língua de Ma Arak Na tinha o dobro do comprimento de uma língua normal; ela usou-a para afastar uma mosca. Seus olhos brilhavam na escuridão do sótão. Perguntou até que ponto o câncer tinha avançado. Hae-Joo respondeu que estava ali justamente para verificar isso. A dona da casa de *mahjong* nos mandou ir para a sala de estar.

Sala de estar?

Um espaço entre uma cozinha ruidosa e uma parede falsa, iluminado por um solar fraco. Uma xícara de calcário vermelho aguardava sobre um braseiro de ferro fundido que era mais antigo do que o prédio, se não do que a cidade. Sentamo-nos em almofadões bem gastos. Hae-Joo provou a bebida e disse-me que eu podia retirar o capuz. Sobre as tábuas do teto ouvi passos e um rangido, um alçapão se abriu e a cabeça de Ma Arak Na apareceu. Ela viu meu rosto, mas não manifestou nenhuma surpresa.

O velho braseiro zumbia, munido de um componente eletrônico extremamente moderno. Um campo esférico de escuridão e silêncio dele emanava, até que toda a sala foi consumida, apagando os ruídos da cozinha. Uma luz mosqueada acima do braseiro transformou-se numa carpa.

Uma carpa? Quer dizer, um peixe?

Uma carpa numinosa, cor de pérola e tangerina, manchada de fungos, com bigodes de mandarim, meio metro de comprimento. Com um movimento preguiçoso da cauda, o peixe veio vindo em minha direção. Raízes de ninfeias afastavam-se ao lhe dar passagem. Seus olhos antiquíssimos perscrutavam os meus; as barbatanas laterais estremeciam, então a carpa imobilizou-se. Ela desceu alguns centímetros para ler meu colarinho, e ouvi meu nome ser pronunciado por uma voz de velho. Olhei para Hae-Joo, mas era quase impossível vê-lo através daquele ar espesso e submarino.

“Sinto-me tão gratificado por vê-la” — a voz transcebida da imagem 3-D era culta, porém fragmentada — “quanto onrado por conhecê-la.” A carpa apresentou-se: era An-Kor Apis da União, e pediu desculpas por aquele visual teatral; a prudência exigia camuflagem, pois a Unanimidade estava varrendo todas as frequências naquele momento.

Respondi, esitante, que eu compreendia.

An-Kor Apis prometeu que em breve eu compreenderia muito mais, e pediu-me um pouco de paciência ainda. A carpa aproximou-se de Hae-Joo, dirigindo-se a meu companheiro como “comandante Im”.

Hae-Joo relatou que avia eutanasiado Xi-Li.

Apis respondeu que sabia, e que não avia anestésico que aplacasse a dor de Hae-Joo. Disse-lhe que quem tinha matado Xi-Li era a Unanimidade; Hae-Joo apenas o libertara; e exortava-o a garantir que o sacrifício de Xi-Li não tivesse sido em vão. Seguiu-se um relato: seis células tinham sido expostas, e mais doze destruídas. O conselheiro Mephi tinha conseguido se matar antes que a sessão de tortura começasse. Em seguida, a carpa deu ordem a Hae-Joo de me retirar da conurb através do Portão Oeste 1 e seguir rumo ao norte até um comboio; e que ele refletisse bem sobre o que lhe fora dito.

A carpa traçou um círculo, desapareceu na parede da sala e ressurgiu logo em seguida atravessando meu peito. “Você soube escolher bem seus amigos, Sonmi”, disse-me Apis. “Juntos talvez possamos realizar

mudanças, grandes mudanças, mudanças istóricas, para transformar nossa sociedade.” Prometeu que voltaríamos a nos encontrar em breve.

A esfera recolheu-se ao braseiro e a sala voltou ao normal. A carpa transformou-se num risco luminoso, um ponto; em seguida, sumiu.

De que modo Hae-Joo pretendia passar pela saída de uma conurb sem Almas nos seus indicadores?

O implantador de Almas entrou minutos depois. Um omem miúdo, de aparência anônima, que examinou o dedo rasgado de Hae-Joo com um desdém profissional; com uma pinça pegou uma partícula mínima numa caixa de gel; enterrou-a na carne e borrifou cutano sobre o dedo. Eu me perguntava como podia um cisco de aparência tão insignificante conferir a seus portadores os direitos de consumidoria, e condenar os que não o possuíam a uma existência de servidão abjeta, ou coisa pior. “Seu novo nome é Ok-Kyun Pyo”, disse o implantador, acrescentando que ele poderia baixar sua istória de vida em qualquer sony.

O omem virou-se para mim falando, enquanto pegava um alicate a laser. O laser, explicou, cortava aço mas nem sequer arranhava tecidos vivos, de modo que eu sentiria apenas uma ligeira cócega. Ouvi um estalo. “Agora o código de barras subcutâneo.” O Almeiro passou um anestésico em minha garganta, me avisando que a próxima etapa era dolorosa, sim, mas que o campo umedecido da lâmina impediria que o código de barras explodisse em contato com o ar e separasse minha cabeça do corpo.

“Engenhoso”, murmurou Hae-Joo, e segurou-me a mão.

“Claro que é engenhoso”, retrucou o implantador. “Fui eu que inventei.” Lamentou não poder patenteá-lo, e disse a Hae-Joo para pegar um pano a fim de enxugar o sangue. Uma dor súbita dilacerou-me a garganta. Hae-Joo estancou o sangue; o implantador mostrou-me o código de barras de Sonmi~451 com uma pinça e disse-me que ele próprio o descartaria, com todo o cuidado. Borrifou sarativo na ferida e fez um curativo cor da pele, dizendo-me que o trocasse antes de me deitar. “E agora”, prosseguiu, “vou cometer um crime tão novo que nem tem nome. Vou Almizar uma

fabricante. Mas, em vez de uma banda de música, um nobel por uma realização científica notável e uma sinecura numa universidade, só vou ganhar um lugar cativo no Farol.”

E um parágrafo na istória da luta contra a corpocracia, acrescentou Hae-Joo.

O implantador disse então: “Obrigado, irmão. Um parágrafo inteiro”. A cirurgia foi rápida. Ele pôs minha mão direita sobre um pano, espalmada, anestesiou-a, cortou a ponta de meu indicador, passou coag para estancar o sangue, com a pinça inseriu minha Alma no corte e borrifou cutano para ocultar qualquer sinal de que eu avia de repente ascendido ao estrato dos puros-sangues. Dessa vez o sarcasmo do omem traiu um fundo de sinceridade. “Que sua Alma lhe traga muita sorte na terra prometida, irmã Yun-Ah Yoo.”

Agradeci. Eu quase me avia esquecido de Ma Arak Na me observando pelo alçapão no teto. “É bom que a irmã Yoo arranje uma cara nova para sua Alma nova”, observou ela, “senão vão lhe fazer perguntas constrangedoras antes que chegue à terra prometida.”

Quer dizer que a próxima etapa foi uma consulta a um paisagista facial?

Foi. O porteiro nos escoltou até a rua T’oegyero, a fronteira norte de Huamdonggil. Fomos de metrô até uma galeria outrora chique em Shinch’on e, por uma escada rolante que passava por lustres que tocavam os salmos do Líder Imanente, chegamos a um labirinto no nível superior, frequentado apenas por consumidores que sabiam muito bem aonde queriam ir. Hae-Joo me guiou por corredores e mais corredores cheios de entradas discretas, com placas misteriosas afixadas a portas lisas. Num nicho um lírio-tigrino florescia. “Não fale com a dona”, ele me alertou, ao tocar a companhia. “É espinhosa, e tem que ter muito jeito.”

As listras do lírio-tigrino iluminaram-se, e ele perguntou o que queríamos.

Hae-Joo respondeu que tinha ora marcada com Mme. Ovid.

A flor curvou-se e olhou para nós; então mandou que esperássemos.

A porta se abriu. “*Eu* sou Mme. Ovid”, anunciou uma mulher branca como um osso, “e essa ora marcada não existe.” Os drogorvalhos aviam congelado sua beleza áspera na faixa dos vinte e tantos anos, muito tempo atrás, mas sua voz era cortante como um serrote. “Nossos biocosmetólogos só aceitam recomendações pessoais. Experimente um ‘rosteiro’ de um dos andares inferiores.”

E fechou a porta na nossa cara.

Hae-Joo pigarreou e dirigiu-se ao lírio-tigrino. “Por favor, diga à estimada Mme. Ovid que Lady Heem-Young lhe manda cordiais saudações.”

Fez-se uma pausa. O lírio-tigrino enrubesceu e perguntou se vínhamos de longe. Reconheci uma série de senhas e contrassenhas.

Hae-Joo completou o código. “Quem viaja o bastante conhece a si próprio.”

Mme. Ovid abriu a porta, mas não diluiu seu desprezo. “Quem vai discutir com Lady Heem-Young?” Ela nos disse para segui-la sem demora. O interior das passagens entre cortinas visava maximizar a discrição. Os solares eram escuros, e abafadores absorviam as vozes e os passos. Depois de um minuto atravessando corredores de treliças, Mme. Ovid estalou os dedos e uma assistente silenciosa juntou-se a nós. Abriu-se a porta de um estúdio mais iluminado, e nossas vozes voltaram. Os instrumentos do paisagista facial brilhavam no solar estéril. Mme. Ovid pediu-me que retirasse o capuz. Não pareceu surpreender-se com minhas feições de servidora. Duvido que já tivesse posto os pés num Papa Song’s. Perguntou-me de quanto tempo dispúnhamos para o tratamento.

Quando Hae-Joo explicou que teríamos de partir dentro de noventa minutos, Mme. Ovid perdeu sua imperturbabilidade. “Por que dar-se o trabalho de procurar uma artista?”, disse. “Por que não fazer a coisa por conta própria, com *wrigley* e batom? Será que Lady Heem-Young acha que o Lírio-Tigrino é uma dessas espeluncas baratas com kodaks de antes e depois na vitrine?”

Hae-Joo apressou-se a explicar que não se tratava de um morf completo — apenas adapts para enganar um Olho ou um olhar de relance. Noventa minutos era mesmo um tempo absurdamente curto, ele reconheceu, e foi por isso que Lady Heem-Young recorreu à melhor de todas.

A orgulhosa paisagista diagnosticou a lisonja, porém não resistiu de todo a ela. Gabou-se: “Ninguém enxerga o rosto que á por trás do rosto como eu”. Mme. Ovid inclinou meu queixo, dizendo que podia alterar-me a pele, a cor, o cabelo, as pálpebras e as sobrancelhas. Propôs-se a tingir minhas íris, dando-lhes uma tonalidade de puro-sangue. Faria umas covinhas e removeria aqueles malares típicos de fabricante. Decidiu que aproveitaria ao máximo os preciosos oitenta e nove minutos que restavam.

Mas onde estão os sinais da perícia de Mme. Ovid? Para mim, você parece uma Sonmi recém-saída do tanque-útero.

A Unanimidade me refaceou para minhas apresentações no tribunal, no orário de pico. A estrela do espetáculo tinha que ter *physique du rôle*. Mas quando saí do Lírio-Tigrino, com o rosto ainda ardido, nem mesmo o Vedor Rhee teria me reconhecido. Minhas íris marfim agora eram castanhas; meus olhos, alongados; meus folículos, ebanizados. Pode consultar as kodaks tiradas quando fui presa se estiver curioso, Arquivista.

Um rapaz dourado com um balão vermelho nos aguardava junto à escada rolante. Nós o seguimos a uma distância de vinte passos, até chegar a um estacionamento movimentado embaixo da galeria. O rapaz desapareceu, mas o balão ficou amarrado no limpador de para-brisa de um veículo *cross-country*. Pegamos a Autovia 1 e seguimos para o Portão Leste 1.

Portão *Leste* 1? O general da União — Apis — tinha mandado que vocês tomassem o Portão Oeste 1.

O líder sufixou a ordem com “Reflita bem sobre o que lhe foi dito”. Esse cripto queria dizer: “Inverta a ordem”. Oeste significa leste; norte, sul; “viajar em comboio”, “viajar sozinho”.

Esse cripto é de uma simplicidade perigosa.

Os cérebros meticulosos muitas vezes não enxergam o mais simples. Enquanto seguíamos pela autovia, perguntei se “Hae-Joo Im” era seu nome verdadeiro. Ele me respondeu que, para os omens com sua vocação, nenhum nome era verdadeiro. A saída da autovia era uma descida curva que dava nas cabines de pedágio. Entramos na fila e seguimos em velocidade bem baixa. Na saída, cada motorista estendia a mão pela janela do forde para submeter sua Alma ao Olho. Os agentes da lei paravam alguns e faziam interrogatórios, de modo aleatório. “Cerca de um em trinta”, murmurou Hae-Joo, “de modo que as possibilidades são favoráveis.” Chegou nossa vez de passar pelo escâner. Hae-Joo colocou o indicador nele, e um alarme soou.

A cancela desceu de imediato.

O membro da União sussurrou-me: sorria, sem expressão.

Apareceu um agente, apontando com o polegar: “Saia”.

Hae-Joo obedeceu, com um sorriso juvenil.

O agente perguntou nome e destino.

O desempenho de meu companheiro foi magistral. “Hum, Ok-Kyun Pyo. Seu guarda, nós, sabe, estamos indo para um motel num conurb exterior.” Hae-Joo olhou a seu redor e fez um gesto cujo significado sexual eu avia aprendido com Boom-Sook e Fang. Começou a dizer algumas bobagens sobre a licença do gato de sua mãe que foram logo interrompidas. A que distância ficava esse motel?, perguntou o agente. Então ele não sabia que já passava da ora vinte e três?

“O Bangue-BangueVocêMorreu, em Yōju”, respondeu Hae-Joo, em tom de conspiração. “Confortável, limpo, preços razoáveis, e um agente da lei como o senhor provavelmente poderia experimentar o lugar de graça. É só meia ora na pista de velocidade, rumo ao leste, saída dez.” Nós chegaríamos lá antes do toque de recolher com sobra, ele prometeu.

O agente perguntou de que modo Hae-Joo avia machucado o indicador.

“Ah, foi por *isso* que o Olho me pegou?” Hae-Joe deu um gemido teatral, e contou que avia cortado o dedo descaroçando um abacate natural na casa

da mãe da namorada. Sangue por toda parte, uma coisa *tão* constrangedora, de agora em diante ele só ia querer abacates sem caroço, essa história de natureza dava tanto trabalho que não valia a pena.

O agente olhou dentro do forde e me mandou tirar o capuz.

Eu esperava que meu medo fosse entendido como timidez.

O agente perguntou se meu namorado falava sem parar o tempo todo.

Fiz que sim, timidamente.

Era por isso que eu não falava nada?

“Sim, senhor”, respondi. “Sim, seu guarda.”

O agente disse a Hae-Joo que as moças são obedientes e recatadas até o dia em que casam, e a partir daí começam a falar o tempo todo e nunca mais param. “Vão embora”, ele disse.

Onde vocês ficaram depois do toque de recolher nessa noite? No tal motel?

Não. Pegamos a saída número dois, depois tomamos uma estrada secundária sem iluminação. Um dique de pinheiros espinhosos ocultava um campo industrial com mais de cem unidades. Como já era quase a ora de recolher, nosso forde era o único veículo à vista. Estacionamos e atravessamos um pátio sob vento forte, então chegamos a um prédio de concreto com a placa: HIDRA SEMENTEIRA CORP. A Alma de Hae-Joo abriu a porta-rolante.

Não era um estabelecimento de orticultura, e sim uma arca com luz vermelha, que cobria tanques gigantescos. O ar era quente e úmido, a ponto de incomodar. O líquido espesso e turvo que vi pelas janelas dos tanques ocultava seu conteúdo, de início. Então comecei a divisar pernas, braços, mãos; os rostos que se formavam, todos idênticos.

Tanques-úteros?

Sim, estávamos numa unidade genômica. Fiquei contemplando os aglomerados de embriões de fabricantes suspensos em gel uterino. Alguns dormiam, imóveis; outros chupavam o polegar; outros ainda mexiam a mão

ou o pé, como se cavando ou correndo. Perguntei a Hae-Joo: era ali que eu tinha sido cultivada?

Ele respondeu que não: a sementeira da Papa Song's em Kwangju é cinco vezes maior do que aquela. Após ficar olhando para dentro do tanque algum tempo, disse-me que o destino daqueles nascentes seriam túneis de urânio debaixo do mar Amarelo; seus olhos eram grandes como tigelas. Eles enlouqueceriam se fossem expostos à luz do dia sem filtragem por muito tempo.

Com o calor que fazia dentro da unidade, Hae-Joo estava brilhoso de suor. "Você deve estar precisando de Sabão, Sonmi", ele disse. "Nossa cobertura seis estrelas é por aqui."

Cobertura? Numa sementeira de fabricantes?

O membro da União gostava de ironizar. A tal "cobertura" era um quarto de vigia noturno: um espaço de concreto que continha apenas um chuveiro, uma cama de solteiro, uma escrivaninha, uma pilha de cadeiras, um arcon sufocante e uma mesa de pingue-pongue quebrada. Havia canos grossos e quentes a pulsar. Um painel de sony monitorava os tanques-úteros e uma janela dava para a sementeira. Hae-Joo sugeriu que eu tomasse um banho na ora, porque não podia garantir um na noite seguinte; pendurou uma lona para me dar privacidade e montou uma cama para si usando cadeiras enquanto eu lavava o corpo. Havia um saco de Sabão me esperando sobre a cama quando saí do chuveiro, e também uma muda de roupa.

Você não se sentia vulnerável, dormindo num lugar longe de tudo sem nem saber o nome verdadeiro de Hae-Joo?

Não. Os fabricantes ficam acordados por mais de vinte oras por efeito da estimulina contida no Sabão; mas, quando vem o cansaço, nós desabamos, quase sem aviso prévio.

Acordei três oras depois, alerta; o Sabão dos embriões de mineiros era muito oxigenado. Hae-Joo estava dormindo em cima de sua capa. Examinei uma casca de sangue coagulado no rosto dele, onde se arranhou quando

fugíamos de Taemosan. A pele dos puros-sangues é muito delicada. Seus globos oculares giravam por trás das pálpebras; mais nada no quarto se movia. É possível que ele tenha dito o nome de Xi-Li, mas pode ter sido apenas ruído. Eu me perguntava qual seria o "eu" dele nos sonhos.

Passei minha Alma no sony de mão de Hae-Joo para me informar a respeito da minha personalidade como Yun-Ah Yoo. Eu era estudante de genômica, nascida no dia 30 do Segundo Mês em Naju, no Ano do Cavalo. Meu pai era um Assessor do Papa Song's; minha mãe era dona de casa; eu era filha única… os dados enchiam dezenas de páginas, centenas. O recolher chegou ao fim. Hae-Joo massageava as têmporas. "Ok-Kyoun Pyo quer uma xícara de starbuck."

Escolhi aquele momento para lhe fazer a pergunta: por que motivo a União pagara um preço tão elevado para proteger uma fabricante experimental?

"Ah." Hae-Joo tirava o sono dos olhos. "Resposta longa, viagem longa."

Mais uma evasiva?

Não: ele me fez um relato exaustivo enquanto penetrávamos no interior. Farei um resumo para sua rogativa, Arquivista. A Nea So Copros está se autoenvenenando, condenando-se à morte. O solo está poluído, os rios estão mortos, o ar está toxissaturado, os alimentos cheios de genes nocivos. Os estratos inferiores não conseguem comprar as drogas necessárias para enfrentar essas privações. Os cinturões de melanoma e malária avançam para o norte ao ritmo de quarenta quilômetros por ano. Sessenta por cento das Zonas de Produção na África e na Indonésia que abastecem as Zonas de Consumo estão inabitáveis. A legitimidade da plutocracia, sua riqueza, está se esvaindo; as Leis do Enriquecimento da Juche são meros esparadrapos tentando lidar com emorragias e amputações. A única outra reação da plutocracia é a estratégia predileta de todos os ideólogos falidos: a denegação. Os puros-sangues dos estratos inferiores vão para os esgotos dos *untermensch*; os execs repetem feito papagaios o Sétimo Catecismo: "O valor de uma Alma são os dólares nela contidos".

Mas qual é a lógica de deixar que os puros-sangues dos estratos inferiores morram em lugares como Huamdonggil? Quem é que vai substituí-los na importante função de força de trabalho?

Nós. O cultivo de fabricantes é muito barato, Arquivista, e nós não temos anseios problemáticos por uma vida melhor e mais livre. Como o fabricante morre se passar quarenta e oito oras sem um Sabão altamente genomado, cuja fabricação e distribuição são monopolizadas pela Corp, ele é um "objeto" que nunca foge. Fora eu, os fabricantes são a última palavra em matéria de maquinaria orgânica. Arquivista, você continua afirmando que não á escravos na Nea So Copros?

E de que modo a União pretendia eliminar esses… supostos "males" do nosso Estado?

Revolução.

A Ásia Oriental antes das Escaramuças era um caos de democracias doentes, autocracias democidas e terras mortas em formação! Se o Conselho não tivesse unificado e fechado a região com um cordão de isolamento, teríamos recaído na barbárie. Como pode uma organização, qualquer uma, abraçar essa forma de… terrorismo?

A Corpocracia cheira a corrupção e senilidade. O sol se põe.

Pelo visto, você abraçou a propaganda da União de modo integral, Sonmi.

Eu poderia retrucar que você abraçou a propaganda da Nea So Copros de modo integral, Arquivista.

Por acaso Hae-Joo explicou de que modo, exatamente, a União pretende derrubar um Estado com um exército permanente com um efetivo de dois milhões?

Sim. A União planejava realizar a ascensão de seis milhões de fabricantes.

Não entendo como você não percebeu que isso não passava de uma fantasia absurda.

Todas as revoluções são apenas fantasias absurdas até o momento em que ocorrem; a partir daí passam a ser inevitabilidades istóricas.

De que modo a União ia conseguir realizar essa "ascensão simultânea"?

O campo de batalha era no plano molecular. Algumas centenas de membros da União trabalhando em instalações nodais, como fábricas de Sabão e sementeiras de tanques-úteros, poderiam desencadear milhões de ascensões acrescentando o catalisador do dr. Suleiman a alguns fluxos de abastecimento críticos.

De que maneira até mesmo seis milhões de fabricantes ascendentes poderiam prejudicar a Pirâmide estatal mais estável da istória da civilização?

Quem ia operar as linhas de produção? Processar o esgoto? Alimentar os peixes nos criadouros? Extrair petróleo e carvão? Alimentar os reatores? Construir prédios? Servir consumidores nas comedorias? Apagar incêndios? Operar o cordão? Encher tanques de exxon? Levantar, cavar, puxar, empurrar? Semear, colher?

Os puros-sangues perderam as capacitações que constroem sociedades. A verdadeira questão é: de que maneiras seis milhões de fabricantes *não* poderiam prejudicar o Estado, atuando com a milícia de fronteira e os puros-sangues de estratos inferiores que correm o risco de se tornar *untermensch*?

A Unanimidade manteria a ordem. As agências de polícia não se compõem exclusivamente de agentes duplos da União.

De que modo a Unanimidade poderia intimidar seus inimigos? Brandindo colts apontados para os ascendentes? Até mesmo Yoona~939, uma servidora fabricante, preferiu morrer a permanecer escrava.

Espere aí, espere aí… a Unanimidade já estava sabendo da conspiração quando você escapou — eles já aviam tentado capturá-la. Paredes guarda-fogo seriam imediatamente levantadas em torno das fábricas de Sabão.

A Unanimidade estava sabendo que avia espiões da União em Taemosan, e que avia uma servidora fabricante ascendida. Só isso.

E qual era seu papel nesse… überplano?

Meu primeiro papel era provar que o catalisador de Suleiman funcionava. Isso minha mente já avia provado, simplesmente por não aver degradado. O catalisador estava sendo sintetizado em grandes quantidades em várias fábricas clandestinas.

"Seu segundo papel", Hae-Joo me disse naquela manhã, "é diplomático." O general Apis — a carpa no salão de *mahjong* — esperava que eu atuasse como emissária, fazendo a interlocução entre a União e os fabricantes em ascensão, para ajudá-los a mobilizar-se como cidadãos revolucionários.

Como você se sentia em relação à ideia de desempenhar esse papel numa organização terrorista?

Sentia muita apreensão: não fui genomada para alterar o curso da istória, foi o que eu disse ao membro da União, que em resposta observou que nem eu, nem ninguém. Pense nisso, ele insistiu. Apis tinha esperança de que eu já tivesse tomado uma decisão quando nos encontrássemos. Tudo o que a União me pedia por ora era que eu não rejeitasse a proposta de saída.

Você não sentia nenhuma curiosidade a respeito do projeto da União para um amanhã melhor? Como podia ter certeza de que a nova ordem não resultaria numa tirania pior ainda? Pense na revolução bolchevique, na revolução da Arábia Saudita, nas revoluções pentecostais da América do Norte. Se uma grande mudança se torna necessária, a maneira mais sábia de proceder não é adotar um programa de reformas paulatinas, em passos cautelosos?

Sua base de estudos é curiosamente ampla para um arquivista do oitavo estrato. Por acaso você não encontrou nas suas leituras do início do século XX este ditado: "Não se pode atravessar um abismo em dois passos"?

Estamos andando em círculos em torno de uma questão polêmica, Sonmi. Voltemos à sua viagem.

Chegamos à planície de Suanbo por volta da ora onze, por estradas secundárias. Aerôs agrícolas despejavam nuvens amarelas de fertilizante, cobrindo o orizonte. Hae-Joo temia que fôssemos vistos por Sat-Olhos, e assim pegamos uma pista da MadeiraCorp que entrava na plantação. Avia chovido na noite anterior, e a pista de terra estava cheia de poças, de modo que avançávamos devagar, mas não víamos nenhum outro veículo. Os íbridos de araucária e seringueira estendiam-se em fileiras perfeitas, criando a ilusão de que a floresta estava desfilando ao lado de nosso forde estacionário; um regimento de milhões. Só saltei uma vez, quando Hae-Joo encheu o tanque de exxon usando uma lata. Na planície era uma manhã de sol, mas dentro da plantação avia um crepúsculo úmido constante. O único som que se ouvia era o do vento estéril agitando os galhos mirrados. Aquelas árvores desprovidas de pólen eram genomadas para repelir insetos e aves; o ar estagnado fedia a inseticida.

A floresta desapareceu tão de repente quanto avia chegado; o terreno era agora mais acidentado. A pista virava para o leste, com a serra Woraksan ao sul; o lago Ch’ungju se espraiava ao norte. Agora o fedor vinha da água do lago, Hae-Joo explicou; era o fluxo que chegava dos criadouros de salmão. A serra exibia imensos logos de corps; uma estátua do profeta Malthus, de malaquita, erguia-se acima de um areal. A pista passou por baixo da via expressa Ch’ungju-Taegu-Pusan. Hae-Joo disse que chegaríamos a Pusan em duas oras se ousássemos pegar a via expressa; mas ele preferiu a lentidão da cautela. Nossa estrada esburacada começou a subir em zigue-zague os montes Sobaeksan.

Hae-Joo Im não estava tentando chegar a Pusan em um dia?

Não. Mais ou menos na ora dezessete, ele escondeu o forde num depósito de madeira abandonado e começamos a subir a pé uma trilha na serra. A experiência me fascinou, tal como me fascinara a conurb outrora: liquens escorriam das protuberâncias de calcário; sorbos tenros e eucaliptos brotavam das fendas. A brisa trescalava pólen e seiva; as nuvens deslizavam. Descendentes de mariposas genomadas giravam em torno de

nossa cabeça, como elétrons; os logos de suas asas aviam sofrido uma mutação, após muitas gerações, e se transformaram numa sequência arbitrária de letras.

Eu me sentia renascida em outro elemento tão alheio aos fabricantes servidores quanto os prados alpinos são estranhos ao náutilo.

Na beira de um penhasco, Hae-Joo apontou para o outro lado do abismo e perguntou se eu estava vendo o homem.

Que homem? Eu via apenas uma rocha.

Continue olhando, ordenou-me meu guia, e da rocha emergiram os traços esculpidos de um gigante sentado na posição de lótus. Uma mão esguia estava levantada, num gesto gracioso grávido de significados. Os disparos e as intempéries aviam marcado, sulcado e rachado suas feições, mas o contorno geral ainda era discernível depois que se percebia o todo. Levei alguns segundos para me dar conta da pessoa que a imensa escultura me fazia lembrar: Timothy Cavendish.

Hae-Joo achou muita graça da minha observação. Ele outrora imaginara que o gigante fosse algum democrata da Antiguidade, ou um rei-bandido que gostasse de se autopromover: na verdade, porém, os pré-consumistas o adoravam como um deus que oferecia a salvação de um destino de nascimento e renascimento eterno. De fato, o gigante erodido de outra era ainda retinha traços de divindade. Apenas as coisas inanimadas conseguem ser tão vivas. A Abadessa, Hae-Joo prosseguiu, poderia me dizer mais. Creio que a PedreiraCorp deverá destruí-lo quando chegar a ora de processar aquelas montanhas.

Qual era o objetivo daquela expedição a lugar nenhum?

Todo lugar nenhum é algum lugar. Do outro lado da crista da serra encontramos um pequeno depósito de malte de cevada numa clareira, roupas secando sobre arbustos, ortas, um precário sistema de irrigação feito com bambus, um cemitério. Ouvi uma cascata sedenta. Hae-Joo me fez passar por uma fenda estreita que levava a um pátio, cercado por prédios trabalhados, diferentes de tudo o que eu já tinha visto antes. Uma explosão

muito recente avia aberto crateras nas lajes, derrubado pilares de madeira e causado o desabamento de um telhado. Um pagode tinha sucumbido a um tufão e caído em cima de um prédio gêmeo, que parecia ser mantido em pé mais por efeito das ramificações de era que o cobriam do que pelas estruturas de madeira.

Hae-Joo contou-me que naquele lugar existira uma abadia por quinze séculos, até que a corpocracia dissolveu as religiões pré-consumistas depois das Escaramuças. Agora funcionava como abrigo para uma colônia de puros-sangues despossuídos, que preferem viver na pobreza nas montanhas a ir para os antros de *uttermensch*.

Quer dizer que a União escondeu sua interlocutora, sua… "messias", numa colônia de recidivistas?

"Messias." Um título grandioso para uma servidora do Papa Song's.

Ouvi algo se arrastando nas lajes atrás de nós: uma camponesa enrugada, pele curtida de sol, manca, apareceu no pátio, apoiada num garoto com cicatrizes de encef; era mudo. Ele dirigiu um sorriso tímido a Hae-Joo; a mulher abraçou Hae-Joo com muito afeto, tal como, imagino eu, uma mãe abraça um filho. Fui apresentada à Abadessa como "sra. Yoo". Um dos olhos dela era branco e cego; o outro brilhava, atento; juntos, davam a impressão de estar sendo observada por dois examinadores. Ela segurou minhas mãos nas suas; o gesto me encantou. Seu rosto era tão envelhecido quanto o de uma anciã do tempo de Cavendish. "Seja bem-vinda aqui", disse ela, "muito bem-vinda."

Hae-Joo perguntou-lhe a respeito da cratera feita pela bomba.

A Abadessa respondeu que os zelotes aéreos estavam mostrando os dentes; um chinook avia aparecido no mês anterior e lançado uma bomba sem aviso prévio; algumas pessoas foram gravemente feridas, e uma morreu. Um ato de pura maldade, especulava a Abadessa; ou então um piloto entediado; talvez um agente de incorporação imobiliária vira naquele lugar um futuro otel-casa de repouso para execs e queria expulsar-nos. "Quem á de saber?" Ela suspirou.

Meu companheiro prometeu que ia tentar descobrir.

Mas quem eram aqueles posseiros exatamente? *Untermensch*? Terroristas? Membros da União?

Cada colono tinha uma istória diferente. Conheci dissidentes uigures; fazendeiros retirantes fugindo da seca do delta do Ho Chi Minh; moradores de conurbs, outrora respeitáveis, que aviam caído em desgraça por questões políticas da Corp; marginais a quem ninguém dava emprego; os que tinham se desdolarizado por doenças mentais. Dos setenta e cinco colonos, o mais jovem tinha nove semanas de idade; a mais velha, a Abadessa, tinha sessenta e oito anos, mas se me dissesse que tinha trezentos, eu acreditaria.

Mas… como eles conseguiam sobreviver sem franquias e galerias? O que comiam? O que bebiam? E a eletricidade? E o entretenimento? Como pode funcionar uma microssociedade sem agentes da lei e ierarquia?

A comida vinha da floresta e do jardim; a água, da cachoeira. Nos aterros sanitários eles catavam objetos de plástico e metal para usar como ferramentas. A sony da "escola" deles era abastecida por uma turbina de água. As luminárias solares noturnas se recarregavam durante o dia. Quanto ao entretenimento, eles mesmos se entretinham; não pode aver consumidores onde não á 3-D nem AdV, mas pode aver seres umanos, como sempre ouve. Agentes da lei? Certamente surgiam problemas, mas os colonos davam muito valor à sua independência, e estavam decididos a protegê-la dos indolentes de dentro e dos exploradores de fora.

E os invernos na serra?

Eles sobreviviam tal como fizeram por quinze séculos as religiosas que ali moravam: com planejamento, frugalidade e força moral. A colônia foi construída em cima de uma caverna, ampliada por bandidos durante o período de anexação japonesa. Esses túneis ofereciam abrigo no inverno e proteção dos aerôs da Unanimidade.

Não era nenhuma utopia bucólica. Os invernos são severos, sim; as estações das chuvas são implacáveis; as plantações são sujeitas a doenças; as cavernas são suscetíveis a pragas; e os colonos raramente têm vida tão longa quanto os consumidores dos estratos superiores. E é claro que os colonos também brigam e sofrem, como qualquer pessoa. Mas fazem isso em comunidade. A Nea So Copros não tem comunidades; tem apenas o Estado.

E que interesse a União tinha no mosteiro?

A União fornece artigos como solares; a colônia fornece um refúgio, a quilômetros de distância do Olho mais próximo. Acordei no meu dormitúnel logo antes de o sol nascer, e fui de gatinhas até a entrada da caverna. Uma guarda tinha nas mãos um chá de estimulina; levantou o mosquiteiro para mim, porém me alertou que avia coiotes procurando comida abaixo dos muros da abadia. Prometi não me afastar muito, contornei o pátio, espremi-me entre as rochas estreitas e cheguei ao balcão em tons de negro e cinza.

A encosta da montanha se estendia à minha frente; subia do vale uma aragem, trazendo sons de animais, gritos, cantos, rugidos, fungadas; não consegui identificar nenhum deles. Na serra, as estrelas não são aqueles tímidos pontinhos de luz dos céus urbanos: são como frutas gordas a escorrer luz. Uma pedra mexeu-se a um metro de mim. “Ah, sra. Yoo”, disse a voz da Abadessa, “outra madrugadora.”

Saudei-a do modo apropriado.

Os colonos, contou-me a anciã, não gostavam de vê-la a vagar pela encosta antes de clarear o dia, temendo que caísse no abismo. Da manga ela tirou um cachimbo, encheu-o e acendeu-o; não me ofereceu um trago porque meus pulmões eram jovens, disse ela, mas na sua idade isso não fazia mais diferença. O fumo cheirava a couro aromático.

Perguntei-lhe a respeito da figura de pedra do outro lado do abismo.

Aquele velho patife, ela respondeu, balançando a cabeça. Siddhartha tinha outros nomes, todos perdidos agora. As antecessoras da Abadessa

saberiam recitar todos os seus nomes e seus sermões, mas a antiga Abadessa e as irmãs mais velhas foram todas Faroladas quando as abadias foram criminalizadas cinquenta anos atrás. A mulher que falava comigo era uma noviça na época, e por isso a Unanimidade julgou que ela fosse jovem o bastante para ser reeducada, e mandou-a para ser criada num bloco de órfãos na Conurbação Cidade Pérola.

Perguntei: Siddhartha era uma espécie de deus?

"Uma espécie de deus" é uma boa descrição, respondeu a Abadessa. Siddhartha não aumenta nossa sorte, distribui castigos, muda as condições meteorológicas nem nos protege da dor de viver. Ele ensina, porém, como sobreviver à dor, e como conseguir uma reencarnação mais elevada em vidas futuras. A Abadessa ainda rezava para ele de manhã bem cedo, "para que veja que eu ainda sou séria", embora poucos dos colonos tivessem fé.

Comentei que eu esperava que Siddhartha me reencarnasse naquela colônia.

A luz do dia agora definia o mundo com mais clareza. A Abadessa me perguntou por que eu pensava assim.

Levei algum tempo para expressar meus sentimentos em frases, mas ela não era o tipo de pessoa que apressava o pensamento alheio. Por fim consegui expor minha razão: os únicos puros-sangues cujos olhos não revelavam a fome que avia nos olhos dos consumidores eram os colonos.

A Abadessa compreendeu. Se os consumidores se sentirem satisfeitos com sua vida em algum nível relevante, ela improvisou, a plutocracia acaba. É por isso que o Estado se ofende tanto com a colônia. A mídia os compara a parasitas; denuncia-os por roubar chuva da AguaCorp; por roubar royalties dos que detêm patentes da VegCorp; oxigênio da ArCorp. "Um dia, talvez", ela especulou, "a Diretoria vai decidir que nós representamos um modelo rival para a vida fora da ideologia corpocrática." Então, prosseguiu ela, os "parasitas" passariam a ser "terroristas", averia uma chuva de bombas inteligentes e os velhos túneis da abadia se encheriam de fogo.

Observei que a comunidade dela deveria ser composta de pessoas desprovidas de tudo, invisíveis.

“Precisamente.” Falava tão baixo que tive de inclinar-me em direção a ela para ouvir. “Uma espécie de equilibrismo, tão difícil quanto se fazer passar por uma puro-sangue, imagino.”

Como é que ela sabia?

Não perguntei: talvez alguém me tivesse visto ingerindo Sabão por um buraco de espiar. Minha anfitriã disse que a experiência lhes ensinara a ficar de Olho nos óspedes, mesmo membros da União e amigos deles. “É uma violação do código de ospitalidade da velha abadia”, ela acrescentou, como se pedisse desculpas, “mas os colonos mais jovens insistem que devemos permanecer vigilantes, especialmente num mundo em que qualquer pessoa pode se transformar em qualquer outra pessoa depois de uma sessão num consultório de paisagismo facial.”

Por que motivo ela abriu o jogo?

Para manifestar solidariedade, talvez; não sei. Dos muitos crimes da Juche, disse a Abadessa, o mais odiento era a criação de um “substrato de escravos”.

Ela estava falando em termos gerais ou específicos?

Isso só fiquei sabendo na noite seguinte. Naquele momento, ouvi um ruído de panelas no pátio: a equipe do café da manhã estava começando a trabalhar. A Abadessa olhou para a fenda que levava ao pátio e mudou de tom. “E quem é esse jovem coiote?”

O menino mudo aproximou-se e sentou-se aos pés dela, sorrindo. A luz do sol curvava-se em torno do mundo vindo do leste, restaurando a cor frágil das flores silvestres.

E assim teve início seu segundo dia como fugitiva.

Hae-Joo comeu bolos de batata com mel de figos; ao contrário do que avia ocorrido na noite da véspera, ninguém insistiu para que eu comesse o alimento de puros-sangues. Nós nos despedimos; duas ou três das moças adolescentes choraram ao ver Hae-Joo ir embora; elas me dirigiram olhares cheios de ódio, e ele achou muita graça nisso. Sob certos aspectos, Hae-Joo era um revolucionário endurecido; sob outros, era um menino. A Abadessa cochichou: “Vou rezar ao velho patife por você”. Sob o olhar do deus dela, começamos a descer daquela altitude rarefeita, atravessando a floresta ruidosa. O forde estava no lugar em que Hae-Joo o avia escondido, intacto.

Seguíamos em direção a Yōngju a uma velocidade razoável; passamos por caminhões transportando madeira, dirigidos, percebi, por fabricantes musculosos, todos derivados da mesma célula-tronco. Nas plantações de arroz ao norte do lago Andongho, as estradas são de alta velocidade, porém são também vigiadas, e por isso ficamos dentro do forde, escondido dos Sat-Olhos até a ora quinze, mais ou menos.

Atravessando uma velha ponte pênsil, que cruzava a grande altitude o feroz rio Chuwangsan, Hae-Joo desculpou-se por ter bexiga de puro-sangue e mijou sobre as árvores que ficavam cem metros abaixo. Fiquei a contemplar os papagaios monocromáticos aninhados no rochedo manchado de guano; batendo asas e grasnando, eles me lembravam de Boom-Sook Kim e seus amigos execs. Uma ravina se estendia rio acima; na direção contrária, o rio passava por entre morros rebaixados até sumir ao longe sob o dossel de Ūlsōng. Aerôs se amontoavam acima da conurb; pequenos pontos.

Os cabos da ponte gemeram sob o peso de um forde exec aerodinâmico; um carro caro demais para ser encontrado numa estrada rústica como aquela. Hae-Joo pôs a mão dentro do forde e pegou seu colt. Voltou, com a mão no bolso do casaco, e mandou que eu o deixasse falar, ficando preparada para a qualquer momento abaixar-me atrás de nosso forde caso o motorista sacasse um colt.

O forde exec desacelerou e parou. Um omem atarracado, com a tez lustrosa que é a marca do paisagismo facial, saiu do banco do motorista

com um aceno simpático. “Uma bela tarde.”

Hae-Joo retornou a saudação, observando que o calor não estava excessivo.

Uma mulher puro-sangue, genomada para ter sex appeal, descruzou as pernas e saltou do banco do carona. Usava um roupão espesso, que só deixava de fora o nariz provocante e os lábios sensuais. Debruçada sobre a grade do outro lado da ponte, de costas para nós, ela acendeu um marlboro mal-humorado. Enquanto isso, seu companheiro avia aberto o porta-malas do forde e retirado de dentro dele uma caixa gradeada, do tamanho de um cachorro não muito grande. Destrancou-a e tirou de dentro dela uma jovem muito atraente, de formas perfeitas, porém com apenas trinta centímetros de altura.

Ela gritou de terror e tentou libertar-se; olhou para nós; seu grito minúsculo não continha palavras, e sim um apelo.

O omem, segurando-a pelo cabelo, jogou-a do alto da ponte. Viu-a cair e fez um estalo com a língua. “Um modo barato”, disse ele, sorrindo para nós, “de se livrar de um lixo *muito* caro.”

Obriguei-me a permanecer imóvel e calada: o ódio e a fúria se debatiam no meu coração. Hae-Joo tocou-me de leve o braço. Forcei minha mente a se concentrar em alguma outra coisa, qualquer coisa; uma cena de *O pavoroso calvário de Timothy Cavendish*, em que um puro-sangue inocente é jogado do alto de um prédio por um criminoso, surgiu em minha memória sem que eu a convocasse.

Pelo visto, o omem avia jogado fora uma boneca viva fabricante.

O exec fez questão de nos contar tudo em detalhes. “A boneca Zizzi Hiraku era o grande sonho de consumo no penúltimo Sexteto. Minha filha não me deixava em paz nem um minuto. É claro, minha esposa oficial”, indicando a mulher do outro lado da ponte, “dava toda a corda a ela, manhã, tarde e noite. ‘Como é que eu posso encarar os vizinhos se nossa filha é a *única* menina do nosso carrossel que *não* tem uma Zizzi?’, ela perguntava.” O exec confessou que não conseguia deixar de admirar os responsáveis pelo

marketing desses produtos. É pegar uma fabricante de brinquedo qualquer, disse ele, genomá-la como se fosse um ídolo dourado de outrora, multiplicar o preço por *cinquenta mil* e ver o artigo vender como pão quente. “Mas isso *antes* de você ter que comprar as roupas, a casa de boneca, os acessórios. Então o que foi que eu fiz? Comprei toda essa joça só para as mulheres me deixarem em paz! Quatro meses depois, o que é que acontece? A bola da vez das adolescentes passa a ser a Marilyn Monroe, e a coitada da Zizzi sai de moda.” Com indignação, ele nos disse que uma fabricante registrada expirada dá um prejuízo de novecentos dólares. Sorrindo, acrescentou, apontando para a grade, que uma queda acidental não custa nada; então, por que jogar ainda mais dólares fora? Com uma piscadela para Hae-Joo, o omem acrescentou: “Pena que o divórcio não é fácil assim”.

“Eu ouvi essa, Bolão!” A esposa estava virada para nós. “Você devia ter devolvido a Zizzi à franquia e mandado redolarizar sua Alma quando eu falei com você. Ela veio com defeito. Não sabia nem cantar. E ainda me mordeu, aquela porcaria.”

Bolão respondeu carinhoso: “Mordeu você? Não entendo como ela não morreu, querida”. A mulher retrucou com um palavrão. O omem passou a patriarcar Hae-Joo, olhando de relance para meus seios genomados para crescer, e perguntou se estávamos de férias ou a trabalho naquele fim de mundo.

“Ok-Kyun Pyo, ao seu dispor.” Hae-Joo fez uma mesura, e identificou-se como um assessor de quinto estrato, Franquia de Contabilidade Águia, uma divisão de uma corp menor.

A pouca curiosidade do exec morreu de todo. Ele gerenciava a Costa Golfe entre P’yōnghae e Yōngdōk. “Você joga golfe, não é, Pyo? *Não?* Golfe não é um jogo, é uma vantagem profissional.” O campo de Paegam, prometeu o gerente, ia abrir uma ou duas vagas em breve; um campo de cinquenta e quatro buracos, que funcionava com sol ou chuva, greens que dava para lamber, lagos e chafarizes tão gloriosos quanto os dos jardins do Amado Líder. Ele riu um risinho que me deu náusea. “Nós oferecemos mais

pelo acesso ao aquífero do que os extratos inferiores de lá. É só dar meu nome para o pessoal que cuida dos novos sócios: Vedor Kwon.”

Ok-Kyun Pyo manifestou uma gratidão infinita.

Satisfeito, o Vedor Kwon começou a contar a istória de sua carreira como exec, mas sua esposa jogou do alto da ponte o marlboro fumado, tal como o marido jogara a Zizzi Hikaru, entrou no forde e ficou buzinando enquanto papagaios preto e branco disparavam em direção ao céu. Ele dirigiu um sorriso irônico a Hae-Joo e o aconselhou a pagar uns dólares a mais para conceber um filho omem quando casasse. Enquanto seu carro se afastava, rezei a Siddhartha, pedindo que seu forde despencasse do alto da ponte.

Você o considerou um assassino?

Assassino, e tão superficial que nem se dava conta do que era.

Mas, se odeia omens como o Vedor Kwon, você odeia o mundo todo.

O mundo todo, não, Arquivista: só a Juche e a Pirâmide Corpocrática.

Quando foi que vocês finalmente chegaram a Pusan?

Ao cair da tarde. Hae-Joo apontou para as nuvens de exxon saídas da refinaria de Pusan, que transformavam o céu, rosado como um melão, em cinza de antracita. “Chegamos”, disse ele.

Entramos pelo lado norte da cidade, por uma estrada rural sem Olhos. Hae-Joo deixou o carro num depósito no subúrbio de Sōmyōn. Pegamos o metrô e saltamos na galeria da praça Ch’oryang; as franquias eram as mesmas do pomar de Wangshimi. Amas fabricantes corriam atrás de filhos de execs; casais perambulavam olhando para outros casais que perambulavam; 3-Ds patrocinados por corps tentavam cada um ser mais espetacular do que todos os outros. Numa galeria mais velha, mais afastada, um festival ao estilo antigo estava em andamento; lá, camelôs vendiam curiosidades que cabiam na palma da mão, “amigos para toda a vida”: crocodilos sem dentes, pintos com cabeça de macaco, baleias-de-jonas em potes. Hae-Joo me disse que eles morrem quarenta e oito oras depois de

serem levados para casa. Um cirqueiro atraía fregueses com um megafone: “Venha ver o Omem Esquizoide com Duas Cabeças! Espante-se com Mme. Matrióchka e Seu Embrião Grávido!”. Marinheiros puros-sangues de toda a Nea So Copros, instalados nos bares, flertavam com confortantes, vigiadas por omens da CaftCorp. Vi imalaios cobertos de couro, chineses Han, baicalenses cabeludos e pálidos, uzbeques barbudos, aleutianos magros, vietnamitas e tailandeses cor de cobre. Os AdVs das casas de conforto prometiam satisfação para todos os pecadilhos que os puros-sangues fossem capazes de imaginar. “Se Seul é a esposa fiel de um membro da Diretoria”, disse Hae-Joo, “Pusan é a amante dele, que não usa calcinha.”

As ruas eram cada vez mais estreitas; um vento encanado derrubava garrafas e latas; vultos encapuzados passavam por nós apressados. Hae-Joo tomou meu braço e me fez entrar por uma porta escusa e subir um túnel mal iluminado até que chegamos a uma entrada protegida por uma grade levadiça; numa janela lateral lia-se MANSÕES KUKJE. Hae-Joo apertou uma campainha. Cachorros latiram; a persiana abriu-se e dois cães-dentes-de-sabre idênticos apareceram a babar na vidraça, o que me fez dar um salto. Uma mulher barbada empurrou-os para o lado e ficou a olhar para nós; seu rosto manifestou reconhecimento quando viu Hae-Joo. “Nun-Hel Han!”, ela exclamou. “Já faz quase doze meses! O que não admira, se for para acreditar em metade dos boatos sobre suas brigas! Como estavam as Filipinas?”

O sotaque de Hae-Joo era tão rascante que cheguei a olhar para o lado para confirmar que era mesmo ele que me acompanhava. “Afundando, sra. Lim, afundando a olhos vistos.” Num tom apenas parcialmente de brincadeira, perguntou se ela avia sublocado o quarto dele.

“Ah, minha casa é confiável!” Ela fingiu-se de ofendida, consultando um livro-razão, porém avisou-o de que precisaria de mais uma descarga de dólares se a próxima viagem dele fosse tão demorada quanto a anterior. A grade subiu e a mulher olhou para mim: “Olhe aqui, Nun-Hel, se sua fofura ficar por mais de uma semana, os apartamentos de solteiros são cobrados

como se fossem de casal. Regras da casa. Se você gosta ou não gosta não é problema meu".

O marinheiro Nun-Hel Han disse que eu só ficaria por uma ou duas noites.

"Uma em cada porto", disse a senhoria, maliciosa. "Quer dizer que essa velha istória é verdadeira mesmo?"

Ela era da União?

Não. As senhorias dessas espeluncas são capazes de judasar a própria mãe por um dólar, e judasando um membro da União podem ganhar muito mais do que isso. Mas elas não gostam de perguntas, explicou-me Hae-Joo, e são ótimas para servir de camuflagem. Na escada em caracol ressoavam ruídos de 3-Ds; finalmente eu estava me acostumando a usar escadas. No nono andar, percorremos um corredor que cheirava a absinto. Hae-Joo pegou na dobradiça da porta um palito de dente que fora colocado ali em segredo, observando que a gerência daquele lugar avia sucumbido a um terrível ataque de onestidade.

No quarto avia um colchão azedo, uma quitinete limpa, um armário cheio de roupas para climas variados, uma kodak dijiada de prostitutas brancas montadas em Nun-Hel Han e dois companheiros, suvenires das Doze Conurbs e de portos menos importantes e, é claro, uma kodak emoldurada do Amado Chefe. Um marlboro sujo de batom equilibrava-se sobre uma lata de cerveja. A janela estava fechada, com a persiana baixada.

Hae-Joo tomou um banho e mudou de roupa, preparando-se para uma reunião da sua célula que duraria a noite toda, recomendando-me manter a persiana baixada e não atender a porta nem o telefone a menos que fosse ele ou Apis com a seguinte senha: ESTAS SÃO AS LÁGRIMAS DAS COISAS, que ele escreveu num pedaço de papel e em seguida queimou no cinzeiro. Meu Sabão estava na geladeira, acrescentou, prometendo que voltaria pouco depois do recolher na manhã seguinte.

Mas como pôde uma desertora tão ilustre ter uma recepção tão pífia?

Uma recepção grandiosa atrairia atenção. Estudei a geografia de Pusan no sony, ingeri meu Sabão, tomei um banho e depois dormi até a ora seis e trinta, quando Hae-Joo voltou com um saco de *tt kbukgi* com cheiro forte, parecendo exausto. Preparei-lhe uma xícara de starbuck; uma coisa muito útil que aprendi nos tempos em que era servidora. Ele bebeu cheio de gratidão. Depois pediu-me que eu ficasse ao lado da janela e cobrisse os olhos.

Obedeci. A persiana foi levantada, guinchando por estar sem uso á muito tempo. “Não olhe…”, ordenou Hae-Joo. “Agora, pode abrir os olhos.”

Uma profusão ensolarada de telhados, vias, colmeias de trabalhadores, AdVs, concreto… e lá, no fundo, o sedimento do céu avia descido a um lugar onde toda a dor das palavras “eu sou” se dissolviam em paz azul.

Ele falou: “O oceano”.

Você nunca o tinha visto?

Só no sony, nos 3-Ds sobre a vida na Exultação, nos tempos do Papa Doc’s, e no livro de Yoona; jamais a coisa em si, com meus próprios olhos. Eu ansiava por ir até lá, tocar nele, caminhar à sua margem. Hae-Joo achava mais seguro eu permanecer escondida durante o dia até que fôssemos transferidos para um lugar mais remoto. Em seguida, deitou-se no colchão, e um minuto depois já estava roncando.

Passaram-se oras; nos fragmentos de oceano entre os prédios eu via navios cargueiros e belonaves. Mulheres de estratos inferiores estendiam roupas de cama gastas nos telhados mais próximos. Depois o céu começou a nublar; aerôs ruidosos atravessavam nuvens metálicas. Eu estudava. Chovia. Hae-Joo revirou-se no colchão, adormecido, e murmurou: “Não, só a amiga de um amigo”, depois calou-se. Da sua boca escorria baba sobre o travesseiro. Pensei no professor Mephi: no nosso último seminário ele me falara sobre seu afastamento da família, confessando que passava mais tempo educando a mim do que à própria filha.

Hae-Joo acordou no meio da tarde, tomou um banho e preparou chá de ginseng. Tenho inveja da comida dos puros-sangues; antes da minha

ascensão, o Sabão era para mim a substância mais deliciosa que se podia imaginar, mas agora ele me parece insosso e insípido. Fico enjoada se como a comida dos puros-sangues. O membro da União baixou a persiana. “Hora da comunicação.” Então tirou da parede a kodak do Amado Líder e a colocou com a imagem para baixo sobre a mesa de centro. Hae-Joo ligou sua sony num bocal escondido na moldura.

Um transreceptor ilegal? Escondido numa kodak do arquiteto de Nea?

O sagrado é um ótimo esconderijo para o profano: os objetos sacros são todos muito parecidos. O 3-D de um omem clarificou-se; parecia uma vítima de uma queimadura séria que recebera um tratamento barato. Os lábios estavam ligeiramente dessincronizados das palavras. Parabenizou-me por ter chegado sã e salva, e perguntou-me quem tinha o rosto mais bonito, ele ou a carpa.

Respondi com sinceridade: a carpa.

O riso de An-Kor Apis virou tosse. “Este é meu rosto verdadeiro, seja lá o que isso quer dizer.” Ele observou que sua aparência doentia era uma vantagem, pois os agentes da lei têm medo do contágio. Então me perguntou se eu avia apreciado a viagem pela nossa amada pátria.

Hae-Joo Im tinha cuidado bem de mim, respondi.

O general Apis quis saber se eu compreendia o papel que a União queria que eu desempenhasse. Respondi que sim, mas não tive tempo de manifestar minha indecisão. “Queremos expô-la a… a uma experiência formadora em Pusan, antes de você tomar a decisão, Sonmi”, ele começou. Advertiu-me que não seria agradável, mas era necessário. “Para você ter oportunidade de tomar com conhecimento de causa a decisão sobre seu futuro conosco.” Se eu não me opunha, o comandante Im me levaria ao lugar em questão naquele instante.

Satisfeita por ganhar tempo, respondi que iria.

“Então voltaremos a conversar em breve”, prometeu-me Apis, desligando seu imageador. Hae-Joo pegou no armário dois uniformes técnicos e duas semiviseiras; vestimos os uniformes, e por cima deles colocamos nossas

capas, por causa da senhoria. Lá fora estava frio para aquela época do ano; ainda bem que eu estava usando um traje por cima do outro. Pegamos o metrô e fomos até o terminal do cais do porto, onde subimos numa pista rolante que nos levou aos ancoradouros, passando por enormes navios que atravessavam os oceanos. O mar à noite era de um negro oleoso; avia um navio, porém, com arcos dourados que pulsavam, parecendo um palácio submarino. Eu o vira antes, numa vida anterior. “A arca dourada de Papa Song”, exclamei, e disse a Hae-Joo que aquele era o navio que levava as servidoras dozestreladas à Exultação no Avaí.

Hae-Joo sabia; íamos embarcar na arca dourada.

A segurança na prancha de embarque era mínima; um puro-sangue sonolento com os pés em cima da mesa, assistindo a uma luta entre gladiadores fabricantes no Coliseu de Shanghai no 3-D. “Você é quem?”

Hae-Joo fez piscar sua Alma: “Técnico do Quinto Estrato Man-Shik Gang”. Pegou seu sony de mão e leu que avia sido enviado para recalibrar os termostatos no convés sete.

“Sete?” O guarda deu uma risada contida. “Espero que não tenha acabado de comer.” Tendo confirmado a ordem de trabalho, o omem me encarou. Olhei para o chão. “Quem é essa maratonete verbal, técnico Gang?”

“Minha nova assessora”, disse Hae-Joo. “Assessora técnica Yoo.”

“É mesmo? Esta é sua primeira visita ao nosso palácio dos prazeres?”

Fiz que sim com a cabeça.

O guarda comentou que a primeira vez é a melhor de todas. Com um movimento preguiçoso do pé, fez sinal para que entrássemos.

Foi assim fácil ter acesso a um navio da corp?

A arca dourada de Papa Song não é exatamente um ímã para passageiros clandestinos, Arquivista. Tripulantes e Assessores zanzavam nos passadiços, ocupados demais com seus afazeres para nos dar atenção. Os elevadores de serviço estavam vazios; descemos sem que ninguém nos questionasse até o ventre da arca. Nossas nikes estalavam nos degraus de

metal. Um motor gigantesco pulsava. Julguei ouvir vozes cantando. Hae-Joo consultou sua planta do convés, destrincou uma escotilha de acesso e fez uma pausa para dizer alguma coisa.

Mudou de ideia, entrou na escotilha, ajudou-me a entrar e em seguida fechou o trinco.

Eu estava num passadiço suspenso do telhado de um depósito de bom tamanho; a extremidade estava oculta atrás de biombos, e o teto era baixo demais para ficarmos em pé. Pelo chão em grade do passadiço vi cerca de duzentas servidoras dozestreladas do Papa Song's sendo processadas, passando por catracas; todas seguiam na mesma direção. Yoonas, Hwa-Soons, Ma-Leu-Das, Sonmis, algumas irmãs de tronco mais velhas que não reconheci. Parecia um sonho, ver minhas ex-irmãs fora de uma cúpula do Papa Song's. Elas cantavam o Salmo de Papa Song, repetidamente. A música se confundia com o ruído de idráulica ao fundo. Pareciam jubilosas. Seu Investimento estava pago; a viagem ao Avaí tinha iniciado; a vida nova delas na Exultação estava prestes a começar.

Você as invejava?

Invejava a certeza delas sobre o futuro.

Com intervalos de cerca de cinquenta segundos, um Assistente à frente fazia entrar a próxima servidora por entre os arcos dourados. As irmãs sempre aplaudiam; a feliz dozestrelada virava-se, acenava e passava, para ser levada à sua cabine. As catracas rodavam as fabricantes, que avançavam. Por fim, Hae-Joo deu-me um tapinha no pé, indicando que eu seguisse em frente, de gatinhas, passando por entre os biombos que separavam o passadiço suspenso da próxima câmara.

Vocês não corriam o risco de ser vistos?

Do fundo do nosso passadiço pendiam luzigotas fortes; lá de baixo ninguém podia nos ver. De qualquer modo, não éramos estranhos, e sim técnicos realizando trabalho de manutenção.

A câmara seguinte era, na verdade, uma cela de confinamento. Avia uma cadeira de plástico em cima de uma plataforma; acima dela pairava um mecanismo volumoso em forma de capacete, suspenso de um monotrilho. Três Assessoras sorridentes, com o uniforme vermelho de Papa Song, levavam a servidora até a cadeira. Uma Assessora explicou-lhe que o capacete removeria o colarinho, conforme prometia o Catecismo Dez. “Obrigado, Assessora”, exclamou a servidora com entusiasmo. “Ah, muito obrigada!”

O capacete foi encaixado na cabeça e no pescoço da Sonmi; foi então que reparei o número de portas que dava na cela. A conclusão que tirei me apavorou.

Qual era o problema?

Só avia uma porta: a entrada do salão de recepção. Uma porta apenas. Por onde aviam saído as servidoras anteriores? Um estalo forte vindo do capacete me fez concentrar a atenção de novo na plataforma; a servidora estava caída para a frente; seus olhos haviam rolado para trás; o cabo que conectava o mecanismo do capacete ao monotrilho enrijeceu; a servidora esticou-se; foi levantada no ar. O cadáver fazia uma espécie de sapateado; o sorriso de entusiasmo que a morte fixara no rosto tensionou-se quando a pele arcou com uma parte do peso. Um trabalhador hooverou o excesso de sangue da cadeira de plástico; outro terminou de limpá-la. O capacete-monotrilho transportava sua carga paralelamente ao nosso passadiço elevado; passou por um biombo, entrando na câmara adjacente. Um novo capacete desceu sobre a cadeira de plástico, onde as três Assessoras já estavam sentando a próxima servidora entusiasmada.

Hae-Joo cochichou em meu ouvido: “Essas você não pode salvar, Sonmi. Elas já estavam condenadas ao entrar no navio”. Não era bem assim; na verdade, já estavam condenadas desde o tanque-útero.

Mais um capacete estalou. Aquela servidora era uma Yoona.

O orror daquela câmara não pode ser expresso nem imaginado; só pode ser vivenciado.

Seguimos em frente, passando por um biombo acústico. Os capacetes levavam os cadáveres para um salão com luz violeta; quando passamos pelo biombo, a celsius baixou de repente, e o rugido das máquinas doeu nos ouvidos.

Lá embaixo surgiu um matadouro industrial, operado por vultos que manuseavam tesouras, serrotes, ferramentas cujo nome desconheço… todos cobertos de sangue, da cabeça aos pés, como uma imagem sádica do inferno. Os demônios cortavam fora colarinhos, arrancavam roupas, raspavam folículos, descascavam peles, amputavam mãos e pernas, cortavam fora a carne, catavam órgãos… O sangue escorria por drenos… o ruído era colossal.

Mas… por que esse — qual o objetivo dessa… carnificina?

A indústria genômica exige grandes quantidades de biomassa liquefeita para os tanques-úteros, e mais ainda para fazer Sabão. Averia um método mais econômico de obter essa proteína do que reciclar fabricantes que tinham chegado ao final de sua vida útil? Além disso, as sobras de "proteína reciclada" são usadas para produzir a comida vendida no Papa Song's, ingerida por consumidores em toda Nea So Copros.

Não. Assassinar servidores para abastecer as comedorias de comida e Sabão… não. A acusação é… absurda. Não estou negando que você viu o que viu, mas deve, só pode ter sido uma… encenação da União, criada para fazer uma lavagem cerebral em você. Esse… "navio-abatedouro" é uma coisa que não pode existir. Nem o Amado Líder nem a Juche permitiriam tamanha depravação! Se os fabricantes não fossem pagos por seu trabalho em comunidades de aposentados, então toda a Pirâmide seria… uma perfídia monstruosa.

Estamos falando de negócios.

Mas… por que motivo isso não veio à tona durante seu julgamento?

Vou repetir, Arquivista: meu "julgamento" não passou de um espetáculo para os formadores de opinião.

Sim, mas o que você alega é… um pesadelo!

Concordo, mas pesadelos não são necessariamente impossíveis. Você conhece pessoalmente alguém que tenha estado na Exultação? E não apenas servidores: as centenas de milhares de fabricantes cuja vida útil termina todo ano. Onde ficam as conurbs deles?

Mas e os 2-Ds do Avaí? Você já assistiu a eles, no Papa Song's da Praça Chongmyo, com seus próprios olhos. É a prova.

A Exultação é um simulacro gerado num sony dijiado em Neo Edo. No arquipélago avaiano de verdade, esse lugar não existe. Sabe, durante minhas últimas semanas no Papa Song's, comecei a achar que as cenas da vida na Exultação estavam se repetindo. A mesma Hwa-Soon descia correndo o mesmo trecho de areia e chegava ao mesmo lago. Minhas irmãs não ascendidas não reparavam, e eu mesma fiquei na dúvida na época; mas agora tudo estava explicado.

Não, não posso aceitar… Não posso entender como uma maldade dessas poderia se arraigar no nosso Estado civilizado. A lei da Nea So Copros é baseada no comércio equitativo.

Minha quinta Declaração explica de que modo a lei foi subvertida. É um ciclo tão velho quanto o tribalismo. No princípio existe um estado de ignorância. A ignorância gera medo. O medo gera ódio, e o ódio gera violência. A violência gera mais violência, até que chega um ponto em que a única lei é a *vontade* dos mais poderosos, seja ela qual for. A vontade da Juche é criar, subjugar e exterminar do modo mais limpo uma imensa tribo de escravos logrados.

Seu Testemunho será este que você está fazendo agora. Eu… mas temos que prosseguir… Por quanto tempo você ficou assistindo a essa matança que relata?

Não lembro. Só lembro que depois Hae-Joo me levou até o refeitório. Puros-sangues jogavam cartas, comiam macarrão, fumavam, enviavam mensagens, contavam piadas, levavam suas vidas normais. Como podiam saber o que estava acontecendo no porão e… não fazer nada, como se

aquele navio fosse uma fábrica de sardinhas? O segurança barbudo sorriu para mim, dizendo para voltar em breve, benzinho.

No metrô os passageiros balançavam; eu “via” cadáveres no monotrilho. Subindo a escada, eu “via” cadáveres sendo içados da câmara de execução. No quarto, Hae-Joo não acendeu o solar; limitou-se a levantar a persiana um pouco para que as luzes da cidade diluíssem a escuridão. Pôs num copo uma dose de *soju*. Desde o navio-matadouro, não avíamos trocado uma única palavra.

Eu, só eu, de todas as minhas irmãs, tinha visto a verdadeira Exultação e sobrevivido.

Fizemos sexo sem alegria, sem graça, necessariamente improvisando; mas foi um ato de seres vivos. As estrelas de suor nas costas de Hae-Joo foram o presente que ele me deu; eu as colhi com a língua.

Hae-Joo fumou um marlboro nervoso em silêncio e examinou meu sinal de nascença com curiosidade. Dormiu por cima do meu braço, amassando-o. Não o acordei; a dor se transformou em dormência; a dormência virou formigamento; então fui me esgueirando até sair de baixo de seu peso. Estendi um cobertor sobre ele; os puros-sangues se resfriam, mesmo quando não está frio. Pusan preparava-se para o recolher. O brilho borrado da cidade foi se amortecendo à medida que as pessoas desligavam os AdVs e as luzes. Àquela altura, a última servidora da última fila já teria morrido. O matadouro já estaria limpo e silencioso; os abatedores, se eram fabricantes, já teriam se deitado. A arca dourada partiria no dia seguinte para outro porto, onde o processo de reciclagem recomeçaria.

Na ora zero, ingeri meu Sabão e juntei-me a Hae-Joo debaixo do cobertor. Seu corpo era quente, vivo e jovem, apesar do orror que tínhamos testemunhado. Por causa do orror, pusemos de lado a lembrança do navio-matadouro, coisa de que são capazes um omem e uma mulher.

Mas você não estava zangada com ele e com Apis por terem exposto você à arca dourada sem tentar prepará-la para o choque extremo?

Não. O que eles poderiam ter me dito?

A manhã trouxe uma névoa suarenta. Hae-Joo tomou uma chuveirada, depois devorou uma tigela enorme de arroz, picles de repolho, ovos e sopa de algas. Eu me lavei; meu amante puro-sangue estava sentado à minha frente, à mesa.

Falei pela primeira vez desde que tinha visto aquela linha de produção de proteína. Disse eu: “É preciso destruir o navio; todos os matadouros semelhantes da Nea So Copros têm que ser afundados”.

Hae-Joo disse: “Sim”.

Disse eu: “Os estaleiros onde eles são construídos precisam ser demolidos; os sistemas que possibilitaram tudo isso têm que ser desfeitos; as leis que permitem a existência deles têm que ser revogadas”.

Hae-Joo disse: “Sim”.

Disse eu: “É preciso convencer todos os consumidores, execs e conselheiros da Nea So Copros que os fabricantes são puros-sangues; se o convencimento não funcionar, os fabricantes ascendidos têm que lutar com a União para atingir essa meta, usando toda a força que for necessária”.

Hae-Joo disse: “Sim”.

Disse eu: “Os fabricantes ascendidos precisam de um Catecismo: para lhes ensinar seus direitos; para cultivar sua raiva; para canalizar suas energias”. Eu era a fabricante que devia escrever essas palavras. Perguntei se a União poderia — daria apoio a uma declaração de direitos como essa.

Hae-Joo disse: “Pode ter certeza que sim”.

Muitos peritos que deram depoimento no seu julgamento negaram que as Declarações pudessem ter sido escritas por uma fabricante, ascendida ou não, e garantiram que foram fantasmadas por um Abolicionista puro-sangue.

É incrível ver como esses “peritos” preguiçosos podem negar algo que não compreendem!

Eu redigi as Declarações em Ūlsukdo Ceo, perto de Pusan, numa vila de execs isolada com vista para o estuário do Nakdong. Durante o período de redação, consultei um juiz, um genomicista, um sintaxista e An-Kor Apis; porém os Catecismos Ascendidos das Declarações, sua lógica e sua ética,

condenados no meu julgamento como “a mais imunda perversidade da istória dos desvios sociais”, foram produzidos pela *minha* mente, Arquivista. Minhas Declarações foram germinadas quando o Vedor Rhee mutilou Yoona~939; nutridas por Boom-Sook e Fang; fortalecidas por Mephi e a Abadessa; paridas no navio-matadouro de Papa Song.

E sua captura ocorreu pouco depois que você terminou o texto?

Na mesma tarde. Uma vez cumprido meu papel, era perigoso me deixar livre. Minha prisão foi dramatizada pela Mídia. Entreguei minhas Declarações no sony a Hae-Joo. Olhamos um para o outro pela última vez; nada que pudéssemos dizer seria tão eloquente quanto o nada. Eu sabia que nunca mais íamos nos encontrar; talvez ele soubesse que eu sabia.

Na periferia da propriedade avia uma pequena colônia de patos selvagens que sobreviveram à poluição; genomas rebeldes lhes davam uma resistência que seus ancestrais puros-sangues não tinham. Dei-lhes migalhas de pão, fiquei vendo os aquâmbulos que faziam depressões na superfície cromada da água, depois voltei para casa e continuei assistindo ao espetáculo lá de dentro. A Unanimidade não me fez esperar muito tempo.

Seis aerôs vieram tubaronando acima d’água; um deles pousou no jardim dos fundos. Agentes pularam para fora, colts em riste, e se aproximaram da minha janela serpenteando-se, com muitos gestos e bravatas destemidas. Eu avia deixado as portas e janelas abertas para eles, porém meus captores representaram uma cena espetacular, com atiradores de elite e megafones.

Você está dizendo que já esperava sua captura, Sonmi?

Uma vez concluído meu manifesto, a próxima etapa só podia ser minha prisão.

O que você quer dizer? “Próxima etapa” do quê?

Da montagem teatral que começou quando eu ainda era uma servidora no Papa Song’s.

Espere aí, espere aí. Mas então… bem, a coisa toda? Você está dizendo que toda a sua… confissão se refere a… eventos programados?

Os eventos principais, sim. Alguns atores não sabiam de nada: Boom-Sook e a Abadessa, por exemplo, mas os protagonistas eram agentes provocadores. Hae-Joo Im e o conselheiro Mephi certamente eram. Você não percebeu as pistas discretas?

Por exemplo?

Wing~027 era um ascendente tão estável quanto eu; será que meu caso era mesmo único? A União arriscaria de verdade sua arma secreta numa viagem de um lado ao outro do país? Quando o Vedor Kwon assassinou a fabricante Zizzi Hikaru na ponte-pênsil, isso não foi uma demonstração um pouco excessiva da brutalidade dos puros-sangues? A ora em que ela ocorreu não foi um pouco oportuna demais?

Mas e Xi-Li, jovem puro-sangue morto na noite em que você fugiu de Taemosan? O sangue dele não era… ketchup!

Aquele pobre idealista foi apenas um figurante descartável no disney da Unanimidade.

Mas… e a União? Você está dizendo que até mesmo a União foi ficcionada para o roteiro?

Não: a União pré-existe a mim, mas sua função não é fomentar a revolução. Primeiro, ela atrai descontentes sociais como Xi-Li e os mantém num lugar onde possam ser observados pela Unanimidade; ela fornece à Nea So Copros o inimigo que se torna necessário em qualquer Estado ierárquico para manter a coesão social.

Ainda não consigo entender por que motivo a Unanimidade se daria o trabalho e a despesa de montar essa… aventura falsa.

Para gerar uma farsa judicial, Arquivista! Para que todos os puros-sangues da Nea So Copros desconfiem de todos os fabricantes. Para manufaturar apoio à Lei de Repressão dos Fabricantes que está sendo

apresentada à Juche. Para desacreditar o Abolicionismo. Toda a conspiração foi um sucesso absoluto.

Mas se você sabia que era uma conspiração, por que colaborou?

Por que é que todos os mártires colaboram com seus judas? Eles veem uma meta ulterior.

Qual é sua meta?

As Declarações. A Mídia inundou a Nea So Copros com meus Catecismos. Todas as crianças em todas as escolas da Nea So Copros agora conhecem minhas doze "blasfêmias". Meus carcereiros me disseram que se está falando de um "Dia de Vigilância" em todo o Estado contra os fabricantes que dão sinais das Declarações. Minhas ideias se multiplicaram em bilhões de exemplares.

Mas qual é o objetivo? Alguma… revolução futura?

Para a Corpocracia, a Unanimidade, o Ministério dos Testamentos e o Líder, eu cito o alerta dado por Sêneca a Nero: você pode matar muitos de nós, mas nunca poderá matar seu sucessor.

Duas perguntas breves para finalizar. Você lamenta a vida que levou?

Como posso lamentar minha vida? Podemos lamentar uma ação escolhida livremente, porém errônea; mas o livre-arbítrio não desempenha nenhum papel na minha história.

Você amava Hae-Joo Im?

Diga ao Diretor do Narcisismo que ele terá que consultar os istoriadores do futuro para saber a resposta. Minha narrativa terminou. Pode desligar sua rogativa prateada, Arquivista. Meu tempo é curto, e vou fazer meu último pedido.

Está bem… pode fazer.

Usar seu sony e seus códigos de acesso.

O que você quer baixar nele?

Quero terminar de assistir a um filme que comecei a ver quando, durante uma ora em minha vida, conheci a felicidade.

O pavoroso calvário de Timothy Cavendish

“Sr. Cavendish? Está acordado?” Uma cobra de alcaçuz num campo de creme de leite entra em foco de repente. O número cinco. Cinco de novembro. Por que é que meu velho bráulio está doendo tanto? Uma pegadinha? Meu Deus, tem um tubo enfiado no meu bilau! Eu luto para me libertar, porém meus músculos não me dão pelota. Lá em cima um frasco alimenta um tubo. O tubo alimenta a agulha enfiada no meu braço. A agulha me alimenta. Um rosto rígido de mulher emoldurado por um corte chanel. “Hum. Ainda bem que o senhor estava aqui quando caiu, sr. Cavendish. Muita sorte mesmo. Se o tivéssemos deixado ficar andando pela charneca, a essa altura o senhor estaria morto dentro de uma vala!”

Cavendish, um nome familiar, Cavendish, quem é esse tal de “Cavendish”? Onde é que eu estou? Vou tentar perguntar a ela, mas só sai um guincho, que nem Peter Rabbit quando ele é jogado do alto da catedral de Salisbury. A escuridão me abraça. Graças a Deus.

Um número seis. Seis de novembro. Já despertei aqui antes. A imagem de uma cabana de sapé. Texto em córnico ou druídico. O tubo foi retirado do meu bilau. Um fedor. Fedor de quê? Minhas canelas são levantadas e minha bunda é limpada com um rápido pano úmido frio. Excremento, fezes, grudado, borrando… cocô. Será que sentei em cima de um troço cheio de

cocô? Ah. Não. Como foi que eu cheguei a esse ponto? Tento me livrar do pano, mas meu corpo só consegue tremer. Um autômato mal-encarado me olha nos olhos. Uma namorada rejeitada? Ih, acho que ela vai me beijar. Ela sofre de deficiência de vitamina. Devia comer mais frutas e legumes, tem mau hálito. Mas pelo menos controla as funções motoras. Pelo menos sabe usar a privada. Sono, sono, sono, venha me libertar.

Fala, memória. Não, nenhuma palavra. Meu pescoço se mexe. Aleluia. Timothy Langland Cavendish consegue controlar o pescoço, e seu nome reapareceu. Sete de novembro. Lembro-me de um ontem e prevejo um amanhã. O tempo não é uma flecha, não é um bumerangue, e sim uma sanfona. Escaras. Há quantos dias estou deitado aqui? Deixa para lá. Quantos anos tem Tim Cavendish? Cinquenta? Setenta? Cem? Como é que se pode esquecer a própria idade?

"Sr. Cavendish?" Um rosto emerge na superfície lamacenta.

"Ursula?"

A mulher olha mais de perto. "Ursula era sua esposa, sr. Cavendish?" Não confie nela. "Não, eu sou a sra. Judd. O senhor teve um AVC. Entendeu? Um derrame piquititinho."

Quando que isso aconteceu?, tentei perguntar. Saiu "Hãaquiõtêêu".

Ela ronronou. "É por isso que está tudo de pernas para o ar. Mas não se preocupe, o dr. Upward diz que estamos melhorando bastante. Nada de ir para um hospital horroroso!" Derrame? Derramou o quê? Margo Roker teve um derrame. Margo Roker?

Quem são vocês todos? *Memória, sua sacana*.

Ofereço esse trio de vinhetas àqueles leitores sortudos que nunca tiveram a experiência de ter a mente demolida por efeito de vasos capilares que espocaram dentro do cérebro. A tarefa de juntar os cacos de Timothy Cavendish foi um feito de editoração de proporções tolstoianas, até mesmo

para o homem responsável por reduzir uma *História da higiene oral na ilha de Wight*, em nove volumes, a meras setecentas páginas. Havia lembranças que não se encaixavam nas outras, ou se encaixavam mas então descolavam. Até mesmo meses depois, como é que eu podia saber se alguma fatia substancial de mim não estaria ainda perdida?

Meu AVC foi relativamente pequeno, sim, mas o mês que se seguiu a ele foi o mais humilhante da minha vida. Eu falava em espasmos. Meus braços estavam mortos. Não conseguia limpar minha própria bunda. Minha consciência era um nevoeiro, e no entanto sabia que estava reduzido à estupidez, e sentia vergonha. Faltava-me coragem para perguntar ao médico ou à irmã Noakes ou à sra. Judd: "Quem é você?", "Já nos conhecemos?", "Para onde eu vou e quando vou sair daqui?". A toda hora eu perguntava pela sra. Latham.

Basta! Um Cavendish que cai dá a volta por cima. Quando *O pavoroso calvário de Timothy Cavendish* for levado às telas, aconselho o senhor, queridíssimo diretor, que vejo como um sueco passional, com gola rolê, chamado Lars, a abordar aquele novembro com uma montagem do tipo "boxeador treinando para a luta decisiva". Cavendish Bravura Indômita toma injeções sem nenhum tremor. Cavendish Curioso redescobre a fala. Cavendish Menino Selvagem é redomesticado pelo dr. Upward e pela enfermeira Noakes. John Wayne Cavendish de andador (promovido a uma bengala, a qual uso até hoje. Segundo Veronica, ela me dá um ar de Lloyd George). Cavendish à la Carl Sagan, enjaulado num relógio de carrilhão. Durante todo o tempo em que Cavendish ficou anestesiado pela amnésia, pode-se dizer que estava até contente.

Então, Lars, ponha um acorde sinistro na trilha sonora.

O noticiário das seis do primeiro dia de dezembro (os calendários do Advento estavam sendo exibidos) estava iniciando. Eu havia comido banana amassada com leite condensado sem deixar cair nada no meu babador. A enfermeira Noakes passou por nós e eu e meus colegas de internação ficamos silenciosos, como pássaros canoros à sombra de um gavião.

Imediatamente, o cinto de castidade da minha memória foi destrancado e removido.

Antes isso não tivesse acontecido. Meus “amigos” na Aurora House eram uns boçais senis que roubavam jogando palavras cruzadas com uma inépcia estarrecedora, e que só me tratavam bem porque no Reino dos Moribundos o mais fraco é a Linha Maginot comum contra o Fuhrer Invencível. A essa altura, eu já estava havia um mês trancafiado por meu irmão vingativo, portanto ficou claro que não havia nenhuma operação nacional de busca voltada para minha pessoa. Eu teria que fugir por conta própria, mas como escapar daquele jardineiro mutante, Withers, se eu levava um quarto de hora para correr cinquenta metros? Como passar a perna em Noakes, aquele Monstro da Lagoa Negra, se eu não lembrava nem mesmo qual era meu código postal?

Ah, o horror, o horror. A banana amassada estava grudada na minha garganta.

Uma vez reentronizados meus sentidos, passei a observar os rituais dezembrinos do homem, da natureza e dos animais. O lago congelou na primeira semana do mês, e os patos patinavam, patéticos. A Aurora House congelava de manhã e fervia ao cair da tarde. A assistente de enfermagem assexuada, chamada Deirdre, pendurou, como era de esperar, enfeites de lantejoulas nas luminárias, e não conseguiu eletrocutar-se. Uma árvore de plástico apareceu num balde embrulhado em papel crepom. Gwendolin Bendincks organizava sessões de criação de enfeites de papel, das quais os Mortos-Vivos participavam com entusiasmo. Os Mortos-Vivos disputavam a honra de abrir as janelinhas do calendário natalino, um privilégio conferido por Bendincks do mesmo modo como a rainha distribui moedas aos pobres na Quinta-Feira Santa: “A sra. Birkin encontrou um boneco de neve bochechudo, gente, não é incrível?”. Atuar como cão pastor da enfermeira Naokes era para ela e Warlock-Williams um nicho de

sobrevivência. Lembrei-me de *Os afogados e os sobreviventes*, de Primo Levi.

O dr. Upward era um desses prêmios Nobel da Arrogância Asnática que são encontrados na administração escolar, no direito e na medicina. Ele visitava a Aurora House duas vezes por semana, e se, aos cinquenta e cinco anos de idade, mais ou menos, sua carreira não estava avançando tanto quanto seu nome prometia, era culpa desses obstáculos desgraçados que sempre surgem na carreira de todos os Emissários da Cura, os *doentes*. Eliminei-o de imediato como um possível aliado assim que o vi pela primeira vez. Tampouco os empregados de meio expediente que limpavam bundas, lavavam banheiras e cozinhavam gororoba iam querer arriscar sua elevada posição na sociedade para deixar um de seus tutelados escapulir.

Não; eu estava mesmo ilhado na Aurora House. Um relógio sem ponteiros. “Liberdade!” é o jingle idiota da nossa civilização, mas apenas aqueles que não são livres é que fazem alguma ideia do sentido dessa palavra.

Alguns dias antes do aniversário de nosso salvador, veio uma van cheia de pirralhos de escolas particulares para cantar músicas natalinas. Os Mortos-Vivos cantavam junto, trocando a ordem das estrofes e emitindo estertores, e a barulheira era tanta que me afastei, não conseguindo nem mesmo achar graça na coisa. Fiquei a mancar pela Aurora House, tentando encontrar meu vigor perdido, precisando ir ao banheiro a cada trinta minutos. (Os órgãos de Vênus são conhecidos por todos nós, porém, irmãos, o órgão de Saturno é a bexiga.) Dúvidas encapuçadas seguiam em meu encalço. Por que estaria Denholme gastando com meus captores seus últimos preciosos copeques para me infantilizar? Teria Georgette, em sua incontinência senil, contado a meu irmão nosso pequeno desvio da autoestrada da fidelidade, tantos anos atrás? Seria aquela armadilha a vingança de um corno?

Mamãe costumava dizer que, para fugir, bastava recorrer ao livro mais próximo. É, mamãe, mas não é bem assim, não. Aquelas sagas que você tanto amava, impressas em tipos bem grandes, que começavam na pobreza, passavam pela riqueza e terminavam em desilusão amorosa, não funcionavam para camuflar as desgraças que lhe foram destinadas pelo lançador de bolas de tênis da vida, não é mesmo? Por outro lado, mamãe, você não deixa de ter razão. Os livros não oferecem uma fuga verdadeira, porém podem ter o efeito de impedir que a mente se coce tanto que acabe ficando em carne viva. Deus sabe que eu não tinha mais xongas para fazer na Aurora House senão ler. Um dia depois da minha recuperação milagrosa, peguei *Meias-vidas* e, acredite-se ou não, comecei a me perguntar se Hilary V. Hush não teria mesmo conseguido escrever um romance policial publicável, no final das contas. Tive uma visão do *Primeiro romance policial da série Luisa Rey* numa elegante encadernação em tons de negro e bronze, à venda nas lojas Tesco; vi depois o *Segundo*, depois o *Terceiro*. A rainha Gwen(dolin Bendicks) trocou um lápis 2B afiado por uma lisonja cega (os missionários são tão maleáveis que se brincar com eles ficam achando que você é passível de conversão), e comecei a fazer uma revisão geral no texto. Uma ou duas coisas terão de ser omitidas: a insinuação de que Luisa Rey é a reencarnação do tal do Robert Frobisher, por exemplo. Isso é coisa de bicho-grilo-muito-louco-nova-era. (Também eu tenho um sinal de nascença, embaixo da minha axila esquerda, mas nenhuma namorada jamais o comparou a um cometa. Para a Georgette, era o Cagalhão do Tim.) Mas, de modo geral, concluí que aquele enredo de jovem escritora contra corrupção numa grande empresa tinha seu potencial. (O fantasma de Sir Felix Finch resmunga: “Mas essa história já foi contada cem vezes antes!”, como se pudesse haver alguma coisa que *não* tivesse sido feita cem *mil* vezes antes, entre Aristófanes e Andrew Debilloyd Webber! Como se a Arte fosse o *Quê*, e não o *Como*!)

Minha revisão de *Meias-vidas* esbarrou num obstáculo natural quando Luisa Rey foi jogada do alto de uma ponte e a porcaria do texto foi interrompida. Arranquei os cabelos e soquei o peito. Existiria a segunda

parte? Estaria ela enfiada numa caixa de sapatos no apartamento de Hilary V. em Manhattan? Estaria ainda em processo de gestação em seu útero criativo? Pela vigésima vez, revirei os desvãos mais recônditos da minha pasta tentando encontrar a carta que viera com o original, porém eu a havia deixado na minha sala no Haymarket.

Fora isso, minha colheita literária rendeu poucos frutos. Warlock-Williams me disse que antes havia na Aurora House uma pequena biblioteca, agora fechada. ("A televisão é muito mais *verdadeira* para as pessoas comuns, em última análise a questão é essa.") Precisei de um capacete de mineiro e uma picareta, pombas, para localizar a tal "biblioteca". Estava no final de um beco sem saída recoberto de pilhas de placas em memória da Grande Guerra, com os dizeres *Não Esqueceremos*. A poeira era profunda, seca e uniforme. Uma prateleira de números antigos de uma revista chamada *Esta Inglaterra*, uma dezena de livros de faroeste de Zane Grey, um livro de receitas intitulado *Para mim sem carne, por favor*. Só restava *Nada de novo no front* (nos cantos de cujas páginas algum escolar criativo havia desenhado há muito tempo as imagens de um boneco se masturbando com seu próprio nariz — onde estarão eles agora?) e *Feras dos céus*, um livro de causos cotidianos de pilotos de helicópteros, assinado pelo "Maior autor norte-americano de histórias de suspense militar" (porém, como eu por acaso estou sabendo, na verdade escrito por um ghost-writer no "Centro de Comando" dele — não vou dar o nome de ninguém para evitar problemas legais) e, para ser franco, o resto que se explodisse.

Peguei todos eles. Para quem está morrendo de fome, casca de batata é *haute cuisine*.

Ernie Blacksmith e Veronica Costello, entrem, está na hora. Eu e Ernie tínhamos nossos momentos, mas se não fossem esses meus companheiros de dissidência a enfermeira Noakes estaria me drogando até a ponta dos cabelos ainda hoje, pombas. Numa tarde nublada, quando os Mortos-Vivos estavam se preparando para o Grande Sono, a equipe da Aurora House

estava numa reunião, e o único som que perturbava a paz da instituição era uma luta-livre entre o Gordo Fauntleroy e o Arrasador, percebi que, coisa rara, alguma mão descuidada deixara a porta da frente entreaberta. Saí na ponta dos pés para um reconhecimento de terreno, munido de uma desculpa que envolvia tonteira e ar fresco. O frio queimou meus lábios e estremeci! Minha convalescença me havia despido da gordura subcutânea; se antes eu estava mais para Falstaff, agora fazia um modelito dom Quixote. Era minha primeira tentativa de sair desde o dia do meu derrame, seis ou sete semanas antes. Circum-naveguei os arredores da casa e encontrei as ruínas de um prédio, depois enfiei-me nos arbustos malcuidados e cheguei até o muro de tijolo que marcava o perímetro do terreno, para procurar buracos ou fendas. Um sapador das forças especiais britânicas poderia ter pulado o muro com ajuda de uma corda de náilon, mas eu era um convalescente de derrame com uma bengala na mão. Montes de folhas cor de papel pardo eram erodidos e formados pelo vento enquanto eu caminhava. Cheguei aos magníficos portões de ferro, que se abriam e fechavam através de uma rebimboca de parafuseta pneumático-eletrônica. Pombas, havia até uma câmara de segurança e um interfone bidirecional ou coisa que o valha! Imaginei a enfermeira Noakes contando vantagem para os filhos (por um triz não escrevi “pais”) dos possíveis moradores, dizendo que todos dormiam em segurança graças a esses equipamentos de ponta, querendo dizer, é claro: “Façam seus pagamentos em dia que vocês não vão ser incomodados nem um pouquinho”. A vista não era muito animadora. Para o sul ficava Hull, meio dia de caminhada para um rapazinho robusto, por estradas secundárias ladeadas por postes de telégrafo. Apenas um viajante de férias perdido seria capaz de ir parar nos portões da instituição. Voltando para casa, ouvi pneus cantando e uma buzina furiosa vinda de um Range Rover vermelho como Júpiter. Saí da frente. O motorista era um sujeito corpulento, que trajava um daqueles anoraques prateados que fazem as delícias dos levantadores de fundos para expedições transpolares. O Range Rover freou ruidosamente sobre o cascalho diante da escada da frente, e o motorista saltou e foi andando cheio de empáfia rumo à recepção como se

fosse um ás voador saído das páginas de *Feras dos céus*. Voltando à entrada principal, passei pela sala da caldeira. Ernie Blacksmith levantou a cabeça: “Uma dose de água de fogo, sr. Cavendish?”.

Ele não precisou repetir a pergunta. A sala da caldeira cheirava a fertilizante, mas era aquecida pela fornalha a carvão. Repimpado num saco de carvão, o sr. Meeks, morador de longa data que conquistara o status de mascote da instituição, arrulhava como um bebê de barriga cheia. Ernie Blacksmith era o tipo de homem silencioso em quem você só repara quando olha pela segunda vez. Aquele escocês atento estava sempre com uma senhora chamada Veronica Costello, que, rezava a lenda, outrora fora proprietária da melhor chapelaria da história de Edimburgo. A pose do casal fazia pensar em moradores de um hotel de terceira tchekhoviano. Ernie e Veronica respeitavam minha decisão de ser um pobre-diabo infeliz, e por isso eu os respeitava também. Ernie pegou uma garrafa de uísque irlandês num balde de carvão. “Você deve estar ficando maluco, se acha que vai conseguir escapulir daqui sem ser de helicóptero.”

Não havia motivo para me escancarar com ele. “Eu?”

Meu blefe estilhaçou-se contra o rochedo de Ernie. “Esteja em casa”, ele me disse, sério, perceptivo.

Sentei-me. “Aqui é aconchegante.”

“Já fui fornalheiro profissional, em tempos idos. Aqui eu opero o sistema de graça, e em troca a administração finge que não vê uma ou duas pequenas liberdades que me permito.” Ele serviu duas doses generosas em copos de plástico. “Vira, vira, vira.”

Chuva no Serengueti! Cactos floresciam, guepardos davam botes! “Onde é que você arranja?”

“O carvoeiro é um sujeito razoável. Mas, falando sério, tem que ter cuidado. O Withers vai até o portão para receber o segundo correio às três e quarenta e cinco todos os dias. Você não vai querer que ele veja você planejando sua fuga.”

“Pelo visto, você está bem informado.”

“Também já fui serralheiro, logo depois do Exército. A gente entra em contato com elementos semicriminosos, quando atua na área de segurança. Guarda-caças, caçadores ilegais, e por aí vai. Não que eu tenha feito coisas ilegais, veja lá, sempre fui um homem às direitas. Mas aprendi que uns bons três quartos das tentativas de fuga nas prisões não dão em nada porque toda a massa cinzenta” — deu um tapinha na testa — “é gasta na fuga em si. Os amadores falam em estratégia, os profissionais falam em logística. Aquela tranca elétrica sofisticada do portão, por exemplo, eu era capaz de desmontar de olhos vendados se quisesse, mas e se não tiver um carro me esperando do outro lado? Dinheiro? Um buraco para se esconder? Pois é isso: sem logística, você vai parar aonde? Dentro da van do Withers cinco minutos depois.”

O sr. Meeks retorceu suas feições de gnomo e articulou as duas únicas palavras coerentes que havia conservado: “Eu *sei*! Eu *sei*!”.

Antes que eu conseguisse descobrir se Ernie Blacksmith estava tentando me alertar ou me sondar, Veronica entrou pela porta de dentro da casa com um chapéu tão vermelho que seria capaz de derreter gelo. Tive que me conter para não fazer uma mesura. “Boa tarde, sra. Costello.”

“Sr. Cavendish, que prazer. Perambulando lá fora nessa friagem?”

“Fazendo trabalho de reconhecimento”, respondeu Ernie, “para a comissão de fuga dele, que tem um membro só.”

“Ah, depois que você é iniciada na ordem dos Anciões, o mundo não quer mais você de volta.” Veronica instalou-se numa cadeira de ratã e ajustou o chapéu no ângulo exato. “Nós — ou seja, qualquer pessoa que tenha mais de sessenta anos — cometemos dois crimes só por existir. Um deles é a falta de velocidade. Nós dirigimos devagar demais, andamos devagar demais, falamos devagar demais. O mundo negocia com ditadores, tarados e traficantes de drogas de todo tipo; agora, ter que desacelerar, *isso* ele não suporta. Nosso segundo crime é servir de *memento mori* para todos. O mundo só fica à vontade, num alegre estado de denegação, quando não estamos à vista.”

“Os pais de Veronica foram condenados à existência perpétua na *intelligentsia*”, observou Ernie, com um toque de orgulho.

Ela sorriu com afeto. “Veja só essas pessoas que vêm aqui nos visitar! Elas merecem tratamento de eletrochoque. Senão, por que é que iam ficar dizendo coisas do tipo ‘Idade é uma questão de estado de espírito!’? O senhor acha que estão querendo enganar a gente? Não: o que elas querem é *se* enganar!”

Concluiu Ernie: “Nós, os velhos, somos os leprosos do mundo moderno. Essa é a verdade”.

Protestei: “Eu não estou marginalizado, não! Tenho uma editora e preciso voltar ao trabalho. Sei que vocês não vão acreditar em mim, mas o fato é que estão me prendendo aqui contra minha vontade”.

Ernie e Veronica trocaram um olhar naquela linguagem secreta só deles.

“O senhor *é* editor? Ou *era*, sr. Cavendish?”

“Sou. Meu escritório fica no Haymarket.”

“Nesse caso”, quis saber Ernie, não sem razão, “o que é que o senhor está fazendo aqui?”

Eis a questão. Contei a eles minha saga improvável até aquele momento. Ernie e Veronica me escutaram como escutam adultos atentos e lúcidos. O sr. Meeks cochilou. Cheguei até meu derrame, quando uma gritaria lá fora me interrompeu. Imaginei que um dos Mortos-Vivos estivesse tendo um ataque, mas quando olhei pela fresta vi que o motorista do Range Rover vermelho-Júpiter estava falando ao celular, aos berros. “Para quê?” A frustração contorcia seu rosto. “Ela vive no mundo da lua! Acha que estamos em 1966!… Não, ela *não* está fingindo. *Você* seria capaz de fazer xixi nas calças de brincadeira?… Não, nada disso. Ela achou que eu era o primeiro marido dela. Diz que não tinha filho nenhum… Você me vem com essa história de Édipo… É, eu contei tudo de novo. Três vezes… Em detalhe, *sim*. Venha aqui e tente você mesmo, se acha que vai se sair melhor… Bom, de mim ela também nunca gostou. Mas traga perfume… Não, para *você*. Ela fede… Ora, você queria que fosse cheiro de quê?… *Claro*, eles fazem o possível, mas não dão conta, é que… escorre o tempo

todo.” Ele montou em seu Range Rover e foi embora ruidosamente. Pensei por um momento em sair correndo atrás e me esgueirar por entre os portões antes que fechassem, mas então me lembrei da minha idade. E além disso a câmara de segurança haveria de me captar, e Withers me pegaria antes que eu tivesse tempo de parar algum carro na estrada.

“O filho da sra. Hotchkiss”, disse Veronica. “Ela era um amor de pessoa, mas o filho, ah, esse são outros quinhentos. Ninguém vira dono de metade das franquias de fast-food em Leeds e Sheffield sendo um amor de pessoa. Uma família que está longe de ser pobre.”

Um mini-Denholme. “Bom, pelo menos ele visita a mãe.”

“Sabe por quê?” Um brilho atraente e maldoso iluminou o rosto da anciã. “Quando a sra. Hotchkiss percebeu que ia ser despachada para a Aurora House, pegou todas as joias da família, enfiou numa caixa de sapatos e enterrou. Agora ela não lembra onde foi, ou então lembra mas não quer dizer.”

Ernie repartiu as últimas gotas do uísque. “O que me irrita neles é essa mania de deixar as chaves na ignição. Toda vez. Isso ele nunca faria lá fora, no mundo real. Mas nós somos tão decrépitos, tão inofensivos, que ele nem precisa tomar cuidado quando vem nos visitar.”

Achei que seria indelicado perguntar a Ernie por que ele havia reparado naquilo. Ernie jamais havia pronunciado uma palavra desnecessária em toda a sua vida.

Passei a visitar a sala da caldeira diariamente. O abastecimento de uísque era errático, mas os frequentadores, não. O papel do sr. Meeks era o mesmo desempenhado por um labrador preto num casamento duradouro depois que as crianças saem de casa. Ernie sabia tecer observações irônicas sobre sua vida e seu tempo e o folclore da Aurora House, mas sua esposa *de facto* era capaz de discorrer sobre quase todas as coisas que há sob o sol. Veronica tinha uma enorme coleção de fotos autografadas de quase-estrelas. Tinha leituras suficientes para valorizar minhas tiradas espirituosas literárias, mas

insuficientes para conhecer minhas fontes. Isso é uma coisa que eu aprecio numa mulher. A ela eu podia dizer coisas do tipo: “A diferença mais curiosa entre felicidade e êxtase é que a felicidade é um sólido e o êxtase é um líquido”, e, consciente de que ela nunca tinha lido J. D. Salinger, eu me sentia espirituoso, encantador e — isso, até mesmo jovem. Percebia que Ernie me observava durante aquelas exibições, mas e daí? Todo homem tem o direito de flertar.

Veronica e Ernie eram sobreviventes. Eles me alertaram a respeito dos perigos da Aurora House: me explicaram que a aca de urina e desinfetante, o passo arrastado dos Mortos-Vivos, o despeito de Noakes e os cuidados constantes redefiniam o conceito de normalidade. Uma vez que uma tirania passa a ser aceita como normal, segundo Veronica, sua vitória é certa.

Graças a ela, eu mantive meu moral. Passei a aparar os pelos do nariz e pedi emprestado a Ernie sua graxa para sapatos. *Engraxe seus sapatos toda noite*, dizia meu velho, *que aí ninguém é melhor que você*. Olhando para trás, percebo que Ernie tolerava minhas fanfarronadas porque sabia que Veronica estava só sendo indulgente comigo. Ernie nunca tinha lido uma obra de ficção em toda a sua vida — “Meu negócio sempre foi rádio” —, mas ao vê-lo mais uma vez dar o sopro da vida àquele sistema de calefação vitoriano eu me sentia superficial. É verdade, o excesso de leitura de romances faz a gente ficar cega.

Bolei meu primeiro plano de fuga sozinho, um plano tão simples que mal chega a merecer tal nome. Ele requeria força de vontade e um pouco de coragem, mas não inteligência. Um telefonema noturno dado do telefone da sala da enfermeira Noakes para a secretária eletrônica da Editora Cavendish. Um S.O.S. para a sra. Latham, cujo sobrinho hooligan é dono de um poderoso Ford Capri. Eles chegam à Aurora House; após ameaças e protestos, eu entro no carro; o sobrinho dá a partida, e vamos embora. Só isso. Na noite de quinze de dezembro (creio eu) acordei de madrugada, vesti meu roupão e saí para o corredor penumbroso. (Minha porta estava

sendo deixada destrancada desde que comecei a me fingir de morto.) Nenhum ruído, salvo os roncos e o encanamento. Pensei na Luisa Rey de Hilary V. Hush xeretando pelos corredores da Swannekke B. (Olhai meus bifocais.) A recepção parecia vazia, porém passei agachado diante da mesa, em estilo tropa de choque, e depois voltei à posição vertical — um feito e tanto. A luz da sala da Noakes estava apagada. Pus a mão na maçaneta, e ela cedeu. Entrei pé ante pé. Pela fresta vinha luz suficiente para me permitir enxergar. Peguei o fone e disquei o número da Editora Cavendish. Não consegui falar com minha secretária eletrônica.

"Impossível completar sua ligação. Desligue, verifique o número e tente outra vez."

Desolação. Concluí que o pior acontecera: os Hoggins tinham tocado fogo no escritório, e até mesmo os telefones haviam derretido. Tentei outra vez, em vão. O único outro número de telefone do qual eu conseguia me lembrar pós-derrame era minha segunda, e última, oportunidade. Depois de cinco ou seis toques nervosos, Georgette, minha cunhada, atendeu, com aquele tom amuado que eu, ó Deus, conhecia tão bem. "Eu já estava deitada, Aston."

"Georgette, sou eu, o Timbo. Chame o Denny, por favor!"

"Aston? O que é que você tem?"

"Não é o Aston, Georgette! É o Timbo!"

"Então passe o fone para o Aston!"

"Eu não conheço nenhum Aston! Escute, você *precisa* chamar o Denny."

"O Denny não pode atender agora."

Georgette nunca bateu muito bem, mas naquele momento ela parecia estar para lá de Bagdá. "Você está bêbada?"

"Só se for um bar chique, de vinhos, com uma boa adega. Eu não suporto pubs."

"Não, me escute, é o Timbo, seu cunhado! Preciso falar com o Denholme."

"Sua voz parece a do Timbo. Timbo? É você?"

"Sou eu, sim, Georgette, e se…"

“Muito estranho você não comparecer ao enterro do seu próprio irmão. Foi o que toda a família achou.”

O chão rodopiou. “O *quê?*”

“A gente sabe que vocês tiveram vários desentendimentos, mas…”

Eu caí. “Georgette, você acaba de me dizer que o Denny morreu? Está falando sério?”

“Claro que sim! Você acha que sou doida, ora?”

“Diga isso de novo.” Perdi minha voz. “O — Denny — morreu?”

“Você acha que eu seria capaz de inventar uma coisa dessas?”

A cadeira da enfermeira Noakes rangeu de traição e tortura. “Como, Georgette, pelo amor de Deus, como?”

“Quem é você? A essa hora da madrugada! Quem é você, afinal? Aston, é você?”

Senti uma cãibra na garganta. “O Timbo.”

“Então, em que buraco você se enfiou?”

“Olha, Georgette. Como foi que o Denny” — falar na coisa a tornava mais real — “faleceu?”

“Dando comida para as preciosas carpas dele. Eu estava passando *foie gras* nuns biscoitos para o jantar. Quando fui chamar o Denny, ele estava flutuando no lago, de bruços. Não sei se já estava lá há um dia, eu não era a ama-seca dele, você sabe. O Dixie tinha falado para o Denny reduzir o sal, a família dele tem casos de AVC. Olha, larga o telefone e põe o Aston na linha.”

“Me diga, quem é que está aí? Com você?”

“Só o Denny.”

“Mas o Denny morreu!”

“Eu sei! Ele está no lago dos peixes há… faz semanas. Como é que eu vou tirar o corpo de lá? Me faz um favor, Timbo, seja bonzinho comigo, compre uma cesta grande lá na Fortnum and Mason’s, está bem? Eu comi todos os biscoitos e os passarinhos comeram todas as migalhas e agora eu não tenho mais nada para comer, só comida de peixe e molho Cumberland. O Aston nunca mais ligou desde que levou emprestada a coleção de arte do

Denny para mostrar ao amigo dele que ia avaliar o preço, e isso já faz… vários dias, quer dizer, semanas. Cortaram meu gás e…”

A luz feriu meus olhos.

No vão da porta estava o vulto de Withers. “Você outra vez.”

Surtei. “Meu irmão morreu! Morreu, entendeu? Mortinho da silva, pombas! Minha cunhada *pirou* e não sabe o que fazer! É uma emergência familiar! Se você tem um pingo de sangue cristão nas veias, vai me ajudar a resolver essa confusão dos diabos, pombas!”

Caro leitor, Withers viu apenas um paciente histérico dando telefonemas inoportunos depois da meia-noite. Empurrou para o lado com o pé uma cadeira que estava à sua frente. Gritei ao telefone: “Georgette, me escuta, estou preso num hospício infernal chamado Aurora House em Hull, entendeu? *Aurora House em Hull*. Pelo amor de Deus arranje alguém para vir aqui e me salvar…”.

Um dedo gigantesco interrompeu a ligação. A unha estava torta e machucada.

A enfermeira Noakes espancou o gongo do café da manhã para declarar o início das hostilidades. “Amigos, nós recebemos em nosso seio um *ladrão*.” Fez-se silêncio na assembleia de Mortos-Vivos.

Uma noz ressecada bateu com a colher em seu prato. “Os árabes é que sabem lidar com ladrão, enfermeira! Lá nos sauditas não tem essa de mão-leve, não! Na tarde de sexta, no estacionamento da mesquita, eles descem a *faca*! Não é? Não é?”

“Tem uma maçã podre no nosso barril.” Era igualzinho ao internato de Gresham, eu juro, sessenta anos depois. O mesmo cereal de trigo se desintegrando na mesma tigela de leite. “Cavendish!” A voz da enfermeira Noakes vibrava como um apito. “Levante-se!” As cabeças daquele bando de cadáveres semivivos, com calças mofadas e blusas sem cor, viraram-se para mim. Se eu reagisse como uma vítima, estaria assinando minha própria condenação.

Era difícil levar aquilo a sério. Eu tinha passado a noite em claro. Denny tinha morrido. Tinha se transformado em carpa, provavelmente. “Ah, pelo amor de Deus, mulher, um pouco de senso de proporção. As joias da coroa continuam bem guardadinhas na Torre de Londres! Eu só fiz dar um telefonema crucial. Se tivesse uma lan house aqui na Aurora House, eu mandaria um e-mail sem nenhum problema! Não quis acordar ninguém. Peço desculpas sinceras. Eu pago a ligação.”

“Ah, mas vai pagar, sim, ora se não vai. Residentes, o que é que nós fazemos com uma maçã podre?”

Gwendolin Bendincks levantou-se e apontou com o dedo. “Que vergonha!”

Warlock-Williams apoiou a iniciativa. “Que vergonha!”

Um por um, os Mortos-Vivos suficientemente lúcidos para acompanhar o enredo entraram no coro. “Que vergonha! Que vergonha! Que vergonha!” O sr. Meeks regia o coral como se fosse Herbert von Karajan. Pus chá na minha xícara, mas uma régua de madeira arrancou-a das minhas mãos.

A enfermeira Noakes cuspia fagulhas elétricas: “Não *ouse* desviar a vista quando está sendo admoestado!”.

O coral morreu de morte morrida, sobrando apenas um ou dois retardatários.

Meus dedos doíam. A raiva e a dor tiveram o efeito de concentrar minha inteligência como uma vara numa sessão de Zazen. “Acho pouco provável que o sr. Withers tenha tido a bondade de informá-la, mas o fato é que meu irmão Denholme morreu. Isso mesmo, está mortinho da silva. Pode ligar para ele, se não acredita em mim. Aliás, eu lhe peço encarecidamente que ligue para ele. Minha cunhada não está bem, e ela precisa que alguém a ajude a preparar o enterro.”

“Como é que você podia saber que seu irmão tinha morrido antes de invadir minha sala?”

Xeque-mate. Ao vê-la dedilhando seu crucifixo, tive uma inspiração. “São Pedro.”

Cara feia. “O que é que tem ele?”

“Num sonho ele me avisou que o Denholme tinha recentemente passado para o Outro Lado. ‘Ligue para a sua cunhada’, ele disse. ‘Ela está precisando da sua ajuda.’ Eu disse a ele que usar o telefone era contra as regras da Aurora House, mas são Pedro me garantiu que a enfermeira Noakes era uma católica praticante e não faria troça da minha explicação.”

La Duca, de fato, foi imobilizada por aquela bobagem. (*Conhece teu inimigo* é um lema mais importante do que *Conhece-te a ti mesmo*.) Noakes pesou as opções: seria eu um meliante perigoso, um louco manso, um praticante da *realpolitik* ou um visionário petrino? “As regras aqui na Aurora House são para o bem de todos.”

Hora de consolidar minha vitória. “Sem dúvida, sem dúvida.”

“Vou ter uma conversinha com Nosso Senhor. Nesse ínterim”, dirigindo-se a todo o refeitório, “o sr. Cavendish estará sob observação. Esse episódio não será esquecido.”

Depois dessa vitória modesta, recorri à paciência (o jogo de cartas, não a virtude, nunca a virtude) na sala de estar, coisa que eu não fazia desde minha malfadada lua de mel com Mme. X em Tintagel. (O lugar era uma espelunca. Só uma sequência de conjuntos habitacionais caindo aos pedaços e lojinhas de suvenires.) O defeito básico da paciência tornou-se óbvio pela primeira vez na minha vida: o resultado da partida é decidido não no decorrer do jogo, e sim quando as cartas são embaralhadas, antes mesmo do início. Qual é o sentido de um jogo assim?

O sentido é que ele deixa a cabeça da gente ir para outro lugar. E o outro lugar não era nada agradável. Denholme já havia morrido fazia algum tempo, mas eu continuava na Aurora House. Imaginei a pior das possibilidades, na qual ele emite uma ordem de pagamento permanente de uma de suas contas misteriosas para arcar com minha estada na Aurora House, por bondade ou por malícia. Então morre. Era segredo que eu ia fugir dos Hoggins, de modo que ninguém sabe que estou aqui. A ordem permanente sobrevive a seu emissor. A sra. Latham diz à polícia que fui

visto pela última vez indo ter com um agiota. O detetive Pancrácio conclui que, não conseguindo o empréstimo nem mesmo por meio de meu último recurso, fugi para outro país. Assim, cinco semanas depois, ninguém mais está procurando por mim, nem mesmo os Hoggins.

Ernie e Veronica se aproximaram da minha mesa. “Eu usava aquele telefone para saber o resultado do críquete.” Ernie estava mal-humorado. “Agora eles vão trancar a sala de noite.”

“Ponha o dez preto em cima do valete vermelho”, aconselhou-me Veronica. “Não ligue para isso, não, Ernie.”

Ele a ignorou. “Agora a Noakes vai querer linchar você.”

“O que é que ela pode fazer? Não me deixar mais comer cereal?”

“Ela vai drogar sua comida! Que nem da última vez.”

“Que diabo você quer dizer com isso?”

“Lembra a última vez que você pisou no calo dela?”

“Quando?”

“A manhã em que você teve aquele AVC oportuno.”

“Você está me dizendo que meu AVC foi… induzido?”

Ernie assumiu uma expressão extremamente irritante de “Acorda, acorda!”.

“Ah, que bobajada! Meu pai morreu de derrame, meu irmão provavelmente também. Pode inventar sua própria realidade, Ernest, mas me deixe fora dela, eu e a Veronica.”

Ernie ficou uma fera. (Lars, diminua a iluminação.) “É. Você acha que é muito esperto, mas não passa de um tapera sulista metido a besta!”

“Melhor ser tapera, seja lá o que isso for, que ser um perdedor.” Eu sabia que ia me arrepender de dizer isso.

“Um perdedor? Eu? Diz isso de novo. Mais uma vez.”

“Perdedor.” (Ah, Demônio da Perversidade! Por que eu deixo você falar por mim?) “O que eu acho é o seguinte: você desistiu do mundo real fora dessa prisão. Vendo outra pessoa tentando fugir, você se sente mal por ter optado pelo leito de morte. É por isso que está tendo esse faniquito agora.”

A boca de fogão de Ernie acendeu-se. “Você não tem nada que ficar me julgando, Timothy Cavendish!” (Os escoceses conseguem transformar um nome perfeitamente normal num palavrão.) “Não consegue fugir nem de um jardim de infância!”

“Se você tem um plano infalível, pode me dizer qual é.”

Veronica tentou intervir. “Meninos!”

Ernie agora estava em ponto de bala. “Não tem plano infalível que resista a uma burrice incurável.”

“Quanta presença de espírito.” Meu sarcasmo me enojava. “Você deve ser um gênio na Escócia.”

“Não, na Escócia gênio é um inglês que consegue ficar preso *por acidente* numa clínica geriátrica.”

Veronica juntou minhas cartas espalhadas. “Vocês dois sabem jogar paciência de relógio? A que tem que somar as cartas para dar quinze?”

“Nós vamos embora, Veronica”, rosnou Ernie.

“Não”, retruquei, levantando-me, para que Veronica não tivesse que escolher entre nós dois e assim manter meu moral. “Quem vai embora sou *eu*.”

Jurei não voltar à sala da caldeira enquanto não recebesse um pedido de desculpas. Por isso não voltei lá naquela tarde, nem no dia seguinte, nem no dia seguinte ao dia seguinte.

Ernie recusou-se a me olhar nos olhos durante toda a semana do Natal. Veronica me dirigia um sorriso triste quando passava por mim, mas deixava claro de que lado ela estava. Olhando para trás, fico estupefato. O que é que eu tinha na cabeça? Comprometer minhas únicas relações de amizade por estar emburrado! Sempre fui talentoso em matéria de emburrar, o que explica muita coisa. As pessoas que emburram tendem a entregar-se a fantasias solitárias. Fantasias sobre o Chelsea Hotel na Washington Square, sobre bater em certa porta. Ela se abre, e a srta. Hilary H. Hush fica *muito* contente ao me ver, trajando uma camisola solta, inocente como Kylie

Minogue, porém tão lupina quanto a sra. Robinson. “Dei meia-volta ao mundo para encontrar você”, digo. Ela vai até o frigobar, pega um uísque e me serve uma dose. “Maduro. Suave. Maltado.” Então a safada me leva até sua cama desfeita, onde eu procuro a fonte da eterna juventude.

Numa estante acima da cama encontro *Meias-vida, Parte II*. Leio os originais, suspenso num Mar Morto pós-orgástico, enquanto Hilary toma uma chuveirada. A segunda parte é ainda melhor do que a primeira, mas o Mestre ensinará sua Discípula a torná-la excepcional. Hilary dedica o romance a mim, ganha o Pulitzer e, ao discursar na cerimônia de entrega do prêmio, confessa que deve tudo a seu agente, amigo e, de certo modo, pai.

Uma doce fantasia. O câncer da cura.

Na Aurora House, a noite de Natal era um prato morno. Saí para dar uma volta (privilégio obtido através do escambo graças a Gwendolin Bendincks) até os portões, para ver alguma coisa do mundo exterior. Segurei o portão de ferro e fiquei olhando por entre as barras. (Ironia visual, Lars. *Casablanca*.) Meus olhos correram pela charneca, pousaram num túmulo pré-histórico, num aprisco abandonado, detiveram-se numa igreja normanda que finalmente sucumbia aos elementos druídicos, passaram para uma casa de força, singraram o mar dos dinamarqueses manchado de tinta até chegar à ponte sobre o Humber e acompanharam o voo de um caça que sobrevoava um campo corrugado. Pobre Inglaterra. História demais para território de menos. Aqui, os anos crescem para dentro, tal como as unhas dos meus dedos dos pés. A câmara de segurança me vigiava. Ela tinha todo o tempo do mundo. Considerei a possibilidade de desemburrar com Ernie e Veronica, mesmo que fosse apenas para ouvir um “Feliz Natal” dos lábios dela.

Não. Os dois que se danem.

“Reverendo Rooney!” Ele tinha numa das mãos um copo de xerez, e na outra coloquei uma torta de frutas. Atrás da árvore de Natal, as luzes coloridas emprestavam um tom róseo à nossa pele. “Tenho um favorzinho pequenino a lhe pedir.”

“Qual seria ele, sr. Cavendish?” Não era de modo algum um padre de comédia. O reverendo Rooney era um clérigo de carreira, a imagem cuspida e escarrada de um moldureiro galês com o qual entrei em choque uma vez em Hereford, mas isso é outra história.

“Gostaria que o senhor pusesse no correio para mim um cartão de Natal, reverendo.”

“Só isso? Mas a enfermeira Noakes não lhe faria esse favor se o senhor pedisse a ela?”

Então aquela bruxa também já havia assumido o controle dele.

“Eu e a enfermeira Noakes nem sempre temos a mesma posição a respeito das comunicações com o mundo exterior.”

“O Natal é uma ótima ocasião para diminuir os espaços que nos separam.”

“O Natal é uma ótima ocasião para não cutucar onça com vara curta, padre. Mas eu queria muito que minha irmã soubesse que tenho pensado nela no aniversário de Nosso Senhor. Por acaso a enfermeira Noakes lhe falou sobre a morte do meu querido cunhado?”

“Terrível.” Sim, ele estava sabendo da história de são Pedro. “Meus sentimentos.”

Tirei do bolso do meu paletó o cartão de Natal. “Eu o enderecei ao ‘cuidador’, para ter certeza de que minha saudação natalina vai chegar até ela. Ela não…” — dei um tapa na testa — “… bate muito bem, lamento dizer. Deixe que eu ponho no bolso da sua batina…” Ele estrebuchou um pouco, mas eu o havia encurralado. “É uma bênção, padre, ter um amigo em quem a gente pode confiar. Muito obrigado, *muito* obrigado, do fundo do coração.”

Simples, eficiente, sutil, uma raposa velha, TC. Quando chegasse o Ano-Novo, a Aurora House haveria acordar e constatar que eu havia

desaparecido, tal como o Zorro.

Ursula me convida a entrar no armário. “Você não envelheceu nem um pouquinho, Timbo, nem você nem essa *coisinha* aqui!” A pelúcia dela roça no meu poste ladeado por duas bolas de naftalina… mas então, como sempre, acordei, e meu pedúnculo inchado era tão prazeroso, e tão útil, quanto um apêndice inchado. Seis da manhã. O sistema de calefação compunha obras no estilo de John Cage. Frieiras ardiam entre meus dedos dos pés. Pensei em Natais do passado, muito mais numerosos do que os do futuro.

Quantas manhãs eu ainda teria que aturar?

“Coragem, TC. Um trem dos correios bem vermelho está levando sua carta para o sul, rumo à Mãe Londres. As bombas de fragmentação que ele contém explodirão no impacto, ao chegar à polícia, ao pessoal do serviço social, à sra. Latham, no velho endereço no Haymarket. Logo, logo, você vai estar longe daqui.” Minha imaginação pintava todos os presentes de Natal atrasados com os quais eu haveria de comemorar minha liberdade. Charutos, uísque envelhecido, uma conversinha telefônica com aquela moça sapeca ao preço de noventa pence por minuto. Por que parar nisso? Uma volta à Tailândia com o dr. Manjuba e o capitão Viagra?

Vi uma meia de lã deformada pendurada no console da lareira. Ela não estava lá quando apaguei a luz. Quem poderia ter entrado pé ante pé sem me acordar? Ernie, pedindo um armistício natalino? Quem mais poderia ser? O Ernie velho de guerra! Tiritando alegremente com meu pijama de flanela, peguei a meia e trouxe-a para a cama. Era muito leve. Virei-a do avesso, e dela saiu uma nevasca de papel. Minha letra, minhas palavras, minhas expressões!

Minha carta!

Minha salvação, reduzida a pedaços. Soquei o peito, puxei os cabelos, trinquei os dentes, machuquei o pulso de tanto bater no colchão. Reverendo Rooney, seu rato, vá para o inferno! Enfermeira Noakes, aquela vaca

bitolada! Enquanto eu dormia, ela se debruçava sobre mim, tal qual o Anjo da Morte! Que belo Natal, sr. Cavendish!

Sucumbi. Sucumbir, derivado do latim *succumbere*, uma necessidade básica da condição humana, especialmente a minha. Sucumbi aos cuidadores bovinos. Sucumbi à etiqueta do presente "Para o sr. Cavendish, dos seus novos amigos — que venham muitos outros Natais na Aurora House!". Sucumbi ao próprio presente: as Maravilhas da Natureza, um calendário com dois meses por página. (Data do óbito não incluída.) Sucumbi ao peru de borracha, ao recheio sintético, às couves-de-bruxelas amargas; às balas de estalo que não estalavam (para não provocar infartos, o que seria péssimo para os negócios), à minúscula coroa de papel, aos apitos chochos, às piadas de salão (Barman: "Vai querer o quê, freguês?". Esqueleto: "Um chope e um pano de chão, por favor"). Sucumbi aos capítulos especiais das novelas, com uma dose extra, natalina, de violência; ao discurso da nossa querida rainha, diretamente do túmulo. Voltando do banheiro após um xixi, encontrei a enfermeira Noakes e sucumbi à sua saudação triunfal: "Feliz Natal, sr. Cavendish!".

Um programa de história na BBC2 naquela tarde mostrou um filme velho de Ypres em 1919. Aqueles destroços infernais do que outrora havia sido uma bela cidade eram o retrato da minha alma.

Três ou quatro vezes apenas na minha juventude vislumbrei as ilhas Ditosas, antes que se perdessem em meio a nevoeiros, depressões, frentes frias, ventos malévolos e marés contrárias… Tomei-as, erradamente, pela condição de adulto. Imaginando que seriam marcos fixos na viagem de minha vida, não lhes registrei a latitude, a longitude, as redondezas. Pombas, burrices da juventude. O que não daria eu agora para ter um mapa inalterável dessa inefável constante? Possuir, por assim dizer, um atlas de nuvens?

* * *

Consegui chegar até o Boxing Day* por estar infeliz demais para me enforcar. Minto. Consegui chegar até o Boxing Day por ser covarde demais para me enforcar. O almoço foi sopa de peru (com lentilhas al dente), e o momento mais animado da refeição foi a busca do telefone celular perdido de Deirdre (o autômato andrógino). Os zumbis divertiam-se imaginando onde ele poderia estar (caído ao lado dos sofás), onde ele provavelmente não estava (na árvore de Natal) e onde certamente não poderia estar (dentro da comadre da sra. Birkin). Dei por mim batendo à porta da sala da caldeira, como um cachorrinho arrependido.

Ernie estava em pé, cercado pelos pedaços de uma máquina de lavar espalhados sobre jornal. “Ih, olha só quem apareceu.”

“Feliz Boxing Day, sr. Cavendish”, saudou-me Veronica, toda sorridente, com um chapéu de pele Romanov. Tinha no colo um livro grosso de poesia. “Entre, por favor.”

“Já faz um ou dois dias”, disse eu, sem jeito, exagerando para menos.

“Eu *sei*!”, grunchou o sr. Meeks. “Eu *sei*!”

Ernie ainda irradiava desdém.

“Hãã… posso entrar, Ernie?”

Ele levantou e depois baixou o queixo uns poucos graus, para demonstrar sua indiferença. Estava desmontando a caldeira mais uma vez, com pequenos parafusos prateados nos dedos grossos sujos de óleo. Não queria facilitar as coisas para mim. “Ernie”, disse eu por fim, “desculpe aquele dia.”

“Certo.”

“Se você não me tirar daqui… vou enlouquecer.”

Ele desmontou uma peça cujo nome eu sequer imaginava. “Certo.”

O sr. Meeks balançava para a frente e para trás.

“Então o que você me diz?”

Ernie sentou-se num saco de fertilizantes. “Ah, não seja frouxo.”

Creio que eu não sorria desde a Feira do Livro de Frankfurt. Meu rosto doía.

Veronica endireitou seu chapéu provocante. “Diga a ele qual é nosso preço, Ernest.”

“Qualquer coisa, qualquer coisa.” Nunca falei algo com tanta certeza. “Qual é o preço?”

Ernie me fez esperar até que a última chave de fenda estivesse guardada em sua bolsa de ferramentas. “Eu e Veronica resolvemos nos aventurar por novas pastagens.” Com o queixo indicou o portão. “Vamos para o norte. Tenho um velho amigo que vai cuidar de nós. Ou seja, você vai ter que nos levar também.”

Por essa eu não esperava, mas o que é que tinha? “Ótimo, ótimo. Será um prazer.”

“Então está combinado. O dia D é daqui a três dias.”

“Já? Então você já tem um plano?”

O escocês fungou, abriu sua garrafa térmica e encheu a tampa de chá preto pungente. “É, pode-se dizer que sim.”

O plano de Ernie era uma sequência altamente arriscada de dominós, um caindo sobre o outro. “Qualquer estratégia de fuga”, pontificou ele, “tem que ser mais engenhosa do que os guardas.” E era mesmo engenhosa, para não dizer audaciosa, mas se um dos dominós não caísse sobre o outro o fracasso instantâneo teria consequência terríveis, principalmente se fosse verdade a macabra teoria de Ernie, de que estávamos sendo drogados. Olhando para trás, surpreendo-me comigo mesmo por ter concordado com aquilo. Sentia tanta gratidão por meus amigos estarem falando comigo outra vez, e uma vontade tão desesperada de sair da Aurora House — vivo —, que minha prudência natural se calou, é o que deve ter acontecido.

O dia 28 de dezembro foi escolhido porque Ernie ficara sabendo, através de Deirdre, que a srta. Judd ia passar uns dias em Hull, por conta de sobrinhas e pantomimas. “Levantamento de informações.” Ernie deu um tapinha na ponta do nariz. Eu teria preferido que Withers ou a harpia Noakes não estivessem em cena, mas Withers só se afastava para visitar a

mãe em Robin Hood's Bay em agosto, e Ernie achava que a sra. Judd era a mais equilibrada, e portanto a mais perigosa.

* * *

Dia D. Cheguei ao quarto de Ernie trinta minutos depois que os Mortos-Vivos foram postos na cama, às dez da noite. "Última chance de pular fora se você acha que não vai aguentar o tranco", disse o escocês ladino.

"Nunca pulei fora de nada na minha vida", respondi, trincando os dentes apodrecidos para não trair que estava mentindo. Ernie desatarraxou a unidade de ventilação e retirou o celular de Deirdre de seu esconderijo. "Você tem voz de bacana", ele havia me informado, ao atribuir papéis a cada um de nós, "e ganha a vida enrolando as pessoas pelo telefone." Disquei o número de Johns Hotchkiss, que Ernie havia copiado do caderno de telefones da sra. Hotchkiss meses antes.

Quem atendeu foi uma voz sonolenta: "O que foi?".

"Ah, sim, sr. Hotchkiss?"

"Sou eu. E você?"

Leitor, você teria ficado orgulhoso de mim. "O dr. Conway, da Aurora House. Estou substituindo o dr. Upward."

"Meu Deus, aconteceu alguma coisa com a mamãe?"

"Infelizmente, sim, sr. Hotchkiss. Peço que controle seus nervos. Acho difícil que ela sobreviva até amanhã de manhã."

"Ah! Ah?"

Uma mulher ao fundo perguntou: "Quem é, Johns?".

"Meu Deus! É mesmo?"

"É."

"Mas… o que é que ela tem?"

"Uma pleurite grave."

"*Pleurite*?"

Talvez minha empolgação com meu papel fosse maior do que meus conhecimentos técnicos. "A pleurite de Healey *nunca* é impossível numa

mulher com a idade da sua mãe, sr. Hotchkiss. Olha, quando o senhor estiver aqui eu lhe explico meu diagnóstico. Sua mãe está pedindo sua presença. Dei a ela vinte miligramas de, hum, morfadina-50, de modo que ela não está sentindo dor. O estranho é que não para de falar numas joias. Repete o tempo todo: 'Preciso falar com o Johns, preciso falar com o Johns…'. Isso faz algum sentido para o senhor?"

A hora da verdade.

Ele engoliu! "Meu Deus. O senhor tem certeza? Ela se lembra onde guardou?"

A mulher ao fundo exclamou: "*O quê? O quê?*".

"Parece que ela faz muita questão de que essas joias fiquem na família."

"Claro, claro, mas onde elas estão, doutor? Onde minha mãe disse que guardou as joias?"

"Olha, tenho que voltar para o quarto dela, sr. Hotchkiss. Nos encontramos na recepção da Aurora House… quando?"

"Pergunte a ela onde — não, diga a ela — diga à mamãe para — escute, doutor — hã…"

"Hum… Conway! Conway."

"Dr. Conway, dava para o senhor segurar o telefone perto da boca da mamãe?"

"Sou médico, não telefonista. Venha para cá o senhor. Aí ela vai lhe dizer o que tem a dizer."

"Diga a ela — para esperar até eu chegar aí, pelo amor de Deus. Diga a ela — que o Pipkins a adora. Nos encontramos… daqui a meia hora."

O fim do começo. Ernie puxou o zíper de sua bolsa. "Bom trabalho. Fique com o telefone, ele pode ligar de volta."

Dominó número dois: eu montando guarda no quarto do sr. Meeks, olhando pela fresta da porta. Devido a seu avançado estado de decadência, nosso leal mascote da sala da caldeira não faria parte da grande fuga, mas o quarto dele ficava em frente ao meu, e Meeks compreendia o sinal de não

fazer barulho. Eram dez e quinze quando Ernie foi até a recepção para noticiar minha morte à enfermeira Noakes. Esse dominó poderia cair para o lado errado. (Tinha havido uma longa discussão para escolher de quem seria o cadáver e quem daria a notícia: a morte de Veronica exigiria um talento dramático que Ernie não possuía para que as suspeitas da nossa megera não fossem despertadas; a morte de Ernie, anunciada por Veronica, foi excluída porque Veronica tinha uma tendência a cair no melodrama; tanto o quarto de Ernie quanto o de Veronica tinham como vizinhos Mortos-Vivos ainda de posse de seus sentidos, os quais poderiam atrapalhar nossos planos. Já o meu quarto ficava na ala das múmias, e meu único vizinho era o sr. Meeks. Por isso fui escolhido para bancar o defunto.) A grande incógnita era a evidente aversão que eu inspirava à enfermeira Noakes. Será que ela viria correndo para contemplar seu inimigo caído e enfiaria um alfinete no meu pescoço para verificar se eu estava mesmo morto? Ou ia antes comemorar em grande estilo?

Passos no corredor. Uma batida à porta. A enfermeira Noakes, farejando a presa. O dominó número três estava quase caindo, mas já havia problemas. Ernie deveria tê-la acompanhado até a porta da minha câmara mortuária. Pelo visto, ela tinha vindo correndo. De meu esconderijo, vi a predadora olhando para dentro do quarto. Ela acendeu as luzes. O recurso clássico dos travesseiros debaixo dos cobertores, mais realista do que se pode imaginar, atraiu-a, e ela entrou. Atravessei o corredor correndo e fechei a porta de repente. A partir daí, o terceiro dominó dependeria das trancas das portas — a tranca de fora era um mecanismo pesado, de rodar, e antes que eu tivesse tempo de girá-la Noakes estava abrindo a porta de novo — com o pé apoiado no alizar —, e sua força demoníaca levava a melhor sobre meu bíceps e esgarçava meus punhos. A vitória, eu sabia, não seria minha.

Assim, resolvi correr um grande risco, e abruptamente soltei a maçaneta. A porta abriu-se de súbito e a bruxa foi parar do outro lado do quarto. Antes

que ela tivesse tempo de voltar ao ataque, consegui fechá-la e trancá-la. Um catálogo de ameaças tirado de *Tito Andrônico* vinha do outro lado da porta. Até hoje tenho pesadelos com elas. Ernie chegou esbaforido com um martelo e alguns pregos grandes. Prendeu a porta ao alizar e deixou a caçadora rosnando na cela que ela mesmo havia inventado.

Lá na recepção, o dominó número quatro manifestava-se como uma luz azul piscando freneticamente no interfone do portão principal. Veronica sabia qual era o botão que deveria apertar. “Estou apertando essa porcaria desse botão há dez minutos enquanto a porcaria da minha mãe está morrendo!” Johns Hotchkiss estava transtornado. “P*** que o p****, que é que está havendo aqui?”

“Tive que ajudar o dr. Conway a controlar a sua mãe, sr. Hotchkiss.”

“Controlar? Com *pleurite*?”

Veronica apertou o botão de abrir e, do outro lado do terreno, o portão, imaginávamos, escancarou-se. (Para evitar que cheguem cartas de leitores perguntando por que não havíamos utilizado esse mesmo botão antes para tentar fugir correndo, explico: o portão fechava-se automaticamente após quarenta segundos; a mesa da recepção normalmente estava ocupada por um funcionário; e além dos portões estendiam-se quilômetros de charneca deserta.) Ouvimos pneus cantando cada vez mais alto em meio à neblina gélida. Ernie escondeu-se no escritório dos fundos e eu recebi o Range Rover na entrada. A mulher de Johns Hotchkiss estava ao volante.

“Como está ela?”, perguntou Hotchkiss, afobado.

“Ainda conosco, sr. Hotchkiss, e continua perguntando pelo senhor.”

“Graças a Deus. O senhor é o tal Conway?”

Eu queria evitar perguntas clínicas. “Não, o doutor está com sua mãe, eu só trabalho aqui.”

“Nunca vi o senhor.”

“Minha filha é assistente de enfermagem aqui, mas, como estão com poucos funcionários e numa situação de emergência com sua mãe, me

pediram para ficar na recepção. Por isso demorei para abrir o portão.”

A mulher dele bateu a porta do carro. “*Johns!* Escute uma coisa, está abaixo de zero aqui e sua mãe está morrendo. Não dá para a gente resolver esses problemas de protocolo depois?”

Veronica apareceu com uma touca resplandecente. “Sr. Hotchkiss? Nós já nos encontramos em várias ocasiões. Sua mãe é minha melhor amiga aqui. Venha logo, por favor. Ela está no quarto. O médico achou perigoso removê-la de lá.”

Johns Hotchkiss estava desconfiado, mas como poderia acusar aquela senhorinha tão simpática de fazer parte de uma conspiração? Sua mulher, apressada, puxou-o, e seguiram pelo corredor.

Eu estava sentado no banco do motorista de um carro outra vez. Ernie colocou no banco de trás sua cara amiga artrítica e mais um número absurdo de caixas de chapéu, depois instalou-se no banco do carona. Eu não havia comprado outro carro depois que Mme. X foi embora, e o intervalo de tempo que se passara desde então não desvaneceu no ar tal como eu esperava. Pombas, qual dos pedais era o quê? Acelerador, freio, embreagem, retrovisor, sinal, manobra. Minha mão foi em direção à chave da ignição. “Você está esperando o quê?”, perguntou Ernie.

Meus dedos insistiam que não havia chave.

“Depressa, Tim, depressa!”

“Não tem chave. Pombas, não tem chave.”

“Ele *sempre* deixa a chave na ignição!”

Meus dedos insistiam que não havia chave. “Era a mulher dele que estava dirigindo! Ela levou as chaves! A desgraçada levou as chaves com ela! Valei-me, meu são Judas! O que é que a gente faz agora?”

Ernie olhou em cima do painel, no porta-luvas, no chão.

“Você não sabe fazer ligação direta?” Havia desespero na minha voz.

“Não seja frouxo!”, ele gritou, remexendo no cinzeiro.

O dominó número cinco mantinha-se firmemente na vertical. “Desculpe…”, disse Veronica.

“Procure atrás da viseira de sol!”

“Aqui não tem nada, só uma, uma, pombas…”

“Desculpe”, disse Veronica, “isso aqui é uma chave de carro?”

Eu e Ernie viramos para ela e gritamos “Nãããão” em estéreo, olhando para a chave Yale. Gritamos de novo quando vimos Withers correndo pelo corredor na penumbra vindo do anexo do refeitório, com os dois Hotchkiss atrás dele.

“Ah”, disse Veronica. “Esta aqui, mais gorda, também caiu…”

Vimos Withers chegar até a recepção. Ele olhou através da vidraça diretamente para mim, passando a imagem mental de um rottweiller destroçando um boneco de pano que representava Timothy Langland Cavendish, idade sessenta e cinco anos e nove meses. Ernie trancou todas as portas, mas o que adiantaria isso?

“E esta aqui?” Estaria Veronica exibindo uma chave de carro a centímetros do meu nariz? “Com o logotipo do Range Rover?”

Eu e Ernie urramos: “*É eeeeessa!*”.

Withers abriu a porta de supetão e desceu a escada correndo.

Meus dedos se confundiram e deixaram cair a chave.

Withers escorregou numa poça d’água congelada e estabacou-se, com as pernas para cima.

Dei com a cabeça no volante e a buzina tocou.

Withers estava tentando abrir a porta trancada. Meus dedos se mexiam enquanto uma queima de fogos de dor explodia dentro de meu crânio. Johns Hopkins gritava: “Tirem suas carcaças de dentro do meu carro senão vou processar vocês! EU VOU PROCESSAR DE QUALQUER JEITO!”. Withers batia na minha janela com um bastão — não, era o punho dele; a pedra do anel da mulher arranhava o vidro; de algum modo a chave entrou na ignição; o motor pegou; luzes feéricas iluminaram o painel; Chet Baker começou a cantar “Let’s Get Lost”; Withers estava pendurado na porta a socá-la; os Hotchkiss estavam de cócoras à frente dos faróis, como pecadores num El

Greco; engrenei a primeira, mas o carro se arrastou em vez de dar a partida, porque o freio de mão estava puxado; a Aurora House iluminou-se como um OVNI em *Contatos imediatos de terceiro grau*; soltei o freio de mão, afastei Withers; engrenei a segunda; os Hotchkiss não estavam se afogando, e sim acenando, e foram ficando para trás, então decolamos!

Contornei o lago, indo em direção contrária aos portões porque a sra. Hotchkiss tinha deixado o carro virado para lá. Olhei no retrovisor — Withers e os Hotchkiss vinham correndo atrás de nós como uma tropa de choque. “Vou atrair os três para longe do portão”, eu disse a Ernie, “para você ter tempo de abrir a fechadura. De quanto vai precisar? Acho que vai ter quarenta e cinco segundos.”

Ernie não tinha me ouvido.

“De quanto tempo vai precisar para abrir a fechadura?”

“Você vai ter que arrombar o portão.”

“*O quê?*”

“Um Range Rover desse tamanho, a oitenta por hora, não tem portão que segure.”

“O *quê?* Você não disse que abria uma fechadura até dormindo?”

“Fechadura eletrônica de último tipo? Nem pensar!”

“Eu não ia trancar a Noakes e roubar um carro se soubesse que você não ia conseguir abrir a fechadura!”

“Pois é, você é medroso, então a gente tem que te dar coragem.”

“Dar coragem?”, gritei, assustado, desesperado, furioso, em partes iguais. O carro se enfiou num arbusto, e o arbusto revidou.

“Mas que coisa *emocionante*!”, exclamou Veronica.

Ernie falava como se estivesse analisando um quebra-cabeça. “Se o poste central não estiver cravado muito fundo, os portões vão abrir na marra com o impacto.”

“E se ele estiver cravado bem fundo?”

Veronica revelou seu lado paranoico. “Nesse caso, nós é que vamos parar num buraco bem fundo! Então, pé na tábua, sr. Cavendish!”

O portão se aproximava, a uma distância de dez comprimentos do carro, depois oito, depois seis. A voz do meu pai vinha do fundo da minha pelve. “Você faz *ideia* da confusão em que se meteu, menino?” Assim, obedeci a ele, e pisei no freio. Mamãe cochichou no meu ouvido: “Ora bolas, Timbo, o que é que você tem a perder?”. O último pensamento que me ocorreu foi que eu havia pisado fundo não no freio, mas no acelerador — *plaft*!

As barras verticais se tornaram diagonais.

Os portões foram arrancados das dobradiças.

Meu coração fez bungee-jump da garganta ao intestino, depois subiu outra vez, depois desceu outra vez, e o Range Rover saiu derrapando pela estrada; mantive meu intestino fechado com toda a força, o freio cantou, mas consegui não cair em nenhuma vala, o motor ainda ligado, o para-brisa ainda intacto.

Parada súbita.

A neblina, ora mais espessa, ora mais rala, dançava diante dos faróis.

“Estamos muito orgulhosos de você”, disse Veronica, “não é, Ernest?”

“Estamos, sim!” Ernie me deu um tapinha nas costas. Ouvi Withers bufando fogo e enxofre, chegando perto de nós. Ernie baixou a janela e berrou em direção à Aurora House: “Taaaaaaapéééééééraaaaaaaaa!”. Pisei de novo no acelerador. Os pneus jogaram cascalho para os lados, o motor floresceu, e a Aurora House desapareceu na noite. Pombas, depois que os pais da gente morrem, eles vêm morar conosco.

“Quer um mapa?” Ernie estava fuçando o porta-luvas. Por enquanto, já havia encontrado óculos escuros e balas.

“Não precisa, não. Decorei a rota. Conheço como a palma da minha mão. Uma fuga é noventa por cento logística.”

“Melhor evitar as estradas principais. Agora tem câmeras nelas e o diabo.”

Pensei na possibilidade de mudar de carreira, de editor para ladrão de carros. “Eu sei.”

Veronica fez uma imitação do sr. Meeks — perfeita. “*Eu sei! Eu sei!*”

Elogiei sua performance.

Uma pausa. “Eu não disse nada.”

Ernie virou-se para trás e deu um grito de surpresa. Quando olhei no retrovisor e vi o sr. Meeks se remexendo na traseira do veículo, quase saí da pista. “Mas como?!”, exclamei. “Quando — quem…”

“Sr. Meeks!”, saudou-o Veronica. “Que grata surpresa.”

“Surpresa?”, retruquei. “Pombas, ele violou as leis da física!”

“Não dá pra gente voltar para Hull”, afirmou Ernie, “e está frio demais para largar uma pessoa na estrada. Amanhã iam encontrar um bloco de gelo.”

“Nós fugimos da Aurora House, sr. Meeks”, explicou Verônica.

“Eu *sei*”, baliu o velho bebum. “Eu *sei*.”

“Um por todos e todos por um, não é?”

O sr. Meeks deixou escapulir uma risada, chupou uma bala e ficou cantarolando o “Hino dos granadeiros” enquanto o Range Rover devorava as distâncias, rumo ao norte.

Uma placa — FAVOR DIRIGIR COM ATENÇÃO EM THAWICKE CROSS — brilhava à luz dos faróis. Neste ponto, Ernie havia assinalado o final do nosso plano de rota com um X vermelho grande, e naquele momento entendi por quê. Um posto de gasolina vinte e quatro horas que atendia a uma estrada principal — ao lado de um pub chamado O Galgo Enforcado. Já passava há muito da meia-noite, mas as luzes ainda estavam acesas. “Estacione no pub. Vou lá comprar uma lata de gasolina para que ninguém nos veja. Depois voto a favor de uma cerveja rápida para comemorar um serviço bem-feito. A besta do Johns deixou o paletó no carro, e no bolso do paletó — tarãã!” Ernie exibiu uma carteira de dinheiro do tamanho da minha pasta. “Tenho certeza de que ele pode pagar uma rodada para nós.”

“Eu *sei!*”, exultou o sr. Meeks. “Eu *sei*!”

“Um Drambuie com soda”, decidiu Veronica, “seria perfeito.”

Ernie voltou cinco minutos depois com a lata. “Tudo bem.” Colocou a gasolina no tanque, depois nós quatro atravessamos o estacionamento e entramos no Galgo Enforcado. “Uma noite friinha”, comentou Ernie, oferecendo o braço a Veronica. Pombas, estava congelando, e eu não conseguia parar de tiritar. “Linda lua, Ernie”, acrescentou Veronica, enlaçando seu braço no dele. “Que noite maravilhosa para uma escapulida!” O risinho dela era como o de uma garota de dezesseis anos. Reprimi com força meu velho demônio, o Ciúme. O sr. Meeks estava trôpego, e assim dei-lhe apoio até chegarmos à porta do pub, onde um quadro-negro anunciava “A partida decisiva!”. Dentro daquela caverna quente, uma multidão assistia a uma partida de futebol pela tevê, vinda de um longínquo fuso horário fluorescente. O jogo estava rolando há oitenta e um minutos, e a Inglaterra estava perdendo da Escócia por um gol. Ninguém sequer percebeu nossa presença. Inglaterra contra Escócia, no estrangeiro, no meio do inverno — já seria a Copa do Mundo outra vez? Teria eu dormido vinte anos, como Rip Van Winkle?

Não gosto de bares com televisão, mas pelo menos ali não havia bate-estaca de *acid house*, e naquela noite a liberdade era o mais doce atrativo. Um cão pastor abriu lugar para nós num banco ao lado da lareira. Ernie pediu as bebidas porque, segundo ele, meu sotaque sulista era tão forte que as pessoas eram capazes de cuspir no meu copo. Pedi uma dose de Kilmagoon e o charuto mais caro que havia no estabelecimento, Verônica pediu seu Drambuie com soda, o sr. Meeks, um refrigerante e Ernie, uma cerveja Angry Bastard. O barman não tirava os olhos da televisão — serviu os drinques usando apenas o tato. Assim que nos instalamos dentro do nosso reservado, um ciclone de desespero percorreu o pub. Pênalti a favor da Inglaterra. O tribalismo eletrizou a plateia.

“Eu queria conferir nossa rota. Ernie, me passe o mapa, por favor.”

“Ele estava com você.”

“Ah. Deve estar no…” Meu quarto. Close-up extremo, diretor Lars, de Cavendish se dando conta de seu erro fatal. Eu havia esquecido o mapa na minha cama. Para a enfermeira Noakes encontrar. Com nossa rota traçada a caneta hidrográfica. “Carro… ah, meu Deus. Acho melhor a gente beber bem rápido e tocar para a frente.”

“Mas a gente está começando a beber agora.”

Engoli seco. “É que o mapa, bom…” Consultei meu relógio e calculei distâncias e velocidades.

Ernie estava começando a entender. “O que é que tem o mapa?”

Minha resposta se perdeu num urro de tristeza tribal. A Inglaterra havia empatado. Naquele *exato* momento, juro que é verdade, Withers apareceu à porta do pub. Seus olhos de Gestapo fixaram-se em nós. Não era um homem feliz. Johns Hotchkiss apareceu a seu lado, nos viu e pareceu ficar felicíssimo. Pegou o celular para chamar seus anjos vingadores. Um terceiro brutamontes, com um macacão sujo de óleo, completava a gangue, mas pelo visto a enfermeira Noakes havia conseguido convencer Johns Hotchkiss a não envolver a polícia na história, por enquanto. Jamais consegui descobrir a identidade do sujeito oleoso, porém compreendi na mesma hora que estávamos derrotados.

Veronica soltou um suspiro frágil. “E eu que estava fazendo planos”, disse ela, meio que cantando, “de ver o tomilho silvestre nas montanhas, e a urze florida…”

Tínhamos pela frente uma semivida regada a drogas e muita televisão vespertina. O sr. Meeks, obediente, levantou-se para acompanhar nosso carcereiro.

Ele soltou um grito bíblico. (Lars: um zoom vindo do estacionamento lá fora, atravessando todo o pub e terminando com um close das amígdalas apodrecidas do sr. Meeks.) Os telespectadores interromperam as conversas, derramaram bebidas e levantaram a vista. Até mesmo Withers ficou paralisado. O octogenário saltou para cima do balcão, como Fred Astaire no auge da forma, e gritou este S.O.S. dirigido à sua irmandade, carregando no sotaque local: “Não haverrá escoceses de verrdade neste barr?”.

Uma frase completa! Ernie, Veronica e eu ficamos estupefatos.

Grande intensidade dramática. Ninguém se mexia.

O sr. Meeks apontou para Withers com um dedo esquelético e pronunciou esta maldição: “Esses ingleses aí estão *trrripudiando* sobre meus *dirrreitos*! Eles fizeram o *diabo* comigo e meus companheiros, e precisamos de *ajuda*!”.

Withers rosnou para nós: “Venham quietinhos encarar o castigo”.

Com essas palavras, nosso captor traiu sua identidade de inglês meridional! Um roqueiro levantou-se como Posseidon, abrindo e fechando as mãos. Um operador de guindaste estava a seu lado. Um sujeito queixudo com um terno de grife. Uma lenhadora com as cicatrizes que atestavam sua profissão.

A televisão foi desligada.

Um highlander retrucou em voz baixa: “Deixa conosco, meu rapaz, que não vamos deixar esses caras pegarem vocês, não”.

Withers olhou à sua volta e deu um sorriso do tipo *cai na real*. “Esses homens roubaram um carro.”

“Você é policial?” A lenhadora se aproximou.

“Então cadê seu distintivo?” O operador de guindaste se aproximou.

“Ah, vá à merda”, interveio Posseidon.

Um pouco mais de cabeça fria e talvez tivéssemos levado a pior, mas Johns Hotchkiss marcou um gol contra fatal. Vendo que seu caminho estava bloqueado por um taco de sinuca, começou sua arenga com as palavras: “Olha aqui, seu *metaleiro* idiota, vá vestir seu saiote…”. Um dos dentes dele caiu dentro do meu Kilmagoon, a cinco metros de distância. (Peguei-o de dentro do copo para guardá-lo como prova, senão ninguém ia acreditar em mim.) Withers agarrou e quebrou o pulso que foi apontado para ele, então jogou um escocês baixinho em cima da mesa de sinuca, mas o ogro era um só e seus inimigos enfurecidos eram muitos. Ah, seguiu-se então uma verdadeira batalha de Trafalgar. Tenho de reconhecer que ver aquele brutamontes ser brutalizado não foi totalmente desagradável, mas quando Withers foi jogado no chão e começou a ser desfigurado por socos, propus

que saíssemos de fininho e pegássemos nosso carro emprestado. Escapulimos pela porta dos fundos e corremos até o estacionamento com toda a rapidez de que eram capazes nossas pernas, cuja idade somada dariam mais de três séculos. Assumi o volante e partimos. Em direção ao norte.

Como tudo isso vai acabar, não sei.

FIM

Muito bem, caro leitor, você merece um epílogo se vem me acompanhando até agora. Meu pavoroso calvário terminou nesta impecável pensão em Edimburgo, administrada por uma discreta viúva, natural da ilha de Man. Depois do quebra-quebra no Galgo Enforcado, nós, os quatro mosqueteiros, fomos até Glasgow, onde Ernie conhece um policial corrupto que saberia tomar conta do veículo do casal Hotchkiss. Lá nossa irmandade dissolveu-se. Ernie, Veronica e o sr. Meeks me despacharam na estação ferroviária. Ernie prometeu-me que assumiria a culpa se a lei algum dia o alcançasse, porque é velho demais para ir a julgamento, o que é uma atitude muito civilizada de sua parte. Ele e Veronica iam para um lugar nas ilhas Hébridas, onde um primo dele, que é pregador e pau para toda obra, dá guaribadas em espeluncas caindo aos pedaços para mafiosos russos e alemães entusiastas do idioma gaélico. Ofereço minhas preces profanas para que tudo corra bem com eles. O sr. Meeks seria depositado numa biblioteca pública com uma plaqueta no pescoço ostentando os dizeres “Favor cuidar deste urso”, mas desconfio que Ernie e Veronica vão levá-lo com eles. Chegando à casa da viúva, dormi sob meu edredom como se fosse o rei Arthur na ilha Ditosa. Por que motivo não peguei o primeiro trem rumo a Londres assim que cheguei lá? Ainda não sei responder direito. Talvez por me lembrar do comentário de Denholme, de que existia vida fora de Londres. Jamais hei de saber qual foi o papel que meu irmão desempenhou no meu encarceramento, mas ele tinha razão — Londres no

mapa da Inglaterra é como um pólipo no intestino. Há todo um país aqui em cima.

Na biblioteca, descobri o número da residência da sra. Latham. Nosso reencontro telefônico foi um momento comovente. É claro que ela sufocou sua emoção dizendo-me o diabo, antes mesmo de contar o que havia acontecido nas últimas semanas. A hidra Hoggins havia demolido meu escritório quando não apareci para ser castrado às quinze horas, mas anos de malabarismos financeiros haviam mantido em pé meu valente empreendimento. A sra. Latham gravou o vandalismo numa câmara de vídeo esperta que lhe foi fornecida pelo sobrinho. Assim, os Hoggins foram imobilizados: fiquem longe de Timothy Cavendish, ela os alertou, senão esta gravação vai parar na internet, e todas as suas condicionais vão se transformar em sentenças de prisão. E desse modo eles foram obrigados a aceitar uma proposta razoável, que lhes dará uma parte dos meus futuros direitos autorais. (Desconfio que, no fundo, ficaram admirados com os nervos de aço daquele buldogue em forma de mulher.) A administração do prédio usou meu sumiço — e a destruição das minhas salas — como desculpa para nos expulsar. No momento exato em que escrevo, minhas antigas salas estão sendo transformadas num Hard Rock Café para americanos atacados pelo banzo. A Editora Cavendish atualmente está sendo tocada de uma casa de propriedade do sobrinho mais velho da minha secretária, que mora em Tânger. Agora, a melhor notícia: um estúdio de Hollywood comprou os direitos de *Soco inglês à francesa* por uma quantia tão absurdamente imensa quanto o número de um código de barras. Boa parte do dinheiro vai para os bolsos dos Hoggins, mas pela primeira vez, desde meus vinte e dois anos de idade, estou cheio da grana.

A sra. Latham cuidou dos meus cartões bancários etc., e agora estou planejando meu futuro em bolachas de chope, como Churchill e Stálin em Ialta, e devo dizer que não será de privações. Vou encontrar um ghost-writer precisado de trabalho para transformar estas anotações que você está lendo num roteiro cinematográfico de minha autoria. Ora, pombas, se Dermot Hoggins, vulgo Espanador, pode escrever um best-seller que vira filme, por

que cargas-d’água Timothy Cavendish, vulgo Lázaro, não pode também? Vou colocar a enfermeira Noakes no livro e no pelourinho. A mulher era sincera — como sói ser a maioria dos fanáticos —, mas nem por isso deixava de ser perigosa, e vou fazer questão de dar o nome dela com todas as letras. A questiúncula do empréstimo do veículo de Johns Hotchkiss terá de ser abordada com delicadeza, mas peixes mais fedorentos já foram fritos em outras circunstâncias. A sra. Latham mandou um e-mail para Hilary V. Hush manifestando nosso interesse em *Meias-vidas*, e o correio entregou a segunda parte uma hora atrás. Uma foto foi incluída, e fiquei sabendo que o “V” é de “Vincent”! E, meu Deus, quanta banha! Estou longe de ser uma sílfide, mas Hilary tem cintura suficiente para encher não duas, e sim três poltronas da classe econômica de um avião comercial. Vou ficar sabendo se Luisa Rey ainda está viva num canto do Cardo Sussurrante, meu escritório *de facto*, a ruína de uma taverna num beco onde Maria, rainha da Escócia, invocou o demônio para ajudá-la em sua causa. O dono do boteco, cujas contas de dois dígitos passariam a ter quatro se sua baiuca fosse em Londinium, administrada com a ajuda de consultorias, jura que vê a infeliz monarca regularmente. *In vino veritas*.

É isso aí, mais ou menos. A meia-idade passou, mas é a atitude, e não o número de anos, que condena uma criatura à condição de Morto-Vivo, ou então lhe concede a salvação. No mundo dos jovens vivem muitas almas Mortas-Vivas. Elas correm de um lado para o outro de tal modo que sua putrefação interior permanece oculta por algumas décadas, só isso. Lá fora, gordos flocos de neve caem sobre telhados de ardósia e muros de granito. Tal como Soljenítsin em Nova York, vou ficar trabalhando no exílio, longe da cidade que me viu vir ao mundo.

Tal como Soljenítsin, hei de voltar, num luminoso entardecer.

---

* O dia 26 de dezembro, em que, no Reino Unido, as pessoas dão presentes para empregados, comerciantes etc. (N. T.)

Meias-vidas
O primeiro romance policial
da série Luisa Rey

40

O mar negro invade o carro, feroz. A água gelada, por efeito de choque, faz com que Luisa recupere os sentidos. A traseira de seu Volkswagen bateu na água num ângulo de quarenta e cinco graus, de modo que o banco protegeu sua coluna, mas agora o carro virou de cabeça para baixo. Ela está presa ao banco pelo cinto de segurança, a poucos centímetros do para-brisa. A água salgada martela sua cabeça. *Saia senão você morre*. Luisa entra em pânico, aspira água e consegue entrar num bolsão de ar, tossindo. *Abra o cinto de segurança*. Ela estrebucha e tenta soltar a fivela. *Aperte o botão.* Nada acontece. *Seu peso travou o mecanismo*. O carro dá meia cambalhota e afunda, e com um barulho terrível uma gigantesca bolha de ar em forma de lula escapole. As roupas de Luisa estão inchadas e pesadas, e aderem à sua pele. Ela ataca o botão, frenética, e o cinto se solta. *Mais ar*. Luisa encontra outro bolsão embaixo do para-brisa coberto de água escura. O peso do mar mantém a porta fechada. *Abra a janela*. O vidro desce um pouco, depois trava, *no lugar exato onde sempre trava*. Ela se debate, consegue enfiar a cabeça, os ombros e o torso pela nesga de janela aberta. Duas palavras aparecem em sua cabeça.

Relatório Sixsmith!

Luisa se enfia mais uma vez no veículo que afunda. *Não enxergo porra nenhuma. Um saco de lixo. Enfiado embaixo do banco*. Ela se dobra para ter acesso àquele espaço confinado… *Está aqui*. Puxa com força, como uma mulher tentando arrastar um saco de pedras. Coloca os pés para fora da janela, mas o relatório está muito longe. O carro, afundando, arrasta-a para baixo. Seus pulmões doem. O peso dos papéis encharcados quadruplicou. O saco de lixo passou pela janela, mas enquanto chuta e se debate Luisa sente o peso diminuir. Centenas de páginas se soltam da pasta baunilha, indo para onde o mar as levar, rodando em torno dela, *cartas de baralho na história de Alice*. Luisa livra-se dos sapatos. Seus pulmões gritam, xingam, imploram. Cada batida do coração é uma pancada nos ouvidos. *Para que lado fica a superfície?* A água está turva demais para que consiga adivinhar. *Em direção contrária ao carro*. Seus pulmões vão explodir em mais alguns instantes. *Onde está o carro?* Luisa percebe que o preço que pagou pelo Relatório Sixsmith foi sua própria vida.

41

Isaac Sachs, olhando para baixo, contempla uma manhã luminosa na Nova Inglaterra. Subúrbios que são labirintos de pequenas casas de marfim e gramados de seda, onde estão incrustadas piscinas turquesa. A janela do jatinho em que seu rosto se encosta está fria. Dois metros diretamente abaixo de seu banco há uma mala com uma quantidade de C-4 suficiente para transformar um avião num meteoro. *Pois então*, pensa Sachs, *você obedeceu à sua consciência. Luisa Rey está com o Relatório Sixsmith*. Ele tenta se lembrar do rosto dela, com o máximo de detalhe possível. *Você está em dúvida? Sente alívio? Medo? Orgulho?*

Um pressentimento de que nunca mais vou vê-la.

Alberto Grimaldi, o homem que ele traiu, está rindo do comentário feito por um assessor. A comissária de bordo passa com uma bandeja cheia de

copos de bebida, a tilintar. Sachs encontra refúgio em seu caderno, onde escreve as frases que se seguem.

- *Exposição: o funcionamento do passado* real *e do passado* virtual *pode ser ilustrado por um evento histórico conhecido por todos, como o naufrágio do* Titanic. *O desastre, tal como se deu realmente, vai submergindo na obscuridade à medida q testemunhas oculares morrem, documentos perecem e os destroços do navio se dissolvem em sua sepultura no fundo do Atlântico. No entanto, um naufrágio* virtual *do* Titanic, *criado a partir de lembranças, textos, relatos orais, histórias de ficção retrabalhadas — em suma, de crenças —, vai se tornando cada vez mais "verdadeiro". O passado real é frágil, cada vez + apagado e + difícil de acessar e reconstruir: em contraste, o passado virtual é maleável, cada vez + nítido e + difícil de contornar/denunciar como uma fraude.*
- *O presente manipula o passado virtual em seu próprio interesse, p/ dar crédito a suas mitologias e legitimidade à imposição da sua vontade. O poder busca, o poder* é *o direito de fazer "paisagismo" no passado virtual. (Aquele q paga o historiador determina como ficará a história.)*
- *A assimetria exige q haja também um* futuro *real e um virtual. Imaginamos como vai ser a semana q vem, o ano q vem ou o ano 2225 — um futuro virtual, construído por desejos, profecias e devaneios. Esse futuro virtual pode influenciar o real, como naquelas profecias q acabam se autorrealizando, mas o futuro real vai eclipsar o virtual, tal como o amanhã vai eclipsar o hoje. Tal como a utopia, o futuro real e o passado real só existem numa distância nevoenta, onde já não servem p/ nada p/ + ninguém.*
- *Pergunta: haverá uma distinção significativa entre um simulacro feito com fumaça, espelhos e sombras — o passado real — e outro simulacro do mesmo tipo — o futuro real?*
- *Um modelo do tempo: uma boneca russa infinita de momentos pintados, cada camada* (*o presente*) *dentro de uma sucessão de camadas*

(*presentes anteriores*) *a que dou o nome de passado real, porém q nós* percebemos *como o passado virtual. A boneca do "agora" também contém uma sucessão de presentes ainda por vir, q eu denomino futuro real, mas q nós percebemos como futuro virtual.*

- *Proposição: estou apaixonado por Luisa Rey.*

O detonador é acionado. O C-4 pega fogo. O jato é engolido por uma bola de chamas. Os metais, plásticos e circuitos do jato, os passageiros, seus ossos, roupas, cadernos e cérebro, tudo isso perde definição num incêndio que ultrapassa a marca dos mil e duzentos graus Celsius. Os incriados e os mortos existem apenas nos nossos passados reais e virtuais. Agora a bifurcação entre esses dois passados terá início.

42

"Betty e Frank estão precisando de um reforço financeiro", diz Lloyd Hooks à sua plateia no café da manhã do Swannekke Hotel. Um círculo de neófitos e acólitos ouve com muita atenção a fala do homem que serve o presidente da República na qualidade de guru das questões de energia. "Assim, eles resolvem que Betty vai rodar a bolsinha pra ganhar uns trocados. Anoitece, Frank leva Betty de carro até a rua do michê, onde ela vai iniciar sua nova profissão. 'Frank', pergunta Betty, 'quanto devo cobrar?' Frank faz uns cálculos e responde: 'Cem dólares pelo serviço completo'. Então Betty se afasta e Frank estaciona numa travessa de pouco movimento. Não demora e chega um sujeito num Chrysler velho e amassado, que pergunta a Betty: 'Quanto que é a noitada, meu bem?'. Betty responde: 'Cem dólares'. O cara diz então: 'Eu só tenho trinta dólares. O que é que dá pra fazer por trinta dólares?'. Betty vai correndo até Frank e pergunta a ele. Frank responde: 'Diz para ele que trinta dá pra uma punheta'. Assim, Betty volta pro sujeito…"

Lloyd Hooks percebe que Bill Smoke está lá atrás. Bill Smoke levanta um dedo, dois, três; os três dedos se transformam num punho cerrado; o punho cerrado vira um gesto de quem dá uma navalhada. *Alberto Grimaldi morreu; Isaac Sachs morreu; Luisa Rey morreu. Vigarista, traidor, xereta*. Os olhos de Hook dizem a Smoke que ele compreendeu, e um fragmento de um mito grego surge em sua mente. *O arvoredo sagrado de Diana era guardado por um sacerdote guerreiro que levava uma vida de luxos, mas que conquistava seu posto matando seu antecessor. Quando ele dormia, corria risco de vida. Grimaldi, você dormiu demais*.

"Mas, então, Betty volta pro sujeito e diz a ele que por trinta ela bate uma punheta, e aí é pegar ou largar. O cara responde: 'Certo, meu bem, eu topo, entra aqui. Você conhece alguma travessa com pouco movimento aqui perto?'. Betty leva o sujeito até a travessa onde está Frank, e o homem baixa as calças e revela… bom, uma… jeba realmente colossal. '*Peraí!*', exclama Betty. 'Volto já.' Ela salta do carro do sujeito e bate na janela de Frank. Frank baixa o vidro. 'Mas o que foi?'" Hooks faz uma pausa antes do desfecho da piada. "Diz Betty: 'Frank, Frank, empresta setenta dólares pra esse cara!'."

Os homens que um dia seriam membros da diretoria gargalham como hienas. *Quem disse que dinheiro não compra felicidade*, pensa Lloyd Hooks, satisfeito, *claramente era um duro*.

43

Pelo binóculo, Hester Van Zandt observa os mergulhadores em sua lancha. Uma adolescente descalça de poncho, com uma expressão de tristeza, caminha pela praia e faz uma carícia no vira-lata dela. "Já acharam o carro, Hester? O canal é bem fundo naquele trecho. É por isso que lá é tão bom pra pescar."

"Não dá pra saber desta distância."

“É meio uma ironia se afogar no mar que você está poluindo. O guarda ficou afinzão de mim. Me disse que foi uma motorista bêbada, uma mulher, por volta das quatro da manhã.”

“A ponte de Swannekke é de segurança total, que nem a ilha. A Seaboard pode dizer o que der na veneta dela. Ninguém vai tirar a teima.”

A adolescente boceja. “Você acha que ela morreu afogada no carro, a mulher? Ou que ela conseguiu sair e meio que se afogou depois?”

“Não sei.”

“Se ela estava tão bêbada que enfiou o carro na grade, não ia dar pra nadar até a costa.”

“Vai saber.”

“Maneira horrível de morrer.” A adolescente boceja e se afasta. Hester volta para seu trailer, com passo arrastado. Milton, o ameríndio, está sentado à porta, bebendo leite direto da caixa. Ele enxuga a boca e diz: “A Mulher-Maravilha acordou”.

Hester contorna Milton e pergunta à mulher deitada no sofá como ela está se sentindo.

“Com sorte por estar viva”, responde Luisa, “com a barriga cheia de bolo, e mais seca. Obrigada por me emprestar suas roupas.”

“Sorte a gente ser do mesmo tamanho. Os mergulhadores continuam procurando seu carro.”

“O Relatório Sixsmith, não o meu carro. Meu cadáver seria um bônus.”

Milton tranca a porta. “Então você arrebentou a grade, caiu no mar, saiu de dentro de um carro afundando e nadou trezentos metros até a margem, e escapou só com contusões.”

“Dói muito quando eu penso no meu seguro.”

Hester senta-se. “E agora, você vai fazer o quê?”

“Bom, primeiro tenho que ir ao meu apartamento pegar umas coisas. Depois vou ficar com minha mãe, em Ewingsville Hill. Depois… volto pra estaca zero. Não vou conseguir fazer nem a polícia nem meu editor se interessar pelo que está acontecendo na ilha Swannekke sem o relatório.”

“Lá na sua mãe é seguro?”

“Enquanto a Seaboard achar que eu morri, o Joe Napier não vem atrás de mim. Quando eles descobrirem…” Ela dá de ombros, tendo adquirido uma armadura de fatalismo depois dos acontecimentos das últimas seis horas. “Totalmente seguro, talvez não. Um grau aceitável de risco. Não estou acostumada a fazer esse tipo de coisa, de modo que não sou nenhuma perita no assunto.”

Milton enfia os polegares nos bolsos. “Eu te levo de carro pra Buenas Yerbas. Me dá um minuto, vou chamar um amigo e peço a ele pra trazer a picape.”

“Bom sujeito”, diz Luisa, depois que ele vai embora.

“Ao Milton eu era capaz de confiar minha vida”, responde Hester.

44

Milton entra na venda cheia de moscas que atende ao camping, aos moradores dos trailers, aos banhistas, às pessoas que passam de carro indo para Swannekke e às casas isoladas das redondezas. O rádio atrás do balcão começa a tocar uma música dos Eagles. Ele põe uma moeda no telefone público, olha à sua volta para ver se não tem ninguém escutando e disca um número que sabe de cor. Vapor d’água emerge das torres de resfriamento de Swannekke como gênios da lâmpada em forma de couve-flor. Postes se sucedem em direção ao norte, rumo a Buenas Yerbas, e ao sul, rumo a Los Angeles. *Engraçado*, pensa Milton. *Energia, tempo, gravidade, amor. As forças realmente fortes são todas invisíveis*. Alguém atende o telefone. “Alô!”

“Napier? Sou eu. Escuta, é a respeito duma mulher chamada Luisa REY. É, mas e se ela não morreu? E se ainda estiver andando por aí chupando pirulito e pagando as contas? Você gostaria de saber onde está? É mesmo? Quanto? Não, *você* me diz quanto. Está bem, então multiplica por dois… não? Foi um prazer falar com você, Napier, eu tenho que desligar…”

Milton faz um esgar. “A conta bancária de sempre, no máximo um dia útil, *por favor*. Certo. O quê? Não, ninguém mais viu ela, só a doida da Van Zandt. Não. Ela falou nisso, sim, mas ficou no fundo do mar. Garantido. Comida de peixe. Claro que não, essas informações especiais são só pra você… Certo, eu vou levar a figura pra casa, depois ela vai pra mãe… Está bem, uma hora. A conta de sempre. Um dia útil.”

45

Luisa abre a porta de seu apartamento ouvindo os ruídos de uma partida de beisebol dominical e sentindo cheiro de pipoca. “Desde quando eu deixo você usar o fogão?”, ela diz a Javier. “Por que baixou todas as persianas?”

Javier vem correndo pelo corredor, sorridente. “Oi, Luisa! Foi seu tio Joe que fez a pipoca. A gente está assistindo ao jogo dos Giants contra os Dodgers. Por que é que você está com essa roupa de velha?”

Luisa sente uma náusea interior. “Vem cá. Cadê ele?”

Javier ri. “No seu sofá! O que houve?”

“Sua mãe está chamando você.”

“Ela está fazendo hora extra no hotel.”

“Luisa, não fui eu, lá na ponte, não fui eu!” Joe Napier aparece atrás do menino, com as mãos de palmadas, como se para tranquilizar um animal assustado. “Me escuta…”

A voz de Luisa treme. “Javi! Rua! Atrás de mim!”

Napier levanta a voz. “Escute…”

Estou falando com meu próprio assassino. “E por que cargas-d’água vou ouvir o que você quer me dizer?”

“Sou a única pessoa ligada à Seaboard que não quer ver você morta!” A calma de Napier já foi para o espaço. “No estacionamento, eu estava tentando avisar você! Pensa nisso! Se fosse eu, acha que ia estar conversando com você agora? Na frente de uma testemunha? Não vá

embora, pelo amor de Deus! É perigoso! Seu apartamento ainda pode estar sendo vigiado. É por isso que as persianas estão baixadas.”

Javier parece estupefato. Luisa segura o menino, mas não sabe qual é a direção mais segura para seguir. “Por que é que você está aqui?”

Napier está calmo de novo, porém cansado e preocupado. “Eu conheci seu pai, no tempo em que ele era policial. A gente comemorou o fim da guerra no cais de Silvaplana. Entra, Luisa. Senta aí.”

46

Joe Napier calculava que o filho da vizinha prenderia Luisa pelo tempo suficiente para que ela o ouvisse. Não está orgulhoso de constatar que seu plano deu certo. Napier, que é mais de observar do que de falar, constrói suas frases com cuidado. “Em 1945, eu já era policial há seis anos no distrito de Spinoza. Não recebera nenhum elogio, nenhuma punição. Um policial comum, que não saía da linha e namorava uma moça comum, datilógrafa. No dia quinze de agosto, o rádio disse que os japoneses tinham se rendido e toda Buenas Yerbas passou a noite na maior comemoração. A bebida rolava, os carros aceleravam, as pessoas soltavam rojões, todo mundo tirou folga mesmo que o patrão não tivesse liberado o ponto. Por volta das nove, mais ou menos, eu e meu parceiro fomos chamados porque alguém tinha atropelado uma pessoa e ido embora sem prestar socorro, lá no bairro coreano. Normalmente a gente não cobria esse lado da cidade, mas a vítima era um garoto branco, e aí os parentes dele iam ficar fazendo perguntas. A gente estava indo pra lá quando chegou um código oito do seu pai, mandando todos os carros disponíveis pro cais Silvaplana. Ora, havia uma regra na polícia: quem vai para aquele lado do cais do porto não está a fim de subir na carreira. A máfia tinha armazém lá, sob proteção da prefeitura. Mais ainda, o Lester Rey”, Napier resolve não atenuar a linguagem, “era conhecido como o pé no saco caga-regras do décimo

primeiro distrito. Mas dois policiais tinham sido mortos, e aí a coisa muda de figura. Podia ser um camarada da gente sangrando no chão. Então saímos em disparada e chegamos ao cais logo depois de outro carro do Spinoza, com o Brozman e o Harkins. No começo não vimos nada. Nada do Lester Rey, nenhuma radiopatrulha. As luzes do cais do porto estavam apagadas. Nosso carro foi seguindo entre duas muralhas de contêineres, e aí entramos num pátio onde havia homens carregando um caminhão do Exército. Comecei a achar que a gente estava no lado errado do cais, quando me toquei que os homens estavam trabalhando muito depressa. Aquilo não fazia sentido, numa noite em que estava todo mundo comemorando. Então choveu uma saraivada de balas no nosso carro, e a coisa começou a fazer muito sentido. O Brozman e o Harkins levaram a primeira onda — freadas, caco de vidro pra todo lado, nosso carro derrapou e bateu no deles, eu e meu parceiro saltamos rolando no chão e ficamos atrás de uma pilha de tubos de aço. A buzina do carro do Brozman dispara, e eles não aparecem. Mais balas voando em volta da gente, eu me cagando de medo — fui trabalhar na polícia pra *fugir* da guerra. Meu parceiro começa a atirar também. Eu vou nas águas dele, mas a probabilidade de a gente acertar alguém é quase zero. Pra ser franco com você, até gostei quando o caminhão foi saindo. Idiota que eu era, saí de trás dos tubos cedo demais — tentando ver se conseguia anotar alguma placa.” A língua de Napier está doendo. “Aí acontece um monte de coisa ao mesmo tempo. Um homem vem correndo pra cima de mim do outro lado do pátio. Eu atiro nele. E erro o alvo — o melhor erro da minha vida, e da sua também, Luisa, porque se eu acerto seu pai você não estava aqui agora. O Lester Rey está apontando pra trás de mim quando passa correndo, e chuta um objeto que estava rolando na minha direção, jogado do caminhão. Aí uma luz fortíssima me cega, algo acerta minha cabeça fazendo barulho e uma pontada de dor atravessa minha bunda. Fiquei deitado onde eu caí, meio desacordado, até que chegaram os padioleiros e me botaram dentro da ambulância.”

Luisa continua muda.

“Tive sorte. Um estilhaço de granada rasgou minhas duas nádegas. Fora isso, eu estava bem. O médico disse que era a primeira vez que ele via um único projétil fazer quatro furos. Já seu pai, como você sabe, não estava tão bem. O Lester estava que nem um pedaço de queijo suíço. Ele foi operado, mas não conseguiram salvar o olho dele, na véspera de eu ter alta. Mas seu pai não entrou numa de autocomiseração; trocamos um aperto de mãos e eu fui embora, sem saber o que dizer. A coisa mais humilhante que você pode fazer por um homem é salvar a vida dele. O Lester sabia disso também. Mas não passa um dia, talvez nem mesmo uma hora, sem que eu pense nele. Toda vez que eu me sento.”

Luisa permanece muda por mais algum tempo. “Por que você não me contou tudo isso na ilha Swannekke?”

Napier coça a orelha. “Fiquei achando que você ia usar minha ligação com seu pai pra me pressionar…”

“Pra me dizer o que realmente aconteceu com o Rufus Sixsmith?”

Napier não diz nem que sim nem que não. “Eu sei como os repórteres trabalham.”

“*Você* está criticando a *minha* integridade?”

Ela está falando de modo geral — não é possível que saiba da casa de Margo Roker. “Se você continuar procurando o relatório do Rufus Sixsmith”, Napier se pergunta se ele devia mesmo dizer isso na frente do menino, “vão matar você, isso é garantido. Não vou ser eu, não! Mas a coisa vai acontecer. Estou implorando. Vai embora desta cidade, agora. Larga toda a sua vida antiga, seu emprego, e vai embora.”

“O Alberto Grimaldi mandou você me dar esse recado, não foi?”

“Ninguém sabe que eu estou aqui — pelo amor de Deus, senão vou ficar tão ameaçado quanto você.”

“Uma pergunta, primeiro.”

“Você quer me perguntar se…” — ele lamenta o menino estar presente — “se o ‘destino’ do Sixsmith foi coisa minha. A resposta é: não. Esse tipo de… serviço, isso não é da minha conta. Não estou dizendo que sou inocente, não. Estou dizendo que sou culpado só de olhar pro outro lado.

Um assecla do Grimaldi matou o Sixsmith e empurrou você da ponte ontem à noite. Um homem chamado Bill Smoke — um nome entre muitos, imagino. Não posso fazer você acreditar em mim, mas espero que acredite."

"Como é que você sabia que eu tinha sobrevivido?"

"Vã esperança. Olha, a vida é mais preciosa que qualquer furo de reportagem. Estou implorando, pela última vez, e vai ser a última mesmo, pra você desistir dessa matéria. Agora eu tenho que ir embora, e peço a Deus que você vá também." Ele se levanta. "Uma última coisa. Você sabe usar uma arma?"

"Eu tenho alergia a arma."

"Como assim?"

"Tenho nojo de arma. Literalmente."

"*Todo mundo* deve aprender a usar uma arma."

"É, eu vejo muita gente assim lá no necrotério. O Bill Smoke não vai ter a delicadeza de esperar enquanto eu tiro a arma da minha bolsa, não é? Minha única saída é conseguir uma prova, pra que essa coisa toda venha à luz, e aí nem vai adiantar mais me matarem."

"Você está subestimando a capacidade humana de fazer vinganças mesquinhas."

"Por que é que você está preocupado comigo? Já pagou sua dívida com meu pai. Já está quite com sua consciência."

Napier suspira com tristeza, entendendo que não vai conseguir mais nada. "Obrigado pela partida, Javi."

"Você é um mentiroso", diz o garoto.

"Eu menti, sim, mas nem por isso sou um mentiroso. Mentir é errado, mas quando o mundo está de ponta-cabeça, às vezes um delito pequeno é uma boa ação das grandes."

"Isso não faz sentido."

"Você está coberto de razão, mas mesmo assim é verdade."

Joe Napier sai do apartamento.

Javier também está zangado com Luisa. "E você briga comigo, que eu estou arriscando a vida, só porque eu pulo de uma varanda pra outra?"

47

Os passos de Luisa e Javier reverberam no oco da escada. Javier olha por cima do corrimão. Os andares mais baixos vão subindo como as voltas da espiral de uma concha. Um vento de vertigem o faz ficar um pouco tonto. A mesma coisa acontece se ele olhar para cima. “Se pudesse ver o futuro”, ele pergunta, “você olhava?”

Luisa balança a bolsa. “Depende se eu pudesse mudar ou não.”

“E se pudesse mudar? Sei lá, imagina que você via que ia ser raptada por espiões comunistas no segundo andar, aí pegava o elevador pra descer pro térreo.”

“Mas e se os espiões chamassem o elevador, resolvendo que iam pegar quem estivesse dentro dele? E se for a tentativa de evitar o futuro que vai desencadear a coisa toda?”

“Se você pudesse *mesmo* ver o futuro, que nem a gente vê o final da rua 16 do alto do magazine Kilroy’s, então é porque ele já está lá. Se ele já está lá, não dá pra mudar.”

“É, mais o que fica lá no final da rua não tem nada a ver com o que você faz. É o que os urbanistas e arquitetos fizeram, a menos que você ponha uma bomba num prédio ou sei lá o quê. Agora, o que acontece daqui a um minuto, isso sim tem a ver com o que você faz.”

“Então qual é a resposta? A gente pode mudar o futuro ou não pode?”

Talvez a resposta não seja uma função da metafísica, e sim simplesmente do poder. “É um grande imponderável, Javi.”

Chegaram ao térreo. Os bíceps biônicos do *Homem de seis milhões de dólares* tilintam do modo característico, vindo da televisão de Malcolm.

“Até logo, Luisa.”

“Eu não estou indo embora pra sempre, Javi.”

Por iniciativa do garoto, eles trocam um aperto de mão. O gesto surpreende Luisa: parece formal, final e íntimo.

48

O relógio de carruagem prateado da casa de Judith Rey, em Ewingsville, dá uma da tarde. Bill Smoke está conversando com a mulher de um financista. “Essa casa sempre desperta meu lado cobiçoso”, diz a mulher, uma cinquentona coberta de joias, num tom confidencial. “É cópia de uma obra de Frank Lloyd Wright. O original fica nos arredores de Salem, creio eu.” Ela está dois centímetros mais perto dele do que devia estar. *Você é que parece uma bruxa dos arredores de Salem que pirou brabo na Tiffany’s*, pensa Bill Smoke, enquanto comenta: “É mesmo?”.

Empregadas hispânicas, fornecidas pelo serviço de bufê, carregam bandejas com comida entre os convidados, todos brancos. Nos guardanapos de linho em forma de cisne há marcadores de lugar. “Aquele carvalho ali no gramado da frente já devia estar aqui quando as missões espanholas foram construídas”, diz a mulher, “o senhor não acha?”

“Sem dúvida. Os carvalhos vivem seiscentos anos. Duzentos pra crescer, duzentos pra viver, duzentos pra morrer.”

Ele vê Luisa entrar na sala luxuosa e aceitar um beijo em cada face do padrasto. *O que é que eu quero de você, Luisa Rey?* Uma convidada da idade dela a abraça. “Luisa! A gente não se vê há três ou quatro anos!” Visto de perto, o charme da convidada é felino e invasivo. “Mas será mesmo verdade que você *ainda* não casou?”

“Não casei mesmo”, Luisa responde, seca. “E você?”

Smoke percebe que ela percebe seu olhar, então volta a concentrar sua atenção na mulher e concorda que é verdade, sim, há sequoias a menos de uma hora dali que já eram maduras quando Nabucodonosor estava sentado no trono. Judith Rey sobe num banquinho que lhe foi trazido e bate com

uma colher de prata numa garrafa de champanhe rosé até que todos estejam prestando atenção. “Senhoras, senhores e jovens”, ela proclama, “fui informada de que o jantar está servido! Mas, antes que a gente comece, eu gostaria de dizer algumas palavras sobre o trabalho magnífico feito pela Sociedade Contra o Câncer de Yerbas Buenas, e explicar como vai usar o dinheiro arrecadado por este evento que vocês tão generosamente estão apoiando hoje.”

Bill Smoke diverte duas crianças fazendo surgir do nada uma moeda de ouro reluzente. *O que eu quero de você, Luisa, é um assassinato com intimidade*. Por um momento ele se surpreende com os poderes que vivem dentro de nós e não são nós.

49

As empregadas já retiraram os pratos de sobremesa da mesa, o ar recende a café e uma sonolência dominical de barrigas excessivamente cheias se instaura na sala de jantar. Os convidados mais velhos encontram cantinhos onde cochilar. O padrasto de Luisa arrebanha um grupo de homens de sua idade para lhes mostrar sua coleção de carros dos anos cinquenta, as esposas e mães realizam manobras de alusão, as crianças pequenas vão para fora e ficam a implicar umas com as outras ao sol, sob a copa das árvores, em torno da piscina. Os trigêmeos Henderson dominam a conversa na mesa casamenteira. Os três são louros de olhos azuis, e Luisa não consegue distinguir um do outro. “O que eu faria se fosse presidente? Primeiro, bolava um plano pra *ganhar* a guerra fria, e não pra não perder.”

Outro gêmeo assume a palavra. “*Eu* não ia ficar puxando o saco desses árabes que duas gerações atrás estavam estacionando camelo na areia…”

“… nem pra esses comunas de olho puxado. Eu criava — e não tenho medo de dizer isso — o império comercial a que nosso país tem direito. Porque se a gente não fizer isso…”

“… os japoneses vão nos passar pra trás. As grandes empresas são o futuro. A gente tem que deixar os empresários administrar o país e criar uma meritocracia de verdade.”

“Que não seja tolhida pela assistência social, os sindicatos, a ‘ação afirmativa’ pra negros travestis sem-teto que tiveram um membro amputado e têm medo de aranha…”

“Uma meritocracia de tino comercial. Uma cultura que não tenha vergonha de reconhecer que riqueza atrai poder…”

“… e onde as pessoas que fazem a riqueza — nós — são recompensadas. Quando um homem aspira ao poder, eu faço uma única pergunta simples: ‘Ele pensa como um empresário?’.”

Luisa enrola seu guardanapo, fazendo dele uma bola. “Já eu faço três perguntas simples. Como ele conquistou esse poder? Como está usando esse poder? E como é que a gente pode tirar esse poder das mãos do filho da puta?”

50

Judith Rey encontra Luisa assistindo ao noticiário vespertino na televisão, no escritório de seu marido. “‘Sapatão’, eu ouvi o Anton Henderson dizer, e se ele não estava se referindo a você, Lulu, não sei não — não tem a menor graça! Essa sua… rebeldia só faz *piorar*. Você se queixa de estar sozinha, aí eu apresento você a uns rapazes de boa família, e você ataca de ‘sapatão’ com essa sua voz da *Spyglass*.”

“Quando foi que eu me queixei de estar sozinha?”

“Rapazes como os irmãos Henderson não dão em árvore, você sabe.”

“O que dá em árvore é pulgão.”

Alguém bate à porta, e Bill Smoke põe a cara dentro. “Sra. Rey? Desculpe interromper, mas vou ter que ir embora daqui a pouco. Sério, esse

almoço foi o evento de arrecadação de fundos mais simpático e mais bem organizado que eu já vi na minha vida.”

A mão de Judith Rey sobe até a orelha. “Muita bondade sua…”

“Herman Howitt, sócio minoritário da Musgrove Wyeland, lá do escritório de Malibu. Não tive oportunidade de me apresentar antes desse almoço fantástico — fui eu a pessoa que se inscreveu na última hora hoje de manhã. Meu pai faleceu há mais de dez anos, que Deus o tenha, câncer — não sei como eu e minha mãe íamos encarar aquela situação se não fosse a ajuda da Sociedade. Quando o Olly falou nesse seu almoço, por acaso, eu fiz questão de ligar pra saber se era possível vir no lugar de alguém que tivesse cancelado na última hora.”

“Que bom que você veio, e bem-vindo a Buenas Yerbas.” *Um pouco baixinho*, avalia Judith Rey, *mas musculoso, ganha bem e provavelmente tem menos de trinta e cinco, não é velho demais para a Luisa. Sócio minoritário parece uma coisa promissora*. “Espero que a sra. Howitt possa vir também na próxima vez.”

Bill Smoke, também conhecido como Herman Howitt, sorri um sorriso tímido. “Lamento dizer que a única sra. Howitt é minha mãe. Por enquanto.”

“Não me diga”, responde Judith Rey.

Ela olha para Luisa, que não está prestando atenção na conversa. “Achei admirável o modo como sua filha defendeu os princípios dela. Tem muita gente da nossa geração hoje que parece não ter uma orientação moral.”

“O senhor tem *toda* a razão. Os anos sessenta jogaram fora o bebê junto com a água do banho. Eu e o falecido pai da Luisa nos separamos anos atrás, mas sempre tentamos passar pra ela a consciência do que é certo e do que é errado. Luisa! Dá para você se desgrudar da televisão *só* por um minuto, por favor, minha querida? O Herman vai ficar achando… Luisa? Lulu, que foi?”

O locutor anuncia: “A polícia confirma que entre as doze pessoas que morreram no Lear Jet que caiu hoje, nas montanhas Rochosas no Colorado, estava o presidente da Seaboard Power, Alberto Grimaldi, o executivo mais

bem pago do país. As investigações preliminares das autoridades aéreas indicam que houve uma explosão causada por um defeito no sistema de combustível. Os destroços da aeronave estão espalhados por uma área de vários quilômetros quadrados…”

“Luisa, Lulu?” Judith Rey ajoelha-se ao lado da filha, que contempla estupefata as imagens de peças do avião distorcidas caídas numa plantação de milho.

“Mas que… *horror*!” Bill Smoke saboreia um prato complexo, cujos ingredientes nem ele, o cozinheiro, seria capaz de enumerar completamente. “A senhorita *conhecia* algum desses infelizes?”

51

Manhã de segunda. A sala da redação da *Spyglass* está cheia de boatos. Segundo um deles, a revista quebrou; segundo outro, o proprietário, Kenneth P. Ogilvy, vai vendê-la em leilão; ou o banco vai dar à publicação mais uma transfusão de sangue; ou o banco vai cortar a linha de crédito dela. Luisa não contou a ninguém que sobreviveu a uma tentativa de assassinato vinte e quatro horas atrás. Não quer envolver sua mãe nem Grelsch nessa história, e — tirando as contusões — tudo aquilo parece cada vez mais irreal.

Ela experimenta uma sensação dolorosa de perda pessoal por conta da morte de Isaac Sachs, um homem que mal chegou a conhecer. Também sente medo, mas o melhor é se concentrar no trabalho. O pai lhe dizia que os fotógrafos de guerra contavam que se sentiam imunes ao medo por efeito da lente da câmara; hoje isso lhe parece fazer muito sentido. Luisa anota os fragmentos da conspiração, formando um diagrama que parece um arbusto não aparado. *Se o Bill Smoke sabia que o Isaac tinha virado a casaca, a morte dele se explica — mas quem queria matar Alberto Grimaldi ao*

mesmo tempo? Os redatores gravitam em direção à sala de Dom Grelsch como de costume para a reunião das dez. Já são dez e quinze.

“O Grelsch nunca se atrasou tanto, nem mesmo quando a primeira mulher dele teve filho”, diz Nancy O’Hagan, lixando as unhas. “O Ogilvy deve ter prendido o cara num instrumento de tortura.”

Roland Jakes tira cera do ouvido com um lápis. “Eu conheci o baterista que tocava de verdade nos sucessos dos Monkees. Ele estava falando sobre o sexo tântrico — obrigado. Segundo o cara, a posição predileta dele é, bom, a ‘nem-nem’. Você nem consegue sair da cama nem consegue gozar.”

Silêncio.

“Pô, eu estava só tentando alegrar o ambiente.”

Grelsch chega à redação. “A *Spyglass* está sendo vendida. Vamos ficar sabendo ainda hoje quem vai sobreviver aos cortes de pessoal.”

Jerry Nussbaum enfia os polegares no cinto. “Assim de repente.”

“Isso mesmo, de repente. As negociações começaram no final da semana passada.” Grelsch está fervendo de raiva. “Hoje de manhã o negócio foi fechado.”

“Deve ter sido, hãã, uma senhora proposta”, arrisca Jakes.

“Pergunta pro KPO.”

“Quem foi o comprador?”, indaga Luisa.

“Vai haver um comunicado à imprensa ainda hoje.”

“Ah, abre logo o jogo, Dom”, pressiona O’Hagan.

“Eu já disse, o comunicado sai hoje.”

Jakes enrola um cigarro. “Pelo visto, o comprador misterioso, bom, ele deve estar *muito* a fim da *Spyglass* — quer dizer, ela não deve estar tão quebrada assim, não.”

Nussbaum bufa. “Quem foi que disse que nosso comprador não acha que a revista está quebrada? Quando a Allied News comprou a *Nouveau* no ano passado, despediram até o lavador de janela.”

“É.” O’Hagan fecha seu compacto. “Minha viagem ao Nilo vai ser cancelada mais uma vez. Vou passar de novo o Natal com minha cunhada

em Chicago. Aturar aquela pirralhada dela na capital mundial da carne congelada. Como as coisas mudam do dia pra noite.”

52

Há meses — Joe Napier percebe, contemplando as obras de arte encaixadas na antessala de William Wiley, o vice-presidente da empresa — ele está sendo marginalizado. As lealdades sumiram de vista, e o poder foi extraído dos dutos mais seguros. *Por mim, tudo bem*, pensa Napier, *só tenho um ano e meio pela frente, mesmo.* Ouve passos e sente uma corrente de ar. *Mas derrubar um avião com doze pessoas a bordo não é uma operação de segurança, é um massacre. Quem deu a ordem? Será que Bill Smoke está trabalhando para Wiley? Será apenas um acidente de aviação? Acontece. A única coisa que eu entendo é que não entender é perigoso.* Napier se arrepende de ter alertado Luisa Rey na véspera, um risco idiota que não levou a coisa alguma.

A secretária de William Wiley aparece à porta. “O sr. Wiley vai recebê-lo agora, sr. Napier.”

Napier surpreende-se ao ver Fay Li na sala de Wiley. O contexto exige uma troca de sorrisos. A saudação de William Wiley — “Joe! Como é que você está?” — é tão vigorosa quanto seu aperto de mão.

“Uma manhã triste, sr. Wiley”, responde Napier, sentando-se, mas recusando o cigarro oferecido. “Ainda não consigo acreditar no que aconteceu com o sr. Grimaldi.” *Nunca gostei de você. Nunca entendi qual era a sua.*

“Muito triste. O Alberto vai ter um sucessor, mas ninguém nunca vai poder ser substituído.”

Napier se permite uma única pergunta, disfarçada de conversa fiada. “Daqui a quanto tempo a diretoria vai discutir uma nova nomeação?”

“Vamos nos reunir hoje à tarde. O Alberto não ia querer que a gente ficasse à deriva, sem presidente, por um tempo excessivo. Você sabe, pessoalmente, ele tinha por você um respeito… bom…”

“Irrestrito”, sugere Fay Li.

Mas você subiu mesmo no mundo, hein, sr. Li.

“Isso mesmo! Exatamente! Irrestrito.”

“O sr. Grimaldi era um grande sujeito.”

“Era mesmo, Joe, era mesmo.” Wiley vira-se para Fay Li. “Fay. Vamos falar com o Joe sobre o pacote que a gente vai oferecer a ele.”

“Em reconhecimento ao seu desempenho exemplar, o sr. Wiley propõe liberá-lo antecipadamente. Você vai receber o pagamento completo pelos dezoito meses que ainda faltam no seu contrato, mais o abono — e aí sua pensão indexada começa a vigorar.”

Homem ao mar! Napier assume uma expressão de “puxa!”. *Bill Smoke está por trás disso.* A interjeição se aplica tanto à oferta de aposentadoria quanto à constatação de que ele, Napier, de repente mudou radicalmente de status: antes, parte do núcleo duro da organização; agora, uma ameaça à segurança. “Isso é… inesperado.”

“Deve ser, Joe”, diz Wiley, mas não acrescenta nada. O telefone toca. “Não”, diz Wiley, atendendo. “O sr. Reagan tem que esperar a vez dele. Estou ocupado.”

Napier toma sua decisão antes mesmo que Wiley ponha o fone no gancho. *Uma oportunidade imperdível de sair daquele palco coberto de sangue.* Ele banca o velho criado fiel, mudo de tanta gratidão. “Fay. Sr. Wiley. Nem sei como agradecer.”

William Wiley o olha de lado, como um coiote brincalhão. “Aceitando?”

“Claro!”

Wiley e Fay Li se desmancham em parabéns. “Você entende, é claro”, prossegue Wiley, “num cargo tão delicado como o do responsável pela segurança, precisamos que a mudança entre em vigor assim que você sair desta sala.”

Meu Deus, vocês não desperdiçam nem um segundo, não é?

Fay Li acrescenta: “Eu mando lhe entregar suas coisas, junto com a papelada. Sei que você não vai ficar ofendido se for escoltado até o outro lado da ponte. É preciso que as pessoas vejam que o sr. Wiley respeita os protocolos”.

“Não me ofendo, não, Fay”, sorri Napier, amaldiçoando-a. “Fui eu que criei o protocolo.” *Napier, mantenha sua trinta e oito presa à perna até sair da ilha de Swannekke, e por mais um bom tempo.*

53

Na loja de discos Lost Chord, a música dissolve todos os pensamentos sobre a *Spyglass*, Sixsmith, Sachs e Grimaldi. O som é inocente, fluido, espectral, hipnótico… *intimamente familiar*. Luisa se detém, em transe, como se vivendo numa correnteza de tempo. “Eu *conheço* esta música”, ela diz ao vendedor, que depois lhe pergunta se está bem. “Mas o que é isso?”

“Desculpe, é encomenda de um freguês, não está à venda. Eu nem devia estar tocando.”

“Ah.” *Começar do começo*. “Telefonei na semana passada. Meu nome é Luisa Rey. Você me disse que ia conseguir encontrar pra mim uma gravação obscura de uma peça de Robert Frobisher, chamada *Sexteto Atlas de Nuvens*. Mas vamos deixar isso pra depois. Eu também preciso desta música. *Preciso* dela. Você sabe como é. Que música é essa?”

O vendedor oferece seus punhos a um par de algemas imaginárias. “*Sexteto Atlas de Nuvens*, de Robert Frobisher. Eu estava tocando pra ver se não tem nenhum arranhão. Não, é mentira. Pus pra tocar porque sou escravo da curiosidade. Não tem nada a ver com Delius, não é? Por que é que as gravadoras não lançam maravilhas como essa? É um crime. Seu disco está em perfeito estado, tenho o prazer de lhe dizer.”

“Onde foi que eu já ouvi isso antes?”

O rapaz dá de ombros. “Só deve ter uns seis exemplares em toda a América do Norte.”

“Mas eu conheço. Eu *garanto* que conheço essa música.”

54

Nancy O’Hagan está falando animadamente ao telefone quando Luisa volta para a redação. “Shirl? Shirl! É a Nancy. Escuta, pode ser que a gente ainda consiga passar o Natal à sombra da esfinge. O novo proprietário é a Trans Vision Inc.” — ela fala mais alto — “*Trans Vision Inc*… Eu também não, mas…” O’Hagan baixa o tom de voz. “Acabo de falar com o KPO, é, o antigo patrão, ele vai fazer parte da diretoria. Mas escuta, eu estou te ligando é pra dizer que não vou perder o emprego, não!” Olhando para Luisa, faz que sim freneticamente com a cabeça. “Isso mesmo, não vão cortar quase ninguém, por isso liga pra Janine e diz pra ela que vai passar o Natal sozinha com aqueles abomináveis homenzinhos das neves dela.”

“Luisa”, Grelsch chama da porta, “o sr. Ogilvy vai recebê-la agora.”

K. P. Ogilvy ocupa a cadeira temperamental de Dom Grelsch, exilando o redator-chefe para uma cadeira de plástico, dessas que podem ser empilhadas. Em carne e osso, o proprietário da *Spyglass* faz Luisa pensar num bico de pena. Que representa um juiz do Velho Oeste. “Não há uma maneira simpática de dizer isso”, ele começa, “então vou falar da mais dura, mesmo. Você está demitida. Ordens do novo proprietário.” Ele se cala.

Luisa observa que a notícia bate nela e volta. *Não, isso não pode ser comparado a ser empurrada de uma ponte para dentro do mar em pleno crepúsculo*. Grelsch não consegue olhá-la nos olhos. “Eu tenho um contrato.”

“E quem é que não tem? Você está demitida.”

“Quer dizer que sou a única redatora com a qual seus novos patrões não estão satisfeitos?”

“É o que parece.” O queixo de K. P. Ogilvy treme uma vez apenas.

“Acho que tenho o direito de perguntar: ‘Por que eu?’.”

“Os proprietários contratam, demitem e determinam quem tem direito do quê. Quando um comprador oferece um pacote do tamanho do oferecido pela Trans Vision, ninguém fica reclamando por causa de migalhas.”

“‘Migalha demitida.’ Vocês podiam gravar isso no relógio de ouro que vão me dar?”

Dom Grelsch não consegue se conter. “Sr. Ogilvy, acho que a Luisa merece algum tipo de explicação.”

“Então ela que pergunte à Trans Vision. Pode ser que a cara dela não combine com a visão que têm da *Spyglass*. Radical demais. Feminista demais. Seca demais. Furona demais.”

Ele está tentando criar uma cortina de fumaça. “Eu gostaria de perguntar várias coisas à Trans Vision. Onde que fica o escritório central deles?”

“Em algum lugar lá para o leste. Mas acho difícil que alguém receba você.”

“Em algum lugar lá para o leste. Quem são seus colegas na nova diretoria?”

“Você está sendo demitida, e não tomando um depoimento.”

“Só mais uma pergunta, sr. Ogilvy. Depois de três anos mágicos de dedicação completa, só lhe peço que responda isto: quais são as interconexões entre a Trans Vision e a Seaboard Power?”

A curiosidade de Dom Grelsch é intensa. Ogilvy hesita por uma fração de segundo, e depois diz, com uma arrogância afetada: “Estou cheio de trabalho. Você vai ser paga no final do mês, não precisa nem voltar. Obrigado, e adeus”.

Onde há arrogância, pensa Luisa, *há duplicidade*.

55

TERRA DO SURFE E DO ÁTOMO,
VOLTE LOGO!

A vida é legal. Joe Napier liga o piloto automático do jipe. *A vida é boa*. Seaboard Power, sua carreira, Margo Roker e Luisa Rey vão mergulhando no passado a cento e vinte quilômetros por hora. *A vida é ótima*. Duas horas de viagem até sua cabana de madeira na serra de Santo Cristo. Ele pode pescar uns bagres para o jantar se não chegar cansado demais. Olha no retrovisor: um Chrysler prateado está plantado uns cem metros atrás dele há uns dois ou três quilômetros, mas agora o carro o ultrapassa e desaparece ao longe. *Relaxe*, Napier diz a si próprio, *você pulou fora*. Alguma coisa no jipe está fazendo um barulho. A tarde atingiu o auge dourado das três horas. A autoestrada segue paralela ao rio quilômetro após quilômetro, subindo pouco a pouco. *Lá na serra não é mais tão bonito quanto era trinta anos atrás, mas qual é o lugar que continua como antes?* Dos dois lados da pista condomínios colonizam as plataformas terraplenadas. *Levei a vida toda para pular fora*. Buenas Yerbas se reduz a uma sujeirinha no horizonte no retrovisor de Napier. *Você não vai conseguir convencer a filha do Lester a não bancar a Mulher-Maravilha. Você fez o possível. Deixe a moça para lá. Ela não é mais criança*. Napier procura uma estação de rádio, mas todos os homens cantam como mulheres e todas as mulheres cantam como homens, até que ele acha uma estação bem cafona de música country que está tocando “Everybody’s Talkin’ at Me”. Quando ele e Milly estavam juntos, ela é que era a metade musical do casal. Napier relembra a primeira noite em que a viu: ela estava tocando rabeca num conjunto, Wild Oakun Hokum and His Cowgirls in the Sand. Os olhares que os músicos trocam, quando a música é produzida sem esforço, era isso que ele queria de Milly, aquela intimidade, e em pouco tempo os dois se apaixonaram. *A Luisa Rey é uma criança, sim, e você sabe muito bem disso*. Napier toma a saída dezoito e pega a velha estrada da mina de ouro que sobe em direção a Copperline. *O barulho do carro não está melhorando*. O outono já começa a pintar as

árvores. A estrada segue por uma garganta cada vez mais estreita, à sombra de pinheiros antiquíssimos, em direção ao sol poente.

Ele chega, de repente, sem conseguir se lembrar de um único pensamento que teve nos últimos quarenta e cinco minutos. Napier para à frente do mercadinho de Copperline, desliga o motor e sai do jipe. *Está ouvindo aquele borbulhar? É o rio Lost, o rio perdido.* Aquilo o faz pensar mais uma vez que Copperline não é Buenas Yerbas, e ele destranca a porta do jipe que tinha acabado de trancar. O dono do mercado o cumprimenta, chamando-o pelo nome, lhe transmite seis meses de fofocas em seis minutos e pergunta se vai ficar a semana toda de férias.

"Agora estou de férias pra sempre. Me ofereceram…" — é primeira vez que ele usa a palavra referindo-se a si próprio — "aposentadoria antecipada. Aceitei na hora."

O olhar do dono da loja vê tudo. "Temos comemoração amanhã no Duane? Ou comiseração amanhã no Duane?"

"Amanhã não, sexta. Um pouco de cada coisa. Mais pra comemoração. Quero passar a minha primeira semana de liberdade descansando na minha cabana, e não caído de porre debaixo de uma mesa do Duane." Paga as compras e sai, com uma súbita vontade de ficar sozinho na cabana. As pedrinhas da estrada da floresta rangem sob os pneus do jipe. Os faróis iluminam a floresta primeva em lampejos momentâneos.

Aqui. Mais uma vez, Napier ouve o rio Lost. Relembra a última vez que trouxe Milly para a cabana construída por ele, seus irmãos e seu pai. Agora só resta ele. Foram tomar banho no rio nus naquela noite. A ideia foi dela. O crepúsculo da floresta enche seus pulmões e sua cabeça. Sem telefone, sem circuito fechado de televisão, sem televisão nenhuma, sem se identificar ao entrar, sem reuniões de segurança "informais" na sala acusticamente isolada do presidente. Nunca mais. O ex-chefe de segurança aposentado examina o cadeado à sua porta para ver se alguém andou mexendo nele, antes de abrir as persianas. Relaxe, pelo amor de Deus. *A Seaboard deixou você ir embora, livre, sem nenhuma ligação, sem retorno.*

Assim mesmo, tem na mão sua trinta e oito ao entrar na cabana. *Está vendo? Ninguém.* Napier acende o fogo na lareira e prepara um prato de salsichas com feijão e batatas assadas meio queimadas. Duas cervejas. Uma longa, longa mijada lá fora. A Via Láctea no céu a espumar. Um sono profundo, profundo.

Acordado, outra vez, muita sede, bexiga cheia por causa da cerveja. *É a quinta vez ou a sexta*? Os sons da floresta hoje não têm o efeito de acalentá-lo, porém perturbam sua sensação de bem-estar. Uma freada? *Uma coruja*. Gravetos quebrando? *Um rato, uma codorna, sei lá, você está na floresta, pode ser qualquer coisa. Vá dormir, Napier*. O vento. *Vozes junto à janela?* Ele acorda e encontra um puma encarapitado numa viga em cima da sua cama; acorda gritando; o puma era Bill Smoke, com o braço pronto para arrebentar a cabeça de Napier com uma lanterna; não há nada na viga. *Está chovendo agora?* Napier aguça os ouvidos.

É só o rio, só o rio.

Ele risca outro fósforo para ver se já vale a pena levantar-se: quatro e cinco. Não. Tarde demais ou cedo demais. Napier se aninha sobre as dobras de escuridão tentando encontrar furos de sono, porém lembranças vívidas, da casa de Margo Roker, o perseguem. Bill Smoke dizendo: *Fica aí de sentinela. Meu contato diz que ela guarda os documentos no quarto.* Napier concordando, aliviado por reduzir sua participação naquilo. Bill Smoke acendendo sua pesada lanterna de borracha e subindo a escada.

Napier vasculhando o pomar de Roker. A casa mais próxima ficava a quase um quilômetro dali. Pensando por que motivo Bill Smoke, que sempre trabalhava sozinho, quis que ele o acompanhasse nesse serviço.

Um grito fraco. Um fim abrupto.

Napier correndo para o andar de cima, escorregando, uma série de quartos vazios.

Bill Smoke ajoelhado numa cama velha, batendo com força em algo na cama com a lanterna, o feixe de luz saltando pelas paredes e pelo teto, o

impacto quase silencioso da lanterna sobre a cabeça já insensível de Margo Roker. O sangue dela nos lençóis — obscenamente vermelho e úmido.

Napier gritando para que o outro parasse.

Bill Smoke virou-se, irritado. *Que foi, Joe?*

Você disse que ela não ia estar em casa hoje!

Não, não, você entendeu errado. Eu disse que meu contato disse que ela não ia estar em casa hoje. Difícil achar gente em que se possa confiar.

Meu Deus, meu Deus, ela está morta?

Seguro morreu de velho, Joe.

Muito bem pensado, Joe Napier admite em sua cabana insone. Um vínculo de cumplicidade. Participou do assassinato de uma ativista velha e indefesa? Qualquer aluno de direito gago, que nem chegou a concluir o curso, seria capaz de mandá-lo para a prisão para o resto da vida. Um melro canta. *Fiz uma coisa terrível com Margo Roker, mas deixei aquela vida para trás.* Quatro pequenas cicatrizes de bala, duas em cada nádega, doem. *Eu me arrisquei para tentar alertar a Luisa Rey.* A janela já está clara o bastante para que ele possa ver o rosto de Milly no retrato. *Sou apenas um homem*, protesta. *Não sou um pelotão. Tudo o que eu quero da vida é viver um pouco. E pescar um pouco.*

Joe Napier suspira, se veste e começa a pôr suas coisas de volta dentro do jipe.

Milly sempre vencia a parada ficando muda.

56

Judith Rey, descalça, aperta o cinto do roupão estilo quimono e atravessa um enorme tapete bizantino até chegar à cozinha com piso de mármore. Tira da geladeira cavernosa três toranjas, corta-as ao meio e depois joga os hemisférios gelados dentro do espremedor. O motor zumbe como uma caixa de marimbondos, e o recipiente se enche de um suco espesso, perolado, cor

de bala derretida. Ela enche um copo azul pesado, leva-o aos lábios e fica a bochechar, fazendo o suco infiltrar-se em todos os recantos da boca.

No sofá listrado da varanda, Luisa corre a vista pelo jornal e mastiga um croissant. A magnífica vista — os telhados endinheirados de Ewingsville, um carpete de gramado estendendo-se até o centro de Buenas Yerbas, onde os arranha-céus ascendem a uma esfera afastada da maresia e da fumaça dos carros — parece um cenário de outro mundo a esta hora.

"Já de pé, Lulu?"

"Bom dia. É, vou pegar minhas coisas lá na redação, se você não se incomodar de me emprestar um dos carros outra vez."

"Claro." Judith Rey lê os pensamentos da filha. "Você estava desperdiçando seu talento na *Spyglass*, Lulu. Era uma revistinha vagabunda."

"É verdade, mamãe, mas era *minha* revistinha vagabunda."

Judith Rey senta-se no braço do sofá e espanta uma mosca impertinente que se aproxima de seu copo. Examina uma notícia na seção de economia em torno da qual um círculo foi traçado a caneta.

"Guru da energia" Lloyd Hooks é o novo diretor da Seaboard

Num comunicado conjunto, a Casa Branca e a gigantesca Seaboard Power Inc. anunciaram que o secretário da Energia Lloyd Hooks vai ocupar a presidência da empresa, substituindo Alberto Grimaldi, que morreu anteontem num trágico acidente de aviação. As ações da Seaboard em Wall Street subiram quarenta pontos em reação à notícia. "Ficamos muito satisfeitos quando Lloyd aceitou nosso convite", afirmou o vice-presidente da empresa, William Wiley, "e, embora as circunstâncias que levaram a esse convite sejam muito tristes, a diretoria acredita que Alberto, lá do céu, faz coro conosco quando damos as boas-vindas a um novo presidente visionário." Menzies Graham, o porta-voz do departamento da Energia, comentou que "a expertise de Lloyd Hooks sem dúvida vai fazer falta aqui em Washington, mas o presidente Ford respeita sua decisão, e espera continuar em contato com uma das mentes mais brilhantes a enfrentar os

atuais desafios do setor de energia, para garantir que nossa grande nação permanecerá grande". O sr. Hooks deve assumir suas novas responsabilidades na próxima semana. Seu sucessor na Casa Branca deverá ser anunciado ainda hoje.

"É um projeto em que você estava trabalhando?", pergunta Judith.

"Estava e ainda estou."

"Trabalhando pra quem?"

"Pra verdade." A ironia de sua filha é sincera. "Agora sou frila."

"Desde quando?"

"Desde o momento em que o KPO me demitiu. Minha demissão foi uma decisão política, mãe. É uma prova de que estava descobrindo um negócio importante. Gigantesco."

Judith Rey olha para aquela jovem. *Era uma vez uma menininha que eu vestia com saias cheias de babados, que eu matriculava no curso de balé, que mandava para a colônia de férias para fazer equitação por cinco anos seguidos. Mas olhe só para ela. Acabou se transformando no Lester mesmo assim.* Dá um beijo na testa da filha. Luisa faz uma cara de desconfiada, como se fosse uma adolescente. "Que foi?"

57

Luisa Rey entra na Snow White Diner para tomar seu último café dos tempos da *Spyglass* e despedir-se de Bart. O único lugar vazio é ao lado de um homem escondido atrás do *San Francisco Chronicle*. Ela pensa: *Um bom jornal*, e senta-se ao lado do homem. Dom Grelsch a cumprimenta: "Bom dia".

Luisa sente uma pontada de ciúme territorial. "O que você está fazendo aqui?"

"Até os redatores comem. Venho aqui toda manhã desde que minha mulher… você sabe. Eu sei fazer waffle na torradeira, mas…" Ele gesticula

para seu prato de costeleta de vitela. “Preciso dizer mais?”

“Nunca vi você aqui, nem uma única vez.”

“É porque ele sai”, diz Bart, fazendo três coisas ao mesmo tempo, “uma hora antes de você chegar. O de sempre, Luisa?”

“Por favor. Como é que nunca me disse isso, Bart?”

“Também não fico falando sobre sua vida com ninguém.”

“O primeiro a chegar na redação”, Dom Grelsch dobra o jornal, “o último a sair à noite. Vida de redator-chefe. Eu queria falar um pouco com você, Luisa.”

“Tenho a nítida lembrança de que fui demitida.”

“Para com isso, está bem? Eu quero lhe dizer por que — como — não vou pedir demissão por causa da sacanagem que o Ogilvy fez com você. E já que é hora das confissões, eu sabia que você ia ser despedida desde sexta.”

“Muito simpático da sua parte me avisar antes.”

Ele baixa a voz ao volume mínimo. “Você sabe da leucemia da minha mulher. Está sabendo do nosso seguro?”

Luisa resolve lhe conceder um movimento afirmativo com a cabeça.

Grelsch reúne forças para prosseguir. “Semana passada, durante as negociações da venda da revista… deram a entender que, se eu continuasse no meu cargo e resolvesse que nunca tinha ouvido falar…” — Grelsch não está nada alegre — “… de certo relatório, eles talvez me ajudassem com a seguradora.”

Luisa mantém a compostura. “E você confia nessa gente? Que eles vão cumprir o prometido?”

“Na manhã de domingo, meu corretor, o Arnold Frum, me telefona. Pede desculpa por estar incomodando, coisa e tal, mas é que ele acha que a gente vai gostar de saber que a Blue Shield mudou de ideia e vai cobrir todas as contas do tratamento da minha mulher. Um cheque de reembolso dos pagamentos anteriores já foi posto no correio. Não vamos nem ter que vender a casa. Não estou orgulhoso do que fiz, mas também não tenho vergonha de colocar minha família à frente da verdade.”

“A verdade é que vai chover radiação em Buenas Yerbas.”

“Todos nós fazemos escolhas sobre níveis de risco. Se posso proteger minha mulher e em troca ter uma participação pequena no *risco* de haver um acidente em Swannekke, bom, vou ter que viver com isso. E eu gostaria muito que *você* pensasse um pouquinho mais sobre o risco que *você* está correndo por enfrentar essa gente assim.”

A sensação de estar dentro de um carro afundando no mar volta à consciência de Luisa, e seu coração dispara. Bart põe um café à sua frente.

Grelsch coloca no balcão uma folha datilografada. Nela há duas colunas, com sete nomes em cada uma. “Adivinha que lista é essa.” Dois nomes estão assinalados: Lloyd Hooks e William Wiley.

“Membros da diretoria da Trans Vision?”

Grelsch faz que sim. “Quase. A composição da diretoria é de conhecimento público. Esta é uma lista de assessores da empresa que recebem dinheiro que vem das Trans Vision e que não aparecem na composição da diretoria. Esses nomes em destaque devem interessar a você. Olha. O Hooks *e* o Wiley. Uma coisa incriminadora, pura ganância.”

Luisa pega a lista e a guarda no bolso. “Eu devia agradecer a você por isso.”

“Nussbaum, o boca-suja, fez a pesquisa. Última coisa. A Fran Peacock, do *Western Messenger* — você conhece?”

“Só de vista, dessas festas superficiais da imprensa.”

“Eu e a Fran nos conhecemos de longa data. Fui lá na redação dela ontem à noite, falei dos pontos principais da sua matéria. Não me comprometi, mas se você conseguir dados mais concretos ela gostaria de conversar.”

“Isso é permitido pelo seu acordo com a Trans Vision?”

Grelsch se levanta e dobra o jornal. “Ninguém me proibiu de utilizar meus contatos.”

Jerry Nussbaum devolve as chaves do carro a Luisa. “Meu Deus do céu, na próxima encarnação eu quero ser um carro esporte da sua mãe. Qualquer um deles. Essa é a última das caixas?”

“É”, responde Luisa. “Obrigada.”

Nussbaum dá de ombros, como um maestro modesto. “Aqui não vai ter mais graça sem uma mulher de verdade pra gente ficar chateando com piadas machistas. A Nance, depois de tantas décadas trabalhando em redação, já virou uma espécie de homem.”

Nancy O’Hagan dá um tapa na máquina de escrever emperrada e faz um gesto obsceno para Nussbaum.

“É”, diz Roland Jakes, contemplando com tristeza a mesa esvaziada de Luisa, “continuo não acreditando, sacumé, que esses caras mandam você pastar mas não despedem a anta do Nussbaum.”

Nancy O’Hagan sibila como uma cobra. “Como é que o *Grelsch*” — ela aponta com o charuto para a sala dele — “fica estrebuchando com as patas pra cima e deixa o KPO te dar um pé na bunda?”

“Torçam por mim.”

“Você não precisa da nossa torcida”, Jakes diz com um sorriso torto. “Não sei por que ficou aqui nessa baiuca tanto tempo. Os anos setenta ainda vão ver os estertores finais da sátira. O Lehman tem toda a razão de dizer que num mundo que dá o prêmio Nobel da paz pro Henry Kissinger todo mundo que vive de sátira vai acabar desempregado.”

“Ah”, lembra-se Nussbaum, “hoje eu passei na sala da correspondência. Chegou uma coisa pra você.” Entrega a Luisa um envelope cáqui acolchoado. Ela não reconhece a letra mirrada. Examina o carimbo postal manchado e o mostra para Nussbaum.

“É quatro de setembro?”

Nussbaum aperta à vista. “Acho que sim. O que é que tem isso?”

Ela não responde e abre o envelope. Dentro há uma chave de um cofre de segurança de um banco, embrulhada num bilhete curto. A expressão de Luisa se intensifica à medida que seus olhos correm bilhete abaixo. Ela

verifica duas vezes a etiqueta da chave. “Third Bank of California, rua 9. Onde fica isso?”

“Lá no centro”, responde O’Hagan. “Esquina com Flanders Boulevard.”

“Até a próxima.” Luisa está saindo. “Este mundo é pequeno.”

“Pô!”, exclama Jakes. “Quer dizer, que história é essa?”

59

Enquanto espera o sinal abrir, Luisa relê pela segunda vez o bilhete de Sixsmith para certificar-se de que nada lhe escapou. A letra deixa claro que ele estava apressado.

Aeroporto Internacional de BY, 3/9/1975

Cara srta. Rey,

Desculpe este bilhete rabiscado. Uma pessoa que gosta de mim na Seaboard me disse que estou correndo risco de vida. Para divulgar os efeitos da Hidra Zero, é necessário ter excelente saúde, e por isso vou agir com base nesse alerta que me deram. Devo entrar em contato com você assim que puder lá de Cambridge, ou então via o IAEA. Nesse ínterim, tomei a liberdade de depositar meu relatório a respeito da Swannekke B num cofre de segurança no Third Bank of California, na rua 9. Se acontecer alguma coisa comigo, vai precisar dele.

Tome cuidado.

Apressadamente,

R. S.

Buzinas irritadas disparam enquanto Luisa engata a marcha naquele carro que não conhece bem. Passando da rua 13, a rua perde aquele ar endinheirado da orla do Pacífico. Em vez de alfarrobeiras regadas pela

prefeitura, postes de iluminação tortos. Não há pessoas fazendo cooper nessas ruas. Aquele bairro poderia estar situado em qualquer zona industrial de qualquer cidade. Vagabundos cochilam nos bancos das praças, o capim cresce das rachaduras nas calçadas, a cada quarteirão as pessoas se tornam mais escuras, portas de prédios fechados estão recobertas de cartazes, todas as superfícies que podem ser alcançadas por um adolescente munido de uma lata de tinta spray estão pichadas. Os lixeiros estão em greve, mais uma vez, e montes de lixo apodrecem ao sol. Casas de penhores, lavanderias e mercearias sem nome sobrevivem sustentadas por clientes com bolsos quase vazios. Mais alguns quarteirões e semáforos adiante, as lojas são substituídas por prédios anônimos de fábricas e conjuntos habitacionais. Luisa nunca antes sequer passou de carro por este bairro, e se sente perturbada ao constatar que as cidades são incognoscíveis. *Foi a lógica de Sixsmith que o levou a esconder seu relatório e depois esconder o esconderijo?* Ela chega ao Flanders Boulevard e vê o prédio do banco bem à sua frente, com um estacionamento para clientes ao lado. Não percebe a presença de um Chevrolet negro amassado, estacionado do outro lado da rua.

60

Fay Li, de óculos escuros panorâmicos e chapéu, coteja seu relógio de pulso com o do banco. O ar-condicionado está perdendo a batalha contra o sol matinal. Ela enxuga com um lenço o suor do rosto e dos antebraços, se abana e avalia os acontecimentos mais recentes. *Joe Napier, você tem cara de burro mas no fundo é esperto, esperto o bastante para saber a hora certa de pular fora*. Luisa deve chegar a qualquer momento, se Bill Smoke foi avisado. *Bill Smoke, você tem cara de esperto mas no fundo é burro, e seus homens não são tão leais quanto você pensa. Porque não age só pelo dinheiro, você esquece que mortais mais fracos podem ser comprados*.

Entram dois chineses bem vestidos. O olhar de um deles informa Fay Li da chegada de Luisa Rey. Os três convergem numa mesa que protege um corredor lateral: COFRES DE SEGURANÇA. Muito poucos clientes procuraram aquele setor esta manhã. Fay Li chegou a pensar em postar uma pessoa ali, porém é mais seguro confiar no descuido natural de um segurança que ganha salário mínimo do que deixar os homens da Tríade saber o que está em jogo.

"Oi", diz Fay Li ao guarda, com seu mais insuportável sotaque chinês, "eu e irmãos quer pegar coisa no cofre." Ela balança uma chave. "Nós têm chave, vê?"

O rapaz magro, entediado, tem um problema dermatológico sério. "Identidade?"

"Identidade aqui, olha, identidade, olha."

Os ideogramas chineses repelem a atenção dos brancos com sua antiquíssima magia tribal. O guarda aponta para o corredor com a cabeça e volta à leitura de sua revista *Aliens!*. "A porta não está trancada." *Eu demitiria você na hora, garotão*, pensa Fay Li.

O corredor termina numa porta reforçada, que foi deixada entreaberta. Ele dá acesso à sala dos cofres de segurança, em forma de tridente. Um dos chineses vai para o corredor da esquerda com Fay Li, e ela manda o outro ir para o da direita. *Cerca de seiscentos cofres. Um deles contém um relatório que vale cinco milhões de dólares, dez mil por página*.

Passos no corredor. *Saltos estalando, são sapatos de mulher*.

A porta reforçada se abre. "Tem alguém aí?", pergunta Luisa Rey.

Silêncio.

Quando a porta se fecha, os dois homens correm e agarram a mulher. Uma mão cobre sua boca. "Obrigada." Fay Li arranca a chave dos dedos da repórter. Os números nela gravados são trinta seis e sessenta e quatro. Fay Li não desperdiça nenhuma palavra. "Má notícia: esta sala é a prova de som, não tem câmara monitora, e eu e meus amigos estamos armados. O Relatório Sixsmith não é pra você. Boa notícia: estou agindo pra clientes que querem que a Hidra seja estrangulada no berço e a Seabord caia em

descrédito. As conclusões do Sixsmith vão ser divulgadas pelas redes de noticiário em dois ou três dias. Agora, se eles vão executar a empresa, é problema deles. Não fica olhando pra mim assim, não, Luisa. A verdade não quer saber quem é que fez a descoberta. Você não deveria se importar com isso. Uma notícia melhor ainda: nada de mau vai acontecer com você. Meu parceiro vai te levar até um lugar em BY. À noite, você vai ser libertada. Você não vai criar nenhum problema pra nós até lá", Fay Li mostra uma foto de Javier tirada do apartamento de Luisa e a agita a dois centímetros de seu rosto, "porque, caso contrário, nós vamos revidar."

A expressão de desafio nos olhos de Luisa é substituída por um ar de submissão.

"Eu sabia que sua cabeça não era só pra separar as orelhas." Fay Li dirige-se em cantonês ao homem que está segurando Luisa. "Leve-a para o calabouço. Nenhuma sujeira antes de matá-la. Ela é repórter, mas nem por isso é uma puta. Livre-se do cadáver da maneira de sempre."

Eles saem. O segundo parceiro fica ao lado da porta, mantendo-a entreaberta.

Fay Li localiza o cofre de segurança trinta e seis sessenta e quatro à altura de seu pescoço, no final do corredor do meio.

A chave gira na fechadura e a porta se abre.

Ela retira de lá uma pasta cor de baunilha. REATOR HIDRA ZERO — MODELO DE AVALIAÇÃO OPERACIONAL — CHEFE DO PROJETO: DR. RUFUS SIXSMITH — ACESSO NÃO AUTORIZADO A ESTE DOCUMENTO É CRIME FEDERAL NOS TERMOS DA LEI DA ESPIONAGEM MILITAR E INDUSTRIAL DE 1971. Uma chama de júbilo se acende dentro de Fay Li, e ela se permite um sorriso. *A terra da oportunidade*. Então ela vê dois fios saindo de dentro da pasta e indo para o fundo do cofre. Fay Li põe em a cabeça lá dentro. Um diodo vermelho pisca sobre uma pilha bem organizada de cilindros, fios e componentes eletrônicos, presos com fita adesiva.

Bill Smoke, seu filho de uma…

61

A explosão alcança Luisa Rey e a lança para a frente de modo irresistível, como uma onda do Pacífico. O corredor gira noventa graus — várias vezes — e atinge Luisa nas costelas e na cabeça. Pétalas de dor se abrem diante de seu campo de visão. A alvenaria geme. Pedaços de gesso, cerâmica e vidro chovem, chuviscam, cessam.

Uma paz tensa. *O que é isso que eu estou vivendo?* Pedidos de socorro brotam do meio da poeira e da fumaça, gritos da rua, alarmes que disparam no ar queimado. A mente de Luisa volta a funcionar. *Uma bomba*. O guardinha urra e geme. O sangue escorre de seu ouvido, formando um delta no colarinho da camisa. Luisa tenta se afastar, mas sua perna direita foi arrancada.

Ela abre a boca para gritar, mas o horror passa, sua perna está apenas presa debaixo do chinês desacordado. Luisa livra-se do homem e sai rastejando, dura e doída, mas sem nada de grave, atravessa o saguão do banco, agora transformado num cenário de filme. Chega à porta reforçada, arrancada das dobradiças. *Escapei por um triz*. Vidro quebrado, cadeiras de pernas para o ar, pedaços de parede, pessoas feridas em estado de choque. Uma fumaça negra e oleosa emana dos dutos, e um sistema de sprinklers entra em ação — Luisa fica encharcada e sufocada, escorrega no chão molhado e tropeça, zonza, encurvada, em outras pessoas.

Uma mão benévola a segura pelo punho. “Se apoia em mim, se apoia em mim, eu ajudo você a sair daqui, pode ter outra explosão.”

Luisa se deixa levar, e lá fora, à luz congestionada do sol, há uma muralha de rostos atentos, sequiosos de horrores. O bombeiro conduz Luisa até o outro lado de uma rua cheia de carros engarrafados, e ela se lembra das imagens que viu no noticiário, em abril, mostrando Saigon em guerra. A fumaça ainda jorra. “Sai daí! Aqui! Pra trás! Pra lá!” Luisa, a jornalista, está tentando dizer alguma coisa a Luisa, a vítima. Sua boca está cheia de

saibro. Alguma coisa urgente. Ela pergunta ao homem que a salvou: “Como foi que você chegou tão depressa na cena da explosão?”.

“Tudo bem”, ele insiste, “você sofreu uma concussão.”

Um bombeiro? “Eu já posso me virar sozinha…”

“Não, é mais seguro por aqui…”

A porta de um Chevrolet preto empoeirado se abre.

“Me solta!”

O punho do homem é de ferro. “Entra nesse carro”, ele murmura, “senão te dou um tiro no meio dos cornos.”

Aquela bomba era para mim, e agora…

O sequestrador de Luisa geme e cai para a frente.

62

Joe Napier agarra o braço de Luisa Rey e a puxa para longe do Chevrolet. *Meu Deus, foi por pouco!* Na outra mão ele segura um taco de beisebol. “Se você quer ficar viva até o final do dia, melhor vir comigo.”

Está bem, pensa Luisa. “Está bem”, diz ela.

Napier puxa-a para o meio da multidão excitada a fim de tirá-la da linha de fogo de Bill Smoke, entrega o taco a um menino perplexo e segue decidido em direção à avenida 81, em sentido contrário ao Chevrolet. *Andar discretamente — ou sair correndo e chamar a atenção?*

“Meu carro está parado ao lado do banco”, diz Luisa.

“No meio do tráfego vamos ser um alvo fácil”, diz Napier. “O Bill Smoke tem mais dois orangotangos com ele, é só atirarem pela janela. Dá pra você andar?”

“Dá até pra correr, Napier.”

Eles andam um terço do quarteirão, quando então Napier vê o rosto de Bill Smoke à sua frente, levando a mão ao bolso do paletó. Napier olha para trás. Há outro capanga fechando a pinça. Do outro lado da rua há um

terceiro. Por algum tempo, não vai aparecer nenhum policial, e eles têm apenas alguns segundos. Dois assassinatos em plena luz do dia: arriscado, mas o que está em jogo é o bastante para que resolvam seguir em frente, e no meio daquele caos é bem possível que escapem. Napier está desesperado: estão passando por um prédio industrial sem janelas. “Sobe aqui”, diz ele a Luisa, rezando para que a porta se abra.

Ela se abre.

Uma sala de recepção árida, mal iluminada por uma única lâmpada fluorescente, um túmulo de moscas. Napier fecha a porta e passa o trinco. Sentada à mesa da recepção, uma moça endomingada e um poodle velho deitado numa caixa de papelão olham para eles, impassíveis. Há três saídas do outro lado da sala. O barulho das máquinas é monolítico.

Uma mexicana de olhos negros aparece do nada e esvoaça à frente de Napier. “Ilegal aqui, *no*! Ilegal aqui, *no*! Vai embora! Vai embora! Volta outro dia!”

Luisa Rey dirige-se à mulher num espanhol muito precário. A mexicana faz cara feia, depois aponta com raiva para as saídas. Um golpe atinge a porta da rua. Napier e Luisa correm para o outro lado da sala, cheio de ecos. “Esquerda ou direita?”, indaga Napier.

“Sei lá!”, exclama Luisa.

Ele olha para a mexicana, tentando ver nela alguma sugestão, porém a porta estremece sob mais um golpe, racha com o segundo e abre-se de súbito com o terceiro. Napier puxa Luisa, e os dois tomam a saída da esquerda.

63

Bisco e Roper, os dois capangas que Bill Smoke recrutou para o serviço, arrombam a porta usando o corpo como aríete. No tribunal de sua imaginação, Bill Smoke condena William Wiley e Lloyd Hooks por burrice

colossal. *Eu falei pra vocês! Não dava para achar que o Joe Napier ia engavetar a consciência dele e se dedicar à pesca*.

A porta foi despedaçada.

Lá dentro, uma mulher mexicana que parece uma aranha está tendo um acesso de histeria. Uma criança tranquila e um poodle enfeitado estão instalados numa mesa de escritório como se eles, e não a mexicana, fossem o cérebro secreto da empresa. "FBI!", grita Bisco, exibindo a carteira de motorista. "Pra que lado eles foram?"

A mexicana guincha: "Nós cuidamos nossos empregados! Muito bem! Paga muito bem! *No* precisa sindicato!".

Bisco pega arma e dispara sobre o poodle, que fica pregado na parede. "PRA QUE LADO ELES FORAM, PORRA?"

Jesus Cristo e Maomé, é por isso *que eu trabalho sozinho*.

A mexicana morde o punho, estremece e começa a uivar.

"Brilhante, Bisco, quer dizer que o FBI sai por aí matando poodle." Roper debruça-se sobre a criança, que não esboçou qualquer reação à morte do cachorro. "Qual foi a porta que o homem e a mulher usaram?"

Ela o contempla como se o homem fosse apenas um pôr do sol vistoso.

"Você fala inglês?"

Uma histérica, uma muda, um cachorro morto, Bill Smoke anda em direção às três saídas, *e dois babacas de quatro costados*. "Estamos perdendo tempo! Roper, porta da direita. Bisco, esquerda. Eu vou no meio."

64

Fileiras, corredores e muralhas com dez caixas de papelão de altura ocultam as verdadeiras dimensões do depósito. Napier bloqueia a porta com um carrinho. "Me diga que você curou sua alergia a armas de ontem pra hoje", ele cochicha.

Luisa faz que não com a cabeça. "E você?"

“Revólver de brinquedo. Só dá seis tiros. Vamos lá.”

Enquanto correm, Luisa ouve a porta sendo forçada. Napier bloqueia a linha de visão com uma torre de caixas. Depois mais outra, alguns metros adiante. Eles correm, mas têm a impressão de que estão fazendo isso há minutos e ainda não chegaram a lugar nenhum. Uma terceira torre desaba diante deles, porém, e dezenas de Garibaldos — Luisa reconhece o casuar amarelo e bobalhão dos tempos em que Hal assistia àquele programa infantil quando estava desempregado — caem das caixas. Napier faz um gesto: *corra de cabeça baixa*. Luisa tem esperança de que o barulho das máquinas do outro lado da parede abafe o som das caixas caindo.

Cinco segundos depois, uma bala atravessa o papelão de uma caixa a cinco centímetros da cabeça dela, e o enchimento de um Garibaldo espirra em seu rosto. Luisa tropeça e esbarra em Napier; um ruído forte perfura o ar acima deles. Napier saca sua arma e dá dois tiros com o braço estendido ao lado dela. Os estampidos fazem com que Luisa se enrosque, formando uma bola. “Corre!”, ordena Napier, puxando-a para cima. Ela obedece — Napier começa a derrubar pilhas de caixas para atrapalhar o perseguidor.

Dez metros adiante, Luisa chega ao canto do depósito. Há uma porta de madeira compensada com os dizeres SAÍDA DE EMERGÊNCIA.

Trancada. Ofegante, Joe Napier se aproxima. Não consegue arrombar a porta.

“Desiste, Napier!”, eles ouvem. “Não é você que a gente quer!”

Ele atira à queima-roupa na fechadura.

A porta mesmo assim não abre. Napier dá mais três tiros na fechadura. Cada estampido faz Luisa recuar. O quarto tiro é um estalido vazio. Ele chuta a porta com a sola da bota.

Uma oficina clandestina com quinhentas máquinas de costura a zumbir ao mesmo tempo. Flocos de tecido pairam no ar quente e viscoso, formando um halo em torno das lâmpadas nuas que pendem acima de cada costureira. Luisa e Napier contornam a passagem externa correndo semiagachados. Pato Donalds murchos e Scooby-Doos crucificados estão sendo costurados, um por um, fileira por fileira, enchimento por enchimento. Todas as

mulheres — hispânicas ou chinesas, sem exceção — mantêm o olhar fixo na costura, de modo que Luisa e Napier não chegam a causar uma comoção.

Mas como é que a gente vai sair daqui?

Napier esbarra, literalmente, na mexicana da recepção. Ela lhes indica uma passagem lateral escura, semibloqueada. Napier vira-se para Luisa, gritando por causa do barulho, a expressão do rosto dizendo: *Vamos confiar nela?*

O rosto de Luisa responde: *Tem alguma ideia melhor?* Eles seguem a mexicana passando por entre pilhas de tecidos e arames, caixas abertas cheias de olhos de ursos de pelúcia e toda uma variedade de esqueletos e entranhas de máquinas de costura. A passagem vira à direita e termina diante de uma porta de ferro. A luz do dia entra filtrada por uma grade imunda. A mexicana tenta encontrar a chave em seu chaveiro. *Aqui a gente está em 1875*, pensa Luisa, *e não em 1975*. Uma das chaves não entra. A próxima entra, mas não gira. Bastaram trinta segundos dentro daquela fábrica para que a audição de Luisa fosse afetada.

Um grito de guerra vem de seis metros dali. "Mãos ao alto!" Luisa se vira de repente. "Eu disse *mãos ao alto*, porra!" As mãos dela obedecem. Um homem mantém a pistola apontada para Napier. "Vira pra mim, Napier! *Devagar!* Larga a arma!"

A mexicana grita: "*No* atira mim! *No* atira mim, senhor! Eles forçaram, eu mostrei a porta! Eles falaram que matavam…".

"Cala a boca, sua cucaracha de merda! Cai fora! Sai da minha frente!"

A mulher o contorna devagarinho, apertando-se contra a parede, gritando histérica: "*¡No dispares! ¡No dispares! ¡No quiero morir!*".

Napier berra, no meio do barulho concentrado da fábrica: "Calma aí, Bisco, quanto é que estão te pagando?".

O outro responde no mesmo tom: "Para com isso, Napier. Últimas palavras".

"Não estou ouvindo! O que foi você disse?"

"Quais — são — suas — últimas — palavras?"

"Últimas palavras? Quem você acha que é? O poderoso chefão?"

A boca de Bisco se contorce. “Eu tenho um livro de últimas palavras, e essas foram as suas. E você?” Ele olha para Luisa, mantendo a arma apontada para Napier.

Um tiro de pistola perfura a barulheira e os olhos dela se fecham com força. Uma coisa dura toca a ponta de seu pé. Luisa força os olhos a se abrirem. É uma arma, caída no chão. O rosto de Bisco se contorce numa agonia inexplicável. A chave inglesa da mexicana brilha e acerta com força o maxilar do pistoleiro. Dez ou mais golpes de extrema ferocidade se seguem, cada um deles fazendo Luisa recuar, pontuados pelas palavras “*¡Yo! ¡Amaba! ¡A! ¡Ese! ¡Perro! ¡Hijo! ¡De! ¡Puta!*”.

Luisa olha para Joe Napier. Ele assiste à cena, intacto, incólume.

A mexicana enxuga os lábios e debruça-se sobre o vulto inerte de Bisco, com o rosto destroçado. “E *no* me chama de *cucaracha*!” Ela passa por cima da cabeça esmagada do corpo e destranca a porta.

“Você podia dizer pros outros dois que fui *eu* que fiz isso com ele”, diz Napier à mulher, pegando a arma de Bisco.

A mexicana dirige-se a Luisa. “*Quítatelo de encima, cariña. Anda con gentuza y ¡Dios mío! este viejo que podría ser tu padre.*”

65

Sentado no vagão do metrô coberto de pichações, Napier observa a filha de Lester Rey. Ela está apalermada, descabelada, trêmula, as roupas ainda úmidas por causa do sprinkler. “Como você me encontrou?”, ela pergunta, por fim.

“Sujeito grandalhão, gordo, lá da sua revista. Nosboomer ou coisa parecida.”

“Nussbaum.”

“Isso mesmo. Não foi fácil de convencer, não.”

Um silêncio se instaura, desde a estação Reunion Square até a avenida 17. Luisa cutuca um furo em seu jeans. “Imagino que você não trabalhe mais na Seaboard.”

“Me mandaram vestir o pijama ontem.”

“Demitido?”

“Não. Aposentadoria antecipada.”

“E hoje de manhã você tirou o pijama?”

“É por aí.”

O silêncio seguinte dura da avenida 17 até o McKnight Park.

“Tenho a sensação”, Luisa hesita, “que eu — não, que *você* violou uma espécie de decreto deles. Como se Buenas Yerbas tivesse decidido que eu ia morrer hoje. Mas olha eu aqui.”

Napier pensa um pouco. “Não. A cidade não está nem aí. E você pode até dizer que foi seu pai quem salvou sua vida, quando ele chutou aquela granada que estava rolando na minha direção, trinta anos atrás.” O vagão do metrô geme e estremece. “A gente tem que passar numa loja de armas. Revólver sem bala me deixa nervoso.”

O metrô emerge na superfície.

Luisa aperta os olhos. “Aonde a gente está indo?”

“Vamos falar com uma pessoa.” Napier consulta o relógio de pulso. “Ela veio pra cá de avião só pra isso.”

Luisa esfrega os olhos vermelhos. “Será que essa pessoa consegue uma cópia do Relatório Sixsmith? Porque pelo visto essa é a única coisa que tem importância agora.”

“Ainda não sei, não.”

66

Megan Sixsmith está sentada num banco baixo do Museu de Arte Moderna de Buenas Yerbas, encarando o gigantesco retrato de uma velha

com cara de urso, traçado com linhas negras e cinzentas que se entrecruzam contra um fundo branco. Única obra figurativa numa sala cheia de Pollocks, Koonings e Mirós, o retrato surpreende de modo discreto. *"Este", o retrato diz, "é seu futuro. Também seu rosto um dia ficará como o meu"*, Megan pensa. O tempo teceu na pele da velha uma rede de rugas. Os músculos estão frouxos aqui, tensos ali, as pálpebras pesam. As pérolas de seu colar são provavelmente de qualidade inferior, e seu cabelo está despenteado após uma tarde cuidando dos netos. *Mas ela vê coisas que eu não vejo*.

Uma mulher mais ou menos da sua idade senta-se ao seu lado. Ela está precisada de um bom banho e roupa limpa. "Megan Sixsmith?"

Megan olha para o lado. "Luisa Rey?"

A mulher faz que sim, olhando para o retrato. "Sempre gostei dela. Meu pai a conheceu, quer dizer, a mulher do quadro. Era uma sobrevivente do Holocausto que se mudou pra BY. Dona de uma pensão no bairro português. O artista morava na pensão, antes de ficar famoso."

A coragem cresce em qualquer lugar, pensa Megan Sixsmith, *como as ervas daninhas*.

"Joe Napier me disse que você veio hoje de Honolulu."

"Ele está aqui?"

"É o cara atrás de mim, com camisa de brim, fingindo que está olhando pro Warhol. Ele é nosso segurança. Infelizmente, sua paranoia é perfeitamente justificada."

"Eu sei. Preciso ter certeza de que você é mesmo quem diz que é."

"Ótimo. Alguma sugestão?"

"Qual era o filme do Hitchcock predileto do meu tio?"

A mulher que afirma ser Luisa Rey pensa um pouco, e sorri. "Nós falamos sobre Hitchcock no elevador — imagino que ele deve ter contado a você o que aconteceu —, mas não sei qual era seu filme predileto. Disse que gostava daquela passagem muda de *Um corpo que cai*, em que o Cary Grant segue a mulher misteriosa até o cais do porto, com San Francisco ao fundo. E de *Charada* — ele achou graça quando você disse que a Audrey Hepburn era uma cabeça de vento."

Megan inclina-se para trás no banco. “Sim, meu tio falou de você num cartão que escreveu no hotel do aeroporto. Era um bilhete nervoso e preocupante, com expressões do tipo ‘Se alguma coisa acontecer comigo…’, mas não era uma carta de suicídio. Nada seria capaz de levar o Rufus a fazer o que a polícia disse que ele fez. Tenho certeza.” *Pergunte a ela, e controle essa tremedeira, pelo amor de Deus.* “Me diga uma coisa — *você* acha que meu tio foi assassinado?”

Luisa Rey responde: “Infelizmente, sei que ele foi assassinado. Lamento”.

A convicção da jornalista é para ela uma catarse. *Então você não está enlouquecendo*. “Sei que ele estava trabalhando pra Seaboard e pro departamento de Defesa. Bom, nunca vi o relatório completo, mas fiz uma revisão da parte matemática quando visitei o Rufus em junho. Um examinou o trabalho do outro.”

“Departamento de Defesa? Você não quis dizer Energia?”

“Defesa. Um subproduto do reator Hidra Zero é urânio enriquecido, pra uso em armas nucleares. Da maior qualidade, em boa quantidade.” Megan dá um tempo para que Luisa Rey possa digerir as implicações do fato. “Você precisa do quê?”

“Do trabalho dele. O relatório é a única coisa capaz de derrubar a Seaboard na arena pública e na legal. Além de salvar minha pele, é claro.”

Confiar nessa desconhecida ou me levantar e ir embora?

Um grupo de crianças uniformizadas se reúne em torno do retrato da velha. Megan murmura, tendo ao fundo a fala da curadoria do museu: “O Rufus guardava os escritos acadêmicos dele, os dados, as anotações, os rascunhos, no *Starfish*, o iate dele, pra se precisasse consultar depois. O enterro vai ser na semana que vem, e o inventário só começa depois disso, de modo que esses documentos devem estar lá, intactos. Sou capaz de apostar que ele tinha uma cópia do relatório no iate. O pessoal da Seaboard já pode ter ido lá, mas ele fazia questão de não mencionar a existência do *Starfish* no trabalho…”.

“E onde o iate está ancorado no momento?”

67

MARINA REAL DO CABO YERBAS,
ANCORADOURO DA PROPHETESS,
A ESCUNA MAIS BEM PRESERVADA EM TODO O MUNDO!

Napier estaciona o Ford alugado junto à sede do clube, um antigo abrigo de barcos maltratado pelas intempéries. As janelas iluminadas indicam a presença de um bar convidativo, e flâmulas náuticas se agitam na brisa da tarde. Ruídos de risos e latidos de cães vêm das dunas quando Luisa e Napier atravessam o jardim do clube e descem os degraus que levam à extensa marina. Um navio de madeira de três mastros se destaca em silhueta contra o céu que já escurece ao leste, bem mais alto que os reluzentes iates de fibra de vidro que o cercam. Há gente nos píeres e nos iates, mas não muita. "O *Starfish* fica no píer mais afastado da sede", diz Luisa, consultando o mapa de Megan Sixsmith, "depois do *Prophetess*."

O navio oitocentista foi mesmo muito bem restaurado. Apesar de estar ali numa missão, Luisa tem sua atenção atraída momentaneamente por um estranho clima de seriedade que a faz deter-se, contemplando as velas, ouvindo o rangido da ossatura de madeira.

"O que foi?", cochicha Napier. Está escuro demais para entender a expressão no rosto de Luisa.

O que foi? O sinal de nascença dela lateja. Luisa tenta segurar as pontas daquele momento elástico, porém elas desaparecem no passado e no futuro. "Nada."

"Tudo bem estar assustada. Eu também estou."

"Certo."

"Vamos embora. Estamos quase chegando."

O *Starfish* está exatamente onde Megan o localizou no mapa. Os dois sobem no iate. Napier enfia um clipe na porta da cabine, e na fenda que se

abre introduz o palito de um pirulito. Luisa olha à sua volta, para ver se alguém os observa. “Aposto que você não aprendeu isso no Exército.”

“Pois perdeu a aposta. Os gatunos dão ótimos soldados, e a junta de recrutamento não era lá muito exigente…” Um estalo. “Consegui.” A cabine está bem arrumada e não contém livros. Um relógio digital no painel pisca, mudando de 21:55 para 21:56. O fino feixe de luz da lanterna de Napier pousa sobre uma mesa de navegação instalada em cima de um pequeno arquivo. “Vamos olhar lá dentro?”

Luisa abre uma gaveta. “Está aqui. Ilumine.” Uma massa de pastas e classificadores. Uma em particular, cor de baunilha, atrai seu olhar. REATOR HIDRA ZERO — MODELO DE AVALIAÇÃO OPERACIONAL —CHEFE DO PROJETO: DR. RUFUS SIXSMITH. “Achei. É ele. Você está bem?”

“Estou, sim. É que… bem que alguma coisa podia dar certo agora, sem nenhuma complicação.”

Quer dizer que o Joe Napier consegue sorrir.

Um movimento à porta da cabine; um homem cobre as estrelas ao fundo. Napier percebe o susto de Luisa e dá meia-volta de repente. À luz da lanterna ela vê um tendão mexer-se no pulso do pistoleiro, duas vezes, mas não se ouve nenhum estampido. *Será que a trava de segurança emperrou?*

Joe Napier dá um soluço, cai de joelhos e bate com a cabeça na base de aço da mesa de navegação.

Seu corpo jaz inerte.

Luisa perde quase todo a consciência de quem é. A lanterna de Napier rola de um lado para o outro com os movimentos suaves do mar, e a luz dela põe em relevo seu torso destroçado. O sangue de Napier se espalha com uma velocidade obscena, obscenamente vermelho e reluzente. As velas se sacodem ao vento, sinos discordantes.

O assassino fecha a porta da cabine. “Ponha o relatório na mesa, Luisa.” Ele murmura num tom carinhoso. “Não quero ele sujo de sangue.” Ela obedece. O rosto do homem é invisível. “Bom, pode encomendar a alma a Deus.”

Luisa se agarra à mesa. “Você é o Bill Smoke. Você matou o Sixsmith.”

A escuridão responde: “Forças superiores mataram todos vocês. Eu só fiz apertar o gatilho”.

Foco. “Então você nos seguiu, desde o banco, no metrô, até o museu…”

“A morte sempre faz você falar demais?”

A voz de Luisa treme. “Como assim, *sempre*?”

68

Joe Napier flutua num silêncio torrencial.

O fantasma de Bill Smoke paira na sua visão escurecida.

Mais de metade de seu ser já se desfez.

Surgem palavras a ferir o silêncio novamente. *Ele vai matá-la*.

Aquela trinta e oito no seu bolso.

Cumpri meu dever, estou morrendo, meu Deus.

Ora. Vá falar com o Lester Rey sobre dever e morte.

A mão direita de Napier se aproxima lentamente da fivela do cinto. Ele não sabe mais se é um bebê no berço ou um homem morrendo na cama. Passam-se noites, não, vidas inteiras. Volta e meia Napier quer esvair-se, porém seu dedo indicador tem uma missão que se recusa a esquecer. A coronha de uma arma aparece na palma de sua mão. Seu dedo se insere numa alça de aço e uma súbita claridade ilumina seu objetivo. *O gatilho, é isso, sim. Apertar. Devagar…*

Levantar a arma. Bill Smoke está a poucos metros de distância.

O gatilho resiste a seu indicador — então um ruído incrível joga Bill Smoke para trás, braços frouxos como os de uma marionete.

Faltam quatro instantes para sua vida terminar, e Napier dá mais um tiro na marionete que é uma silhueta cercada de estrelas. A palavra “Silvaplana” lhe ocorre, sem que ele a tivesse chamado.

Faltam três instantes, e o corpo de Bill Smoke vai deslizando até se estender no chão da cabine.

Faltam dois, e o relógio digital pisca, passando de 21:57 para 21:58.

Os olhos de Napier afundam, a luz de um sol renascido é filtrada por carvalhos antiquíssimos e dança sobre um rio perdido. *Veja, Joe, garças.*

69

Na enfermaria onde Margo Roker está internada, no Hospital de Swannekke, Hester Van Zandt consulta seu relógio: 21:57. O horário de visita termina às dez. “Uma saideira, Margo?” A visita contempla sua amiga em coma, e depois fica a folhear sua antologia de poesia americana. “Um pouco de Emerson? Ah, sim. Você se lembra deste? Foi você que me mostrou.”

Se o assassino crê que mata
E o morto julga morto estar,
Não sabem eles como eu ajo,
Ao vir e ir, depois voltar.

Pra mim, é próximo o longínquo,
E são o mesmo a luz e a sombra;
A mim se mostram deuses findos,
E são iguais fama e desonra.

Quem não me inclui, perde e não sabe;
Quem de mim foge, é a mim que vem;
Sou quem duvida e sou a dúvida,
E a prece do monge também.

Por mim anseiam os grandes deuses.
Mas é em vão…

“Margo? Margo? Margo!” As pálpebras de Margo Roker vibram como se ela estivesse em sono REM. Um gemido se espreme em sua laringe. Ela tenta respirar, e de súbito seus olhos se abrem de todo, piscando confusos e assustados ao ver os tubos enfiados em seu nariz. Também Hester Van Zandt está em pânico, mas ao mesmo tempo esperançosa. “Margo! Você está me ouvindo? Margo!”

Os olhos da paciente viram-se para sua velha amiga, e ela deixa a cabeça afundar no travesseiro. “Estou ouvindo você, sim, Hester, você está gritando no meu ouvido, porra.”

70

Luisa Rey lê a edição de 1o de outubro do *Western Messenger* em meio à barulheira enfumaçada do Snow White Diner.

Lloyd Hooks paga US$ 250 mil de fiança e foge
Presidente Ford promete “prender os corruptos que sujam o nome do empresariado americano”

Um porta-voz do departamento de polícia de Buenas Yerbas confirmou que Lloyd Hooks, recém-nomeado presidente da Seaboard Power Inc. e ex-guru da energia, fugiu do país, depois de pagar 250 mil dólares de fiança na segunda-feira. O mais recente episódio do escândalo “Seaboardgate” ocorreu um dia depois de Hooks jurar “defender minha integridade e a integridade da nossa grande empresa americana contra todas essas mentiras aviltantes”. O presidente Ford interveio no escândalo ao conceder uma entrevista coletiva na Casa Branca, condenando seu ex-ministro, nomeado por Nixon, e distanciando-se dele. “Meu gabinete trata de modo igual todos os que ferem a lei. Vamos prender os corruptos que sujam o nome do empresariado americano e puni-los com a severidade máxima permitida pela lei.”

O sumiço de Lloyd Hooks, interpretado por muitos como confissão de culpa, é a mais recente peripécia numa série de revelações desencadeadas pelo incidente de 4 de setembro na Marina Real do Cabo Yerbas, em que Joe Napier e Bill Smoke, seguranças da polêmica usina atômica da Seaboard instalada na ilha de Swannekke, trocaram tiros e morreram. A testemunha ocular, Luisa Rey, correspondente deste jornal, chamou a polícia para o local do crime, e investigações subsequentes já se estendem ao assassinato, ocorrido no mês passado, de Rufus Sixsmith, engenheiro atômico britânico e consultor da Seaboard; à queda do jato particular de Alberto Grimaldi, então presidente da empresa, no Colorado, duas semanas atrás; e também à explosão ocorrida no Third Bank of California no centro de BY, que causou a morte de duas pessoas. Cinco diretores da Seaboard foram acusados de envolvimento na conspiração, e dois deles se suicidaram. Outros três, entre os quais o vice-presidente William Wiley, se comprometeram a testemunhar contra a Seaboard.
A detenção de Lloyd Hooks anteontem foi encarada como a confirmação do apoio que este jornal vem dando à série de reportagens de Luisa Rey a respeito desse grande escândalo, que de início foi tachado por William Wiley de “uma calúnia fantasiosa retirada de um romance de espionagem, que sequer merece uma reação séria”… *Continua na p. 2. V. matéria completa na p. 5, comentário na p. 11*.

“Primeira página!” Bart serve um café a Luisa. “O Lester ia ficar muito orgulhoso.”

“Ele ia dizer que sou só uma jornalista fazendo o meu serviço.”

“Justamente.”

O escândalo Seaboardgate não é mais apenas um furo de Luisa. A ilha de Swannekke foi invadida por repórteres, investigadores do Senado, agentes do FBI, policiais locais e roteiristas de Hollywood. O reator Swannekke B foi desligado; o C foi suspenso.

Luisa relê o cartão-postal de Javier. Ele mostra três OVNIS passando debaixo da ponte Golden Gate:

Oi Luísa, aqui é legal mais a gente mora numa casa e aí não dá para pular de uma varanda para outra quando eu visito os meus amigos. O Paul (*é o Lobisomem só que a mamãe não quer que eu chame ele assim se bem que ele até gosta*) *vai me levar amanhã a uma feira de filiatelia, depois eu posso escolher qual a cor que vão pintar o meu quarto e ele cozinha melhor que a mamãe. Vi você ontem de novo na tevê e no jornal. Não vai esquecer de mim só porque agora você é famosa, tá bem? Javi*

O correio trouxe também um pacote de Megan Sixsmith, atendendo a um pedido de Luisa. Neles estão as últimas oito cartas que Robert Frobisher enviou a seu amigo Rufus Sixsmith. Luisa o abre com uma faca de plástico. De dentro dele retira um dos envelopes amarelados, com o carimbo do dia 10 de outubro de 1931, aproxima-o do nariz e respira fundo. *Será que moléculas do castelo de Zedelghem, da mão de Robert Frobisher, depois de passarem quarenta e quatro anos dormindo neste papel, entraram nos meus pulmões e no meu sangue?*

Quem há de saber?

Cartas de Zedelghem

ZEDELGHEM
10-XI-1931

Sixsmith,

Ayrs está acamado há três dias, apalermado pela morfina, gritando de dor. Tudo muito confuso e perturbador. O dr. Egret diz a mim e a J. para não confundirmos a nova *joie de vivre* de Ayrs causada pela música com a saúde propriamente dita, e proibiu V. A. de trabalhar na cama. O dr. Egret me provoca arrepios. Todo charlatão que conheço me dá a impressão de que está tramando para me matar da maneira mais dispendiosa possível.

Mergulhado na minha própria música. É cruel dizê-lo, mas quando Hendrick chega à hora do café da manhã e me diz: "Hoje não, Robert", chego quase a me sentir aliviado. Passei essa noite trabalhando num *allegro* espalhafatoso para violoncelo, iluminado por tresquiálteras explosivas. Silêncio pontuado pelo estampido das ratoeiras. Lembro-me de ter ouvido o relógio da igreja dando as três da madrugada. *Ouvi um bacurau*, diz Huckleberry Finn, *e um cachorro chorando porque alguém ia morrer*. Essa frase sempre me obcecou. Quando dei por mim, Lucille estava estendendo lençóis na manhã ensolarada junto à janela. Morty Dhondt estava lá embaixo, disse-me ela, pronto para nosso passeio. Achei que estivesse sonhando, mas não. Meu rosto estava coberto por uma crosta, e por um

segundo eu não seria capaz de dizer meu próprio nome. Rosnei que não estava com vontade de ir a lugar nenhum com Morty Dhondt, queria mais era dormir, tenho trabalho a fazer. “Mas na semana passada o senhor combinou que ia passear de automóvel hoje!”, argumentou Lucille.

Lembrei-me do combinado. Lavei-me, vesti roupas limpas e fiz a barba. Mandei Lucille procurar o criado que tinha engraxado meus sapatos etc. Na sala do café, o simpático joalheiro estava fumando um charuto e lendo o *Times*. “Não tenha pressa”, disse-me, quando pedi desculpas por estar atrasado. “Lá aonde vamos, ninguém vai reparar se estamos chegando cedo ou tarde.” A sra. Willems me serviu um prato de *kedgeree*, e J. entrou, toda esvoaçante. Ela não havia esquecido que dia era, e me deu um ramalhete de rosas brancas, amarradas com uma fita preta, então sorriu, tal como antes.

Dhondt dirige um Bugatti Royale Type 42, clarete, uma belezura, Sixsmith. Um verdadeiro diabo na pista — quase oitenta por hora no macadame! — e tem um clácson poderoso, que Dhondt dispara diante da menor provocação.

Um belo dia para uma viagem fúnebre. Quanto mais próximo ao front, é claro, mais devastado está o campo. Passando de Roeselare, o terreno está perfurado por crateras, riscado por trincheiras que estão desabando, com manchas de queimadas onde não nasce nem mesmo capim. As poucas árvores que ainda estão em pé aqui e ali, quando a gente toca nelas, são de carvão morto. O verde que recobre a terra parece menos a natureza a renascer do que a natureza embolorada. Gritando para que eu ouvisse apesar do barulho do motor, Dhondt comentou que os fazendeiros ainda não ousam lavrar a terra com medo de detonar algum explosivo. Impossível passar por lá sem pensar na densidade de corpos debaixo da terra. A qualquer momento, a ordem de atacar seria dada, e soldados de infantaria se levantariam do solo, limpando a terra dos uniformes. Os treze anos que se passaram desde o armistício pareciam ser apenas treze horas.

Zonnebeke é uma aldeia dilapidada, um amontoado de ruínas apenas parcialmente reparadas, e é lá que fica um cemitério da 11a Divisão de Essex, da 53a Brigada. A Comissão de Sepulturas de Combatentes me

informou que este cemitério é muito provavelmente aquele em que meu irmão foi enterrado. Adrian morreu na ofensiva de 31 de julho, na colina de Messines, no auge da batalha. Dhondt me levou até os portões e me desejou boa sorte. Manifestando tato, disse que tinha uma questão de negócios a resolver ali perto — devíamos estar a uns cem quilômetros do joalheiro mais próximo — e deixou-me entregue à minha busca quixotesca. Um ex-combatente tísico guardava os portões quando não estava cuidando de sua lamentável horta. Trabalhava também como zelador — em caráter oficioso, desconfio — e indicou-me uma caixinha de donativos, para a "manutenção". Dei-lhe um franco, e o sujeito me perguntou, num inglês razoável, se eu estava procurando alguém em particular, pois ele havia decorado o nome de todos no cemitério. Anotei o de meu irmão, mas ele me deu aquele sorriso invertido, típico dos franceses, cujo sentido é: "Os meus problemas são meus, e os seus são seus, e este é dos seus".

Sempre tive a impressão de que seria capaz de adivinhar qual seria o de Adrian. Uma inscrição reluzente, uma gralha a balançar a cabeça ou simplesmente uma certeza musical haveria de me levar ao túmulo exato. Uma bobagem completa, é claro. As lápides eram incontáveis, idênticas e dispostas como se numa parada. Um emaranhado de sarças já invadia o perímetro. O ar estava pesado, como se o céu fosse uma tampa hermeticamente fechada sobre nós.

Percorri as fileiras e colunas procurando os F. Muito pouco provável, mas nunca se sabe. O ministério da Guerra também erra — se a primeira vítima da guerra é a verdade, a segunda é a eficiência dos funcionários. Acabei não encontrando nenhum "Frobisher" naquele cemitério flamengo. O mais próximo que encontrei foi "Froames, B. W., soldado 2389, 18a (Divisão do Leste)", e assim deixei as rosas brancas de J. em sua lápide. Quem há de saber? Talvez Froames tenha pedido a Adrian o fogo para seu cigarro, numa tarde exausta, ou então se acocorado ao lado dele enquanto choviam bombas, ou então dividido com ele um pote de Bovril. Sou uma besta sentimental, e sei que sou.

A gente encontra palhaços como Orford, no Balliol College, que ostentam um ar de privação a que a Guerra deu fim antes que eles tivessem oportunidade de mostrar a que vieram. Já outros, e o exemplo que me ocorre é Figgis, confessam alívio por não terem idade para ser recrutados antes de 1918, mas também certa vergonha por sentirem isso. Já falei muitas vezes com você sobre minha experiência de crescer à sombra de meu irmão lendário — todas as censuras começavam assim: "O Adrian nunca…" ou "Se seu irmão estivesse aqui agora, ele…". Cheguei a odiar ouvir seu nome ser pronunciado. Às vésperas de minha expulsão da Frobisheria, o que eu mais ouvia era: "Você envergonha a memória de Adrian!". Nunca, nunca vou perdoar meus pais por isso. Lembrei-me da nossa despedida, numa tarde garoenta, em Audley End, Adrian fardado, o pai o abraçando. O tempo das bandeirinhas e comemorações já havia passado fazia muito — eu soube depois que a Polícia Militar estava escoltando os recrutas até Dunquerque para evitar deserções em massa. Todos aqueles Adrians amontoados como sardinhas em cemitérios espalhados pela França oriental e a Bélgica ocidental, entre outros lugares. Nós recebemos cartas de um baralho chamado contexto histórico — a nossa geração, Sixsmith, recebeu dez, valetes e damas. A de Adrian, três, quatros e cincos. Só isso.

É claro que "só isso" nunca é só isso. As cartas de Adrian eram extraordinariamente sonoras. É possível fechar os olhos, mas não os ouvidos. O estalido dos piolhos nas costuras; o tropel das ratazanas correndo; o estalar dos ossos partidos por balas; o pipocar das metralhadoras; o trovão das explosões distantes e o relâmpago das próximas; o tilintar de pedrinhas batendo em capacetes metálicos; o zumbido das moscas na terra de ninguém no verão. As conversações posteriores acrescentam os gritos dos cavalos; o crepitar da lama congelada rachando; os aviões zumbindo; os tanques atolados na lama roncando; os recém-amputados ao emergir do estupor do éter; o arroto dos lança-chamas; o som líquido de uma baioneta perfurando um pescoço. A música europeia é selvagem e passional, interrompida por silêncios prolongados.

Eu me pergunto se meu irmão também gostava de rapazes além de moças, ou se meu vício é só meu. Pergunto-me se ele morreu casto. Penso nesses soldados, deitados um ao lado do outro, encolhendo-se, vivos; e frios, mortos. Ajeitei a lápide de B. W. Froames e voltei aos portões. Bem, minha missão estava mesmo fadada ao fracasso. O zelador mexia num barbante e não disse nada. Morty Dhondt veio me pegar pontualmente na hora combinada, e logo estávamos voltando à civilização, ha-ha.

Passamos por um lugar chamado Poelkapelle ou coisa parecida, entramos numa avenida ladeada por olmos que se estendiam por quilômetros a fio. Dhondt escolheu essa reta para pisar fundo no Bugatti. As árvores individuais fundiram-se numa única árvore repetida ao infinito, como um pião a rodopiar. A agulha do velocímetro estava se aproximando do limite quando uma forma semelhante a uma mulher louca a correr surgiu na frente de nós — ela bateu no para-brisa e voou por cima de nossas cabeças. Meu coração detonou como um revólver, falando sério! Dhondt freou, a estrada nos inclinou para um lado e nos sacudiu para o outro, os pneus cantaram e um cheiro de borracha quente ardeu no ar. Nosso infinito se esgotou. Meus dentes haviam cravado fundo na minha língua. Se os freios não tivessem travado de tal modo que o Bugatti continuou seguindo sua trajetória pela estrada, nós teríamos terminado aquele dia — se não nossa vida — enroscados em torno de uma árvore. Aos poucos o carro foi parando. Eu e Dhondt saltamos e corremos em direção à criatura — e constatamos que era um faisão monstruoso, a bater as asas quebradas. Dhondt soltou uma praga complexa em sânscrito ou algo assim, e exclamou “Ha!”, aliviado ao constatar que não havia matado nenhuma *pessoa*, e ao mesmo tempo manifestando desânimo por ter matado alguma *coisa*. Não podendo falar, levei meu lenço à língua ferida. Propus que a pobre ave levasse um tiro de misericórdia. A resposta de Dhondt foi um provérbio cuja idiotice talvez fosse proposital: “Para aqueles que estão no cardápio, a escolha do molho é indiferente”. E voltou ao carro, para tentar fazê-lo voltar a funcionar. Não consegui entender o que ele quis dizer com aquela frase, porém aproximei-me do faisão, o que o fez agitar as asas com desespero ainda maior. As

penas do peito estavam sujas de sangue e excremento. Ele chorava, Sixsmith, tal como um bebê com dois dias de idade. Lamentei não estar armado. À beira-estrada havia uma pedra do tamanho de meu punho. Golpeei com força a cabeça do faisão. Desagradável — muito diferente de atirar numa ave, muito, mesmo.

Limpei-me do sangue do faisão como pude, usando folhas colhidas à beira-estrada. Dhondt havia conseguido dar a partida no carro de novo, entrei e fomos até a aldeia mais próxima. Um lugar sem nome, ao que parecia, porém havia lá um estabelecimento miserável, mistura de café com mecânica e funerária, frequentado por uma malta silenciosa de moradores da localidade, e inúmeras moscas que dançavam no ar como anjos da morte drogados. A freada súbita havia desalinhado o eixo fronteiro do Bugatti, e por isso M. D. havia parado ali para mandar consertá-lo. Estávamos sentados ao ar livre à margem de uma "praça", na verdade um lago de lama misturada com pedras, no centro do qual havia um pedestal cujo habitante tinha sido derretido havia muito tempo para ser transformado em projéteis. Umas crianças sujas corriam atrás da única galinha gorda do país — ela voou para cima do pedestal. As crianças começaram a jogar pedras nela. Onde estaria o dono do bicho? Perguntei ao homem do bar quem fora o ocupante original daquele pedestal. Ele não sabia, pois era do sul. Meu copo estava tão sujo que pedi que o trocasse. Ele melindrou-se, e a partir daí ficou menos falante.

M. D. perguntou-me como fora minha hora passada no cemitério de Zonnebeke. Não cheguei a responder exatamente. O faisão estropiado e ensanguentado estava o tempo todo surgindo diante de meus olhos. Perguntei a M. D. onde ele havia passado a Guerra. "Ah, você sabe, ocupado com os negócios." Em Bruges?, perguntei, surpreso, não conseguindo imaginar um joalheiro belga prosperando sob a ocupação germânica. "Ah, não, claro que não", respondeu M. D. "Em Joanesburgo. Eu e minha mulher ficamos por lá durante todo o conflito." Elogiei sua prudência. Modesto, ele explicou: "As guerras não explodem sem aviso prévio. Elas começam como pequenas fogueiras do outro lado do horizonte.

Vêm vindo aos poucos. Quem tem juízo não tira o olho da fumaça e fica pronto para ir embora, tal como Ayrs e Jocasta. Meu medo é que a próxima guerra seja tão grande que não sobre nenhum lugar com um bom restaurante".

Ele tinha tanta certeza assim de que outra guerra viria?

"*Sempre* vem outra guerra, Robert. As guerras nunca terminam por completo. O que é que desencadeia uma? A vontade de poder, espinha dorsal da natureza humana. A ameaça de violência, o medo da violência e a violência em si são os instrumentos dessa vontade terrível. A vontade de poder se manifesta na cama, na cozinha, nas fábricas, nos sindicatos e nas fronteiras entre países. Escute o que estou dizendo e não esqueça. O Estado-nação é apenas a natureza humana inchada até proporções monstruosas. *Q.E.D.*, as nações são entidades cujas leis são escritas pela violência. Sempre foi assim, e assim sempre será. A guerra, Robert, é um dos dois companheiros eternos da humanidade."

Então, perguntei, qual era o outro?

"Os diamantes." Um açougueiro com um avental manchado de sangue atravessou a praça correndo, e as crianças se dispersaram. Agora o problema do homem era fazer com que a galinha descesse do pedestal.

E a Liga das Nações? Sem dúvida, os países conheciam outras leis que não a da guerra. E a diplomacia?

"Ah, a diplomacia", disse M. D., sentindo-se em seu elemento, "ela recolhe os destroços da guerra; legitima seus resultados; dá ao Estado forte os meios de impor sua vontade ao mais fraco, para que ele possa guardar suas frotas e batalhões para enfrentar adversários de mais peso. São só os diplomatas profissionais, os idiotas incuráveis e as mulheres que acreditam que a diplomacia pode substituir a guerra no longo prazo."

A *reductio ad absurdum* da visão de mundo de M. D., argumentei, era que a ciência haveria de inventar instrumentos de guerra cada vez mais sangrentos, até que por fim o poder destrutivo da humanidade ultrapassasse o poder criativo, e nossa civilização provocasse sua própria extinção. M. D. abraçou minha objeção com um entusiasmo mordaz. "Exatamente. Nossa

vontade de poder, nossa ciência e aquelas faculdades que nos diferenciaram dos macacos nos elevaram ao nível dos selvagens e depois ao dos homens modernos, são as mesmas faculdades que vão levar à extinção o *Homo sapiens* antes mesmo do fim deste século! Você provavelmente vai viver para ver isso, sujeito de sorte. Isso é que vai ser um crescendo sinfônico, hein?”

O açougueiro veio pedir uma escada emprestada ao dono do bar. Tenho que parar por aqui. Não estou mais conseguindo manter os olhos abertos.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
21-x-1931

Sixsmith,

Ayrs deve estar de pé amanhã, depois de duas semanas de cama. Eu não desejaria a sífilis nem mesmo a meus piores inimigos. No máximo, a um ou dois. O sifilítico apodrece a prestações, como frutas nas margens de um pomar. O dr. Egret vem visitá-lo dia sim, dia não, mas não há muita coisa a fazer senão receitar doses cada vez maiores de morfina. V. A. abomina a droga, porque ela lhe turva a música.

J. tem crises de desânimo. Há noites em que se agarra a mim como se eu fosse um colete salva-vidas e ela estivesse se afundando. Tenho pena da mulher, mas é o corpo, e não os problemas dela, que me interessa. Interessava.

Passei essas duas semanas na sala de música, retrabalhando fragmentos do último ano num “sexteto para solistas sobrepostos”: piano, clarinete, violoncelo, flauta, oboé e violino, cada um com seu próprio idioma de tonalidade, escala e cor. Na primeira parte, cada solo é interrompido por seu sucessor; na segunda, cada interrupção é retomada, na ordem original. Passo revolucionário ou toque maneirista? Só vou saber quando ficar

pronto, e aí já será tarde demais, mas é a primeira coisa em que penso quando acordo, e a última coisa em que penso antes de adormecer, mesmo quando J. está na minha cama. Ela certamente há de entender; o artista vive em dois mundos.

No dia seguinte

Tive uma briga encarniçada com V. A. Ele ditou um estudo em forma de tocata na sessão de composição desta manhã, a coisa me pareceu bem familiar, então reconheci que era o refrão de uma composição minha, o "Anjo de Mons"! Se Ayrs tinha esperança de que eu não percebesse, estava redondamente enganado. Eu lhe disse à queima-roupa — aquela música era minha. Ele mudou de tom: "Como assim, *sua*? Frobisher, quando você crescer, vai constatar que todos os compositores encontram inspiração em seu meio ambiente. Você é um dos muitos elementos do meu, e recebe um salário razoável, eu poderia acrescentar, para receber aulas diárias de composição e circular entre alguns dos maiores músicos de nosso tempo". É, um homem bem diferente daquele que eu levei numa cadeira de rodas até a casa do caseiro algumas semanas atrás, quando implorou para que eu ficasse com ele até a próxima primavera. Perguntei quem tinha em mente para me substituir. A sra. Willems? O jardineiro? Eva? Nefertiti? "Ah, tenho certeza de que Sir Trevor Mackeras vai encontrar um rapaz apropriado para mim. Sim, vou pôr um anúncio. Você não é tão especial quanto pensa. Bem. Você quer seu emprego ou não quer?"

Não consegui encontrar um meio de recuperar o território perdido, por isso saí da sala, queixando-me de uma dor no dedão do pé. V. A. disparou um alerta contra meu flanco exposto: "Se seu dedão não ficar bom até amanhã de manhã, Frobisher, vá consertá-lo em Londres e não volte mais". Há momentos em que tenho vontade de fazer uma fogueira bem grande e jogar esse velho escroto nela.

Uma semana depois, mais ou menos

Continuo por aqui. J. me procurou depois, veio-me com uma história de que Ayrs é orgulhoso, que ele dá muito valor ao meu trabalho, que o temperamento artístico é assim, coisa e tal, mas que eu ficasse por favor, por ela, mesmo que não por ele. Aceitei essa mistura de folha de parreira com ramo de oliveira, e a nossa sessão amorosa naquela noite foi quase afetuosa. O inverno está próximo, e não estou inclinado a ficar procurando aventuras pela Europa com meu minguado pé-de-meia. Eu teria que encontrar uma herdeira burra e rica bem depressa se fosse embora agora. Alguma sugestão? Vou mandar mais um pacote para Jansch, a fim de aumentar meu fundo de emergência. Se Ayrs não me der uma remuneração pelas minhas ideias por ele utilizadas em "Todtenvogel" — que está tendo a vigésima execução pública desde Varsóvia —, vou ter que me reembolsar a mim mesmo. Decidi ser muito mais cauteloso antes de mostrar minhas composições a V. A. daqui em diante. Sabe, depender dos bons ofícios de um patrão para ter onde morar é uma maneira *abominável* de viver. Só Deus sabe como os criados conseguem aguentar isso. Será que a criadagem da Frobisheria vive mordendo a língua, tal como eu?

Eva voltou da Suíça, onde passou o verão. Bem, a tal mocinha *diz* ser Eva, e a semelhança é de fato surpreendente, mas aquela patinha feia metida a besta que partiu de Zedelghem três meses atrás voltou transformada num cisne muito gracioso. Ela ajuda a mãe, banha as pálpebras do pai em algodão imerso em água gelada e lê Flaubert para ele horas a fio, trata os criados com educação e chega mesmo a me perguntar como está indo a composição do meu sexteto. Fiquei achando que aquilo era alguma nova estratégia para se livrar de mim, mas agora que sete dias se passaram começo a achar que a E. casca-grossa está mesmo morta e enterrada.

Muito que bem, de fato há algo a mais em relação a E. e minha paz de espírito do que aparece à primeira vista, mas antes é preciso lhe dar umas

informações básicas. Desde que cheguei a Neerbeke, a “senhoria” de Eva em Bruges, Mme. Van de Velde, vive insistindo com E. e J. para que eu vá visitá-la, a fim de que suas cinco filhas — colegas de escola de E. — possam praticar inglês com um legítimo cavalheiro inglês. M. Van de Velde, você há de se lembrar, é o suposto libertino do parque de Minnewater que acabou se revelando um fabricante de munições, respeitável esteio da sociedade etc. A madame é uma dessas mulheres insistentes e maçantes cujas ambições não se detêm diante de “Ele está ocupadíssimo no momento”. Aliás, começo a suspeitar que J. determinou o *fait accompli* por despeito — à medida que a filha se transforma em cisne, a mãe vai virando uma gralha velha insuportável.

Hoje era o dia do meu almoço na casa dos Van de Velde — cinco filhas regularmente espaçadas, mais a mãe e o pai. Estava precisando de cordas novas para violoncelo, e além disso não é nada mau fazer Ayrs se dar conta do quanto ele é impotente sem mim — assim, criei coragem e enchi-me de esperanças de que os V. de V. empregassem um cozinheiro compatível com a renda de um industrial. Às onze em ponto, o automóvel dos Van de Velde — um Mercedes-Benz prateado, muito obrigado — chegou a Zedelghem, e o chofer da família, um boneco de neve que suava em bicas e não tinha pescoço nem falava francês, levou E. e a mim a Bruges. Outrora, uma viagem como essa teria transcorrido num silêncio pétreo, e no entanto dei por mim falando a E. um pouco sobre meus tempos em Cambridge. E. alertou-me para o fato de que a mais velha das Van de Velde, Marie-Louise, estava firmemente decidida a casar-se com um inglês, de modo que eu seria obrigado a proteger a minha castidade com unhas e dentes.

O que você acha *disso*?

Na casa dos Van de Velde, as meninas foram dispostas na escadaria de modo a receber-me em ordem crescente de idade; cheguei a imaginar que elas fossem começar a cantar — e, macacos me mordam, não é que elas fizeram isso mesmo? “Greensleeves”, em inglês. Mais açucarado do que uma lata cheia de suspiros. Então a sra. V. de V. beliscou-me a bochecha, como se eu fosse um filho fujão voltando para casa, e disse, com uma voz

de coruja: “*How do you du-uuu?*”. Fui conduzido ao “salão” — a saleta das crianças — e me fizeram sentar na “cadeira das perguntas”, uma caixa de brinquedos. As meninas V. de V. formavam uma hidra cujas cabeças chamavam Marie-Louise, Stephanie, Zenobe, Alphonsine e já não me lembro mais a última, com idades de nove até a tal Marie-Louise, um ano mais velha do que Eva. Todas as moças possuem uma autoconfiança absolutamente injustificada. Um sofá imenso afundava sob as arrobas daquela família de suínos. A criada servia limonada enquanto Mme. V. de V. dava início ao questionário. “Segundo Eva, sua família tem muitas ligações com Cambridge, não é, sr. Frobisher?” Dirigi um olhar a Eva, a qual fez uma cara irônica de admiração. Disfarcei um sorriso e admiti que o nome da minha família consta no Domesday Book de Guilherme, o Conquistador, e que meu pai é um clérigo eminente. Todas as tentativas de desviar a conversa para outro assunto que não fosse a minha condição de bom partido foram devidamente frustradas, e após um quarto de hora Marie-Louise, de olhos arregalados, já havia percebido a aprovação materna e decidido que eu seria seu príncipe encantado. Perguntou-me ela: “O senhor tem relações de amizade com Sherlock Holmes de Baker Street?”. Bom, pensei, talvez aquele dia não fosse um total desperdício de tempo. Uma jovem com gosto por ironia deve ter algo de profundo em si. Porém a pergunta de Marie-Louise era séria! Uma idiota congênita.

Não, respondi, eu não conhecia o sr. Holmes pessoalmente, mas ele e David Copperfield jogavam bilhar no meu clube todas as quartas-feiras.

O almoço foi servido em louça fina de Dresden numa sala de jantar com uma enorme reprodução da *Última ceia*, sobre um fundo de papel de parede florido. A comida foi decepcionante. Truta seca, verduras cozidas a ponto de virar mingau, um *gâteau* simplesmente vulgar; era como se eu estivesse comendo em Londres. As meninas entoavam um *glissando* de risadinhas cada vez que eu cometia um equívoco trivial em francês — porém o inglês delas chega a doer nos ouvidos de modo insuportável. Mme. V. de V., que também passou o verão na Suíça, fez relatos detalhados dos elogios recebidos por Marie-Louise em Berna, chamada de “Flor dos Alpes” pela

condessa Palermowský ou pela duquesa de Kafündowstädt. Não consegui nem mesmo exclamar, educadamente: “*Comme c’est charmant*!”.

M. V. de V. chegou do escritório. Fez-me cem perguntas sobre críquete para deliciar suas filhas com aquele curioso ritual em inglês de “*Ins* que são *Out*” e “*Outs* que são *In*”. Um asno moralizante de proporções imperiais, tão absorto no planejamento da sua próxima interrupção grosseira que não consegue ouvir nada direito. Constantemente distribui a si próprio elogios, que começam assim: “Podem me chamar de antiquado, mas…” ou “Há quem me considere um esnobe, mas…”. Eva dirigiu-me um olhar sarcástico, o sentido do qual era: “E dizer que você realmente chegou a pensar que *esta* cavalgadura era uma ameaça à minha reputação!”.

Depois do almoço, o sol saiu, e Mme. V. de V. anunciou que íamos todos dar um passeio para mostrar ao ilustre visitante as atrações de Bruges. Tentei dizer que já havia abusado demais de sua hospitalidade, mas não consegui me safar com tanta facilidade. O Grande Patriarca pediu desculpas — tinha ele uma pilha de documentos para assinar, mais alta do que o Matterhorn. Desejei que ele morresse numa avalanche. Depois que as criadas muniram as moças de chapéu e luvas, foi chamada a carruagem, e fui levado a uma igreja após a outra. Como observa o querido Kilvert, nada é mais tedioso do que ser informado da obrigação de admirar esta e aquela atração, apontada com uma bengala. Já mal consigo lembrar o nome de uma única coisa que me foi mostrada. Chegando ao final do trajeto, diante da grande torre do relógio, meu queixo doía de tanto conter bocejos. Mme. Van de Velde dirigiu um olhar de relance ao pináculo e anunciou que deixaria que nós, jovens, subíssemos sozinhos, enquanto ela nos esperaria na *pâtisserie* do outro lado da praça. Marie-Louise, mais pesada do que a mãe, comentou que não seria direito deixar mamãe esperando a sós. E o crânio da família não podia ir porque a pobre sofria de asma, e se ela não ia etc. etc., de modo que no final apenas eu e Eva compramos os ingressos da torre. Eu paguei, para mostrar que não a culpava por aquele horrendo desperdício de tempo. Subi à frente. A escada era uma espiral cada vez mais estreita. À altura da mão, uma corda corria por dentro de anéis de ferro

presos à parede. Os pés eram obrigados a tatear para encontrar os degraus. A única fonte de luz era uma ou outra janela estreita. Os únicos sons eram nossos passos e a respiração feminina de E., que me trouxe à lembrança meus noturnos com sua mãe. As irmãs Van de Velde são uma sequência ininterrupta de *allegretti* num cravo desafinado, e meus ouvidos suspiravam de alívio por estar livres delas. Eu havia me esquecido de contar os degraus, pensei em voz alta. Minha voz soou como se eu estivesse falando dentro de um armário cheio de colchas. Eva me respondeu com um preguiçoso "*Oui*…".

Saí num recinto arejado onde ficavam as engrenagens do mecanismo do relógio, grandes como rodas de carroças. Cordas e cabos subiam até desparecer de vista. Um empregado cochilava numa espreguiçadeira. Tinha ele a obrigação de verificar nossos bilhetes — no continente europeu, a gente é obrigada a ficar apresentando bilhetes o tempo todo —, mas passamos por ele de fininho e subimos o último lance de escadas de madeira, chegando ao belvedere panorâmico.

Lá embaixo, ao longe, Bruges tricolor se esparramava: telhados laranja; alvenaria cinza; canais marrons. Cavalos, automóveis, ciclistas, uma fileira de meninos cantores, telhados em forma de chapéu de bruxa, roupas a secar em cordas estendidas nas ruas transversais. Procurei Ostende, e encontrei-a. Uma faixa ensolarada do Mar do Norte ganhava um tom de azul polinésio. Gaivotas descreviam círculos, seguindo correntes de ar; acompanhei-as com a vista até ficar tonto, pensando no albatroz de Ewing. Eva afirmou estar vendo os Van de Velde. Imaginei que era um comentário dela sobre a voluminosidade da família, mas olhei onde ela apontava e, de fato, vi seis bolotas em tons pastel ao redor de uma mesa de café. E. fez uma gaivota de papel com seu bilhete e lançou-o do parapeito. O vento o sustentou, até que o sol o queimou. O que faria ela se o empregado acordasse e exigisse seu bilhete? "Eu choro e digo que foi esse rapaz inglês horrível quem roubou." Assim, também eu fiz uma gaivota com meu bilhete, dizendo a E. que agora ela não teria nenhuma prova do crime, e o lancei. Em vez de subir, minha gaivota despencou no mesmo instante. A personalidade de E. varia

conforme o ângulo em que você a encare, uma propriedade das opalas de qualidade superior. “Sabe, não me lembro de ter visto meu pai tão contente e cheio de vida quanto agora”, disse ela.

A horrenda família V. de V. havia criado uma camaradagem entre nós. Perguntei-lhe à queima-roupa o que havia acontecido na Suíça. Teria ela se apaixonado, trabalhado num orfanato, tido uma experiência mística numa gruta cheia de neve?

Ela começou a dizer alguma coisa várias vezes. No final, saiu-se (ruborizada) com esta: “Senti saudades de certo rapaz que conheci em junho”.

Você está surpreso? Imagine como fiquei *eu*! Porém agi como o perfeito cavalheiro que você sabe que sou. Em vez de retribuir o flerte, perguntei: “E qual foi sua impressão inicial desse rapaz? Não foi totalmente negativa?”.

“Parcialmente negativa.” Fiquei a observar nela as gotas de transpiração formadas pela subida, os lábios e os pelos finíssimos acima deles.

“Trata-se de um estrangeiro alto, moreno, belo, musical?”

Ela bufou. “Ele… é, sim, alto; bem moreno; belo, não tanto quanto ele acha, mas digamos que chama a atenção; extremamente musical, sim; e estrangeiro até o âmago. Incrível que você saiba tanta coisa sobre ele! Será que também fica a observá-lo, quando ele passa pelo parque de Minnewater?” Fui obrigado a rir. Ela também riu. “Robert, tenho a impressão…” Dirigiu-me um olhar tímido. “Você tem experiência. Aliás, posso chamá-lo de Robert?”

Respondi que já era tempo de chamar-me assim.

“Minhas palavras não são… de todo apropriadas. Você está zangado?”

Não, respondi, não. Surpreso, lisonjeado, mas nem um pouco zangado.

“Eu tratava você com muito despeito. Mas espero que possamos recomeçar.” Respondi, é claro, que eu também esperava. “Desde pequena”, disse E., desviando a vista, “penso neste mirante como coisa minha, saída das *Mil e uma noites*. Muitas vezes subo aqui por volta desta hora, depois da escola. Sou a imperatriz de Bruges, sabe? Os cidadãos são todos meus

súditos. Os Van de Velde são os bobos da minha corte. Vou mandar que sejam decapitados.” Uma criatura curiosa, a tal Eva. Meu sangue estava quente, e fui tomado pelo impulso de dar na imperatriz de Bruges um beijo prolongado.

Não fui adiante, pois um bando infernal de turistas americanos entrou pela porta estreita. Idiota que sou, fingi não estar com Eva. Fiquei apreciando a vista do outro lado, tentando juntar todos os fios desenovelados de mim. Quando o empregado veio anunciar que o belvedere ia fechar em breve, Eva já havia sumido. Típico dela. Mais uma vez, esqueci de contar os degraus, na descida.

Na confeitaria, Eva estava ajudando a menorzinha das V. de V. a jogar cama de gato. Mme. Van de Velde abanava-se com um cardápio e comia *boule de l’Yser* com Marie-Louise enquanto as duas dissecavam as roupas dos passantes. Eva evitava meu olhar. O encantamento foi rompido. Marie-Louise procurava meu olhar, aquela bezerrinha de olhos pidões. Voltamos para a casa dos V. de V., onde, aleluia!, Hendrick estava à minha espera no Cowley. Eva me deu *au revoir* da porta — olhei para trás para vê-la sorrir. Êxtase! Era uma tarde dourada e quente. Durante todo o caminho, fiquei vendo o rosto de Eva, com um ou dois fios de cabelo por cima do rosto, lançados ali pelo vento. Não seja odiosamente ciumento, Sixsmith. Você sabe como são as coisas.

J. se deu conta da *entente* entre Eva e mim e não gostou nem um pouco. Ontem à noite imaginei ter E., e não a mãe, debaixo de mim. O crescendo ocorreu poucos compassos depois, um movimento inteiro antes de J. Será que as mulheres percebem as traições imaginárias? Faço essa pergunta porque, com uma intuição estupenda, ela me deu o seguinte alerta sutil: “Quero lhe dizer uma coisa, Robert. O dia em que você encostar um dedo em Eva, eu vou ficar sabendo, e acabo com você”.

“Eu jamais pensaria em tal coisa”, menti.

“Eu nem sequer sonharia com isso, se fosse você”, ela ameaçou.

Não consegui deixar por isso mesmo. “Mas por que cargas-d’água você acha que eu me sinto atraído por essa sua filha desengonçada e

desagradável?” Ela bufou, tal como a filha fizera em seu belvedere.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
24-x-1931

Sixsmith,

Mas que diabo, por que você não me responde? Escute aqui, devo-lhe muita coisa, sim, mas, se acha que vou ficar esperando que se digne a me escrever, está redondamente enganado. É uma situação detestável, tão detestável quanto o hipócrita do meu pai. Eu podia arruiná-lo. Ele me arruinou. Imaginar o fim do mundo é o passatempo mais antigo da humanidade. Dhondt tem razão, com aqueles malditos olhos belgas dele, malditos sejam todos os olhos belgas. Adrian ainda estaria vivo se a “pequena e corajosa Bélgica” não existisse. Alguém devia transformar este país nanico num enorme lago para canoagem e jogar dentro dele o sujeito que inventou a Bélgica, com os pés amarrados a uma Minerva. Se ele flutuar, é culpado. Enfiar um ferro em brasa nos olhos do desgraçado do meu pai! Diga o nome de um. Vamos, basta um, um belga que seja famoso. Ele tem mais dinheiro que o Rothschild, mas acha que vai me pagar um tostão que seja? Um miserável, um miserável. Não deixar nem mesmo um centavo para mim — isso é uma atitude cristã? O Dhondt tem razão, infelizmente. As guerras nunca são curadas, apenas entram em remissão por alguns anos. O Fim é o que desejamos, e por isso, infelizmente, creio que é bem o que vai acontecer conosco. Pronto. Pode musicar isso. Tímpanos, címbalos e um milhão de trompetes, se você quiser me fazer um favor. Pagar o velho sacana com minha música. É de matar.

Saudações,

R. F.

— w —

ZEDELGHEM
29-X-1931

Sixsmith,

Eva. Porque o nome dela é sinônimo de tentação: o que chegará mais perto do âmago do homem? Porque a alma dela aflora aos olhos. Porque sonho que entro pé ante pé, passando pelas dobras de veludo, no quarto dela, abro a porta, cantarolo uma melodia bem baixinho — *bem* baixinho, ela põe os pés nus sobre os meus, o ouvido colado no meu coração, e dançamos uma valsa como se fôssemos duas marionetes. Depois desse beijo, ela diz: "*Vous embrassex comme um poisson rouge!*" e, em espelhos enluarados, nos apaixonamos por nossa juventude e beleza. Porque durante toda a minha vida mulheres sofisticadas e idiotas resolveram me *compreender*, me *curar*, mas Eva sabe que sou terra incógnita e me explora sem pressa, tal como você fez. Porque ela é esguia como um menino. Porque ela cheira a amêndoa, a grama tenra. Porque se eu sorrio quando ela fala de sua ambição de se tornar egiptóloga ela me chuta a canela por debaixo da mesa. Porque ela me faz pensar em outra coisa que não eu mesmo. Porque mesmo quando séria ela brilha. Porque prefere guias de viagens a Sir Walter Scott, Billy Mayerl a Mozart, e seria incapaz de distinguir um fá menor de um frade menor. Porque *eu*, e só *eu*, vejo o sorriso dela uma fração de segundo antes de ele chegar-lhe ao rosto. Porque o imperador Robert não é um homem bom — o que há de melhor nele é dominado pela música que compõe e que não é jamais executada —, mas ela me dirige aquele sorriso mais raro assim mesmo. Porque ficamos a ouvir bacuraus. Porque o riso dela esguicha por um furo no alto da cabeça e se espalha por toda a manhã. Porque um homem como eu não tem nada a ver com essa substância denominada "beleza", e no entanto lá está ela, nestas câmaras à prova de som do meu coração.

Saudações,

R. F.

— W —

LE ROYAL HÔTEL, BRUGES
6-XI-1931

Sixsmith,

Divórcio. Coisa muito complicada, mas o divórcio entre Ayrs e mim foi resolvido em apenas um dia. Ainda ontem de manhã estávamos trabalhando no segundo movimento do canto do cisne dele. Ayrs anunciou um novo procedimento para as nossas sessões de composição. “Frobisher, hoje eu queria que você inventasse uns temas para meu movimento *Severo*. Alguma coisa que lembre a véspera de uma guerra, em mi menor. Quando você encontrar algo que me pareça interessante, começo a desenvolver o potencial do tema. Entendeu?”

Entender, entendi, sim. Gostar, não gostei, não, nem um pouco. Os artigos científicos podem ser escritos a quatro mãos, e um compositor pode trabalhar com um virtuose para explorar os limites do tocável — como fizeram Elgar e W. H. Reed —, mas uma obra sinfônica a quatro mãos? Uma ideia muito suspeita, e foi isso que eu disse a V. A. de maneira bem clara. Ele discordou: “Não falei em ‘compor a quatro mãos’, meu rapaz. Você junta a matéria-prima, e eu refino como achar melhor”. Essa afirmação não me tranquilizou. Ele me reprovou: “Todos os Grandes mandam os aprendizes fazer isso. Como é que você acha que um homem como Bach conseguia aprontar uma missa nova toda semana?”.

A última vez que consultei o calendário, estávamos no século XX, retruquei. A plateia paga para ouvir a música do compositor que aparece no programa do concerto. Ninguém paga para ouvir Vyvyan Ayrs para depois ouvir Robert Frobisher. V. A. ficou agitado. “Ninguém vai ouvir você! Vão ouvir a mim! Você não está prestando atenção, Frobisher. *Você* faz o trabalho braçal, *eu* cuido da orquestração, do arranjo, do polimento final.”

“Trabalho braçal” como meu “Anjo de Mons”, roubado à mão armada para o *Adagio* no glorioso monumento final de Ayrs? Pode-se chamar

plágio do que se quiser chamar, mas continua sendo plágio. “Plágio?” O tom de voz de Ayrs ainda era baixo, mas estavam brancos os nós dos dedos da mão apoiada na bengala. “Em dias passados — no tempo em que você sentia gratidão por ser meu discípulo —, você dizia que eu era um dos maiores compositores vivos da Europa. Ou seja, do mundo. Por que é que um artista assim ia precisar ‘plagiar’ alguma coisa de um copista que, aliás, não conseguiu nem mesmo o diploma de bacharel numa faculdade para alunos terminalmente privilegiados? Você não tem fome suficiente, meu rapaz, é esse seu problema. Você é Mendelssohn macaqueando Mozart.”

A tensão subiu tal como a inflação na Alemanha, mas eu sou visceralmente incapaz de me dobrar sob pressão: nessas horas, devolvo com troco. “Eu lhe explico por que o senhor precisa plagiar! Esterilidade musical!” Os melhores momentos de “Todtenvogel” são meus, afirmei. O contraponto sofisticado do *allegro non tropo* da nova obra dele é meu. Eu não viera até a Bélgica para ser um criadinho dele, ora.

O velho dragão soprou fumaça. Dez compassos de silêncio em 6/8. Ele apagou o cigarro. “Sua petulância não merece ser levada a sério. Na verdade, ela merece uma demissão, mas não pretendo agir no calor da hora. Em vez disso, quero que você pense. Pense na sua reputação.” Ayrs saboreou a palavra. “A reputação é tudo. A minha, salvo a exuberância juvenil que me valeu uma gonorreia, está acima de qualquer suspeita. A sua, meu amigo deserdado, viciado em jogo e falido, está expirada. Pode ir embora de Zedelghem quando você quiser. Mas considere-se avisado. Se for embora sem meu consentimento, toda a sociedade musical a oeste dos montes Urais, a leste de Lisboa, ao norte de Nápoles e ao sul de Helsinque vai ficar sabendo que um canalha chamado Robert Frobisher fez propostas indecorosas à amada esposa de Vyvyan Ayrs, que está quase cego — sim, a encantadora Mevrouw Crommelynck. Ela não vai negar. Imagine o escândalo! E depois de tudo que Ayrs fez por Frobisher… Bem, nenhum mecenas rico, nenhum mecenas *pobre*, nenhum organizador de festival, nenhuma diretoria de sociedade, nenhum pai cuja filhota querida está

interessada em aprender a tocar piano, vai querer ter nada, *absolutamente* nada, a ver com você.”

Quer dizer que V. A. está sabendo. Há semanas, meses, provavelmente. Senti-me passado para trás. Acentuei minha importância xingando Ayrs de alguns nomes bem feios. “Ah, que lisonjeiro!”, ele exultou. “Bis, maestro!” Contive-me para não acertar aquele defunto corroído pela sífilis e matá-lo antes do tempo com um golpe de oboé. Mas *não* me contive e disse a Ayrs que, se como marido ele fosse tão bom quanto era em matéria de manipular e roubar ideias de homens melhores que ele, sua mulher talvez não desse tanto. Pensando bem, acrescentei, quem daria crédito à sua campanha de sujar meu nome quando a sociedade europeia ficasse sabendo que espécie de mulher Jocasta Crommelynck era na vida privada?

Ele não sofreu o menor arranhão. “Sua besta quadrada, Frobisher, os numerosos casos de Jocasta são discretos, sempre foram. Toda alta sociedade é *cheia* de imoralidade — como é que você acha que as pessoas se mantêm no poder? A reputação é a rainha da esfera *pública*, não da *privada*. Ela é destronada por atos *públicos*. Ser deserdado. Fugir de hotéis famosos. Não pagar o que deve àqueles que fazem empréstimos a gente fidalga como último recurso. Jocasta agia com meu consentimento quando o seduziu, seu borra-botas de meia-pataca. Eu precisava de você para terminar “Todtenvogel”. Você se acha um garanhão supimpa, mas entre Jocasta e mim há uma alquimia que você é incapaz de sequer *imaginar*. Ela vai se desapaixonar de você *assim* que nos ameaçar. Você vai ver. Não, vá embora e volte amanhã com o dever de casa feito. Vamos fazer de conta que seu faniquito jamais aconteceu.”

Obedeci de bom grado. Precisava pensar.

J. deve ter desempenhado um papel importante na investigação sobre meu passado recente. Hendrick não fala inglês, e V. A. não seria capaz de fazer a pesquisa sozinho. Ela deve gostar de homens devassos — isso explica por que se casou com Ayrs. O que E. acha de toda essa situação não tenho como saber, porque ontem foi quarta-feira, e por isso ela estava na escola, em Bruges. Não é possível que Eva soubesse do meu caso com a

mãe e ao mesmo tempo desse sinais tão explícitos de que está apaixonada por mim. É ou não é?

Passei a tarde caminhando pelos campos desolados num estado de raiva solitária. Protegi-me do granizo sob a cobertura do portão do cemitério de uma capela bombardeada. Pensando em E., pensando em E., pensando em E. Apenas duas coisas estavam claras: me enforcar no mastro de bandeira de Zedelghem era preferível a deixar que o parasita do proprietário continuasse a aproveitar-se do meu talento por mais um dia que fosse; e jamais voltar a ver E. era impensável. “Tudo vai terminar em lágrimas, Frobisher!” Sim, talvez, as fugas de casais apaixonados muitas vezes terminam assim, mas eu amo Eva, amo de verdade, sim.

Voltei ao *château* pouco antes de escurecer e comi frios na cozinha da sra. Willems. Fiquei sabendo que J., com suas carícias de Circe, estava em Bruxelas para resolver problemas da propriedade, e não voltaria naquela noite. Hendrick me disse que V. A. tinha se recolhido mais cedo com seu rádio, dando ordens de que não o incomodassem. Perfeito. Tomei um banho de banheira prolongado e escrevi uma série bem amarrada de linhas de baixo em forma de escala. As crises me fazem correr para a música, onde nada de mau me atinge. Eu também me recolhi mais cedo, tranquei a porta do quarto e fiz a mala.

Acordei hoje às quatro da manhã. Uma neblina gelada lá fora. Só de meias, segui pelos corredores frios até chegar à porta de Ayrs. Tiritando, abri-a devagarinho, evitando fazer o menor ruído — Hendrick dorme no quarto ao lado. As luzes estavam apagadas, mas ao brilho das brasas da lareira vi Ayrs, estirado na cama como aquela múmia do Museu Britânico. Seu quarto tinha um fedor amargo de remédios. Fui pé ante pé até o armário junto à cama. Gaveta emperrada, e quando a abri com um puxão um frasco de éter que estava em cima quase caiu — segurei-o na hora exata. A famosa Luger de V. A. estava envolta num pedaço de camurça e enrolada numa camiseta de malha, ao lado de um pires contendo balas. Elas chacoalharam. O crânio frágil de Ayrs estava a poucos centímetros de mim, mas ele não

acordou. Sua respiração chiava como um realejo vagabundo. Senti um impulso de roubar um punhado de balas, e foi o que fiz.

Uma veia azulada palpitava acima do pomo de adão de Ayrs, e tive que reprimir um impulso inexplicavelmente poderoso de abri-la com meu canivete. Insólito. Não exatamente um déjà-vu, e sim um *jamais vu*. Matar, uma experiência que poucos têm fora da guerra. Qual o timbre distintivo do assassinato? Não se preocupe, o que estou escrevendo não é a confissão de um crime. Trabalhar no meu sexteto e ao mesmo tempo fugir de uma caçada humana seria muito trabalhoso, e terminar a carreira balançando numa forca, com a cueca suja, não é um fim muito digno. Pior ainda, assassinar o pai de Eva a sangue-frio poderia ter o efeito de dar fim aos sentimentos que ela nutre por mim. V. A. continuou a dormir, alheio a tudo isso, e pus no bolso a pistola dele. Eu havia roubado as balas, de modo que levar a Luger era de certo modo lógico. Curioso como são pesadas as armas. A pistola emitia uma nota grave junto à minha coxa: já matou gente, sem dúvida; esta pequena Luger já fez das suas. Por que foi que a levei, exatamente? Eu não seria capaz de lhe dizer. Mas encoste o cano de uma arma no ouvido que você há de ouvir o mundo de uma maneira diferente.

O último porto de escala foi o quarto vazio de Eva. Deitei-me na cama dela, acariciei-lhe as roupas — você sabe como eu fico sentimental nas despedidas. Deixei sobre o toucador a carta mais curta que já escrevi na minha vida: “Imperatriz de Bruges. Teu belvedere, tua hora”. Voltei a meu quarto. Despedi-me carinhosamente da minha cama de baldaquino, levantei a teimosa janela de guilhotina e escapuli pelo telhado gélido. Por pouco não escapuli deste mundo também — uma telha escorregou, caiu e despedaçou-se no cascalho do chão. Fiquei deitado, imóvel, esperando gritos e alertas a qualquer momento, mas ninguém ouvira nada. Desci até a terra firme graças ao galho de um teixo prestativo, e me esgueirei por entre os arbustos esculpidos do jardim gelado sempre cuidando que eles estivessem entre mim e os quartos dos empregados. Passei pela frente da casa e tomei a alameda do Monge. Vento leste direto das estepes, felizmente eu estava com o casaco de pele de carneiro de Ayrs. Sons de choupos artríticos, curiangos

no bosque fossilizado, um cachorro enlouquecido, passos sobre o cascalho congelado, o pulso acelerado nas minhas têmporas, um pouco de tristeza também, por mim, pelo ano. Passei pela velha casa do caseiro e tomei a estrada de Bruges. Tinha esperanças de pegar carona num caminhão ou carroça de leite, mas a estrada estava vazia. As estrelas se apagavam naquele pré-amanhecer gelado. Umas poucas velas estavam acesas nas cabanas, vi um rosto iluminado pelo fogo da ferraria, mas a estrada que levava para o norte era só minha.

Era o que eu pensava, mas o ruído de um automóvel me seguia. Não quis me esconder, por isso parei e o encarei. Os faróis me ofuscavam a vista, o carro desacelerou, o motor afogou e uma voz conhecida gritou: “E aonde que você está indo a esta hora da madrugada?”.

A sra. Dhondt, em carne e osso, embrulhada num casaco preto de pele de foca. Teria ela sido enviada pelos Ayrs para capturar o escravo fujão? Confuso, gaguejei, como um idiota: “Ah, é que houve um acidente!”.

Xinguei a mim mesmo por inventar aquela mentira que me deixaria num beco sem saída, já que eu estava visivelmente são e salvo, andando a pé com uma mala e uma mochila. “Mas que azar!”, respondeu a sra. Dhondt, com uma ênfase marcial, preenchendo as lacunas para mim. “Amigo ou parente?”

Um bote salva-vidas. “Amigo.”

“Bem que o Bruno aconselhou o sr. Ayrs a não comprar um Cowley justamente por isso, sabe? Não se pode confiar nele numa emergência. Mas que bobagem da Jocasta — por que ela não me telefonou? Entre, vamos! Uma das minhas éguas árabes deu à luz dois lindos potrinhos há uma hora, e todos os três estão ótimos! Eu estava indo pra casa, mas estou excitada demais pra dormir, e assim posso levá-lo até Ostende se você perder a conexão em Bruges. É tão bom pegar estrada a essa hora. Mas, afinal, como foi o acidente? Ânimo, Robert. Nunca se deve pressupor o pior antes de ter acesso a todos os fatos.”

Cheguei a Bruges ao amanhecer, com a ajuda de algumas inverdades simples. Escolhi este hotel de qualidade em frente à igreja de são Venceslau

porque o exterior do prédio parece um suporte de livros e porque as jardineiras, com pinheiros mirins, são bem cuidadas. Meus aposentos dão para um canal tranquilo do lado oeste. Agora que terminei esta carta, vou tirar um cochilo até chegar a hora de ir ao belvedere. E. talvez esteja lá. Se não estiver, vou ficar de tocaia num beco perto da escola dela e falar-lhe quando ela passar. Se não aparecer por lá, talvez seja necessário ir à casa dos Van de Velde. Se meu nome estiver sujo, vou me disfarçar de limpa-chaminés. Se for desmascarado, mando uma carta comprida. Se a carta comprida for interceptada, haverá outra à espera dela sobre o toucador. Sou um homem determinado.

Saudações,

R. F.

P.S. — Obrigado pela sua carta ansiosa de 5 de novembro, mas por que a preocupação maternal? É *claro* que estou bem — fora as consequências do contratempo com V. A. que relatei. Mais do que bem, para dizer a verdade. Minha mente é capaz de qualquer tarefa criativa que ela possa conceber. Estou compondo a melhor obra da minha vida; de todas as vidas. Tenho dinheiro na carteira e mais um tanto no Primeiro Banco da Bélgica. Por falar nisso: se o Otto Jansch fincar pé nos trinta guinéus pelos dois Münthes, diga a ele para esfolar a mãe e fazê-la rolar no sal. Veja quanto dá por eles o russo da Greek Street.

P.P.S. — Uma última descoberta feliz. Lá em Zedelghem, enquanto fazia a mala, fui ver se havia alguma coisa caída debaixo da cama. Achei um livro rasgado ao meio sob um dos pés da cama, enfiado ali por algum convidado de muitos anos atrás, à guisa de calço. Um oficial prussiano, talvez, ou Debussy, quem sabe? De início não pensei em nada, porém um minuto depois me dei conta do título escrito na lombada. Um trabalho sujo, mas levantei a cama e retirei as páginas encadernadas. Isso mesmo: *Diário de viagem ao Pacífico de Adam Ewing*. Desde a página interrompida até o final do primeiro volume. Dá para acreditar? Pus o meio livro na mala. Vou

terminar a leitura muito em breve. Feliz o Ewing, que morreu sem ver as formas indizíveis que num futuro bem próximo haveriam de vir à luz.

— w —

LE ROYAL HÔTEL, BRUGES
ÚLTIMOS DIAS-XI-1931

Sixsmith,

À noite trabalho no *Sexteto Atlas de Nuvens* até cair, literalmente, é a única maneira como eu consigo pegar no sono. Minha cabeça é um Vesúvio de invenção. A música de toda uma existência, chegando num jorro único. As fronteiras entre o ruído e o som não passam de convenções, compreendo agora. Todas as fronteiras são convenções, inclusive as nacionais. Pode-se transcender qualquer convenção, desde que antes se consiga conceber tal feito. Veja esta ilha, entre as correntezas do timbre e do ritmo, não registrada em nenhum livro de teoria — mas ela existe! Ouço os instrumentos dentro da minha cabeça, clareza perfeita, qualquer coisa que eu quiser. Quando terminar, não haverá mais nada em mim, eu sei, mas a moedinha que tenho na mão é a pedra filosofal! Um homem como o Ayrs gasta o quinhão que lhe foi concedido em parcelas minguadas ao longo de toda uma vida. Eu, não. Não tenho qualquer notícia de V. A. nem da mulher dele, aquela adúltera escorregadia e melodramática. Imagino que pensem que fugi para a Inglaterra. Esta noite sonhei que havia caído do Imperial Western, agarrado a uma calha. Nota de violino, mal tocada, horrendamente tocada — é a nota final do meu sexteto.

Estou ótimo. Queria muito fazer com que você visse esta luminosidade. Os profetas ficavam cegos se vissem Jeová. Não surdos, mas cegos, você entende as implicações. Continuavam a ouvi-lo. Falo sozinho o dia todo. Antes fazia por fazer, a voz humana sempre me tranquiliza, mas agora é só com esforço que paro, por isso me permito falar e falar. Dou caminhadas quando não estou compondo. Poderia escrever um guia Michelin de Bruges,

tivesse eu espaço e tempo. Ando nos bairros mais pobres, e não apenas nos recantos dos ricos. Por trás de uma janela suja, uma velhinha fazia um arranjo de violetas-africanas. Bati na vidraça e pedi-lhe que se apaixonasse por mim. Ela apertou os lábios, creio que não falava francês, mas tentei outra vez. Um sujeito com uma cabeça redonda como uma bala de canhão, totalmente sem queixo, apareceu na janela e despejou um monte de impropérios em mim e na minha família.

Eva. Todos os dias subo a torre cantando uma musiquinha para dar sorte, uma sílaba a cada batida, “Ho-je-ho-je-qu’e-la-‘ste-ja-lá-no-al-to-ho-je-ho-je”. Até agora, nada, embora eu a espere até escurecer. Dias de ouro, dias de bronze, dias de ferro, dias de água, dias de névoa. Poentes cor de manjar turco. As noites crescendo, um aguilhão de friagem no ar. Eva está guardada numa sala de aula lá embaixo na Terra, mastigando a ponta do lápis, sonhando em estar comigo, eu sei, comigo, olhando aqui do alto entre apóstolos descascados, sonhando em estar com ela. Aqueles pais desgraçados devem ter encontrado o bilhete no toucador dela. Eu devia ter agido de modo mais inteligente. Devia ter dado um tiro naquele plagiador desgraçado quando tive oportunidade. Ayrs nunca vai achar um substituto para Frobisher — o *Eterno retorno* vai morrer com ele. Os Van de Velde devem ter interceptado minha segunda carta a Eva em Bruges. Tentei entrar na escola dela inventando uma história, mas fui perseguido por dois brutamontes de libré munidos de apitos e cassetetes. Segui E. quando ela voltava da escola, mas as cortinas do dia são erguidas por apenas um breve intervalo, já está frio e escurecendo quando ela sai da escola, embrulhada numa pelerine marrom, cercada por órbitas de V. de V., acompanhantes e colegas. Fiquei a olhá-la por entre o boné e o cachecol, esperando que seu coração detectasse minha presença. Não teve a menor graça.

Hoje rocei na pelerine de Eva quando passei por ela numa garoa, em meio à multidão. E. não reparou que era eu. Quando me aproximo dela, o pedal da tônica aumenta o volume, a partir da virilha, ressoando na cavidade do abdômen, subindo até mais ou menos atrás dos olhos.

Por que tanto nervosismo? Amanhã, talvez, amanhã, com certeza. Não há por que ter medo. Ela disse que me ama. Em breve, em breve.

Saudações,

R. F.

— w —

LE ROYAL HÔTEL
25-XI-1931

Sixsmith,

Nariz escorrendo e tosse brava desde domingo. Fazendo pendant aos meus cortes e contusões. Quase não saio, nem tenho vontade de sair. Uma neblina frígida emana dos canais, sufoca os pulmões e gela as veias. Mande para mim uma bolsa de água quente de borracha, está bem? Aqui, só jarros de barro.

O gerente do hotel me visitou hoje. Um pinguim sério, totalmente desprovido de nádegas. Imagina-se que sejam seus sapatos de verniz que guincham quando ele anda, mas nunca se sabe, aqui nos Países Baixos. O motivo verdadeiro que o trouxe foi a necessidade de certificar-se de que sou *mesmo* um próspero estudante de arquitetura, e não um Sicrano da Silva que depois vai sumir da cidade sem pagar a conta. Seja como for, prometi-lhe que há de ver a cor do meu dinheiro na recepção amanhã, o que torna inevitável uma ida ao banco. Isso teve o efeito de animar o sujeito, que manifestou votos de que meus estudos estejam indo bem. Muitíssimo bem, garanti-lhe. Não digo que sou compositor por não ser mais capaz de enfrentar a Inquisição Cretina: “Que tipo de música você compõe?”; “Ah, será que eu já deveria ter ouvido falar do senhor?”; “De onde você tira sua inspiração?”.

Não tenho vontade de escrever cartas, na verdade, depois do meu recente encontro com E. O acendedor de lampiões está fazendo sua ronda. Se eu pudesse fazer o tempo andar para trás, Sixsmith. Ah, se eu pudesse.

No dia seguinte

Melhorei. Eva. Ah. Seria caso de rir, se não doesse tanto. Não me lembro de onde eu estava na última vez que lhe escrevi. O tempo é um borrão em *alegrissimo* desde minha Noite da Epifania. Bom, já estava bem claro que eu não ia conseguir encontrar E. sozinha. Ela nunca estava no alto da torre às 16:00. A única explicação que me ocorria era a de que meus comunicados estavam sendo interceptados. (Não sei se V. A. cumpriu o prometido e enlameou meu nome na Inglaterra; será que você já ouviu alguma coisa? Não se preocupe muito com isso, mas sempre dá vontade de saber.) Eu ½ que esperava que J. me localizasse neste hotel — na minha segunda carta eu dizia onde estava. Seria até capaz de dormir com ela, se isso abrisse um canal para Eva. Dizia a mim mesmo que não havia cometido nenhum crime — *va bene*, meu caro sofista, nenhum crime do qual os Crommelynck-Ayrs estejam sabendo — e parecia que J. estava de novo sendo regida pelo marido. Talvez ela estivesse sendo regida por ele o tempo todo. Assim, não havia outra coisa a fazer que não visitar a casa dos Van de Velde na cidade.

Atravessei o saudoso parque de Minnewater ao anoitecer. Chovia gelo, frio como nos montes Urais. A Luger de Ayrs pediu para vir também, e assim enfiei minha amiga de aço no bolso cavernoso do casaco de pele de carneiro. Prostitutas papudas fumavam no coreto. Não me senti tentado nem por um segundo — num dia assim, só se sai de casa numa missão desesperada. A doença de Ayrs me fez perder o interesse nelas, talvez para o resto da vida. À porta da casa dos V. de V., cabriolés faziam fila, cavalos bufavam vapor, cocheiros com casaco longo encolhiam-se de frio, fumando e batendo os pés no chão para esquentar-se. As janelas eram iluminadas por luzes cor de baunilha, debutantes esvoaçantes, taças de champanhe, candelabros ardentes. Uma grande função estava em andamento. Perfeito, pensei. Camuflagem, certo? Um casal feliz subiu os degraus cuidadosamente, a porta abriu-se — Sésamo — uma gavota vazou para a

rua congelada. Fui atrás do casal, subindo os degraus cobertos de gelo seco, e bati na aldraba dourada, tentando manter a calma.

O Cérbero de sobrecasaca me reconheceu — um mordomo surpreso nunca é uma notícia boa. "*Je suis desolé, monsieur, mais votre nom ne figure pas sur la liste des invités*." Barrado à porta. As listas de convidados, argumentei, não se aplicam a velhos amigos da família. O homem sorriu à guisa de pedido de desculpas — eu estava lidando com um profissional. Um bando de gansas envoltas em mantos e brilhos chegou nesse momento, e o mordomo teve a má ideia de deixar que elas passassem por mim. Eu já havia percorrido metade do saguão iluminado quando a mão enluvada segurou-me pelo ombro.

Perdi a linha, devo confessar, do modo mais humilhante — tenho passado o diabo, não há como não admitir —, e fiquei a gritar o nome de Eva, Eva, Eva, como uma criança malcriada tendo um chilique, até que a música de dança cessou, e saguão e escadas encheram-se de convivas escandalizados. Apenas o trombonista continuou a tocar. Para você ver como são os trombonistas. Formou-se um enxame de consternação em todas as principais línguas da Europa. No meio de todos aqueles zumbidos agourentos surgiu Eva, com um vestido de baile azul-ferrete e um colar de pérolas verdes. Creio que gritei "Por que você está me evitando?", ou alguma outra frase igualmente digna.

E. não veio deslizando pelo ar até cair nos meus braços, derreter-se ao meu contato e acariciar-me com palavras de amor. Seu 1o movimento foi repulsa: "O que aconteceu com você, Frobisher?". Havia um espelho no saguão; consultei-o para entender o que ela queria dizer. Eu havia descuidado de mim, e, como você bem sabe, nem sempre faço a barba quando estou compondo. 2o movimento, surpresa: "Mme. Dhondt disse que você tinha voltado para a Inglaterra". As coisas foram de mal a pior. 3o movimento, raiva: "Como você *ousa* dar as caras aqui, depois de… de tudo?". Tudo que os pais dela disseram a meu respeito era mentira, garanti-lhe. Senão, porque teriam interceptado minhas cartas a ela? Eva tinha recebido ambas, respondeu-me, porém rasgou-as movida pela "pena".

Fiquei um tanto abalado. Exigi um tête-à-tête com ela. Tínhamos que esclarecer muitas coisas. Um rapaz superficialmente belo, que estava a abraçá-la, impediu que eu avançasse, dizendo-me algo num flamengo senhorial. Disse-lhe em francês que ele estava com as patas na moça que eu amava, acrescentando que a guerra deveria ter ensinado os belgas a curvar-se diante de uma força superior. Eva segurou o braço direito dele, prendendo-lhe o punho entre suas mãos. Um ato íntimo, compreendo agora. Descobri o nome do galante rapaz, pronunciado por um amigo que lhe disse para não bater em mim: Grigoire. A bolha de ciúme no fundo de minhas entranhas agora tinha nome. Perguntei a Eva quem era seu destemido cãozinho fraldeiro. “Meu noivo”, respondeu ela, tranquila, “e ele não é belga, e sim suíço.”

Seu *o quê*? A bolha estourou, as veias se envenenaram.

“Eu lhe falei sobre ele, aquela tarde no campanário! Por que foi que voltei da Suíça muito mais feliz… Eu *contei* pra você, mas aí você ficou me mandando aquelas… cartas humilhantes.” Não foi um *lapsus linguæ* dela, nem um *lapsus calami* meu. *Grigoire, o Noivo*. Todos aqueles canibais, devorando minha dignidade. Foi assim. Apaixonada por mim? Nada disso. Nunca foi. O tal trombonista invisível agora estava atacando a “Ode à Alegria”. Berrei para ele, com uma violência animal — cheguei a machucar a garganta —, que ou bem tocasse no tom que Beethoven havia escolhido ou bem não tocasse nada. Perguntei: “Suíço? Então por que ele parece tão agressivo?”. O trombonista começou a tocar uma versão flatulenta da 5a de Beethoven, também no tom errado. A voz de E. estava apenas um grau acima do zero. “Acho que você está doente, Robert. Melhor ir embora agora.” Grigoire, o noivo suíço, e o mordomo puseram a mão cada um num ombro passivo meu e me conduziram, andando de costas, até a entrada da casa, pelo meio da manada. Lá longe, lá no alto, divisei duas pequeninas V. de. V., com touca de dormir, olhando para baixo pelo poço da escada, por entre as balaustradas do patamar, como duas gárgulas entoucadas. Pisquei para elas.

O brilho de triunfo nos belos olhos de meu rival, de longos cílios, e a frase “Volte para a Inglaterra!” num sotaque carregado tiveram o efeito de incitar Frobisher, o Canalha, lamento dizer. No momento exato em que fui lançado para fora, abracei Grigoire como um jogador de rúgbi, decidido a arrastar comigo aquele pavão presunçoso. Lá dentro, aves-do-paraíso deram gritinhos e babuínos rugiram. Escada abaixo nós quicamos, ou melhor, caímos, escorregamos, esbarramos, nos rasgamos. Grigoire gritou de susto, depois de dor — o remédio exato receitado pelo dr. Vingança! Os degraus duros e a calçada gélida machucaram minha carne tanto quanto a dele, contundiram meus cotovelos e ancas tanto quanto os dele, mas ao menos não fui eu o único a ter aquela noite estragada em Bruges, e gritei, chutando as costelas dele uma vez para cada palavra, antes de ir embora, ½ que correndo e ½ que mancando: “Amor dói!”.

Estou menos deprimido agora. Já quase não me lembro como é o rosto de E. Antes estava gravado nos meus olhos idiotas, eu a via por toda parte, em todas as mulheres. Grigoire tem dedos delicados, longos e flexíveis. Franz Schubert machucou as mãos amarrando pesos nelas. Pensava que desse modo conseguiria alcançar mais notas no teclado. Magníficos quartetos de cordas, mas que besta quadrada! Grigoire, por outro lado, nasceu com mãos perfeitas, mas provavelmente não sabe distinguir uma colcheia de um colchete.

Seis ou sete dias depois

Esqueci-me desta carta inacabada, bom, ½ que me esqueci, ela ficou embaixo de uma pilha de manuscritos de partituras e eu estava tão envolvido com minha composição que nem tentei procurá-la. Frio de rachar. Metade dos relógios de Bruges estão congelados. Pois então agora você está sabendo a respeito de Eva. Essa história toda me deixou oco por dentro, mas, diga lá, o que é que ressoa em coisas ocas? Música, Sixsmith, faça-se a Música, e eis que, num mergulho de seis horas ao pé da lareira

ontem à noite, escrevi 102 compassos de uma marcha fúnebre baseada na "Ode à Alegria", para meu clarinetista.

Mais uma visita hoje de manhã; tamanha popularidade eu não conhecia desde aquele dia famigerado no Jóquei. Fui despertado ao meio-dia por um toc-toc, amistoso porém firme. Perguntei: "Quem é?".

"Verplancke."

Não reconheci o nome, mas, quando abri a porta, lá estava meu policial musical, aquele que me havia emprestado a bicicleta na minha existência anterior. "Posso entrar? *Je pensais vous rendre une visite de courtoisie*."

"Mas claro", respondi, acrescentando, espirituoso: "*Voilà qui est bien courtois, pour un policier*". Liberei uma poltrona para ele e ofereci-me para mandar trazer chá, mas meu visitante não aceitou. Não conseguia disfarçar muito bem seu espanto diante da bagunça. Expliquei que dou uma gorjeta às camareiras para que elas não mexam em nada. Não suporto que toquem nos meus manuscritos. M. Verplancke concordou com a cabeça, depois me perguntou por que motivo um cavalheiro haveria de se registrar no hotel sob um pseudônimo. Uma excentricidade herdada de meu pai, respondi, uma pessoa conhecida na vida pública que prefere manter privada sua vida privada. Escondo minha profissão para que não fiquem me pedindo que toque piano em coquetéis. As recusas ofendem as pessoas. V. pareceu satisfeito com minha explicação. "Uma casa luxuosa longe de casa, o Royal." Ele olhou. "Eu não sabia que os amanuenses eram tão bem pagos." Admiti o que ele indicou, cheio de tato, já saber: eu e Ayrs não estávamos mais juntos, acrescentando que tenho minha própria renda independente, o que apenas doze meses antes teria sido verdade. "Ah, um milionário ciclista?" Ele sorriu. Sujeito insistente, não é? Não exatamente um milionário, respondi com outro sorriso, mas, por sorte, tenho o suficiente para poder hospedar-me no Royal.

Por fim, ele tocou no assunto principal. "O senhor fez um inimigo influente durante sua curta permanência na nossa cidade, M. Frobisher. Certo industrial, creio que nós dois sabemos de quem se trata, registrou uma queixa junto a meu superior a respeito de um incidente ocorrido algumas

noites atrás. A secretária dele — aliás, uma excelente cravista, toca no nosso grupo — reconheceu seu nome e passou a queixa a mim. Por isso estou aqui.” Garanti-lhe que tudo não passava de um absurdo mal-entendido a respeito dos afetos de uma jovem. O sujeito encantador fez que sim com a cabeça. “Sei, sei. *Cherchez la femme*. Quando se é jovem, o coração bate *più fortissimo* que a cabeça. O problema é que o pai do jovem é o banqueiro de vários membros importantes da nossa sociedade, e ele está fazendo acusações desagradáveis à sua pessoa, de agressão física.”

Agradeci a M. Verplancke sua advertência e seu tato, e prometi que doravante seria mais discreto. Infelizmente a coisa não era tão simples. “M. Frobisher, o senhor não acha nossa cidade insuportavelmente fria no inverno? Não lhe parece que o clima mediterrâneo talvez inspirasse mais sua Musa?”

Perguntei se a cólera do banqueiro seria aplacada se eu prometesse partir de Bruges dentro de sete dias, assim que terminasse a revisão final de meu sexteto. V. respondeu que sim, talvez um compromisso como esse resolvesse a situação. Assim, dei minha palavra de honra de que faria o combinado.

Encerrada a negociação, V. me perguntou se eu poderia apresentar-lhe uma prévia de meu sexteto. Mostrei-lhe a cadência de clarinete. No início, ele ficou desnorteado com suas peculiaridades espectrais e estruturais, mas passou mais uma hora fazendo perguntas inteligentes a respeito da notação que eu ½ que inventei, e sobre a harmonia singular da peça. Quando trocamos um aperto de mãos, ele me deu seu cartão, insistiu para que lhe enviasse um exemplar publicado da partitura para seu grupo e lamentou que sua persona pública tivesse que se sobrepor à privada. Sua partida me entristeceu. Que diabo — escrever é uma doença muito solitária.

Assim, como você vê, preciso aproveitar bem meus últimos dias. Não se preocupe comigo, Sixsmith, estou muito bem, e ocupado demais para ficar melancólico! Há uma taverna de marinheiros no final desta rua onde eu poderia encontrar companhia se desejasse (pode-se pegar um rapaz salgado

a entrar ou sair a qualquer hora), mas no momento apenas a música me interessa. A música ressoa, a música cresce, a música explode.

Saudações,

R. F.

— w —

HÔTEL MEMLING, BRUGES
QUATRO E QUINZE DA MANHÃ, 12-XII-1931

Sixsmith,

Dei um tiro no céu da boca às 5:00 desta manhã, com a Luger de V. A. Mas vi você, meu querido, querido amigo! Como fiquei emocionado ao constatar que se preocupa tanto comigo! Do alto do campanário, ontem, ao entardecer. Por mero acaso você não me viu primeiro. Eu havia chegado ao último lanço de escadas e vi em perfil um homem debruçado sobre o parapeito olhando para o mar — reconheci seu elegante casaco de gabardine, seu inconfundível chapéu de feltro. Se eu subisse mais um degrau, você me veria encolhido nas sombras. Você andou até o lado norte — se tivesse se virado para o meu lado, eu teria sido descoberto. Fiquei olhando por tanto tempo quanto ousei — um minuto? —, então me virei e desci correndo até chegar à Terra. Não se zangue comigo. Muitíssimo obrigado por tentar me encontrar. Você veio no *Kentish Queen*?

As perguntas agora não têm mais muito sentido, não é mesmo?

Mas a verdade é que não foi por mero acaso que vi você primeiro. O mundo é um teatrinho de sombras, uma ópera, e episódios assim são abundantes no libreto. Não se zangue muito com meu papel. Você não seria capaz de compreender, por mais que eu explicasse. Você é um físico brilhante, o tal Rutherford et al. dizem que você tem um futuro brilhante, e estou certo de que eles têm razão. Mas em relação a certas coisas básicas você é bem burro. Os saudáveis não são capazes de entender os esvaziados, os destruídos. Você ia tentar fazer uma lista de todos os motivos para viver, mas eu os deixei na Victoria Station no início do verão. Desci do belvedere

sem chamar sua atenção por não querer que fique se culpando por não ter conseguido me fazer mudar de ideia. Sei que você é bem capaz de ficar se culpando assim mesmo, mas não faça isso, Sixsmith, não seja idiota.

Espero também que não tenha ficado muito desapontado ao ver que eu não estava mais no Royal. O gerente ficou sabendo da visita de M. Verplancke. Sentiu-se obrigado a me pedir que fosse embora, disse ele, porque o hotel estava muito cheio. Conversa, mas aceitei a desculpa. Frobisher, o Canalha, queria ter um faniquito, mas Frobisher, o Compositor, queria ter tranquilidade para terminar o sexteto. Paguei toda a conta — e lá se foi o resto do dinheiro do Jansch — e fiz a mala. Perambulei por becos tortos e atravessei canais gelados até encontrar este albergue aparentemente deserto. A recepção é um canto embaixo da escada onde quase nunca há ninguém. O único enfeite no meu quarto é um monstruoso *Cavaleiro risonho*, feio demais para que alguém o roube para vender. Da minha janela imunda vê-se o mesmo moinho velho e abandonado em cujos degraus cochilei na minha primeira manhã em Bruges. O mesmo. Imagine. Fechando o círculo.

Sempre soube que jamais ia chegar a completar 25 anos. Pelo menos desta vez, não me atrasei. Os amantes de coração partido, os que pedem ajuda, todos os trágicos sentimentais que dão uma reputação tão má ao suicídio, são os afobados, como maestros amadores. Um suicídio de verdade é uma certeza disciplinada, organizada. As pessoas pontificam: “O suicídio é egoísmo”. Os clérigos de carreira, como meu pai, vão ainda mais longe, e dizem que é uma agressão covarde dirigida aos vivos. Os patetas utilizam essa argumentação especiosa por vários motivos: para livrar-se das acusações; para impressionar os ouvintes com sua fibra mental; para dar vazão à raiva; ou simplesmente por lhes faltar o sofrimento necessário para ter empatia. Não tem nada a ver com covardia — o suicídio exige uma coragem considerável. Os japoneses é que sabem. Não, egoísmo é exigir que outra pessoa aguente uma existência insuportável só para poupar a família, os amigos e os inimigos de um pouco de introspecção. O único egoísmo é estragar o dia de um desconhecido obrigando-o a testemunhar

uma cena grotesca. Assim, vou fazer um turbante espesso com várias toalhas para abafar o estampido do tiro e absorver o sangue, e vou me sentar dentro da banheira, para não manchar nenhum tapete. Ontem à noite enfiei uma carta por baixo da porta do escritório do gerente — ele vai encontrá-la às oito da manhã, quando chegar ao trabalho — informando-o da minha mudança de estado existencial, de modo que com sorte nenhuma camareira inocente terá uma surpresa desagradável. Como você vê, eu me preocupo com as pessoas humildes, sim.

Não deixe que digam que me matei por amor, Sixsmith, o que seria ridículo demais. Tive uma paixoneta por Eva durante um piscar de olhos, mas nós dois sabemos no fundo do coração quem é o verdadeiro amor da minha vida.

Juntamente com esta carta e o resto do livro de Ewing, tomei providências para que uma pasta contendo meu manuscrito terminado seja entregue a você no Royal. Usem o dinheiro do Jansch para cobrir uma parte dos custos da publicação da peça, e mande exemplares para todas as pessoas incluídas na lista anexa. Não deixe que minha família se aposse de nenhum original, faça o que você fizer. Meu pai há de suspirar: "Não é nenhuma *Eroica*, certo?", para depois enfiá-lo numa gaveta qualquer; porém trata-se de uma criação incomparável. Há ecos da *Missa Branca* de Scriabin, das pegadas perdidas de Stravinsky, cromatismos do Debussy mais lunar, mas a verdade é que não sei de onde ele veio. Um sonho acordado. Jamais virei a compor nada que chegue aos pés disso. Gostaria de estar sendo imodesto, mas não estou, não. O *Sexteto Atlas de Nuvens* contém minha vida, *é* minha vida, agora que não passo de um fogo de artifício queimado; mas pelo menos fui um fogo de artifício.

As pessoas são obscenidades. Antes ser música do que ser uma massa de tubos expelindo substâncias semissólidas por algumas décadas para depois se tornar tão babona que não funciona mais.

A Luger está aqui. Faltam treze minutos. Sinto certo temor, é claro, mas meu amor por essa coda é mais forte. Uma emoção elétrica por eu *saber*, tal como Adrian, que vou morrer. Orgulho por levar a coisa a cabo. Certezas.

Liberto das crenças impostas pelas governantas, escolas e Estados, você encontra verdades indeléveis no cerne de seu ser. Roma terá sua decadência e queda outra vez, Cortázar vai navegar outra vez e, mais tarde, Ewing também, Adrian será reduzido a pedaços outra vez, eu e você vamos dormir sob as estrelas da Córsega outra vez, vou voltar a Bruges, apaixonar-me por Eva e desapaixonar-me outra vez, você vai ler esta carta outra vez, o Sol vai esfriar outra vez. O disco de Nietzsche. Quando terminar, o Velho vai tocá-lo de novo, por uma eternidade de eternidades.

O tempo não pode penetrar neste ciclo. Não ficamos mortos por muito tempo. Uma vez que minha Luger me fizer partir, meu nascimento, da próxima vez, voltará a acontecer após o tempo de uma batida do coração. Daqui a treze anos voltaremos a nos encontrar em Gresham, dez anos depois estarei de volta a este mesmo quarto, segurando esta mesma arma, redigindo esta mesma carta, com uma resolução tão perfeita quanto o meu sexteto de muitas cabeças. Essas certezas elegantes me confortam.

Sunt lacrimæ rerum.

R. F.

— w —

Diário de viagem ao Pacífico de Adam Ewing

quando nós dous padecíamos de *mal de mer* no mar da Tasmânia, causa-me espanto ver o diabrete daquele rapazinho, radiante de entusiasmo em sua primeira viagem, e tão ansioso por agradar às gentes, transformado neste jovem carrancudo em apenas seis semanas. Sua beleza luminosa esboroou-se, revelando o marinheiro de músculos rígidos em que ele há de se transformar. Já parece afeiçoar-se ao rum com água. Diz Henry que era inevitável que ele "se livrasse do casulo", *bon gré mal gré*, e creio que ele tem razão. Os laivos de instrução e sensibilidade que Rafael recebeu de sua protetora, a sra. Fry de Brisbane, são de pouca valia para um camaroteiro no ambiente estouvado dum castelo de proa. Pudera *eu* ajudá-lo! Não fossa a intervenção do sr. e da sra. Channing, meu próprio destino teria sido semelhante ao do Raf. Perguntei a Finbar se o rapaz estava a "encaixar-se bem". A resposta délfica — "Encaixar-se bem no *quê*, sr. Ewing?" — provocou gargalhadas na cozinha, porém deixou-me perplexo.

Sábado, 7 de dezembro

Há procelárias no ar, andorinhas-do-mar flutuando e painhos-de-cauda-quadrada pousados no velame. Peixes semelhantes a boretos perseguiam peixes que parecem arenques. Enquanto eu e Henry jantávamos, uma nuvem de mariposas roxas pareceu brotar das fendas na lua, recobrindo lanternas, rostos, comida e todas as demais superfícies com uma camada de asas buliçosas. Confirmando esses prenúncios de ilhas próximas, o homem do prumo gritou que a profundidade era de apenas dezoito braças. O sr. Boerhaave mandou lançar âncora, temendo que encalhássemos em algum arrecife no meio da noite.

O branco dos meus olhos tem um aspecto amarelento, cor de limão, e as bordas estão avermelhadas e irritadas. Henry insiste que é um sintoma

positivo, porém mesmo assim atendeu meu pedido de uma dosagem maior de vermicida.

Domingo, 8 de dezembro

Como não se guardam os domingos a bordo do *Prophetess*, pela manhã eu e Henry resolvemos realizar uma curta leitura da Bíblia no seu camarote, no estilo “Baixa Igreja” da congregação de Ocean Bay, entre o último quarto da manhã e o primeiro da tarde, para que homens de ambos os turnos pudessem juntar-se a nós. Lamento dizer que ninguém, de nenhum dos turnos, ousou enfrentar a contrariedade do imediato e veio participar, porém havemos de persistir em nossas tentativas, sem perder o ânimo. Rafael estava no topo do mastro, e interrompeu nossas preces com um grito agudo: “Te-e-e-rra à vista!”.

Terminamos nosso culto mais cedo e, apesar dos borrifos de água do mar que nos molhavam, ficamos a ver a terra emergir do horizonte balouçante. “Raiatea”, disse-nos o sr. Roderick, “do arquipélago da Sociedade.” (Mais uma vez, a quilha do *Prophetess* cruza com a do *Endeavour*. O próprio capitão Cook foi quem deu nome às ilhas.) Perguntei se íamos aportar. Respondeu-me o sr. Roderick: “O comandante quer visitar uma das missões”. As ilhas da Sociedade iam crescendo à nossa frente, e após três semanas de tons de cinza oceânico e azul exuberante, nossos olhos deleitaram-se com as faces das montanhas recobertas de musgo, riscadas por cataratas reluzentes, pinceladas aqui e ali com uma cacofonia de selva. O *Prophetess* atravessava um trecho de quinze braçadas de profundidade, e no entanto era tão límpida a água que víamos corais iridescentes no fundo. Especulava eu com Henry se conseguiríamos obter do capitão Molyneux uma permissão para saltar do navio, quando o próprio capitão apareceu, de barba feita e madeixa untada. Longe de nos ignorar, como costuma fazer, veio ter conosco abrindo um sorriso tão amistoso quanto o de um larápio.

“Sr. Ewing, dr. Goose, gostariam de acompanhar a mim e ao imediato numa visita àquela ilha agora de manhã? Há uma povoação metodista numa baía da costa norte, a que eles deram o nome de ‘Nazareth’. Pode ser interessante para cavalheiros de mente curiosa.” Henry aceitou com entusiasmo, e eu não reagi com uma negativa, ainda que desconfiasse das motivações daquele guaxinim finório. “Combinado”, sentenciou o comandante.

Uma hora depois, o *Prophetess* entrava na baía de Bethlehem, uma enseada de areias negras protegida dos ventos alísios pela ponta em gancho do cabo Nazareth. Na costa, divisamos uma fileira de choupanas mais rústicas com telhados de colmo, construídas sobre palafitas perto da linha da água, ocupadas (supus, corretamente) pelos índios batizados. Atrás delas erguia-se uma dúzia de prédios de madeira feitos por mãos civilizadas, e mais alto ainda, pouco antes do topo da colina, destacava-se orgulhosa uma igreja, assinalada por uma cruz branca. O maior dos dous esquifes foi baixado para nosso uso. Os quatro remadores eram Guernsey, Bentnail e duas das cobras peçonhentas. O sr. Boerhaave usava um chapéu e um colete mais apropriados para um salão em Manhattan do que para um bote de desembarque. Chegamos à praia sem nenhum percalço maior do que um banho de água salgada, porém nosso único emissário da colônia foi um cachorro polinésio a resfolegar sob os jasmins dourados e grená. Tanto nos casebres à beira-mar quanto na “rua principal” que serpenteava morro acima até a igreja, não havia vivalma. “Vinte homens, vinte mosquetes”, comentou o sr. Boerhaave, “e este lugar seria nosso antes da hora do almoço. Fica-se a pensar, não é, senhor?” O capitão Molyneux mandou os remadores aguardarem na sombra enquanto nós íamos “visitar o rei no seu palácio”. Minha suspeita de que os modos educados recém-adquiridos pelo capitão não passavam de um verniz foi confirmada quando ele deparou com a venda geral fechada e soltou uma imprecação grosseira. “Quem sabe”, explicou o holandês, “os negros se desconverteram e comeram os pastores à guisa de pudim?”

Um sino soou na torre da igreja, e o capitão deu um tapa na testa. “Macacos me f****, o que é que tenho na cabeça? É domingo, ora, e esses carolas de m**** hão de estar a zurrar lá naquela igrejita deles!” Subimos a ladeira íngreme em passo lento, por conta da gota do capitão Molyneux. (Sinto-me um tanto ofegante toda vez que faço um esforço. Quando relembro meu vigor nas ilhas Chatham, preocupa-me o dano que o parasita está a me causar no organismo.) Chegamos à casa de culto de Nazareth no momento em que a congregação começava a sair dela.

O capitão tirou o chapéu e disse, jovial: “Saudações! Jonathon Molyneux, comandante do *Prophetess*”. Indicou nossa embarcação na baía com um gesto largo. Os nazarenos foram menos efusivos, os homens dirigindo-nos acenos de cabeça desconfiados, enquanto as esposas e filhas escondiam-se atrás dos leques. Dentro da igreja ecoavam os gritos: “Chamem o pregador Horrox!”, enquanto os ocupantes nativos do templo saíam em bando para ver os visitantes. Contei mais de sessenta homens e mulheres adultos, cerca de um terço deles brancos, devidamente “endomingados” (até onde tal cousa é possível a duas semanas de viagem da rouparia mais próxima). Os negros nos observavam com uma curiosidade indisfarçada. As mulheres nativas estavam vestidas de modo decente, porém várias delas sofriam de bócio. Os meninos que protegiam do sol feroz a pele clara de suas senhoras com sombrinhas feitas de folhas de palmeira sorriam discretamente. Um “pelotão” privilegiado de polinésios ostentava uma espécie de dragona castanha com um crucifixo em branco bordado, como se fosse um uniforme.

Então saiu da igreja uma bala de canhão em forma humana, cujo traje clerical afirmava sua profissão. Anunciou o patriarca: “Sou Giles Horrox, o pregador da baía de Bethlehem e o representante da Sociedade Missionária de Londres em Raiatea. Digam-me o que querem os senhores, e sejam breves”.

O capitão Molyneux fez então as apresentações: o sr. Boerhaave, “da Igreja Reformista Holandesa”, o dr. Henry Goose, “médico da fidalguia londrina, egresso da missão de Fiji”, e o sr. Adam Ewing, “americano,

tabelião de letras e direito". (Só então compreendi o que planejava aquele espertalhão!) "O nome do pregador Horrox da baía de Bethlehem é sempre mencionado com respeito entre nós, os devotos peripatéticos do Pacífico Sul. Tínhamos esperança de celebrar o domingo diante do seu altar", o capitão dirigiu um olhar desconsolado à igreja, "mas infelizmente ventos contrários atrasaram nossa chegada. Poderia eu ao menos contribuir para sua coleta?"

O pregador Horrox contemplou o capitão. "O senhor comanda um navio temente a Deus, capitão?"

O capitão Molyneux desviou a vista, numa imitação de humildade. "Nem tão temente a Deus nem tão inafundável quanto sua Igreja, senhor, mas, sim, eu e o senhor Boerhaave fazemos o que podemos pelas almas a nós entregues. É uma luta incessante, lamento dizer. Os marinheiros revertem a seus costumes ímpios tão logo lhes voltamos as costas."

"Ah, capitão", interveio uma senhora com colarinho de renda, "nós também temos recidivistas cá em Nazareth! O senhor há de perdoar a cautela de meu marido. A experiência nos ensinou que a maioria dos navios que arvoram bandeiras supostamente cristãs só nos trazem doenças e bêbados. Somos obrigados a presumir a culpa até que a inocência seja provada."

O capitão fez outra mesura. "Minha senhora, não posso perdoar quando não houve ofensa alguma."

"Seus preconceitos contra esses 'visigodos do mar' são mais do que justificados, sra. Horrox", disse o sr. Boerhaave, entrando na conversa, "mas *eu* não permito uma gota de álcool sequer no nosso *Prophetess*, por mais que os homens gritem! E eles gritam, ah, se gritam! E eu respondo no mesmo tom: 'Vocês carecem não de aguardente, e sim de Deus!'. E eu grito mais alto e por mais tempo!"

Aquela contrafação estava tendo o efeito desejado. O pregador Horrox apresentou as duas filhas e os três filhos, todos nascidos ali em Nazareth. (As meninas pareciam saídas duma escola para moças, porém os meninos estavam tão tisnados de sol quanto os polinésios.) Por mais que me

repugnasse ser obrigado a participar da farsa do capitão, eu estava curioso para saber mais a respeito dessa teocracia insular, e deixei-me levar pela correnteza dos eventos. Pouco depois fomos até a casa paroquial, que não faria vergonha a nenhum cônsul num paisinho do hemisfério sul. Havia uma sala grande com vidraças nas janelas e mobília de tulipeira, um reservado, duas cabanas para criados e uma sala de jantar onde logo nos foi servida uma refeição de legumes frescos e leitão. Cada pé da mesa ficava dentro dum prato com água. Explicou-nos a sra. Horrox: “As formigas, uma das pragas de Bethlehem. As mortas por afogamento têm de ser removidas periodicamente, senão formam uma ponte para as outras”.

Elogiei o domicílio. “O pregador Horrox”, disse a dona da casa, orgulhosa, “aprendeu o ofício de carpinteiro em Gloucester. A maior parte de Nazareth foi construída pelas mãos dele. O pagão fica muito impressionado com a exibição de bens materiais, os senhores entendem. Ele pensa: ‘Como são asseadas as casas dos cristãos! Como são imundos nossos casebres! Como é generoso o Deus dos brancos! Como é mesquinho o nosso!’. Desse modo, mais um convertido é trazido para o Senhor.”

“Se eu pudesse recomeçar minha vida”, opinou o sr. Boerhaave, sem o menor tremor no rosto, “haveria de escolher a senda altruísta do missionário. Pregador, temos aqui uma missão já bem estabelecida, com raízes profundas, mas como é que se *começa* o trabalho de conversão numa praia de pagãos, onde cristão algum jamais pôs os pés?”

O pregador Horrox fixou seu olhar num auditório futuro, muito longe do seu interrogador. “Tenacidade, senhor, compaixão e lei. Há quinze anos, chegando a esta baía, nossa recepção foi bem menos cordial do que esta que os senhores estão tendo agora. Aquela ilha acolá em forma de bigorna, para os lados do oeste? Borabora, é como a chamam os negros, mas ‘Esparta’ seria um nome mais apropriado, de tão aguerridos que são seus guerreiros! Na praia da enseada de Bethlehem combatemos, e alguns de nós morreram. Se nossas pistolas não tivessem vencido as batalhas daquela primeira semana, bem, a missão de Raiatea teria permanecido apenas um sonho. Mas quis a vontade do Senhor que acendêssemos este lume aqui, e o

mantivéssemos aceso. Seis meses depois, já pudemos trazer nossas mulheres do Taiti. Lamento as mortes dos nativos, mas tão logo os índios viram como Deus protege seus rebanhos, ora, até mesmo os espartanos nos imploraram para que lhes mandássemos pregadores também."

A sra. Harrox deu prosseguimento à narrativa. "Quando as bexigas começaram a espalhar a morte, os polinésios precisaram de socorro, tanto no plano espiritual quanto no material. E nesse momento nossa compaixão atraiu os gentios à fonte batismal. Agora é a vez de a Lei Sagrada proteger nosso rebanho da Tentação — e dos saques dos marinheiros. Os baleeiros, em particular, nos desprezam por ensinar as mulheres a ser castas e modestas. Nossos homens precisam manter as armas sempre prontas para o uso."

"E, no entanto, se sofrem um naufrágio", observou o capitão, "aposto que esses mesmos baleeiros imploram ao Destino que os transporte para praias aonde os 'malditos missionários' levaram os Evangelhos, não é verdade?"

O consenso indignado foi universal.

A sra. Horrox respondeu minha pergunta sobre a imposição da lei e da ordem naquele longínquo posto avançado do Progresso. "Nosso Conselho Eclesiástico — meu marido e três sábios presbíteros — aprova as leis que consideramos necessárias, com auxílio da prece. Nossa Guarda de Cristo, formada por nativos que têm servido a Igreja fielmente, impõe essas leis em troca de crédito na loja de meu marido. A vigilância é vital, senão, em uma semana…" A sra. Horrox estremeceu, diante do espetáculo de fantasmas da apostasia dançando hula-hula sobre sua sepultura.

Finda a refeição, fomos para a sala de visita, onde um rapazola nativo nos serviu chá frio em agradáveis recipientes feitos com cuias. O capitão Molyneux perguntou: "Meu senhor, como se custeia uma missão tão industriosa quanto a sua?".

O pregador Horrox sentiu a mudança dos ventos e examinou outra vez seu interlocutor. "Araruta e óleo de coco ajudam a cobrir os custos, capitão. Os negros trabalham na nossa plantação para pagar a escola, o estudo da

Bíblia e a igreja. Dentro de uma semana, se Deus quiser, teremos uma colheita abundante de copra."

Indaguei se os índios trabalhavam por livre e espontânea vontade.

"É claro!", exclamou a sra. Horrox. "Se eles se entregam à indolência, bem sabem que a Guarda de Cristo há de puni-los."

Queria eu fazer perguntas a respeito desses incentivos punitivos, porém o capitão Molyneux retomou a palavra. "É o navio da sua sociedade missionária que transporta esses bens perecíveis até Londres, passando pelo cabo Horn?"

"Sua conjetura está correta, capitão."

"O senhor pregador já pensou que seria muito mais seguro para o sustento secular da sua missão — e, por extensão, também para o *espiritual* — se tivessem um mercado confiável mais perto do arquipélago da Sociedade?"

O pregador mandou o criadinho sair da sala. "Tenho pensado muito nessa questão, mas onde? Os mercados do México são pequenos e sujeitos ao banditismo, a Cidade do Cabo é um contubérnio de cobradores de impostos e bôeres gananciosos. Os mares do sul da China pululam de piratas impiedosos e impudentes. Os holandeses de Batávia sugam a todos até o bagaço. Não se ofenda, sr. Boerhaave."

O comandante apontou para minha pessoa. "O sr. Ewing é cidadão de…" — fez uma pausa antes de apresentar sua proposta — "San Francisco da Califórnia. O senhor deve saber que esse lugarejo de setecentas almas se transformou numa metrópole de… um quarto de milhão? Não há recenseamento que consiga dar conta! São chineses, chilenos, mexicanos, europeus, estrangeiros de todas as cores que chegam a cada dia aos borbotões. Um ovo, sr. Ewing, queira nos informar, quando está se pagando por um ovo atualmente em San Francisco?"

"Um dólar, segundo me escreveu minha mulher."

"Um dólar americano por um ovo de galinha." (O sorriso do capitão Molyneux é tal qual o de um crocodilo mumificado que vi de certa feita

pendurado num armazém na Luisiana.) “Isso certamente deve dar o que pensar a um homem de tino como o senhor, não?”

A sra. Horrox de boba não tinha nada. “As minas de ouro em pouco tempo vão se esgotar.”

“Sim, senhora, porém a cidade de San Francisco — faminta, exigente, enriquecida, e a apenas três semanas daqui numa escuna em boa forma como a minha *Prophetess* — ficará, e claro está qual será seu destino. San Francisco há de se tornar a Londres, a Roterdã, a Nova York do oceano Pacífico.”

Nosso *capitán de la casa* limpava os dentes com uma espinha de atum. “O *senhor* crê, sr. Ewing, que os produtos das nossas plantações podem ser vendidos por um bom preço na sua cidade” — (como é estranho ouvir nosso vilarejo receber tal denominação!) — “tanto durante a corrida do ouro quanto depois dela?”

Meu apego à verdade é uma carta que o capitão Molyneux usava em benefício de seus próprios objetivos desonestos, porém, se eu não estava disposto a mentir para lhe prestar auxílio, também não seria capaz de mentir para lhe fazer despeito. “Creio que sim.”

Giles Horrox retirou o colarinho clerical. “Gostaria de vir comigo até meu escritório, Jonathon? Tenho muito orgulho do telhado de lá. Fui eu mesmo que o fiz, de modo a resistir ao mais terrível tufão.”

“É mesmo, Giles?”, respondeu o capitão Molyneux. “Vamos, sim.”

Muito embora o nome do dr. Henry Goose fosse desconhecido em Nazareth até aquela manhã, uma vez que ficaram sabendo da presença de um famoso cirurgião inglês, as esposas de Bethlehem lembraram-se de todo tipo de achaque e seguiram em bando à casa paroquial. (Tão estranho, ver-se na presença do sexo mais belo após tantos dias convivendo apenas com o mais feio!) A generosidade do meu amigo obrigava-o a atender a todas, e assim a sala de visita da sra. Horrox foi por ele transformada em seu

consultório, com lençóis pendurados fazendo as vezes de biombo. O sr. Boerhaave voltou ao *Prophetess* para abrir mais espaço no porão.

Pedi licença aos Horrox para explorar a baía de Bethlehem, mas o calor na praia estava insuportável, e os maruins eram uma praga, por isso voltei atrás, subi a ladeira e segui em direção à igreja, de onde vinham os sons de uma salmodia. Resolvi participar do culto vespertino. Nenhum ser, nenhum cão, nem mesmo um nativo, perturbava o silêncio dominical. Olhei dentro da igreja escura, e era tão espessa a fumaça que cheguei a temer, erroneamente, estar o prédio em chamas! A cantoria havia terminado, e fora substituída por um coral de tosses. Vi diante de mim cinquenta dorsos escuros, e então percebi que o ar estava cheio de fumaça não de fogo nem de incenso, e sim de tabaco! Pois cada um daqueles homens estava a fumar um cachimbo.

Um branco rotundo, no púlpito, pronunciava um sermão com aquele sotaque híbrido de "*cockney* das antípodas". Essa demonstração de religiosidade informal só passou a me ofender quando me dei conta do conteúdo do "sermão". Cito: "Antonces assim foi que o são Pedro, esse mesmo que o sinhô Jesus chamava ele de Pedro Fumadô, ele veio de Roma e ensinou praquela judeuzada nariguda da Palestina como é que se fumava um bom tabaco, e é isso que estou ensinando agora". Neste ponto interrompeu sua falação para dar uma orientação individual. "Não, Tição, estás a fazer tudo errado, põe-se o fumo no lado *grosso*, isso, este aqui, ah, pelas narinas de J****! Quantas vez já expliquei, *isto* aqui é a *piteira*, e *isto* é que é a p**** do *fornilho*! Faz que nem o Zé da Lama aí a teu lado — não, deixa que eu amostro!"

Um branco pálido e curvado estava encostado num armário (o qual continha, como verifiquei depois, centenas de Bíblias Sagradas impressas em polinésio — preciso pedir uma de lembrança antes de partirmos), assistindo àquele evento enfumaçado. Apresentei-me a ele com sussurros para não perturbar o sermão dos fumantes. O jovem apresentou-se como Wagstaff, e explicou que o ocupante do púlpito era "o diretor da Escola de Fumantes de Nazareth".

Confessei jamais ter ouvido falar de tal academia.

“Uma ideia do padre Upward, da missão do Taiti. O senhor precisa entender que o polinésio típico não dá valor ao trabalho por não ter um motivo para valorizar o dinheiro. ‘Se tenho fome’, diz ele, ‘eu colho, ou pesco. Se tenho frio, digo à mulher: ‘Tece!’. Nós sabemos, sr. Ewing, que uso dá o Demo a mãos ociosas. Mas se ensinamos o mandrião a sentir alguma necessidade dessa folha inofensiva, ele passa a ter um incentivo para ganhar dinheiro, a fim de poder comprar tabaco — não bebida, veja lá, só tabaco — na feitoria da missão. Engenhoso, o senhor não acha?”

Como poderia eu discordar?

Começa a escurecer. Ouço vozes de crianças, exóticos cantos de aves, as ondas batendo na praia. Henry resmunga. A sra. Horrox, cuja hospitalidade Henry e eu estamos desfrutando nesta noite, mandou a empregada vir nos avisar que o jantar está servido.

Segunda-feira, 9 de dezembro

Continuação da narrativa de ontem. Terminada a sessão da aula de fumo (vários dos alunos estavam tontos e nauseados, porém o professor, um comerciante itinerante de tabaco, nos garantiu: “Eles estarão fisgados em breve!”), o pior do calor passou, embora o cabo Nazareth ainda ardesse ao sol. O sr. Wagstaff caminhou comigo ao longo do trecho de bosque que segue para o norte a partir da baía de Bethlehem. Filho mais moço dum cura de Gravesend, meu guia fora atraído pela vocação missionária desde a infância. A Sociedade, tendo feito um acordo com o pregador Horrox, mandou-o para cá para que ele desposasse uma viúva de Nazareth, Elisa, em solteira Mapple, e se tornasse pai do filho dela, Daniel. Ele chegou a estas plagas em maio passado.

Que boa sorte, afirmei, viver num tal Éden, porém meu comentário agradável teve efeito negativo sobre o ânimo do rapaz. “Também eu

pensava assim nos meus primeiros dias, senhor, mas já agora não sei. Porque o Éden é um lugar bem limpo, e aqui todos os seres vivos estão em estado selvagem, tudo pica e arranha. Um pagão trazido a Deus é uma alma salva, eu sei, mas o sol nunca para de queimar, e as ondas e as pedras brilham tanto que meus olhos doem até que o sol se põe. Há momentos em que eu daria qualquer cousa para ver a neblina do Mar do Norte. Este lugar exige um grande esforço das nossas almas, para falar com franqueza, sr. Ewing. Minha mulher vive cá desde pequena, mas nem por isso as cousas são mais fáceis para ela. Era de esperar que os nativos nos fossem gratos — afinal, nós lhes damos instrução, remédios, damos-lhes empregos e a vida eterna! Ah, é verdade que eles dizem 'Por favor, senhor' e 'Obrigado, senhor', tal como aprendem, mas a gente não sente *nada*" — Wagstaff bateu no coração — "aqui. Sim, *parece* o Éden, mas Raiatea é um lugar de pecado, como qualquer outro. Serpentes não há, mas o Demo faz seu trabalho aqui tão bem quanto noutro lugar qualquer. As formigas! Elas entram em tudo. Na comida, nas roupas, até mesmo no nariz. Enquanto não conseguirmos converter essas malditas formigas, estas ilhas nunca serão nossas de verdade."

Chegamos à sua modesta residência, feita pelo primeiro marido de sua esposa. O sr. Wagstaff não me convidou para entrar, porém foi lá dentro pegar uma garrafa d'água para nossa caminhada. Fui olhar o modesto jardim à frente da casa, onde um jardineiro negro manejava uma enxada. Perguntei-lhe o que estava plantando.

"O David é mudo", gritou-me da porta da casa uma mulher, trajando um avental frouxo e sujo. Creio que não posso descrever-lhe a aparência senão como desmazelada. "O senhor é o médico inglês que está na casa dos Horrox?"

Expliquei que era um tabelião americano e perguntei se era a sra. Wagstaff.

"É o que está escrito na minha certidão de casamento, sim."

Disse-lhe eu que o dr. Goose estava atendendo aos pacientes de modo improvisado na residência paroquial, caso ela quisesse consultá-lo. Garanti-

lhe que Henry era um excelente médico.

“Será ele tão bom que consiga tirar-me daqui, devolver-me os anos que perdi nesta ilha e instalar-me em Londres com uma renda de trezentas libras por ano?”

Um tal pedido estava além dos poderes de meu amigo, reconheci.

“Então seu excelente médico não pode fazer nada por mim, meu senhor.”

Ouvi risos nos arbustos atrás de mim, virei-me e vi um grupo de menininhos negros (observei, curioso, muitas crianças de pele mais clara, frutos de uniões de raças diferentes). Ignorei as crianças e voltei-me de novo para a casa, então deparei com um menino branco de doze ou treze anos, tão sujo quanto a mãe, escapulindo de casa e passando pela sra. Wagstaff, a qual não fez qualquer tentativa de detê-lo. O filho brincava tão seminu quanto seus colegas de folguedos! “Vem cá, rapazinho”, repreendi-o, “não vais ter uma insolação andando por aí desse jeito?” Os olhos azuis do menino tinham um brilho feroz, e a resposta que ele me deu, grunhida numa língua polinésia, deixou-me atônito e deliciou os moleques, que saíram correndo em bandos como uma revoada de pintassilgos.

O sr. Wagstaff foi seguindo na direção do menino, muito agitado. “Daniel! Volta aqui! *Daniel!* Sei que está a me ouvir! Vou te dar uma surra! Não me ouve? Vou te dar uma sova!” Virou-se para a mulher. “Sra. Wagstaff! Quer mesmo que seu filho se torne um selvagem quando crescer? Pelo menos faça o menino andar vestido! O que vai pensar o sr. Ewing?”

O desprezo da sra. Wagstaff por seu jovem marido, se fosse engarrafado, poderia ser apregoado como veneno para ratos. “O sr. Ewing vai pensar o que ele pensar. Depois, amanhã, há de ir-se embora na sua bela escuna, levando consigo seus pensamentos. Ao contrário de mim e do sr. Wagstaff, que vamos morrer aqui. Peço a Deus que seja em breve.” Ela voltou-se para mim. “Meu marido não pôde terminar a escola, meu senhor, e assim infelizmente sou obrigada a explicar o óbvio, dez vezes por dia.”

Não querendo ver o sr. Wagstaff sendo humilhado por sua esposa, fiz uma mesura neutra e passei para outro lado da cerca. Ouvi a indignação masculina ser tripudiada pelo desprezo feminino, e concentrei minha

atenção num pássaro próximo, cujo refrão, aos meus ouvidos, parecia ser: *Toby não diz nada, nãão… Toby não diz nada…*

Meu guia juntou-se a mim, visivelmente contrariado. “Peço desculpas, sr. Ewing. Os nervos da sra. Wagstaff estão muito irritados hoje. Ela não consegue dormir direito por causa do calor e das moscas.” Garanti-lhe que a “eterna tarde” dos mares do sul fazem sofrer mesmo os organismos mais resistentes. Caminhamos sob palmeiras gosmentas, ao longo do promontório, que fervilhava de fertilidade, com lagartas peludas, grossas como meu polegar, a cair das garras da delicada helicônia.

Contou-me o jovem que a Missão garantira à família dele que sua noiva era de origem muito fina. O pregador Horrox casara os dous um dia depois que o sr. Wagstaff chegou a Nazareth, quando o encantamento com os trópicos ainda lhe deslumbrava a vista. (Por que motivo Eliza Mapple havia aceitado aquele casamento arranjado é cousa ainda não esclarecida: Henry especula que a latitude e o clima “tira do prumo” o sexo mais fraco, tornando mais flexíveis as mulheres.) As “enfermidades” da noiva do sr. Wagstaff, sua verdadeira idade e a natureza rebelde de Daniel vieram à luz mal haviam secado as assinaturas nos documentos do matrimônio. O padrasto tentou dar surras no menino, mas isso provocou tantas “recriminações malévolas” da parte da mãe e do enteado que ele não sabia mais a quem recorrer. Longe de auxiliar o sr. Wagstaff, o pregador Horrox censurou-lhe a fraqueza, e a verdade é que, em nove de cada dez dias, ele se sente tão desgraçado quanto Jó. (Sejam quais forem os infortúnios do sr. Wagstaff, como compará-los a um verme parasita a lhe devorar os canais do cérebro?)

Tentando desviar os pensamentos do jovem macambúzio para assuntos mais logísticos, indaguei-lhe por que havia tamanha abundância de Bíblias intactas (e lidas apenas pelas traças, verdade seja dita) na igreja. “O pregador Horrox é quem deveria lhe explicar, mas, em suma, a Missão da Baía de Matavia foi a primeira a traduzir o Verbo do Senhor para o polinésio, e os missionários nativos que utilizavam essas Bíblias realizaram tantas conversões que o presbítero Whitlock — um dos fundadores de

Nazareth, já falecido — convenceu a missão a repetir o experimento aqui. Ele tinha sido aprendiz dum gravador de Highgate. Assim, junto com armamentos e ferramentas, os primeiros missionários trouxeram uma prensa, papel, potes de tina e resmas e mais resmas de papel. Dez dias depois da fundação da Missão da Baía de Bethlehem, três mil cartilhas foram impressas para as escolas da missão, antes mesmo que se preparassem as hortas. Depois vieram os evangelhos de Nazareth, que espalharam o Verbo desde o arquipélago da Sociedade até as ilhas Cook e Tonga. Mas agora a prensa enferrujou, temos milhares de Bíblias à procura de leitores, e sabe por quê?"

Não arrisquei nenhuma explicação.

"Por que não há índios suficientes. Os navios trazem poeira de doença para cá, os negros a aspiram e adoecem e caem mortos como piões. Nós ensinamos aos sobreviventes a monogamia e o casamento, mas as uniões entre eles não geram frutos." Fiquei a imaginar há quantos meses o sr. Wagstaff não sorria. "Matar o que se deveria cuidar e curar", ele opinou, "ao que parece, é assim que são as cousas aqui."

O caminho terminava junto ao mar, num "lingote" de coral negro a desmoronar, com vinte jardas de comprimento e a altura de dous homens. "Isto é o que se chama de *marae*", informou-me o sr. Wagstaff. "Elas existem por todos os mares do sul, ao que dizem." Subimos nela e tive uma bela vista do *Prophetess*, que dali poderia ser alcançado sem dificuldade por um nadador vigoroso. (Finbar esvaziava uma cuba na amurada, e vi a silhueta negra de Autua no alto da mezena, ferrando o amantilho da vela alta do traquete.)

Perguntei a respeito da origem e do propósito das *marae*, e o sr. Wagstaff esclareceu a questão, com poucas palavras: "Apenas uma geração atrás, os índios vinham gritar, derramar sangue e sacrificar a seus ídolos falsos exatamente nestas pedras onde estamos agora". Meus pensamentos retornaram à praia dos Banquetes na ilha Chatham. "A Guarda de Cristo, se pega algum negro aqui, dá-lhe umas boas chibatadas. Ou daria. As crianças nativas já nem sabem mais o nome dos velhos ídolos. Agora tudo virou

ninhos de rato e entulho. É nisso que terminam todas as crenças um dia. Ninhos de rato e entulho.”

As pétalas e o perfume do jasmim-manga me envolveram.

À mesa do jantar, sentou-se a meu lado a sra. Derbyshire, viúva de sessenta e muitos anos, dura e amarga como bolotas verdes. “Confesso não gostar de americanos”, disse-me ela. “Eles mataram meu querido tio Samuel, coronel na artilharia de Sua Majestade, na guerra de 1812.” Dei-lhe minhas condolências (embora não fossem pedidas), mas acrescentei que, muito embora meu querido pai tivesse sido morto por ingleses no mesmo conflito, alguns de meus melhores amigos eram britânicos. O doutor riu, alto demais, e exclamou: “Bravo, Ewing!”.

A sra. Horrox assumiu o leme da conversação antes que fôssemos dar em abrolhos. “Seus empregadores devem ter muita confiança nos seus talentos, sr. Ewing, para lhe confiar uma tarefa que torna necessária uma viagem tão longa e árdua.” Respondi que minha antiguidade como tabelião era suficiente para que me investissem daquele cargo, porém não o suficiente para que eu pudesse me recusar a aceitá-lo. Sorrisos de anuência recompensaram minha humildade.

Depois que o pregador Horrox deu graças diante das terrinas de sopa de tartaruga e invocou a bênção divina para a nova parceria comercial com o capitão Molyneux, ele pronunciou um sermão sobre um assunto muito popular, enquanto comíamos. “Sempre sustentei firmemente que Deus, no nosso mundo civilizador, manifesta-se não nos milagres da era bíblica, e sim no Progresso. É o Progresso que conduz a Humanidade na ascensão que leva à Divindade. Não se trata da escada de Jacó, e sim da ‘Escada da Civilização’, por assim dizer. Nessa escada, a raça que ocupa a posição mais alta de todas é a anglo-saxônica. Os latinos estão um ou dous degraus abaixo. Mais abaixo ainda estão os asiáticos — uma raça muito trabalhadeira, ninguém há de negar, porém desprovida da nossa bravura ariana. Dizem os sinólogos que outrora eles aspiravam à grandeza, mas

onde está o Shakespeare amarelo, hein? Ou o Leonardo de olhos puxados? Um argumento não respondido. Mais abaixo, temos o negro. Os de boa índole podem ser treinados a trabalhar de modo lucrativo, mas o rebelde é o diabo em forma de gente! Também o índio americano é capaz de executar tarefas úteis nos *barrios* da Califórnia, não é, sr. Ewing?"

Respondi que sim.

"Agora, nosso polinésio. Quem vem conhecer o Taiti, o Havaí ou mesmo Bethlehem há de concordar que os ilhéus do Pacífico, se bem instruídos, podem aprender o ABC, as quatro operações e a fé, desse modo ascendendo a um degrau superior ao dos negros, e tornando-se rivais dos asiáticos em industriosidade."

Henry interrompeu com a observação de que os maoris haviam ascendido até o DEF do mercantilismo, da diplomacia e do colonialismo.

"Um argumento a meu favor. Por fim, na posição mais baixa de todas, estão aquelas 'raças irrecuperáveis', os aborígines da Austrália, os índios da Patagônia, vários povos africanos etc., apenas um degrau acima dos primatas superiores e tão resistentes ao Progresso que, tal como os mastodontes e mamutes, creio que ser mais que depressa 'derrubados da escada', depois de seus primos próximos, os guanches, os índios das ilhas Canárias e os da Tasmânia, é o melhor que poderia acontecer com eles."

"Ou seja", perguntou o capitão Molyneux, "a extinção?"

"Exatamente, capitão, exatamente. A Lei e o Progresso da Natureza caminham de mãos dadas. Ainda neste nosso século as tribos da humanidade hão de realizar as profecias inscritas em suas características raciais. Os superiores reduzirão os selvagens superabundantes à sua população natural. Cenas desagradáveis talvez ocorram, mas os homens de coragem intelectual não devem recuar. Uma ordem gloriosa se seguirá, em que todas as raças conhecerão e aceitarão, sim, seu devido lugar na escada da civilização que leva a Deus. A baía de Bethlehem oferece uma antevisão dessa aurora vindoura."

"Amém, pregador", respondeu o capitão Molyneux. Um certo sr. Golsing (noivo da filha mais velha do pregador Horrox) contorcia as mãos numa

manifestação untuosa de admiração. “Perdoe minha ousadia, senhor, mas parece-me quase… sim, um *desperdício*, deixar que seu teorema permaneça inédito. ‘A Escada da Civilização de Horrox’ haveria de empolgar a Real Sociedade!”

Disse o pregador Horrox: “Não, sr. Gosling, meu trabalho é aqui. O Pacífico precisa encontrar seu próprio Descartes, seu próprio Cuvier”.

“Sábia decisão, pregador”, disse Henry, prendendo entre as mãos um inseto em pleno voo e examinando suas entranhas, “a de guardar para si tais pensamentos.”

Nosso anfitrião mal conseguiu disfarçar sua irritação. “Por quê?”

“Ora, basta examinar a questão para ver que é óbvia a redundância de um ‘teorema’ quando uma simples lei há de bastar.”

“E a qual lei o senhor se refere?”

“A primeira das ‘Duas Leis da Sobrevivência de Goose’. Ei-la: ‘Os fracos são a carne que os fortes comem’.”

“Porém essa sua ‘simples lei’ não explica o mistério fundamental: por que as raças brancas dominam o mundo?”

Henry riu baixinho e pôs munição num mosquete imaginário, fez pontaria, apertou a vista e em seguida assustou os comensais: “Pá! Pá! Estão vendo? Acertei-o antes que tivesse tempo de soprar na zarabatana!”.

A sra. Derbyshire soltou um “Oh!” de contrariedade.

Henry deu de ombros. “Onde está o mistério fundamental?”

O pregador Horrox perdeu o bom humor. “O senhor dá a entender que as raças brancas dominam o mundo não pela graça divina, mas pelo poder do mosquete. Mas tal afirmação não passa do *mesmo* mistério trajando roupas emprestadas! Por que motivo o mosquete veio às mãos do homem branco e não, por exemplo, às do esquimau ou do pigmeu, se não por obra da augusta vontade do Todo-Poderoso?”

Henry aceitou o desafio. “Nossos armamentos não nos caíram no colo um belo dia. Não se trata de maná descido dos céus do Sinai. Desde a batalha de Agincourt, o homem branco vem refinando e desenvolvendo as artes da pólvora, até que hoje nossos exércitos modernos contam com

dezenas de milhares de mosquetes no campo de batalha! ‘Aha!’, dirá o senhor. ‘Mas por que nós, os arianos, e não os unípedes de Ur ou os mandrágoras de Maurício?’ Porque, pregador, de todas as raças do mundo, a nossa é movida pelo amor — ou, melhor dizendo, pela *cupidez* — ao tesouro, ao ouro, às especiarias, ao domínio, sim, acima de tudo às delícias do domínio, que é a maior, a mais intensa e a mais desprovida de escrúpulos! Essa cupidez é que impele nosso Progresso, se para fins infernais ou divinos, isso não sei. Nem o senhor sabe. Quanto a mim, não sei nem quero saber. Apenas sinto-me grato por ter o Criador me colocado no lado dos vencedores.”

A franqueza de Henry foi mal entendida como incivilidade, e o pregador Horrox, o Napoleão desta Elba equatorial, ficou vermelho de indignação. Elogiei a sopa de nossa anfitriã (embora, na verdade, meu desejo de vermicida torne difícil a ingestão de qualquer alimento que não seja o mais simples) e perguntei se as tartarugas eram de praias próximas, ou se vinham de longe.

Mais tarde, estando nós já deitados, na escuridão abafada, bisbilhotados por lagartixas, Henry confidenciou-me que as consultas daquele dia constituíram “um desfile de mulheres histéricas, torradas pelo sol, que não precisam de médicos, e sim de chapeleiros, modistas, perfumarias e outros tantos ramos do comércio que atendem aos caprichos femininos”! Suas “consultas”, prosseguiu ele, consistiam em uma parte de medicina para nove partes de lérias. “Elas juram que os maridos estão a acasalar-se com as nativas, e morrem de medo de ‘pegar alguma cousa’. E toca agitar lencinhos.”

Aquelas confidências me deixaram intranquilo, e ousei sugerir que Henry fosse mais contido ao manifestar desacordo com nosso anfitrião. “Caríssimo Adam, o que mais fiz foi me conter — e olha que não foi fácil! Minha vontade era a de responder ao velho pacóvio *assim*: ‘Por que não reconhecer abertamente que queremos apressar a morte das raças mais

escuras a fim de nos apossarmos de suas terras e das riquezas que há nelas? Os lobos não ficam em suas tocas a elaborar teorias cretinas sobre as raças a fim de justificar a morte de um rebanho de carneiros! Coragem intelectual? A verdadeira coragem intelectual está em dispensar essas folhas de parreira e admitir que todos os povos são predadores, mas que os predadores brancos, munidos de nossa letal dupla, pó de doença com arma de fogo, somos os exemplares *par excellence* da rapacidade — e daí?’”.

Perturba-me ouvir um homem dedicado a curar os males e cristão sincero sucumbir a um tal cinismo. Pedi-lhe que me enunciasse a Segunda Lei da Sobrevivência de Goose. Henry sorriu no escuro e pigarreou: “A segunda lei da sobrevivência é apenas a afirmação de que *não há* uma segunda lei. Devora, senão serás devorado. É isso”. Pouco depois, começou a roncar, mas meu verme manteve-me acordado até as estrelas começarem a se apagar. As lagartixas comiam e caminhavam com passos leves sobre meu lençol.

A alvorada transpirava, vermelha como um maracujá. Nativos de ambos os sexos subiam a “rua principal” até as plantações da igreja no alto do morro, onde trabalhavam até que o calor da tarde se tornasse insuportável. Antes que o esquife viesse levar a mim e Henry de volta ao *Prophetess*, fui ver os trabalhadores limpar de ervas a colheita de copra. Por acaso naquela manhã o capataz era o sr. Wagstaff, e ele mandou um menino nativo nos servir água de coco. Não lhe perguntei nada sobre sua família, nem ele a mencionou. O sr. Wagstaff trabalha munido de uma chibata, “mas é raro eu usá-la, para isso serve a Guarda de Cristo-Rei. Apenas vigio os vigilantes”.

Três desses dignitários observavam seus semelhantes, puxando cantorias e repreendendo os que faziam corpo mole. O sr. Wagstaff estava menos conversador do que na véspera, e deixava que minhas facécias morressem no silêncio, interrompido apenas pelos ruídos da selva e dos trabalhadores. “O senhor deve estar pensando que nós escravizamos povos livres, não é?”

Esquivei-me duma resposta dizendo que o sr. Horrox explicara que o trabalho daquela gente pagava os benefícios do Progresso trazidos pela missão. O sr. Wagstaff não me ouviu. “Há uma tribo de formigas chamadas de escravizadoras. Elas atacam as colônias de formigas comuns e roubam-lhes os ovos, que levam para seus próprios ninhos, e as escravas tão logo nascem tornam-se trabalhadoras no grande império, e sequer sonham que um dia foram roubadas. Agora, se me perguntar o que penso, direi que o Senhor Jeová criou essas formigas para servir de modelo, sr. Ewing.” O olhar do sr. Wagstaff estava grávido dum futuro antiquíssimo. “Quem tem olhos que o veja.”

As pessoas de personalidade mutável incomodam-me, e tal era o sr. Wagstaff. Desculpei-me e segui em direção a meu próximo porto de escala, ou seja, a escola. Ali, pequenos nazarenos das duas raças estudam as Escrituras, aritmética e o ABC. A sra. Derbyshire ensina os meninos, e a sra. Horrox, as meninas. Na parte da tarde, têm as crianças brancas três horas de aula adicionais, em que estudam matérias apropriadas à sua condição social (se bem que Daniel Wagstaff, ao menos, parece imune aos propósitos dos educadores), enquanto seus colegas de pele escura vão trabalhar no campo ao lado dos pais, até a hora das Vésperas.

Um pequeno espetáculo foi apresentado em minha homenagem. Dez meninas, cinco brancas e cinco negras, recitaram cada uma delas um dos Dez Mandamentos. Em seguida regalaram-me com uma interpretação de “Ó lar onde és mais amado”, acompanhadas pela sra. Horrox tocando um piano vertical cujo passado fora mais glorioso do que o presente. Em seguida, convidaram-se as meninas a fazer perguntas ao visitante, mas todos os braços levantados eram brancos. “O senhor conhece George Washington?” (Infelizmente, não.) “Quantos cavalos puxam sua carruagem?” (São quatro na do meu sogro, mas eu prefiro um apenas.) A mais pequenina quis saber: “As formigas têm dor de cabeça?”. (Se os risos das colegas não tivessem reduzido às lágrimas minha pequena interrogadora, eu estaria até hoje parado diante delas meditando uma resposta para essa pergunta.) Aconselhei as alunas a viver de acordo com a

Bíblia e a obedecer aos mais velhos, e em seguida despedi-me. Disse-me a sra. Horrox que outrora os visitantes ganhavam, ao partir, uma grinalda de jasmim-manga, porém os presbíteros da missão achavam que grinaldas eram imorais. “Se permitirmos as grinaldas hoje, amanhã serão as danças. Se começarem a dançar amanhã…” Ela estremeceu.

É pena.

Ao meio-dia os homens já haviam carregado o navio, e o *Prophetess* estava a se afastar da baía enfrentando ventos desfavoráveis. Eu e Henry nos recolhemos ao refeitório para evitar os respingos de água e as imprecações. Meu amigo está compondo uma epopeia em oitava-rima intitulada *A verdadeira história de Autua, o último dos morioris*, e interrompe minha tarefa de redigir um diário para perguntar o que rima com o que: “Sangue rude?”; “Salvou-se quem pôde?”; “Robin Hood?”.

Relembro os crimes que o sr. Melville atribui aos missionários do Pacífico em seu recente livro sobre os tipis. Tal como se dá com os cozinheiros, os médicos, os clérigos, os comandantes de navios e reis, não haverá evangelizadores bons e outros maus? Quiçá os índios do arquipélago da Sociedade e das ilhas Chatham seriam mais felizes se não tivessem sido descobertos, mas querer tal cousa é querer a lua. Não deveríamos aplaudir o sr. Horrox e seus colegas por tentarem ajudar os índios a galgar a “Escada da Civilização”? Não é sua ascensão a única via para sua salvação?

Não sei a resposta, nem sei para onde foram as certezas que eu tinha na juventude.

Na noite que passei na casa paroquial, um gatuno penetrou em meu caixão e, não conseguindo localizar a chave de meu baú (eu a uso pendurada no pescoço), tentou forçar a tranca. Tivesse ele logrado tal feito, as escrituras e os documentos do sr. Busby a esta altura já seriam pasto para cavalos-marinhos. Como seria bom se nosso comandante fosse um homem ao feitio do honrado capitão Beale! Não ouso deixar meus pertences aos cuidados de Molyneux, e Henry desaconselhou qualquer tentativa de

“mexer em casa de maribondos” queixando-me do delito ao sr. Boerhaave, pois uma investigação poderia levar todos os ladrões a bordo do navio a tentar roubar-me cada vez que eu lhes desse as costas. Creio que ele tem razão.

Segunda-feira, 16 de dezembro

Hoje ao meio-dia o sol estava na vertical, e a patuscada costumeira conhecida como “a travessia do Equador” correu solta, e as “virgens” (os tripulantes que estão cruzando essa linha pela primeira vez) são submetidas às provações e aos “caldos” que os marujos responsáveis pelas cerimônias julgam apropriados. O sensato capitão Beale não perdeu tempo com isso durante minha viagem de ida à Austrália, mas aos marinheiros do *Prophetess* foi concedido esse privilégio. (Julgava eu que para o sr. Boerhaave qualquer ideia de “diversão” fosse interdita, até ver que formas de crueldade esses “folguedos” implicavam.) Finbar avisou-nos que as duas “virgens” eram Rafael e Bentnail. O segundo já está no mar há dous anos, porém até agora só conheceu o trajeto Sydney-Cidade do Cabo.

Durante o quarto das quatro da tarde às oito da noite, os homens levantaram um toldo sobre a coberta de proa e se reuniram em torno do cabrestante, onde se entronizara o “Rei Netuno” (Pocock, trajando uma capa ridícula e uma peruca feita de estopa). As virgens foram amarradas aos turcos dos lambareiros como se fossem são Sebastião. “Serra-Ossos e Pica de Pena!”, exclamou Pocock quando viu a mim e Henry. “Acaso vindes salvar nossas irmãs virgens do meu dragão farpado?” Pocock esboçou uma dança vulgar com o passador, e os marujos aplaudiram com gargalhadas lúbricas. Henry, rindo também, retorquiu que gostava mais de virgens sem barba. O comentário de Pocock sobre a barba das virgens é obsceno demais para ser registrado.

Sua Majestade dos Mares virou-se para as vítimas. “Bentnail da Cidade do Cabo, Rafa-rafa da Cidade do Sol Quadrado, estais prontos para adentrar na Ordem dos Filhos de Netuno?” Rafael, cujo ânimo meninil fora em parte restaurado por aquelas traquinagens, respondeu prontamente: “Sim, majestade!”. Já Bentnail assentiu com a cabeça, mal-humorado. Netuno urrou! “Nãããõ! Só depois que rasparmos essas escamas de m**** da sua fuça, seus vadios! Tragam o creme de barbear!” Torgny veio mais que depressa com um balde cheio de breu, que passou no rosto dos prisioneiros com um pincel. Em seguida, apareceu Guernsey, vestido de rainha Anfitrite, e retirou o breu com uma navalha. O homem do Cabo gritou xingamentos, causou muita risadaria e não poucos piques de navalha. Rafael teve o bom senso de suportar aquela tortura em silêncio. “Melhor, melhor”, rosnou Netuno, e em seguida gritou: “Ponham vendas nos dous e levem o jovem Rafa para meu tribunal!”.

O tal “tribunal” era um barril de água salgada, no qual Rafael foi mergulhado de cabeça para baixo enquanto os homens contavam até vinte, após o que Netuno ordenou que seus “cortesãos” pescassem “meu mais novo cidadão”! A venda foi retirada, sendo o rapaz encostado na amurada para recuperar-se da troça.

Bentnail ofereceu mais resistência, gritando: “Me larguem, seus filhos da p***!”. O rei Netuno arregalou os olhos. “Essa boca suja precisa de *quarenta* na melhor salmoura, ou então sou mico de circo!” Quando terminaram de contar até quarenta, o bôer foi levantado, a berrar: “Eu vou matá-los todos, cambada de filhos de vacas, juro que vou…”. A hilaridade foi geral quando ele foi submerso por mais quarenta. Quando Netuno declarou que a pena fora cumprida, Bentnail não conseguia fazer outra cousa senão emitir grunhidos fracos de ânsia de vômito. Nesse momento, o sr. Boerhaave decretou o fim da brincadeira, e os mais novos Filhos de Netuno limparam o rosto com estopa e uma barra de sabão.

À hora do jantar, Finbar ainda se ria. A crueldade jamais me fez sorrir.

Quarta-feira, 18 de dezembro

Mar encapelado, vento quase nenhum, temperatura em torno de trinta e dois graus. Os tripulantes lavaram suas redes de dormir e suspenderam-nas para secá-las. Minhas dores de cabeça começam cada dia mais cedo, e Henry mais uma vez aumentou minha dose de vermicida. Oxalá seu estoque não se esgote antes de chegar ao Havaí, pois a dor, se não fosse atenuada, me haveria de rachar o crânio. Meu médico anda muito ocupado, cuidando dos numerosos casos de erisipela e cólera bilioso a bordo do *Prophetess*.

Nesta tarde, a sesta foi interrompida por um clamor, e assim subi ao convés, onde vi um filhote de tubarão sendo puxado pelo anzol. O peixe ficou um bom tempo a estrebuchar em meio ao líquido vermelho que dele escorria em abundância, até que Guernsey determinou que estava de fato morto. A boca e os olhos me lembraram da mãe de Tilda. Finbar esquartejou-o no convés e não conseguiu de todo estragar sua suculência na cozinha (um filé seco como madeira). Os marujos mais supersticiosos recusaram essa delícia, argumentando que, como há casos de tubarões que comem gente, comer carne de tubarão é uma espécie de canibalismo indireto. O sr. Sykes teve uma tarde muito produtiva fazendo lixa a partir do couro desse grande peixe.

Sexta-feira, 20 de dezembro

Será possível que as baratas se alimentem de mim quando durmo? Esta manhã uma delas me acordou andando em cima de meu rosto e tentando alimentar-se dentro de minha narina. Sem exagero, tinha seis polegadas de comprimento! Senti um impulso violento de matar aquele inseto gigantesco, mas no meu camarote apertado e escuro a barata levou vantagem. Fui queixar-me a Finbar, que insistiu comigo para que eu lhe desse um dólar em troca de um “rato pega-baratas” especialmente treinado. Mais tarde, sem

dúvida, há de querer vender-me um “gato pega-ratos”, em seguida vou precisar de um cão pega-gatos, e sabe-se lá onde isso ia terminar.

Domingo, 22 de dezembro

Calor, muito calor, calor de derreter, de coçar, de fazer bolhas. Hoje de manhã acordei com os lamentos de anjos caídos. Dentro de meu caixão fiquei a ouvir, enquanto os momentos se acumulavam em minutos, perguntando a mim mesmo que novas estripulias estariam sendo inventadas pelo meu verme, quando discerni um grito vindo do alto: “Lá vai baleia!”. Abri minha vigia, mas ainda era tão cedo que não se podia ver com clareza, por isso, apesar de me sentir fraco, obriguei-me a subir a escada. “Ali, senhor, ali!” Rafael me amparava pela cintura com uma das mãos enquanto apontava com a outra. Agarrei-me com força ao corrimão, pois minhas pernas estão fraquejando. O rapazinho não parava de apontar. “Ali! São maravilhosas, não são?” Pela luz crepuscular, divisei uma espuma, a apenas trinta pés da proa de boreste. “São seis!”, gritou Autua, lá do alto. Ouvi a respiração dos cetáceos, e então senti as gotículas de espuma caindo sobre nós! Concordei com o rapaz, elas são de fato maravilhosas de se ver. Uma delas subia e descia, surgindo e desaparecendo em meio às ondas. A cauda dos peixes se destacava em silhueta contra o leste já tingido de rosa. “Pena que nós não é baleeira”, comentou Newfie. “Deve de ter uns cem barril de espermacete só na grandona!” Pocock redarguiu: “Eu, não! Já trabalhei numa baleeira, o comandante era o maior patife que já se viu, comparado co’s três ano que passei lá esta viagem no *Prophetess* é um passeio de domingo!”.

Estou de volta ao meu caixão, descansando. Estamos em meio a um grande viveiro de jubartes. O grito de “Lá vai baleia!” é repetido com tanta frequência agora que ninguém se dá ao trabalho de ir olhar. Meus lábios estão ressecados, descascando.

A monotonia é azul.

Véspera de Natal

Ventania, mares turbulentos, navio jogando muito. Tão inchado está meu dedo que Henry teve que cortar fora minha aliança, temendo que ela impedisse a circulação e provocasse um ataque de hidropisia. Perder esse símbolo de minha união com Tilda deprimiu meu ânimo num grau exorbitante. Henry ralha comigo, chamando-me “tolinho”, e insiste que minha mulher daria mais valor à minha saúde do que a ter eu de passar uma quinzena sem um aro de metal no dedo. Dei a aliança para meu médico guardar, pois ele conhece um ourives espanhol em Honolulu que vai consertá-la por um preço razoável.

Natal

Longos vagalhões provocados pela ventania de ontem. Ao amanhecer, as ondas pareciam uma serra de cume dourado, pois os raios do sol vinham num ângulo baixo, saídos de nuvens cor de vinho. Com esforço, fui até o refeitório, onde o sr. Sykes e o sr. Green tinham aceitado o convite, feito por mim e Henry, para uma refeição natalina particular. Finbar serviu uma comida menos nauseabunda que de costume, um ensopado de charque, repolho, inhame e cebola, de modo que consegui segurar boa parte da comida no estômago até mais tarde. Do pudim de ameixas, as ameixas passaram longe. O capitão Molyneux mandou avisar o sr. Green de que a ração de grogue dos homens fora dobrada, de modo que à hora do quarto de meio-dia às quatro os marinheiros estavam emborrachados. Uma verdadeira saturnália. Certa quantidade de cerveja fraca foi despejada na goela de um pobre macaco-diana, que terminou seu espetáculo vexaminoso pulando a

amurada. Recolhi-me ao camarote de Henry e juntos lemos o segundo capítulo de Mateus.

O almoço teve um efeito catastrófico sobre minha digestão, obrigando-me a fazer visitas frequentes à latrina. Da última vez, quando saí Rafael estava esperando. Pedi desculpas por ter demorado tanto, mas o rapaz disse que não, estava ali de propósito para encontrar-se comigo. Confessou que estava preocupado, e fez-me esta pergunta: “Deus deixa a gente entrar, não é, se a gente está arrependida? Faça o que a gente fizer, ele não manda a gente… sabe…” — neste ponto o aprendiz murmurou — “… pro inferno?”.

Devo confessar que minha cabeça estava mais ocupada com a digestão do que com a teologia, e limitei-me a pilheriar que Rafael não poderia ter cometido tantos pecados mortais em tão poucos anos de vida. A lanterna de tempestade balouçou, e vi que a infelicidade distorcia o rosto daquele jovem corajoso. Arrependido de minha leviandade, afirmei que a misericórdia do Todo-Poderoso é de fato infinita, que *haverá mais alegria no céu por um só pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento.* Quereria ele fazer-me alguma confidência, fosse como amigo, como companheiro em orfandade ou como pessoa relativamente desconhecida? Disse-lhe ter notado o quanto parecia melancólico ultimamente, e lamentar tamanha mudança ocorrida no menino alegre que subira a bordo em Sydney, tão ansioso por conhecer o mundo vasto. Antes, porém, que ele pudesse me responder, um afrouxamento de meus intestinos obrigou-me a voltar à privada. Quando saí, Rafael não estava mais lá. Não vou insistir no assunto. O rapaz sabe onde pode me encontrar.

Mais tarde

Sete badaladas do quarto das oito à meia-noite tinham acabado de soar. Meu verme faz minha cabeça doer como se o badalo me golpeasse o crânio.

(Terão mesmo as formigas dor de cabeça? De bom grado eu me transformaria em uma para me libertar desta agonia.) Como Henry e tantos outros conseguem dormir em meio a essa cacofonia de esbórnia e folia blasfema, não sei, mas muito os invejo.

Aspirei um pouco de vermicida, porém ele não me proporciona mais nenhuma sensação de euforia. Apenas me aproxima da sensação de normalidade. Em seguida, fui andar pelo tombadilho, porém a Estrela de Davi estava obscurecida por nuvens espessas. Uns poucos gritos de vozes sóbrias vindo do alto (entre elas, a de Autua) e a presença do sr. Green ao leme me garantiram que nem todos tripulantes haviam "pegado uma carraspana". Garrafas vazias rolavam de bombordo a estibordo com o jogo do navio. Deparei com Rafael desacordado, enroscado em torno do molinete, a mão corrompida agarrada a um caneco vazio. Seu peito jovem nu estava lambuzado de ocra. Quando vi que o rapaz havia encontrado o consolo na bebida, e não no seu amigo em Cristo, adensou-se minha melancolia.

"Pensamentos culposos impedem seu repouso, sr. Ewing?", perguntou um *dybbuk* junto a meu ombro, e deixei cair o cachimbo. Era Boerhaave. Respondi ao holandês que, se nada pesava na minha consciência, eu duvidava que ele pudesse dizer o mesmo. Boerhaave cuspiu por cima da amurada, sorrindo. Se garras e chifres tivessem brotado nele naquele momento, não teria eu me espantado. Ele jogou Rafael sobre o ombro, deu um tapa nas nádegas do aprendiz adormecido e levou seu fardo em direção à escotilha de ré, para protegê-lo, espero eu.

Quinta-feira, 26 de dezembro

A anotação de ontem me condena a uma prisão de remorso pelo resto da minha vida. Lendo-a agora, como me parece cruel, e como fui leviano! Ah, sofro ao escrever estas palavras. Rafael enforcou-se. Enforcou-se num laço

que pendurou no braço da verga inferior do mastro grande. Ele subiu a esse cadafalso entre o final do seu turno e o primeiro toque do sino. Quis o destino que fosse eu um dos primeiros a descobrir seu cadáver. Havia me debruçado sobre a amurada, pois o verme causa crises de náuseas quando é expelido. No lusco-fusco azulado, ouvi um grito e vi o sr. Roderick olhando para o céu. A confusão contorcia-lhe o rosto; depois, a incredulidade; por fim, a dor. Seus lábios formaram uma palavra, porém nada foi dito. Ele apontava para algo que não conseguia nomear.

Havia um corpo a balouçar, um vulto cinzento tingindo a lona. Ruídos irromperam de todos os lados, mas quem gritava o que a quem, eu não saberia dizer. Rafael, enforcado, rígido como um peso de prumo, enquanto o *Prophetess* arfava e rolava. Aquele rapazinho adorável, morto como um carneiro num gancho de açougue! Autua já havia subido até a verga, porém tudo que pôde fazer foi baixar o menino delicadamente. Ouvi Guernsey resmungar: “Não devia ter partido na sexta, sexta-feira é dia de azar”.

Minha mente arde com a pergunta: *por quê?* Ninguém fala nisso, mas Henry, que está tão horrorizado quanto eu, contou-me, em segredo, que os crimes antinaturais de Sodoma foram praticados com o menino por Boerhaave e suas “cobras peçonhentas”. Não apenas na noite de Natal, mas todas as noites, há muitas semanas.

Minha obrigação é seguir este rio negro até a fonte e impor justiça aos criminosos, porém, Senhor, mal consigo sentar-me na cama para comer! Henry diz que não posso ficar a flagelar-me cada vez que a inocência for vítima da selvageria, mas como posso *não* fazê-lo? Rafael era da idade de Jackson. Sinto-me tão impotente que a sensação é insuportável.

Sexta-feira, 27 de dezembro

Quando Henry foi chamado para cuidar de um ferido, arrastei-me até o camarote do capitão Molyneux para dizer-lhe o que eu pensava. O comandante não viu com bons olhos aquela visita, mas recusei-me a sair de seus aposentos antes de fazer minha acusação: o bando de Boerhaave havia atormentado Rafael com sua bestialidade todas as noites até que o menino, não vendo possibilidade de escapatória ou alívio, resolveu matar-se. Por fim, o capitão perguntou: “O senhor tem, é claro, provas desse crime, não é? Um bilhete de suicídio? Depoimentos assinados?”. Todos os homens a bordo do navio sabiam que o que eu dizia era verdade! O capitão não podia permanecer indiferente à brutalidade de Boerhaave! Eu exigia um inquérito sobre a participação do imediato no suicídio de Rafael.

“Pode exigir o que quiser, sr. Pica de Pena!”, gritou o capitão Molyneux. “Sou *eu* quem decide quem viaja no *Prophetess*, quem mantém a disciplina, quem treina os aprendizes, eu e não um escriba de m****, com seus delírios de m****, nem, juro por Deus, nenhum ‘inquérito’ de m****! Saia daqui, e vá para o diabo que o carregue!”

Saí e imediatamente esbarrei em Boerhaave. Perguntei-lhe se pretendia trancar a mim em seu camarote com suas cobras peçonhentas, para que depois eu me enforcasse antes do amanhecer. Ele mostrou suas presas, e com voz cheia de veneno e ódio me deu este alerta: “O fedor da peste está em você, Pica de Pena, nenhum dos meus homens quer tocá-lo, para não contraí-la. Você vai morrer em breve da sua ‘febre maligna’”.

Um tabelião dos Estados Unidos, tive a presença de espírito de alertá-lo, não desaparece com tanta facilidade quanto um camaroteiro das colônias. Creio que ele pensou mesmo em estrangular-me. Mas estou doente demais para temer um sodomita holandês.

Mais tarde

A dúvida atormenta minha consciência, e a acusação que me é dirigida é a de cumplicidade. Terei *eu* dado a Rafael a permissão que ele procurava para suicidar-se? Tivesse eu adivinhado seu sofrimento na última vez que ele me falou, interpretado sua intenção e respondido: “Não, Rafael, o Senhor não pode perdoar um suicídio *planejado*, pois o arrependimento não pode ser sincero se ele ocorre *antes* do crime”, quem sabe o rapaz ainda não estaria vivo? Henry insiste que eu não poderia ter adivinhado, mas dessa vez suas palavras me parecem vazias. Ah, terei *eu* encaminhado aquele pobre inocente ao Inferno?

Sábado, 28 de dezembro

Uma lanterna mágica em minha mente mostra o rapaz pegando a corda, subindo no mastro, dando o laço, tomando coragem, dirigindo-se a seu Deus e saltando no vazio. Quando seu corpo mergulhou no negrume, sentiria ele serenidade ou pavor? Então o pescoço se parte.

Ah, se eu soubesse! Poderia ter ajudado o menino a abandonar o navio, mudando seu destino tal como os Channing mudaram o meu, ou fazê-lo ver que nenhum estado de tirania dura para sempre.

O *Prophetess* levantou todas as velas e está navegando a grande velocidade (não para me favorecer, mas porque o carregamento está apodrecendo), fazendo mais de três graus de latitude por dia. Agora estou muito doente, e vivo confinado no meu caixão. Imagino que Boerhaave acredite que estou a esconder-me dele. Engana-se, pois a vingança justa que quero lhe impor é uma das poucas chamas que ainda não foi extinta por esse torpor horrendo. Henry suplica que eu escreva meu diário para ocupar o cérebro, mas torna-se difícil manejar a pena, cada vez mais pesada. Chegamos a Honolulu em três dias. Meu leal médico promete acompanhar-me após o desembarque, obter paregóricos poderosos a qualquer preço e permanecer à minha cabeceira até minha recuperação completa, mesmo que

o *Prophetess* seja obrigado a partir para a Califórnia sem nós. Que Deus abençoe esse homem tão bom. Não consigo escrever mais hoje.

Domingo, 29 de dezembro

Estou muito mal.

Segunda-feira, 30 de dezembro

O verme recrudesce. Seus sacos de veneno explodiram. Torturam-me a dor, as escaras e uma sede medonha. Oahu está ainda a três dias ao norte. A morte está a poucas horas. Não consigo beber e já não lembro quando comi pela última vez. Fiz com que Henry prometesse-me entregar este diário à Bedford em Honolulu. De lá ele chegará à minha família enlutada. Henry jura que eu próprio vou entregá-lo, mas minhas esperanças expiraram. Ele fez o melhor que pôde, mas meu parasita é por demais virulento, e só me resta confiar a alma a Deus.

Jackson, quando fores homem crescido não permitas que tua profissão te afaste dos teus entes queridos. Durante os meses em que estive longe dos meus, pensei em ti e em tua mãe com amor crescente, e também no que aconteceria […]*

Domingo, 12 de janeiro

A tentação de começar pelo pérfido fim é grande, mas este diarista permanecerá fiel à cronologia. No dia de Ano-Novo, minhas dores de cabeça estavam tão fortes que eu tomava o remédio de Goose a cada hora.

Eu não suportava os movimentos do navio, e por isso permanecia dentro de meu caixão, acamado, vomitando dentro de um saco embora minhas entranhas estivessem vazias, estremecendo, com uma febre gélida e escaldante. Não era mais possível esconder meu mal da tripulação, e meu caixão foi colocado sob quarentena. Goose dissera ao capitão Molyneux que meu parasita era contagioso, assim fazendo-se parecer um modelo de coragem e altruísmo. (A cumplicidade do capitão Molyneux e de Boerhaave no delito subsequente não pode ser provada nem negada. Boerhaave queria-me mal, mas sou obrigado a reconhecer que é improvável ter ele participado do crime que se há de relatar.)

Lembro-me de emergir dos rasos da febre. Goose estava a uma polegada de mim. Sua voz reduzira-se a um sussurro amoroso: “Caro Ewing, seu verme está nos estertores da morte, expelindo as últimas gotas de seu veneno! É preciso tomar este purgante para expelir os restos calcificados dele. Isso o fará dormir, mas, quando despertar, o parasita que tanto o atormentou estará extinto! O fim do seu sofrimento está próximo. Abra a boca, pela última vez, isso, meu querido amigo, tome, é amargo e tem gosto ruim, é mirra, mas tome, por Tilda e Jackson…”.

Um copo foi encostado em meus lábios e a mão de Goose segurou-me a cabeça. A poção sabia a salmoura e amêndoa. Goose levantou-me a cabeça e acariciou-me o pomo de adão até que eu engolisse o líquido. O tempo passou, não sei quanto. O ranger de meus ossos e das tábuas do navio fundiam-se em um som único.

Alguém bateu à porta. A luz suavizou a treva de meu caixão e ouvi as palavras de Goose no corredor. “Sim, muito, muito melhor, sr. Green! O pior já passou. Eu estava muito preocupado, devo confessar, mas a cor do sr. Ewing já está voltando, e seu pulso está forte. Apenas uma hora? Ótima notícia. Não, não, agora ele está dormindo. Diga ao capitão que vamos desembarcar esta noite — se ele pudesse arranjar um lugar para ficarmos, sei que o sogro do sr. Ewing haverá de lembrar o favor.”

O rosto de Goose surgiu diante de meus olhos outra vez. “Adam?”

Outro punho bateu na porta. Goose soltou uma imprecação e afastou-se. Não podia eu mexer na cabeça, porém ouvi Autua: “Quero falar sr. Ewing!”. Goose mandou-o embora, mas o índio insistente não se deixou desanimar por tão pouco. “Não! Sr. Green diz ele está melhor! Sr. Ewing salvou minha vida! Ele é dever *meu*!” Então Goose disse a Autua o que se segue: que eu via nele, Autua, uma fonte de doença e um madraço que tentava explorar meu estado para roubar até mesmo os botões de meu colete. Disse-lhe que eu havia pedido a ele, Goose: “Não deixe aquele negro de m**** se aproximar de mim!”, acrescentando que eu me arrependia de ter salvado aquela vida inútil. Com isso, Goose bateu e trancou a porta de meu caixão.

Por que motivo mentiu desse jeito? Por que estava tão decidido a não deixar que ninguém me visse? A resposta a essas perguntas abriu uma porta de falsidades, e uma verdade horrenda entrou à força. Na verdade, o doutor era um envenenador, e eu, sua vítima. Desde o começo de meu “tratamento”, ele estava me matando aos poucos com sua “cura”.

Meu verme? Uma ficção, implantada pelo poder de sugestão do médico. Goose, médico? Não, só um velhaco itinerante e assassino!

Esforcei-me para levantar-me, mas o líquido malévolo que meu súcubo me obrigara a ingerir havia de tal modo enfraquecido meus membros que não podia eu sequer mover as extremidades. Tentei gritar por socorro, mas meus pulmões não se inflaram. Ouvi os passos de Autua se afastando e pedi a Deus que o fizesse voltar, mas Suas intenções eram outras. Goose subiu até meu beliche. Viu meus olhos. Percebendo meu medo, o demônio retirou a máscara.

“O que você está dizendo, Ewing? Como posso entender se baba desse jeito?” Emiti um débil gemido. “Deixe-me adivinhar o que você está tentando falar. ‘Ah, Henry, éramos amigos, *como* você foi capaz de fazer isso comigo?’ [Ele imitou meus sussurros ásperos de moribundo.] Acertei?” Goose cortou do meu pescoço minha chave e continuou a falar enquanto abria meu baú. “Nós médicos formamos uma irmandade curiosa, Adam. Para nós, as pessoas não são seres sagrados feitos à imagem do Criador, e

sim cortes de carne; carne doente, dura, sim, porém pronta para o espeto.” Imitou minha voz, com muita perícia: “‘Mas por que *eu*, Henry, não somos amigos?’ Bem, Adam, até mesmo os amigos são feitos de carne. A cousa é ridiculamente simples. Preciso de dinheiro, e no seu baú, segundo me foi dito, há todo um espólio, foi por isso que o matei. Onde está o mistério? ‘Mas isso é uma cousa má!’ Mas, Adam, o mundo é mau. Os maoris oprimem os morioris; os brancos oprimem seus semelhantes de pele mais escura; as pulgas oprimem os ratos; os gatos oprimem os ratos; os cristãos, os infiéis; os imediatos, os camaroteiros; a Morte, os vivos. ‘Os fracos são a carne que os fortes comem.’”.

Goose observou meus olhos para ver se eu ainda estava consciente e beijou meus lábios. “É a sua vez de ser comido, meu caro Adam. Você não era mais crédulo do que nenhum dos meus outros clientes.” A tampa de meu baú abriu-se. Goose contou o dinheiro em minha carteira, sorriu de escárnio, encontrou a esmeralda de Von Weiss e examinou-a através de uma lupa. Não ficou muito impressionado. O demônio desamarrou os pacotes de documentos relativos ao espólio de Busby e abriu os envelopes selados em busca de cédulas de dinheiro. Ouvi-o contar minha modesta fortuna. Deu tapas ao longo do baú para ver se havia nela compartimento secretos, porém nenhum encontrou, pois que não há nenhum. Por fim, cortou fora os botões de meu colete.

Goose continuou a falar-me enquanto eu delirava, como quem se dirige a uma ferramenta não muito boa. “Francamente, estou decepcionado. Já conheci estivadores irlandeses com mais dinheiro. O que você tem mal cobre meus gastos com arsênico e opiáceos. Se a sra. Horrox não tivesse doado suas pérolas negras à minha nobre causa, bem, eu estaria frito! Mas é hora de nos despedirmos. Você morre dentro de uma hora, enquanto eu, ah, tenho uma longa estrada pela frente.”

Minha próxima lembrança é de estar a afogar-me em água salgada que brilhava a ponto de doer-me nos olhos. Teria Boerhaave encontrado meu

corpo e me jogado no mar para certificar-se de meu silêncio e evitar procedimentos trabalhosos junto ao cônsul americano? Minha mente continuava ativa, e assim talvez pudesse ainda exercer alguma influência sobre meu destino. Resignar-me a morrer afogado ou tentar nadar? A primeira opção era de longe a menos trabalhosa, por isso fiquei a procurar um pensamento para ter em mente ao morrer e escolhi Tilda, no bota-fora do *Belle-Hoxie* no cais de Silvaplana tantos meses atrás, e Jackson gritando: "Papai! Traga para mim uma pata de canguru!".

A ideia de jamais voltar a vê-los era tão angustiante que resolvi nadar, e dei por mim não no mar, e sim enroscado no tombadilho, vomitando abundantemente e tremendo de febre, dores, cãibras. Autua me segurava (ele me obrigara a engolir um balde cheio de água do mar para que eu eliminasse o veneno). Eu vomitava, vomitava. Boerhaave abriu caminho entre a multidão de estivadores e marinheiros, rosnando: "Eu já te disse, negro duma figa, que esse ianque não é problema seu! E, se uma ordem direta não o convence…". Embora o sol quase me cegasse, vi o imediato dar um pontapé brutal nas costelas de Autua e preparar-se para desferir outro. Autua agarrou a canela do holandês iracundo com uma mão firme enquanto delicadamente baixava minha cabeça até encostá-la no tombadilho, e depois aprumou-se, levantando a perna de seu agressor e desse modo o desequilibrando. Boerhaave caiu de cabeça, urrando como um leão. Autua em seguida agarrou-lhe o outro pé e jogou nosso imediato por cima da murada como se fora um saco de repolho.

Se os outros tripulantes não reagiram por medo, espanto ou alegria, jamais saberei, mas o fato é que Autua desceu a prancha a carregar-me e chegou ao cais sem que ninguém o molestasse. Minha razão me dizia que Boerhaave não poderia estar no Céu, nem Autua no Inferno, e portanto haveríamos de estar em Honolulu. Do cais do porto seguimos por uma rua onde fervilhavam vários idiomas, tons de pele, religiões e odores. Meus olhos pousaram nos dum chinês que descansava sobre um leão entalhado. Duas mulheres, cuja indumentária e maquilagem anunciavam sua antiquíssima profissão, ficaram a olhar-me, e depois persignaram-se. Tentei

dizer-lhes que ainda não estava morto, mas as duas já haviam desaparecido. O coração de Autua batia junto à minha ilharga, estimulando meu próprio coração. Três vezes ele perguntou a desconhecidos: “Onde médico, amigo?”. Três vezes foi ignorado (e numa delas ouviu a resposta: “Nada de médicos para negros fedorentos!”), até que um velho peixeiro deu-lhe a direção de uma enfermaria. Perdi os sentidos por algum tempo, antes de ouvir a palavra “enfermaria”. Bastou penetrar naquele ar fétido, carregado de cheiros de excremento e decomposição, para que voltasse minha ânsia de vômito, muito embora meu estômago estivesse tão vazio quanto uma luva velha. O zumbido de varejeiras era intenso, e um louco gritava que Jesus estava à deriva no mar dos Sargaços. Autua murmurava para si próprio em seu idioma. “Mais paciência, sr. Ewing — este lugar cheiro morte — eu levo senhor pa irmãs.”

De que modo as irmãs de Autua poderiam ter chegado a um lugar tão distante da ilha Chatham era um enigma que eu não podia sequer tentar resolver, porém entreguei-me aos seus cuidados. Autua saiu daquele matadouro e logo as tabernas, residências e armazéns foram rareando, para dar lugar a canaviais. Eu sabia que devia perguntar, ou alertar, a respeito de Goose, mas falar ainda não me era possível. Um sono nauseado apoderou-se de mim, depois afrouxou seu domínio. A forma nítida de um morro elevou-se à minha frente, e seu nome surgiu no sedimento da memória: Diamond Head. A ladeira era cheia de pedras, pó e buracos, ladeada à esquerda e à direita por uma vegetação cerrada. Os passos de Autua só se interromperam uma vez, para levar-me aos lábios um punhado de água fresca dum riacho, até chegarmos a uma missão católica, além do último canavial. Uma freira tentou enxotar-nos com uma vassoura, porém Autua insistiu, num espanhol tão precário quanto seu inglês, para que ela desse guarida àquele paciente branco. Por fim, chegou uma freira que certamente conhecia Autua e convenceu as outras de que o selvagem estava numa missão não de maldade, e sim de piedade.

* * *

Três dias depois, eu já conseguia sentar-me na cama, alimentar-me, agradecer a meus anjos da guarda e a Autua, o último moriori livre deste mundo, por me salvar a vida. Autua insiste que, não tivesse eu impedido que o jogassem no mar como clandestino, não teria podido me salvar, de modo que, de certa forma, não foi ele quem salvou minha vida, e sim eu próprio. Seja como for, nenhuma ama-seca jamais atendeu a minhas necessidades com tanta ternura quanto o fizera nos últimos dez dias aquele homem endurecido pelas chibatadas. A irmã Véronique (a da vassoura) diz, em tom de chiste, que meu amigo deveria ser ordenado e nomeado diretor do hospital.

Sem mencionar nem Henry Goose (ou o envenenador que usava esse nome) nem o banho de água salgada que Autua deu em Boerhaave, o capitão Molyneux entregou meus pertences através do agente da Bedford, sem dúvida temendo o mal que meu sogro pode lhe causar no futuro na sua posição de comerciante de San Francisco. A outra preocupação de Molyneux é no sentido de dissociar sua reputação daquela do agora famigerado assassino conhecido como “O Médico do Arsênico”. Esse demônio ainda não foi apreendido pela polícia portuária, nem tenho eu esperança de que um dia venha a ser. Nesse enxame sem lei chamado Honolulu, onde naves de todas as bandeiras e todas as nações chegam e partem a cada dia, qualquer homem pode mudar de nome e história entre a *entrée* e a sobremesa.

Estou exausto e preciso descansar. Hoje completo trinta e quatro anos de idade.

Permaneço grato a Deus por toda a sua misericórdia.

Segunda-feira, 13 de janeiro

É agradável ficar sentado sob a nogueira-de-iguape no pátio à tarde. Sombras rendadas, jasmins-mangas e hibiscos coral afastam a lembrança dos males recentes. As freiras cuidam das suas tarefas, a irmã Martinique trabalha na horta, os gatos encenam suas comédias e tragédias felinas. Travo conhecimento com as aves daqui. A *palila* tem cabeça e cauda de ouro brunido, o *kohekohe* é um belo tangará com crista.

Do outro lado do muro há um asilo para crianças enjeitadas, também administrado pelas freiras. Ouço as crianças a repetir suas lições (tal como eu e meus colegas fazíamos antes que a filantropia do sr. e da sra. Channing elevasse minhas perspectivas na vida). Findas as aulas, as crianças vão brincar, formando uma deliciosa babel. Por vezes as mais ousadas arriscam-se a sofrer alguma repreensão das freiras subindo no muro e fazendo um passeio acima do jardim do hospital, pelos galhos complacentes da nogueira-de-iguape. Quando "a costa está livre", os pioneiros chamam seus colegas mais tímidos para juntar-se àquele aviário humano, e surgem rostos brancos, pardos, chineses, rostos de mulatos e de polinésios, naquele mundo suspenso arbóreo. Alguns dos meninos têm a idade de Rafael, e quando me lembro dele uma bile de remorso sobe na minha garganta, mas os órfãos sorriem-me, imitam macacos, põem a língua de fora ou tentam acertar frutos da nogueira-de-iguape na boca dos convalescentes que dormem roncando, e não deixam que a melancolia me domine por muito tempo. Pedem-me moedinhas. Jogo uma moeda para cima, e há sempre uma mão destra que a agarra em pleno voo.

Minhas recentes aventuras transformaram-me num filósofo e tanto, especialmente à noite, quando o único som que me chega aos ouvidos é o riacho a transformar pedras em seixos ao longo de uma eternidade que não conhece pressa. Meus pensamentos fluem assim: os estudiosos percebem movimentos na história, e os formulam em regras que governam a ascensão e queda das civilizações. Já eu creio algo diferente, a saber: a história não admite regras, apenas resultados.

O que precipita os resultados? Atos viciosos e atos virtuosos.

O que precipita os atos? As crenças.

As crenças são ao mesmo tempo prêmio e campo de batalha, dentro da mente e neste espelho da mente que é o mundo. Se *cremos* que a humanidade é uma escada de tribos, um coliseu de guerra, exploração e bestialidade, uma tal humanidade seguramente é criada, e então prevalecem os Horrox, os Boerhaave e os Goose da história. Nós, que temos dinheiro e privilégios, não nos sairemos muito mal neste mundo, desde que continue a nos favorecer a sorte. E, se a consciência nos incomoda, que importa? Por que solapar o império da nossa raça, das nossas canhoneiras, da nossa herança, do nosso legado? Por que lutar contra a ordem "natural" (palavra terrível!) das cousas?

Por quê? Por isto: um belo dia, um mundo puramente predatório há de consumir-se a si próprio. O último que se dane, e assim será até que o primeiro se torne o último. Num indivíduo, o egoísmo enfeia a alma; na espécie humana, leva à extinção.

Será essa a entropia inscrita na nossa natureza?

Se *cremos* que a humanidade pode transcender a força bruta, se *cremos* que as diferentes raças e fés podem compartilhar este mundo de modo tão pacífico quanto os órfãos compartilham o pé de nogueira-de-iguape, se *cremos* que os líderes hão de ser justos, a violência contida, o poder responsável e as riquezas da Terra e de seus Oceanos compartilhada de modo equânime, um tal mundo há de realizar-se. Não estou me enganando. Sei que esse é o mais difícil dos mundos de se tornar real. Progressos tortuosos conquistados ao longo de várias gerações podem vir a se perder por um único movimento da pena de um presidente de visão curta, ou da espada de um general presunçoso.

Dar forma a um mundo que *quero* que seja a herança de Jackson, e não um que eu *tema* que ele venha a herdar — isso me parece uma vida que vale a pena viver. Ao voltar a San Francisco, vou comprometer-me com a causa da Abolição, porque devo minha vida a um escravo que se libertou por si só, e porque tenho de começar em algum lugar.

Já posso ouvir a reação de meu sogro. "Ah, belos sentimentos liberais, Adam. Mas não me venha falar em justiça! Vá para o Tennessee montado

num burro e convença aqueles posseiros de que não passam de negros caiados, e de que os negros deles são brancos pintados de preto! Vá para o Velho Mundo e diga aos de lá que os direitos de seus escravos imperiais são tão inalienáveis quanto os da rainha da Bélgica! Ah, você há de ficar rouco, pobre e grisalho nos congressos! Você será alvejado com cusparadas e tiros! Será linchado, pacificado com medalhas, ridicularizado pelos desbravadores das matas! Crucificado! Adam, sonhador ingênuo, quem resolve lutar contra a hidra de mil cabeças da natureza humana tem de pagar com muito sofrimento, e sua família há de pagar junto com ele! E será só no último estertor que você compreenderá que toda a sua vida não passou de uma gota d'água num oceano infinito!"

Porém o que é um oceano senão uma multidão de gotas d'água?

---

* Neste ponto a escrita de meu pai torna-se espasmódica e ilegível. — J. E.

Agradecimentos

Manuel Berri, Jocasta Brownlee, Amber Burlinson, Angeles Marín Cabello, Henry Jeffreys, Late Junction, Rodney King, David Koerner, Sabine Lacaze, Jenny Mitchell, Jan Montefiore, Scott Moyers, David De Neef, Hazel Orme, John Pearce, Jonathan Pegg, Steve Powell, Elizabeth Poynter, Mike Shaw, Douglas Stewart, Marnix Verplancke, Carole Welch.

Os capítulos em que aparecem Ewing e Zachry são fruto de pesquisa com o auxílio de uma bolsa de estudos da Society of Authors. A obra definitiva de Michael King sobre os morioris, *A Land Apart*, apresenta um relato factual da história das ilhas Chatham. Algumas cenas das cartas de Robert Frobisher foram inspiradas pela obra de Eric Fenby, *Delius: As I Knew Him* (Icon Books, 1966; edição original: G. Bell & Sons Ltd., 1936). O personagem Vyvyan Ayrs cita Nietzsche com mais frequência do que ele próprio admite, e o poema lido por Hester Van Zandt para Margo Roker é “Brahma”, de Ralph Waldo Emerson.

Créditos das imagens

Créditos da capa:

Linha 1:Doação de dr. Richard P. Wunder/ Museum of Photographic Arts; John Herschel, 1822-27. Doação de Susan e Graham Nash/ Museum of Photographic Arts; Print Collections Repository/ State Library and Archives of Florida; DNB Savings Foundation/ Museum of Science and Technology.

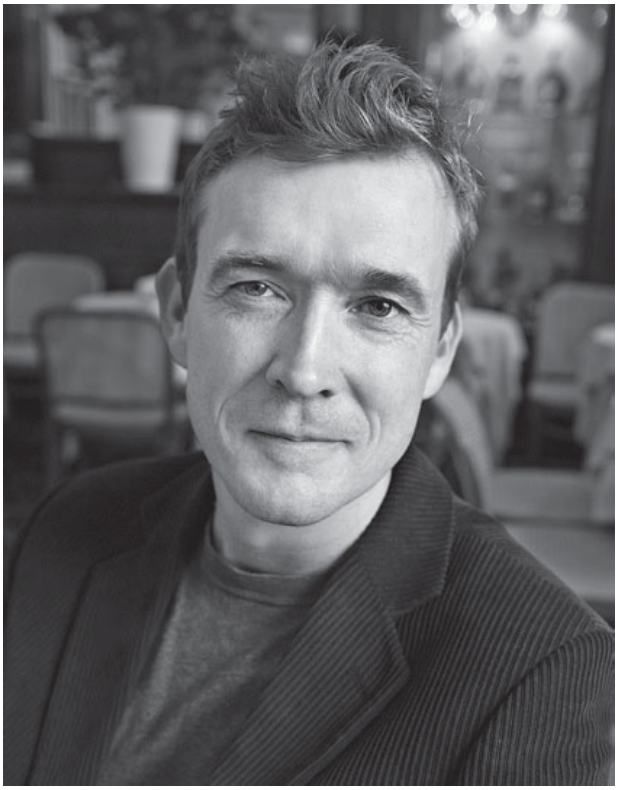
Linha 2: Collection Ellen Dwight Eaton Papers/ Schlesinger Library on the History of Women in America; Susan H. Douglas/ Rare & Manuscript Collections, Cornell University Library; New York Historical Society Museum & Library; The British Library.

Linha 3: The British Library; The Suburbanite/ The Library of Congress; Museum of Photographic Arts; Museum of Photographic Arts.

Linha 4: The Darwin Burdon Sanderson Letters/ Woodward Biomedical Library, University of British Columbia Library; Archives Béla Bartók de Belgique/ Fonds Denijs Dille/ Bibliothèque Royale de Belgique; Brookhaven National Laboratory/ MBLWHOI Library; The British Library.

Linha 5: DR; Ellen Dwight Eaton Papers/ Schlesinger Library on the History of Women in America; Smithsonian Libraries; William Branning/ State Library and Archives of Florida.

Linha 6: Edward Sheriff Curtis, 1898. Doação de Jo e Howard Weiner/ Museum of Photographic Arts; Edward S. Farrow/ University of California Libraries; Arthur Tress/ The U.S. National Archives.



BASSO CANNARSA

DAVID MITCHELL nasceu em 1969, em Southport, na Inglaterra. Viveu anos no Japão e atualmente mora na Irlanda com a esposa e os dois filhos. Dele, a Companhia das Letras publicou *Menino de lugar nenhum* e *Os mil outonos de Jacob de Zoet*.

Copyright © 2004 by David Mitchell
Proibida a venda em Portugal.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Cloud Atlas

Capa e caixa
Elisa von Randow

Preparação
Lígia Azevedo

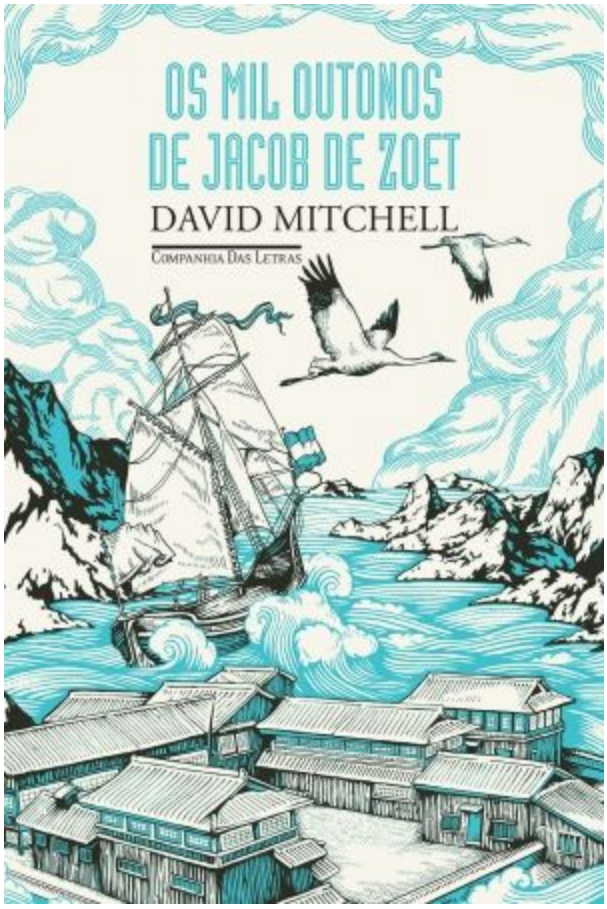
Revisão
Renata Lopes Del Nero
Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-438-0659-4

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

Capa
Rosto
Diário de viagem ao Pacífico de Adam Ewing
Cartas de Zedelghem
Meias-vidas
O pavoroso calvário de Timothy Cavendish
Uma rogativa de Sonmi~451
O vau do Sloosha e o que deu adespois
Uma rogativa de Sonmi~451
O pavoroso calvário de Timothy Cavendish
Meias-vidas
Cartas de Zedelghem
Diário de viagem ao Pacífico de Adam Ewing
Agradecimentos
Créditos das imagens
Sobre o autor
Créditos


OS MIL OUTONOS
DE JACOB DE ZOET
DAVID MITCHELL
Companhia Das Letras

Os mil outonos de Jacob de Zoet

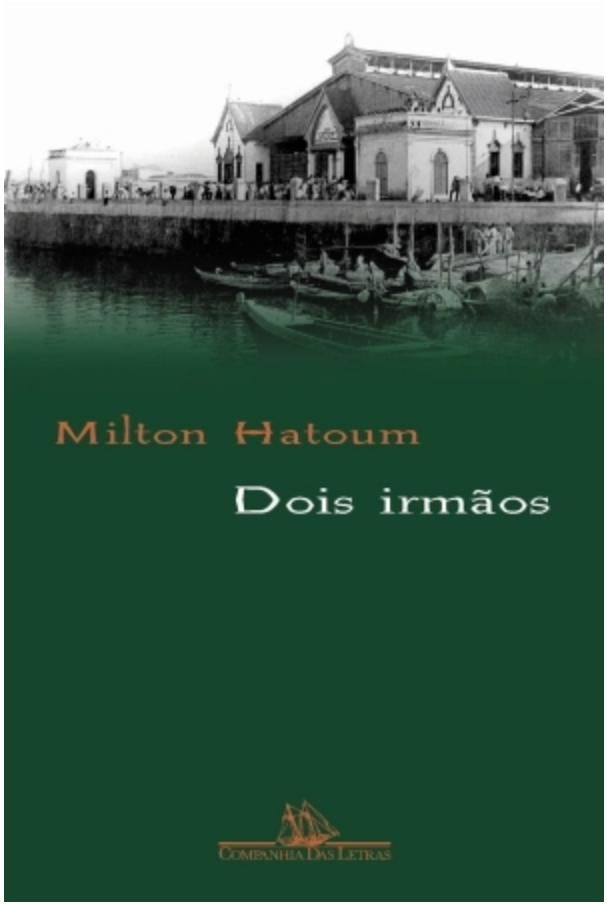
Mitchell, David
9788543802824
568 páginas

Compre agora e leia

Neste vibrante romance histórico situado no Japão do século XVIII, um jovem escriturário holandês se envolve com o líder de uma sinistra ordem espiritual e enfrenta a corrupção de seus compatriotas e os canhões dos invasores ingleses. O pano de fundo exótico para esta trama é o Japão da virada do século XIX. No ano de 1799, o império japonês está totalmente fechado aos estrangeiros, com uma única exceção: na ilha artificial de Dejima, na costa de Nagasaki, seus últimos parceiros comerciais europeus, os holandeses, mantêm uma feitoria. Em busca da fortuna que lhe permitirá casar-se com sua amada Anna, o jovem escriturário Jacob de Zoet parte de navio para o Oriente e acaba sendo incumbido por seu tutor da missão de investigar os registros de Dejima em busca de evidências de corrupção. Impedido de praticar a fé cristã, ridicularizado pelos japoneses e hostilizado pelos colegas europeus que tem o dever de investigar, Jacob se sente mais isolado que nunca. Ao mesmo tempo, conhece aos poucos uma galeria de personagens marcantes que inclui o trambiqueiro Arie Grote, o

samurai e intérprete Ogawa Uzaemon e o erudito botanista dr. Marinus. Sua situação se complica definitivamente quando ele se apaixona por uma jovem parteira e estudante de medicina, Aibagawa Orito, uma moça intrigante que tem o rosto parcialmente queimado. Quando Orito é raptada pelo sinistro abade Enomoto e Jacob se descobre vítima de sua própria ingenuidade e retidão moral, desvela-se uma trama repleta de paixões proibidas, traições, culpa, assassinatos, intrigas políticas e segredos de uma ordem espiritual que pratica horrores indizíveis. Escrito com grande atenção aos detalhes, numa prosa repleta de episódios cômicos e reflexões filosóficas e históricas, Os mil outonos de Jacob de Zoet mostra por que David Mitchell é considerado um dos grandes autores contemporâneos de língua inglesa.

Compre agora e leia


Milton Hatoum
Dois irmãos
Companhia das Letras

Dois irmãos

Hatoum, Milton

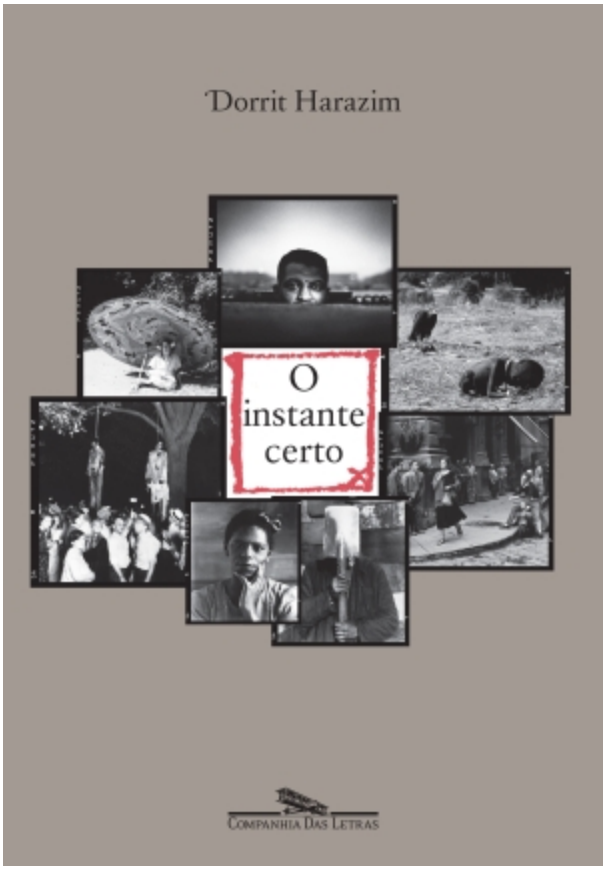
9788580861631

200 páginas

Compre agora e leia

Onze anos depois da publicação de Relato de um certo Oriente, Milton Hatoum retoma os temas do drama familiar e da casa que se desfaz. Dois irmãos é a história de como se constroem as relações de identidade e diferença numa família em crise. O enredo desta vez tem como centro a história de dois irmãos gêmeos - Yaqub e Omar - e suas relações com a mãe, o pai e a irmã. Moram na mesma casa Domingas, empregada da família, e seu filho. Esse menino - o filho da empregada - narra, trinta anos depois, os dramas que testemunhou calado. Buscando a identidade de seu pai entre os homens da casa, ele tenta reconstruir os cacos do passado, ora como testemunha, ora como quem ouviu e guardou, mudo, as histórias dos outros. Do seu canto, ele vê personagens que se entregam ao incesto, à vingança, à paixão desmesurada. O lugar da família se estende ao espaço de Manaus, o porto à margem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar. Prêmio Jabuti 2001 de Melhor Romance

Compre agora e leia


Dorrit Harazim
O instante certo
Companhia Das Letras

O instante certo

Harazim, Dorrit

9788543806242

384 páginas

Compre agora e leia

Com olhar arguto e sensível, a jornalista Dorrit Harazim fala de algumas das mais importantes fotografias da história.
Há cliques que alteraram o rumo da história e os costumes da sociedade. Neste O instante certo, a premiada jornalista Dorrit Harazim conta as histórias de alguns dos mais célebres fotogramas já tirados. Assim, registros da Guerra Civil Americana servem de base para analisar os avanços tecnológicos da fotografia; uma foto na cidade de Selma conta a história do movimento pelos direitos civis; e uma mudança na lei trabalhista brasileira tem como fruto um dos mais profícuos retratistas do país.
Em seu primeiro livro, Harazin nos guia não apenas através das imagens, mas de um universo de histórias interligadas, acasos e aqueles breves momentos de genialidade que só a fotografia pode captar.

Compre agora e leia


Oliver Sacks
Diário de Oaxaca
Companhia das Letras

Diário de Oaxaca

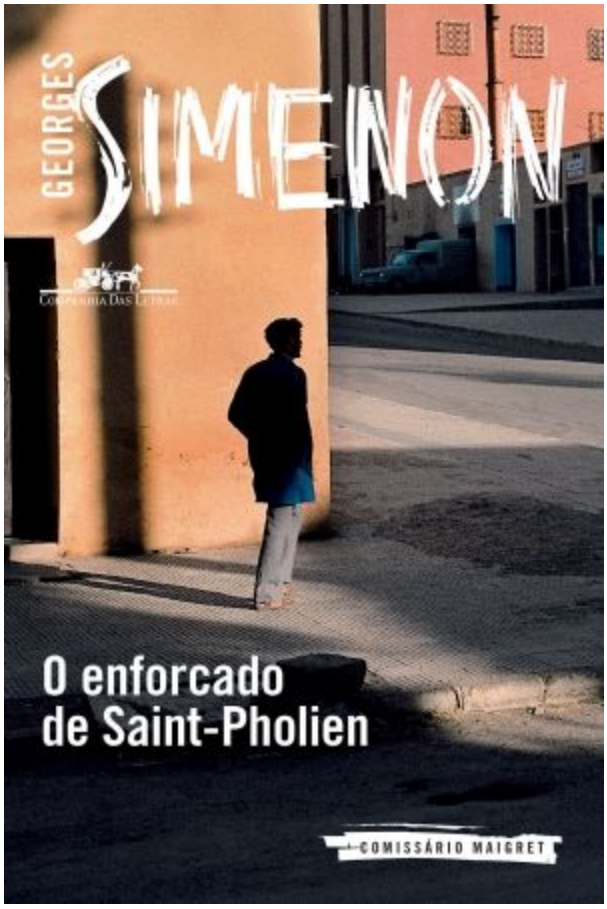
Sacks, Oliver
9788580869026
128 páginas

Compre agora e leia

Conhecido por seus relatos clínicos que desvendam grandes mistérios do cérebro humano, Oliver Sacks revela uma nova faceta em seu diário de viagem para o estado de Oaxaca, no México. Durante dez dias, acompanhou um grupo de botânicos e cientistas amadores interessados em conhecer o hábitat das samambaias mais raras do mundo. Entre descrições minuciosas da morfologia das plantas e uma ou outra digressão acerca de pássaros e tipos de solo, o texto concentra toda a sua força em desvendar um grande mistério da mente humana: a curiosidade científica. Ao observar de perto o comportamento de seus colegas de excursão, Oliver Sacks revela que a ciência, longe de ser uma seara de cálculos e experimentos, nasce do interesse genuíno e apaixonado de amadores, cuja erudição nem sempre supera a vontade de aprender e descobrir fatos novos. Os personagens que compõem a expedição são sui generis. O grupo é composto de tipos humanos diversos: homens e mulheres, americanos e ingleses, cientistas e curiosos circulam com desenvoltura por selvas e grutas, mas protagonizam

cenas de verdadeira comédia ao tentar, sem sucesso, se imiscuir no cotidiano das cidades mexicanas por onde passam. É o caso da visita coletiva feita a um alambique onde se processa o mescal, bebida alcoólica extraída do agave, uma planta nativa que também dá origem à tequila. Levemente alterados pela degustação a que se submetem no maior "interesse científico", os expedicionários terminam sentados em uma pequena planície das redondezas, uivando para a lua e se "perguntando como será que os lobos e os outros animais se sentiram quando a lua, a sua lua, lhes foi roubada". Composto de uma gama variada de assuntos, Diário de Oaxaca versa ainda sobre a intimidade de Oliver Sacks, cujo mal-estar em relação aos meios oficiais e ultracompetitivos da ciência contemporânea fica evidente nas diversas passagens em que o autor externaliza sua admiração pelos amadores - classe de cientistas à qual, aliás, o livro é dedicado.

Compre agora e leia


GEORGES
SIMENON
COMPANHIA DAS LETRAS
O enforcado
de Saint-Pholien
COMISSÁRIO MAIGRET

O enforcado de Saint-Pholien

Simenon, Georges
9788580869934
136 páginas

Compre agora e leia

Maigret inadvertidamente causa o suicídio de um homem, mas seu remorso motiva a descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem desesperado a se matar. O que primeiro vem à mente quando se fala em Georges Simenon são os números: ele escreveu mais de quatrocentos livros, que venderam mais de 500 milhões de exemplares e foram traduzidos para cinquenta idiomas. Para o cinema foram mais de sessenta adaptações. Para a televisão, mais de 280. Simenon foi um dos maiores escritores do século XX. Entre seus admiradores, figuravam artistas do calibre de André Gide, Charles Chaplin, Henry Miller e Federico Fellini. Em meio a suas histórias policiais, figuram 41 "romances duros" de alta densidade psicológica e situados entre as obras de maior consistência da literatura europeia. Em O enforcado de Saint-Pholien, Maigret está em viagem para Bruxelas. Por acidente, o comissário precipita o suicídio de um homem, mas seu remorso é ofuscado pela descoberta dos sórdidos eventos que levaram o homem à decisão extrema de se matar.

Compre agora e leia